

1-282.03.19
B:15788-0

ALMANAQUE

Correio da Manhã

FUNDADOR - EDMUNDO BITTENCOURT

1952

Visite o Corcovado

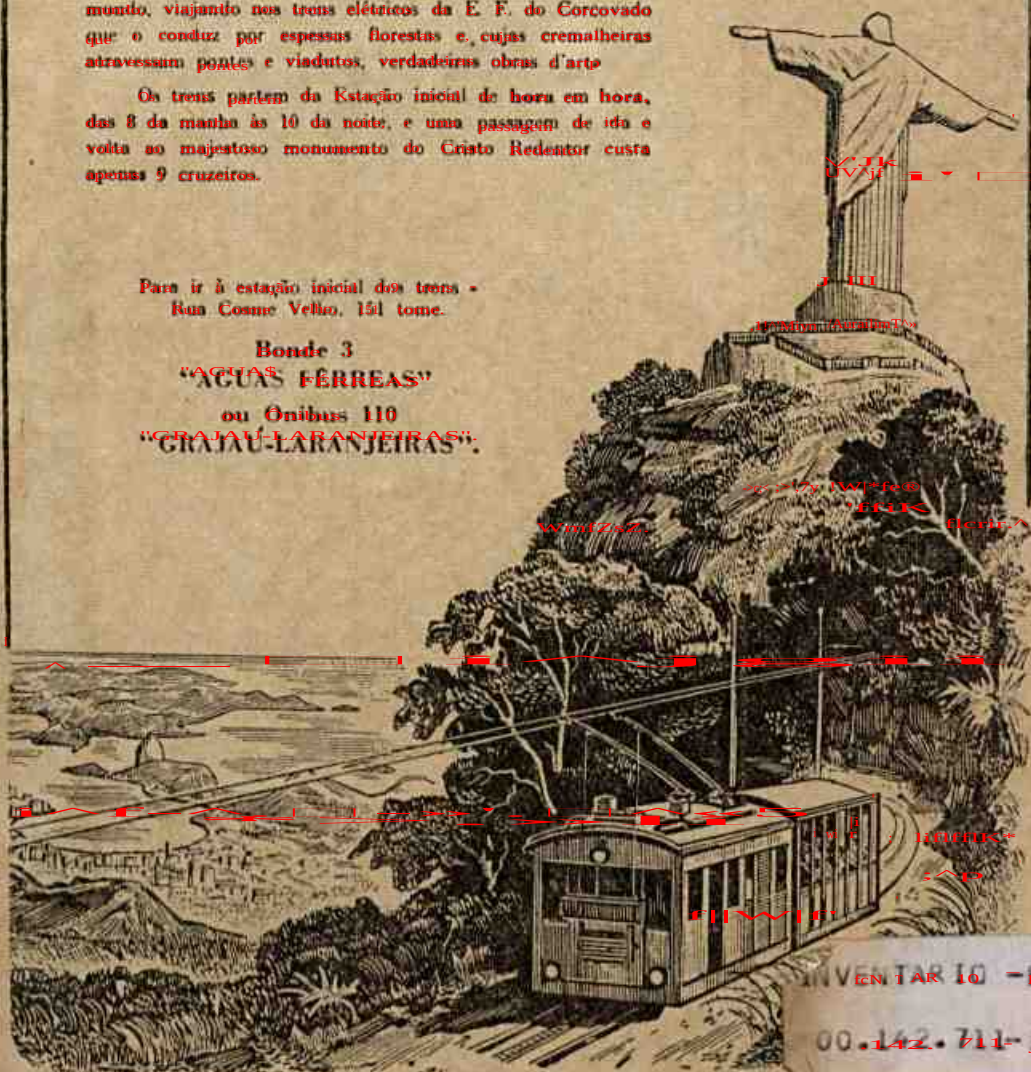
TEMPERATURA PRIVILEGIADA, NOS DIAS E NAS
NOITES MAIS QUENTES DO VERÃO

A 710 metros acima do nível do mar, descortinam-se todas as belezas panorâmicas da mais encantadora cidade do mundo, viajando nos trens elétricos da E. F. do Corcovado que o conduz por espessas florestas e, cujas cremalheiras atravessam pontes e viadutos, verdadeiras obras d'arte

Os trens partem da Estação inicial de hora em hora, das 8 da manhã às 10 da noite, e uma passagem de ida e volta ao majestoso monumento do Cristo Redentor custa apenas 9 cruzeiros.

Para ir à estação inicial dos trens -
Rua Cosme Velho, 151 tome.

Bonde 3
"AGUAS FÉRRÉAS"
ou Ônibus 110
"GRAJAU-LARANJEIRAS".



OS MAIS DESLUMBRANTES PANORAMAS DO RIO

INVENTARIO - BN

00.142.711-3

RESOLVIDO O PROBLEMA
do telhado rural



CAIXA POSTAL, 3398
SÃO PAULO

Transporte econômico

★

Madeiramento leve

★

Baixo custo inicial

★

Resistente e durável

★

Aspecto atraente em
vermelho ou branco

★

Fácil de colocar

★

ONDALIT

o telhado ideal para a lavoura

ATENÇÃO:
peça fa-
lheta com
instruções
aos distri-
buidores.

FIBRO - ASFALTICO - MINERALIZADO

Complete sua refeição com **MALZBIER da BRAHMA**

Completa... completíssima é a refeição com Malzbier da Brahma. Rica em malte, Malzbier da Brahma tem um grande valor nutritivo. O lanche é sempre mais delicioso... o almoço mais apetece... e o jantar é uma "festa" com Malzbier da Brahma! Levemente adocicada e de baixo teor alcoólico, é considerada por todos a cerveja do lar. Beba-a sempre!

EM GARRAFAS OU EM GARRAFAS



OUÇA as transmissões espor-
tivas da Rádio Nacional, aos
domingos, à tarde e, aos sába-
dos, pela R. Cruzeiro do Sul.

CALENDÁRIO PARA 1952

JANEIRO				FEVEREIRO				MARÇO			
D.		6	13 20 27	D.		3	10 17 24	D.		2	9 16 23 30
S.		7	14 21 28	S.		4	11 18 25	S.		3	10 17 24 31
T.	1	8	15 22 29	T.		5	12 19 26	T.		4	11 18 25
Q.	2	9	16 23 30	Q.		6	13 20 27	Q.		5	12 19 26
Q.	3	10	17 24 31	Q.		7	14 21 28	Q.		6	13 20 27
S.	4	11	18 25	S.	1	8	15 22 29	S.	7	14 21 28	
S.	5	12	19 26	S.	2	9	16 23	S.	1	8	15 22 29
ABRIL				MAIO				JUNHO			
D.		6	13 20 27	D.		1	11 18 25	D.		1	8 15 22 29
S.		7	14 21 28	S.		5	12 19 26	S.		2	9 16 23 30
T.	1	8	15 22 29	T.		6	13 20 27	T.		3	10 17 24
Q.	2	9	16 23 30	Q.		7	14 21 28	Q.		4	11 18 25
Q.	3	10	17 24 31	Q.		1	8 15 22 29	Q.		5	12 19 26
S.	4	11	18 25	S.	2	9	16 23 30	S.	6	13 20 27	
S.	5	12	19 26	S.	3	10	17 24 31	S.	7	14 21 28	
JULHO				AGOSTO				SETEMBRO			
D.		6	13 20 27	D.		3	10 17 24 31	D.		7	14 21 28
S.		7	14 21 28	S.		4	11 18 25	S.		1	8 15 22 29
T.	1	8	15 22 29	T.		5	12 19 26	T.		2	9 16 23 30
Q.	2	9	16 23 30	Q.		6	13 20 27	Q.		3	10 17 24
Q.	3	10	17 24 31	Q.		7	14 21 28	Q.		4	11 18 25
S.	4	11	18 25	S.	1	8	15 22 29	S.	5	12 19 26	
S.	5	12	19 26	S.	2	9	16 23 30	S.	6	13 20 27	
OUTUBRO				NOVEMBRO				DEZEMBRO			
D.		5	12 19 26	D.		2	9 16 23 30	D.		7	14 21 28
S.		6	13 20 27	S.		3	10 17 24	S.		1	8 15 22 29
T.		7	14 21 28	T.		4	11 18 25	T.		2	9 16 23 30
Q.	1	8	15 22 29	Q.		5	12 19 26	Q.		3	10 17 24 31
Q.	2	9	16 23 30	Q.		6	13 20 27	Q.		4	11 18 25
S.	3	10	17 24 31	S.	7	14	21 28	S.	5	12	19 26
S.	4	11	18 25	S.	1	8	15 22 29	S.	6	13	20 27

ELEMENTOS DO COMPUTO ECLESIASTICO

Aurea número 9 — Epacta 3 — Indição romana 5 — Letra dominical F e E —
Ciclo solar 1.

Obliquidade da eclíptica 23° 26' 44" 34

Um suplicio A ASMA!

A sensação angustiosa de sufoca-
ção cessa em poucos instan-
tes com inalações de

DYSPNÉ-INHAL

Tratamento moderno, de efica-
cia total e absolutamente inofensivo

Usado em pulverizações bucais
unicamente pelo inalador paten-
teado DYSPNÉ-INHAL, de acor-
do com as instruções da bula.



DYSPNÉ-INHAL



BEATIFICAÇÃO DE PIO X



O "Papa da Pobreza, da Bondade e da Paz", Pio X, foi beatificado no dia 3 de julho, menos de 40 anos depois de sua morte. A data foi escolhida por coincidir com o 110.º aniversário do batismo do pontífice. E o primeiro papa elevado ao altar em 270 anos, dos oito que foram beatificados.

O cadáver de Pio X acha-se sepultado sob a capela da Basílica de São Pedro, num ataúde de bronze, desde 1914, tendo sido aberto somente em 1944 por exigências do processo para a beatificação, para identi-

car os restos, e, pela última vez, antes da solenidade da beatificação.

A cerimônia foi presidida pelo cardeal Tedeschini, arcebispo da Basílica de S. Pedro, e pelo cardeal Micara, prefeito da Congregação dos Ritos.

No exterior da Basílica, um grande estandarte estava colocado, segundo a tradição, no qual o novo bem-aventurado era representado com a tiara e revestido dos ornamentos pontificais. Outro estandarte, representando Pio X na glória de sua beatitude,

estava suspenso no interior da Igreja, sobre o altar-mor. Vêus reconheceram ambos até o momento da leitura do breve papal por monsenhor Prosperini, cônego de São Pedro e da celebração do "Te Deum" em ação de graças, sob os aplausos da multidão.

Descobriu-se ao mesmo tempo o relicário em cristal e bronze colocado ante o altar da confissão, onde se expôs os despojos do Santo Papa.

Dois parentes de Pio X, procedentes do Brasil (Santos), o padre Antonio Sarto e a senhora Marguerita Bentaso Sarto, estiveram presentes.

Entre as numerosas personalidades e a multidão que assistiam a cerimônia, estavam representados a maioria dos países da catolicidade. O governo italiano enviou uma delegação oficial, tendo à frente o ministro da Educação Pública. Todas as dioceses de Veneza, onde Pio X nasceu e exerceu o sacerdócio, enviaram seus bispos. Entre os cardeais se encontravam os arcebispos de Milão, Bolonha e Nápoles, assim como os arcebispos do Rio de Janeiro, de Lión, de Santiago, de Colômbia e de Toledo, e o Patriarca de Lisboa. Entre os peregrinos estrangeiros figuravam notadamente brasileiros, franceses, irlandeses, canadenses, austríacos, alemães e holandeses.

A cerimônia consistiu de duas partes, uma no interior da Basílica e outra fora. O ato realizado na Basílica, pela manhã, foi a proclamação da beatificação, leitura da bula apostólica aprovando a cerimônia e missa pontifical, celebrada por um cardeal.

A tarde, após a beatificação e exposição dos restos de Pio X numa urna especial sobre um altar, para a veneração dos fiéis, Pio XIII ascendeu à praça e de um trono erigido no alto da escadaria da Basílica exaltou perante a multidão as virtudes e exemplos de seu predecessor. Esta cerimônia ao ar livre terminou com a bênção eucarística a todos os católicos.

Tu, cujo coração se rompeu, vindo o mundo mergulhar em luta sangrenta, durante a qual a humanidade se viu exposta a terribes provas, obtém da Misericórdia Divina o dom de uma paz durável e, para isto conseguir, a volta dos espíritos a este sentimento de fraternidade verdadeira, que só pode trazer entre os homens a justiça e

a concordia, desejadas, pelo Senhor. Assim seja!". Foi com esta invocação que o Papa terminou o longo panegírico de Pio X.

"Foi um pastor e bom pastor, em todo o sentido da palavra, que nunca esqueceu a terrível honra do Pontificado. Ele, que fugia sempre das honras e das dignidades, como outros fogem da vida obscura e ignorada, aceitou em lágrimas o cálice das mãos do Pai Divino. Mas, uma vez aceitando, este humilde morto para as coisas terrestres e não aspirando ao céu, mostrou indomável firmeza, robustez viril, a grandeza, a coragem de seu espírito, que são prerrogativas dos heróis da santidade".

Exaltou ainda as virtudes teológicas de seu venerando predecessor, acentuando depois as grandes linhas da obra por ele realizada, nos vários domínios de seu magistério apostólico, tanto nos estudos científicos, filosóficos e teológicos como na arte sacra, na catequização, na ação dos laicos, na disciplina, da hierarquia eclesiástica e acrescentou: "Por sua pessoa e sua obra desejou preparar a Igreja para as novas tarefas árduas que os tempos futuros, tão calamitosos, lhe reservavam". "Se a Igreja, longe de recuar hoje ante as forças que destroem os valores espirituais, sofre e luta e, com a ajuda divina, avança e vence, deve-se em parte à ação clarificante e à santidade de Pio X".

Giuseppe Sarto que devia reinar sob o nome de Pio X, nasceu em 2 de junho de 1835, em Riese. Sua família tinha dez filhos e seu pai era um modesto empregado. Sob a proteção do Patriarca de Veneza, o jovem conseguiu obter um lugar gratuito no Seminário de Pádua, onde foi admitido com a idade de 15 anos. Foi então ordenado padre, atuando como vigário de várias paróquias pobres, onde repartia com os necessitados seus magros proventos. Em 1884 Leão XIII nomeou-o bispo de Mantua.

Conduziu-se então como procedera como cura e tomou-se, breve, o bispo mais envidado da Itália, devido à sua imensa caridade. Isto não impediu que fosse criado em 1893 cardeal e nomeado patriarca de Veneza. Nesta cidade, o cardeal Santo intensificou o interesse que já havia manifestado em Mantua, por questões sociais, e graças a sua intervenção direta, solucionou um conflito de trabalho na indústria de tabaco.

Ao morrer Leão XIII, em 1903, o patriarca partiu para Roma, para tomar parte no Conclave. E foi ele o escolhido pelo Sacro Colégio. No trono de São Pedro foi inflexível na condenação das novas idéias anticristãs. Ao mesmo tempo foi extremamente bondoso.

Notando a aproximação da primeira guerra mundial, não deixou de alertar o mundo e tal foi sua pena que muito contribuiu para seu fim próximo. Sucumbiu, com efeito, em dois dias, de congestão pulmonar. Após sua morte, o renome de sua santidade e as notícias de milagres a ele atribuídos fez com que a Congregação dos Ritos iniciasse um processo de beatificação, que foi rapidamente concluído.

CANONIZAÇÕES

No dia 24 de junho foram canonizadas: Emilia de Villar, espanhola, fundadora da Ordem das Irmãs de São José, e Maria Doménica Mazzarello, italiana, fundadora da

CONCORDÂNCIA DAS PRINCIPAIS ERAS

O ano de 1952 correspondente a:

- 6666 do Período Juliano;
- 5713 da era Israelita;
- 2730 da Primeira Olimpíada;
- 2765 da fundação de Roma, segundo Varrão;
- 1997 da introdução do Calendário Juliano;
- 1370 da Hégira (calendário muçulmano);
- 512 da invenção da Imprensa;
- 460 do descobrimento da América;
- 452 do descobrimento do Brasil;
- 370 da introdução do Calendário Gregoriano;
- 176 da Independência dos Estados Unidos da América do Norte;
- 130 da Independência do Brasil (7 de setembro de 1922)
- 63 da proclamação da República (15 de novembro de 1889)

Ordem das Irmãs de Mania; a 21 de outubro à Ignázio La Lacon, capuchinho da Sardesha, que viveu em aura de santidade; Antonio Gianelli, bispo de Bobbio, fundador da Ordem das Irmãs de Nossa Senhora do Jardim, e Francisco Saverio Bianchi, barbaque, que dedicou toda sua vida a pregar a religião em Nápoles.

FESTAS RELIGIOSAS FIXAS

Circunscrição do Senhor (Ano Novo)	1 de janeiro
Os Três Reis Magos (Epifania)	6 de janeiro
Purificação de Nossa Senhora (Candelária)	2 de fevereiro
As Chagas de Cristo	6 de fevereiro
Anunciação de Nossa Senhora	25 de março
Invenção da Santa Cruz	3 de maio
Santo Antônio	13 de junho
São João Batista	24 de junho
São Pedro e São Paulo	29 de junho
Visitação de Nossa Senhora	2 de julho
Nossa Senhora do Carmo	16 de julho
Nossa Senhora das Neves	5 de agosto
Assunção de Nossa Senhora (Glória)	15 de agosto
Natividade de Nossa Senhora	8 de setembro
Nossa Senhora das Mercês	24 de setembro
Todos os Santos	1 de novembro
Finados	2 de novembro
Apresentação de Nossa Senhora no Templo	21 de novembro
Imaculada Conceição de Nossa Senhora	8 de dezembro
Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo	25 de dezembro

PADRE RICARDO LOMBARDI

O Brasil recebeu, em setembro, a visita do notabilíssimo pregador jesuíta, padre Ricardo Lombardi, que vem percorrendo o mundo a serviço da defesa e da divulgação da fé cristã e das doutrinas sociais católicas. Sua presença na sessão de encerramento do VIII Congresso Metropolitano dos Estudantes, realizado no Rio, na sede da União dos Estudantes, assinalou mais um marco triunfante na sua gloriosa missão.

Na ponta cercou-o um grupo de universitários, entre curiosidade e respeito, entre expectativa e interesse. O presidente da UNE, Paulo Egidio, assim se dirigiu ao famoso orador: "Padre, que honra para nós ter v. revma. no nosso meio". A resposta veio compassada, mansa, paternal: "Quando os moços buscam um velho, toda honra é do velho". Fala sentado, em tom de conversa. Fala naturalmente, à vontade. Fala com vida e união, como quem traz palavras de vida eterna para a terra vida que borbulha no peito sincero e atrevido do jovem.

Foram mais ou menos estas as suas palavras:

"Existe um mundo velho à espera de um mundo novo. Não se sabe bem o que se espera, mas o que espera é coisa nova, diferente do que oferece o presente. Melhor do que ninguém deve fazer esta reforma o mundo universitário, em cujas mãos está propriamente o mundo de amanhã. Olhem para a face da terra. Olhem as coisas como as coisas são, sem preconceitos nem problemática política, longe da balla dos países. Olhem com olhos de quem quer ver; olhem para ver. Descubramos a solução dos problemas, sem cogitar se ela se contém neste ou naquele partido. Falo a homens, que têm olhos para a realidade. Quero falar das riquezas e de sua distribuição, como se encontra sobre a face da terra. Há duas classes de homens que moram neste nosso globo: os que pedem tudo o que querem, pois que não lhes falta dinheiro para isto e os que só têm o pão para não morrerem no dia de hoje, pois que lhes falta tudo o que precisam para o dia de amanhã. Problema mundial, problema de cada terra, problema de todos os homens, problema que significa uma ansia de cada manhã, uma tristeza de cada noite. Homens que têm jardins imensos para dois filhos e homens que só têm um fundo negro de mina para não perderem o pão que lhes dará mais um dia de vida. O olhar realista não se contenta com dar por consumado um fato como este. Um fato, sim. Uma fatalidade, não e não. Podem-se mudar os fatos. Ai estão as guerras para provarem que isto se faz muito depressa. Tomassem os pobres os bens dos ricos e por certo apelariam estes para a justiça, como se justa fosse a sua vida ao lado da vida atual do pobre.

Que coisa se deve fazer? Levantar mais alto os olhos. Ver o plano de Deus na distribuição das riquezas na face da terra. E Deus fala na página das consciências, nos direitos inatos a todo homem, nos instintos da natureza humana. Há um instinto natural, uma voz de Deus: o direito à propriedade particular. O homem não é como os animais que só cuidam do presente, satisfazendo agora uma fome que o aperta e deixando em seguida o resto do alimento. Tem o homem uma providência, um futuro a preparar, uma família a constituir, uma propriedade, por conseguinte, a garantir para amanhã. E, para conseguir tal direito, pode até explorar as riquezas da terra bruta. Reunido em sociedade, constituindo o Estado, deve este legislar e proteger esse direito do indivíduo, visando a necessidade de cada um, visando a necessidade da mesma sociedade, visando a multiplicação da produção para garantir mais meios de vida para todos. Um certo capitalismo é justo, é voz da natureza. Ao lado do direito e do instinto da propriedade, antes dele e acima dele, o instinto e o direito de conservação da própria vida, tomando para isto o necessário. Deve a sociedade velar também e velar de modo peculiar sobre este direito do homem, dando-lhe o necessário para a sua vida. Vida sobre este direito do homem, dando-lhe o necessário para a sua vida. Vida, isto é, vida humana; alimento, casa, trabalho, família, tudo, tudo humano e digno do homem. E este instinto de vida vale primeiro para a vida de hoje, antes de valer para a vida de amanhã. Agora aparecem os sistemas para responderem a estes ins-

timos, a estes direitos. O primeiro sistema é o "Liberalismo", que defende o instinto de vida de uns tantos, sem cuidar da vida dos demais. Cada qual por si, defendendo-se cada qual a si mesmo, defendendo-se... talvez dos outros". A terra é propriedade de todos e não de uns poucos que vivem a roubar dos outros aquilo a que mais direito têm, o instinto de viver. Solidariedade e igualdade, são coisas que não conhece este sistema. Vem depois outro sistema, o "Coletivismo". Se existe em todos igual direito e igual instinto, fique nas mãos do Estado a gestão inteira de toda a propriedade, para que cada qual receba o "seu". Defender, porém, não quer dizer negar e tem o homem, como indivíduo, o direito de ter o seu. Do contrário, nasceria uma luta diária no homem, contra aquele primeiro instinto, o de ter o seu. A solução deve ser outra. Defenda-se todos os instintos da natureza humana, pois foi Deus quem os pôs nela. Salu assim a natureza das mãos de Deus. O futuro só pode subsistir num mundo de Justiça Social. Temos todo o cuidado em não atacar o coletivismo, estribando-nos noutra injustiça — o Liberalismo que rouba de tantos um direito que lhe assiste. Defendamos um mundo que não se encontra ainda no mundo de hoje, mas que deve surgir amanhã. Fundado também éle num mundo velho, num velho egoísmo, defendam-nos do comunismo. Vamos para a frente. Não ataquemos, porém o comunismo como um "anti", mas pondo em sua frente uma doutrina mais nova e mais justa. Pode agora acabar a minha voz cansada e velha pois que ficou aqui, entre os mecos estudantes da Capital Federal a idéia nova de uma bandeira melhor. Lutem por esta bandeira, a única que traz a salvação, a única que merece luta, que inspira coragem, que garante dias melhores para amanhã, a bandeira que não é bandeira velha, mas novidade, mas eternidade, pela qual vale a pena lutar, vale a pena morrer, a bandeira do nome de Jesus".

Toda a assistência, de pé, aclamou com entusiasmáticas e muito prolongadas palmas o padre Lombardi, seguindo-se os discursos dos representantes das várias faculdades, todos frisando o quanto haviam agradado as palavras do sacerdote da bondade.

Encerrou a cerimônia o prelado João Carlos Vital, com caloroso discurso de apoio às idéias sustentadas pelo padre Lombardi, e que foi entusiasmamente aplaudido pela assistência.

Cantou-se depois com grande vibração o Hino Nacional.

NOTAS BIOGRAFICAS

Nasceu o revmo. padre Lombardi em Nápoles, em 1908, filho do professor e senador italiano Luigi, que havia iniciado a sua carreira de professor na ITH (Eletrotécnica) de Zurich (1894-97), continuando-a depois nas universidades italianas. A família do padre Lombardi é proveniente do Piemonte. Estudante de Direito na Universidade de Roma, interrompeu esses estudos para ingressar na Companhia de Jesus, em 1926. Concluiu seus estudos superiores com triplice doutorado: literatura, filosofia e teologia. Primeiramente exerceu o cargo de escritor sobre questões de filosofia, na revista "La Civiltà Cattolica". Ao mesmo tempo realizou várias séries de conferências nas maiores Univer-

sidades da Itália. Terminada a guerra, surgiu-lhe intenso o desejo de anunciar os ensinamentos cristãos também fora das Universidades, o que lhe parecia imprescindível para o reengastamento espiritual de sua pátria. Deste modo iniciou a sua atividade entre as grandes massas populares, que, entendendo-se sempre mais, alcançou hoje uma ressonância mundial.

A princípio, limitava seu trabalho a cidades particulares. Aos poucos começou a abranger inteiras regiões, como Toscana, Lombardia, Apulia, Sicilia. Finalmente constituiu uma pregação nacional, sob o título de "Cruzadas da Bondade". Desde então cresceu o número de seus ouvintes em propagação maravilhosa. Em Milão foram justamente coligadas em cadeia radiofônica 14 igrejas, em Turim 25, em Gênova 52, em Roma 200. Muitos dos seus discursos foram pronunciados diante de 100 mil ou até mais ouvintes. O discurso final da Cruzada em Milão foi ouvido por 200.000 ouvintes, o de Roma por 500.000.

Em abril de 1940 começou o padre Lombardi a falar também fora da Itália. Desde esse tempo anunciou sua mensagem a todas as maiores nações do mundo, falando principalmente nas Catedrais, estádios, teatros e nas praças. Falou na Catedral de Nova York, na Universidade de Washington, em Notre Dame de Paris, no estádio de Colônia, na Catedral de Santo Estêvão, de Viena, na Catedral de Munique, como também na Basílica de São Pedro, em Roma. Na República alemã, fez ele há pouco 80 discursos em 35 cidades. Logo após, falou na Suíça e em 12 cidades da Bélgica e da Holanda.

Vindo de Amsterdam, entrou ele em Berlim.

De volta à Itália, pregou a maior Cruzada de sua vida, através de todas as estações de rádio do país. Calcula-se que todas as tardes o escutavam vários milhões de pessoas. Na comunhão geral, organizando naquela ocasião com a missa papa, transmitida pelo rádio, tomaram parte cerca de 10 milhões de italianos...

FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS

Quinquagésima	24 de fevereiro
Quarta-feira de Cinzas ..	27 de fevereiro
Páscoa	13 de abril
Ascensão do Senhor	23 de maio
Espírito-Santo	1 de junho
Santíssima Trindade	8 de junho
Corpo de Deus	12 de junho
Primeiro Domingo do Advento	30 de novembro

ECLIPSES EM 1952

No ano de 1952 haverá quatro eclipses:

- I — Parcial da Lua, no dia 10 de fevereiro, entre às 18 h. e 50 m. e às 24 h.
- II — Total do Sol, invisível no Brasil, no dia 23 de fevereiro, entre às 2 h. e 47 m. e às 7 h. e 42 minutos.
- III — Parcial da Lua, no dia 7 de agosto, entre 1 h. e 40 m. e G. h. e 29 m.
- IV — Anular do Sol, invisível no Brasil, no dia 20 de agosto, depois das 21 horas.

RECEITAR ÓCULOS É UMA CIÊNCIA

Tendo vindo de Ribeirão Preto, até onde chega a merecida fama que envolve o nome do notável oculista brasileiro doutor Campos de Rezende, exclusivamente com a finalidade de consultá-lo sobre o uso de óculos, certo como me encontro agora de que receitar óculos é uma ciência complicada e de grande responsabilidade, apresso-me a endereçar-lhe este espontâneo agradecimento.

Durante longos anos, comprometi minha visão, entregando-a à afoiteza de profissional displicente e ao invés de tê-la em condições de melhoria, ia vendo-a agravar-se dia a dia. Instado por amigos sinceros, viajei para esta capital e dirigi-me ao consultório do dr. Campos de Rezende, à rua Buenos Aires n. 212, sobrado, onde fui atendido com a máxima presteza e extrema dedicação, submetendo-me o famoso oftalmologista a um exame minucioso, onde o critério se evidencia na aparelhagem moderna e adequada às exigências particulares de cada caso.

E', pois, com a máxima satisfação, ao regressar à minha terra natal, livre da incerteza que me atormentava, das dores de cabeça provenientes de óculos mal receitados, que, na impossibilidade de fazê-lo pessoalmente, deixo aqui expresso o testemunho de minha gratidão ao dr. Campos de Rezende, na convicção de que, vindo assim a público, estarei, não só rendendo-lhe a homenagem que merece, mas, também, apon-tando o caminho certo a quantos, como eu, bracejam entre a dúvida e a angústia, na hora de buscarem o alívio para sua fraqueza ocular, dá-diva preciosa de Deus e que não pode ser sacrificada a nenhum gesto de imprevidência ou de indecisão.

Rio, 16 de julho de 1951.

(a.) HERACLITO ARANTES JUNQUEIRA. — Rua São Sebastião, n. 706 — Ribeirão Preto.

(Transcrito de "O Estado de São Paulo", de 26-7-51).

TABELA DO NASCIMENTO E OCASO DO SOL

(Em horas e minutos do tempo legal do Rio de Janeiro)

DATA	Recife		Porto		Porto Alegre	
	Pernambuco		Rio de Janeiro		R. G. do Sul	
	Nasc. h. m.	Ocaso h. m.	Nasc. h. m.	Ocaso h. m.	Nasc. h. m.	Ocaso h. m.
1 de janeiro	5:13 3	17:49 48	5:11	18:42	5:38	19:23
11 de janeiro	5:18 3	17:55 1	5:18	18:44	5:56	19:30
21 de janeiro	5:23 3	17:54	5:26	18:44	5:44	19:23
1 de fevereiro	5:27 7	17:54	5:33	18:40	5:54	19:23
11 de fevereiro	5:29 9	17:54	5:39	18:35	6:03	19:16
21 de fevereiro	5:31 1	17:51	5:45	18:29	6:11	19:07
1 de março	5:32 2	17:48	5:49	18:22	6:18	18:50
11 de março	5:32 2	17:43	5:53	18:14	6:23	18:47
21 de março	5:33 1	17:38	5:57	18:04	6:26	18:35
1 de abril	5:30	17:23 2	6:01	17:53	6:26	18:22
11 de abril	5:30 0	17:27 7	6:04	17:44	6:43	18:10
21 de abril	5:29 9	17:23	6:08	17:35	6:46	18:00
1 de maio	5:29 9	17:19 9	6:12	17:26	6:55	17:49
11 de maio	5:30 0	17:16 6	6:16	17:22	7:00	17:44
21 de maio	5:32 2	17:15 5	6:21	17:18	7:08	17:34
1 de junho	5:34 4	17:14 4	6:26	17:15	7:13	17:30
11 de junho	5:37 7	17:15 5	6:36	17:14	7:18	17:26
21 de junho	5:39 9	17:17 7	6:32	17:15	7:25	17:31
1 de julho	5:41 1	17:19 9	6:34	17:13	7:23	17:34
11 de julho	5:43 2	17:22 2	6:34	17:22	7:21	17:40
21 de julho	5:43 2	17:24 4	6:32	17:26	7:17	17:45
1 de agosto	5:46 0	17:26 6	6:27	17:31	7:11	17:51
11 de agosto	5:38 3	17:26 6	6:21	17:35	7:03	17:57
21 de agosto	5:34 4	17:26 6	6:14	17:39	6:56	18:01
1 de setembro	5:29 9	17:25 5	6:04	17:43	6:41	18:09
11 de setembro	5:23 3	17:24 4	5:54	17:46	6:30	18:14
21 de setembro	5:18 3	17:23 3	5:44	17:49	6:17	18:20
1 de outubro	5:12 2	17:22 2	5:34	17:52	6:04	18:25
11 de outubro	5:06 6	17:21 1	5:25	17:56	5:52	18:32
21 de outubro	5:02 2	17:21 1	5:16	18:00	5:41	18:38
1 de novembro	4:59 9	17:22 2	5:08	18:05	5:31	18:44
11 de novembro	4:57 7	17:23 3	5:03	18:09	5:24	18:55
21 de novembro	4:58 8	17:28 8	5:00	18:13	5:20	19:03
1 de dezembro	4:59 9	17:33 3	4:59	18:25	5:17	19:11
11 de dezembro	5:00 3	17:38 8	5:01	18:31	5:16	19:19
21 de dezembro	5:07 7	17:43 3	5:05	18:37	5:21	19:24
31 de dezembro	5:13 3	17:49 8	5:11	18:41	5:28	19:29

FASES DA LUA EM 1952

JANEIRO

- 2 Quarto Crescente, às 13 hs. 30 m.
 12 Lua Cheia, à 1 h. 20 m.
 19 Quarto Minguante, às 23 hs. 45 m.
 26 Lua Nova, às 23 hs. 45 m.

FEVEREIRO

- 4 Quarto Crescente, a 0 h. 25 m.
 10 Lua Cheia, às 21 h. 54 m.
 18 Quarto Minguante, às 14 h. 45 m.
 25 Lua Nova, às 12 h. 36 m.

MARÇO

- 3 Quarto Crescente, às 10 h.
 11 Lua Cheia, às 13 h. 02 m.
 18 Quarto Minguante, às 20 h. 16 m.
 25 Lua Nova, às 14 h. 41 m.

ABRIL

- 2 Quarto Crescente, às 2 h. 40 m.

- 10 Lua Cheia, às 2 h. 39 m.
 17 Quarto Minguante, às 12 h. 51 m.
 24 Lua Nova, às 2 h. 12 m.

MAIO

- 1 Quarto Crescente, às 22 h. 29 m.
 9 Lua Cheia, às 15 h. 06 m.
 23 Lua Nova, às 14 h.
 31 Quarto Crescente, às 16 h. 30 m.

JUNHO

- 7 Lua Cheia, às 2 h. 59 m.
 14 Quarto Minguante, às 15 h. 04 m.
 22 Lua Nova, às 3 h. 25 m.
 30 Quarto Crescente, às 7 h. 51 m.

JULHO

- 7 Lua Cheia, às 6 h. 50 m.
 13 Quarto Minguante, às 22 h. 26 m.
 21 Lua Nova, às 18 h. 09 m.
 29 Quarto Crescente, às 20 h. 20 m.

No seu caminho

HÁ UMA LOJA

Sudeletrô



ESCRITÓRIO CENTRAL
AV. RIO BRANCO, 155 - TEL. 22-9644
DEP. SUDLUX

ARTIGOS PARA PRESENTES
ELETRICIDADE EM GERAL
LOUCAS-FERRAGENS
LUZ FRIA

CENTRO	CENTRO	CENTRO	CENTRO	COPACABANA	SANDHRA	MEIER
Av. Rio Branco, 155	R. Carioca, 15/17	R. de Setembro, 42	Av. Passos, 105/107	Av. Pr. Isabel, 368	R. de Bandeira, 19	Av. Am. Custodi, 185
TEL. 22-9644	TEL. 22-9361	TEL. 22-6076	TEL. 43-6120	TEL. 37-0455	TEL. 48-0096	TEL. 29-6647

AGOSTO COMEÇO DAS ESTAÇÕES

- 5 Lun Cheia, às 13 h. 20 m. **VERÃO** — 22 de dezembro;
12 Quarto Minguante, às 8 h. 14 m. **OUTONO** — 20 de março, às 13 h. e 15 m.;
20 Lun Nova, às 10 h. 25 m. **INVERNO** — 21 de junho, às 9 hs. e 03 m.;
28 Quarto Crescente, às 7 h. 25 m. **PRIMAVERA** — 23 de setembro, às 14 h. e 23 m.

SETEMBRO

- 3 Lun Cheia, às 23 h. 40 m. **OS SETE DIAS DA SEMANA**
10 Quarto Minguante, às 21 h. 01 m.
19 Lun Nova, às 2 h. 30 m.

OUTUBRO

- 3 Lun Cheia, às 7 h. 23 m. **Domingo** — dia do Sol — Acha-se sob o domínio de S. Miguel. O metal correspondente ao domingo, é o Ouro; sua cor, alaranjado, perfume o sândalo, planta o louro.
10 Quarto Minguante, às 13 h. 56 m. **Segunda-feira** — dia da Lua; está sob o domínio de S. Rafael; cor branca; seu metal, a prata; perfume, Aloe.
18 Lun Nova, às 17 h. 23 m. **Terça-feira** — dia de Marte — sob o domínio de S. Gabriel; cor, vermelho; metal, o ferro; planta, pimenteira; perfume, abacimo.
25 Quarto Crescente, às 23 h. 09 m. **Quarta-feira** — dia de Mercúrio — domínio de Samuel; seu metal, o azogue; cor, amarela; perfume, benjoim.

NOVEMBRO

- 1 Lun Cheia, às 18 h. 20 m. **Quinta-feira** — dia de Júpiter — seu metal é o estanho; cor, carmesim; perfume, o açafrão.
9 Quarto Minguante, às 9 h. 44 m. **Sexta-feira** — dia de Vênus — metal, o cobre; cores, verde e amil; perfume, almiscar.
17 Lun Nova, às 8 h. 21 m. **Sábado** — dia de Saturno — metal, o chumbo; cor, azul; perfume, mirra.
24 Quarto Crescente, às 9 h. 20 m.

DEZEMBRO

- 1 Lun Cheia, às 7 h. 56 m. **Sexta-feira** — dia de Vênus — metal, o cobre; cores, verde e amil; perfume, almiscar.
9 Quarto Minguante, às 8 h. 45 m. **Sábado** — dia de Saturno — metal, o chumbo; cor, azul; perfume, mirra.
16 Lun Nova, às 21 h. 55 m. **Sábado** — dia de Saturno — metal, o chumbo; cor, azul; perfume, mirra.
23 Quarto Crescente, às 17 h. 05 m.
31 Lun Cheia, às 16 h. 45 m.

HIME - COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

RUA TEÓFILO OTONI 52 — RIO DE JANEIRO

Caixa Postal 593 — End. Telefônico: FERRO — Fone: 23-1741

FERRAGENS

FABRICANTES

IMPORTADORES

EXPORTADORES

DEPÓSITO DE FERRO E AÇO

RUA SACADURA CABRAL, 108 a 112 - Telefones: 43-6282 e 43-0396

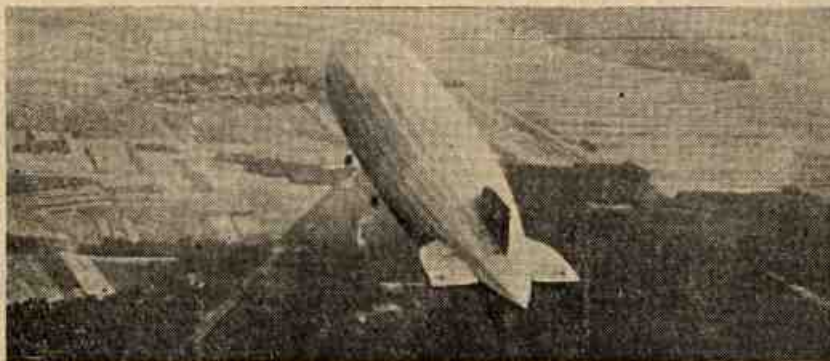
ELETRODOS "ACTARC"

Filial em São Paulo

AV. ANHANGABAÚ, 702 - 8.º andar — Cxa. Postal 4735

AGENTES EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

O MUNDO DE 1902 A 1951



O "Graf Zeppelin" constituiu uma das maravilhas do nosso tempo. Espetáculo inquestionável. Vemto sobre Berlim quando iniciava em 14 de agosto de 1929 sua grande viagem ao redor do mundo, em 20 dias, rumando direto a Tóquio. O segundo Zeppelin "Hindenburg" incendiou-se em Lakehurst, New Jersey, Estados Unidos, a 6 de maio de 1937, pouco depois de haver desembarcado 97 passageiros procedentes da Alemanha.

Os fatos mais importantes de 1901 estão mencionados no Almanaque do ano passado.

1902

ALIANCA anglo-japonesa. Convenção russo-chinesa relativa à Manchúria. Convenção de navegação germanico-americana. Conclusão da Transsiberiana. Paz de Vereeniging entre a Inglaterra e os boers. Renovamento da Triplíce Aliança. Os EE.UU. adquirem os direitos da Companhia francesa do Panamá. Tratado secreto de neutralidade franco-italiana. Os filipinos cessam de resistir aos americanos. Criação do secretariado sindical internacional. Trotsky foge da Sibéria e encontra-se em Londres, pela primeira vez, com Lenine. Negociação franco-espanhola em torno de Marrocos. Incidente Venezuelano; os EE.UU. contra a Inglaterra e a Alemanha. Eleição francesa; ministério Combes. Morte de Zola. Rodrigues Alves e Afonso Pena, presidente e vice-presidente do Brasil. Rio Branco, ministro do Exterior. Morte de Prudente de Morais.

1903

Visita de Eduardo VII a Paris e de Louis Alexandre da Sérvia; sobre ao trono o rei Pedro. Morte de Leão XIII; pontificado de Pio X. Morte de Gauguin. Concessão definitiva de Bagdad à Alemanha. Tratado de Murtzberg entre a Rússia e a Austria relativo aos Bálcãs. O Japão reclama a evacuação da Manchúria. Tratado de arbitragem franco-inglês. Criação das usinas de automóvel Ford. A Rússia recusa a evacuação da Manchúria. Revolução do Panamá. Insurreição em Macedônia. Tratado da Rússia

com a Pérsia. Congresso dos socialistas russos em Londres; cismo em bolcheviques e mencheviques. Tratado Bunau-Varill para a construção do Canal do Panamá. O Japão propõe a Rússia um entendimento para o caso da Coreia. Staline é condenado a três anos de desterro na Sibéria. Fundação do Partido Trabalhista inglês. Primeiro vôo de aeroplano realizado pelos irmãos Wright. Osvaldo Cruz, diretor da Saúde Pública. Questão do Acre. Tratado de Petrópolis entre o Brasil e a Bolívia.

1904

Os japoneses atacam a esquadra russa em Porto Artur. Acordo colonial franco-inglês. Acordo turco-búlgaro relativo à Macedônia. Ruptura entre a França e o Papado. Início da construção do canal do Panamá. Os japoneses destroem a esquadra russa em Vladivostok. Acordo franco-espanhol relativo a Marrocos. Abertura do caminho de ferro de Bagdá. Insurreição na África. Sun Yat-Sen funda o Kuo-Mino-Tang. Staline foge da Sibéria e se dirige para o Cáucaso. Assassinato do ministro tsarista Plehve por Sazonov, membro do partido social-revolucionário.

1905

Os japoneses apoderaram-se do Porto Artur. Derrota da esquadra russa e aprisionamento do almirante Roshdestvensky. Insurreição do famoso almirante Togo. "Dia do Vermelho" e o padre Gapon conduzem milhares de trabalhadores ao Palácio do Inverno para suplicar a proteção do Tsar. O Japão recebe com fogo de fuzil. Guilherme II em Tanger. Assassinato do Grão-Duque Sérgio, governador-geral de Moscou. Prégrom dos armênios em Baku. Início, nos EE.UU., da segunda presidência de Teodoro Roosevelt. Constituição da S.F.I.C.O. Ruptura

da união entre a Suécia e a Noruega. Haakon VII, rei da Noruega. Paz entre a Rússia e Japão, em Portsmouth, por intervenção de Th. Roosevelt. Renova-se a aliança anglo-japonesa. Reúne-se o primeiro Soviet de São Petersburgo presidido pelo menchevique Zborowsky. O Soviet proclama a liberdade de imprensa. Trotsky assume a presidência do Soviet. Prisão do Soviet. Greve e insurreição em Moscou. O Tzar esmaga a insurreição de Moscou. Nascimento de Jean Paul Sartre. Lei da separação, em França, da Igreja do Estado.

1906

Conferência da Argélia. Fallières, presidente da República francesa. Congresso da C.G.T. e programa de Amiens. Reabilitação de Dreyfus. Ministério de Clemenceau. Stolipine, ministro do Interior. Dissolução da primeira Duma. Lei agrária de Stolipine. Morte de Ibsen. Constituição do Transvaal. Eloy Alvaro na presidência do Equador. José Figueredo Alcorta, vice-presidente, assume o governo da Argentina. Afonso Pena e Nilo Peçanha, presidente e vice-presidente do Brasil.

1907

Tratado da França com o Sião e o Japão. Segunda conferência de Haia. Prolongação da Triplíce-Aliança. Tratado russo-japonês. Encontro do Tzar com Guilherme II. Acôrdo anglo-russo relativo à Ásia. Formação da Triplíce-Entente. Lei sobre a liberdade de culto em França. Morte de Oscar II; Gustavo V, rei da Suécia. Eleição e dissolução da segunda Duma. Reunião da terceira Duma. A. Lumière inventa a fotografia em cores. Morte de Grieg. Trotsky é julgado pelo tribunal tsarista e bandido para a Sibéria. Trotsky foge da Sibéria. Lenine deixa a Rússia.

1908

Nicolau II encontra-se com Eduardo VII em Reval. Guilherme II recusa a proposta inglesa de limitação dos armamentos navais. A Áustria anexa a Bósnia-Herzegóvina. Creta une-se à Grécia. Insurreição dos jovens

turcos. A Bélgica anexa o Congo. Blieriot atravessa a Mancha em avião. Morte de Campbell-Bannerman. Polêmica entre Lenine e os partidários, na Rússia, do empiricismo. Tratado comercial entre a Áustria e a Sérvia. Ministério de Asquith em Inglaterra. Jornada de oito horas para os trabalhadores de minas. Assassinato de Dom Carlos I de Portugal conjuntamente com o príncipe herdeiro D. Luiz Felipe. Sob o trono D. Manuel II. Cipriano Castro, na Europa. O governo interino de Gómez na Venezuela. Ditadura de Gómez. Morte de Machado de Assis.

1909

Acôrdo franco-alemão relativo a Marrocos. O Japão garante a integridade da Coreia. Eduardo VII em Berlim. A Turquia reconhece a anexação da Bósnia. Ultimatum da Áustria à Sérvia e da Alemanha à Rússia. A Rússia e a Sérvia reconhecem o fato consumado. Taft, presidente dos EE.UU.

Acôrdo russo-italiano. Acôrdo austro-italiano relativo aos Balcãs. Convenção militar russo-belga. Demissão de Bülow. Ministério de Briant em substituição do ministério de Clemenceau. Deposição de Abdul-Hamid pelos jovens turcos. Mahommed V. Morte de Leopoldo II da Bélgica; sob o trono Alberto I. Staline foge da Sibéria pela segunda vez. Roque Saenz Peña, presidente da Argentina. Morte de Afonso Pena. Nilo Peçanha assume o governo do Brasil. Campanha civilista de Ruy Barbosa e Alfredo Ellis, candidatos à presidência e à vice-presidência do Brasil. Assassinato de Eucides da Cunha.

1910

Acôrdo financeiro germano-austro-turco relativo à Bagdadbahn. O Japão anexa a Coreia. Venizelos, presidente do Conselho, em Creta. Morte de Eduardo VII. Jorge V, rei da Inglaterra. Staline é deportado para a Sibéria pela terceira vez. República em Portugal. Constitui-se o governo provisório presidido por Teófilo Braga. Redução dos poderes da Câmara dos Lordes. Morte de Tolstói. Morte de Joaquim Nabuco. Estrada



DÔR-GRIPE-RESFRIADOS

RHODINE
CAFEINADA

A boa enfermeira

FESTAS MÓVEIS ATÉ 1958

Anos	Cinzas	Páscoa	Ascensão	Pentecostes	Corpo de Deus	Advento 1º domingo
1953	22 Fev.	13 Abril	22 Maio	11 Junho	12 Junho	30 Nov.
1954	18 Fev.	55 Abril	14 Maio	24 Maio	4 Junho	28 Nov.
1955	4 Mar.	18 Abril	27 Maio	6 Junho	17 Junho	28 Nov.
1956	23 Fev.	10 Abril	19 Maio	28 Maio	8 Junho	27 Nov.
1957	15 Fev.	11 Abril	10 Maio	20 Maio	31 Maio	22 Dez.
1958	6 Mar.	21 Abril	30 Maio	9 Junho	20 Junho	30 Nov.
1959	19 Fev.	66 Abril	15 Maio	25 Maio	5 Junho	11 Dez.

na presidência do Equador. Hennes da Fon- da Macedônia. Acôrdo austro-italiano rela- seca e Venceslau Brnz, presidente e vice- tivo à Albânia. Paz de Londres: desmem- presidente do Brasil. brame

1911

Constituição da Alsácia-Lorena. Minis- de Caillaux. Acôrdo germano-russo relativo à Bagdadbaïn. Regulamento da questão mar- roquina. Guerra entre a Itália e a Turquia. A Itália anexa à Tripolitana. Convenção franco-alemã relativa ao Congo. Conflito en- tre os EE.UU. e o México. Assassinato de Stolipine. Staline é preso em São Peters- burg e exilado novamente para a Sibéria. Taft dissolve a Standard Oil e a Tabaco Cia. Movimento revolucionário na China. O im- perador promulga uma constituição e co- loca Yuan-Tche-Kai à testa do Exército. Sun-Yat-Sen proclama a República em Nan- quim. Ocupação de Fez pela França. Por- fírio Dias deixa a presidência do México. Assume o governo Francisco León de la Barra. Prisão e assassinato de Eloy Alfaro.

1912

Poincaré, presidente do Conselho em Fran- ça. Aliança entre a Bulgária e a Sérvia. A Itália ocupa Rodas. Aliança entre a Grécia e a Bulgária. Convenção naval franco-inglesa. Bertolot, ministro do Exterior na Austria. Convenção entre a Rússia e o Japão. Acôr- do austro-italiano relativo à Albânia. Abdi- cação do rei, e proclamação da república em toda a China por Yuan-Tche-Kai, com o apoio de Sun-Yat-Sen. Morte de Mutsu Hito; sobre Hoshi-Hito ao trono japonês. Tra- tado de Fez; protetorado francês sobre Mar- rocos. Paz de Lausanne entre a Itália e a Turquia. Guerra dos Balcãs. Renovação da Triplíce-Alliança. Convenção russo-chinesa sobre a Mongólia. Conferência de Londres relativa à Albânia. Estabelecimento do su- frágio universal na Itália. Morte de Mas- net. Cristiano X, rei da Dinamarca. Staline foge novamente da Sibéria. Francisco Ma- dero na presidência do México. Morte do Barão do Rio-Branco.

1913

Poincaré, presidente da República francesa. A Roménia aliada da Triplíce-Alliança. A Turquia interrompe a conversação da paz e recommen, nos Balcãs, as hostilidades mi- litares. A Bulgária se apodera de Andria- nópolis. Wilson, presidente dos EE. UU. Con- flito entre a Bulgária e a Sérvia por causa

1914

Acôrdo financeiro franco-alemão relativo à Ásia Menor. Acôrdo anglo-alemão. Paz entre a Turquia e a Sérvia. Tratado franco- russo relativo ao Oriente. Insurreição na Albânia. Nicolau II na Roménia. Yuan- Tche-Kai dissolve o parlamento e publica uma nova constituição. Assassinato, em Se- ravjevo, do arquiduque Francisco Fernando. A Alemanha promete o seu apoio à Austria

FESTAS MÓVEIS

DE FINO ACABAMENTO

TAPEÇARIAS — DECORAÇÕES

PREÇOS MODICOS

CATETE, 55 e 57

contra a Sérvia. Ultimatum austriaco à Sérvia. Declaração de guerra. Mobilização geral na Rússia e na Alemanha. Ultimatum alemão à Rússia e à França. Assassinato de Jaurès, em Paris. Mobilização geral em França. Declaração de guerra da Alemanha à Rússia. Ultimatum alemão à Bélgica. Declaração de guerra da Alemanha à França. A Inglaterra declara guerra à Alemanha. Tratado de aliança entre a Alemanha e a Turquia. Invasão da Bélgica. A Itália, a Romênia, a Espanha e os EE.UU. proclamam sua neutralidade em face da guerra. Ofensiva russa na Prússia Oriental. Batalha de Tanneberg. O Japão declara guerra à Alemanha. O governo francês se refugia em Bordeaux. Batalha de Marne. A Rússia invade a Hungria. A França e a Inglaterra decidem o bloqueio econômico da Alemanha. A Austrália ocupa Belgrado. O Japão se recusa a participar no conflito europeu. Batalha naval de Falkland. A Sérvia retoma Belgrado. Venceslau Braz e Urbano Santos na presidência e vice-presidência do Brasil. Morte de Silvio Romero.

1915

Batalha do Canal de Suez. Dardanelos atacados pela armada dos aliados. Negociações austro-italianas. Tratado de Londres entre a Itália e os aliados. O Lusitânia torpedeado por um submarino. A Itália declara guerra à Austria. Berchold substituído por Burian. Tratado sino-japonês. Acordo entre a Bulgária e a Turquia. Mobilização búlgara. Conferência de Zimmerwald na qual participam Lenine, Trotsky e Zinoviev. Formação na Alemanha do grupo socialista dirigido por Karl Liebknecht contra a guerra imperialista. Kamenov, na Rússia, é exilado para a Sibéria. Desembarque aliado em Salônica. A Bulgária declara guerra aos aliados e invade a Sérvia. Yuan-Tche-Kai, proclama-se imperador da China. A Revolta da China do Sul. Trabalho de Einstein sobre a teoria geral da relatividade. Governo de Carranza no México. Assassinato de Pinheiro Machado.

1916

Verdun atacada pelos alemães. Petain comandante do front de Verdun. Ofensiva russa na Armênia. Batalha naval de Jutlândia. Sussex torpedeado. Os alemães, pela segunda vez, prometem aos EE.UU. a suspensão da guerra submarina. Freud inicia em Viena uma série de conferências, dando uma idéia em conjunto da psicanálise. Segunda conferência dos socialistas internacionais. Manifesto de Kienthal. A Romênia entra na guerra ao lado dos aliados. Ofensiva germano-búlgara contra a Romênia. Demissão de Asquith. Lloyd George à frente do governo inglês. Prisão de Liebknecht na Alemanha. Rasputine é assassinado em Moscou. Abdicação e morte de Yuan-Tche-Kai. Proposta de paz dos impérios centrais. Nota de Wilson. Recusa da Alemanha. Trotsky preso em Paris e exilado para a Espanha. Francisco Adler mata a tiros de revólver o primeiro ministro austriaco conde Stugkh. Urquiza na presidência da Argentina. Carranza no governo do México.

1917

Trotsky expulso da Espanha para os Estados Unidos. A Alemanha leva ao máximo a guerra submarina. Ruptura de relações diplomáticas entre os EE.UU. e a Alemanha. Demissão de Briand. Ribot à frente do governo francês. Os ingleses ocupam Bagdá. Os EE.UU. declaram guerra à Alemanha. Abdicação de Nicolau II. Kamenov e Staline, deixando a Sibéria, voltam a Petrogrado. Lenine e Zinoviev na Rússia. Trotsky, em viagem dos EE.UU. para a Rússia, é preso pelos ingleses e posto num campo de concentração no Canadá. Queda de Ribot. Ministério, em França, de Poincaré. Morte de Degas. Os aliados exigem a abdicação de Constantino da Grécia. A Grécia rompe com os impérios centrais. Exílio de Constantino. Reinado de Alexandre I. Venizelos volta a chefiar o gabinete grego. Trotsky na Rússia. Kerensky à frente do governo russo. Prisão de Trotsky e de Kamenov. Ocultam-se Lenine e Zinoviev para não serem detidos. Rebelião de Kornilov. Derrota de Kornilov. Insurreição de Petrogrado organizada e dirigida por Trotsky, que leva os bolcheviques ao poder. Lenine à frente do Commissariato do Povo. Kamenov, primeiro presidente da República Soviética. Nacionalização das terras e da indústria. Queda de Poincaré. Gabinete de Clemenceau. Ucrânia proclama a sua independência. A independência da Finlândia. Armistício entre a Rússia e a Alemanha. Trotsky inicia as negociações de Brest-Litovsk. Sidônio Paz chefe a revolução em Portugal, que o eleva à presidência da República, e estabelece o presidencialismo. Nova constituição do México. O Brasil declara guerra à Alemanha. Greves em Santos e em São Paulo. Morte de Oswaldo Cruz.

1918

Primeiro, segundo e terceiro ataque do exército alemão no front ocidental, comandado por Ludendorff. O general Foch inicia a contra-ofensiva aliada. Capitulação da Bulgária e da Turquia. Os quatorze pontos de

Ca. Graphika P. Marcinielli
 11 - FIESOTT
 10 - ADELSONIA
ARTES GRÁFICAS EM GERAL
RUA CESÁRIO RAMALHO, 237
SÃO PAULO

NUMA RUA DE BRUXELAS



A ocasional oportunidade de um fotógrafo, esse infatigável caçador de quadros da vida, conservou através da História, o instante que aqui damos e que vale todo um compêndio político...

Numa rua de Bruxelas, passava o fotógrafo com a sua inseparável máquina e eis que vê sair de uma loja, uma pequena família. Eram bem jovens, ainda o pai e a mãe, mas já possuíam uma linda menina e um baby de quatro meses que dava naquele dia, precisamente, o seu primeiro passeio. O grupo em questão, comemorando o grande acontecimento, saía no momento, de um retratista. Agora, ao sem do meio-dia, regressava a família aos penates, para um tranquilo almoço. Não fosse a legenda, o leitor não adivinharia a que classe social pertenciam os personagens tão fotografados num só dia. A mãe, de uma elegante simplicidade, saiu mesmo sem chapéu (e não era moda então) na pressa, talvez, de mostrar ao filhinho, a suave Bruxelas. Nada mais despretensioso do que o terno cinza do jovem esposo; as crianças fazem lembrar duas flores campestres. O grupo dá alguns passos — menos dois componentes que se deixam carregar — toma um automóvel parado ali adiante e cujo chofer é mesmo o rapaz de cinzento. Mas acontece que o carro segue em direção de Eschen e penetra no castelo de Stuyvenberg. Compreende-se então...

O instante mostra o duque Leopoldo de Brabante, a princesa Astrid, a princesinha Josephina e o jovem príncipe Bauzou que escolhem aquela manhã, de sol para dar uma vista d'olhos pela capital do seu futuro reino. E vinte anos decorreram...

Wilson. Proposta de paz da Austria. O voto Vermelho. Os turcos ocupam Batum. Ação feminista na Inglaterra. Greve geral em Viena. Greve geral na Alemanha. Greves em Moscou II e da família real. Assassinato, em Paris. Abdicação de Fernando da Bulgária. Portugal, de Sidónio Paz. Demissão de Lubeck III. Os japoneses ocupam Vladivostok. Dendroff. Armistício. Abdicação de Guilherme II e fuga para a Holanda. Revolução. Queda da monarquia austríaca. Libertação em Berlim. Proclamação da República. República em Budapeste. União da Bessarábia e da Bucovina à Romênia. Eleições pendência da Hungria. Guerra civil na Rússia. Morte de Edmund Rostand e de Debussy. Marinha e Transporte organiza o Exército. Morte de Plekhanov. Rodrigues Alves e

Delfim Moreira na presidência e vice-presidência do Brasil. Morte de Rodrigues Alves. Delfim Moreira assume o governo. Morte de Olavo Bilac. Zettl. Obrigação no governo do México.

1919 1920 1921

Reunião da Conferência da Paz. Guerra civil na Irlanda. República Soviética Hungara chefiada por Bela Kun. Ocupação da Hungria pelos exércitos da Tcheco-Eslava, Romênia e França. Queda de Bela Kun. Almirante Horthy em Budapest. Terror branco na Hungria. Criação do fascismo na Itália por Mussolini. Fundação da III Internacional cabendo a presidência a Zinoviev. Queda de Orlando, na Itália. Ministério Nitti. Golpe armado de D'Annunzio em Fiume. Destrogação da frota alemã em Scapa Flow pela própria tripulação. Ocupação da Pérsia pela Inglaterra. Início da atividade política de Gandhi na Índia. Ebert eleito presidente da Alemanha. Movimento operário na Baviera. Ministério de Kurt Eisner. Assassinato de Kurt Eisner pelo Conde Asco Volley. Insurreição em Berlim. Assassinatos de Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Instituição de Sacco e Vanzetti. Heidegger formunha. Proclamação da república na Finlândia. Reeleição de Pilsudski na Polónia.

Mustafa Kemal bate os gregos em Inonu. Tratado russo-turco. Ocupação de Dusseldorf, Ruhrort e Duisburg pela França. Ultimatum à Alemanha para pagar as dívidas da guerra. Plebiscito na Alta Silesia. In-aurreição dos poloneses na Silesia. Acórdo franco-alemão de Wiesbaden. Paz em separado dos EE.UU. com a Alemanha. Nova vitória de Mustafa Kemal sobre os gregos. A Liga das Nações opera a divisão da Alta Silesia. Os russos invadem a Geórgia. Rebelião de Kronstadt. Adoção da NEP. Estabelecimento da República da Crimeia. Morte de Pedro I da Sérvia. Sobre ao trono Alexandre I. Interdição do Partido Comunista na Sérvia. Ministério Briant em França. Harding, presidente dos EE.UU. Desastre dos espanhóis em Marracos. Ab-el-Krim funda a república do Rif. Reação republicana: Nilo Peganha e Seabra, candidatos à presidência do Brasil.

1922

Tratado de Versalhes. Independência da Arménia. Tratado anglo-persa. Ocupação da Pérsia pela Inglaterra. Constituição de Weimar. Revolta de Mustafa Kemal contra o sultão. Implantação da monarquia em Portugal. Restauração da República. Assassinato de Emiliano Zapata no México. Epitácio Pessoa na presidência do Brasil.

Queda de Briand. Poincaré à frente do gabinete. Queda de Lloyd George na Inglaterra. Ministério de Bonar Law. Marcha sobre Roma. Os fascistas, dirigidos por Mussolini, ocupam o poder na Itália. Morte do Papa Benedito XV. Pio XI. Morre Rathenau assassinado na Alemanha. Renúncia de Pilsudsky. Agitação em Varsóvia. Assassinato do presidente Nerutowicz. Acórdo germano-russo de Rapallo. Execução dos ministros e generais gregos batidos pelos turcos. Abdicação de Constantino da Grécia. Jorge II. Mustafa Kemal chefe do governo turco. Acórdo naval de Washington entre a Inglaterra, Estados Unidos e Japão. Os japoneses retiram-se de Vladivostok. Enfermidade de Lenin. Formação da troika: Kamenev, Zinoviev, Staline. Tratado anglo-egípcio, fim do protetorado. Fouad II, rei do Egito. Ayer, presidente da Argentina. Revolta dos 18 do Forte de Copacabana. Morte de Marcel Proust. Artur Bernardes na presidência do Brasil.

1920 1921

Derrota definitiva de Deniskine, Wrangel e Koltchak. Fuzilamento de Koltchak. Os ingleses em Constantinopla. Tratado com a Turquia e a Hungria. Demissão de Clemenceau. Paz da Rússia com a Estónia e a Lituânia. O Senado americano se opõe à adesão dos EE.UU. à Liga das Nações. Ocupação de Darnstadt e Francfort pela França. Tratado russo-lituano. Tratado entre a Rússia e a Geórgia Soviética. O exército polonês invade a Rússia e ocupa Kiev. Recuo dos poloneses. Tukachevsky, à frente do exército vermelho, invade a Polónia, pelo norte, ocupa Brest-Litovsk e chega às portas de Varsóvia. Weigant em Varsóvia. O exército vermelho retira-se da Polónia. Armistício com a Polónia. Deschanel, presidente da República francesa. Morte de Deschanel. Eleição de Millerand para substituir Deschanel. A Grécia ocupa Andriápolis. A Turquia invade a Arménia. Morte de Alexandre I. Venizelos derrotado nas eleições. Volta de Constantino. Luta entre a Lituânia apozar-se de Memel. Poincaré, de acórdo com o governo belga, ocupa o Ruhr. Tratado grego-turco de Lausanne. Conflito italo-helênico. De Valera depõe as armas na Irlanda. Demissão de Bonar Law. Ministério Baldwin. Estabilização da moeda alemã. Schacht, presidente do Reichsbank.

1923

TOSSE - BRONCHITE - GRIPPE

XAROPE SÃO JOÃO



1929: Sala das Congregações, no palácio do Vaticano, 7 de junho, cerimônia da troca de ratificações dos acordos de Latrão, firmados em 11 de fevereiro do mesmo ano, entre o governo italiano e a Santa Sé, representados por Benito Mussolini e o cardeal Gaspari, secretário de Estado.

Golpe militar na Bulgária. Assassinato de Stambolisky. Assassinato, no México, de Pancho Villa. Morte de Harding, presidente dos EE. UU. Sobe à presidência C. Coolidge. Mustafa Kemal, presidente da Turquia. Ditadura militar de Primo de Rivera na Espanha. Morte de Guerra Junqueiro. Lenine pede, em seu testamento, que Staline seja afastado do cargo de secretário-geral do Partido. Lenine rompe as relações pessoais com Staline e se prepara para derrubá-lo, pedindo o concurso de Trotsky. Putsch de Hitler em Munique. Fuga de Hitler. Hitler é preso e condenado a um ano de detenção. Morte de Nilo Peçanha, de Hermes da Fonseca e de Ruy Barbosa.

1924

Morte de Lenine. Rikov substitui Lenine na presidência do Commissariado do Povo. Morte de Wilson. Ministério trabalhista na Inglaterra tendo à frente Mac Donald. Novas eleições. Vitória dos conservadores. Ministério Baldwin. Renúncia forçada de Millerand. Eleição de Doumergue para a presidência da França. Ministério Herriot. Assassinato de Matteotti na Itália. Ahmed Zogu, apoiado pelos iugoslavos, apodera-se do poder na Albânia. Abolição do califado na Turquia. Reforma completa do Estado. Plebiscito na Grécia. Proclamação da República. Aliança entre a França e a Tcheco-Eslavaquia. Acordo entre a Iugoslávia e a Itália. A Inglaterra e a França reconhecem

a União Soviética. Tratado sino-soviético. O de Xangai e de Nanquim. Desembarque de Kuo-Min-Tang reorganiza-se, aceitando a tropas japonesas em Chan-Toung. Ruptura participação dos comunistas. Gabinete li-entre os Kuo-Min-Tang e os comunistas beral de Kato no Japão. Morte de Anatole chineses. Conferência econômica internacional de Genebra. Staline opera a contra-revolução na Rússia e expulsa Trotsky e Zinoviev do Partido Comunista. Ruptura das relações diplomáticas entre a Rússia e a China. Kamenov e Zinoviev capitulam diante de Staline. Morte de Clemenceau. Execução de Sacco e Vanzetti. Heidegger formula a filosofia existencial.

1925

Início da evacuação do Ruhr. O fascismo se transforma em partido único. Supressão, na Itália, da responsabilidade parlamentar. Morte de Ebert, presidente da Alemanha. Eleição de Hindenburg. Trotsky é afastado do Comitê do Povo. Staline une-se a Bukharine e a Rikov, destrói a troika e consolida o seu poder pessoal. Forma-se a oposição russa chefiada por Trotsky. Zinoviev e Kamenov. Ahmed, presidente da república albanesa. Morte de Sun Yat-Sen. Instituição do sufrágio universal no Japão. Abd-el-Krim invade o Marrocos francês. Conferência e tratado de Locarno. Trotsky é destronado para Alma-Ata. Pacto Briand-Kelllog. Gabinete Müller na Alemanha. Renúncia de Pilsudski. Ahmed Zogü se proclama rei com o nome de Zog I da Albânia. Eleições na Grécia. Retorno de Venizelos ao poder. Chiang Kai-Chek, presidente da China. Hoover, presidente dos E.E.U.U. Surge o cinema falado. Inicia-se, na Rússia, a coletivização forçada das terras. Obregon novamente eleito presidente do México. Assassínio de Obregon. Irigoyen na Presidência da Argentina.

1926

Evacuação da zona de Colônia. Renova-se o tratado germano-russo de Rapallo. Revolução de Lácio: criação da cidade do Vaticano. Vitória dos trabalhistas nas eleições inglesas. Segundo ministério de MacDonald. Queda de Voldemares, na Lituânia. O rei Alexandre da Sérvia abol o regime parlamentar. Morte do marechal Foch. Os ingleses começam a evacuar a Renânia. Quebra de Poincaré, na França. Ministério de Briand. Trotsky é expulso da Rússia para a Turquia. Bukharine é destituído da presidência da Terceira Internacional. Tomskey é afastado da Federação Sindical. Ministério liberal de Hamaguchi no Japão. Última reunião de Gandhi à Inglaterra. Aliança Liberais: Getúlio Vargas e João Pessoa, candidatos à presidência e à vice-presidência do Brasil.

1927

Queda de Primo de Rivera. Tratado austro-italiano. Acordo naval entre a Inglaterra, o Japão e os E.E.U.U. Evacuação definitiva da Alemanha. Fim da conferência preparatória de desarmamento. Organização, na Itália, do Conselho Nacional das corporações. Ministério de Brüning. Eleições gerais: triunfo dos nazistas. Demissão de Schöber, na Austria, e retorno de Seipel. Medidas contra os comunistas na Finlândia. Volta ao trono Carol II da Romênia. Camarada de bolshevik, na Índia, feita por Gan-

1927

Fim do controle militar na Alemanha. Tratado italo-húngaro. Lindenberg atravessa pelo ar o Atlântico. Morte de Fernando I, da Romênia. Ministério conservador de Tatraia, no Japão. Chiang Kai-Chek aposa-se



LICORES FINOS
Famosos desde 1575
BOLS

dhá. Prisão de Gandhi. Conferência anglo-hindú de Londres. A França promulga uma constituição para a Síria. A Inglaterra reconhece a independência do Iraque. Rikoss é substituído por Molotov na presidência do Comissariado do Povo. Morte de Pío de Rivera. Ditadura de Uriburu na Argentina. Júlio Prestes eleito presidente do Brasil. Assassinato de João Pessoa. Insurreição de outubro. Deposição de Washington Luís. Junta Militar no Rio de Janeiro. Getúlio Vargas, ditador do Brasil.

1931

Morte do marechal Joffre. Acordo naval franco-anglo-italiano. Deposição, na Espanha, de Alfonso XIII. Proclamação da República. Eleições presidenciais da França. Briand derrotado por Doumer. Formação do governo, na Inglaterra, de união nacional sob a chefia de Mac Donald. Eleições na Espanha das cortes constituintes. Zamora presidente da República. Promulgação da Constituição. Vitória dos conservadores na Inglaterra. Conferência entre Hindenburg e Hitler. Frente única, na Prússia entre stalinistas e nazistas contra a social-democracia. Assembleia nacional chinesa de Nanquim. Modificações de governo no Japão. O ministério de Hamaguchi é substituído pelo ministério liberal de Nakatsuki, e este pelo ministério conservador Inukai. A China ocupa a Mandchúria. Acordo de Gandhi com o vice-rei da Índia. A Alemanha suspende seus pagamentos internacionais. Morte de Graga Aranha.

1932

O Japão cria o Mandchukuo. Abertura da conferência do desarmamento. Conferência de Ottawa. Morte de Briand. Eleições francesas. Assassinato de Doumer. Lebrun, presidente da França. Ministério Henriot. Eleições na Irlanda. Cosgrave substituído por De Valera. Gabinete de Dollfus na Austrália. Pacto de não-agressão entre a Rússia, a Polónia e a França. Dissolução dos Jesuítas na Espanha. Governo trabalhista na Suécia. Reeleição de Hindenburg. Queda de Brüning. Ministério de Von Papen, alto-comissário da Alemanha. Queda do ministério prussiano de Braun. Afastamento de Von Papen. Ministério Scheicher. Armistício sino-japonês. Roosevelt é eleito presidente dos EE.UU. Inicia-se a guerra do Chaco entre Paraguai e Bolívia. Assassinato de Onokai pelos nacionalistas japoneses. O legado do Papa expulso do México. É reconhecido à Alemanha o direito de igualdade. Independência das Filipinas. Salazar, presidente do governo português. Agustín P. Justo no governo da Argentina. Morte de Santos Dumont. Levante constitucionalista em São Paulo, apoiado pelo governador Pedro Toledo.



O militarismo japonês se exibia por todas as formas. Era o culto da família imperial. Os principais cargos de general ou de almirante. Mas o Japão de hoje não é mais o Japão de ontem. O primeiro-ministro Yoshida, na Conferência da Paz, em S. Francisco, disse: «O Japão é uma nação nova dedicada à paz, à democracia e à liberdade».

1933

Assassinato de Hitler ao poder. Incêndio do Reichstag. Criado dos campos de concentração. Plenos poderes a Hitler. Dissolução dos partidos. O Nacional-socialismo partido único. Trotsky proclama a falência da III Internacional. Criado da IV Internacional. Dollfus suspende o parlamento e interdita os partidos comunistas e nazistas. Dollfus põe a Austria sob a proteção de Mussolini. Constituição do partido alemão nos Sudetos. Reforma constitucional na Índia. Tratado entre a Holanda e o Japão. Nova constituição em Portugal, feita por Salazar, que

BIOTONICO FONTOURA
O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE!

1934

1935

1935

COMPANHIA DE COMÉRCIO E INDÚSTRIA

FREITAS SOARES

Fios e barbantes de linho, cânhamo, juta

Cabos e cordas de manilha, sical, côco, caroá e algodão

SEDE CENTRAL:

Rua da Alfândega, 133 — Fone: 43-8881 — Caixa Postal 1195

SEÇÃO COMERCIAL E VAREJO

Rua Senhor dos Passos n.º 8 — Fone: 43-8987

FÁBRICA:

Rua Almirante Ari Parreiras, 528.

RIO DE JANEIRO

VI. Eleições de liberais e socialistas no Japão. Tratado de Paz entre a Bolívia e o Paraguai. Tchang Suehling prende Chiang Kai-Chek. Chiang Kai-Chek põe em liberdade. Acordo austro-alemão. Protocolo franco-siriano. Protocolo franco-ibânico. Frente Popular em França. Vitória nas eleições. Ministério de Leon Blum. Vitória eleitoral da Frente Popular na Espanha. Ministério de Azafia. Deposição de Zamora. Azafia, presidente da Espanha. Assassinato de Calvo Sotelo. Insurreição de Franco no Marrocos. Franco nas portas de Madrid. Ministério de Largo Caballero com a colaboração dos socialistas, anarquistas e stalinistas. Em Londres, reúne-se a Comissão de não intervenção na Espanha. Hitler repudia o acordo de Locarno e recupera a Renânia. Reeleição de Roosevelt. Morte de Fouad I, Farouk I, rei do Egito. Acordo anglo-egípcio. Os italianos se apossam de Addis-Abeba. Morte de Maxim Gorki envenenado pela GPU. Fuzilamento de Zinoviev e Kamenev. Staline restabelece o capitalismo na Rússia sob a forma estatal. Pacto antikomintern germano-japonês. Trotsky é expulso da Noruega e encontra asilo no México. Prisão de Pedro Ernesto, prefeito do Rio de Janeiro, acusado de comunista. Hitler ocupa a Tcheco-Eslavaquia. Acordo anglo-turco. Pacto entre a Bulgária e a Iugoslávia. A Alemanha e a Itália retiram-se da comissão de não-intervenção. Pacto de não-agressão sino-soviético. A Itália adere ao pacto antikomintern. Gide, de volta da URSS, rompe com o stalinismo. Missão de Lord Halifax em Berlim. A Itália retira-se da Liga das Nações. Demissão de Baldwin. Ministério de Chamberlain. Queda de Leon Blum. Ministério de Chautemps. Queda de Largo Caballero. Gabinete de Juan Negrin na Espanha. A Alemanha bombardeia a Almeria. Eleições no Japão. Ministério Koneye. Entra em vigor a nova constituição indiana. Pacto de Saadabad entre as nações do Oriente Próximo. Os japoneses ocupam Peking, Chan Kong e Nankin. Tomas Mann é expulso da Alemanha. Novo processo em Moscou. Fuzilamento dos velhos bolchevistas. Execução de Tukhachevsky e mais sete generais do exército vermelho, he-ritais da guerra civil. Dissolução do parlamento brasileiro. Outorgada a Constituição do Estado Novo. Extinção dos partidos políticos. Supressão da liberdade de imprensa da autonomia sindical e de direito de greve. Ditadura de Getúlio Vargas. Hitler ocupa a Dinamarca. Hitler ocupa a Noruega. Hitler ocupa a Finlândia. Morte de Pio XI. Pontificado de Pio XII. Wang Tsing-Wei constitui-se em governo títere do Japão. A Rússia é excluída da Liga das Nações. Morte de Freud. A Noruega e a Suécia recusam-se a dar passagem para a Finlândia ao corpo expedicionário dos aliados. Hitler invade a Dinamarca e a Noruega. Governo de Quisling na Noruega. Ocupação da Islândia pelos ingleses. Queda de Chamberlain. Gabinete de Churchill. Invasão da Bélgica, da Holanda e

1937 1938 1939

Hitler ocupa a Tcheco-Eslavaquia. Garantias inglesas a Romênia. Hitler intima a Lituânia a ceder-lhe Memel. Pacto anglo-polonês. Mussolini ocupa a Albânia. Entendimento entre a Inglaterra e a Grécia. Hitler denuncia o acordo naval anglo-alemão. O governo de Franco é reconhecido pela França e pela Inglaterra. Acordo anglo-turco. Krivitsky, chefe da GPU no mundo oriental, rompe com Staline. Aliança militar entre a Alemanha e a Itália. Os EE. UU. denunciam o tratado comercial nipo-americano. Em Moscou a missão militar anglo-francesa. Molotov substitui Litvinov no comissariado de Negócios Estrangeiros. Pacto Hitler-Staline. Hitler ocupa Dantzig. A França e a Inglaterra declaram guerra a Alemanha. A Polónia é dividida entre Alemanha e a Rússia. A Rússia declara a Finlândia. Morte de Pio XI. Pontificado de Pio XII. Wang Tsing-Wei constitui-se em governo títere do Japão. A Rússia é excluída da Liga das Nações. Morte de Freud. 1940

A Noruega e a Suécia recusam-se a dar passagem para a Finlândia ao corpo expedicionário dos aliados. Hitler invade a Dinamarca e a Noruega. Governo de Quisling na Noruega. Ocupação da Islândia pelos ingleses. Queda de Chamberlain. Gabinete de Churchill. Invasão da Bélgica, da Holanda e

PERNILONGOS? DETEFON

O MAIS FORTE!

do Luxemburgo. Capitulação da armada ho-
landesa. Capitulação do rei Leopoldo da Bel-
gica. Dunquerque. A Itália invade a França.
Ocupação de Paris. Demissão de Reynaudi.
Apelo de De Gaulle aos franceses. Armisti-
cio franco-alemão. Armistício franco-italiano.
Instalação do governo francês em Vichy. Ba-
talha aérea na Inglaterra. Haakon VII or-
dena a cessação de fogo na Noruega. De
Gaulle reconhecido pela Inglaterra como che-
fe da F.F.I.L. De Gaulle é condenado à mor-
te na França. Tratado de paz russo-finlan-
dês. Divisão da Romênia por Hitler e Sta-
line. A Estônia, a Letônia e a Lituânia sob
o controle da Rússia. Antonesco se aposa-
do poder da Romênia. Abdicação de Ca-
rol II. Serviço militar obrigatório nos EE.
UU. Reeleição de Roosevelt. Ofensiva ita-
liana na Líbia. Ultimatum japonês a França
concernente à Indochina. Ataque japonês
contra a Indochina. Os ingleses repelem a
ofensiva no Egito. Trotsky é assassinado, no
México, por um agente da GPU. Cardenas é
suicidado por Camacho no governo mexicano.

1941

A Alemanha entra na Bulgária. Os ale-
mães invadem a Iugoslávia e a Grécia. De-
semparado dos EE. UU. na Groenlândia.
Fim da resistência iugoslava. Ocupação de
Atenas e do Peloponesso. O rei Jorge foge
para Creta. Os alemães desembarcam em
Creta. Desembarque americano na Islândia.
Intervenção de Rommel na Líbia. Os ingleses
se apossam de Addis-Abeba. Afundamento
do Bismarck. Os ingleses invadem a Síria.

1942

Ofensiva russa na região de Kharkov. Ofen-
siva alemã contra Sebastopol. Início da ba-
talha de Stalingrado e do Cáucaso. A Ale-

CABELLOS BRANCOS SÃO SIGNAL DE VELHICE!

**É preciso combater a causa do
embranquecimento dos cabelos**



★ Os cabelos bran-
cos são provocados
pelo destruição da
matéria pigmentar
que lhes dá a cor
natural a qual é ate-
cedo por um micro-
organismo, que age
como um verdadeiro
oxydu.



HA muita gente moça
de cabelo branco.
As feições, embora jovens,
perdem todo o seu vigor,
empanadas por uma ca-
beça encanecida. Cumpre
cornigir o mal, comba-
tendo-lhe a causa com o
uso da Loção Brilhante,
que é um poderoso mi-
crobicida. A sua applica-
ção é facilissima. Umas
tantas gotas usadas pela

manhã no momento de
pentear se,devolverão aos
cabellos brancos ou gri-
salhos a sua cor natural
e primitiva. Nem as pes-
soas mais intimas expli-
carão o milagre por que o
cabello se torna sedoso
e brilhante.

Em poucos dias começará
a readquirir a cor primi-
tiva, com a qual irão
nascendo os fios novos

LABORATORIO ALVIM & FREITAS S. A. • SÃO PAULO

Loção Brilhante

manha ocupa a zona livre da França. Ocupação de Toulon pelos alemães. Os franceses destroem a sua própria esquadra. Os japoneses ocupam Manila e Singapura. Capitulação de Java. Os americanos bombardeiam Tóquio. Os japoneses dominam a rota da Birmânia. Madagascar ocupada pelos ingleses. Fim da resistência americana nas Filipinas. Ofensiva de Romani na Líbia. Ofensiva de Montgomery no Egito. Derrota alemã. Desembarque aliado na África do Norte. Fim das hostilidades. Desembarque alemão na Tunísia. Conferência do Rio de Janeiro: as nações americanas rompem com os países do eixo. Os EE. EE. declaram guerra a Bulgária. Anexação do Luxemburgo pela Alemanha. Ruptura das relações diplomáticas entre os EE. UU. e o governo de Vichy. Jorge II abole a ditadura. Missão Stafford Cripps na Índia. Laval à frente do governo de Vichy. O Congresso hinaiu reclama total independência. Supressão dos comissários políticos no exército vermelho. Darlan abandona o governo de Vichy. Assassinato de Darlan. Prisão de Weygand na Alemanha. O general Giraud comanda na África. Os franceses partidários de De Gaulle. Morte de Bergson. O Brasil declara guerra à Alemanha e à Itália. Morte de Seabra e Epitácio Pessoa.

1943

Conferência de Casablanca. A Inglaterra se recusa a reconhecer a anexação de Tân-

ger pela Espanha. Capitulação dos alemães em Stalingrado. Os russos libertam o Cáucaso. Os alemães retomam Kharkov. Libertação de Bizerta e de Tísis. Termina a campanha na Tunísia. Doenitz à frente da marinha alemã. Trabalho forçado na Bélgica, na França e na Tcheco-Eslavaquia. Sublevação dos Judeus na Polónia. Greve dos mineiros nos EE. UU. Constituição do Comité Francês de Libertação Nacional. Saad dissolve o III Internacional. Morte do general Sikorski. Ministério Mikolajczyk. Dissolução na Suécia, das organizações nazistas. Desembarque aliado na Sicília. Mussolini em minoria no Grande Conselho Fascista. Queda e prisão de Mussolini. Governo de Badoglio na Itália. Dissolução do Partido fascista italiano. Giraudi comandante em chefe das forças francesas. Desembarque aliado na Itália. Armistício italiano. A Alemanha ocupa o norte da Itália e Roma. Libertação de Mussolini. Fundação da República Social Italiana. A Itália declara guerra a Alemanha. Restabelecimento dos direitos constitucionais na Itália. A Itália é reconhecida como co-beligerante. E' restaurado o patriarcado russo com a aprovação de Staline. Os russos chegam a Smolensk. Dniepropetrovsky novamente nas mãos dos russos. Os japoneses proclamam a independência da Birmânia e das Filipinas. Conferência de Quebec. Formação do governo de Tito na Iugoslávia. E' transferido para a Síria e ao Líbano o poder exercido pela França. Conferência do Cairo e de Teerã. Sartre introduz o existencialismo

CASA EDISON

Fred. Figner & Cia., Ltda

RUA 7 DE SETEMBRO, 90

FONE: 22-7780 — CAIXA POSTAL 1552
CURSO DE DACTILOGRAFIA

Agentes exclusivos de

- Máquinas de escrever "HERMES"
 - Máquinas de Somar "ULTRA"
 - Máquinas de Calcular "MADAS"
 - Máquinas de Somar e Calcular "COMPTOMETER"
 - Gabinets de Ago "ACME", para arquivamento horizontal
 - Móveis de Ago "GENERAL FIREPROOFING"
 - Máquinas Protetoras de cheques "HEDMAN"
 - Duplicadores a álcool "REX-O-GRAPH"
 - Duplicadores "REX ROTARY"
 - Sistema "MC BEE", (métodos e sistemas de análises, distribuição, estatística e controle)
 - Móveis de Ago e "FIGNER"
 - Cofres "TORPEDO"
 - Cofres Domésticos "UNICO" (com fundo falso e de segurança)
- PERTENCENTES EM GERAL E DEMAIS ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO
OFICINAS PRÓPRIAS PARA CONSERTOS E REVISÕES



na França. Liberdade de Gandhi após a morte de sua mulher na prisão. Morte de Edmundo Bittencourt.

1944

Libertação da bacia do Don. Os alemães ocupam a Hungria. Libertação da Criméia. A Rússia recusa-se a negociar com o governo polonês. Execução do Conde Ciano por determinação de Mussolini. A Irlanda se recusa a romper as relações diplomáticas com o Eixo. Kravchenko escolhe a liberdade, rompendo, nos E. U., com a União Soviética. Acordo econômico russo-japonês. Carta de Filadélfia. Abdicação de Victor Emmanuel. Demissão de Giraud. Ministério grego de Papandreu. Independência da Islândia. Afastamento de Badoglio. Governo de Bonomi. Desembarque na Normandia. Ocupação dos países bálticos. Encontro de De Gaulle com Roosevelt. Constituição do governo de Lublin. A Inglaterra recusa-se a reconhecer o governo de Lublin. Demissão de Tojo. Atentado contra Hitler. Assassinato de Mendel. Ruptura diplomática entre a Alemanha e a Turquia. Pétain na Alemanha. Os aliados em Paris. A Bulgária exige a retirada das tropas alemãs. A Finlândia rompe com a Alemanha. Armistício russo-finlandês. A Hungria declara guerra à Romênia. A Suíça suspende o fornecimento de material de guerra para a Alemanha. Os aliados em Bruxelas. Armistício russo-búlgaro. Os aliados em Atenas. Retorno do governo grego à Atenas. Os aliados em Belgrado. Conferência de Dumbarton-Oaks. Conferência de Moscou. Re-

eleição de Roosevelt. Tóquio bombardeada. Pacto franco-russo. O Comitê de Lublin proclama-se governo provisório da Polónia. Volta de Thorez a Paris. Morte de Romain Rolland.

1945

Pedro II da Iugoslávia aceita a formação do governo Tito-Soubachitch. Armistício húngaro. Churchill, Roosevelt e Staline em Yalta. Conferência Pan-americana no México. Constituição da Liga Árabe no Cairo. Conferência mundial dos Sindicatos, realizada em Londres. Os aliados atravessam o Reno. Volta de Benes a Tcheco-Eslaváquia. Os russos em Viena. Os russos nos subúrbios de Berlim. Desaparecimento de Hitler. Doenitz assume o governo. Dissolução do governo Doenitz e prisão de seus membros. Conferência de São Francisco. Morte de Roosevelt. Truman no governo dos E. U. Prisão e execução de Mussolini. O corpo de Mussolini, em Milão, é exposto em praça pública. Capitulação das forças alemãs na Itália. Capitulação da Alemanha na Noruega. Capitulação geral das forças armadas alemãs. Elaboração da Carta das Nações Unidas. Tito ocupa Trieste. Os ingleses ocupam a Síria e o Líbano. Os E. U. reconhecem o novo governo polonês. Libertação total da Birmânia. Vitória dos partidos de esquerda na França. Os trabalhistas se retiram do gabinete. Eleição na Inglaterra. Vitória dos trabalhistas. Formação do gabinete Attlee. O rei Leopoldo, na Bélgica, recusa-se a abdicar. Emprego da bomba atômica em Hiroshima. A Rússia declara guerra ao Japão. Capitulação definitiva do Japão. A China reconhece a independência da Mongólia soviética. Aliança russo-chinesa. A Espanha evacua a zona de Tânger. Governo Ho-Chi-Minh na Indochina. Tratado russo-polonês. Processos de Pétain e de Laval. A Hungria assina um pacto com a Rússia, aceitando o controle soviético. Eleições gerais na Iugoslávia, Bulgária e Hungria. Proclamação da República na Iugoslávia. Eduardo Gomes candidato à presidência do Brasil. Deposição de Getúlio Vargas. Assume o governo José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal.

1946

De Gaulle renuncia o governo francês. Goulart na Presidência da França. Instalação do Conselho de Segurança. Entendimento entre a Rússia e o Irão. Governo de coalizão na China. Acordo entre Chiang Kai-Shek e Mao Tsé-Tung. Byrnes acusa o governo polonês de exercer o terror sobre os democratas que não apoiam o regime soviético. Tropas inglesas no Japão. Polêmica entre Churchill e Staline. Tratado anglo-japonês. Governo de coalizão na França em torno do presidente Bidault. A Itália e a Iugoslávia disputam Trieste. Trieste zona internacional. Mihailovitch julgado e fuzilado na Iugoslávia. Zhukov relegado, na Rússia, a um posto secundário. Conferência de paz, em Paris, para a Itália, Romênia, Hungria, Bulgária e Finlândia. Eleições favoráveis a volta do rei Jorge a Atenas. Guerra civil na Grécia. Guerra civil na Indonésia. Processo de Nuremberg. Execução dos grandes líderes nazistas. Suicídio de Goering. Guerra civil na China. Perón na presidência da Ar-

UM BANCO

DO POVO

Confiança e Segurança

JUROS 6%



Ordem de pagamento sem
comissão para nossos clientes
em todos os Estados

ABRA SUA CONTA E PAGUE
COM CHEQUES

Travessa Ouvidor, 28



gentina. Eurico Gaspar Dutra na presidência do Brasil. Volta do país ao regime constitucional.

1947

Fusão das zonas anglo-americanas na Alemanha. Os socialistas, com todo o mundo, protestam contra o trabalho escravo na União Soviética calculando em 20 milhões os condenados a trabalhos forçados. Terror na Palestina. Byrnes é substituído por Marshall no Secretariado de Estado. Fracasso de Marshall em sua missão para restabelecer a paz na China. Plano Marshall. Cisio no partido socialista italiano. Saragat contra Neni. Vincent Auriol presidente da quarta república francesa. Tratado militar franco-britânico. Mac Arthur propõe a paz imediata para o Japão. Abdicação de Cristiano X da Dinamarca. Ministério Schumann. Retirada das tropas britânicas na Índia. Gabinete de Ramadier. Greves em Paris e em Roma. A Rússia se opõe à entrada da Austrália na ONU. Excluída a China de entre os grandes. Derrota dos stalinistas na Itália. Liberdade de Abd-El-Krim. Abd-El-Krim no Egito. Golpe stalinista na Hungria e na Bulgária. Suspensão dos partidos oposicionistas na Romênia. Conferência dos chanceleres em Petrópolis. Truman no Brasil.

1948

Benes aceita a mudança do regime tcheco-eslovaco exigido pelo chefe do gabinete stalinista. Clemente Gottwald. Instala-se em

Paris a Segunda Conferência dos 16 países acolhidos no plano Marshall. Suicídio de Jan Massarik no Tcheco-Eslováquia. Pacto russo-finlandês. Os EE. UU. apolam o plano da partilha da Palestina aprovado pela ONU. Luigi Einaudi eleito presidente da Itália. Termina o mandato britânico na Terra Santa. Proclamação do Estado de Israel. Os EE. UU. reconhecem o Estado de Israel. Assassinato de Bernadotte em Jerusalém pelos terroristas do grupo Stern. Renúncia de Benes. Reforma monetária para as três zonas da Alemanha ocidental. Bloqueio de Berlim pelos russos. Os aliados abastecem Berlim pelo ar. Anuncia-se, em Praga, o rompimento de Tito com o Cominform. Entra em vigor o plano Marshall. Togliatti alvejado com três tiros ao sair do Parlamento. Dewey, Wallace e Truman candidatos à presidência dos EE. UU. Renúncia de Zoltan Tildy. Arpad Sza-jarcitz, presidente da Hungria. Conferência danubiana. O exército da Índia invade o principado de Hyderabad. Ocupação de Múrcia, capital da Manchúria, pelos comunistas chineses. Truman eleito presidente dos EE. UU. Morte de Pershing. Morte de Emil Ludwig. Assassinato de Gandhi na Índia.

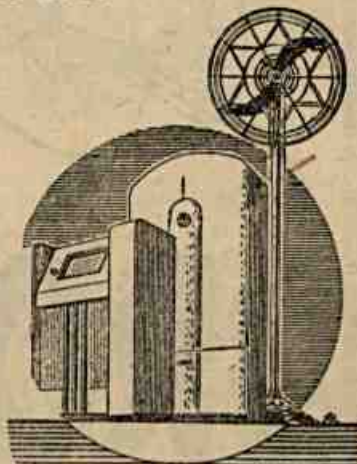
1949

Substituição de Marshall por Acheson no Secretariado de Estado norte-americano. Armistício entre o Egito e Israel. Vishinsky substitui Molotov na pasta das Relações Exteriores. Processo do Cardeal Mindszenty, na Hungria. Condenação à prisão perpétua. Pro-

JORGE T. ABDALLA & CIA. LTDA.

Incorporadora e Distribuidora
de aparelhos elétricos

Rádios - Refrigeradores - Máquinas
de lavar e passar - Circuladores de
ar - Bebedouros - Utilidades do-
mésticas elétricas - Discos nacionais
e estrangeiros.



LOJA CASTELO — Av. Almirante Barroso, 86 — Fones: 42-3217 e 42-8523

LOJA COPACABANA — Rua Barata Ribeiro, 236 — Fone: 37-1133

END. TELEGR.: "JORDALLA" — RIO.

cesso de Kravchenko em Paris. Golpe de Estado na Síria. Pacto do Atlântico. Acordo sobre a Alemanha. Admissão de Israel na ONU. Levantado o bloqueio de Berlim. Movimento revolucionário na Síria. Fuzilamento do presidente Husayn Zaim e do primeiro ministro Holsen Barazi. Guerra fria entre Moscou e Belgrado. Nova república alemã. Adenauer apresenta ao parlamento de Bonn o primeiro gabinete da República Federal da Alemanha. Processo em Budapeste. Condenação e execução de Rajk, ex-chanceler da Hungria. A Rússia de posse da bomba atômica. Proclama-se oficialmente a República Popular da China, tendo como presidente líder stalinista Mao-Tsé-Tung. Leis nos EE. UU. de ajuda econômica ao exterior e rearmamento das nações não comunistas. República democrática e popular da Alemanha oriental. Derrota dos comunistas nas eleições da Noruega. Renúncia do gabinete Quelle. Ministério Bidault, em Paris. Independência da Líbia. A ONU concede a Itália a administração da Somália. Serviço militar obrigatório na Alemanha oriental. Nacionalização da indústria do aço na Inglaterra. Morte de Richard Strauss.

1950

A Inglaterra reconhece o governo chinês de Mao-Tsé-Tung. O Congresso dos Sindicatos da Inglaterra vota pela exclusão dos comunistas e dos fascistas de suas conferências anuais e do Comitê Consultivo Conjunto. Tratado de aliança entre a Rússia e a China de Mao-Tsé-Tung. Chiang Kai-Chek assume em Taipei, capital de Formosa, a presidência da China nacionalista. A Alemanha ocidental no Conselho da Europa. A Coreia do Norte invade a Coreia do Sul, atravessando o paralelo 38. Truman ordena a intervenção das forças armadas norte-americanas para conter a invasão da Coreia, entregando o comando a Mac Arthur. Formosa é colocada sob a proteção da 7.ª esquadra dos EE. UU. Ocupação da capital sul-coreana pelos coreanos do norte. O Conselho de Segurança exige a suspensão das hostilidades na Coreia. Conferência Truman-Attlee. Truman proclama o Estado de Emergência Na-

cional. O governo norte-americano suspende o comércio com a China de Mao-Tsé-Tung e a Coreia do Norte. Depois de uma ausência de seis meses, a Rússia volta a participar do Conselho de Segurança. Abdicação, na Bélgica, de Leopoldo III. Entrevista Truman-Mac Arthur na ilha de Wake. O Conselho do Atlântico escolhe Eisenhower para comandante das forças defensivas do Atlântico, fixando, na Europa, o seu quartel-general. Seul retomada pelos sul-coreanos. As tropas da ONU atravessam o paralelo 38. Intervenção, na Coreia, da China de Mao-Tsé-Tung. Morte de Bernard Shaw.

1951

Ofensiva da China na Coreia. Mac Arthur sustenta a necessidade de bombardear as bases da Manchúria. Destituição de Mac Arthur de todos os comandos no Oriente. Depois de quinze anos de ausência, Mac Arthur volta aos EE. UU. Grandiosas manifestações do povo americano a Mac Arthur por ocasião de seu regresso. Ridgway à frente de todos os comandos no Oriente. Mac Arthur, Bradley, Marshall e Acheson depõem nas comissões senadoras dos EE. UU. Morte de Carmona. Morte de André Gide. Cisão no Partido Comunista italiano. Derrota dos stalinistas nas eleições municipais da Itália. Assassinato do general Rasmara, primeiro ministro do Iraque. Nacionalização do petróleo. Conflito anglo-iraniano. Contraofensiva das forças da ONU na Coreia. Seul retomada aos vermelhos (15 de março). Ultrapassado novamente o paralelo 38. Sugestão soviética de negociações para solução pacífica do conflito coreano. O Kremlin reafirma basear sua política na possibilidade de coexistência pacífica de ambos os sistemas: socialismo e capitalismo. André Gromyko confirma ao embaixador dos Estados Unidos em Moscou, almirante Kink, que a proposta feita por Jacob Malik foi ato maduramente pensado pelo Kramlin. Abertura de conversações de armistício em Kaesong, sem esmorecimento da ofensiva aliada. Acusações recíprocas de violação da zona neutra de Kaesong. Rompimento das negociações (16 de agosto).

(Continua na Resenha Internacional)

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS GERAIS

Incêndio, Transportes

Acidentes Pessoais e Responsabilidade Civil

AV. RIO BRANCO, 91 - 5.º — Telefone 43-7745

RIO DE JANEIRO

Confeitaria Colombo

*As mais delicadas iguarias
em um
ambiente da maior distinção*



A Colombo

*caracteriza a vida
social do Rio de Janeiro
na sua expressão de fina
e requintada elegância.*

RUA GONÇALVES DIAS, 32/36

FILIAL DE COPACABANA:

AV. N. S. DE COPACABANA, 890

ESQUINA DA RUA BARÃO DE IPANEMA

O mesmo serviço irrepreensível e os
mesmos preços razoáveis da Casa Matriz.

JOCKEY CLUB BRASILEIRO

GRANDE PRÊMIO BRASIL



NO 1º DOMINGO DE AGOSTO
DE CADA ANO

Nunca despreze o VALOR DA BOA APARÊNCIA!



bem barbeado... casado!

Fazer a barba em casa é um hábito salutar que oferece inúmeras vantagens. Em seu próprio benefício, adquira um aparelho Gillette Tech e passe a usá-lo, diariamente, com Gillette Azul, as lâminas que custam menos porque duram mais.

Gillette
AZUL



CHURCHILL NOVAMENTE NO PODER

AS ELEIÇÕES DE 25 DE OUTUBRO NA INGLATERRA APEARAM
DO GOVERNO O PARTIDO TRABALHISTA



O GRANDE LÍDER NA GUERRA — Winston Churchill inspecionando uma unidade de "comando", examina a faca de um soldado

OUTUBRO

É assim que se dissolve o Parlamento na Inglaterra e assim foi dissolvida a Câmara dos Comuns, na sua última sessão de 4 de outubro, tudo a pedido do primeiro-ministro e ordenado pelo rei, para nova consulta aos eleitores. "As tradições históricas são tão fortes na Inglaterra que acontecimentos verificados em tempos antigos ainda hoje marcam os momentos mais críticos da vida britânica".

Depois de homenagear o rei, por motivo de sua enfermidade, todos ficaram aguardando a chegada do funcionário da "vara negra", general Barrack, agente de ligação entre os Lords, expressão da vontade do rei,

e a Câmara dos Comuns, expressão da vontade popular. O funcionário da "vara" era esperado na entrada do recinto por um sargento de armas, de espada à cinta, que cernegou, segundo a tradição, em sinal de independência, por bater-lhe à porta na cara, antes de lhe dar passagem. Introduzido, com o consentimento do presidente da Casa, que usava a clássica cabeleira branca, o "funcionário da vara" informou que o Lord Chanceler esperava os deputados para ler, na Câmara dos Lords, a proclamação real prorrogando o Parlamento, isto é, segundo o direito constitucional inglês, dissolvendo a Câmara dos Comuns.

Atrás do presidente da Casa, formou-se um cortejo, por partidos, Attlee e Churchill,

Morrison e Eden e Butler, seguidos por todos os deputados.

Na Câmara dos Lords, o Lord Chanceler, sentado tradicionalmente num saco de lã, símbolo do comércio britânico, leu o discurso escrito aliás, pelo primeiro-ministro, segundo as regras constitucionais.

Attlee, de pé, na barra da Câmara dos Lords, parecia ouvir pela primeira vez as palavras pronunciadas pelo Lord Chanceler.

Depois de alguns minutos, voltaram todos à Câmara dos Comuns, em cortejo, onde o presidente releu o discurso do rei e o decreto "prorrogando" a Câmara, isto é, dissolvendo-a. Attlee e Churchill levantaram-se, então, para se despedirem do presidente da Câmara e atrás deles todos os seus colegas desfilarão diante da poltrona da presidência.

Os deputados e os ministros levam seus "dossiers" e objetos pessoais, e o Palácio de Westminster volta a ser propriedade rural guardada pela polícia que impedirá até o próprio primeiro-ministro de penetrar no recinto.

PROCESSO E MECANISMO DAS ELEIÇÕES

O processo das eleições na Grã-Bretanha se assemelha aos dos outros países com algumas exceções: 1.º) o presidente da mesa marca o número do eleitor nas costas da cédula eleitoral a fim de poder encontrar seu possuidor no caso de reclamação; 2.º) a cédula não tem cor política de cada candidato. Na parte esquerda estão inscritos em ordem alfabética os diversos nomes dos candidatos da circumscrição. A parte direita fica em branco.

O mecanismo da votação é o seguinte: o eleitor entra na seção eleitoral e apresenta seu título de eleitor que lhe foi enviado pelo correio a um funcionário, que lhe entrega uma cédula e riscas seu nome na lista eleitoral. O eleitor penetra, então, na cabine indecifrável e marca uma cruz na parte direita da cédula, em frente ao nome do candidato que deseja eleger. Depois dobra a cédula e deposita-a no "ballot box" (urna), colocada na mesma peça e guardada por dois policiais. Cartazes lembram a cada eleitor que pode lhe custar 1 ou 2 anos de prisão se tentar se fazer passar por outro e uma multa de 100 libras se pretender votar duas vezes.

Por esse processo, o eleitorado britânico apoeu do Poder o Partido Trabalhista, no grande pleito de 25 de outubro, embora tendo o primeiro em voto popular. É o que a maioria do Parlamento se decide pelo número de cadeiras. A sorte do gabinete trabalhista se decidiu quando, faltando apenas 14 cadeiras das 625 da Câmara dos Comuns, os Conservadores reuniram os 313 votos neces-

sários para compor a maioria absoluta — o que se verificou na apuração dos resultados do distrito eleitoral de Southeast, dia 26, às 16 horas e 33 minutos (hora de Londres), exatamente com a vitória do candidato conservador, cap. C. Waterhouse (23.838 votos) sobre seu adversário trabalhista (18.225 votos).

O Partido Trabalhista ficou em segundo lugar com 292 cadeiras, o Liberal com 5, e outros agrupamentos menores, 1.

Faltando apurar apenas três distritos, os das ilhas ocidentais de Argyll e Bannalee, dos 625 distritos eleitorais, as cifras sobre o voto popular e respectivas percentagens dos diversos partidos acusavam os seguintes resultados:

Trabalhistas	13.927.299 votos, ou 49%
Conservadores	13.679.924 votos, ou 48%
Liberals	717.893 votos, ou 2%
Comunistas	21.843 votos
Vários Partidos ..	147.345 votos

O total global de Comunistas e dos vários partidos representa um por cento dos votos recebidos e apurados.

Os dez candidatos comunistas foram derrotados e o Partido Liberal, fundado há 270 anos, deixou praticamente de existir, na política ativa, ao serem derrotados seus líderes dos setores de direita e de esquerda. O único liberal de destaque que foi eleito, Clemente Davies, chefe do Partido, sempre votou, no Parlamento anterior, com os conservadores.

Lady Violet Bohnham Carter, filha do extinto primeiro-ministro Herbert Asquith, e ex-presidente do Partido Liberal, foi derrotada por seu rival trabalhista, apesar de ter contado com o apoio pessoal de Winston Churchill.

Lady Megan Lloyd George, filha do extinto primeiro-ministro Lloyd George, que era sublíder do bloco parlamentar liberal, foi derrotada pelo trabalhista C. Hughs em Anglesey, depois de haver representado esse distrito na Câmara dos Comuns durante 22 anos.

Attlee e quase todos os membros do seu gabinete foram reeleitos, bem como todos os que constituem a ala rebelde do Partido Trabalhista: Aneurin Bevan, Michael Foot, que derrotou em Plymouth o filho de Winston Churchill, Randolph; Sydney Silverman, Ian Mikardo e Barbara Castle.

O NOVO GABINETE

Conhecido o resultado decisivo do distrito de Southeast, Attlee apresentou ao rei seu pedido de demissão e os ministros demissionários, para não fatigar o soberano, enviaram os selos de seus cargos ao Conselho Privado. Churchill, nomeando primeiro-ministro, presta juramento; volta a fazê-lo como Primeiro Lord do Almirantado e ministro da Defesa e antes de decorridas

TRAÇAS? DETEFON

O MAIS FORTE!

vinte e quatro horas da sua vitória eleitoral, apresenta ao rei Jorge VI seu gabinete: Relações Exteriores (Foreign Office) e líder da Câmara dos Comuns, Anthony Eden; Chanceler do Erário (Finanças), R. A. Butler; Lord do Selo Privado e líder da Câmara dos Lords, marquês Salisbury; Interior e País de Gales, Sir David Maxwell Fyfe; Trabalho, Sir Walter Monckton; Colônias, Sir Oliver Lyttleton; Lord presidente do Conselho, Abastecimentos e Agricultura, Lord Woolton; Relações com a "Commonwealth", general Lord Ismay.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Anthony Eden — Seu nome inteiro é Robert Anthony Eden; tem 54 anos de idade e é a terceira vez que se vê à testa do Foreign Office, desde que se meteu na política após a terminação da Primeira Guerra Mundial. Fez essa guerra de 1915 a 1919, como capitão do "Royal Rifle Corps"; foi eleito deputado em 1921, depois de um fracasso nas eleições de 1920, e desde então esteve sempre na Câmara dos Comuns. Foi subsecretário do Foreign Office e passou a ministro em 1935, com a demissão de Sir Samuel Hoare. Demitiu-se, por sua vez, em 1938, por discordância com a política do "guarda-chuva", de Chamberlain para com a Itália fascista, prognóstico da que o mesmo primeiro-ministro teria posteriormente com a Alemanha nazista. Em 1940, após a ascensão de Churchill ao poder, voltou ao Foreign Office, mantendo-se neste posto durante toda a Segunda Guerra Mundial, e caindo quando os conservadores cederam o poder aos trabalhistas. Desde então ficou sendo o "imediatista" ou "defim" de Winston Churchill, posição a que volta agora, novamente no poder. Eden é tido como um dos políticos mais simpáticos, maneirosos e cultos da Inglaterra, destacando-se mesmo como diplomata completo e homem de sociedade.

Marquês de Salisbury — Membro de uma das mais antigas e destacadas famílias da alta nobreza inglesa. É conservador tradicional, político de grande cultura e defensor da "política forte" no governo.

David Maxwell-Fyfe — Foi de 1942 a 1945 advogado-geral e, depois, "Attorney General", posto equivalente ao de ministro da Justiça. Delegado à Assembléia Consultiva do Conselho da Europa e presidente do seu "Comitê" Jurídico de 1948 a 1950. É tido como um dos mais brilhantes juristas britânicos.

Walter Monckton — É uma das glórias do "foro" de Londres. Foi consultor jurídico do rei Eduardo VIII e continuou nessas funções com o mesmo quando passou a Duque de Windsor. Tem 60 anos, é deputado de Bristol e durante a última guerra dirigiu os serviços da Censura e, depois, da Propaganda, no Cairo. Foi ministro da Justiça no Gabinete de Churchill durante a guerra.

Oliver Lyttleton — Personalidade das mais destacadas em toda a vida do Partido Conservador, antes, durante e depois da guerra. Foi ministro várias vezes e, na oposição, um dos mais ativos deputados "churchillistas".

R. A. Butler — Moço ainda, com apenas 48 anos. Nasceu na Índia e entrou para a Câmara em 1929. Seu pai foi administrador na Índia e R. A. Butler sempre se destacou

como conhecedor das coisas indianas. Foi subsecretário e ministro várias vezes.

Lord Woolton — As funções que exerce no novo Gabinete são as mesmas que exerceu no primeiro Gabinete Churchill. Desde a derrota de 1945 é presidente da "Organização do Partido Conservador" e foi um dos maiores artífices da volta do mesmo ao poder. Grande industrial, membro de várias importantes companhias. Foi o criador do sistema do racionamento de gêneros alimentícios, no antigo Gabinete da guerra, sistema que ainda hoje é o vigorante nas suas linhas mestras.

Lord Ismay — General Hastings Lionel Ismail, barão Ismay de Wormington. Foi o secretário-militar do gabinete de guerra de Churchill de 1940 a 1945. Tem 64 anos e fez toda sua carreira no Exército, destacando-se consideravelmente. Serviu longo tempo nas Índias, para onde voltou na Segunda Guerra Mundial como chefe do estado-maior do vice-rei Mountbatten. Fora designado pelo ministro do Exterior trabalhista, Morrison, para presidente do Conselho de Administração do Festival da Grã-Bretanha, que recentemente terminou. Na Segunda Guerra Mundial foi elemento de destaque, e ocupou o alto posto (até 1946, depois de terminada a guerra) de chefe do Estado-Maior Imperial.



Assim falou Platão: O maior erro que os médicos cometem é procurar curar o corpo sem tentar curar o espírito; no entanto, a mente e o corpo são unos, e não devem ser tratados separadamente.

A INGLATERRA — O PETRÓLEO DO IRÃO E EGITO



MOSSADEGH

MARÇO

7 — Assassinato do primeiro-ministro Ali Razmara, contrário à nacionalização dos campos petrolíferos. Hussein Ala, novo chefe do governo declara a lei marcial em Teerã para reprimir manifestações extremistas. Paralisação do trabalho na refinaria de Abadan, a maior do mundo, que fornece quase 50 por cento do consumo das nações ocidentais.

ABRIL

27 — A Comissão do Petróleo pede ao Parlamento que assuma, imediatamente, a

responsabilidade de todas as atividades da A.I.O.C. A direção da companhia dirige-se ao governo e assim formula seu protesto: "Protestamos formalmente contra as tentativas unilaterais de modificação das condições de atividade da companhia no Irão". Renúncia de Hussein Ala.

28 — O Parlamento aprova por unanimidade a lei de nacionalização, apresentada pelo líder da "Frente Nacional", dr. Mohammed Mossadeqh, chamado a constituir o novo governo.

MAIO

2 — O Xá da Pérsia sanciona o projeto de

lei que nacionaliza a indústria petrolífera do país.

26 — O representante da "Anglo-Iranian Oil Company" requer à Corte Internacional de Justiça a designação de um árbitro a fim de resolver a questão que tem com o governo iraniano e, por sua vez, o encarregado de Negócios da Inglaterra em Haia, apresenta à Corte uma queixa contra o Irão, acompanhada de uma carta do consultor jurídico do Foreign Office.

Conjuntamente, publicou o Foreign Office o texto de uma carta dirigida a respeito ao escritório geral da Corte Internacional de Justiça. Nessa carta, datada de 26 de maio, o governo britânico recorda, inicialmente, os fatos, desde a conclusão, em 1933, da convenção entre o governo iraniano e a "Anglo-Iranian Oil Company" até as recentes medidas de nacionalização tomadas pelo governo iraniano (ou persa). O governo britânico tentou chegar a uma solução amistosa por via diplomática, dirigindo no dia 19 deste mês e ano uma nota ao governo iraniano, exprimindo a esperança de que o problema pudesse ser resolvido por meio de negociações e propondo enviar uma missão a Teerã para discutir os termos de um novo acordo. A seguir, diz não ter o governo iraniano respondido ainda a essa nota e acrescenta que "essa tentativa de chegar a uma solução amistosa por via de negociações diretas entre os dois governos, tendo fracassado, existe, presentemente uma questão aberta entre o governo Imperial do Irão e o governo do Reino Unido, questão essa que o governo do Reino Unido achou dever submeter à Corte, declarando: 1) o governo iraniano não tem direito de recusar submeter sua questão com a "Anglo-Iranian Oil Company" à arbitragem, como estabelece o artigo 22 da Convenção de 1933; 2) de conformidade com os termos da Lei de Nacionalização Iraniana, sobre os petróleos, data de 1.º de maio de 1951, o governo iraniano tende a anular ou modificar unilateralmente os termos da Convenção de 1933, contrariamente aos termos dos artigos 21 e 26 da dita convenção; 3) querendo assim agir, o governo iraniano prejudica a A.I.O.C. que é propriedade do governo britânico.

No mesmo dia, em Teerã, diz o embaixador dos Estados Unidos, sr. Henry Grady, num memorando dirigido ao ministro do Exterior iraniano: "Existe séria controvérsia entre o Irão e a Inglaterra, controvérsia que poderia socavar a união do mundo livre e debilitá-la gravemente". "Os Estados Unidos estão ligados a ambos os países por fortes laços de amizade e demonstraram sua sin-

cera preocupação pelo bem-estar de ambos. Portanto, em vista da importância do assunto, os EE. UU. discutiram com ambas as partes e declararam publicamente os princípios que consideram importantes para chegar a uma solução nesta controvérsia. Os Estados Unidos mantêm sua firme crença de que um assunto desta natureza pode ser solucionado satisfatoriamente se for negociado por ambas as partes. Embora os Estados Unidos tenham instado a ambas as partes que observem uma atitude de moderação, não assumaram posição alguma com respeito aos detalhes de qualquer acordo que possa ser feito. Contudo, os Estados Unidos reafirmaram sua atitude contra a cancelação unilateral das relações contratuais e atos de natureza conciliatória. Os Estados Unidos estão convencidos de que as negociações poderão indicar uma solução que satisfaça os desejos do povo iraniano de controlar seus próprios recursos e assegure a ininterrupta afluência do petróleo iraniano aos mercados mundiais.

Tal solução é, na opinião do governo norte-americano, de suma importância não sómente para o bem-estar dos países interessados como também para o mundo livre. Os Estados Unidos desejam expressar mais uma vez seu profundo interesse no bem-estar do povo iraniano e na manutenção da independência e integridade do território do Irão, o que constitui um princípio cardinal da política norte-americana".

JULHO

2 — O presidente Truman dirige ao governo iraniano a seguinte mensagem:

"Compreendo até que ponto uma solução satisfatória das dissensões entre o governo iraniano e a Grã-Bretanha a propósito da "Anglo-Iranian Oil Co." é importante para o governo inglês. Ao mesmo tempo compreendo perfeitamente que a salvaguarda da independência do Irão é uma coisa necessária e fundamental e, igualmente, que a produção do petróleo do Irão para a economia do mundo livre é das mais úteis. Estou convencido de que o governo iraniano deseja vivamente chegar com o governo de Londres a uma solução que defenda tanto os interesses essenciais da Grã-Bretanha como as tendências do povo iraniano de nacionalizar suas riquezas petrolíferas.

O governo dos Estados Unidos exprimeu sua opinião de tal modo ao governo inglês, nestes últimos dias, que o governo iraniano tem agora ocasião para entabular conversações que devem começar imediatamente.

Espero que o governo britânico poderá sem

PARA OS MALES DO
FÍGADO
ESTÔMAGO e INTESTINOS



HEPACHOLAN

O REMÉDIO QUE

XAVIER

NÃO FALHA!

demora enviar a Teerã seus representantes qualificados, munidos de plenos poderes e prontos para discutir razoavelmente uma proposta precisa que concorde com o princípio da nacionalização do petróleo.

Na minha opinião, embora o convite do governo iraniano de iniciar conversações se dirija ao A.I.O.C. o governo iraniano deu a entender que se a representação da "Anglo-Iranian Oil Co." incluir delegados do governo inglês ele não se oporá.

Sei que estais perfeitamente ao par das consequências perigosas da evolução explosiva da situação e estou certo de que compreendeis até que ponto sinto-me inquieto porque nenhuma demarcação tenha sido feita para eliminar as dissensões que podem acabar em desentendimento entre o Irão e o mundo livre.

Estou certo que uma solução aceitável pelo Irão e pela Grã-Bretanha pode ser encontrada.

Espero amigavelmente que tudo será feito para atingir esse objetivo".

5 — A Corte Internacional de Justiça declara-se competente para indicar as medidas preventivas dos direitos da Grã-Bretanha, no caso da "Anglo-Iranian Oil Company".

São as seguintes as medidas preservativas que a Corte Internacional de Justiça indica, a título provisório, enquanto espera a sentença definitiva no caso da "Anglo-Iranian Oil Co.", a respeito do qual o governo britânico recorreu ao pronunciamento da alta jurisdição internacional:

1.) os governos da Grã-Bretanha e do Irão deverão cada qual impedir todos os atos que possam prejudicar os direitos da outra parte na execução da sentença que a Corte pode ser chamada a dar sobre o fundo da questão;

2.) os dois governos interessados deverão impedir todos os atos, de qualquer natureza que sejam, que possam agravar ou ampliar a divergência submetida à Corte;

3.) nenhuma medida deverá ser aplicada por qualquer um dos governos que seja suscetível de entrar a continuação da exploração industrial e comercial da A.I.O.C., tal como exercia antes de 1 de maio de 1951;

4.) a exploração da sociedade no Irão continuará sob a direção do seu pessoal diretor tal como existia antes de 1 de maio de 1951, sob a reserva das modificações que possam ser introduzidas de acordo com a comissão de fiscalização;

5.) a fim de garantir a eficiência das disposições precedentes, disposições que de qualquer maneira conservam sua autoridade própria, fica resolvido que seja instituída, de acordo com os governos do Irão e do Reino Unido, uma comissão dita Comissão de Fiscalização, composta por dois membros designados por cada qual dos dois governos e de um 5.º membro, nacional de um terceiro país designado de comum acordo por

esses governos ou, na falta de um acordo, a pedido conjunto das partes, pelo presidente da Corte Internacional de Justiça. A mencionada Comissão terá por missão velar para que a exploração da sociedade prosiga conforme as disposições acima indicadas. Entre outras incumbências deverá verificar as receitas e as despesas, zelar para as quantias provenientes das receitas efetuadas e que não excedam as despesas requeridas para a marcha normal da exploração e outros encargos normais que incumbem à A.I.O.C., sejam depositados em tais estabelecimentos bancários, dos quais aprovará, a escolha, com o compromisso desses estabelecimentos de não dispor sem o senão do que resultar seja de decisões da Corte ou de acordo entre as partes.

Foi o professor Jules Basdevant, presidente da Corte Internacional de Justiça, quem se pronunciou sobre a competência da Corte em indicar as medidas conservadoras acima.

O embaixador da Grã-Bretanha assistiu aos debates, ao passo que se notava a ausência de representantes do governo iraniano.

Os juizes poloneses e egípcios da Corte declararam que não podiam se aliar à decisão aprovada pelos seus colegas. Com efeito, esses magistrados negam competência à Corte Internacional de Justiça nesse processo e, por consequência, julgam que nada havia a ordenar sobre medidas conservadoras que correm o risco de serem anuladas.

AGOSTO e SETEMBRO

Averell Harriman, enviado do presidente Truman, consegue que ingleses e iranianos se entendam novamente, para tentar uma solução. Uma missão britânica, chefiada pelo sr. Richard Stokes, ministro das Matérias-Primas, vai a Teerã. O governo britânico reconhece em seu nome e no nome da "Anglo-Iranian Oil Company" o princípio da nacionalização. Mas as negociações fracassaram definitivamente, e a delegação britânica regressou a Londres sem nada haver conseguido. Exige então Mossadegh a evacuação de todo pessoal da refinaria de Abadan, que é ocupada por tropas iranianas, numa rápida ação que deixa os técnicos britânicos fora da refinaria. No dia 8 de outubro não deve haver mais ingleses em Abadan. Os últimos embarcam no cruzador "Mauritius". A Inglaterra limita-se a apresentar sua queixa contra o Irão, no Conselho de Segurança.

OUTUBRO

Mossadegh parte de avião para os Estados Unidos. Chega enfermo a Nova York, após um voo de 36 horas. É um velho de 75 anos de idade. Fala à multidão de jornalistas que acorreram ao seu desembarque.

BIOTONICO FONTOURA
O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE!

Começa elogiando a história e o povo norte-americano.

"Assegura-se nos que sois contrários a quaisquer medidas que se tomem para aumentar o sofrimento e a miséria das pequenas nações. A única razão da falta de desenvolvimento, das privações e do infortúnio dos iranianos, nos últimos 50 anos, foi o fato de que uma companhia, cruel e imperialista, sob o pretexto de extrair e explorar o petróleo, esteve procurando obter grandes lucros anuais, de centenas de milhões de dólares. Os recursos naturais do povo, sumamente necessitados e desnudados, foram roubados cada vez mais, em escala progressiva, mediante toda a classe de intrigas e a instauração de governos satélites".

Faz notar que o governo britânico, como "tutor" da "Anglo-Iranian Oil Company" levou a disputa sobre a nacionalização do petróleo iraniano ao Conselho de Segurança, disse: "É incrível que um grupo de acionistas da companhia tivesse podido aproveitar-se da ONU para a continuação de sua pilhagem da riqueza de uma nação pobre".

Deixa o aeroporto para internar-se no hospital até a data da reunião do Conselho, em Flushing Meadows, sob a presidência do delegado do Brasil, embaixador João Carlos Muniz.

15 — Mossadegh toma a palavra para apresentar a argumentação de sua delegação perante o Conselho. Declara que o fato de que "uma grande potência se tenha absterido de pôr em execução suas ameaças, de empregar a força pela remessa de paraquedistas e de navios de guerra, é a melhor prova de que a Organização das Nações Unidas cumpre, com sucesso, sua missão de salvaguardar a paz". Depois de repetir que seu governo deseja o reatamento das negociações com a Grã-Bretanha, para fixar as indenizações da "Anglo-Iranian Oil Company" e organizar a venda de seu petróleo, Mossadegh frisou que se a exploração petrolífera não recomence bem cedo, o "Irão irá de mal a pior" e "todos os mecanismos administrativos e financeiros ficarão paralisados". Pediu ao Conselho de Segurança, que se abstivesse "de fazer recomendações que tivessem como resultado único retardar o cumprimento da tarefa do governo iraniano".

Depois dele, Allahyar Salah, membro da delegação iraniana, tomou a palavra, para substituir o dr. Mossadegh, muito fatigado, na leitura integral do discurso que desenvolve o tema segundo o qual o Conselho de Segurança não tem "e não poderia ter competência no que diz respeito à questão do petróleo iraniano". O representante do Irão frisou, a seguir, o fato de que não vê como seu país teria podido, por sua maneira de agir no caso do petróleo, engendrar uma ameaça à paz. "Se a nacionalização de uma indústria representa uma



Oleodutos de Abadan

ameaça à paz, disse, não compreendo então porque o governo do Reino Unido, que nacionalizou tantas indústrias, não seria chamado a comparecer perante o Conselho de Segurança, pelo crime de ter solapado os próprios alicerces da paz".

"A riqueza principal de nosso país é o petróleo, prosseguiu o representante iraniano. Esta fonte tem que fornecer trabalho e pão à população do Irão. Tal como foi organizada até agora, esta fonte não trouxe nenhum auxílio eficaz ao bem-estar do povo. E isto é tão verdade que, depois de 50 anos de exploração por uma companhia estrangeira, não possuímos ainda número suficiente de técnicos iranianos e somos obrigados a recorrer a técnicos estrangeiros. O Irão, que representa parte considerável do petróleo mundial e cuja produção atingiu 315 milhões de toneladas em 50 anos, não obteve, em tudo e por tudo, senão a soma global de 110 milhões de libras esterlinas. Em 1948, segundo o balanço da "Anglo-Iranian Oil Company", as rendas dessa companhia ascenderam a 61 milhões de libras: ao Irão coube somente nove milhões ao todo, ao passo que 28 milhões de libras esterlinas foram entregues ao Tesouro britânico, apenas a título de imposto sobre a renda".

Prosseguindo em sua intervenção, declarou o delegado iraniano: "O movimento que se manifesta no Irão é o de um povo plenamente consciente de seus direitos. O povo iraniano está determinado a utilizar este recurso vital que faz parte de seu patrimônio

Gráfica Martini S. A.

IMPRESSOS EM GERAL

RUA MARTINIANO DE CARVALHO, 270 - S. PAULO - Tel.: 36-3761

nacional, para elevar seu nível de vida e servir assim à causa da paz. Para atingir esse objetivo, o Irão conta com o auxílio e apoio das Nações Unidas e dos povos amantes da paz. A Carta das Nações Unidas e os altos princípios que contém exigem seu apoio e seu concurso. Agora, que a questão acaba de ser levada perante o Conselho, estou certo de que este se declarará incompetente e fortalecerá, assim, a esperança e a fé que as pequenas nações nele depositam".

Depois de ouvir a longa exposição do governo iraniano, lido por Salah, em nome do dr. Mossadegh, o presidente João Carlos Muniz deu novamente a palavra ao delegado britânico. Sir Gladwyn Jebb limitou-se a constatar que a delegação iraniana não parecerá ter ouvido o apelo do Reino Unido, que, por sua boca, propusera que fossem esquecidos os agravos passados e que se procurasse, em perfeita união, uma solução construtiva.

16 — Segunda exposição de Mossadegh. Nega que tenha havido expulsão do pessoal britânico:

"Tendo tratado primeiro de fazer-nos claudicar, proibindo os cidadãos britânicos de trabalhar para nós e ameaçando retirá-los, o Reino Unido logo se queixou ao Conselho de Segurança, por termos nós aceitado sua palavra e não termos retido aqueles técnicos contra sua vontade".

19 — Por 8 votos contra o voto soviético e as abstenções britânica e iugoslava, o Conselho de Segurança, por proposta da França, resolve adiar o caso do petróleo até que a Corte Internacional de Justiça se tenha pronunciado sobre sua própria competência na matéria, competência que é negada pelo Irão e afirmada pela Grã-Bretanha.

Antes de ser tomada a decisão do Conselho, Sir Gladwyn Jebb ressaltou que o governo britânico quis, durante todo esse episódio, agir como membro fiel das Nações Unidas e que, depois de ter explorado todos os meios para solução do conflito, apresentou o caso ao Conselho de Segurança: — "Porque era para meu governo o único recurso".

— afirmou. O delegado britânico exprimiu a opinião de que o prestígio do Conselho de Segurança diminuiria consideravelmente pela decisão de adiamento que vai ser adotada. "Esta incapacidade do Conselho para agir", afirmou Sir Gladwyn Jebb, criará um precedente perigoso". Qualificou, em seguida, de "ultimatum" a proposta feita pelo Irão de negociar somente a venda do petróleo iraniano e a compensação devida à "Anglo-Iranian Oil Company". Repetiu que a Grã-Bretanha aceitou o princípio da nacionalização da indústria petrolífera, mas que "quando um proprietário não pode, por si mesmo, dirigir um negócio, contrata um administrador". Concluindo, exprimiu a esperança de que o governo iraniano consentisse em negociar "uma verdadeira solução" que fosse vantajosa para o próprio povo iraniano e para todo o mundo livre".

Votaram pelo adiamento: França, Brasil, Estados Unidos, Holanda, Índia, Equador, China Nacionalista. A União Soviética declarou que se opusera contra a inscrição da matéria na ordem do dia do Conselho e, conseqüentemente, sustentava a incompetência do Conselho para examinar a questão.

BANCO FINANCIAL NOVO MUNDO S.A.

Capital: Cr\$ 60.000.000,00

End. Teleg. — "MUNBANCO"

MATRIZ: RIO DE JANEIRO
OUVIDOR, 71/73

Caixa Postal 919 — Tel. 52-2112

FIILAL: SÃO PAULO

Rua João Bricola, 37 — C. Postal 2989
Tel. 2-6121

AGÊNCIAS:

COPACABANA — RIO
Rua Figueiredo Magalhães, 22
Tel. 47-3838

SANTOS:

Rua 15 de Novembro, 142
Tel. 4084

DEPÓSITOS, COBRANÇAS, DESCONTOS,
ADMINISTRAÇÃO DE PROPRIEDADES,
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS.

NOVO MUNDO

Companhia de Seguros Terrestres
e Marítimos

Capital: Cr\$ 4.000.000,00

MIRAMAR

Cia. Nacional de Seguros Gerais

Capital: Cr\$ 2.500.000,00

ITAMARATY

Companhia Nacional de Seguros
Gerais

Capital: Cr\$ 5.000.000,00

SEDE — RIO DE JANEIRO

Rua do Carmo, 65/67

Sucursais e Agências em São Paulo, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Recife, Porto Alegre, Salvador e demais capitais do Brasil.

MAIS UM PROBLEMA PARA A INGLATERRA

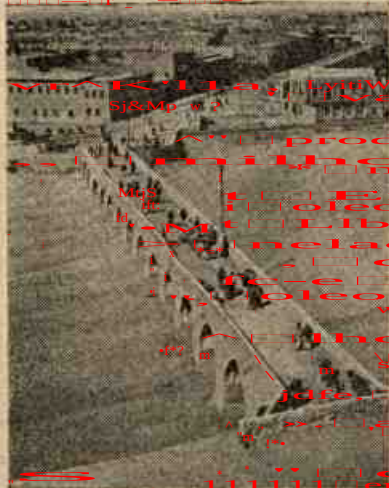
A 16 de outubro, o presidente do Conselho de ministros do Iraque Nury Pacha El Said manifestou ao governo britânico o desejo de promover a revisão do tratado anglo-iraquiano de 1930, com a duração de 25 anos.

O tratado entre Londres e Bagdá já foi objeto de uma revisão nos fins de 1947 e

obtiveram os Estados Unidos todo o material necessário, estão obrigados a dar ao Iraque, gratuitamente, vinte por cento da produção. Mosul, um campo menos importante. Praticamente, o único que está produzindo é o de Kirkuk, onde o petróleo se encontra a uma profundidade de 4.000 pés. Assim mesmo, a produção de Kirkuk baixou consideravelmente, depois da guerra da Palestina, em virtude de não ter o governo do Iraque consentido na reabertura do oleoduto de Haifa. A produção é por sua vez limitada pela capacidade do oleoduto.

Com isto, o Iraque perdeu "royalties" no valor de pelo menos cinco milhões de dinares (o dinar é igual à libra esterlina). A produção caiu de quatro milhões para três milhões de toneladas em 1948, fixando-se mais ou menos, no mesmo nível em 1949. Em 1950, graças à construção de um novo oleoduto de 16 polegadas para Trípoli, no Líbano, aumentou para seis milhões de toneladas, mas teria sido o dobro se as linhas de Haifa também estivessem abertas. Com a conclusão dentro em breve de um novo oleoduto de 30 polegadas para Baniyas (Síria), Kirkuk poderá exportar pelo menos 16 milhões de toneladas anuais em 1953.

Contornando o problema da produção, que tem sido causa de descontentamento do Iraque, resta considerar a questão de que muitos poucos cidadãos iraquianos exercem altos cargos na indústria. Para satisfazer tais desejos, a Irak Petroleum Company criou uma escola técnica e instituiu bolsas de estudos na Inglaterra para estudantes de engenharia iraquianos.



KIRKUK, no Iraque

comêgo de 1948. No dia 15 de janeiro deste último ano o texto revisado foi assinado, numa grande cerimônia, em Portsmouth, por Sayed Saleh Jahr, então presidente do Conselho do Iraque, e por Ernest Bevin. Alguns dias depois o regente do Iraque, príncipe Abdul Ilah, anunciava a decisão de não ratificar o novo documento, que, acentuava, não satisfazia às legítimas aspirações do Iraque. Essa decisão, conhecida em Londres como estupefação, desferia sério golpe na política Árabe de Bevin, que via naquele tratado revisado o primeiro de uma série de acordos destinados a colocar em pé de igualdade os países do Oriente Médio e a Grã-Bretanha. Consequentemente o governo britânico decidiu observar os termos do antigo acordo de 1930.

As queixas formuladas contra a Irak Petroleum Company acentuaram-se depois que uma companhia independente norte-americana, entrando em campo para disputar a concessão de Bassora, estimou a capacidade deste campo em 1.100 milhões de toneladas, permitindo, em média, uma extração de vinte milhões de toneladas por ano. Esta estimativa excede em muito a dos técnicos britânicos, e, de fato, impressionou fortemente o governo do Iraque. A estimativa da Bassora Petroleum Company (subsidiária inglesa) para 1952 não iria além de 2 milhões e meio de toneladas. É de notar que em Bassora, o petróleo só é encontrado a onze mil pés e que os ingleses, que não

Com o apoio de todos os partidos, o primeiro-ministro do Egito, Nuhus Pacha, tomou a iniciativa de ab-rogar o tratado de aliança com a Grã-Bretanha, de 1936, e os acordos de 1899 sobre o condomínio do Sudão. Hafez Ramadan Pacha, presidente do Partido Nacionalista, publica um manifesto felicitando o governo pela sua decisão. O Partido Nacionalista Egípcio foi fundado em Paris, por Mustafa Kemal, no começo do século, nos salões da sua Juliette Adam. Depois da morte de Mustafa Kamel, as vésperas da primeira guerra mundial, Hafez Ramadan assumiu a direção do partido, transformando-o em movimento violentamente antibritânico. Foi Ramadan um dos raros políticos egípcios que se recusaram

MAMADEIRA





HAIFA, CIDADE MODERNA (República de Israel)

a aprovar o tratado de aliança anglo-egípcio de 1936.

Por outro lado Ismail El Azhari, presidente do Partido Sudanês, favorável à unidade do vale do Nilo, dirige um manifesto ao povo do Sudão anunciando "o começo de uma nova fase na história do começo Nilo".

Agitam-se as massas, que se entregam a excessos de toda sorte. Tudo sucede no princípio de outubro. No dia 9, o protesto da Inglaterra não se faz esperar:

"O governo britânico protesta da maneira mais categórica contra a ação do governo egípcio que procura introduzir uma legislação destinada a ab-rogar o tratado anglo-egípcio de 1936 e os acordos de 1899 sobre o condomínio do Sudão. Sabia o governo egípcio que novas propostas, de longo alcance, iam ser-lhe apresentadas. Essas propostas deviam contribuir diretamente para melhora das relações anglo-egípcias e para segurança do Oriente Médio. O secretário de Estado para Assuntos Estrangeiros, numa mensagem pessoal dirigida a 21 de setembro ao presidente do Conselho egípcio, manifestara-lhe claramente que essas propostas estavam sendo objeto de um exame urgente e que esperava estar em condições de discuti-las com o governo egípcio em futuro próximo. O embaixador da Grã-Bretanha em Alexandria, numa comunicação pessoal ao ministro de Assuntos Estrangeiros do Egito, tinha reiterado os termos dessa mensagem e lhe tinha declarado que essas propostas seriam apresentadas dentro em breve ao governo egípcio. O governo britânico não reconhece a legalidade de uma denúncia unilateral do tratado de 1936 e dos acordos sobre o condomínio e manutenção de direitos plenos e inteiros que lhe conferem esses acordos, à espera de uma solu-

ção satisfatória com o Egito, com base nas novas propostas acima mencionadas".

15 — O Parlamento não só vota a ab-rogação do tratado, como sujeita a proposta conjunta da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França e Turquia de um pacto de aliança para a defesa do Oriente Médio. A rejeição sublinha dois pontos principais:

1) — Recusa tomar conhecimento dessa ou



Canal de Suez

de outras propostas relativas às divergências entre a Inglaterra e o Egito, enquanto as forças de ocupação britânicas permanecem no Egito e o Sudão.

2) — Sustenta que a proposta das quatro potências é a mesma que os ingleses apresentaram em duas outras ocasiões, este ano, para a concentração de um pacto de defesa anglo-egípcio, o que foi categoricamente rejeitado pelo Egito.

A Câmara aceita, em seguida e também por unanimidade, os projetos de emenda constitucional, atribuindo ao rei Farouk o título de "Rei do Egito e do Sudão".

17 — O secretário de Estado Acheson, em declaração entregue à imprensa, expõe o ponto de vista dos Estados Unidos sobre a atitude do Egito:

— Foi com sincero pesar que o governo americano tomou conhecimento, a 15 do corrente, da rejeição, pelo governo egípcio, das propostas que lhe foram apresentadas em 13 do corrente pelos Estados Unidos, França, Turquia e Grã-Bretanha. O governo americano observou, com surpresa, que o governo egípcio rejeitou propostas tão importantes sem lhes ter dado sequer, a consideração cuidadosa e refletida que mereciam. Essas propostas foram apresentadas pelas nações interessadas no bem-estar e na segurança do Oriente Médio, após o estudo dos mais completos e dos mais profundos dos problemas desta região. O convite para juntar-se às outras nações soberanas do mundo livre, num esforço comum e coordenado para preservar o mundo da agressão, era perfeitamente compatível com a independência e a soberania do Egito. É dever de cada nação do mundo livre proteger vigorosamente a liberdade. O sentido de suas responsabilidades para com as outras exige que nenhuma nação precipite, de maneira inconsiderada, acontecimentos que não podem ter nenhum resultado construtivo mas que, pelo contrário, por sua própria natureza, dão origem aos fatores de confusão e fraqueza, que atraem a agressão. O governo americano espera que o Egito reexamine com cuidado a atitude que adotou e que reconhecerá, depois disso, que está em seu próprio interesse juntar-se às demais nações do mundo livre, para assegurar a defesa do Oriente Médio contra os perigos comuns.

O governo americano vê-se obrigado a reafirmar sua convicção de que as decisões do governo egípcio relativas ao tratado anglo-egípcio de 1936 e os acordos de 1939 acerca do Sudão não estão conformes com respeito às obrigações internacionais. Por sua vez, o governo americano considera as decisões do governo egípcio destituídas de validade. Esperam sinceramente, os Estados Unidos, que o Egito dará provas de maior consideração, na situação atual e que as obrigações de todas as nações para com a manutenção da lei e da ordem no mundo serão respeitadas.

Ha choques violentos em Alexandria e manifestações ruidosas no Cairo. O governo egípcio proclama o estado de emergência. Mustafa El Nahas Pacha, primeiro-ministro, pede ordem: — "Eu vos conchamo a cessar todas as manifestações e compreender as circunstâncias atuais. Tomamos nossas responsabilidades, nossas decisões e todas as medidas para assegurar as aspirações nacionais. Sabei o que vos reservo para o futuro, e não hesitareis em



Mustafa el Nahas Pacha, primeiro ministro do Egito.

convidar-vos a passar à ação no momento oportuno".

Entregou-vos a nós para as próximas medidas a tomar e para terminar nossos trabalhos em atmosfera propícia. Já anunciei ao Parlamento que o povo conhecerá em breve as medidas práticas que temos a intenção de tomar".

O embaixador britânico no Cairo formula, por sua vez, o seguinte protesto:

"Na minha nota de 11 de outubro lembrei ao governo egípcio, por ordem do meu governo, que era ele responsável pela proteção das vidas e bens dos britânicos e os estrangeiros que vivem no Egito. Acrescentei que o governo britânico esperava do governo egípcio a adoção de medidas para impedir caso necessário violências da multidão e que considerava o governo egípcio como responsável pelas perdas de vidas ou prejuízos causados aos bens britânicos, resultantes da falta de adoção das necessárias medidas. No dia 16 de outubro, às 8 horas, o governo egípcio faltou às suas responsabilidades quanto ao aprovisionamento do Oriente Médio e em Port Said. Nesta última cidade um bando completamente fora do controle das autoridades atacou e saqueou um cento número de apartamentos e outros alojamentos ocupados por súditos britânicos, destruindo automóveis e ônibus, pilharam e incendiando uma cantina militar e atacando um cento número de mulheres e crianças britânicas, colocando-as em grave perigo. Depois de cometido esse excessos as autoridades britânicas deram instruções. Às 9 horas e 15 minutos, as tropas britânicas

cas para que intervissem a fim de proteger as vidas britânicas. A amplitude dos atentados que colocaram em perigo vidas britânicas e tornou necessária a intervenção das tropas britânicas é, segundo opinião do governo de Sua Majestade, imputável à incapacidade das autoridades egípcias de manter a ordem. Consequentemente, o governo de Sua Majestade responsabilizará o governo egípcio por todos os prejuízos ocasionados aos bens britânicos, seja na região do Canal de Suez ou em qualquer outra parte do Egito, reservando-se o pleno direito de pedir compensações para esses prejuízos. Tendo em vista que foram publicadas informações falsas a respeito dos acontecimentos do dia 16 de outubro, com autorização do governo egípcio, a embaixada britânica espera que o governo real egípcio conceda igual publicidade à presente nota".

O SUDÃO

QUESTÃO ANTIGA

R. H. Schackford da "U. P.", em Londres.

A história do "problema" anglo-egípcio, agora num ponto crítico, é muito longa.

Desde sua conquista pelos turcos em 1517 até a 1.ª Guerra Mundial, o Egito era uma província do Império Otomano, embora a ocupação britânica tivesse começado em 1882, para suprimir desordens.

Quando a Turquia entrou na 1.ª Guerra Mundial, ao lado da Alemanha, a Inglaterra declarou o Egito sob o protetorado britânico, dando por finda a soberania turca sobre ele. Em 1922, a Inglaterra emitiu uma declaração sobre a independência do Egito, mas deixando para ulterior solução várias questões, muitas das quais estão agora nas raízes do atual conflito. As questões então deixadas em suspenso foram: 1) A defesa do Egito contra agressão estrangeira; 2) A segurança da linha vital de comunicações interimperiais 3) A proteção dos interesses estrangeiros e das minorias; 4) O caso do Sudão, que tem sido nos últimos anos um domínio anglo-egípcio.

Só em 1936, depois que a Itália invadiu a Abissínia, foi que o Egito e a Grã-Bretanha puderam concordar na assinatura de um tratado. Estipulava ele o fim da ocupação britânica, permitindo porém que um pequeno efetivo de forças britânicas permanecesse na Zona do Canal de Suez. Esse Tratado foi previsto para ter vigência durante vinte anos, até 1956.

Em janeiro de 1946, a Inglaterra concor-



Sir Robert Howe, governador inglês do Sudão.

dou em travar conversações para a revisão do Tratado, e o Egito estava ansioso por eliminar todas as restrições sobre a sua independência. Houve um acordo sobre a revisão, entre Ernest Bevin, então titular do "Foreign Office", e o primeiro-ministro Sidki Pasha, do Egito, mas não foi possível um acordo em relação ao Sudão, e não se fez a revisão do Tratado.

Em março de 1947, a Inglaterra trasladou para a Zona do Canal de Suez todas as tropas que ainda mantinha no Egito, mas recusou-se a atender o pedido para que abandonasse completamente sua posição no Sudão. O Egito apelou para o Conselho de Segurança das Nações Unidas e não obteve o devido apoio.

Em 1950 foram reatadas, sem êxito, as negociações de revisão. E' afinal, a 16 de no-

BIOTONICO FONTOURA
O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE!



Com o Mar de Marmara e os Dardanelos, o estreito do Bósforo separa a Europa e a Ásia, dividindo a Turquia. Foi a ponte principal da invasão persa de Dario, no ano 516 A.C., e da qual resultou a conquista da Trácia (Bulgária) e da Macedônia. A margem do Bósforo está situado o castelo de Rumeli Hisar, construído por Mahomet II em 1452, cidadela que serviu de base para a conquista de Constantinopla, hoje Istambul.

vembro de 1950, o rei Farouk, em sua fala do trono, lançou o desafio que logo evoluiu até a crise atual, quando declarou:

"O Tratado de 1936 deixou de ser uma base adequada para as relações anglo-egípcias. É portanto inevitável que se resolva a sua anulação".

Farouk apresentou então as duas condições que representavam o preço cobrado pelo Egipto para qualquer espécie de acordo:

- 1.ª) Evacuação completa e imediata das forças britânicas da Zona do Canal de Suez;
- 2.ª) Unificação do vale do Nilo (Sudão), sob a coroa do Egipto.

Bevin deu uma resposta sumária, dizendo que o governo britânico não tinha a menor intenção de concordar em quaisquer medidas capazes de deixar indefeso o Oriente Médio ou que prejudicassem a segurança dos países livres e amigos nessa área. Acrescentava que a atitude do Reino Unido em relação ao Sudão mantinha-se a mesma: que os sudaneses deveriam oportunamente decidir em liberdade sobre seu próprio futuro.

Estava nesse ponto o problema quando o

governo do Cairo pediu ao Parlamento a derramação do Tratado e uma emenda constitucional de modo a unificar o Egipto e o Sudão, sob a coroa do rei Farouk.

Depois da 1.ª Guerra Mundial, irrompeu no Egipto um vasto movimento nacionalista, e desde então os líderes políticos de todos os partidos têm insistentemente reivindicado a incorporação do Sudão ao Egipto, como um Estado independente. As bases para essas reivindicações são as seguintes:

1) O Sudão esteve sob o controle político do Egipto de 1821 até 1885.

2) A unidade geográfica da bacia do Nilo, como parte de um único sistema hidroológico.

3) Fatores econômicos, tais como o da distribuição da água do Nilo para irrigação.

4) O Sudão é um esboço para a população agrícola do Egipto.

O Sudão estende-se da fronteira do Egipto para o Sul até Uganda e o Congo Belga, limitando a leste com o Mar Vermelho e a Oeste indo até Wadai, na África Central. Sua área é de 967.500 milhas quadradas e a população é calculada em 8.310.000 habitantes, muçulmanos.

Joalheria
A ESMERALDA

**E ARTIGOS FINOS
PARA PRESENTES**

TELEFONE 22-0639

Rua 7 de Setembro, 155

Esq. R. Ramalho Ortigão

RIO DE JANEIRO

LAURO E FLORIANO

EMANUEL SODRÉ

Certo dia meu Pai, que mantinha velha amizade com o famoso caudilho, cujo centenário se acaba de celebrar, confiou-me estas palavras:

— Por mais de uma vez o Pinheiro me perguntou porque e que eu, em política, não formo ao seu lado, e lhe respondi: Você é que nunca está comigo.

E Lauro Sodré, apesar daquela modestia que tanto releva dava às suas virtudes, concluiu por dizer-me:

— São dois homens poderiam ter nortendo a minha vida pública: Benjamin e Floriano.

Lembro-me bem de que no gabinete de estado de meu Pai, na tradicional e tão modesta residência da rua Conde de Irajá, sobre a mesa de trabalho, a ladearem na parede a figura de Augusto Comte no leito mortuário, se viam as efígies de Benjamin e Floriano; e assim me habituei a venerar; desde a minha já tão apagada meninice, aqueles autênticos valores do início da República, ao primeiro dos quais deve ela, mais que a ninguém, a sua própria fundação, e ao outro o tê-la feito vencer a primeira e última reação monárquica.

* * *

Lauro Sodré, então primeiro-tenente do Exército, servia na guarnição do Pará, era orador do clube republicano que ali fundara e tinha sido o colaborador de seu manifesto de propaganda, quando aquelas plagas foi ter o Conde d'Eu, que procurava conquistar a simpatia dos brasileiros para o próximo advento do terceiro reinado, de que ele, príncipe gaulês, seria magna pars. Por todas as capitais do Norte, ia recebendo as homenagens oficiais e, ao aportar a Belém, a guarda de honra que lhe devia prestar as contingências tinha à sua frente o próprio orador do Clube Republicano... Mera coincidência ou malicioso propósito do comandante de seu batalhão, ao jovem tenente só cabia obedecer a essa escolha: mas à noite, em sessão do Clube, produziu a mais inflamada de suas objurgatórias contra o regime que periclitava. As consequências não se fizeram esperar e Lauro Sodré foi mandado "recolher à Corte", com a perspectiva de ir ter as paragens de Mato Grosso, naquele tempo verdadeiro castigo para os que o governo julgava merecedores de punição.

* * *

Aconteceu que no mesmo navio em que embarcava o oficial deportado, viajava de volta o genro do Imperador, aliás pessoa de



FLORIANO PEIXOTO

fidalgas maneiras e encanto pessoal; e quando o vapor chegou a Fortaleza e o jovem republicano foi buscado a bordo pela brilhante mocidade da Escola Militar do Ceará, o comandante da força que em terra aguardava o desembarque do Conde, muito naturalmente equivocou, pois a trapa em continência ao ardoroso republicano... Quando percebeu o engano, já era tarde.

Ao chegar ao Rio, Lauro Sodré foi entender-se com os chefes da propaganda e de um deles ouviu este expressivo conselho:

— Procure o Floriano que é quem protege os nossos amigos.

Realmente: o então ajudante-general informou a Lauro que o iria agregar à guarnição de uma das fortalezas, "para observação", concluiu Floriano, com o seu enigmático sorriso. Foi o primeiro encontro que

tiveram. A 12 de setembro de 1889 era mandado servir no 1.º Batalhão de Artilharia, aquartelado na Fortaleza de Santa-Cruz, e mais tarde era posto à disposição do Presidente da Província do Rio de Janeiro, com quem, aliás, nunca chegou a avistar-se.

* * *

Pouco depois proclamava-se a República e Lauro, que sempre andara a acompanhar Benjamin, inclusive nas confabulações com Deodoro, foi chamado para secretário de seu gabinete, primeiramente no Ministério da Guerra, e depois no da Instrução Pública.

Indicado mais tarde como representante de sua terra na Constituinte de 91, tendo sido o único a obter a unanimidade na convenção do partido republicano daquele Estado, pôde Lauro, no famoso congresso privar mais de perto com a singular figura de Floriano, que de tal modo impressionava os que com ele tratavam que alcançou, na votação para vice-presidente da República, expressiva maioria sobre os sufrágios dados a Deodoro para presidente.

* * *

Encerrou-se a Constituinte e Lauro Sodré foi escolhido, também por unanimidade, primeiro governador constitucional do Pará. Naquela época foi o único, absolutamente o único dos governadores que protestou contra o golpe de Estado de Deodoro. Veio o contragolpe de 23 de novembro e Floriano assumiu o poder e passou a distinguir com a mais inextinguível confiança, o único que soubera resistir à ditadura de apenas vinte dias. Assim é que, havendo-se vagado uma paga de ministro, Floriano pediu ao chefe parense que lhe indicasse o substituto; e a resposta, bem justificando a confiança manifestada, foi que de momento não tinha quem indicar.

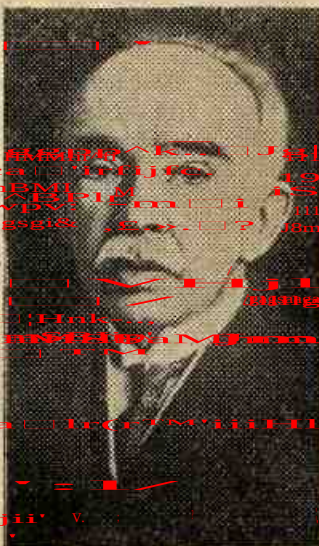
* * *

Ironize a revolta de 93. Lauro perece, de relance, que, de mistura com republicanos de bom quinho, era a rebelião fortemente impulsionada por prestigiosas figuras do regime tão recentemente abolido; e pôs-se decididamente ao lado de Floriano.

Houve momento em que a sorte deste parecia periclitar, então o jovem dirigente do Pará cuidou de organizar a confederação dos Estados do Norte, para o caso do governo central bater em retirada. Mandou emissão de rios aos demais governadores (conforme cartas já publicadas com as respectivas respostas) e ficou assentada, inclusive com o apoio de Barbosa Lima, que governava Pernambuco, a organização de um exército e até de uma esquadra com que se pudesse fazer frente às possíveis vantagens que os revoltosos conseguissem lograr no sul.

* * *

Mas Floriano venceu, acabou de vez com as veleidades dos restauradores, e tão abso-



LAURO SODRÉ

luta foi a sua vitória, que mais amigos como ele costumam surgir em situações parecidas, puseram-se a falar na prorrogação do período presidencial; e quando Lauro Sodré, por motivo de doença de sua modelar consorte, teve que vir ao Rio e avistou-se com Floriano, deste ouviu estas palavras:

— Onde está essa gente que não me procura para dizer quem vão escolher para meu substituto?

Dirigiu-se Lauro aos maiores da política republicana, entre eles Glicério e Quintino, e lhes transmitiu a indagação do Presidente. Explicaram-lhe que já se falava tanto naquela prorrogação, que estavam eles à espera dos acontecimentos para tomar uma atitude.

E' evidente que o Marechal, não só pela doença e as fadigas da luta, mas também pelas desgastantes que a política lhe trouxe — central bater em retirada. Mandou emissão de rios aos demais governadores (conforme cartas já publicadas com as respectivas respostas) e ficou assentada, inclusive com o apoio de Barbosa Lima, que governava Pernambuco, a organização de um exército e até de uma esquadra com que se pudesse fazer frente às possíveis vantagens que os revoltosos conseguissem lograr no sul.

Não tenho, nem total candidato, mas se tivesse seria o Major Lauro Sodré. Isto me foi várias vezes repetido pelo saudoso senador Antônio Azeredo, que me prometera a carta em que o referido representante do governador comunicara a este o que ouvira de Floriano. Não cheguei, porém, a receber aquele autógrafo, que talvez ainda exista no precioso arquivo, parcialmente salvo, do senador mato-grossense.

Casa Urich Restaurante de 1.ª ordem
Aberto aos domingos e feriados — Rua São José, 50

O RESENSEAMENTO DE 1950

A população do Distrito Federal — Maior o número de habitantes do sexo feminino

Através dos seis censos demográficos realizados no Brasil desde 1872, a composição por sexo da população do Distrito Federal apresenta variações sensíveis como se vê de recente publicações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Trata-se da coletânea "Censo Demográfico de 1.º de julho de 1950 — Distrito Federal — Seleção dos principais dados", primeiro de uma série que enfileirará alguns dos resultados da apuração do último inquérito demográfico levantado no país.

O Quadro n. 1 da aludida publicação, apresentando um retrospecto dos dados censitários referentes à população carioca nos últimos 80 anos, segundo determinados caracteres individuais, revela que a participação das mulheres vem acentuando-se progressivamente, a partir do começo do século, até afirmar-se pronunciadamente superior à dos homens, nos dias atuais.

É interessante observar como se processou, através dos anos, a supremacia feminina nitidamente caracterizada a 1.º de julho de 1950.

Em 1906 — para uma população de 811.443 habitantes, havia 463.452 homens e 347.990 mulheres, equivalentes respectivamente a ... 57% e 43% do total. Já em 1920, o contingente masculino achava-se reduzido a 51%, da população total, que ascendia a 1.157.873 habitantes, cabendo ao feminino a percentagem de 48,3%.

Foi em 1940 que se verificou, pela primeira vez, a predominância numérica das mulheres presentes no Distrito Federal que somavam então, 885.842, perfazendo 50,2% da população global.

Finalmente, em 1950 o "déficit" masculino elevou-se, em números absolutos, a mais de 50.000; a participação dos homens na população geral caiu para 48,9%, subindo a quota das mulheres para 51,1%.

A proporção de homens por 1.000 mulheres presentes na data de cada recenseamento, traduz com maior eloquência a evolução do fenômeno através dos últimos 80 anos.

Em 1872 a proporção de homens para cada 1.000 mulheres subia a 1.866; em 1890, igualava a 1.280; em 1900, ascendia para 1.233; em 1920, caía para 1.064, em 1940, reduzia-se para 992; finalmente em 1950, chegava a 957.

A queda registrou-se, por conseguinte no decorrer deste século, e atingiu velocidade progressivamente maior a partir de 1920, a ponto de determinar uma inversão dos termos, com o decrescimento da participação masculina verificado desde 1940.

MINAS GERAIS E SÃO PAULO

A população recenseada no Estado de Minas Gerais, em julho de 1950, sobe a mais de 7.889.000 habitantes, aí incluídos moradores ausentes e não moradores presentes na data do inquérito. Com tal efetivo demográfico, o Estado montanhês coloca-se em segundo lugar entre as Unidades brasileiras de maior população, sucedendo imediatamente a São Paulo, cujo número de habitantes, segundo a mesma fonte de informações, alcançava em julho de 1950, cerca de 9.241.000.

Não faz muito tempo, entretanto, Minas Gerais abrigava a maior população estadual do Brasil. Assim ainda sucedia, em 1920 quando o número de mineiros alcançava 5.083.174, contra 4.592.188 paulistas, conforme os resultados do recenseamento então promovido no país. O extraordinário desenvolvimento da população bandeirante, fenômeno observado desde o último quantal do século XIX, constituía, entretanto, séria ameaça à secular hegemonia demográfica de Minas Gerais. E já em 1940, São Paulo tomara-lhe a dianteira, aliás com apreciável margem de diferença.

Mas se, por um lado se deve o fato à vertiginosa expansão demográfica de São Paulo, é mister reconhecer, por outro, que também o Estado de Minas Gerais tem contribuído para alargar a diferença cada vez maior entre o próprio efetivo populacional e o paulista, diferença essa da ordem de 15% atualmente. Isso devido ao precário crescimento demográfico que lhe é peculiar e que atin-

PRÍNCIPE DE GAILLES

TAILLEURS E VESTIDOS DE VERÃO, CAPAS, BLUSAS,
MAILLOTS, ARTIGOS PARA PRAIA E NOVIDADES

As mais recentes novidades e os mais belos modelos
por preços módicos
Nossa coleção de Péles, Agasalhos e Casacos é uma
verdadeira maravilha!

VALÉRIO DE SALES
Rua Gonçalves Dias, 57 — Rua Buenos Aires, 111
FONE: 32-2828 — 2828 — FONE: 43-9553

INCONFUNDIVEL!



Cerveja

FAIXA AZUL

ANTARCTICA



MAUÁ...

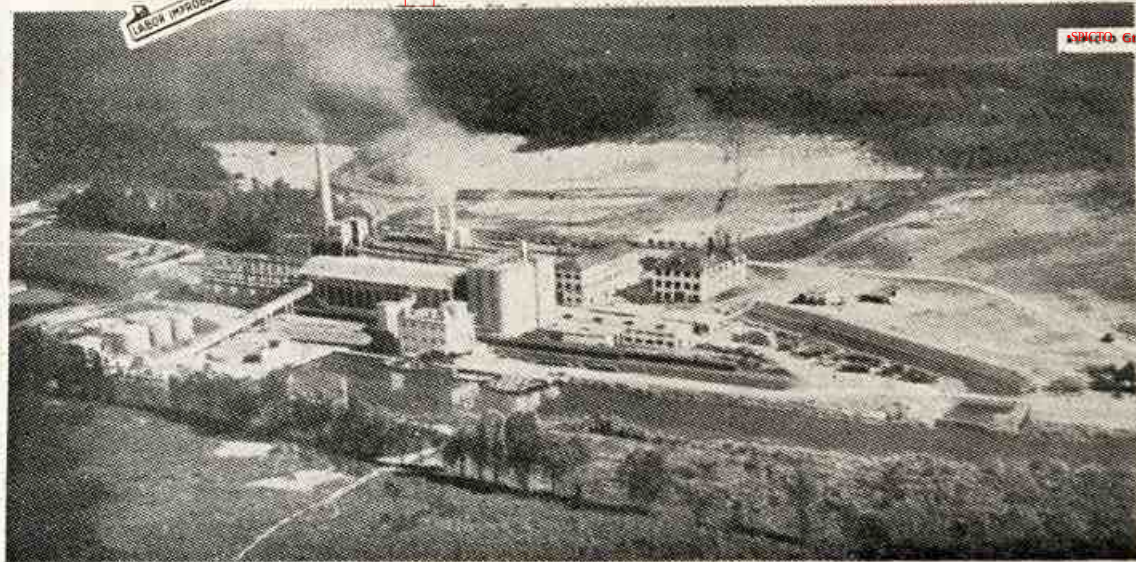


UM NOME, UM PADRÃO DE ALTA QUALIDADE!

Ai, lança: em 1931, nos mercados do país, um produto manufaturado sob os processos mais modernos, e que supera as especificações do cimento Portland do mundo inteiro, a Companhia Nacional de Cimento Portland homenageando a memória do Visconde de Mauá, adotou, seu nome ao seu cimento, e é com justificado orgulho que pode declarar que sob tão insigne patrono, tem conseguido para o engrandecimento da indústria nacional, e conquistado um justo renome entre os consumidores em geral, pelo padrão uniforme de sua alta qualidade, e sente, desta forma, que o seu produto tem feito jus ao nome do grande estadista que tanto contribuiu para o engrandecimento da Pátria!

COMPANHIA NACIONAL DE CIMENTO PORTLAND

ARMAZÉM GERAL DA FÁBRICA EM GUAXINDIBA



© Simbota "Portland Mauá"
2400 gr. - 10 libras (1600 gr.)
Linha cimento Portland de
MAUÁ



gão, no período intercensitário de 1940-50, a reduzida taxa decenal de 16%, das mais baixas verificadas no país.

Trata-se sabidamente, de populações diferenciadas pelas circunstâncias que lhes favorecem o crescimento, francamente progressivo no caso paulista, e de feições quase estacionárias no caso mineiro. Assim é porque, enquanto para São Paulo têm afluído, através dos anos, consideráveis massas de imigrantes nacionais e estrangeiros, saem de Minas Gerais ondas crescentes de deslocados, em demanda sobretudo do Estado de São Paulo, e em proporções menores, do Distrito Federal. A observação estatística confirma, desse modo, um fenômeno assaz conhecido e de integral interesse, não apenas demográfico, mas também econômico e político.

As maiores concentrações humanas do Estado de Minas Gerais localizam-se nas chamadas zonas da Mata, do Centro e do Sul (antiga divisão territorial do Estado). Consoante os resultados preliminares do Censo Demográfico de julho de 1950, que atribuem àquela Unidade federada a população de aproximadamente 7.339.000 habitantes, o número de moradores radicados nas três regiões mencionadas seria de 4.680.000, dos quais 1.869.000 na Mata, 1.425.000 no Centro e 1.386.000 no Sul.

Dessa maneira, mais de metade (59,7, exatamente) da população estadual condensase numa faixa que deve medir pouco mais de 198.000 quilômetros quadrados, equivalente a 34%, tão somente, da superfície territorial do Estado. Vale dizer, aliás, que o fenômeno caracteriza, desde muitos anos, a disseminação demográfica em Minas Gerais.

Tudo indica, ainda, que já tenha sido mais elevada a quota de habitantes localizados nas três zonas referidas. Pelo menos, assim se verificou ainda em 1940, quando a população conjunta do Centro, da Mata e do Sul mineiros subia a 4.135.145 habitantes, ou seja 61% da população estadual.

Os 3.159.000 mineiros restantes distribuem-se, entre as seis zonas fisiográficas que completam o quadro territorial do Estado (divisão de 1940), da seguinte maneira: Oeste, 856.000; Este, 720.000; Nordeste, 580.000; Triângulo, 597.000; Norte, 314.000; e Noroeste, 92.000. Lembrando que a superfície territorial dessas regiões soma cerca de 387.500 quilômetros quadrados, tem-se que, nelas, a densidade demográfica atingirá aproximadamente 8 habitantes por quilômetro quadrado, contra a relação de 24 por quilômetro quadrado referente às três populosas áreas geo-econômicas acima consideradas. Do que se distingue, com maior clareza, a intensiva condensação humana que as caracteriza no Estado, e as inclui entre as regiões de mais alta densidade populacional do país.

O aumento da população do mundo

Só nos cinquenta anos deste século, o número de seres humanos que competem para ocupar espaço neste planeta teve um aumento de mais de 50 por cento. Isso não é nada. Diariamente, a população do mundo tem um aumento de 60.000 habitantes. Esse é o aumento líquido, descontadas as mortes.

Recentemente, numa experiência realizada nas EE. UU., descobriu-se que poucos estudantes universitários norte-americanos têm uma idéia clara da população do mundo. Eis os últimos dados: "aproximadamente" 2.378.000.000, em 1949. Esse número foi fornecido pela Organização Mundial da Saúde das Nações Unidas, em seu novo relatório sobre as estatísticas de importância vital para o mundo.

Segundo aquela organização, o total de 1949 representa 826.000.000 de habitantes mais que os que viviam no começo do século. Esse aumento de 1950 corresponde a mais que a população total da terra, excluindo-se a Ásia, em 1900.

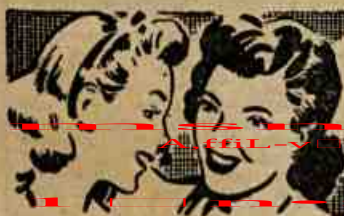
Atualmente, a população do mundo está aumentando num ritmo mais acelerado.

Nos últimos 300 anos, depois que começou a colonização na América, a população do globo quase quadruplicou, tendo algumas terras partes desse aumento ocorrido nos últimos cem anos. Nos dias relativamente tranquilos de 1650, segundo os cálculos da Organização Mundial de Saúde, a população do mundo era pouco maior que a de um único país, a China, de hoje: 354.000.000 de habitantes.

O fato mais surpreendente é que o maior aumento relativo, a partir de 1900, não se registrou na Ásia, mas na América. O recorde foi estabelecido pela Argentina, com um aumento de 231 por cento. Seguem-se, em ordem, Cuba, (231 por cento), Colômbia (217 por cento) e Brasil (191 por cento).

A população total do continente americano, em 1949, era de 320.000.000 habitantes, em comparação com 151.000.000, em 1900. Esse aumento de 112 por cento é maior que o registrado em qualquer outra parte do globo. Não obstante, metade do aumento total de população foi assegurada pela Ásia. Na Europa, com exclusão da URSS, o ritmo do aumento foi vagaroso. Hoje, a Europa tem uma população de cerca de 400 milhões de habitantes, mais ou menos o dobro da população da União Soviética.

Na Europa está o único país, entre os 52 citados pela Organização Mundial de Saúde, cuja população diminuiu no Século XX. Em 1949, a Irlanda tinha 200.000 habitantes menos que em 1900.



O Remédio de Confiança da Mulher

REGULADOR XAVIER

Dois fórmulas diferentes para dois males diferentes

Nº 1 - EXCESSO * Nº 2 - FALTA OU ESCASSEZ

A INAUGURAÇÃO DO MUNICIPAL

Pode-se dizer que o Teatro Municipal teve duas inaugurações, a nacional, em 14 de julho de 1909, e a estrangeira, no dia seguinte, cabendo à Rejane as honras dessa segunda noite cheia de belezas e luminárias. Como arquitetura e majestade, a nova e grande casa de espetáculos fez a admiração e o entusiasmo da época. Perto dela, o velho e tradicional Lírico, ainda em serviço, dir-se-ia uma ruína doirada. O luxo do Municipal chegou a escandalizar. Quem o desenhou e construiu, fiscalizando as obras, foi Francisco Pereira Passos, filho do prefeito Pereira Passos, sendo a maquete um trabalho do arquiteto Lavote. A Rejane foi levada a ver o Lírico, carunchoso, enodado e sebento, e logo a seguir o Municipal, novinho em folha. Disse a famosa artista, referindo-se ao primeiro: — C'est un cirque. Depois de olhar o segundo, declarou: L'interieur est plus riche que celui de l'Opéra de Paris.

O pano de boca é pintura de Elyseos Visconti. Mas os grandes mestres da pintura brasileira — Henrique Bernardelli e Rodolpho Amoedo — também lá trabalharam.

O memorialista Luiz Edmundo, que esteve presente à primeira inauguração, conta: "A sala de espetáculo, au grand complet, transborda uma hora antes da marcada para o começo do espetáculo. Todos estão em grande toilette. Vestem as senhoras saias de largas caudas, amplos decotes. Ainda é o tempo da tirania de espartilho de barbata-nas de baleia e ferro. Cinturas de marim-bondo. Penteados altos, a mostrar a orelha. Pequena pluma ou paradis compoendo as on-deadas massas capilares. O carmin, tanto sobre a face como por sobre o lábio, ainda se mostra tímido e discreto. Jóias em profusão. Grandes leques. Grandes capas de seda, de veludo e de pele. Atrevidos lorg-nons. Binóculos de braço".

Das costureiras elegantes da época — a Estoneight, a Guimarães, a Dreyfus e a Du-

morthont — não há mais lembrança. Nem dos cabeleiros Schmidt e Cherman. Os ho-mens, que não se vestiam no Foote, em Lon-dres, mandavam fazer as suas casacas no Raunier, no Vale, no Brandão e no Almeida Rabelo. Geralmente, compravam na Watson as cartelas importadas de Paris.

Nilo Peçanha, vice-presidente da Repú-blica em exercício pela morte do presidente Afonso Pena, presidiu ambas as inaugurações. O prefeito Passos já não se achava mais nem no cargo, nem na cidade. Tinha ido à Europa. Para a primeira, chegou às 21 ho-ras em ponto. A sua aparição, ouviu-se o Hino Nacional por uma orquestra de cem professores. Um acontecimento do tempo. No palco, o poeta Olavo Bilac, ex-secretá-rio do prefeito e orador oficial da soleni-dade, fez o discurso. Evoca a civilização da Grécia e o Século de Péricles, a democracia ateniense, o teatro de Dionysius e os Diony-siacos na magnificência de suas festas e pro-cisões com os Silenos e os Faunos, além dos Phallophores, estes a conduzirem um phallo, emblema da fecundidade da terra. Bilac recordou o Prometeu acorrentado de Eschylo, a Iphigenia, de Eurípides, para se comparar, modesto e compungido, ao ator humilde da era de vários séculos antes de Cristo, ao tritagonista incumbido de papéis secundários que se exhibia a celebrar a gló-ria de seus deuses e da sua pátria. Bilac parecia ter a erudição de Paul Saint-Victor, falando do teatro grego e das duas máscaras — a tragédia e a comédia — que o caracterizavam.

Segue-se a execução do programa, todo nativista. Francisco Braga rege a sua Insô-nia, poema sinfônico, a que Escragnolle Dô-ria deu letra. Vem depois o noturno da Condor, de Carlos Gomes, cujos originaes estão no Museu do Teatro, no Assirão. Após, é a Bonança, de Coelho Netto, que os ar-tistas da Companhia Dramática Arthur Aze-vedo representam, pega especialmente es-crita para essa noite, interpretam-na os ar-tistas Antonio Ramos, João de Deus, Naza-reth, Gabriela Montani, Lucília Peres e Luiza de Oliveira.

Na 3.ª parte do programa, cantou-se a Moema, ópera lírica em um ato, de Del-gado de Carvalho. Regência de Francisco Braga. O cenário fora pintado por Chrispim do Amaral.

Rejane, que já se achava no Rio, assistiu à inauguração. Também estava no Muni-cipal, com o vice-presidente da República, os ministros de Estado, o prefeito Souza Aguiar, jornalistas, literatos, deputados, senadores, diplomatas, todo o mundo elegante da so-ciedade carioca.

A saída do teatro, era grande e intenso o movimento de carros. Misturavam-se aos automóveis, que já eram muitos, os coupés, os landeaux, e as berlindas que cavalos garbados puxavam. Os bondes de ceroulas, mostrando os seus assentos forrados de lona branca, enfiletravam-se na rua 13 de Maio, da Ajuda à Galeria do Hotel Avenida.

Inaugurou-se igualmente nessa noite de triunfos e deslumbramentos o Assirão, cuja imponência escultural se reconheceu. Bar e restaurante, com orquestra especializada. Vi-nham aí as dançarinas profissionais. Os garçons, em libris do século XVIII, ser-

O Homem

o vigor do organismo huma-no e a plenitude da sua vi-talidade está no equilíbrio das funções glandulares. Glantona, a base de extratos de glandu-las e vitaminas, normalisa essas funções e imprime ao organis-mo novas forças propulsoras. Desperta energias adormeci-das, trazendo ao homem a ale-gria de viver. Tubos com 20 dra-gões. Expansão Científica S/A. — Caixa Postal 396 — S. Paulo.

Glantona



A área do Rio antigo, onde foi construído o Teatro Municipal

viam vinhos franceses e champagne. A vida era alegre e muito mais barata. Mas naquele tempo, as coisas eram gerais. Já se dizia que a vida, de tão cara, se tornava insuportável. A libra-ouro não valia mais do que nove mil réis...

*Nessun maggior dolore
Che ricordarsi del tempo felice...*

Rejane fez a sua apresentação em grande estilo. Trouxe a sua companhia e a sua chegada ao Teatro foi triunfal. O vice-presi-

dente da República conduziu-a no seu carro à Daumont, precedido de batedores, fogos de bengalas e acompanhado da guarda de honra. Ao saltar junto à ampla escadaria de frente do Teatro, Nilo, encasacado e cavalheiro, estendeu a mão enluvada à artista, que desceu apoiada no brago dele. A multidão era enorme. Aplausos e vivas. Nesse momento, aproveitando-se de um meio minuto de silêncio, um popular qualquer exclamou, apontando para Nilo, que subiu pausado e solenemente os primeiros degraus de pedra:

— Éta presidente científico!

Foi um sucesso.

Rejane estreou com *Le Refuge*, peça fraca, em três atos, de Dario Nicodemi. Fêz a Juliette de Volmieres. O autor era seu amante. Autor italiano sem grande relevo. Mas a artista fez questão de impô-lo. Quem se recusaria a satisfazer um capricho da Rejane? A principal figura masculina da troupe era o ator Rosaspini.

A segunda parte do espetáculo foi com a *Lolotte*, peça em um ato de Meilhac e Halévy, ainda com Rejane na protagonista.

Os camarotes de 1.^a e as frisas custavam apenas, setenta mil réis. As cadeiras de 1.^a classe, 14\$000. Galerias: 4\$000 e 3\$000.

Mesmo assim, havia reclamações. Dizia-se que a Prefeitura construía o teatro de luxo com os impostos arrecadados, isto é com o dinheiro do povo e que o teatro era inacessível à bolsa do povo pobre.

No Teatro Municipal, o primeiro conferencista literário que falou do seu palco para uma platéia completamente cheia foi

Anatole France. Ali realizou ele duas conferências. A primeira, sobre *Le positivisme et la paix du monde*, em 26 de julho de 1909. A segunda, sobre *Le Christianisme avant et après Jésus*, em 2 de agosto seguinte.

O ex-prefeito Passos só voltou da Europa mais tarde. Em sua honra e no Municipal, levou-se, com Lucília Peres, O Dote, de Arthur Azevedo, espetáculo do dia 10 de agosto do mesmo ano.

Depois da Rejane, ocupou o teatro uma companhia dramática italiana da qual fazia parte Nina Sanzi, que era atriz brasileira. Estreou em 30 de agosto de 1909.

O primeiro concerto, a 3 de outubro seguinte, quem o deu foi Arthur Napoleão ao piano, com o concurso de Micio Horzowski e Paulina d'Ambrósio.

Só no ano seguinte — 18 de maio de 1910 — o Municipal conhecia uma companhia portuguesa, que foi a de Ferreira da Silva. Representou-se a peça *Nó Cego*, de João Luso.

A primeira temporada lírica oficial é de, 13 de julho de 1911.

Cantou-se a *Iris*, de Mascagni, que ele mesmo regeu. A 21, dava-se a segunda recita de assinatura com o *Rigoletto*.



PENSAMENTOS

Aprender sem pensar, é vão; pensar sem aprender, é perigoso.

Confúcio

CASA CINE-FOTO LTDA.

ASSEMBLÉIA, 75 — FONE: 22-1747 — RIO



ARMAS
FILMES

Equipamento
completo
para Cinema



Máquinas Fotográficas -- Lentes
Fotômetros -- Lunetas -- etc.

Pelo Reembolso Postal.

CONSULTEM NOSSOS PREÇOS

Banco do Comércio S. A.

Capital Cr\$ 50.000.000,00

Reservas Cr\$ 60.694.449,40



1875
O
MAIS
ANTIGO
DO
RIO
DE
JANEIRO

**TODAS AS OPERAÇÕES
BANCÁRIAS, INCLUSIVE
CÂMBIO**

**Seções especializadas para guarda
de títulos e valores**

**MATRIZ — Rua do Ouvidor, 93-95
Tel.: 43-8966**

AGÊNCIAS

DISTRITO FEDERAL

COPACABANA - Av. Copacabana, 1.155
MEIER - Rua Vinte e Quatro de Maio, 1.353
S. CRISTÓVÃO - Rua São Luiz Gonzaga, 46
TIJUCA - Praça Saenz Peña, 9
URUGUAIANA - Rua Uruguaiana, 7
RIACHUELO - Rua do Riachuelo, 387

E. DE SÃO PAULO

SÃO PAULO - CAPITAL - Rua Álvares
Penteado, 196





O RIO EM 1901 — O que eram o Ministério da Guerra e a hoje Praça Duque de Caxias.

Recordando os "tilburys"

Em 1912, ainda se viam e se tomavam nos principais pontos centrais da cidade — Praça Cristiano Ottoni (Central do Brasil) Largo de São Francisco, Largo do Recio, Largo da Carioca, Largo da Lapa, Praça 15 de Novembro, Largo do Machado e Praia de Botafogo, canto das ruas Voluntários e da Passagem, frente ao Mounisco, os tradicionais tilburys, essas veículos datam, ao que se supõe, da época do príncipe-regente D. João, no Rio de Janeiro. Deviam ter aparecido aqui com a Corte fugida de Lisboa e com os estrangeiros que a seguiam. No limiar deste século, os tilburys estão em decadência. São, porém, populares. É ainda a condução de emergência, que supera o bonde. Eram uma velharia, sem dúvida, mas prestavam bons serviços. Geralmente, um cocheiro de tilbury era um sujeito valente e, como se dizia, topava qualquer parada. Nos redutos dos desordeiros, não raro, eles eram apanhados e identificados pela polícia. Mas uma coisa era certa e não se negava: esse cocheiro de tilbury, quando uma dama rica ou pobre, bonita ou feia, moça ou velha, tomava passagem no seu carro, sentada ao seu lado, era por ele tratada com a devida cortesia e o maior respeito. O valente sabia ser cavalheiro, coisa que hoje dificilmente se nota nos motoristas e trocadores de ônibus. O atraso, às vezes, faz saudades. Os tilburys, desaparecidos daqui, foram, quase todos, para cidades serranas fluminenses. Petrópolis, principalmente.

A PEDRA DA MORENINHA

Macedo — Joaquim Manoel de Macedo — médico, político, professor, historiador, dramaturgo, comediógrafo e romancista — é um dos pais do romantismo brasileiro. No meado do século XIX era das mais ilustres figuras da literatura nacional. Macedo escreveu muito. O seu romance *Moreninha* (1844), que logo teve várias e sucessivas edições, fez época. Ficou a tradição da pedra, na Ilha de Paqueta, que a heroína do livro celebrizou por ser o local de seus amores. A pedra da Moreninha chegou mesmo a ser muito mais conhecida e falada do que o romance.

Pois a tradição dessa pedra está hoje reduzida a uma invenção de que alguns pesquisadores pacientes e proibidos das crônicas da cidade desmoralizaram. Ernesto Senna e Vieira Fazenda, por exemplo, liquidaram o assunto. Senna ouviu da própria viúva do escritor que a ação do romance não se passou absolutamente na ilha que D. João VI chamava dos Amores. Fazenda, que foi aluno de Macedo no Internato Pedro II, e que, às vezes, lhe falou no assunto, confirmou o depoimento de Senna.

Nem assim a lenda se desmanchou. A família proprietária da chácara ainda no primeiro decênio deste século, queixava-se das cacetengões de turistas que, aos domingos, principalmente, lá iam pedir licença para ver a pedra. Outros surgiam só para fazer piquenique. Essa família não agia como os guardas do Castelo d'If, os quais, para mostrarem aos visitantes curiosos e emocionados os cubículos vizinhos onde estiveram encarcerados o abade Faria e Edmundo Dantès,

futuro conde de Monte Cristo, dos mesmos insuaita meio mudo, e apoplético, em grande tomavam dinheiro. A família dona da pedreira, sobe de novo a arquibancada, oferecendo, ao contrário, aborrecia-se e resava para segundo as poules à razão de 4 mil réis a que pelos seus domínios ninguém aparecesse. coito pessoa que ali se encontrava. Ninguém quis aceitar a proposta. E na hora da lanche e Artístico tombou a Pedra da Moerenga, gata dos animais, ouvia-se, de envolta com nha. A história vive tão cheia de lendas e os gritos da torcida, os berros do Lopes: fantasmas, que mais uma, menos uma, não — Ladrões!...

lhe faz diferença. Muitos gostam de ver a pedreira grande, porque se diz que as moças dos outros, já na entrada da reta final, calçadas, lá chegando, atiram para cima arrastando na queda quase todas as demais dela uma pedrinha. Se esta fica onde cal, concorrentes. Apenas os animais corridos de então quem jogou pode ter a certeza de que alcançaram escapar por fora. Era exatamente se casará dentro de um ano. Se a pedrinha Pelicano e Pierrot. Pelicano trazia a corrida rola e vem abaixo, jogase outra. Tormando ganho por muitos corpos, quando, entre o do a rolar, mais outra, mais outra, até distanciado e o vencedor, cal também o seu acertar com a que fique. Tantas pedras roladas e perdidas, tantos anos de solteria. E Pierrot, vindo o cavalo sózinho até o poste de se nenhuma das pedrinhas aticadas se aguentar lá em cima? Então, é um desconsolo. chegada. Assim, apenas Pierrot completou o percurso normalmente, obtendo por essa forma a vitória...

A pobre pretendente não se casará já com o rateio da poule subiu a 900 e tantos mil réis.

Com esse dinheiro o Lopes comprou uma casa.

CAVALOS E CORRIDAS

Florianio de Lemos

2 — O INÍCIO DO TURF

I — O CASO DO LOPES

Foi no antigo Jockey Club de São Francisco Xavier, nos primeiros anos da República.

Último páreo já ao lusco-fusco da tarde. Corriam vários animais, sendo destacado favorito um cavalo chamado Pelicano, que não podia perder, e diziam ser gato. A poule pagaria, quando muito, treze ou quatorze mil réis.

Um sr. Lopes, agente da Prefeitura, com ação na freguesia do Sacramento, era desses turfinhos inveterados que gostam de jogar na certa, embora o rateio seja pequeno. Valdeci, comprou 7 poules no Pelicano e foi para a arquibancada geral, onde as confidências a uma luz melhor, pois via pouco, usando os óculos de vidro grosso. É quando tem a surpresa desagradabilíssima: comprara 7 poules, sim, mas no maior bacamarte do páreo, o Pierrot, cujo proprietário era o seu velho ex-gerido, Carlos Coutinho.

Lopes corre ao guichet que lhe vendera Pierrot e expulso ter havido engano. O funcionário da Casa das Apostas diz-lhe que nada lhe pode fazer. Estava fechado o jogo, lá correr o páreo. O Lopes perde a linha,

As pugnas esportivas que nos emocionam nos prados, com os lances das lutas entre os competidores, lutas em que se revelam os cracks da raga equina e os habilíssimos jockeys que os dirigem, passam por ter tido uma existência regular e definida na Inglaterra, no século XVIII, sob o reinado de Jaime I. É um cavalo árabe nascido na Síria, em 702, o Darley Arabian, avô do famoso Eclipse, o detentor das glórias de ter sido o antepassado ilustre e mais distante, do puro sangue inglês dos nossos dias. Em verdade, as origens longínquas do turf alçam campainha pelo menos o século XII; já então o povo britânico amava os praias de velocidade em que se empenhavam, sob a montaria de gentleman, os exemplares mais fiéis das coudeirias do reino. Elizabeth insinuou oficialmente as corridas nos prados, sobre essa que se completou com Carlos I, de 1625 a 1649. No que toca a Stud Book, isso em 1791 ficou ele definitivamente constituido.

3 — O CAVALO DE KOSCIUSKO

Kosciusko, como se sabe, não foi apenas um dos homens mais ilustres do seu tempo, mas ainda um modelo de virtudes. Viveu

CIA. COMERCIAL E INDUSTRIAL FIORÊNCIO

LADRILHOS

AZULEJOS

MOSAICOS

LOUÇA SANITÁRIA

Loja e Escritório: Almirante Barroso, n. 97
Fábrica e Depósito: Rua Francisco Manoel, n. 284

RIO DE JANEIRO

muitos anos na Suíça, em Soleure, de onde, certa vez, mandou a um pastor dos seus conhecimentos uma garrafa de vinho. Como porém o seu amigo morasse longe, Kosciusko emprestou ao condutor do presente o cavalo em que costumava andar por aquelas redondezas.

Quando o rapaz regressou daquela viagem, pediu o seguinte: "Caso me dê o senhor nova comissão do mesmo gênero, peço-lhe que não me empreste o cavalo sem me emprestar também a sua noiva".

— Por que? indagou Kosciusko, intrigado. — Porque o seu cavalo, mal avista um mendigo, mesmo que vá a galope, para de repente. E não há coisa alguma que o faça continuar a jornada sem que o pobre receba a esmola.

E acrescentou, sorrindo: "Imagine o meu embarço, eu não levava um cestil na algebeira, a flutuar, por meio de gestos, junto aos pediatas da estrada, que lhes dava realmente alguma coisa".

DANÇAS E DANCARINAS

As danças também tiveram o seu sucesso nos primeiros cinquenta anos deste século, em que o Rio se renovou e modernizou. Loie Fuller, norte-americana, a legítima, por quem anos antes, uma Loie Fuller ilegítima, aqui se exhibia, fez a sua estadia no Lirico em 23 de maio de 1904. A verdadeira Loie Fuller, durante algum tempo, foi a coqueluche das mais civilizadas plateias da Europa. Dela disse Anatole France: "É uma figura aérea, comparável, na sua graça, a essas dançarinas que se vêem nas pinturas de Pompéia a flutuar nas suas asas ligeiras". Jules Claretie fez-lhe escrever um livro recordatório: Quinze ans de ma vie. Rodonbach e Beauchair celebraram-na em versos.

O Rio já a conheceu um pouco tarde. Era uma quarentena plácida, de boca sensual e dois grandes olhos azuis claros, de expressão vivil, mas ainda extraordinária e admirável nos seus bailados. Lidia Lopokova, Nijinsky e Leonide Massine vieram para o Municipal em 1917. No ano seguinte, apareceu Pavlova. Estrou a 4 de maio. Respeitou em 1919 a 1923. Isadora Duncan veio quando estava no seu apogeu. A dançarina negra Josephine Baker cá esteve em 1929 e 1930.

Talvez pelo influxo trazido com as visitas de figuras notáveis da dança na Europa, aqui se desenvolveu a prática oficial aos bailados clássicos nos derradeiros trinta anos, constituindo-se o corpo de baile do Municipal. Não se pode negar à Prefeitura o gosto que ela tomou, aumentando dia a dia o quadro de seus artistas.

A DUSE

Eleonora Duse veio pela segunda vez ao Rio em 1907, estreando no Lirico a 19 de junho com A dama das Camélias. Deu uma série de espetáculos memoráveis.

Na noite de 16 de julho, fez a sua serata d'addio com Rosmersholm, de Ibsen. Recebeu ali uma grande e merecida manifestação. Colocaram no teatro uma lâmina de mármore negro com esta inscrição: "Eleonora Duse — Rosmersholm. O maggio al genio".

Morreu em Pittsburgh, em 21 de abril de 1924, com 64 anos de idade.

OS PRIMEIROS CINEMAS

No Rio, o cinema começou em 1904, num salão, 26 de novembro. Foi no então Teatro Lirico, cabendo a iniciativa a uma empresa estrangeira de E. Hervet, que fez uma exhibição completa com treze pequenos filmes. Era novidade supimpa e a concorrência foi grande! Durante vários dias, a empresa repetiu a mesma exhibição. Mas como não tinha fitas novas, cessou os espetáculos, indo para São Paulo.

Preços de ocasião: camarotes de 14, 15 e 20; camarotes de 10, 12 e 15; cadeiras, 35000; galerias, 15000. Mais tarde outras tentativas se verificaram. Algumas organizações nacionais meteram-se no negócio. Não foram felizes, principalmente por falta de filmes. Assim, desistiram. Somente a 9 de agosto de 1907, um italiano — R. G. Staffa — vendedor de cantos posados na rua do Ouvidor — inaugurava o Cinema Pantheon. Era o primeiro. Já agora, o negócio era bom. Prometia. Outros cinemas foram aparecendo aqui, ali, acolá.

O segundo cinema estável, aberto com extraordinário sucesso, foi o Cinematógrafo Paulista, propriedade da Empresa Arnaldo & Cia. cujo chefe era Arnaldo Souza. Também como o Pantheon, era na Avenida Central, nº 149. Inaugurou-se em 18 de setembro de 1907. Os filmes eram da Pathé e agradaram. Tempos depois, por força de terminação de contrato de locação onde se instalara, o Pathé mudou-se e transferiu-se a outros donos que foram os irmãos Ferrez. No mesmo prédio, muito mais tarde apareceu o cinema Palais, arrendamento de Alberto Sestini. A este, sucedeu a Empresa Darlot.

Na ordem cronológica, o terceiro foi o Cinematógrafo Ouvidor, propriedade dos irmãos Stamile. Ficava na rua do Ouvidor, nº 127. Foi inaugurado a 14 de novembro de 1907. Ali permaneceu até que a Prefeitura condemnou o prédio a ser demolido em 1913. Os Stamile, entretanto, continuaram no mesmo gênero de atividades, pelos arrabaldes. Os Stamile foram os primeiros exhibidores no

BIOTONICO FONTOURA

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE!

Rio a importar filmes americanos, conseguindo trazer as películas da Biograph, além de outras que mandaram buscar.

O Popular, fundado por Vital R. de Castro, é de 1909, inaugurado no mesmo local, à rua Marechal Floriano, onde ainda se encontra.

São os mais antigos cinemas da cidade. Os filmes, por essa época, não eram alugados.

SARAH BERNHARDT PELA ÚLTIMA VEZ

Três vezes esteve Sarah Bernhardt no Rio. A última, em 1905. Trouxe-a o empresário Ducci.

Sarah estava velha, rica e gloriosa. Naturalmente cheia de caprichos e fantasias. Ela havia escrito no Figaro, de Paris, após a sua estada aqui de junho e julho de 1893, que o Rio era uma cidade indesejável e inabitável. Contou que estando a bordo do Senegal, saindo da Guanabara de regresso à Europa, quase morreu, pois uma bala dos navios revoltosos da esquadra brasileira atingira e partira um dos mastros do barco francês. Mais ainda: contou que fora roubada no hotel em mais de cem mil francos de jóias. Disse que a polícia carioca era a mais estúpida do mundo.

Nada disso era verdade. Sarah, cujas declarações Éça de Quiróz comentara e ironizara numa correspondência para a Gazeta de Notícias, ficou marcada pela indignação carioca. Tanto assim ela compreendeu, que em 1905, ao ser convidado pelo empresário Ducci para uma tournée à América do Sul, foi logo excluindo do trajeto o Brasil. Ducci sujeitou-se a ela, veio no Magellan. Passou pelo Rio trancada no seu camarote, com ordem, que deu, para não ver, nem falar a ninguém. O desprezo era acintoso.

Mas em Buenos Aires, conversa vai, conversa vem, diplomata maneiroso e sutil, Ducci convenceu-a de voltar ao Brasil. Naturalmente aumentou-lhe o cachet. E Sarah, a 13 de outubro de 1905, com La Sorcière, que Sardou havia escrito para ela, reapareceu no Lírico. Teatro superlotado. Tinha-se cogitado de uma vaia para a famosa artista. Ela bem o sabia. Mas entrou em cena com tanta pose, tão segura e irrepreensível no seu papel de feiticeira, olhou de tal modo

e tão insolentemente para a platéia, que a vaia foi contida. Esperaram. Sarah deu nessa noite, talvez, a melhor das interpretações a uma figura que ela própria havia criado quando ainda era jovem. O jornalista e crítico teatral Heitor Mello, que esteve no Lírico nessa noite memorável, narrava que Sarah se excedeu a si mesma na representação. Em vez dos apupos, ganhou os aplausos que ameaçaram pôr o teatro a baixo.

Sarah ainda representou o seu drama Adrienne Lecouvreur, o que fez sem relêvo, Angelo e A Dama das Camélias, despedindo-se com o Hamlet.

Morreu em Paris, em 26 de março de 1923.

A Rua do Ouvidor do começo do século

A rua do Ouvidor em 1901 é, de todas as do Rio de Janeiro, a menos colonial — e menos suja, porque é a mais elegante e a mais freqüentada. Em 1699, chamava-se rua Homem da Costa. É no fim do século XVIII, que toma a designação atual. Ali havia residido o juiz-ouvidor Francisco Berquó da Silveira, sendo vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza.

Em 1901, a rua do Ouvidor tinha o nome de Moreira Cezar, homenagem ao coronel Antônio Moreira Cezar, morto em combate durante a campanha de Canudos.

O povo, porém, só a conhecia pelo nome antigo. Reagiu de tal maneira, que a Prefeitura acabou pondo lá as placas com a designação anterior.

O historiador Noronha Santos informa que em 1901 essa rua tinha 313 prédios, todos mais ou menos velhos, acanhados, mas era nela que se achavam as melhores casas de modas, as de preços mais altos e os cafés e as confeitarias, onde senhoras chics, políticos em evidência, litterateurs e boêmios se acotovelavam. O escritor português João Chagas, mais tarde ministro em Paris e presidente do Conselho de Ministros da República, tal como muito antes o seu compatriota ilustre Ramalho Ortigão, viu a rua do Ouvidor e dela não gostou. Achou-a de um dandismo de aldeia. Uma rua catita. E querendo ridicularizá-la, acentuou que era um belo beco todo cheio de francesis-

BANCO BRASILEIRO UNIDO S. A.

CAPITAL E RESERVAS CR\$ 27.020.000,00

AGRADECE A PREFERÊNCIA DE SEUS CLIENTES E AMIGOS

Rua Buenos Aires, 56 — C. Postal, 463 — Tel.: 23-4142

mos, onde muita gente imaginava viver, como se vivesse em Paris.

Valentim Magalhães deu-lhe uma resposta amarga, numa de suas crônicas para a imprensa de São Paulo.

Era, entretanto, por esse corredor risonho, ora simples e afetuoso, ora complicado e cerimonioso, mas sempre congestionado, que passavam quase diariamente as damas elegantes e os homens de espírito da metrópole brasileira. Igualmente por ela, todos os anos, às terças-feiras de Carnaval, rodavam os grandes e formidáveis prêmios com os foliões em algazarra.

Na rua do Ouvidor parece que cabia tudo.

A GASOLINA

Foi em 1906 que começamos a queimar divisas comprando gasolina. Até esse ano o querosene era praticamente o único derivado de petróleo importado pelo Brasil em grandes quantidades.

Máquinas, lampões e fogareiros caseiros consumiam em larga escala o querosene. Juntamente com diminuta parcela de gasolina esse combustível marcou na pauta importadora de 1906 um total de 70.325 toneladas no valor de dez mil contos, contra 50.622 toneladas e oito mil contos de 1901.

Em 1907 os 600 ou 700 carros existentes no Brasil exigiram a compra de 1.110 toneladas valendo menos de 425 contos.

O maior fornecedor de gasolina foi os Estados Unidos com 995 toneladas enquanto a França aparecia com 69, a Bélgica com 31, a Alemanha, com 6 e a Inglaterra com 5.

E' interessante notar que até o Uruguai vendeu gasolina ao Brasil em 1907...

Nos últimos vinte anos as importações

brasileiras de gasolina apresentaram vigorosa escala ascendente.

A segunda guerra, no entanto, sustou por algum tempo o crescimento das compras dessa espécie. Em 1942 a entrada de gasolina em território nacional resumiu-se a pouco mais de 251 mil toneladas, quando em 39 havíamos importado quase 400 mil.

De 1930 para cá, somente em quatro meses não entrou qualquer quantidade de gasolina a granel em território nacional. Esses meses foram junho e outubro de 1944 e outubro e novembro de 1945.

A PRIMEIRA GARAGEM

Um dos primeiros choferes desta cidade foi J. Huber e a primeira garagem existiu à Rua da Relação, propriedade de um certo A. de Vasconcellos. Mas só em 1906, o último ano do governo que remodelara e saneara o Rio, é que teve início aqui o registro de termos de exames de condutores de automóveis, tempo em que começam, então, a aparecer outras garagens — 14, em 1908 e 60, em 1912.

Contra mordeduras de serpentes: O remédio mais popular contra mordeduras venenosas, famoso no mundo inteiro até fins do século XVII, era a teriaga, em latim *theriaca*.

A palavra provém do grego, *therikos*, que significa pertencente a animais selvagens ou reptis venenosos. Diz-se que foi Nicandro de Colefônia, na época de Alexandre, o primeiro a descrever a teriaga.



Moinho Central

EM FARINHA DE TRIGO

O SINÔNIMO DE BOA QUALIDADE É

CENTRAL

Acondicionada em sacos de 1, 5, 25 e 50 Ks.



TELEFONES :

3-3164 - 3-3165 - 3-3166

Telegramas: "Moageira"

SÃO PAULO

RUA BOAVISTA, 314

4.º andar

Caixa Postal, 260



SORTES DE SÃO JOÃO

MARIZA LIRA

Os vários aspectos da festa de S. João não são mais que resquícios de cultos remotos.

Os fogos e fogueiras prendem-se ao culto do fogo, o banho de S. João é uma reminiscência simbólica do batismo de Jesus pelo Precursor e o capítulo das sortes está ligado a velhas práticas de magia.

Bem distintas são as sortes de S. João: "sortes secretas", que se praticam quase sempre à meia-noite, e as "sortes de salão".

Entre a primeira, há a "sorte do alho", plantado à meia-noite; se pela manhã estiver grelado o ano será afortunado. A dos "papezinhos misteriosos", que rara moça deixa de consultar. Em pequenos retângulos de papel são escritos nomes masculinos diversos. Dobrados cuidadosamente os papéis são jogados à meia-noite numa vasilha com água, que é posta ao sereno. De manhã, o papel que estiver aberto revelará o nome do futuro marido!

A "sorte do ovo" consiste em quebrar um ovo dentro de um copo com água, que se deixa ao sereno. De manhã, se o conteúdo figurar um esquife é morte, um navio, viagem ou um véu, casamento!

A do "sonho de S. João" tem muita semelhança com a da "caixa de S. João". Em ambas o tema é o sonho.

Numa há uma caixa simbólica para um casal, onde só aparece um; em ambas a revelação é feita no sonho.

O motivo comum é a oração dita ao deitar-se e que corre o Brasil em muitas variantes. A cartoca pede assim: "Meu glorioso São João, vos dormindo sonhaste com as glórias de Jesus e Maria. Fazei também que eu sonhe com aquele que vai ser meu esposo". Reza-se um Padre-Nosso, uma Ave-Maria e um Glória ao Pai. Se não se sonhar com homem algum fica-se para "titia", "moça-velha" ou solteirona.

Muito conhecida é a "sorte da aliança", que, amarrada por um fio de cabelo se pendura sobre um copo, de modo que diste igualmente das bordas. Como é natural, oscilará, o número de batidas corresponderá ao número de anos que faltam para o casamento.

A "dos pratos" que se viram numa mesa: colocando sob um deles, uma aliança, noutro

nada e no último um rosário. À meia-noite, revira-se um; se sair o da aliança é casamento, o do rosário, vida longa e sem nada, morte!

Uma sorte muito temida é a de reflexo da figura da pessoa na água. Várias são as histórias tristes, com um cunho de veracidade, que se contam em torno dessa sorte.

Inspirando-se nessa superstição, o festejado poeta Adelmar Tavares escreveu o lindo soneto:

Ela não viu a imagem na corrente
Quando ao rio, em S. João, se foi banhar.
E voltou para casa, descontente,
Com os lindos olhos baixos, a chorar...

Morrerei o outro junho, certamente...
Como as sortes enganam!... "Vais casar..."
— Prima Amparo, não creia. Pode a gente
Nessa superstição acreditar?

E o outro junho chegou... E ela partia
Morta, no seu caixão, magoado o rosto...
O meu primeiro amor! A flor de um dia!...

Por isso quando junho vem chegando
Choro esse esquife azul, pelo sol posto,
Com seis moças de branco, carregando...

São tantas "sortes secretas" para a noite de S. João: a "da flor", a "do tostão", a "do pobre", a "do carvão" que se retira da fogueira, a "das agulhas", a dos "três pontos do lençol da cama", a "dos três feijões", a do "milk na canica" a "da faca na bananeira", a do "manjerico no telhado", a "da pimenta" e outras mais.

Para muita gente, essas sortes são levadas a sério, não podem ser discutidas, representam a palavra do Destino.

Mas não são apenas essas, as sortes que aqui queremos lembrar; há as "sortes de salão" tiradas entre aplausos, risos e galhofas nos intervalos das danças, depois da subida de um balão, ou de um combate de bombas e pistóles ou ainda depois da chegada até a mesa repleta de iguarias características dessa festa roqueira.

Antigamente, quando o S. João era festejado nas chácaras, sítios e fazendas, sem a preocupação moderna de artificialismo, ca-

PAPELARIA HEITOR RIBEIRO LTDA.

(FUNDADA EM 1869)

Importação e Exportação de artigos de papelaria em geral. Grande fábrica de livros em branco, pastas para arquivo e etiquetas para todos fins. Moderno aparelhamento gráfico. Fornecedores autorizados do Governo Federal e demais Estados da União.

VAREJO E ESCRITÓRIO CENTRAL:

Rua da Assembleia, 62 — Tels. 32-6364 e 32-6162.
Gerência — Tel.: 52-4760

ATACADO E OFICINAS GRÁFICAS

Rua Leandro Martins, 72-74 — Tel. 43-1157
Endereço telegráfico: "RICEDO" — Caixa Postal, 357 — Rio de Janeiro

ricaturando a nossa gente simples do interior, realizando ^{primes} e casamentos de pantomimas, essas sortes eram apreciadíssimas pelos convidados, que se sentavam em roda da sala, aguardando a resposta pronta do "oráculo", que se postava no centro atendendo prontamente aos consulentes, se possível com ^{quadrinhas} repentistas; se para tanto não "tinha engenho e arte", valia-se das respostas tradicionais dos livrinhos de "Sortes de S. João", "Oráculos das famílias", etc.

Se a moçoila desejava saber "se alguém a amava em segredo" a resposta era neste teor:

Contam-se centos daqueles
Que desejam sua mão
Todos juntos fazer podem
Um completo batalhão.

Para rapaz, a resposta era esta:

Uma velha desdentada
Viúva de um sacristão
Em segredo te idolatra
Morre por ti de paixão.

ou então:

Uma moça bonitinha
Toda terna e amorosa
Com fortuna, mas sem dentes
Deseja ser tua esposa.

Az vêzes, uma jovem, simulando acanhamento, indagava meio confusa: "Será que me devo casar?"

A resposta não tardava:

Casareis co'um homem pobre
Cheio de filhos e netos,
O qual tem a mania
De a todos fazer sonetos.

Uma "viúva consolada" arriscava a pergunta e a resposta não podia ser mais positiva:

Casar-vos, segunda vez?
Jamais esperais, senhora.
Pois tal estado não serve
Para quem tanto namora.

Entre risos e palmas um rapaz queria intencionalmente saber se era correspondido no seu amor:

Não esperes tanta glória
Não esperes tal favor
Nem tu sabes a quem amas,
Nem tu sabes o que é o amor.

Disfarçadamente um senhor já maduro indagava: "será feliz no jogo?"

Se esperais de loterias
Vossa futura riqueza,
Aqui vos desengano,
Sempre andareis na pobreza.

Se alguém desejava saber se devia acreditar em sonhos, o oráculo orientava:

Não acreditar? é boa,
Como sois dissimulada,
Como não acreditar
Se vós sonhais acordada?

Ao sonho da noite de hoje
Podeis dar todo o valor,
Pois, um sonho desta noite
Nunca foi enganador.

A política também despertava indagações e o oráculo de S. João tinha respostas deste gênero:

Falas de mais do governo
E falas sem tom nem som
Por isso verás em breve
Qu'isso não é muito bom.

Se te prestarem amigo
A serem bajulador
Alcançará ainda um dia
O lugar de senador.

Os ingênuos arriscavam uma perguntinha: será que tenho amigos sinceros?

Ter amigos que não prestam
É uma faca que não corta,
Diz, pois, o velho rifão:
"Que se perca pouco importa".

O consólo das solteironas era saber se morreriam ricas ou pobres e o "Oráculo" satirizando respondia:

Vou indicar-vos um meio
De muito rica morrer
É meter-vos em gaiola
Que todos vos irão ver.

ou

Morrereis tão nobre e rica
Como a velha Mariquinhas
Que depois dos noventa anos
Inda cantava modinhas.

Se o violeiro, o frutista ou o sanfoneiro, queriam descansar, era preciso ^{animar} o brinquedo, "esquecer a festa" e promovia-se um "jogo de salão".

A série é grande, a escolha podia ser feita à vontade.

Havia o "jogo de prendas", o "do amigo", o "do anel", o "das fitas", o "do pintor", o "do boque da noiva" e tantos mais...

PASTILHAS M^c COY
COM VITAMINA A e D
PODEROSO FORTIFICANTE PARA TODAS IDADES

Pitorescas eram as penitências para os faltosos. A "carta dos três desejos" era interessantíssima causando risos e alaridos. O penitente tinha de diante de cada convidado ir dizendo — Tenho uma caixa de três desejos — amar, querer e aborrecer. O convidado perguntava a quem ama? a quem quer e a quem aborrece. O último apontado substituiu o penitente.

Outra, muito apreciada, era o do "Manoel da hora": o penitente era obrigado a, diante de cada convidado, dar um passo esquisito, complicado e perguntar:

"Viste, Manoel da hora
O passo que eu dei agora?"

E a do poço? O penitente simulando estar dentro de um poço dizia: "cá no poço"! e o diretor do brinquedo respondia — quem quer que lhe tire? ao que o penitente respondia — só meu bem pode — Quem é seu bem? — Dona F., se ela ou ele apontados queria ir, muito bem, se não continuava a perguntar e a resposta entre o penitente e o diretor.

E' impossível enumerar todas as tradições joaninas que correm o Brasil em inúmeras variantes e que pelo espírito revelam o fundo lusitano, de onde provêm.

Assim são as do velho Rio, do tempo em que esses folguedos eram de fato mais simples, mais ingênuos, mas não menos animados e mais expressivos que os de hoje.

Felizmente, nem tudo se perdeu.

Das cinzas das fogueiras de S. João surgiu uma idéia esplêndida.

Um artista de rádio, dos mais queridos, popularíssimo em todo o Brasil pelo aveludado da voz e sentimentalismo do cantar — Sílvio Caldas, o "caboclinho querido", que foi eleito pelos cariocas "Cidadão samba", teve uma idéia altruística — criou o "São João dos lázaros".

Todos os anos — e já lá vão alguns, Sílvio Caldas angaria doativos, e esteja onde estiver, viaja e vai cantar e distribuir os doativos aos infelizes doentes, numa demonstração admirável de solidariedade humana.

Que o gesto de Sílvio Caldas frutifique, que as estações de rádio e as companhias teatrais organizem programas característicos desta festa, que ninguém faîte ao caridoso dever de levar aos hansenianos um pouquinho de alegria.

Praza aos céus que o "S. João dos lázaros", que Sílvio Caldas tão admiravelmente lançou se torne uma tradição brasileira.

Então, a antiga festa se perdeu em originalidade, ganhou em expressão humana, passará a ser uma festa como a do Natal, a de Santo Antônio, em que a vontade divina está presente:

"Consolai os que sofrem, ajudai aos que precisam".

E a trova tradicional expressará a verdade em toda a sua plenitude:

Onde está o Batista?
Ele não está na Igreja
Anda de mastro em mastro
A ver quem o festeja.

S. COSME - S. DAMIÃO

O culto de S. Cosme e S. Damião, o primeiro médico e o segundo cirurgião, ambos nascidos na Arábia e ambos mártires de Decleciano, imperador romano, ano 247, vem de muito longe.

Seus corpos, sob o pontificado de S. Félix, foram depositados, em Roma, numa igreja que os tomou por padroeiros, sendo seus nomes inscritos no "canon" da missa.

Destde então, em várias cidades da Europa, foram erguidos santuários com a invocação desses santos.

Os portugueses tinham grande devoção pelos gêmeos, tanto que existe perto da cidade do Porto uma cidade com o nome dos dois santos, que eram os patronos dos cirurgiões.

Essa tradição foi conservada por muitos anos na Universidade de Coimbra. Em 1802, no reinado de D. Maria I, a "Junta Pro-Medicato" instituiu uma taxa de cem réis pelo exame e diploma, sendo o dinheiro depositado no cofre de S. Cosme e S. Damião.

O exemplo dos colonizadores fez que no Brasil sempre se prestasse grande culto aos santos gêmeos.

Segundo a tradição, tendo Duarte Coelho Pereira, donatário da primitiva capitania de Pernambuco, alcançado vitória sobre os índios e franceses invasores, ergueu um templo a S. Cosme e S. Damião na mais tarde cidade de Iguaçu, denominada por D. João III, no século XVI, "muito nobre,

AGUA NAZARETH

A MAIS SABOROSA

sempre leal e a mais antiga cidade de Santa Cruz de S. Cosme e S. Damiano" ☐ atingiram a maturidade praticando o bem ☐ desinteressadamente a ponto de serem cor-

No Rio, mesmo sem terem templo próprio, anargiros (imagens de S. Cosme e S. Damião sempre foram vendidas no rio).

...rados no altar de Nossa Senhora dos Praze-
res, na velha igreja da Misericórdia.

Des santos médicos que firmaram fama ☐ das mulheres estéréis, e o dia 27 de setem-
miraculos, dizia-se que bastava benzerem ☐ thro proferido para os casamentos, notada-
em cruz os doentes, tocando-lhes com as ☐ mente no meio popular.

...mãos, para que logo ficassem radicalmente curados. No dia dos santos gêmeos há festas em todos os cantos da cidade, festas íntimas

S. Cosme e S. Damão são tidos como lugares de caráter popular. Várias residências, advogados contra as epidemias, e cisternas se abrem para todo o visitante, garridas

Ai por 1870, no dia 27 de setembro, disse-me o senhor governador de iguarias e deos postos tribuam-se nas igrejas garratinhas com óleo em geral diante do altar dos santos ficam

tanto de S. Cosme e S. Damião, para que ☐ se ☐ a disposição de quem entrar, havendo ini-
fôrse friccionado na parte doente do imple- ☐ cionalmente, na chamada primeira mesa, dis-
pondo-se

ramos, ali mesmo, diante do altar, enquanto a distribuição de doces e brinquedos às crianças se pronunciava, uma vez esta reza: "Pela proteção de gêmeos constitui grande hon-

sancta, intercessu de S. Cosma e S. Damiano, e a eles são prestadas todas as deferên-
livrai-nos deste mal. Amen". □ cia eias. Há casas onde só são apresentados

Mar e culto dos gêmeos ou manjás, no ☐ doces brancos, manjar, doce de coco, de cla-
Brasil, sofreu grande influência africana ☐ pas de ovo, etc.

Gege Nagni, apresentando-se em português. Nas macumbas, é o dia 27 de setembro, sincretismo afro-europeu. São por isso ti-□uma data memorável. Os gêmeos têm en-
cora também como advogados contra feiti-□canga francesa

Cos, bruxarias, mau olhado e espíndia caída... E há cânticos adequados como esses apre-

e tem como correspondente na religião re-□seculares, em Negro Brasileiro, por Ar-
tista o orixá Beji ou Ibeji, ambos do □tur Ramos.

O culto dos gêmeos, porém, liga-se a Ogun, Osun e Alabá.

crença do duplo — o eu e a sombra. — □ Vento da aldeia,
que resulta na esperança da imortalidade. □ Lúmen da areia".

Podendo também estar ligado à ideia de diabo. ■ Durante a distribuição dos doces é comum

Para muita gente, filhos gêmeos apavora. ☐ **fesse cântico:**
 torz. ideia de infelicidade, tanto que se apela

Logo, para a proteção de S. Cosme e S. Daí, vou cantar a mãezinha
mãe, festejados a 27 de setembro, ou para Camarádinhos, Ogum.

S. Crispim e S. Crispimiano, a 25 de outubro - ☐ Oh! Oh! di um! ☐ Sem mesmo ser

Deus. ☐ Merecedor. ☐ Merecedor.
No Rio, S. Cosme e S. Damião, por in- ☐ Oh do um!".

fluência das macumbas católicas, são chamados "Dois-dois" ou "Dô-um" (dois em □ Numa residência em Vila Isabel, na hora

Um); a eles são consagrados os gêmeos, □ da distribuição das dadas colhemos esse
havendo em muitos casos altares onde se □ cântico, que se repetia sempre que chega-
vamos, e quando descedo as dadas colhemos esse

As festas destes santos variam muito aqui

Como em tudo mais, essa tradição não vem apenas velha e menino

Como em tudo mais, essa tradição não vem apenas de velho e menino, foge à invasão dos exploradores. □ Venha buscar doce e bengão.

pelas ruas dos nossos bairros e do centro **Centro 6! 6! Dois-dois!**
da cidade andam mulheres e crianças **São Cosme e São Damião"**

panos de croché e enfeites com flores ☐ Não, macumbas a fundo é muito mais

de papel sobre as quais descansa a lma-☐nimental. Marmangos e velhutas "encar-
gem conjugada de S. Cosme e S. Damião." ☐nang, durante a festança, espíritos de crian-

As próprias "baianas" (muitas delas de baixa escolaridade) dizem que, quando se tratam de baianas, os baianos não fazem travessuras e manhas

tentam, nos tabuleiros, os "dois-dois" que ☐ e sem póis, atiram-se vorazmente aos do-
vã, recebendo os níqueis dos devotos. ☐ ps. ☐ ce e salgados como qualquer garoto mal-

06 E numa idéia errada, todo o povo julga ☐ educado.
dois santos mentirosos, quando realmente ☐ E cantam-se pontos que também são ris-

PERCEVEJOS? DETE FEN
PERCEVEJOS? DETE FEN

O MAIS FORTE!

cados com pombas, depois recobertos com pólvora, sendo o "climax" da celebração o momento em que se queima o ponto, isto é, quando se atia fogo e o "terreiro" se enche de fumaça purificadora.

Al então, a atmosfera fica irrespirável, o ar contém cheiro de corpos suarentos, e as emanções da pólvora desorientam, entontecem.

Isso não impede que o canto continue noite a dentro: "formoso o ponto, formoso o ponto, formoso o ponto".

"Cosme e Damião, Cosme e Damião, Olha o rei de Umbanda, Já chegou, Meu Deus! Cosme e Damião Vem salva os teus irmãos, Vem!"

Há macumbas que fazem a irradiação para os do mar e então o ponto é outeiro.

"São Cosme e São Damião, Sua Santa já chegou, Veio do fundo do mar, Que Santa Bárbara mandou, Dois-dois — 'será do Mar'."

Durante a festa de S. Cosme e S. Damião, o Pai ou Mãe de Santo, as filhas de santo e os crentes em geral comparecem com as vestes adequadas à comemoração.

Também variam muito. Numas aparecem nus, apenas trazem tangas vermelhas, cobrem-se com longos mantos negros forrados de solferino. Noutras, de calças pretas riscadas de prata, blusa azul-clara ou rosa-pálido. Ainda em outras vestem-se de roupas brancas com faixa verde-esmeralda.

A iluminação varia de colorido, também de acordo com a fantasia do diretor da macumba, pois, creio que o ritual gôgo-nago já está muito adulterado.

As comidas é que são sempre da culinária afro-baiana: caruru, acassá, abará, acaragê, farefa com azeite de dendê, etc.

A primeira porção que se serve é oferecida ao santo, isso quer nas macumbas, quer nas festas particulares.

Naturalmente que o santo não as come; é apenas um símbolo do tradicional oferecimento à divindade.

Esse culto aos gêmeos não é só praticado no Brasil. Em Cuba, Fernando Ortiz, o mais autorizado mestre de africanologia, diz-nos que o culto dos gêmeos não sofreu influência católica, conservando os Jimaguas a forma original dos ídolos: duas figurinhas de pau amarradas com um cordão, ora unindo todo corpo em uma só peça, ora deixando a cabeça de fora. Geralmente são envolvidos um, num pano vermelho, e outro, num pano negro, enrolados em espiral numa "guta" (colar de contas de vidrilho), de onde pendem de espaço a espaço, chaves, moedas, etc.

O interior dos bonecos é ôco, e aí é que se colocam restos de comida, raízes, pedras, etc., embebidos no sangue das aves sacrificadas.

São esses ídolos muito usados na prática de feitiçarias.

Dai julgar Ortiz que os "Jimaguas" não parecem haver sido introduzidos em Cuba pelos negros da religião de Yoruba, se não, antes, pelos escravos procedentes de alguma comarca de Guiné.

No Brasil tudo indica que a maior influência desse culto deva ter vindo com os negros bantus; entre eles é que é mais profunda a crença nos gêmeos.

Se você não puder ser a estrada, seja apenas a estrada;

Se não puder ser o Sol, seja uma estrela;

Se não é pelo tamanho que terá êxito ou fracasso —

Mas seja o melhor possível, aquilo que você é.

D. Malloch

COMPANHIA DE ANILINAS

Produtos Químicos e MATERIAL Técnico

SEDE:

RUA DA ALFÂNDEGA, 100/102

RIO DE JANEIRO

Produtos Farmacêuticos

Anilinas

Material Técnico



Papel para Jornais, Revistas e Livros, em bobinas e fardos — Importação direta — Fornecimento de estoque.

FORNECEDORA DESTA JORNAL



Representantes exclusivos da

THE NIAGARA WIRE WEAVING CO.
LTD., NIAGARA FALLS,
ONTÁRIO, CANADÁ

Fabricantes de telas metálicas para máquinas de papel, celulose, papelão, asbesto - cimento e outras. Criadores das malhas "Longcrimp" e "Modified Longcrimp"

PEÇAM OFERTAS ESPECIFICADAS



S. A. MERCANTIL ANGLO-BRASILEIRA
RIO DE JANEIRO — S. PAULO

Escr. da Matriz, Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 9 - 6.º and.

Ed. da "Associação Comercial" — Telef.: 43-0920 (Rêde)

A palavra de Mac Arthur no Congresso Norte-Americano

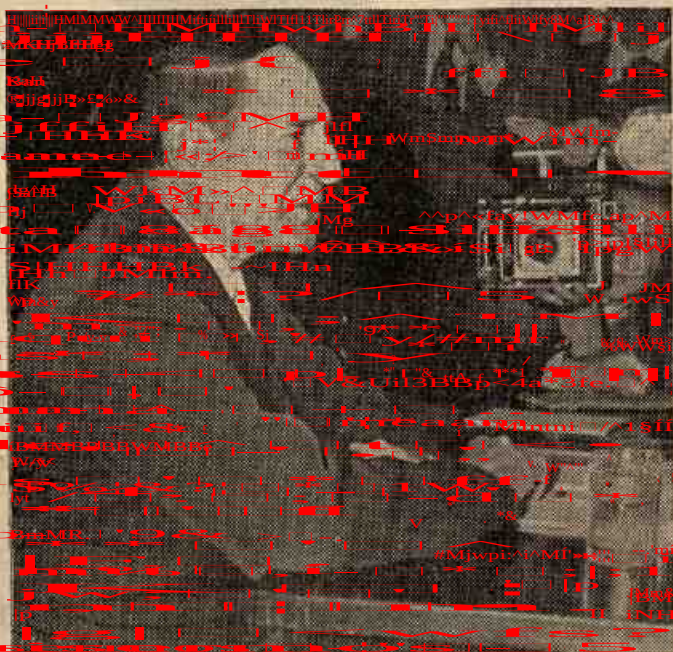
A ameaça soviética deve e pode ser enfrentada, decididamente, na Ásia e na Europa

"Sob a esta plataforma com o sentimento de profunda humildade e o grande orgulho — humildade por seguir a senda da-queles grandes arquitetos norte-americanos que estiveram aqui antes de mim, e orgulho ao refletir que esta forma de debate legislativo representa a liberdade humana na sua forma mais pura jamais ideada. Aqui se concentram as esperanças e as aspirações e fé de toda a espécie humana. Não estou aqui como advogado de nenhuma causa partidária, pois as questões são fundamentais e chegam muito além do domínio da consideração partidária. Devem resolver-se no plano mais elevado do interesse nacional, se quisermos que nossa orientação se revele acertada e que nosso futuro seja protegido, e não limitado."

"Confito pois em que me façais a justiça de receberdes o que tenho a dizer unicamente como expressão do ponto de vista mediato de um compatriota norte-americano. Dirijo-me a vós sem rancor nem amargura, no crepúsculo da vida, com um propósito no pensamento: Servir a minha pátria."

"Os problemas são globais e tão entrelaçados que abordar os de um setor, esquecendo os de outro, é convidar o desastre para todos. Quando se fala da Ásia, é costume chamá-la de porta da Europa, mas não é menos certo que a Europa é porta da Ásia, e a ampla influência de uma não pode deixar de repercutir sobre a outra. Há quem aduza que nossa força é insuficiente para proteger ambas as frentes, que não podemos dividir nossos esforços. Não posso pensar em maior expressão do derrotismo que esta."

"Se o inimigo potencial pode dividir essa força em duas frentes, corresponde-nos replicar ao seu esforço. A ameaça comunista é mundial. Seu feliz avanço num setor ameaça destruir todos os demais setores. Não se pode apaziguar ao capitular de outro modo perante o comunismo na Ásia, sem minar simultaneamente mesmo esforço pode conter seu avanço na Europa. □ desloca-



"Além de acentuar essas verdades gerais, limitarei minhas palavras às regiões gerais da Ásia. Antes que se possa calibrar objetivamente a situação presentemente reinante ali, urge compreender-se alguma coisa do passado da Ásia e das mudanças evolutivas que marcaram seu curso até o presente."

"Por muito tempo explorados pelas chamadas potências coloniais com pouca oportunidade para lograr qualquer medida de justiça social, dignidade individual ou mais alto nível de vida tais como as que pautaram nossa nobre administração nas Filipinas, os povos da Ásia encontram sua oportunidade na guerra recém-acabada para se desprenderem das garras do colonialismo e agora vêm o alvorecer de nova oportunidade, uma dignidade não sentida até agora, e respeito próprio de liberdade política."

"Reunindo a metade da população da terra e 60 por cento dos seus recursos materiais, esses povos estão rapidamente consolidando uma nova força, tanto moral quanto material, com que elevar o nível de vida e erigir adaptações do progresso moderno aos seus próprios definitivos meios culturais. Quer se apoie ou não o conceito da colonização, esta é a direção do progresso asiático, que não pode ser contido. Isso é corolário do deslocamento das fronteiras econômicas mun-

diais, tal como todo o epicentro dos negócios mundiais se desloca para trás, para a mesma era de onde partiu.

Nesta situação, faz-se vital que nosso próprio país oriente sua política em consonância com essa condição evolutiva básica, em vez de seguir um caminho, cego à realidade de que a era colonial já passou e de que os povos asiáticos têm o direito de forjar seu próprio destino. O que buscamos agora são um guia e apoio amistoso e não direção imperiosa. A dignidade da igualdade e não a vergonha da subjugação. Seu nível de vida de pré-guerra, lamentavelmente baixo, é infinitamente mais baixo agora, na devastação deixada pela guerra em sua esteira. As ideologias mundiais desempenham pequeno papel no pensamento asiático e são pouco compreendidas. O que o povo se esforça por conseguir é a oportunidade de um pouco mais de alimento em seus estômagos, um pouco de roupa melhor sobre os corpos, um telhado um pouco mais firme sobre as cabeças e a realização do normal anelo nacionalista pela liberdade política. Essas condições políticas e sociais têm apenas uma influência indireta sobre nossa própria segurança nacional, mas constituem um fundo para o planejamento contemporâneo a que deve ser tido conscienciosamente em conta, se tivermos que evitar os perigos do irrealismo. De influência mais direta e imediata sobre nossa segurança nacional são as mudanças introduzidas na potencialidade dos povos do Oceano Pacífico, no curso da guerra passada. Antes dela, a fronteira estratégica ocidental dos EE. UU. estava no litoral das Américas, com o exposto saliente de ilhas que se estendia através de Hawai e Guam, até as Filipinas.

Aquela saliente demonstrou ser não um posto avançado de força, mas uma avenida débil, ao longo da qual o inimigo podia atacar, e atacou. O Pacífico foi zona potencial de avanço para qualquer força predatória decidida a atacar, zonas terrestres vizinhas. Tudo isso foi modificado por nossa vitória no Pacífico. Nossa fronteira estratégica deslocou-se então para abarcar todo o Oceano Pacífico, que se converteu num vasto fosso para proteger-nos, enquanto o possuíssemos. Indiscutivelmente, serve como escudo para proteger todas as Américas e todas as terras livres da zona do Oceano Pacífico. Nós o dominamos até as praias da Ásia por meio de uma cadeia de ilhas que se estende em arco das Aleutas às Marianas, que nós e nossos aliados livres ocupamos. Dessa cadeia de ilhas podemos dominar com o poderio marítimo e aéreo todo o pólo asiático, desde Vladivostok até Singapura, e prevenir qualquer movimento hostil no Pacífico. Qualquer ataque predatório partido da Ásia terá que ser um esforço anfibio. Nenhuma força anfibia pode ter êxito sem o domínio das águas marítimas e do ar sobre essas rotas, em sua avenida e avanço. Com a supremacia naval e aérea e modestos elementos de terra para defender as bases, qualquer ataque importante partido da Ásia continental em nossa direção ou de nossos amigos do Pacífico estaria condenado ao fracasso. Em tais condições, o Pacífico já não representa ameaçadoras avenidas de acesso para o invasor em perspectiva. Em vez disso, assume o aspecto cordial de plácido lago. A nossa linha de defesa é natural e pode ser mantida com o mínimo de esforço e dispêndio militares. Não anuncia ataques contra ninguém, nem proporciona baluartes da adequadamente, seria defesa contra a agressão. A manutenção dessa defesa, tal como na linha do Pacífico Ocidental, depende totalmente da manutenção de todos os segmentos dela, porque, qualquer ruptura importante dessa linha por potência inimiga, tornaria vulneráveis a um ataque decidido todos os demais segmentos importantes. Esse é o cálculo militar, ao qual ainda não encontrei líder militar que tenha objeções a fazer. Por essa razão, implorei vigorosamente no passado, como questão de urgência militar que, em nenhuma circunstância, Formosa deve cair sob o domínio comunista. Tal eventualidade ameaçaria imediatamente a liberdade das Filipinas e a terra do Japão e poderia facilmente empurrar nossa fronteira ocidental para trás até as costas da Califórnia, Oregon e Washington.

Para compreender as mudanças que agora aparecem no continente chinês, é mister que se compreendam as alterações no caráter e estrutura da China, nos últimos cinquenta anos. A China até a cinquenta anos era completamente heterogênea, baseada em grupos dispostos uns contra os outros. A tendência belicosa quase não existia, pois continuava a seguir os princípios do Ideal de Confúcio, de cultura pacifista. Ao en-

CIA. DE SEGUROS "GARANTIA INDUSTRIAL PAULISTA"

SEDE — SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 152

5º andar - (Ed. Bavária)



DIRETORIA :

Dr. Nelson Libero — Presidente

Dr. Renato de Andrade Santos —

Vice-Presidente

Tobias Cardoso — Diretor

Secretário

Yelcirjo Martins Fontes — Diretor

Conferência

Fundada em 1924

Fogo — Acidentes do Trabalho — Transportes Terrestres
e Marítimos — Acidentes Pessoais

Sucursal - RIO DE JANEIRO - Rua do Carmo, 9, 6.º - Fone 22-4033 - End. Telegr. "GIP"

(***)

trar o século, os esforços no sentido da maior homogeneidade produziram um princípio de vigor construtivo no progresso do gênero humano nacionalista. Isso se desenvolveu mais.

e com maior êxito sob a caudilhagem de Chiang Kai-Shek, mas foi levado a sua maior frutificação sob o presente regime, até o extremo de que agora adquiriu o caráter de nacionalismo unido, de tendências expansivas, presentemente dominante ante.

Através desses cinquenta anos, pois o povo da China militarizou-se, em seus conceitos e ideais. Agora, os chineses são soldados ex-celentes com estados maiores e comandantes competentes. Isto produziu um novo e dominante poder na Ásia que, para seus próprios fins, está aliado a Rússia Soviética mas que em seus próprios conceitos e métodos agressivamente imperialista, com ânsia de expansão e poder.

"Há pouco em conceito ideológico, num sentido ou em outro, na organização da China. O nível de vida é tão baixo e a acumulação de capital se dissipou tanto com a guerra que as massas estão desesperadas e incapazes de seguir uma direção que lhe pareça prometer alívio das dificuldades locais. Creio, desde o princípio, que o apoio dos comunistas chineses aos norte-americanos foi o dominante. Seus interesses são, atualmente, paralelos aos dos soviéticos, porém, creio que a agressividade desferida recentemente, não só na Coreia, mas também na Indochina e no Tibet e apontando potencialmente para o sul, reflete predominantemente a mesma cobardia de expansão e de poder que tem animado a todo aspirante a conquistador, desde o princípio do tempo. O povo japonês, desde o fim da guerra, tem sofrido a maior transformação registrada na história moderna. Com denotada resolução e ânsia por aprender, das cinzas da guerra ergueu no Japão um edifício consagrado à liberdade individual e pessoal e no processo seguinte criou-se um governo verdadeiramente representativo, comprometido ao avanço da moralidade política, da liberdade de expressão econômica e da justiça social."

"Política, econômica e socialmente, o Japão está agora par a par com muitas nações livres da terra e não defraudará novamente a confiança universal. O fato de se poder contar com ele para exercer uma influência profundamente benéfica sobre o curso dos acontecimentos na Ásia é testemunhado pela magnífica maneira por que o povo japonês enfrentou a recente prova de guerra, inquietação e confusão que o cercou pelo exterior e como convive o comunismo dentro de suas próprias fronteiras sem a menor ameaça de seu progresso. Enviei todas as nossas quatro divisões de ocupação à frente da Coreia sem o mínimo receio quanto ao efeito de conseqüente vácuo de força no Japão. O resultado justificou plenamente minha fé.

"Não conheço nenhuma nação mais serena e mais ordeira na qual se possam cifrar as esperanças mais elevadas de um futuro ser-homogeneidade produziram um princípio de vigor construtivo no progresso do gênero humano nacionalista. Isso se desenvolveu mais.

"Quanto ao nosso antigo pupilo — as Filipinas — podemos contemplá-las com a confiança que a atual inquietação será cortada e que a nação, forte e sadia, crescerá na grande época que está se seguindo às terríveis destruições impostas pela guerra. Devemos ser pacientes e compreensivos e nunca decepçioná-las, do mesmo modo que em nossa hora de necessidade elas não nos decepçionaram. Nação cristã, as Filipinas erguem-se como um poderoso baluarte da Cristandade no Extremo Oriente e sua capacidade de elevada direção moral na Ásia é limitada.

Em Formosa, o Exército da República da China teve a oportunidade de efetuar, com êxito, muitas das murmurações maliciosas que tanto minaram a força de sua direção no continente chinês. O povo de Formosa está destruindo de um governo justo e clarividente. Política, econômica e socialmente esse povo parece estar progredindo ao longo de linhas sãs e construtivas.

"Depois dessa breve vista de olhos sobre nossos amigos do Pacífico, volto agora a atentação para o conflito da Coreia.

"Embora eu não tenha sido consultado antes da decisão do presidente, de intervir em apoio da República da Coreia, aquela decisão, do ponto de vista militar, resultou acertada. Foi acertada, pois repelimos o invasor e diminuímos suas forças. Nossa vitória foi completa e nossos objetivos estavam ao nosso alcance quando interveio a China Vermelha com forças terrestres numericamente superiores. Isso criou uma nova guerra e uma situação inteiramente nova, uma situação que não era esperada quando nossas forças se empregaram contra os invasores norte-coreanos, uma situação que reclamava novas decisões na esfera diplomática, para permitir um reajustamento realista da estratégia militar. Essas decisões não vieram. Embora nenhum homem em juízo perfeito pudesse adjuvar o envio de nossas forças de terra à China continental — e jamais se pensou em tal — a nova situação poderia exigir urgentemente a revisão do planejamento estratégico, se o nosso objetivo político era derrotar esse novo inimigo, como havíamos derrotado o anterior.

"Além da necessidade militar — como eu a vi — de neutralizar a proteção do santuário de que gozava o inimigo ao Norte do Yalu, julguei que as necessidades militares da direção de guerra tornavam necessário:

(1.º) — A interdição de nosso bloqueio econômico contra a China; (2.º) — Imposição do bloqueio naval contra a costa da China; (3.º) — Eliminação das restrições ao reconhecimento aéreo sobre as zonas costeiras da China e da Manchúria; (4.º) — Eliminação das restrições às forças da República da Chi-

MOSCAS? DETEFON

O MAIS FORTE!

na em Formosa, com seu apoio local para contribuir para tornar efetiva essa operação.

Por abraçar essas opiniões, todas encaminhas profissionalmente a apoiar essas forças empregadas na Coreia e por fim às hostilidades o mais depressa possível e com economia de incontáveis vidas de norte-americanos e aliados, foi severamente criticado em círculos leigos, principalmente no ultramar, apesar de entender eu que, no ponto de vista militar, essas opiniões foram completamente interessadas, no passado, por praticamente todos os chefes militares interessados na campanha coreana, inclusive o nosso próprio Estado Maior Misto. Pediram-se constantemente novas decisões políticas, essenciais para uma solução. Fizaram-se esforços para tergiversar minha atitude.

Eu se disse, com efeito, que sou um agitador bélico. Nada mais afastado da verdade. Conheço a guerra como poucos outros homens vivos atualmente o conhecem. Por muito tempo bati-me por sua completa abolição, pois sua própria destrutividade tanto do amigo como do inimigo tornou-a inútil como meio de solucionar as disputas internacionais. Tanto é assim que, em 2 de Setembro de 1945, logo depois da capitulação da Nação Japonesa a bordo do couraçado "Missouri", fiz a seguinte advertência oficial: — "O homem, desde o princípio dos tempos, procurou a paz. Através das idades, tentaram-se vários métodos para idear um processo internacional para impedir ou solucionar as disputas entre as nações".

Desde o mesmo princípio dos tempos encontram-se métodos praticamente no que afeta a cidadãos individualmente, mas o mecanismo de um instrumento de alcance internacional mais amplo nunca teve êxito. As alianças militares, os equilíbrios de poder, as Ligas das Nações — tudo fracassou sucessivamente, deixando para atrás a paz por meio do crisol da guerra. A horrível destrutividade da guerra elimina agora esta alternativa. Tivemos a última oportunidade. Se não idealizarmos algum sistema maior e mais efetivo, estaremos as portas de Armageddon. O problema, basicamente, é todavia humano, em sincronização com os nossos processos quase inigualados na Ciência, na Arte, na Literatura e em todos os progressos materiais e culturais dos últimos dois mil anos.

Uma vez, porém, que a guerra nos seja imposta, não há outra alternativa se não aplicar todos os meios disponíveis para levá-la a uma rápida terminação. O verdadeiro objetivo da guerra é a vitória e não uma prolongada indecisão. Na guerra não há um substitutivo para a vitória. Há algumas pessoas que, por várias razões, preferiram apaziguar a China Vermelha. Estão cegos à lição clara da História, pois esta nos ensina com uma força inequívoca que o apaziguamento só acarreta uma nova e mais sangrenta guerra. Ela não assinala um único caso em que esse fim tenha justificado esse meio, e em que o apaziguamento tenha conduzido a mais do que a uma paz fictícia.

A semelhança da chantagem, o apazigua-

mento só dá base para novas disputas cada vez maiores e, como na chantagem, a violência se apresenta como a única alternativa. Porque — perguntavam-me meus soldados: — ceder vantagens militares a um inimigo no campo de batalha? Eu não podia dar-lhes a resposta.

Alguns podem dizer que para evitar a conversão do conflito em guerra plena com a China; outros, que para evitar a intervenção soviética. Nenhuma explicação parece válida. Porque a China já está comprometida com o máximo de seu poderio que pode empenhar e os Soviéticos não vão necessariamente ligar suas ações às nossas operações. A semelhança da cobra, qualquer novo inimigo provavelmente desferirá seu golpe quando quer que lhe pareça que a relatividade de potencial militar ou de outra classe está a seu favor, em termos que se refiram ao mundo inteiro.

A tragédia da Coreia realçará mais o fato de que, enquanto a ação militar se reduz a seus limites territoriais, condena aquela nação que temos o propósito de salvar e sofrer o impacto devastador dos bombardeios aéreos e navais completos, enquanto os santuários do inimigo estão totalmente protegidos de tais ataques e de tal devastação. Do todas as nações do mundo, a Coreia é a única que arriscou tudo contra o comunismo. A magnificência do valor e da inteireza do povo coreano desafia qualquer descrição. Preferiram arriscar-se à morte em vez da escravidão. Suas últimas palavras para mim foram: — "Não nos afundarão no Pacífico!"

Acabo de deixar na Coreia os vossos filhos combatentes. Ali passaram eles por todas as provações e posso informar-vos, sem reservas, que são esplêndidos em todos os sentidos. Meu esforço constante foi o de protegê-los e o de terminar esse selvagem conflito honrosamente com a menor perda de tempo e o mínimo de sacrifício de vidas.

Seu crescente derramamento de sangue causou-lhe a mais profunda angústia e ansiedade. Aquêles homens valorosos estão com frequência em meus pensamentos e sempre em minhas orações.

Estou completando os meus 52 anos de serviço militar. Quando ingressar no Exército, ainda antes do começo deste século, isso foi a realização de todas as minhas esperanças e de todos os meus sonhos juvenis.

O mundo deu muitas voltas desde que prestei meu juramento na esplanada de West Point e as minhas esperanças e meus sonhos já se desvaneceram há muito tempo, mas ainda me recordo do estribilho de uma das baladas de quartel mais populares daquele dia, a qual proclama, com o máximo orgulho, que os velhos soldados nunca morrem: limitam a ir se desvanecendo gradativamente.

E como o velho soldado daquela balada, encerro agora a minha carreira militar e limito-me a ir me esfumando pouco a pouco, como um velho soldado que tentou cumprir com seu dever pela forma por que Deus lhe deu, o direito de entender esse dever.

"Adieu!"

EMPRÉSTIMOS com garantia de apólices (solução em 5 minutos)
BANCO OLIVEIRA ROXO S. A. — Rua Miguel Couto n.º 7 — RIO

OBITUÁRIO

ANDRÉ GIDE

Faleceu em Paris a 19 de fevereiro de 1951. Nascido em Paris a 22 de novembro de 1869, pertencia André Gide a uma família de protestantes. Por sua mãe, descendia de uma família de industriais protestantes de Rouen. Pelo lado paterno, proveio de magistrados huguenotes das Cevennes (seu avô tinha-se fixado em Uzès). Perdeu o pai em 1880. Educado pela mãe, negou-se a voltar à Escola Alsaciana, donde fora expulso por indisciplina. Dotado de vivíssimo espírito crítico, de que tão bem se sabe servir em benefício de suas idéias, nenhuma doutrina conseguiu satisfazê-lo. Conservando-se cristão, apesar de tudo, de formação burguesa, sua vocação de intelectual refinado e sua generosidade natural sempre lhe inspiraram profundo respeito pela verdade e igual horror pela miséria humana. Isso parece explicar a variação de suas posições que são, na realidade, mais aparentes que reais. Seu pai, que era professor, destinava-o à carreira diplomática.

Com 19 anos, André Gide publicou sua primeira obra, "Les Cahiers d'André Walter", seguida, em 1892, das "Poesies d'André Walter". Notadas por Maeterlinck, Henri de Regnier e Mallarmé, mas não pelo grande publico, essas primeiras obras constituem uma espécie de diário dialogado, analisando os primeiros tormentos e as inquietudes da adolescência.

Em 1893, André Gide partiu para a África do Norte e residiu dois anos na Tunísia, onde conheceu Oscar Wilde e escreveu "Les Nourritures Terrestres" que prosseguiu e completou muito mais tarde com as "Les Nourritures Terrestres" (1935). Em 1895, regressou à França e casou com uma de suas primas, que deverá exercer profunda influência em sua vida e obra. Publicou "Saul" a "L'Immoraliste" em 1902, esta última como reação contra as tendências manifestadas em sua primeira formação, que era protestante. Mas antes já tinha dado "Le Prométhée mal Enchaîné", "Faut-il de route", "Philoctète", "El Badj", "Voyage d'Orion", "La tentative amoureuse" e "Le Traité du Narcisse", narrativas e impressões pessoais apresentadas sob forma breve e com o mais perfeito domínio do estilo.

Passou depois vários anos visitando a Europa Central, consagrando-se quase unicamente à crítica literária que escreveu para o "Mercure de France". Dessa época datam "Prétextes", "Amyntas", "Le Boi Candaulo", e, no seu regresso à França, "Le Retour de l'Enfant Prodigue" e uma coleção de poemas em prosa e em verso, "Be-



thysabé". Em 1909, publicou "La Porte Étroite", de inspiração espiritualista, onde aparece a volta à sua formação cristã, e "L'Étranger". Escreveu igualmente "Oscar Wilde", "Les Nouveaux Prétextes", "Charles Louis Philippe" e "Dostoïewski d'après sa correspondance" (1911). Esta última obra contribuiu grandemente para dar a conhecer na França o famoso escritor russo.

De julgamento muito firme, André Gide revelou muitos escritores franceses e estrangeiros sem nunca se ter enganado sobre seu valor. Colaborou nessa época na "Nouvelle Revue Française" com Jacques Copeau, Schlumberger e a Ruyter. Publicou "Les Caves du Vatican" e "Soutien de Cour d'Assises", sempre sob a forma de contos, ou, segundo sua expressão, de "soties".

Depois da guerra de 1914-1918, voltou à África, visitando o Congo, em companhia de Marc Allegret, depois de ter publicado "La Symphonie Pastorale", inspirada por fre-

TOSSE - BRONCHITE - GRIPPE
XAROPE SÃO JOÃO

quentes regressos à natureza, "In Memoriam" e "Morceaux Choisis".

Na África, publicou "Incidentés", "Les Faux Monnayeurs" e "Corydon".

Esta última obra suscitou uma indignação quase geral, apesar dos conselhos de seus amigos e dos ataques de numerosos de seus adversários, especialmente de Henri Béraud e Massis, expôs seus pontos de vista tendentes a refutar o que ele chama "os preconceitos sexuais da nossa época", justificando ao mesmo tempo seus próprios sentimentos a tal respeito. Citamos igualmente pela mesma época, "Si le grain ne meurt" (1926), "Numquid et Tu?" e "Voyage au Congo".

Apesar do escândalo que tinha provocado, André Gide foi eleito por essa época para a Academia Real de Literatura de Londres, sucedendo a Anatole France. Ao mesmo tempo, a imprensa americana e alemã celebrava seu 60.º aniversário. Publicou então "Essai sur Montaigne", "L'Esprit non prévenu", "L'Affaire Redureau", "Oedipe", "Divers", enquanto que, em 1932, "La Nouvelle Revue Française" empreendia a publicação de suas obras completas — poemas, artigos, contos e romances, embora ele não tenha nunca considerado como verdadeiramente romance, senão "Les Faux Monnayeurs". Seu "Journal" (1929-1933) foi publicado em 1934.

Alguns anos antes da guerra, André Gide perdeu sua esposa, tendo com isso profundo desgosto. Durante um longo período deixou de trabalhar completamente. Unido à desapaixada por uma profunda afinidade espiritual, só dois anos mais tarde é que conseguiu vencer o choque que sua morte lhe havia causado. Publicou a seguir "Nouvelles pages de Journal".

Em 1939, 1940 e 1941, colaborou na N.R.F., e no "Figaro Littéraire".

Apresentou certo número de entrevistas imaginárias, nas quais procurou expor seus pontos de vista, e que lhe valeram a hostilidade do "Governo de fato", que imperava na época, bem como do inimigo. Quis um dia realizar em Vichy uma conferência sobre um jovem autor e escritor, Barrault, mas não lhe permitiram. Esquivou à dificuldade, mandando imprimir o texto. Nos fins de 1942, embarcou para a Tunísia, onde assistiu ao desembarque dos americanos, depois de ter tido seus atritos com as autoridades inimigas, e colaborou num jornal

gaullista "L'Aché". Publicou uma tradução de "Hamlet", que lhe exigia vários anos de trabalho, e que hoje é o modelo das traduções em francês da famosa obra de Shakespeare. Regressou à França, depois da Libertação.

Em 1946-1947, lançou um autor de origem balcânica Kafka, com o qual parece não ter a menor afinidade literária. Escreveu igualmente "Thésée", que é o último de seus livros publicados.

Condiscipulo e amigo da juventude de Paul Valéry e Pierre Louys, formava com eles um "trio" inseparável.

Gide teve numerosos admiradores, que podem ser considerados como discípulos seus. Sua influência literária, devida à pureza da forma, é extraordinária. Sua própria vida, sua evolução, os debates de suas consciências, sua procura da verdade e sua sinceridade deram, em certa época, um grande brilho à "moral gidiennne".

Traduziu "Typhon", de Conrad; "Antoine et Cleopatre", de Shakespeare; "L'Offrande Lyrique", de Rabindranath-Tagore; "Amor e a Lettre du Roi", do mesmo autor; "Morceaux Choisis", de Witman; "Recits", de Puchkine.

André Gide traduzira a famosa novela de Franz Kafka, "O Processo", adaptado para o teatro e representada com grande êxito em Paris e nesta capital.

BIBLIOGRAFIA

André Gide, aos 21 anos de idade, publicou a sua primeira obra, a peça teatral "Filocteto", a que se seguiu a ordem cronológica: "Cahiers d'André Walter" (1891); "Poésies d'André Walter" (1892); "Le Voyage d'Union" (1893); "Paludes" (1895); "Prétextes" (1895); "Les Nourritures Terrestres" (1897); "Sali" (1898), representada no Teatro Vieux-Colombier, em 1922; "Le Roi Candale" (1898); "Le Traité du Narcisse" (1899); "Prométhée mal enchainé" (1899); "Lettres à Angèle" (1900); "L'immoralité" (1903); "Amyntas"; "Le retour de l'Enfant prodigue"; "La porte étroite"; "Les caves du Vatican"; "Isabelle" (1912); tradução de "Offrande Lyrique", de Rabindranath Tagore; "Dostolewski"; "Journal d'Alissa"; "Oscar Wilde"; "La Symphonie pastorale" (1920); "La Tentative amoureuse" (1921); "Morceaux choisis" (1922); "Si le grain ne

Cia. T. Janér,

Comércio e Indústria

RIO DE JANEIRO | SÃO PAULO
EDIFÍCIO CITY BANK | EDIFÍCIO
12.º ANDAR | 12.º ANDAR
AV. RIO BRANCO, 85 | GONDE MATARAZZO

— PAPEL EM GERAL, CELULOSE —

meur", fragmentos publicados em 1921, em a "Nouvelle Revue Française", de que foi um dos fundadores. Publicou, ainda mais tarde, outros trabalhos, entre os quais o romance "Genèveva", a grande expressão humana, "Corydon", "L'Ecole des femmes", "Incidentes", e "Robert", além de obras posteriores a que já nos referimos anteriormente, em seu ciclo literário de 1922 a 1947, quando publicou sua última obra "Hésite".

Não se pode dizer que André Gide seja autor apenas conhecido no Brasil, pela elite literária. Muitos dos seus livros já foram traduzidos para o português e editados até com relativo êxito. Podemos citar: "A Sinfonia Pastoral", "Os Subterrâneos do Vaticano", "Os Moedeiros Falsos" e "De Volta da URSS". Não há muito apaguei na Coleção Tucano a tradução do "A Escola de Mulheres", devendo sair do prelo ainda este ano o famoso "O Imoralista". Sobre o escritor foi publicado entre nós um livro comemorativo de Klaus Mann — "A vida de André Gide" (Edição Cruzeiro). E vale a pena fazer referência ainda a um pequeno ensaio de André Maurois, que figura entre os que compõem a primeira série de seus Etudes Littéraires, a qual, traduzida por Valdemar Cavalcanti, foi editada pela Livraria José Olympio sob o título "Vozes da França". E há no Brasil — seja dito de passagem — intelectuais que conhecem a fundo e compreendem no íntimo a obra de Gide: o caso de Aníbal M. Machado, José Geraldo Vieira, José Lins do Rego e muitos outros.

MARECHAL PÉTAÏN

Henri Philippe Benoni Omer Joseph Pétain nasceu a 24 de maio de 1856, na aldeia de Coudray-la-Tour, no departamento de Pas-de-Calais. Descendia de uma família de lavradores modestos, profundamente arraigados à terra, mas possuidores de um caráter forte, como toda a gente da Flandres francesa.

Como muitos outros franceses, resolveu seguir a carreira das armas matriculando-se em outubro de 1876 na Escola Militar de Saint-Cyr. Em 1878, como subtenente, depois de haver feito o curso exigido pela Escola de Guerra, foi incorporado ao 24.º batalhão de caçadores alpinos, sediado em Villardranche, no Mediterrâneo.

Na Escola Superior de Guerra, onde de novo ingressou, fez curso de especialização e mais tarde na Escola de Tiro de Chalons apresentou trabalhos que não tiveram o mérito de agradar aos mestres muitas vezes presos à rotina. Comandante de batalhão em 1900, como tenente-coronel, foi feito professor adjunto do curso de infantaria na Escola Superior de Guerra, em 1903, onde também prelesionava Ferdinand Foch. Pétain impressionou os seus alunos pela segurança do seu método, pela profundidade das suas observações técnicas e pelo conhecimento seguro que tinha da sua cadeira.

Em novembro de 1910, promovido a coronel, foi mandado servir em Arras, no 23.º regimento de infantaria. Cuidado já de obter a reforma a que tinha direito, porque

BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S. A.

Sede: Leopoldina — Estado de Minas Gerais
Filial: Rua da Quitanda, 72 — Rio de Janeiro
Agência: Rua Chile, 35 — Rio de Janeiro

DEPARTAMENTOS

Estado de Minas Gerais: Arginita — Belo Horizonte — Bom Jesus do Galho — Caratinga — Francisco Sales — Inhapim — Itambacuri — Morro Alto — Palma — Patrocínio do Muriaé — Pirapetinga — Pôrto Novo — Recreio — São João Nepomuceno — São Lourenço — Silvestre Ferraz.

Estado do Rio de Janeiro: Areal — Barra Mansa — Cambuci — Campos — Cardoso Moreira — Carmo — Itaperuna — Miracema — Natividade do Carangola — Niterói — Pádua — Petrópolis — Porciúncula — Portela — Pureza — Rezende — São Fidelis — Sapucaia — Volta Redonda.

Estado de São Paulo: Cachoeira Paulista — Presidente Bernardes.
Estado do Espírito Santo: Mimoso do Sul — Muqui.

OPERAÇÕES

Depósitos — Remessas para o interior — Cobranças — Descontos — Câucões — Guarda de Valores.

considerava praticamente encerrada a sua carreira militar quando em agosto de 1914 estalou a Grande Guerra.

Em vista dos acontecimentos que se precipitavam de momento a momento, Pétain reconsiderou a decisão e resolveu servir à pátria fosse como fosse. Comandante de um regimento, singularizou-se naqueles primeiros dias sombrios da Guerra de 1914-18 pelo seu espírito de decisão e de rapidez, sendo tempos depois promovido a general de brigada, e, logo a seguir, a general de divisão. Tal foi a habilidade com que desempenhou os vários comandos que lhe haviam sido confiados que pouco depois foi feito comandante do III Corpo de Exército, isto é, a 23 de outubro de 1914. Em três meses, passou de coronel a general de divisão e chefe de um corpo de exército, que operava no Artois. Distinguiu-se muito na ofensiva de Arras em maio de 1915, rompendo as linhas alemãs e conquistando terreno em circunstâncias altamente dramáticas. A falta de reservas obrigou-o, no entanto, a deter o avanço de suas tropas vitoriosas.

A 21 de junho de 1915 passou para o comando do II Corpo de Exército, e em setembro de 1915 iniciou um grande movimento ofensivo na Champagne, que foi coberto de êxito. Depois dessas importantes operações, Pétain escreveu um notável "Rapport sur les opérations de la 11e armée en Champagne et enseignements à en tirer". Nesse relatório estavam condensados os princípios de uma nova tática militar, os quais foram muito discutidos pelos técnicos do alto comando do Exército.

Depois da ofensiva na Champagne, o estado-maior do II Corpo de Exército foi incumbido de estudar cuidadosamente novos planos de ação e o general Pétain encarregado de coordenar essas idéias que deveriam ser postas em prática.

A BATALHA DE VERDUN

Depois da derrota do Marne e da "corrida ao mar", o comando supremo alemão estudou cuidadosamente novos planos destinados a romper as linhas francesas. Joffre, na batalha do Marne e Foch, no Yser, haviam detido o avanço alemão, de maneira que nem Paris, nem Calais, tinham caído em poder dos exércitos germânicos.

Os planos alemães materializaram-se no gigantesco ataque levado a efeito contra Verdun, famosa praça forte, defendida por uma cintura de fortes e ocupando um saliente estratégico da mais alta importância.

O ataque germânico realizou-se em proporções até então jamais vistas. Foi um impacto brutal, monstruoso, destruidor. Numa pequena linha de frente concentraram-se mais de 1.000.000 de soldados alemães, apoiados em 11.000 peças de fogo de todos os

calibres, que entraram a bombardear dia e noite os fortes de Verdun.

Não há exagero em dizer que a história militar de todos os tempos não apresenta episódio mais alto e mais dramático do que a defesa de Verdun, em boa hora confiada a Pétain.

Após dias de bombardeio terrível, o exército alemão, comandado pessoalmente pelo Kromprinz, assessorado pelo general von Falkenhayn, chefe do estado-maior, iniciou o avanço, apesar da defesa heróica dos fortes de Vaux, Douaumont, Mort-homme, etc. Cada polegada de território representava perdas enormes para ambos os lados.

Pétain imediatamente tratou de organizar a zona de batalha. Fixou uma linha de defesa de Bras e Douaumont, linha que teria de ser defendida fosse como fosse. O terreno foi dividido em seções e as guarnições incumbidas da sua defesa constituídas por tropas de escol providas de material excelente.

Verdun era ligada ao resto da França pela famosa estrada de rodagem que passou a chamar-se "La voie sacrée", através da qual se alimentava e se renovava a velha praça forte. Dia e noite, milhares e milhares de caminhões, transportando soldados e munições, trafegavam nessa estrada, à razão de um caminhão de cinco em cinco segundos. Foi então que Pétain, numa famosa ordem do dia, lançou as palavras imortais — "Eles não passarão".

O mundo, durante vários meses, ficou como que suspenso dessa luta heróica nos campos de batalha de Verdun, e, detido o avanço alemão, Pétain tratou de organizar o plano de reconquista dos fortes que haviam caído em poder do inimigo, plano que foi esplendidamente realizado pelo general Mangin, o reconquistador de Vaux, Douaumont e Mort-homme.

A batalha de Verdun representou cerca de 600.000 mortos e feridos para o exército alemão e 300.000 para o exército francês. Mas Verdun não caiu e ficou imortal na História francesa pela sua extraordinária defesa.

A 1.ª de maio de 1916, terminada a sua missão em Verdun, Pétain foi incumbido do comando de um grupo de corpos de exércitos, o chamado do Centro, do qual o IV Corpo de Exército tomou papel saliente na grande ofensiva de 1917.

No dia 28 de abril de 1917, foi nomeado chefe do estado-maior no Ministério da Guerra, em Paris. Mas pouco tempo aí se demorou porque a ofensiva do general Nivelle, na Champagne, fora severamente criticada pelas grandes perdas que havia acarretado. Nivelle foi retirado e no dia 15 de maio Pétain nomeado chefe dos Exércitos franceses.

Nessa ocasião o Exército passava por uma grande crise. Nas fileiras lavrava descon-

BIOTONICO FONTOURA
O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE!

tenamento e Pétain tratou de remover as suas causas, acabando com as irregularidades na concessão de licenças, a desigualdade de tratamento existente em relação a certos corpos de exército, a fixação do tempo de estadia nas trincheiras para as unidades, etc. Com serenidade e energia, e merecedor de várias reformas importantes, restabeleceu a confiança e a solidariedade, não tendo necessidade de recorrer a medidas punitivas senão em casos extremos.

Batareu então várias directivas, as de n. 1, 2 e 3, em que estabeleceu providências quanto ao preparo dos ataques, ao emprego das reservas, etc. Os resultados da aplicação dessas directivas patentemente excelentes especialmente na acção do 1.º Exército na Flandres e do VI Exército em Mulmoulin.

Em 1917, em consequência da defeecção da Rússia, Pétain compreendeu que a Alemanha lançaria uma tremenda ofensiva na "front" ocidental e desde logo assentiu com os exércitos ingleses um sistema muito prático de auxílio mútuo nos "pontos de surpresa". Sir Douglas Haig e Pétain chegaram a um acordo nesse particular no dia 22 de fevereiro de 1918.

Assim quando em 1918 os alemães atacaram o exército do general Gough com incrível violência, Pétain mandou apressadamente todo o V Corpo do Exército francês ocupar a retaguarda da ala esquerda inglesa. Mais tarde, Sir Douglas Haig solicitou o novo auxílio francês e Pétain lhe despatchou a 125.ª Divisão para um ponto de surpresa. Outras unidades francesas enviadas para o setor inglês constituíram afinal o III Corpo de Exército.

No dia 26 de março de 1918, na conferência de Doullens, Foch foi nomeado generalíssimo de todos os exércitos aliados e incumbido de deter o avanço alemão. Imediatamente Pétain combinou com ele as medidas tendentes a tal propósito e que se encontravam expostas em novas "directivas". de maneira que os grandes ataques alemães

de 27 de maio, 9 de junho e 15 de junho foram repellidos.

Chegara, porém, o momento da contra-offensiva. No dia 27 de junho, Foch encarregou Pétain de estabelecer uma "directive" em tal sentido, a qual recebeu o n. 5 e consistiu num avanço do exército do general Mangin em direcção a Soissons. Dias depois, o general Fayolle, comandante de um grupo de exércitos recebeu ordem de iniciar a contra-offensiva na região de Soissons e logo depois Foch deu a ordem da contra-offensiva geral em toda a linha.

O resultado foi, dentro de poucos dias, o aprisionamento de milhares de soldados alemães, para mais de 100.000, milhares de canhões e a conquista de pontos estratégicos de mais alta importância. E mais tarde veio a desmoroamento da linha Hindenburg e afinal o armistício.

No dia 21 de novembro de 1918, em Metz, Pétain recebeu das mãos do presidente da República o bastão de marechal de França, bem como altas honrarias de todos os governos aliados. Mais tarde, já vice-presidente do Superior Conselho de Guerra dirigiu em 1925 as operações em Marrocos que passaram ténio ao movimento revolucionário de Abd-el-Krim.

Em 1931 a Academia Francesa chamou-o ao seu seio para a vaga do marechal Foch, por unanimidade de votos. Em 1934 ocupou a pasta da Guerra, mas afirma-se que se afastou do governo profundamente desiludido com os políticos e os métodos então existentes no governo do país. Em 1935 foi eleito membro do Conselho Superior de Defesa Nacional.

Retirando do serviço militar, o sr. Daladier convidou-o a exercer o alto posto de embaixador junto ao governo de Burgos, logo após a terminação da guerra civil espanhola, para realizar uma obra diplomática de mais alta importância, a conciliação do governo do general Franco com a França. Quando na última guerra o exército ale-

Cerâmica São Caetano S. A.

ESCRITÓRIO CENTRAL : L. O. J. A. :

Rua Boa Vista, 84, 6.º andar. Rua Boa Vista, 143

Fones :	Seção de Refratários = 33-4952	Fones :	Vendas = 32-3429
	Seção Interior = 33-4229		Chefia = 32-4329
	Seção de Telhas = 33-4952		
	Compras = 32-7636		

Caixa 278 — Telegramas ACIMAREC — São Paulo — BRASIL
Fábrica em São Caetano do Sul (E. F. S. J.)

TELHAS — LADRILHOS — TIJOLOS PRENSADOS

Materiais refratários para qualquer tipo de indústria

TODOS OS PRODUTOS

A MARCA

"SÃO CAETANO"

QUE EXPRIME

LEVAM ESTA MARCA

QUALIDADE



— Para riscar um ladrilho "São Caetano" só outro ladrilho "São Caetano" —
(***)

mão iniciou a grande ofensiva de maio de 1940 o marechal Pétain e o general Weygand foram chamados apressadamente de Madri e da Síria. O general Weygand não pôde deter o avanço alemão e o marechal Pétain, como vice-presidente do Conselho de Ministros, defendeu a ideia do armistício, que viajou e que foi assinado em Compiègne, no mesmo vagão histórico em que os alemães em 1918 se viram recebidos pelo marechal Foch.

Indiferente aos apelos do general De Gaulle, Pétain duvidou da vitória final, constituindo-se, como chefe do governo de Vichy, com a colaboração de Laval, o alho do escárnio de todos os franceses livres. Quando as tropas da Resistência e os exércitos aliados iniciaram a libertação da França, Pétain foi refugiar-se na Alemanha, onde permaneceu até abril de 1945. Da Alemanha passou para a Suíça e daí voltou a Paris para constituir-se prisioneiro e ser condenado à prisão perpétua, na fortaleza da ilha d'Yeu, onde esteve encerrado até sua transferência para a "Vila Luco", na mesma ilha, ocorrida alguns dias do seu falecimento, a 23 de julho de 1951.

Houve missa de corpo presente na pequena igreja de Port Joinville, comparecendo os bispos de Angers e Lugo e o Prototário Apostólico, monsenhor Rodhain.

No centro do templo, a eça coberta com a bandeira francesa; e ao lado sobre uma almofada e entre ramos de flores o quèpi e a medalha militar de Pétain. Viam-se o general do Exército Maxime Weygand, delegações dos antigos combatentes, os prisioneiros, delegados de associações patrióticas, jornalistas franceses e estrangeiros, em missão de informação; parlamentares; etc., etc. A família estava representada pela viúva, por sobrinhas do morto e outros parentes; e pouco depois os advogados do ex-marechal. Atrás de tudo, o povo, inclusive ainda amigos pessoais do antigo herói de Verdun. A missa foi celebrada pelo cônego Podevin, representante do arcebispo de Paris, monsenhor Feltin, assistido por dois outros sacerdotes. Pouco antes da Elevação, o côro cantou a Ave Maria de Arcabell. Ao Evangelho falou brevemente monsenhor Cazaux, bispo de Lugo, que lembrou os dias gloriosos de Verdun, o que Pétain fez em favor dos prisioneiros; historiou, em largos traços, a vida do marechal; e recordou, por fim, a maneira piedosa como terminou seus dias. Terminada a missa, o cortejo deixou a Igreja seguindo para o cemitério comunal, onde se realizou o enterramento, descento o caixão lentamente para a cova, sob os olhos da família e entre lágrimas de todos. Entre as personalidades mais destacadas que assistiam às cerimônias, viam-se — além dos bispos de Angers e Lugo, do representante do arcebispo de Paris, e de outras autoridades eclesásticas, as seguintes:

generais Laure, Bergeret, Weygand e Hering; almirantes Fernet e Marquis; ex-ministros Cazirot, Lemery, Carcopino e Mathe; deputado Paul Estebe, da Gironda; deputado Lacau, dos Baixos Pirineus; coronel Tibier, presidente da Associação "Ceux de Verdun"; Leroy, membro do Conselho Nacional da União dos Antigos Combatentes; Paul Morand e Fabre Lucé, escritores.

Prof. Everardo Backheuser

Com a morte do professor Everardo Backheuser ocorrida a 10 de outubro, perdeu a cultura nacional um de seus autênticos valores. Nascido em Niterói, em 23 de maio de 1879, iniciou seus estudos primários num colégio particular, cursou o então Ginásio Nacional (atual Externato Pedro II), matriculando-se em seguida na Escola Politécnica, onde antes de concluir o seu curso superior já era preparador de mineralogia. Engenheiro civil, doutor em ciências físicas e matemáticas e em ciências naturais, foi, sucessivamente, na Escola Politécnica: professor interino da Segunda Seção, geometria descritiva, construção, arquitetura e higiene, em 1907; professor extraordinário efetivo de mineralogia, geologia e botânica, em 1911; professor catedrático de mineralogia e geologia, em 1914 e, finalmente, professor em disponibilidade ativa, em virtude do tempo e de bons serviços prestados ao ensino em 1925.

Desde os 14 anos, exerceu o magistério particular, como explicador de várias matérias do curso secundário. Foi professor e examinador em muitos educandários no Rio e em Niterói; de física, no primeiro ginásio feminino carioca "Ginásio Brasileiro", 1899-1900; professor de química e geologia no curso Jacobina, 1909-1923; professor e fundador de um curso de preparatórios para candidatos à Escola Politécnica, 1912; professor de história natural no Instituto de Ensino Secundário, 1927; fundador, diretor e professor de materiais de construção, na Escola Técnica Fluminense, de Niterói, 1922-1925, diretor e professor do Curso Superior de Geografia da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, 1926; professor de pedagogia no Instituto Católico de Ensino Superior, 1933; professor de medidas e experiências pedagógicas no curso da Confederação Católica Brasileira; e atual professor de geografia do Brasil no Instituto Santa Ursula e de geografia humana na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica e presidente da Comissão Nacional de Ensino Primário (1939).

Desempenhou o ilustre patriótico importantes comissões no país e no estrangeiro, sen-

BIOTONICO FONTOURA
O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE!

do distinguido com vários postos honoríficos internacionais.

Em sua extensa bibliografia, merecem referência os seguintes trabalhos:

"Hábitos populares"; "Brasil", em esperanto; "Os cristais: fatos e hipóteses"; "Sambaquis do Distrito Federal"; "Teoria dos magmas telúricos"; "A faixa litorânea do Brasil meridional. Ontem e hoje"; "Cader-neta de reconhecimento prático das rochas e glossário de termos geológicos"; "Poesia, ciência e idealismo"; discurso de recepção na Academia Fluminense de Letras; "Pela unidade nacional" (discurso de parainfo na Escola Politécnica); "Contribuição para a geografia do Distrito Federal"; "A estrutura política do Brasil"; "Notas prévias; 'Problemas do Brasil'; "Arithmetica na Escola Nova"; "O que o Brasil pode esperar da obra vicentina"; "Técnica da pedagogia moderna"; "Os fatores da unidade nacional"; "O papel do mestre na Escola Nova"; "La Nouvelle conception de la géographie"; "Ensaio de biotipologia educacional"; "Manual de pedagogia moderno"; "Minha terra e minha vida"; "Geopolítica e geografia política".

Publicou ainda os seguintes trabalhos inser-tos em revistas:

"Sambaquis do Distrito Federal"; "Sucin-ta notícia sobre o aspecto físico, geológico e mineralógico do Distrito Federal"; "O Bra-sil surgindo das ondas"; "Pedras de cons-trução"; "Pedras preciosas: a esmeralda"; "O descascamento das rochas gneissicas da região do Rio de Janeiro"; "A nova concep-ção da geografia"; "A paisagem política e cultural do Estado do Rio de Janeiro"; "A nova concepção da geografia" (em alemão); "Contribuição para o estudo da conquista antropológica da baixada e maciço flum-inenses"; trabalho apresentado ao IX Con-gresso Brasileiro de Geografia; "Caxias, verdadeiro duque"; "Novos rumos à pedagogia Brasileira"; "Fronteiras da geologia e da geografia e a unidade desta ciência e "Geo-política e geografia política".

No Boletim Geográfico do Conselho Na-cional de Geografia, o prof. Everardo Bac-kheuser publicou também as seguintes mo-nografias:

"Território geográficas"; "Hipótese de tra-balho nas pesquisas geográficas"; "Religião em antropogeografia"; "Os fatos fundamen-tais da geografia"; "Geografia carioca: gra-nito nos subúrbios"; "Contribuição ao estudo da geografia"; "Geografia carioca: aspectos gerais da geografia do Distrito Federal"; "Conceito de planalto"; "Localização da nova capital do país do Planalto Central"; "O Retângulo Cruis"; "Clima e capital"; "Lo-calização da nova capital: critério de esco-lha"; "Geografia carioca: o cenário físico no tempo colonial"; "Localização da nova ca-pital: ponto nevrálgico"; "Geografia do Dis-trito Federal"; "Geografia carioca: primei-ros delineamentos urbanos"; "Geografia car-ioca: primeiras explorações econômicas"; "Geografia carioca: a população colonial da cidade"; "Geografia carioca: a lagoa Rodrigo de Freitas"; "Alguns conceitos geográficos e geopolíticos"; "Geografia carioca: a restinga de Marambaia"; "A obra da geografia"; "Territórios nacionais"; "O ensino da geo-graphia"; "Geografia carioca: o litoral da Gua-nabara"; "Novos fatos geográficos e sua re-percussão no Brasil"; "Engenheiros geógra-fos"; "A planta atormentada da cidade";

"Crescimento da cidade do Rio de Janeiro"; "Os sambaquis do Distrito Federal"; "Geo-grafia carioca: aspectos geológicos no tempo colonial"; e "Geografia carioca: densidade demográfica".

Deixou o eminente engenheiro originais de várias contribuições à Geografia brasilei-ra, entre os quais figura um trabalho sobre a Geopolítica.

Descanso e Recreação: As forças mais re-creativas e repousantes são uma religião saudável, o sono, a música e o riso. Tenha fé em Deus — aprenda a dormir bem. Ame a boa música — veja o lado alegre da vida — E a saúde e a felicidade serão suas.

As mulheres governam-nos; procuremos portanto torná-las perfeitas; quanto mais luzes tiverem, mais nos esclarecerão.

Sheridan

Nada iguala a sensação produzida por estas três palavras — uma mulher bonita.

Teodoro de Banville

O Guarani e Itacema, sem esquecer as Minas de Prata, são obras fundamentais para quem quiser conhecer a história do nosso romance.

Ronald de Carvalho

Deus não conhece outra distinção entre os homens senão a distinção da virtude.

Cardenal Arcoverde

Quem não perde a cabeça com certas coi-sas, é que não tem cabeça a perder.

Lessing

A desgraça faz brilhar certas virtudes, como a noite faz cintilar as estrelas.

J. Claretie

Contíamos demasiadamente nos sistemas, e não prestamos bastante atenção aos homens.

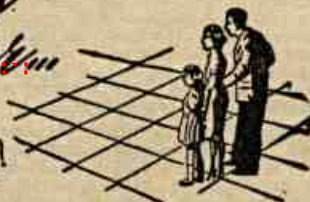
Disraeli

Quando o povo não acredita na proibidade, a imoralidade é geral.

Marquês de Maricá.

*Hoje não falta
nada em seu lar...*

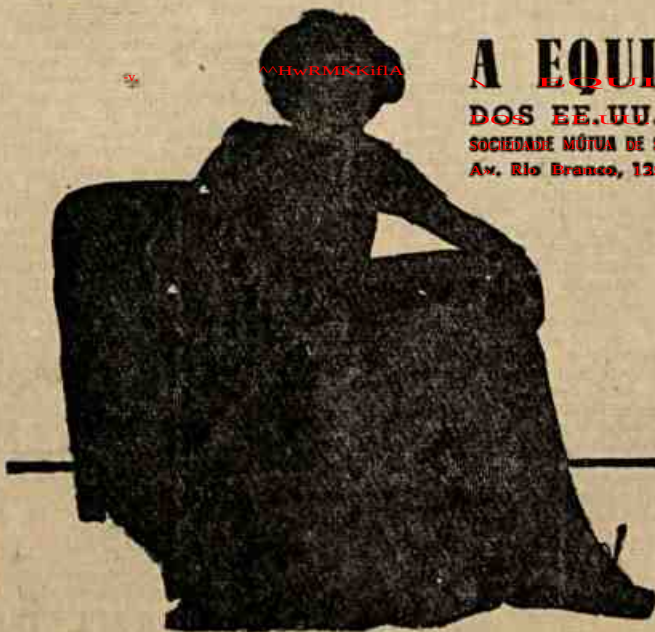
Mas que garantias tem a sua família para o amanhã?



Como bom chefe de família o senhor já deve ter pensado nesse problema... E nós lhe propomos a solução, na forma de uma apólice de seguro de vida da "A Equitativa". Sendo o seguro de vida pago sem qualquer desconto, o seu beneficiário recebe-o integral e imediatamente, sem qualquer delonga, o que lhe permite traçar diretrizes seguras tanto

para o presente, como para o futuro.

Pense agora... e decida-se hoje mesmo a fazer um seguro de vida na "A Equitativa", para garantir o futuro de sua família. E como a "A Equitativa" é baseada no mutualismo e seus segurados são seus próprios sócios, o senhor mesmo poderá usufruir em vida os benefícios de sua previdência.



A EQUITATIVA

DOS E.E.UU. DO BRASIL

SOCIEDADE MÚTUA DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Av. Rio Branco, 123 — Rio de Janeiro

Companhia Siderúrgica Belgo - Mineira

AV. NILO PECANHA, 26

3.º, 4.º e 5.º andares

Fone: 22-1970

RIO DE JANEIRO

NASCIMENTO E FORMAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO

FRANCISCO PRESTES MAIA

São Paulo é a mais antiga povoação interior do país. Podemos admitir-lhe como início o agrupamento de Santo André, o "sítio" de João Ramalho. Alguns entendem que este núcleo foi, depois, a primeira Piratininga, a que aludem alguns documentos da época. Outros supõem que esta Piratininga localizara-se no bairro da Luz, ^{"caminho do Guarapá"}, ou mesmo no bairro do Tatuapé, onde Batista Pereira pretende ter encontrado a casa do fecundo patriarca. Ramalho implantara o seu povoado sobre o principal caminho para Santos, no chamado trilho dos Tupiniquins, trágico que mais tarde adotou aproximadamente a São Paulo Railway. Em São Vicente, ele e alguns companheiros, entre os quais talvez o célebre ^{"bacharel de Cananéia"}, que nunca se apurou ao certo quem fosse, haviam formado um núcleo litorâneo, primeiro e humilíssimo empório sulino: o "Porto de escravos" de Eugênio de Castro. São Vicente de hoje. Ai os raros navios aventureiros encontravam ^{"refresco"}, isto é, água e mantimentos, e alguma mercaderia, em geral consistente em madeira, escravos e papagaios. Este binário Santo André — São Vicente remonta, assim, aos anos da descoberta. Alguns historiadores chegaram mesmo a supor que Ramalho e o "bacharel" houvessem apontado (ou naufragado) antes de 1500, o que é todavia improvável. O fundamento do binário foi, de início, o interesse comercial. Mas ao chegarem em 1534 os jesuítas e o padre Nóbrega, animaram este a idéia da penetração nos sertões, embora por outros motivos: a catequese do elemento índio, que se reconhecia aqui mais acessível, e o sonho do Paraguai. Já da Bahia, aludira Nóbrega, siblinamente, à catedral ^{"que"} que ainda construiria no sul, 500 quilômetros pelo sertão a dentro.

Sobre a população incipiente a atração do planalto era manifesta. Principal motivo era a dificuldade da agricultura em São Vicente, onde as terras próprias escasseavam. Eram estas abruptas ou brejosas, manguesais ou praias, fragmentadas por um sistema cerrado de canais, gambões e lagamares. Lá de cima traziam entretanto os colonos, e confirmavam-nas depois os jesuítas, como o Padre Vasconcelos, as mais risonhas descrições: um planalto suavemente ondulado, campos e clareiras aprazíveis, boas águas, clima sadio, e, sobretudo, desafiando a energia latente dos imigrantes, as perspectivas infinitas da penetração e da conquista. O governo geral não pensava diferentemente, e tinha seus objetivos: a fiscalização administrativa e as precauções contra o domínio espanhol, que lá se esboçava por trás do mal demarcado meridiano de Tordesilhas.

O receio de dispersar e, portanto, de enfraquecer a escassa população branca, o cuidado de evitar conflito nos domínios de Castela, não podiam conter longamente os habitantes. E a fundação de São Paulo consumou-se, ou melhor, consolidou-se. O dia da primeira missa foi convenientemente admitido, como era usual, para a fixação cronológica do fato. Mas este, na realidade, consagra e simboliza um esforço coletivo.

A sede de Santo André da Borda do Campo teria sido, segundo Flacquer, entre Santo André atual e São Bernardo, à margem do caminho de ligação, em qualquer caso sempre dentro da atual área metropolitana da Capital. Por motivo estratégico ou por política dos jesuítas, Santo André, por uma ordem de Martim Afonso, foi abandonada e destruída, e toda a população transferiu-se para a ^{"colina do Colégio"}. Esta forma uma espécie de pequena península entre as faixas alagadiças do Tamanduatê e do Anhangabaú, que pouco abaixo confluem. Ao sul, essa eminência liga-se, pelo estreito ^{"istmo"} das ruas da Liberdade e Domingos de Moraes, ao espigão de Vila Mariana e da Avenida Paulista, que é o divisor águas do Tietê e do Pinheiros. Ao norte, ela termina em ponta, porque desceu a primeira estrada do Guaré, depois rua da Constituição, hoje Florêncio de Abreu. O vale de Oeste era estreito encaixado, coberto de matas e sombrio; consideravam-no os índios uma das paragens de Anhangá, o ^{"dúbio"} local, que os primeiros colonos entreviam nas caladas da noite. A várzea de leste, de mais vasto horizonte, continha o leito contorcido do Tamanduatê (rio Piratininga), que em ^{"sete"} voltas colava-se ao sopé da ^{"acropole"} colonial. Por diversas travessas ou ladeiras, os habitantes atingiam o rio, que era navegado por canoas. Estas alcançavam o Anhembi (rio das Anhumas, atual Tietê) servindo as fazendas e povoações indígenas ribeirinhas. A confluência situava-se no Carandiru, meio quilômetro acima da atual, para onde a deslocaram os trabalhos da canalização nos fins do século passado.

Para cima, em direção ao Paraíba, ia-se às propriedades de Braz Cubas, a Guarulhos e São Miguel; rio abaixo, às terras dos jesuítas (Sant'Ana), aos sítios da Casa Verde, e a um dos caminhos para o interior, pelo O e Pequeri. Não era bom todavia o caminho mais para jusante (Carapicuíba), devido aos travessões do rio, o que fazia preferir os trajetos pelo espigão do Arapá ou por Pinheiros. As viagens em canoas permitiam evitar a travessia difícil das várzeas fluviais, pantanosas e frequentemente inundadas.

Vimos atrás os motivos da mudança dos

BALAS EM GERAL — BALAS ESPECIAIS PARA TOSSE.
BONBONS — DOCES — ARTIGOS PARA PRESENTES.
BONBONNIERES.

GABY E CARLOS GOMES

PRACA TIRADENTES, 8 e 19 — RIO DE JANEIRO

colonos da costa para o planalto, na clareira piratiningana. Na escolha precisa do Outeiro do Colégio, pesaram razões suficientemente conhecidas: a sobrelevação proporcionava atalhas valiosas, os rios e as baixadas dificultavam a aproximação do inimigo, a exiguidade do terreno facilitaria mais tarde a concentração demográfica e a constituição duma cintura de defesa.

Os padres implantaram o primeiro rancho na crista da encosta, do lado mais perigoso, e os caciques aliados e conversos, Tibirigá e Calabi, vieram instalar suas tabas dum e doutro lado, a pequena distância, em São Bento e no Carmo. "Ipsa-facto" estavam determinadas as três primeiras praças do burgo nascente. Não obstante a escolha estratégica do local, não tiveram os jesuítas intenção urbanística. Não parece que tenham tido consciência de que fundavam uma cidade, nem se preocuparam com o trágico viário. Com as praças estavam também implicitamente determinados os primeiros trilhões. Isto é, as primeiras ruas da povoação (atuais ruas Quinze e do Carmo), comunicações diretas do pátio do Colégio com as tabas vizinhas.

As autoridades castelhanas eram mais metódicas e exigentes na criação das suas cidades. Obedeciam a prescrições certas: impunham trapados em xadrez rígido, as praças centrais com arcadas, e os caballos. São Paulo não se beneficiou de providências semelhantes, e o cuidado original limitou-se a situação estratégica. Mais tarde, tranqueiras e muros, com alguns portões e baluartes, constituíram uma cinta defensiva. Porém nada que se pudesse comparar com as muralhas medievais da Europa. Reduziam-se certamente aos muros externos dos quintais, em talpa, ligeiramente alçados e reforçados, e a algumas palissadas fechando os vãos dessa precária alvenaria. Os documentos coevos (São Paulo é uma das poucas cidades que possuem os arquivos municipais desde a origem — reliquias veneráveis que o último governo costumava mudar atirando-as pelas janelas) aludem a freqüentes imprudências dos habitantes lindeiros, que abriam saídas nessas muralhas, e a brechas que as administradores deixavam sem reparo até os momentos de alarma, quando se remendavam às pressas. Da ausência de plano resultou o leque natural das estradas conducentes às diversas direções e às aglomerações que se iam formando em derredor. Elas tomavam geralmente os espiques — (Liberdade ou caminho do Carmo, sucessora do caminho do Rêgo; e Florêncio de Abreu), acompanhavam o flanco dos vales (Xavier de Toledo ou antiga rua do Paredão, e Seminário), procuravam menor declividade nos contrafortes (Tabatinguera), desciam a colina a meia encosta (João Alfredo, dr. Falcão) procuravam atra-

vessar os vales nos pontos estreitos e favoráveis (Açu, hoje São João; Piques; Assembléia; Carmo). Todos estes trapados subissem e constituam as radiais históricas da cidade. Algumas radiais importantes de hoje não vêm, entretanto, daquela época: são as "de talweg", e outras, cujos percursos não eram tão fânicos como hoje se afiguram. Por exemplo a avenida São João, que devia atrair muitos pequenos afluentes do Tietê; caso da Luis Antônio, que teria de transpor o alto do Caguagu mediante um corte profundo e que na extremidade inferior não vinha até o Centro, só alcançado por dois braços que são as ruas de Santo Amaro e da Assembléia. A ligação desta avenida ao largo de S. Francisco é relativamente recente, por um atorro que o projeto da avenida Itorô obrigara a substituir em breve por um viaduto. A radial "Rua Vergueiro" conduzia a estrada desse nome, um dos caminhos para Santos, e a Santo Amaro (Ibirapuera), para onde houve mais tarde um tranziño, que partiu da Liberdade, depois de Vila Maria, e que substituiu até os nossos dias. Um trapado assaz apertado existia entre as ruas Castro Alves e Paredão; aí, no "morro do Relógio", funcionou durante algum tempo uma sinalização semafórica, que comunicava com o Ipiranga, por onde chegavam os visitantes e mensageiros de Santos.

A rua Barão de Itapetininga não existia, e o crescimento para oeste batia no "tanque" de Arouche. Ruas diretas nessa direção eram impedidas pelas chibcaras do Chá e do Rego Freitas. Toda a cidade continha-se praticamente na "colina histórica". As entradas principais e o ápice das ladeiras de acesso recebiam igrejas. Assim surgiram as do Carmo, da Boa Morte, Remédios, S. Gonzalo, S. Francisco, Ordem Terceira, Santo Antônio, Rosário e S. Bento. Três eram interiores: Sé, S. Pedro e Misericórdia.

Credo de Leôncio Correia

O dia 1.º de setembro, que era uma efeméride de alegria, para uma família ilustre e para os seus amigos, marca agora uma data de tristeza, recordativa e de saudade, também, para o mundo das letras brasileiro: o natalício de Leôncio Correia, nascido em 1885, na litorânea cidade de Paranaguá, do Estado do Paraná.

Na galeria dos grandes poetas do Brasil, a figura Leôncio Correia, cuja morte fez de- saparecer um valor nacional; o abolicionista histórico, o republicano da propaganda, o tribuno intérprete dos anseios e das aspirações das massas, o jornalista dos puros

SENUN A MELHOR VELA
O MELHOR FILTRO

ideais, o parlamentarismo do civismo, o educamamono, em substituição ao fumo, cujo valor da mocidade, o poeta das nacionalidades e do amor, o grande corajoso, flor da bondade ao serviço da pátria e da humanidade.

Em um crente. Tinha o seu Credo: nas liberdades e nas leis divinas e humanas, nos regimes e nos postulados da Justiça e soberania da Verdade.

Credo, nos homens de boa vontade, e Credo em Deus. Nasceu de pais magnânimos, manteve a herança do berço e legou-a aos seus.

Gargalhava na felicidade e estorço na dor, foi um espantoso, lutador intemerato, assinalando-se-lhe na existência, inquebrantavelmente, aurosculando-o no estandarte de sua passagem na terra, o lema da honra, iluminado de bondade, à culminância da justiça, com o distico de fúlgidos brilhos — caráter e oração.

Viveu para a benção do lar, para o sacramento das boas causas, para a estima e a bem-querença das amizades, para idolatrar a pátria e para amar o próximo.

Tinha o queixume dos poetas nas doces lágrimas da rima e tinha as imagens do perdão às alcandouradas alturas da sublimidade das infinitas alturas.

Leônido Correia, que teve à cinta a espada dos legionários das liberdades, teve as mãos a pena mágica e corcional.

Recordá-lo, brasileiros, é recordar a divina poesia, o templo das Escolas, a fé e a crença nas instituições, as penas que servem e fazem bem às coletividades, os corações que souberam ser coração.

Por isso, neste dia 1º de setembro, que só é triste por não tê-lo entre nós, mas é de alegria, porque, Leônido Correia, que finalizara a sua nobre missão neste planeta, está, entre os justos, à mão direita do infinito Pai.

Rio, 1º de setembro de 1951.

OCTAVIO SECUNDINO

AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

6 MOVIMENTO REGISTRADO NO 1º SEMESTRE DE 1951

De acordo com as apuragões do Serviço de Estatística Econômica e Financeira, o movimento exportador brasileiro, no período de janeiro a julho do ano em curso, registra as cifras de 2.672.725 toneladas, no valor de Cr\$ 18.102.525.000,00, acusando, em confronto com igual período do ano anterior, os acréscimos de 876.393 toneladas e de Cr\$ 6.495.576.000,00, ou sejam, respectivamente, mais 48,79% no volume e mais 55,96% no valor.

No cotejo bialenal apresenta o valor médio da tonelada exportada e majoração de 4,83%, tendo-se elevado de Cr\$ 6.461,00 em 1950 para Cr\$ 6.773,00 em 1951.

As dez principais mercadorias exportadas mantêm-se sempre as mesmas desde o primeiro trimestre do ano em curso, época em que passou a figurar no conjunto o óleo de

mamono, em substituição ao fumo, cujo valor de exportação foi superado pelo daquele produto.

Representam essas mercadorias 51,50% do volume e 86,14% do valor total da exportação, ocupando o primeiro lugar o café em grão, cujo valor ultrapassa a metade das vendas externas brasileiras, seguido do algodão em rama, com quase 15% do valor total. Acusa o valor médio da saca de café da elevação de 20,68% sobre o período janeiro a julho de 1950, registrando a cifra de Cr\$ 1.208,00.

Apesar da alta de preços, verificada sem exceção nos dez principais produtos, é considerável o aumento de volume que muitos deles apresentam, sendo de notar que apenas a cera de carnaúba e o cacau em amêndoas acusam decréscimo de movimento. Os artigos de maior valorização foram o algodão em rama, óleo de mamono e o cacau em amêndoas, cujo valor por tonelada se elevou, respectivamente, de 109,94%, 68,63% e 50,54%, em relação ao ano anterior. Exportou-se, entretanto, este ano mais 31,44% de algodão em rama e mais 73,63% de óleo de mamono que em igual período do ano passado.

Absoveram os continentes americano e europeu, 98,46% e 95,20% do volume e valor de nossas vendas ao exterior, destacando-se como mercados consumidores os Estados Unidos, com quase 50% do valor total, seguidos da Grã-Bretanha, da Argentina e da França, com as representações percentuais de 10,82%, 5,51% e 4,82%.

Como se vê, destinam-se a estes quatro países mais de dois terços de nossas vendas externas.

Destacam-se seis principais unidades da Federação, as que escoam maior volume de mercadorias foram Espírito Santo (27,29% do total), São Paulo (26,74%) e Rio Grande do Sul (11,46%); entretanto, os maiores valores de exportação foram atingidos por São Paulo (46,56%), Distrito Federal (15,84%) e Paraná (12,04%). Figuram, ainda, entre os seis principais, os Estados da Bahia e Pernambuco.

Apesar de seu grande volume de exportação, até o fim do primeiro semestre do corrente ano, não figurava o Espírito Santo entre os principais Estados exportadores, em vista do baixo preço dos minérios (hematita e outros) que constituem a grande massa de suas remessas do exterior.

Quando deixamos de lutar contra o inevitável, libertamos uma energia que nos permite criar uma vida mais rica.

Elsie Mac Cormick

Pedro Lara

Tem para vender e encarrega-se de vendê-los

Sítios, Fazendas

Casas e Terrenos

No Rio — Fone: 22-9800

Na Barra do Pirai — Fone: 264

LOUIS JOUVET

Paris, 16 de julho (F.P.) — Morreu Louis Jouvét.

O desaparecimento do grande ator francês, glória da cena moderna, enche de consternação os meios artísticos e literários, mormente pelo fato do inesperado do desenlace, pois há menos de uma semana Louis Jouvét se apresentava em plena forma, trabalhando, como sempre o fazia, infatigavelmente; e ainda ontem o jornal oficial publicou o decreto de sua nomeação para consultor da direção de Artes e Letras. O distinto ator foi anteontem atacado de uma síncope cardíaca, quando dirigia um ensaio no seu teatro "Athénée". E foi no seu próprio gabinete do teatro, pois não mais pôde ser de lá tirado, que faleceu hoje às 19 e 15 o grande artista. Desde o ataque, anteontem, seu estado tendeu sempre a piorar; esta manhã vivia ainda, artificialmente, graças a repetidas injeções de morfina que os médicos lhe aplicavam. As 16 horas, o professor Armand Mouquin anunciou que o doente estava sofrendo de sérias complicações cerebrais, pensando-se em recorrer a uma operação de urgência. Jouvét estava com infracto do miocárdio e seu estado era visivelmente de coma.

Louis Jouvét nasceu em Crozon, no Departamento de Finisterra, na Bretanha, em 24 de dezembro de 1887. Recebeu educação científica, mas seus pendores o levaram, cedo, para a carreira teatral. Na idade de 18 anos veio a Paris, onde fez parte da "troupe" do "Teatro da Ação e da Arte". Quando Jacques Copeau criou sua "troupe", em 1913, no Teatro do "Vieux Colombier", levou consigo Louis Jouvét e Dullin. Jouvét recebeu na "troupe" de Copeau seu primeiro papel em "Une femme tuée par la douleur" e obteve desde logo sólida reputação de ator de composição. No fim da Primeira Guerra Mundial, foi nomeado diretor do Teatro de Comédia dos Campos Elíseos. Desde 1930, era já célebre no estrangeiro. Brilhantes etapas de sua carreira Louis Jouvét franqueou com Jules Romains, Bernard Zimmer, Steve Passeur, Marcel Achard e outros autores, sobretudo Jean Giraudoux, revelando ao público as maiores obras do teatro moderno francês. Jouvét levava ao teatro concepções absolutamente novas; sua vasta inteligência, profunda e viva, se exprimia em fórmulas breves. Depois de ter criado obras excepcionais de Giraudoux, a "Maquina Infernal" de Jean Cocteau, Jouvét revelou toda sua arte e toda sua maestria também como ensaiador. Em 1934, deixou a Comédia dos Campos Elíseos para se instalar no Teatro do Ateneu, onde foi anteontem, como dissemos acima, atingido pelo ataque de coração. No Ateneu criou numerosas peças, ainda de Giraudoux, notadamente "Siegfried", "Intermezzo", "Amphytrion 38", etc. Ele se realizara a "Guerra de Troia", "Ondina", etc. Depois da guerra, criou ainda "La Folie de Chaillot", com Marguerite Moreno e deu "Appolon de Marsac", que criara na América do Sul, durante a guerra. Deu ainda "Don Juan" e "Tartuffe", de Moliere, e reprisou "Knock" de Jules Romains, que criara em 1923, revelando no papel de doutor um dos principais aspectos de sua personalidade. Na primavera deste ano, participou do "Diable et le

Bon Dieu", de Jean Paul Sartre. Rodou também muitos filmes, que confirmaram suas qualidades tanto na tela como na cena. Seu nome é um dos primeiros entre os da "elite", do teatro francês. Professor no Conservatório de Arte Dramática, conselheiro técnico na Comédia Francesa, ainda teve tempo para fazer "tournées" na província e no estrangeiro, particularmente no Brasil, contribuindo largamente para o prestígio francês e do teatro francês. Partindo da França durante a ocupação, empreendeu com toda sua troupe na América Latina grande excursão que foi um triunfo artístico. Porta-voz autorizado da cultura francesa, demonstrou ao mundo a sobrevivência do espírito imortal da França. Em 1948, e em 1951 foram suas mais felizes "tournées", a primeira no Egito, Itália e Europa Central e a segunda nos Estados Unidos e Canadá. Era comendador da Legião de Honra. O corpo de Louis Jouvét continuava esta tarde e noite a dentro estendido no divã de seu gabinete, no segundo andar do Ateneu, velando-o seu filho, que desde o dia do ataque o não deixa. Todavia, a atividade do teatro não diminuiu, apesar da dor que a todos domina; porque todos seguem o exemplo de trabalho do chefe que desapareceu. Louis Jouvét devia representar uma peça tirada do romance de Graham Greene, "A força e a glória", marcada para 25 de outubro, e da qual o papel principal era o seu.

Muitos nascimentos, poucos casamentos

13.368 casais uniram-se pelos laços matrimoniais em 1950, no Rio de Janeiro.

Em 1903 foram registrados 3.392. Os casamentos vieram em linha ascendente até 1937 quando atingiram 12.241. Daí até 1948 houve sensíveis oscilações e somente em 1949 foi batido o recorde de doze anos atrás. Contrairam matrimônio 12.849 noivos.

E' notável, no entanto, a diferença existente entre esta capital e a do Estado de S. Paulo. Lá, onde a população é muito menor, o número de casamentos subiu a 21.023 no ano passado, setenta por cento mais do que o registrado aqui no Rio.

Quando o Destino nos entregar um limão,
procuremos fazer com ele uma limonada...



RAINHA D. AMÉLIA



Versailles, 25 de outubro (F.F.) — Uma grande mulher e uma grande rainha desapareceram hoje, com o falecimento de D. Amélia, de Portugal. Embora destronada, embora afastada havia muitos anos do cenário social e político, ela foi até morrer a Rainha Dona Amélia de Portugal.

Princesa de França, desde o nascimento, foi símbolo de dor e do sofrimento; ao nascer, estavam seus pais no exílio, com a queda da família do trono francês. Amargou o exílio, com seu pai o então Conde de Paris. Mas os príncipes voltaram a Paris. E foi na capital francesa que vários anos depois menina-moça, Amélia foi pedida em casamento pelo príncipe-herdeiro de Portugal, o jovem e cavalheiro Dom Carlos. Após festas deslumbrantes, seguiu a noiva para Lisboa, onde a 22 de maio de 1886, celebrado pelo cardinal-patriarca, se realizou o ca-

samento. O destino, porém, a marcava, e no meio das festas do enlace dos dois jovens príncipes se anunciou a revogação do decreto que suspendera o banimento da antiga família real francesa de Orleans. Voltaram para o exílio. E ela própria, embora já princesa de outra casa real, a portuguesa,

não poderia mais ou pelo menos durante muito tempo pisar o solo que lhe fora berço e que Amélia amava apaixonadamente. Com a morte em 1890 do rei Dom Luís, subiu ao trono de Portugal seu marido, o príncipe Dom Carlos. Rainha, passou D. Amélia a ser mãe dos desamparados. Era a criadora de todas as organizações de caridade e de filantropia do reino lusitano. Mas, no meio das naturais alegrias de seu lar, pois sucessivamente Dona Amélia deu à luz a príncipes fortes e promissores, as dores continuaram a lhe afligir. Desde 1891, os republicanos por-

tuguêses conspiravam; naquele ano houve a famosa Revolução do Porto (31 de janeiro), e a rainha, firme ao lado do esposo, deu mostras de grande fortaleza de caráter e de ânimo. Dona Amélia concentrava suas esperanças no valeroso e gentil príncipe-herdeiro Dom Luis Felipe, nome tradicional na gente de sua família francesa. Respeitada e querida, a rainha tinha amigos e admiradores em todas as classes e mesmo entre os republicanos o casal real Carlos-Amélia se era combatido pelas razões políticas era respeitado por motivos de suas qualidades pessoais. Sucessivos governos Dom Carlos I, com a esposa valente ao lado, foi vendo passar até que, em 1908, subiu o mais impopular de todos, o de Franco, a 1.º de fevereiro de 1908, atravessando o famoso Terreiro do Pago, em Lisboa, depois de uma recepção entusiástica na estação ferroviária, ia Dona Amélia no landau aberto do Paço, ao lado do marido, rei, tendo à frente, no outro banco o príncipe real, herdeiro do trono, Dom Luis Felipe e seu irmão mais moço Dom Manuel. Foi nessa ocasião que dois conspiradores, bracos armados contra o trono, atacaram a carruagem real. Dom Carlos, o rei, caiu logo morto, atingido na nuca; o príncipe real pôs-se de pé, e, de revólver, atirou contra o assassino do pai, matando-o. Mas o companheiro do assassino do rei virou contra o príncipe sua carabina, e Dom Luis Felipe caiu também.

Dona Amélia e o outro príncipe procuravam cobrir com seus corpos os dois visados pelos

assaltantes. No tiroteio, então estabelecido Dona Amélia e o Infante escaparam. Ascendendo ao trono, com o nome de Manuel II, Infante teve reinado curto e agitado. Foi a conselheira permanente do jovem soberano, a figura da dor e da fortaleza guiando os passos do segundo filho, o que lhe restava.

Até que, em outubro de 1910, viu a terceira revolta contra a monarquia, essa, por fim triunfante, que terminou com o banimento do rei moço, Dom Manuel II, e de toda a sua família. Mais uma vez no exílio, a rainha da Desgraça manteve-se sempre a rainha da Caridade. Passando a residir no castelo de Belle Vue, antes e depois da morte do segundo filho, o último golpe grande a lhe ferir o coração, em Fresnay, perto desta cidade, teve uma vida ainda bem longa. Aos 86 anos, agora, succumbe, deixando atrás de si uma glória: foi uma verdadeira mulher, esposa exemplar, mãe inextinguível.

Prof. Mario de Andrade Ramos

1 de novembro — Com o falecimento do prof. Mario de Andrade Ramos perdeu o Brasil mais um dos seus destacados valores culturais: Engenheiro e economista, teve uma vida dedicada ao magistério e à sua profissão e, como industrial, promoveu no país grandes e valiosos empreendimentos. Teve destacada atuação na Constituinte de 1934 e sua passagem no Senado da República, na última legislatura, como representante do Distrito Federal, foi, em todos os sentidos, brilhante. Coube-lhe derrotar, por larga margem, no pleito para o Senado, o candidato comunista Jolito Amazonas, seu mais forte adversário eleitoral. No exercício desse mandato promoveu a entronização da imagem de Cristo Crucificado e a colocação do busto de Ruy Barbosa, na sala das sessões do Senado e do busto de Joaquim Murinho, na sala da Comissão de Finanças do Congresso.

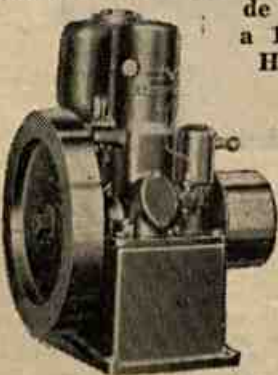
Nasceu nesta capital, a 28 de maio de 1879. O ilustre extinto foi professor substituto de Física e Química da Escola Naval, cate-drático de Eletricidade e Máquinas, em 1911, e de Eletrotécnica e Radiotelegrafia de 1914 a 1931 na mesma Escola, sendo neste último ano posto em disponibilidade; foi membro do Conselho Administrativo dos Patrimônios do Ministério da Justiça, membro e presidente do Conselho Nacional do Trabalho, membro do Conselho de Assistência e Proteção a Menores, diretor técnico das Empresas Elétricas Brasileiras; membro da Comissão de Estudos Financeiros e Econômicos dos Estados e Municípios; deputado à Assembléia Nacional Constituinte, em 1933 e da Câmara dos Deputados; membro e presidente do Conselho Superior das Caixas Econômicas Federais, membro do Conselho Técnico do Conselho de Economia e Finanças; professor de Ciências das Finanças da Faculdade Católica de Direito.

Exercou ainda, os seguintes cargos: engenheiro de Anchoff & Guinle; engenheiro da Anglo Mexican Petroleum Co.; engenheiro da Marconi Wireless Telegraph Cia. Ltda.; diretor da Companhia Brasileira de Telegrafia Sem Fio; diretor da Companhia Car-

MOTORES A ÓLEO

BOLINDER'S

PARA TODOS OS FINS
de 10
a 100
HP



REPRESENTANTE
Antonio Saldanha de Vasconcellos
EXPOSIÇÃO E VENDAS
Rua Visc. de Inhaúma, 37
RIO DE JANEIRO

bonifera (Minas do Butá); diretor da Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo; diretor da Companhia Energia Elétrica Riograndense; diretor da Companhia Carvão Alegre; diretor da Companhia de Obras e Construções; vice-presidente da Companhia Sul-América Capitalização.

Pertenceu a numerosas entidades culturais e científicas, tendo sido membro das seguintes instituições: Instituto Politécnico Brasileiro, Instituto de Engenheiros Eletricistas de Londres, Academia Brasileira de Ciências, Real Sociedade de Artes e Manufaturas de Londres, Academia Físico-Química Italiana, Instituto de Rádio-Engenheiros de Nova York, Clube de Engenharia, Associação Comercial do Rio de Janeiro.

Possuía diversas distinções honoríficas, entre as quais se podem citar a Grã-Cruz de São Gregório Magno e a Cruz de Ouro de São João Latrão.

Publicista de mérito, grande foi a sua atividade, podendo-se anotar, além da coletânea, em vários volumes, de pareceres apresentados no Congresso Nacional, inclusive os de 1950, as seguintes obras: "Notas Eletrotécnicas", 1904; "O telégrafo sem fio de Forest no Brasil", 1905; "A Caldeira Babcock Wilcox na Marinha", 1906; "A hulha branca no Brasil", 1908; "Radiotelegrafia", 1912; "Projeto da lei de radiotelegrafia", 1916; "Tarifação telefônica", 1916; "A radiotelegrafia ultrapotente e o desenvolvimento da ciência elétrica", 1917; "Carvão nacional", 1920; "Estações radiotelegráficas ultrapotentes", 1920; "Pólio de Frontin e a Engenharia", 1926; "O carvão nacional e suas aplicações", 1928; "A nova usina termoeletrica de Porto Alegre", 1929; "Distinção do carvão nacio-

nal e seus subprodutos", 1931; "Exportação do minério de ferro", 1938; "Aproveitamento da Cachoeira de Paulo Afonso", 1945; "O Banco Ortodoxo de Sir Otto Niemeyer", 1931; "A situação cambial financeira do Brasil", 1931; "Governo da moeda", 1935; "Questões econômicas, financeiras e sociais", 1935; "As dívidas externas do Distrito Federal", 1934; "Estudos Econômicos", 1937; "Banco Central de Emissão", 1937; "Aplicação dos fundos de Previdência", 1938; "Finanças Brasileiras", 1938; "Lei Monetária e Bancária", 1939; "Nacionalização das empresas de seguro", 1939; "As Casas Econômicas Federais", 1941; "A reforma monetária", 1943; "Influência monetária", 1943; "Luz de Minha Alma", 1936; "Reflexões almas e minhas", 1943; "Oração à Paz", 1940; "Páginas Cristãs", 1942; "Santa Catarina de Siena", 1942; "Cardeal D. Leme", 1943; e "Cristianismo e Democracia", 1944.

CONSELHOS E INFORMAÇÕES

As estameiras cobertas são próprias para os países de climas quentes e chuvosos, pois ali o monte de estame, desobrigado, seca muito rapidamente devido ao forte calor e as chuvas frequentes lhe subtraem grande parte dos sais solúveis que se vão formando.

② Baaba de bol é o nome dado a uma planta rasteira, da família das ciperáceas, que vegeta a beira-mar em quase todos os Estados do Brasil. O rizoma, que é acre e aromático, tem propriedades sudoríficas, tendo sido usado outzora como fortificante em banhos.

③ Os nossos porcos são muito sujeitos ao ataque do bicho do pé, que penetram em certas partes do corpo sobretudo quando não tem uma boa alimentação. Os porcos cevados não são sujeitos a esta praga.

④ O primeiro cuidado daquele que pretende explorar a horticultura comercial deve ser o estudo criterioso de todas as variedades de hortaliças cultivadas na região, da sua maior ou menor procura nos mercados mais próximos e, então, a adaptabilidade das várias quantidades de terra às culturas escolhidas.

⑤ A única poda a que se costuma submeter a mangueira é a que se chama poda de limpeza, constituída pela eliminação dos galhos secos. Na Índia, pátria da mangueira, assim também se procede.

Esqueça-se de você mesmo e comece a interessar-se pelos demais. Faça todo dia uma boa ação que ponha um sorriso de alegria no rosto de alguém.

Deus, conceda-me a serenidade
Para aceitar as coisas que não posso
[mudar;
A coragem para mudar as coisas que
[posso;
E a sabedoria para conhecer a diferença.

Emca Radio Ltda.

RÁDIOS - ACCESSÓRIOS -

GELADEIRAS - VÁLVULAS -

LÂMPADAS - APARELHOS

DOMÉSTICOS.

REEMBOLSO POSTAL

Av. Marechal Floriano, 41

FONE: 43-8487

Telegs. "EMCON"

RIO DE JANEIRO

(222)

VOCÊ PODE AJUDAR AO SEU MÉDICO

Pelo DR. O. H. BAYLOR

O melhor tratamento de qualquer moléstia é preveni-la.

Os progressos já alcançados para o tratamento de muitas espécies de doenças comuns permitem a prevenção de moléstias graves, pelos médicos, em pouco tempo e com esforço reduzido, mas, para isso, é necessário que haja estreita cooperação por parte do doente.

Geralmente, o paciente espera que o médico realize tudo, não admitindo qualquer responsabilidade para si próprio, o que dificulta a sua cura.

Os cientistas estão procurando descobrir o tratamento mágico — uma droga maravilhosa que possa curar todas as doenças humanas, — mas não se pode prever quando será isso conseguido.

Presentemente o melhor processo de cura é a realização do diagnóstico do paciente o mais cedo possível, o que, todavia, só pode ser feito quando o mesmo procura o médico em tempo oportuno, informando-lhe sobre os seus sintomas.

Entretanto, poucas são as pessoas que procuram os médicos com a frequência necessária; milhares não o fazem enquanto a doença não está bem adiantada e alguns tentam curar-se com várias formas de dieta e processos pseudo-científicos.

Não há regra determinada acerca das ocasiões próprias para se consultar o médico; porém, isso deve ser feito imediatamente quando acontece o seguinte:

1) — Não se tem a energia necessária para sentir prazer no trabalho diário e nos divertimentos.

2) — Começa-se a perder peso;

3) — Não se dorme bem;

4) — Tem-se sintomas persistentes como tosse forte e demorada, falta de ar, má digestão, dores e mal funcionamento das vias urinárias ou dos intestinos.

É preferível procurar-se o médico uma dúzia de vezes com doenças de pouca impor-

tância do que fazê-lo tarde demais, com moléstias sérias.

Depois de 45 anos de idade, é aconselhável a realização de exame médico uma vez por ano, embora não se esteja sentindo qualquer sintoma de doença.

Muitas vezes, um paciente atacado de tuberculose ou câncer no pulmão atribui sua tosse persistente ao fato de estar fumando cigarros em excesso ou a um resfriado comum mais demorado. Todavia, a tosse de um resfriado comum nunca permanece por mais de duas a quatro semanas, no máximo.

Depois de alguns dias, a tosse, comumente, produz catarro, o qual seca gradativamente, desaparecendo então aquela.

Quando se supõe que a tosse é decorrente de abuso de fumo, deve-se deixar de fumar durante uns seis meses. Entretanto, caso já se esteja fumando há cerca de 5 a 10 anos, estando, portanto, o organismo acostumado ao fumo e uma tosse persistente aparece, pode ser sinal de uma moléstia grave e não consequência do fumo.

Se aparece sangue juntamente com o catarro, o caso é sumamente sério, devendo o doente procurar imediatamente o médico e submeter-se a exame de raio X.

Muitos pacientes surgem com câncer no esôfago, em estado adiantado, por terem pensado que a sensação de gás, peso ou reodura que vinham sentindo antes no estômago, decorria da ingestão de alimentos aos quais não estavam habituados ou ao fato de terem abusado um pouco de bebidas alcoólicas no jantar da noite anterior.

Evacuações soltas ou diarreias alternadas ou, ainda, prisão de ventre, constituem mal sinal e devem merecer toda atenção.

Do, mesmo modo, as evacuações pretas quando não se está tomando qualquer remédio que possa provocá-las representam sério perigo.

Mesmo as pessoas de boa saúde estão sujeitas a indisposições temporárias, mas, a persistência de má digestão ou de outros

sintomas doentes, são sinais perigosos e não devem ser negligenciados.

Outro ponto importante, é o reconhecimento pelo doente de que o câncer, mesmo estando ainda no começo, é muito difícil de ser exterminado pelos métodos atuais.

Se o paciente não tem melhoras depois do primeiro conselho médico, deve voltar a procurá-lo pela segunda ou terceira vez, dizendo-lhe francamente o que continua a sentir, a fim de que ele possa reconhecer a necessidade de realizar estudos mais metódicos sobre o caso e hospitalizar o doente, se for necessário.

"SAL DE FRUITA"

ENO

combate a prisão de ventre, eliminando os tóxicos do organismo. Ené dá bom humor diário. Mas só em vidros é "Sal de Fructa".

Antiácido
alcalinizante



Muitos doentes hesitam em procurar os cuidados médicos com receio de não poderem arcar com a despesa necessária para isso; deixam de fazê-lo com medo de que o médico lhes diga, positivamente, estarem atacados de moléstia que preferem ignorar.

Sobre a parte monetária, devo salientar que, há muitos médicos que cobram preços razoáveis para consultas e, antes de fazê-lo o paciente tem o direito de perguntar a aquele ou à sua recepcionista qual o imposto a pagar, exatamente como faz nas casas comerciais, quando pergunta o preço de um par de sapatos ou de um chapéu, antes de efetuar a compra.

Ainda a esse respeito, desejo alertar os leitores de que grandes quantias são desperdiçadas por certas pessoas em medicamentos que não são indicados propriamente para os seus casos, por sua culpa exclusiva, pois compram determinados remédios somente por os terem visto anunciados em jornais ou por seguirem conselhos de amigos leigos no assunto.

Muitas vezes um médico é considerado antiquado porque não receita as drogas anunciadas em jornais e revistas atuais, critica essa que não é lógica. Será muito melhor o paciente anotar o nome do remédio e, na primeira oportunidade, perguntar ao médico se o mesmo é realmente indicado para o seu caso.

Outro bom modo de se fazer economia com tratamento de saúde é eliminar-se os testes desnecessários de diagnóstico. Há muitos ferimentos e doenças simples que

não carecem de testes de laboratório ou medicamentos dispendiosos. Deve-se, pois, apenas consultar ao médico e deixar que ele decida sobre o tratamento que se deve seguir.

É muito má prática seguir-se os conselhos de amigos ou de vizinhos ao invés de se consultar ao médico, pois é pouco provável que a doença daqueles seja exatamente igual à nossa, e, mesmo que seja, cada organismo pode reagir de modo diferente, embora sob o mesmo sistema de tratamento. A bomba atômica, a televisão e o rádio são muito simples comparados à complexidade do corpo humano, o qual pode ser atacado por uma infinidade de distúrbios ou doenças.

Os médicos são, na maioria, muito ocupados e, por isso, a não ser que se peça aos mesmos, com antecedência, para marcar a hora da consulta, deve-se ter paciência para aguardar, na sala de espera do consultório, a ocasião de ser atendido. Por isso, quando se deseja economizar tempo, deve-se, sempre que possível, fixar, previamente, a hora exata para a consulta.

De qualquer modo, entretanto, em benefício do médico e do próprio doente, deve este procurar aquele quando a doença está ainda em princípio, falando-lhe francamente sobre os seus sintomas e, também, a respeito dos seus problemas financeiros, se os tiver.

Quando, então, atentamente, os conselhos do médico e seguindo-se fielmente, o paciente terá grandes probabilidades de, com tratamento rápido, conseguir a cura do seu

Infelizmente

Infelizmente, isso é tudo o que a ciência médica pode oferecer aos seres humanos, presentemente, mas, desde que haja completa cooperação por parte dos doentes, poderão ser obtidos ótimos resultados.

Colaboração da "The Texas Company (South America) Ltd."

Joaquim Carioca

Soares, Cioeci & Cia. Ltda.

JÓIAS E RELÓGIOS



Anexo DENTAL ROSARIO - Artigos dentários em geral - Preparadores de metais preciosos para a arte dentária.

Procurem conhecer o "GRUPO PLATINADO CARIÓCA Nº 3", de nome especialidade

Aceitamos pedidos do interior pelo REEMBOLSO POSTAL

Rua do Rosario, 147 - FONES: 23-3332 e 43-1996

(***)

Tempo por máximo, tão aplicável a questões públicas como individuais, que a honradez é sempre a melhor política.

De todas as disposições e hábitos que conduzem à prosperidade política, a religião e a moralidade são fatores indispensáveis.

George Washington

Certa ocasião, em que Ole Bull, famoso violinista, tocava num concerto em Paris, a corda A do seu violino partiu-se. Mas o artista não se perturbou e terminou a melodia com três cordas apenas. "Assim é a vida" — comentou Harry Fosdick — Se a corda A se partir, continuemos apenas com três cordas".

A coisa mais importante da vida não é "ganhar" sobre os nossos ganhos. Qualquer idiota pode fazer isso. A coisa realmente importante é tirar proveito das nossas perdas. Isso requer inteligência — e constitui a diferença entre um homem de tudo e um tolo.

NAPOLÉÃO LAUREANO

"A PROPAGANDA VIVA" PARA O COMBATE AO FLAGELO DO CANCER



Napoléão Laureano, ao microfone, na campanha da Fundação que tomou seu nome, para o combate ao câncer.

A primeira notícia veio de Nova York, pelo telegrafo. Um médico brasileiro de 36 anos de idade, o dr. Napoleão Rodrigues Laureano, partira para sua pátria, a fim de levantar fundos para combater a moléstia que o estava matando. E vinham, a seguir, no telegrama as particularidades do caso. O dr. Laureano era especialista em câncer. Empenhara-se, em 1950, no plano de instalar um centro de diagnóstico e tratamento do câncer em sua terra natal. Depois, descobriu que ele mesmo estava atacado do mal. Seus pacientes e amigos, muitos dos quais ele tratou, sem receber qualquer pagamento, reuniram dinheiro suficiente para enviá-lo ao Memorial Cancer Research Hospital, em Nova York. Um sapateiro viajou 75 milhas para entregá-lo cerca de 500 cruzeiros. Todavia, os especialistas do hospital de Nova York disseram ao dr. Laureano que ele não tinha muito tempo de vida — algumas semanas ou meses, no máximo. O dr. Laureano, concordando ele próprio com a opinião dos colegas norte-americanos, deliberou usar-se como "propaganda viva" para levantar fundos para a fundação do seu centro de tratamento do câncer. E assim decidido embarcou a 8 de março em Nova York, de regresso ao Brasil, em companhia de sua jovem esposa de 25 anos e sua filha adotiva.

Lançada a idéia da "Fundação Laureano", no Rio de Janeiro, despertado o país para uma assistência mais eficiente aos cancerosos do Brasil, cujo número, segundo as es-

tatísticas, aumenta numa média de 40 mil anualmente, as contribuições começaram a afuir, somando, por fim, fora o auxílio oficial, cerca de 7 milhões de cruzeiros.

O dr. Laureano foi recolhido à "Fundação Gaffré-Guinle". Tudo se fez para lhe mino-^{re}ar os sofrimentos.

O Brasil em péso acompanhou, dia a dia, a tragédia de um verdadeiro herói e mártir, cuja vida por fim se extinguiu, como prognosticaram os especialistas de Nova York, quatro meses depois de sua partida.

O corpo do dr. Laureano esteve exposto à visitação pública, na Igreja da Candelária e foi depois levado em avião da FAB para João Pessoa (3 de julho).

O governo paraibano decretou luto oficial por três dias, solidarizando-se com o ato do governo o comércio da capital do Estado. O corpo foi recebido no aeroporto pelo governador José Américo, secretário, representantes do Legislativo e do Judiciário, além de milhares de pessoas.

A despeito das chuvas que caíram na ocasião, centenas de automóveis e caminhões formaram o cortejo em direção a João Pessoa, tendo parado várias vezes no trajeto para as homenagens póstumas, que tributaram ao médico-mártir. Quando os despojos chegaram no edifício da Câmara Municipal, da qual o dr. Laureano era presidente, o vereador Raulito Oliveira Lima pronunciou um longo discurso, em nome de seus colegas, desenvolvendo considerações sobre a personalidade e pela campanha empreendida

pelo abnegado facultativo. As 20 horas, o corpo foi trasladado para a Catedral Metropolitana, que estava cheia de pessoas que desfilarão diante do esquife, e onde foram celebradas as solenes exéquias, pelo arcebispo Dom Moisés, sendo depois sepultado no cemitério do Senhor da Boa Sentença, com acompanhamento das autoridades civis e militares e do povo em geral.

Napoleão Laureano nasceu em Umbuzeiro. O caso teve repercussão mundial. Foi acompanhado com justificado interesse pela imprensa estrangeira, notadamente pelos jornais do continente. Não só a consciência nacional foi despertada para o combate ao flagelo do câncer, mas a do mundo inteiro, em termos mais ou menos coincidentes com este comentário do jornal "El País" de Montevideu:

"Faleceu o dr. Laureano como um herói e como um santo. A tremenda enfermidade que minou seu organismo serviu de estímulo para expandir a obra humanitária que empreendera. A lenta agonia o elevou aos olhos do seu povo e ante o mundo para que todos multiplicassem seus esforços na luta contra o câncer. A consciência mundial contempla com emoção o desaparecimento desse heroísmo e desse sacrifício, com uma leve esperança de que o novo soro do doutor Durovic o pudesse salvar. Assim não foi e o doutor Laureano faleceu. Sua imolação não será em vão e constitui uma nova e dramática prova da dignidade e do valor do ser humano".

AS EXPERIÊNCIAS COM O "KREBIOZEN"

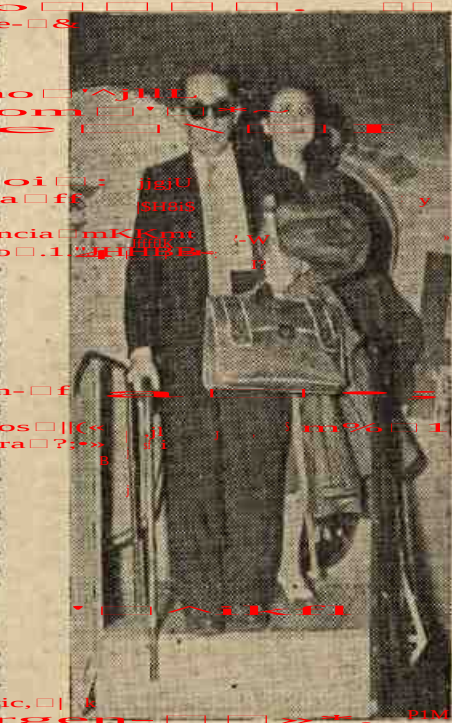
O dr. Napoleão Laureano, como se sabe, foi submetido a duas aplicações do "Krebiozen", com intervalo de 72 horas. O descobridor da droga é o dr. Stevan Durovic, médico iugoslavo, que fugiu para a Argentina e agora reside nos Estados Unidos, juntamente com seu irmão advogado, Marco Durovic. Em março de 1931, o dr. Andrew C. Ivy, vice-presidente da Universidade de Illinois e reputado fisiologista, fez a comunicação de que as primeiras experiências com o "Krebiozen" haviam dado resultados benéficos, reduzindo neoplasmas em alguns pacientes e fazendo desaparecer, virtualmente, as dores. Dois enfermos considerados como casos quase perdidos, melhoraram. Sublinhava, no entanto, o dr. Ivy, que não se tratava de cura, nem se considerava o "Krebiozen" como meta final em quimioterapia do câncer, parecendo ser todavia um passo importante nesse sentido. A droga do médico iugoslavo foi submetida à prova pela Comissão de Investigações do Conselho de Farmácia e Química da Associação Médica dos Estados Unidos, que tem sede em Chicago.

Essa comissão não confirmou os efeitos benéficos da droga e assim o diz em relatório apresentado no mês de outubro, como "serviço público policôpico".

A Comissão da Associação Médica dos Estados Unidos, declara que fez um estudo "a fundo" da droga, antes de emitir parecer. Os dez membros da comissão foram auxiliados nas investigações por cancerólogos, os drs. Dwight Clark e P. Schabik, da Universidade de Chicago; Peter Nelson, da Universidade de Loyola; e James Simonds, da Universidade de Northwestern.

As comprovações da comissão foram as seguintes:

1) — Os históricos clínicos de cem enfermos de câncer tratados com o remédio secreto "Krebiozen" foram obtidos de sete



A chegada ao Rio

fontes independentes. Esses históricos clínicos foram estudados meticulosamente pela comissão.

2) — Informou-se que 96 pacientes não acusaram sintomas objetivos de melhora.

3) — Dois pacientes acusaram sintomas passageiros de melhora, coincidentes com o tratamento pelo "Krebiozen". Num dos enfermos isso foi aparentemente fortuito: notou-se, logo, lesões maiores acusaram progresso constante e rápido, posteriormente.

4) — 44 dos cem pacientes tratados faleceram até o momento da redação deste relatório.

5) — O "Krebiozen" não acusou efeito histológico discernível algum sobre o tumor, no grupo de pacientes dos quais se obtiveram biopsias, ou espécimens por autópsia.

6) — Estas comprovações não confirmam os efeitos benéficos anunciados pelo dr. Ivy e seus colaboradores.

A Comissão declara também que sua primeira providência foi conferenciar com o dr. Durovic e seu irmão, que se mostraram sumamente cooperativos, debatendo todos os aspectos da investigação sobre o "Krebiozen", mas não revelaram a natureza da droga.

Acrescenta a Comissão que Durovic disse que "o produto talvez seja patenteado em data futura", mas que temia "que a patente fosse violada em algum país sul-americano e que o segredo se pudesse filtrar para detras da 'cortina de ferro'".

TIPOS HUMANOS E ALIMENTAÇÃO

W. BERARDINELLI

Em matéria de alimentação o instinto basta aos animais em geral; mas, aos símios e aos seus nobres irmãos, engana redondamente.

Ónus da inteligência...

Amebas, abelhas, cães, não erram. Mas, Metchnikoff viu, em seu laboratório, símios se intoxicarem, apesar do meticuloso e grosseiro exame a que costumam submeter os alimentos.

Crianças, levam tudo à boca. Adultos, comemos o que o empirismo, o arbitrio e, às vezes, a arte do cozinheiro nos apresenta.

Uma prova de que, no homem, o instinto alimentar é um mau guia é o fato de os magros preferirem protídios e os gordos lipídios e glicídios. Resultaria da pura obediência aos instintos que os magros ficariam cada vez menos gordos e os gordos cada vez menos magros.

Os magros atingiriam aquela situação de Sarah Bernhardt, de quem se dizia que se engulisse uma pílula, pareceria grávida; que poderia tomar banho num cano de esgoto; e passando entre duas bolas de bilhar, serviria de critério para saber se estavam coladas.

E os gordos passariam a merecer aquele epigrama de Mirabeau sobre um grande obeso: — "Deus o criou somente para mostrar até que ponto a pele humana pode ser distendida sem se romper".

ALIMENTOS DOMINANTES

Há alimentos que escravizam o indivíduo. Não falo do álcool que é também um alimento e sabidamente muito escravizante. Refino-me a alimentos comuns, como por exemplo, o pão e o arroz, que apesar de serem muito incompletos constituem a base da alimentação da maior parte dos povos. Quando queremos proscrivermos de um regime alimentar para emagrecimento, é certo encontrarmos forte resistência da parte dos pacientes.

Fatos desse gênero não escaparam à aguda observação do Padre Manoel Bernardes, que os menciona, a propósito do chocolate, nesse admirável livro de alta sabedoria e de puríssimo estilo que é a "Nova Floresta".

De D. João de Palafox, bispo de Osma, lá refere o padre, que não usando de chocolate este venerável prelado, formaram alguns dispendiosos reparos, por haver no seu bispoado (que era então La Puebla de los Angeles) os melhores ingredientes desta solene bebida. Respondeu-lhes: Não o fago por mortificar-me, senão porque não haja em minha casa quem mande mais que eu, e tenho observado que o chocolate é alimento dominante que, em se habituando a ele, não se toma quando a pessoa quer, senão quando quer ele.

Tão certo é que o chocolate domina nos que a ele se costumam, e se toma quando ele quer, que em uma terra de Castela, para maior rejóio de umas bodas, mandou o noivo fazer uma fonte de chocolate, que correu publicamente todo aquele dia para todo o povo. Devia haver dentro em casa preparadas grandes caldeiras ao fogo, e muitos ministros ralando o material, e batendo-

os com desmedidos molinheiros, e desta mina, por secretos condutos, se ia cevando aquela fonte.

"Outros sobem tão de ponto seus elogios que não falta quem diga que se os entendimentos comessem, havia de ser chocolate".

OUTRO SENTIDO

No pensamento do Padre Manoel Bernardes, há alimentos que dominam a nossa vontade; mas, noutro sentido poderemos empregar a mesma expressão, dizendo que os alimentos dominam o nosso destino biológico.

Ao lado dos fatores hereditários, do clima, do modo de vida, a alimentação é a principal determinante de nossa constituição, de nosso tipo.

A mudança de regime alimentar pode mudar a cor das penas dos canários e dos papagaios. A alimentação insuficiente ou excessiva produz nas lagartas respectivamente albinismo ou melanismo.

No homem, as diversas espécies de alimentação podem modificar o funcionamento das glândulas endócrinas e assim agir sobre a morfologia e a fisiologia individuais. O excesso de carne e de alimentos ricos em fósforo, como acontece com a gente que vive da pesca, excita a função tireoideia; ao contrário os alimentos pobres em fósforo, o monofagismo, as avitaminoses, produzem hipotireoidismo, podendo além disso acarretar atrofia das paratireoideias e dos testículos. As proteínas ex-

COMPRA E VENDA

DE IMÓVEIS

ROSA FILLER

Av. Rio Branco, 106-108

SALA 710 — TEL. 22-8392

citam a secreção interna genital e o abuso do álcool pode produzir, atrofia dos testículos.

Assim, entre nós, os gaúchos seriam valentes porque comem muita carne; os nortistas, inteligentes porque consomem muito peixe e mariscos ("fruta di mare"), como dizem pitorescamente os italianos; os ricos em iodo e fósforo; os paulistas, ativos porque tomam muito café, este divino licor que sem alterar a cabeça, expande o coração como dizia Voltaire.

Divin liquer que san alterer la tête épanouit
[le cœur.
Je crois boire en chaque goutte un rayon
[de soleil.

Apesar de sabermos tudo isso, continuamos a entregar essa parte básica de nossa vida ao empirismo e à ignorância das cozinheiras.

"El cocinero es el mas empinto de los hombres" exclamou certa feita Mestre Pedro Escudero.

Há, pois, necessidade de uma imensa campanha, a começar pelas donas de casa (feitas as clássicas honrosas exceções), donas de casas grá-finas e grá-finas donas de casa, que afetam um superior desdém pela cozinha.

Já não falo das domésticas em geral; por enquanto as cozinheiras só progrediram na indumentária domingueira e no cuidado dos fâneros, polindo as unhas e alisando os cabelos. Dia virá em que se elevarão da condição ancilar à dignidade do bacharelato em culinário e serão chamadas "técnicas em fômo e fogão". Aliás, os seus honorários atuais já são nesta base...

OS TIPOS HUMANOS

A alimentação por um lado é uma das causas da nossa constituição individual; e por, outro lado, a nossa constituição, ou tipo, nos leva a preferir ou a repelir certos alimentos.

Em todas as raças da terra, além do tipo médio-normal, há duas variantes principais e extremas: — a longa e fina, esbelta (tipo longilíneo); e a curta e grossa, aterrada (tipo brevilineo).

Aliás o próprio espírito leigo ou comum faz essa observação.

D. Quixote é o longilíneo: "era de complexión racia, seco de carnes, enjuto de rostro... tenía eu sobrenombre de Quijada y Quesada".

Sancho Pança é o brevilineo: "tenia la barriga grande, el tallo corto y las zancas largas, y por esto se le debió de poner nombre de Pança y de Zancas".

O "magro" do cinema, o Stan Laurel, é o longilíneo; o "gordo", o Hardy, é o brevilineo.

O "Mutt" dos desenhos animados de Fleisch é o longilíneo; o "Jeff" é o brevilineo.

O longilíneo é no colégio ou no clube esportivo, o "manguari-patola" o "vasculhador da lua", o "espeto"; o brevilineo é o

"Meio-quilo", o "tampinha", o "meia-garrafa".

O longilíneo "de quatro" é "haut de terre", e lembra o galgo e a girafa. O brevilineo é rasteiro "bas de terre" e sugere o percheron e o hipopotamo.

O gênio do escritor, o senso do diretor de cena, a observação do desenhista, a malícia da rapaziada, a comparação zoológica põem em evidência, cada qual a seu modo, as duas variantes extremas dos tipos humanos: — a longa e fina e a curta e grossa.

Há também comparações arquitetônicas. A casa exprime um temperamento, um caráter, e revela também tendências e momentos sociais.

O nosso grande Gilberto Freyre já no título de suas notáveis obras sociológicas, deixa patente essa influência: — "Casa Grande e Senzala"; "Sobrados e Mucambos".

Fizemos, há tempos, no "Rotary-Club", uma conferência "sociométrica" com Raul Pederneras, sobre os tipos humanos. Enquanto falávamos, Raul esboçava num quadro desenhos relativos ao assunto.

E quando dissemos que o longilíneo tinha a estrutura de uma catedral gótica, e o brevilineo a de uma basílica romana, vimos, através do lápis privilegiado, que era interessante a comparação.

E quem nos diz que o romano pictórico e o nórdico esbelto não se estilizaram subconscientemente nas suas construções? Há uma interpretação antropométrica da arquitetura, ilustrada por Irving K. Pond.

* * *

Dentro de cada um dos grupos — longilíneo e brevilineo — há duas variantes gerais. O longilíneo astênico é mole, inativo, fraco. O longilíneo estênico é também fino de corpo, mas dinâmico, resistente, forte.

O brevilineo astênico é gorducho, balofo, mole, preguiçoso, fraco.

O brevilineo estênico é entroncado de carnadura enxuta, enérgico, forte.

* * *

Dentro desses diversos tipos extremos, há ainda inúmeras variantes especiais, condicionadas sobretudo pela predominância ou pela deficiência de certas glândulas de secreção interna.

Para continuar com exemplos sugestivos, evoquemos alguns astros e estrelas do cinema.

Greta Garbo é um verdadeiro esquema da longilínea astênica, fraca, com insuficiência supra-renal. Numa caricatura animada puseam-lhe aos lábios uma frase absolutamente típica: "I am tired. I am so tired".

Jean Crawford é uma bon longilínea estênica (forte), de olhos grandes e saltados, dinâmica, disposta, com acentuado funcionamento da tireóide e da supra-renal.

Mae West, "a das curvas perigosas" é talvez a única brevilinea em evidência no cinema.

Spencer Tracy, um ótimo tipo masculino,

WALDIR PINTO DA CUNHA

REPRESENTANTE E DISTRIBUIDOR
da afamada Golabada Casco "Young", etc.
Aceita-se representações. Campos, Est. do

Rio, Escritório: Rua Teófilo Ottoni, 161 - sob. S. 1 - Telefone: 43-9243 - RIO.

brevilíneo estênico, mandíbula proeminente e atitudes enérgicas; predomínio da hipótese e da supra-renal.

OS TIPOS E A ALIMENTAÇÃO

Agora que sabemos algo sobre os tipos humanos, podemos relacioná-los com a alimentação.

A prática cotidiana nos ensina que cada indivíduo tem tendências alimentares próprias e especial capacidade de utilizar os vários alimentos: um indivíduo é grande comedor de massas e de pão e não de carne, e (vice-versa); num indivíduo há mais assimilação e noutro mais desassimilação etc. No entanto estes fatos não têm sido levados em consideração quer na alimentação do homem sadio, quer na dietética dos doentes, até agora baseados nos dados gerais da fisiologia da espécie humana, sem distinguir entre os vários tipos humanos.

Para alguns constitucionaisistas o tipo brevilíneo é preferentemente herbívoro e o longilíneo, carnívoro.

Um excesso de glicídios (massas e doces) tende a determinar uma orientação mental lenta e apática; o excesso de protídios (carne), ao contrário, produziria uma orientação mental veloz e hiperemotiva.

Há também observações experimentais demonstrativas de que nos animais alimentados predominantemente com protídios há maior vivacidade e irritabilidade do que nos alimentados com glicídios; também a duração e a intensidade dos movimentos musculares são mais notáveis nos animais com dieta rica em protídios.

Aqui se apresenta a velha questão do vegetarianismo e do regime cárneo. Não basta, como diz Botazzi, para legitimar o vegetarianismo demonstrar que o homem pode viver com uma ração de protídios exclusivamente ou predominantemente vegetais; é preciso também indagar se a vida do homem civilizado moderno, do pensador, do trabalhador, comporta a introdução e a digestão de uma grande massa de alimentos, inevitável no regime vegetariano; e se uma ração protídica exclusivamente vegetal continuada por várias gerações permite ao homem atingir o mais alto grau de vigor físico e intelectual.

Como observava De Cândia, o regime predominantemente glicídico do trabalhador muscular e o regime predominantemente cárneo do trabalhador intelectual constituem uma espécie de imperativo fisiológico, porque ao passo que os glicídios são mais necessários aos trabalhadores braçais, pois o açúcar deles derivado é o verdadeiro elemento dinamogênico dos músculos, os protídios são, sobretudo, os de origem animal, o alimento do cérebro e do pensamento.

Acresce que o trabalho braçal aumenta a produção de substâncias ácidas no organismo; para contrabalançar esse efeito, o trabalhador braçal precisa ingerir mais alimentos alcalinizantes, que são justamente os glicídios (massas). Os protídios (carne); e os lipídios (gorduras), são, ao contrário acidificantes.

Outra relação importante entre tipos e alimentação é a quantidade de alimentos ingeridos pelos diversos indivíduos.

O brevilíneo geralmente come mais e mais depressa porque o estômago neste tipo é maior e se esvazia mais rapidamente; o contrário acontece no longilíneo.

Geralmente o brevilíneo tem tendência a beber muito líquido durante as refeições e os longilíneos menos. Talvez essa tendência se ligue ao fato de o suco gástrico ser mais abundante e mais forte nos brevilíneos, o que os leva instintivamente a procurar diluí-los.

É interessante também assinalar que há indivíduos que comem muito e no entanto permanecem magros, e outros apesar de comerem pouco, engordam. O gênero de alimentação poderia explicar essas diferenças; mas mesmo com alimentação idêntica o fato se observa; e é explicável pela diferente orientação metabólica dos vários indivíduos: — mais no sentido anabólico (assimilação) nos brevilíneos e mais no sentido catabólico (desassimilação) nos longilíneos.

Os longilíneos estênicos (ou fracos) preferem os protídios (carne) e às vezes também os lipídios (gorduras); têm tendência a beber muitos líquidos, inclusive alcoólicos; comem depressa (taquifagia); apresentam frequentemente perturbações cardiovasculares pós-prandiais.

Os longilíneos astênicos (ou fracos), preferem, ao contrário, os glicídios (massas, verduras, frutas); ingerem pouco líquido; não são polifágicos (não comem muito), mas são taquifágicos (comem depressa). Apresentam frequentemente sensação de mal-estar em jejum e narcolepsia (sonolência) pós-prandial.

Os brevilíneos estênicos preferem os glicídios (amidos e açúcares), verduras e frutas, são grandes bebedores de água e de vinho ou cerveja; são acentuadamente polifágicos mas ao mesmo tempo bradifágicos; apresentam frequentemente narcolepsia pré-prandial e também congestão da face acompanhada às vezes de leve dor de cabeça.

Os brevilíneos astênicos têm geralmente as mesmas tendências alimentares dos brevilíneos estênicos, dos quais se distinguem porém pelo menor grau de voracidade e de ingestão de líquidos em geral e por mais acentuada sonolência (ou lombeira) pós-prandial.

UTOPIA

Vimos como a ciência da nutrição dá as bases para a alimentação racional da Humanidade e até requintes de individualização, segundo os gostos e as necessidades dos vários tipos humanos.

Sua aplicação será possível no dia em que houver a descentralização, a obediência à ordem de marcha para Oeste; no dia em que for uma realidade a lei agrária, retalhando os latifúndios e entregando as porções de terra a quem as réguie diretamente com nobre suor; no dia em que se honrar e proteger melhor o trabalhador rural; no dia em que forem castigados os intermediários gananciosos e ignóbeis; no dia em que voltarmos a compreender a simplicidade fundamental e a poesia natural da Vida.

Há muitas definições poéticas ou filosóficas da Vida, que chegam a ser ridículas nestes tempos tão práticos. Hoje, viver é correr. Corremos para o trabalho, corremos para o descanso na terra, corremos para não conseguir entrar num cinema, corremos para comer e comemos correndo. Corremos de nós mesmos, para nos aturirmos e para que passem mais velocemente tempo os tão duros, dias tão amargos, época tão infeliz da humanidade, em que tudo progrediu, exceto o próprio Homem.

ANOMALIA NUCLEAR LEUCOCITÁRIA FAMILIAL DE PELGER-HUET

Por VIANNA JÚNIOR, Assistente na Faculdade Nacional de Medicina (U. B.), Rio de Janeiro, D. F. (Comunicação ao 1.º Congresso de Hematologia e Hemoterapia, Santos, S. B.)

Não fôsemos infenso às designações epônimas para determinar os vários processos morbítos, por isso que não lhes trazem informes clareadores de conceituação etiológica, síndrome, clínica nem, por véses, dela mesmo a verdade histórica na ordem de prioridade dos seus investigadores. Invertecíamos a simbiose nominativa dessa anomalia hematológica, em flagrância cronológica e chamáramos "Anomalia nuclear leucocitária familiar de Huet-Pelger", como homenagem merecida à visão aguda do conceito hereditário de estigma mendeliano transmitido que, em verdade, acentuou o primeiro em lhe atribuir.

De fato. Foi a anomalia em foco, no que pese a controvérsia cronológica do opinar de Undritz, primeiro descrita por Pelger, em 1928, que viu uma modificação peculiar no enredo nuclear dos leucócitos neutrófilos, simulando um quadro hemático impressionantemente patológico pelo acentuado desvio regenerativo para a esquerda.

Dois foram os pacientes então observados: um deles faleceu de tuberculose pulmonar, ficando, a jeito simplista, por ele mesmo feito o raciocínio post hoc ergo propter hoc, na verdade do seu prognóstico: a anomalia é patológica e contradiz nos pacientes de tuberculose.

Dois anos mais tarde, Huet examinando o sangue de uma "sobrinha" de um daqueles clientes de Pelger, encontrou a repetição da curiosidade núcleo-leucocitária exibida à molde de um decalque. Apesar da portadora sofrer de uma bronquite, que logo desapareceu sem reliquias, a visão de um possível estigma hereditário mendeliano surgiu então, ensejando pesquisas hematoscópicas em vários representantes da mesma família, encontrando-se neles o aspecto bizarro do enredo nuclear dos neutrófilos, copiadamente repetido.

Desse modo, pela primeira vez, se logrou descobrir a aparição familiar da anomalia constitucional peculiar, a ligação de herança dominante, confirmada e aceita depois por todos.

Despertado o interesse diante da publicação desses primeiros casos, uma série de observações apareceu no próprio país de origem dos seus descobridores, e em vários outros, feita por médicos diversos, assim firmando o cosmopolitismo da anomalia inclinação hematológica.

Entre nós, e simultaneamente, cabem as primeiras descrições de casos observados ao Dr. Monteiro Marinho: "Anomalia nuclear familiar de Pelger-Huet" = "Arch. de Clin. Médica", VIII, 1-2, 48-56-1949; e ao Dr. João Maia Mendonça = "Anomalia nuclear dos leucócitos de Pelger-Huet" = "Hospital" Vol. 37, n. 1-1950.

que encetamos, a nossa presente observação seria a terceira na ordem da casuística nacional, tendo apenas a prioridade, guilgama, de ser a original na raça preta, por que o nosso primeiro observado e a sua família pertenciam aos melanodermos. Como não podia ser de outro modo, a nossa presente observação foi dada do acaso: Fazíamos, como de rotina, hemogramas de associados da CAF, dos Serviços Públicos Federais, no Laboratório da sua seção médica, quando nos surpreendeu o aspecto binocular dos neutrófilos, e como havia evidente normalleucocitose e a morfologia desses aberrava dos cânones habituais das infecções com desvio regenerativo, surgiu-nos essa mente o estarmos defrontando a anomalia familiar de Huet-Pelger.

Com a continuação do exame do hemograma para o seu registro diferencial, foi-se positivando a mais e mais aquela conveção pela frequência dos neutrófilos no núcleo em bastão ou binocular, em proporção elevadíssima ou mesmo absoluta, sem que surgisse nenhum trilobado.

Estávamos, em verdade, diante de um caso de raridade hematológica incontestável: a anomalia de Pelger.

Caláramos ampliar o campo das observações, estudando-as nas suas relações genéticas.

O nosso primeiro paciente, V. B. de cor preta, natural do Distrito Federal, com 28 anos, casado, tinha, morando em sua própria comunidade, duas filhas — My e Ma, com 4 e 5 anos respectivamente. Um terceiro filho estava internado em hospital, em Salvador-Alagoas, onde falecia, dias após.

Para estabelecermos a linha de continuidade de herança, procuramos obter sangue das duas filhas; a anomalia manifestou-se evidente; o gene foi transmitido; eram ambas pelger-positivas.

Não sem grande dificuldade obtinhamos a remessa de sangue oxalatado, e em lâminas estendidas, da esposa do nosso observado, internada em nosocômio, em Salvador; nenhuma anomalia apresentava no núcleo dos leucócitos.

Estavam em trânsito ou residindo nesta capital várias parentes do nosso paciente, nas linhas ascendentes, descendentes e colaterais: tios, sobrinho, primo e irmãs.

Retiramos lâminas das duas filhas. Uma delas era indene; a outra positiva, tinha um filho, cujo sangue examinado também revelou o sintoma pelgeriano evidente; os neutrófilos insegmentados.

Fizemos em seguida exame do sangue de duas irmãs. Eram ambas positivas. Os demais irmãos e irmãs não residiam nesta capital, não logrando nós obtermos o sangue, apesar de insistentes tentativas.

Aqui estava, no momento, um filho de uma das suas irmãs ausentes. O seu sangue não apresentou a alteração nuclear. Seria um recessivo? Entaria ele no percentual das probabilidades matemáticas concedidas aos descendentes dos heterozigóticos? Seria a sua genitura também uma indene ao fator, na percentagem dos liberados?

Resumindo — Conseguimos examinar o sangue das seguintes pessoas parentes do nos-

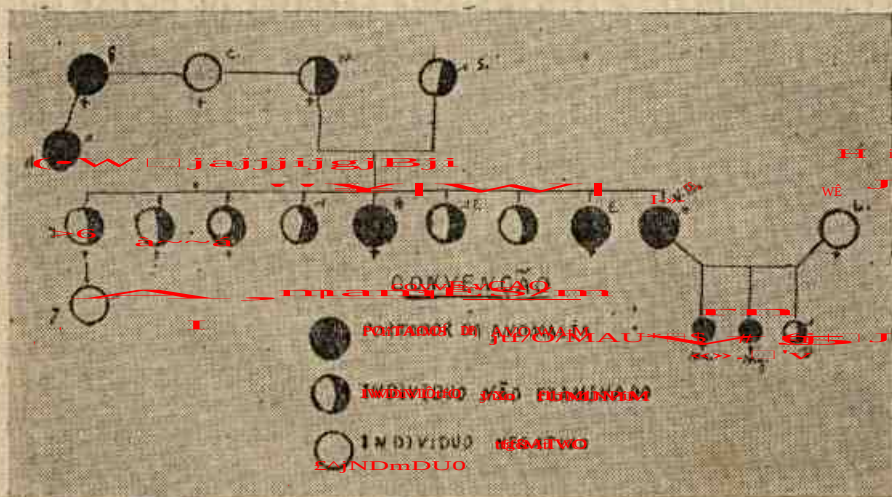


Fig. 1 — Diagrama da transmissão da anomalia

so primeiro observado, estabelecendo assim o quadro genético da sua família: o

- 1 — V.B. = positivo — sua filha
- 2 — Ma. = positiva — sua filha
- 3 — My. = positiva — sua filha
- 4 — A... = positiva — sua irmã
- 5 — E... = positiva — sua irmã
- 6 — G... = positiva — sua tia
- 7 — C... = negativa — sua esposa
- 8 — L... = negativa — sua esposa
- 9 — J... = negativo — seu sobrinho
- 10 — N... = positivo — seu primo

Foram 10 as pessoas examinadas. Destas tivemos 7 com a anomalia positiva. Dos negativos, uma (esposa do caso 1) era a priori suspeita de negatividade (não havia sido examinada). A anomalia não é assim tão espalhada entre nós para ensejar uma união conjugal de portadores peigos (casos 1 e 2). A anomalia não é assim tão espalhada entre nós para ensejar uma união conjugal de portadores peigos (casos 1 e 2). A anomalia não é assim tão espalhada entre nós para ensejar uma união conjugal de portadores peigos (casos 1 e 2).

Não são acordes os autores sobre a participação dos basófilos, não só porque os basófilos são poucos, mas também porque a participação dos basófilos é difícil de observar.

Não conseguimos encontrar nenhum basófilo nas diversas lâminas coradas dos nossos observados. Os granulócitos eosinófilos são atingidos frisantemente; o seu núcleo tem características marcantes; é, na grande maioria, ex-



há ausência das granulações tóxicas patológicas nos neutrófilos. Os leucócitos dão uma impressão paradoxal: pelo pouco enredo do seu núcleo, são células jovens; pelo comportamento da cromatina, pelo aspecto do seu citoplasma acidófilo, são velhos. Parece haver um assíncrono mesmo evolutivo núcleo-citoplasmático. De fato: a célula de Pelger por seu pequeno tamanho é velha; assim também o é pela relação núcleo-citoplasmática.



Pelo seu enredo nuclear com um só lobo encurvado em forma de cajado ou com seus dois lobos arredondados, picnóticos, ligados por curta e grossa faixa de cromatina, a célula pelgeriana denuncia imaturidade evolutiva aos primitivos estádios da escala filogenética.

Paralelo às alterações de forma encontramos um aspecto característico da cromatina nuclear, que nos permite avaliar o grau de maturidade dos leucócitos: é a aparência de líquen e polimento da superfície nos núcleos pelgerianos, ao invés de "aspera".

Outro aspecto é a condensação da cromatina nas extremidades nucleares como se fossem nódulos ou nucleóloes. O protoplasma dos neutrófilos não apresenta anormalidade. É acidófilo, com maturação completa, como uma célula estruturalmente antiga.

A anomalia é mielocitária, central, e não periférica, nos circuitos sanguíneos. No mielograma ela se evidencia pela proporção elevada dos mielócitos e metamielócitos, com núcleo picnótico que assim permanece indefinidamente.

Nos dois mielogramas que praticamos (puncção externa no caso n. 1 e puncção tibial na observação n. 2) encontramos ao lado dos mielócitos e metamielócitos eosinófilos, com núcleo acentuadamente excêntrico, os neutrófilos insegmentados, as clássicas células de Pelger heterozigóticas, em frequência absoluta.

O mielograma é representativo de um tipo de medula "pseudo-mielocitária", na frase de Undritz. Diferentes animais, e entre esses a salamandra, tem normalmente eosinófilos medianamente segmentados, como na anomalia humana.

As hipersegmentação constitucional do núcleo dos neutrófilos é anomalia não patogênica, de hereditariedade dominante, heterozigótica, muito disseminada. A forma hipersegmentada é normal na espécie selvagem dos coelhos.

A anomalia granular constitucional de Alder incide no protoplasma dos basófilos, eosinófilos, e de estrutura, umas se manifestam na eritropoiese e são: a eliptocitose e a drepanocitose; outras na leucopoiese, e assim podemos enumerar:

a) segmentação média dos núcleos dos eosinófilos;
b) hipersegmentação nuclear dos neutrófilos;
c) anomalia granular basófila de Alder; periturbação da maturação poética de May-Hegglin;
d) anomalia nuclear familiar de Huet-Pelger.

AA eliptocitose ou "degenerescência cameliforme de Goltz" é dominante hereditária, e mais de 90% dos normócitose são atingidos. Em hematologia comparada a forma eliptocítica dos glóbulos vermelhos é filogeneticamente mais antiga. Em quase todos os vertebrados inferiores os eritrócitos são normalmente elípticos; entre os mamíferos, só os camelídeos.

AA anomalia eritrocítica, descrita por Herriek, é a drepanocitose ou anomalia "em foice". É a única ligada à raça: só os negros e mestiços a apresentam. Na escala zoológica os eritrócitos tem a forma "em foice" nos veados: Cervus megalocerus, capreolus, etc.

AA segmentação constitucional média dos núcleos dos eosinófilos caracteriza-se pelo fato da maioria dos eosinófilos não terem como normalmente, dois segmentos e sim três e mais. A anomalia é dominante, não patogênica, embora espalhada, maximamente na Suécia.

Diferentes animais, e entre esses a salamandra, tem normalmente eosinófilos medianamente segmentados, como na anomalia humana. A hipersegmentação constitucional do núcleo dos neutrófilos é anomalia não patogênica, de hereditariedade dominante, heterozigótica, muito disseminada. A forma hipersegmentada é normal na espécie selvagem dos coelhos.

A anomalia granular constitucional de Alder incide no protoplasma dos basófilos, eosinófilos, e de estrutura, umas se manifestam na eritropoiese e são: a eliptocitose e a drepanocitose; outras na leucopoiese, e assim podemos enumerar:

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO FIXADOR DO CABELO

QUADRO DOS EXAMES HEMATOLOGICOS

N.º de ordem	Nomes	Pelger	Hemácias em milhões por mm. 3	Hb. em grs. por 100 cc.	Hemossediment.	Grupo sang.	Fator Rh.	Leuc. por mm 3	Basófilos	Monócitos	Eosinófilos					Linfócitos					Neutrófilos					CNIN
											Redondos	Bastões	Bi-Seg.	Tipicos	Atipicos	Leucocitoides	M.	J.	B.	S II.	S III.	S IV.	S V.			
1	W. B.	+	4.990	16,5	9,7	A.	+	7.300	0	3	4	5	0	27	1	0	0	0	42	18	0	0	0	2,3		
2	Ma.	+	—	—	—	O.	+	—	0	3	6	10	0	55	2	0	0	0	11	13	0	0	0	0,8		
3	My.	+	—	—	—	A.B.	+	—	0	0	4	10	0	56	1	0	0	0	18	9	0	0	0	2,0		
4	A.	+	—	—	—	O.	+	6.900	0	3	6	4	3	25	0	0	0	0	36	23	0	0	0	1,5		
5	E.	+	—	—	—	—	—	—	0	4	5	4	3	45	1	0	0	0	22	18	0	0	0	1,2		
6	C.	+	—	—	—	—	—	—	0	4	0	4	5	58	2	0	0	2	9	18	0	0	0	0,6		
7	C.	—	—	—	—	—	—	—	0	5	6	0	0	49	0	0	0	1	8	27	3	0	11	0,62		
8	L.	—	—	—	—	B.	+	—	0	11	9	0	21	45	0	0	0	0	1	0	0	0	32	0,03		
9	J.	—	—	—	—	—	—	—	0	4	0	2	18	30	0	0	0	0	6	12	28	0	0	0,1		
10	N.	+	—	—	—	—	—	—	0	2	3	3	0	40	2	0	0	0	17	35	0	0	0	1,9		

(*) CNIN (coeficiente de neutrófilos insegmentados de Mas y Magro).

nófilos e neutrófilos que apresentam uma granulação azurófila, fortemente violeta-negra. É anomalia dominante, acompanhada de deformações ósteo-articulares.

Nos animais não é raro verem-se normalmente granulações azurófilas dos neutrófilos em peixes e serpentes.

A anomalia de May-Hegglin ou perturbação da maturação polifila caracteriza-se pelo fato de que, nos neutrófilos e eosinófilos, o protoplasma basófilo dos estádios jovens persiste ainda nas células maduras de núcleo segmentado, sob a forma de corpos de Döelhe.

Nos animais, o protoplasma basófilo dos neutrófilos permanece com essas inclusões, normalmente, no sapo, o Bufo vulgaris.

A anomalia de Huet-Pelger, "formula leucocitária pseudo-regenerativa", é mendelianamente dominante e heterozigótica.

Há vários animais, pássaros, peixes, cujo núcleo dos leucócitos apresenta normalmente forma e estrutura hetero e homozigóticas, como as células anormais de Huet-Pelger.

Pelo exposto e com um relêvo de valor particular, sob a mirada da biologia geral e comparada, ressalta que formas celulares anormais sanguíneas, no homem, existem de maneira normal nos estádios recuados das espécies primitivas do reino animal.

Elas se transmitem em cadeia ininterrupta através das gerações.

Não são mutações recentes mas persistências, sobrevivências filogenéticas, regressões a etapas da evolução da espécie, no passado, paradas às formas regressivas da escala nos seus degraus primitivos.

Essas anomalias podem ameaçar a vida dos portadores.

Elementos sanguíneos primitivos, se são convenientes a animais igualmente primitivos, não convirão a seres mais evoluídos, podendo ser responsáveis por fenômenos patológicos.

Então, sob a mirada desses avatares da filogenia, uma anomalia hematológica, sobre aspecto de modificação formal e estrutural, na ontogenese, seria a revivescência ancestral a etapas remotas da série evolutiva; seria entidade que se evadiu do passado e vem se impôr à ontogenese como a imprímatura, o selo de um revenant, no transcurso das idades; seria, menos do que curiosidade especulativa, um estigma de finalidade teleológica de patogenidade in fieri, no trânsito das gerações que se sucedem.

Assim — E립tocitose — seria regressão aos primórdios dos vertebrados inferiores até aos camélidos e só é anomalia no homem; drepanocitose (3) — volta à era do cervus porcinus; segmentação constitucional dos eosinófilos; — período de salamandra; hipersegmentação nuclear neutrófila; — memória da fase selvagem dos coelhos; anomalia granular de Alder — atavismo dos peixes e serpentes; perturbação da maturação de May-Hegglin — etapa do sapo; e anomalia pseudo-regressiva de Huet-Pelger é revivescência dos paradigmas filogenéticos das épocas de peixes e lagartos, ou consoladora atenuação às valdades antropomórficas! — ao bradypus tridactylus, — a nrenguica de três dedos, entre os mamíferos!...

PAPEL COUCHÉ



KLABIN

INDUSTRIA BRASILEIRA

Os recentes e interessantes trabalhos de Undritz permitem essas conclusões amparadas em dados objetivos, em base concreta de ensinamentos hauridos da biologia e patologia comparadas, semio como verdades incontroversas, ao menos como plano de trabalho, como visão especulativa à genese das anomalias hematológicas do homem.

Semelhanças apenas ou homologies? Para a anomalia de Huet-Pelger a homologia tem credenciais na experimentação. Undritz, desde 1938, assinalou essa anomalia nos coelhos. "Era a primeira vez, dizia ele, que se pode pôr em evidência, num animal, uma anomalia sanguínea do homem, o que permitia fazer experiência de genética".

O geneticista Nachtsheim confirmou que a forma conhecida até o presente no homem e no coelho é a manifestação heterozigótica. A partir de coelhos heterozigóticos pode obter alguns homozigotas. Nesse animal essa manifestação revela-se subletal. Apenas dois atingiram a puberdade. Os homozigotas apresentaram condrodistrofias das extremidades e arrastavam-se os coelhos sobre o ventre como focas.

* * *

Uma vista panorâmica do quadro n. 1 permite que se levantem várias conclusões:

- a) a normoleucocitose e a hemosegmentação normal afastam o diagnóstico de quadro hemático infectuoso com desvio regenerativo de Schilling;
- b) discordância entre severidade aparente do hemograma e o estado de higidez dos observados;
- c) a inversão nuclear, isto é, o predomínio das formas em bastão sobre a bi-segmentação num percentual que se elevou até 50%, fala bem alto sobre a incidência modificadora nuclear da anomalia em focos;
- d) a ausência absoluta de segmentados com mais de dois lóbulos (portadores totais) firma a validade do diagnóstico da anomalia nuclear de Huet-Pelger;
- e) a ausência de alterações morfológicas para o lado dos linfócitos e monócitos é uma das características indiscrepantes da anomalia em causa;
- f) para bem salientar as alterações morfológicas no núcleo dos eosinófilos subdividimos os primeiros em: núcleo redondo, em bastão, bi-segmentados e os segundos desdobramos em: 2, 3, 4 e 5 segmentações. Os eosinófilos bi-segmentados e os neutrófilos de três ou mais lobulações nunca foram registrados nos nossos casos positivos, isto é, todos eles eram portadores totais da anomalia.

* * *

O diagnóstico hematológico diferencial da anomalia baseia-se principalmente nestes dados: a) a ausência de eosinófilos de três ou mais lobulações; b) a ausência de neutrófilos de três ou mais lobulações; c) a ausência de segmentados com mais de dois lóbulos; d) a presença de formas em bastão; e) a presença de formas bi-segmentadas.

A ARTE FLORAL

ESPECIALIDADE EM BOUQUETS DE NOVA, CESTAS, COROAS E DECORAÇÕES DE FLORES NATURAIS

17, Rua Gonçalves Dias, 17 — Telefone: 22-8260 — Rio de Janeiro

(***)

sua incidência ou discordância, com as razões explicativas.

CONCLUSÕES

1) Uma curiosidade hematológica no presente, provavelmente será uma hemopatia com manifestações ósseas no futuro, quando, no homem e em outros animais, através do tempo, gerações se sucederem de cruzamento homozigótico que permita um maior número de sobreviventes para observação.

2) A anomalia pelgeriana poderá servir à medicina legal como recurso auxiliar de identificação.

3) De futuro entrará provavelmente como elemento fatorial explicativo de inviabilidade fetal, doença e morte de recém-nascido.

SUMMARY

1) Amongst 10 individuals of the same family, the A. presents 7 positive cases of Huet-Pelger's anomaly of leukocytal nuclei.

2) The seven positive cases are of "complete anomaly carriers", since their granulocytes show an absolute percentage of young nuclei or of nuclei with only two segmentations, connected by a chromatin filament, not only in peripheral blood but also in bone marrow (heterozygotic pelgerian cells).

3) The cases presented are the first and matchless in individuals belonging to the Negroes.

4) Tracing their genetic linkage, the A. has found out that the dominant mendelian gene of the pelgerian anomaly was transmitted by the maternal offspring through three successive generations of that family (one maternal aunt was a positive pelgeric case).

5) From the factual and late data of Comparative Biology an explanatory theory is being framed up of the morphologic and structural features of constitutional hemopathies as a revival of certain evolutionary stages, normal in the animal series, and which, in man, would appear in the course of ontogenesis, to impress on a kind of "révenant" mark.

6) The anomaly is myelocytarian and not liable to modifications either through the intercurrent infection (such a factor did not change the blood picture of one of our cases), or through the administration of drugs, such as high doses of vitamin C, which had no interference with the nuclear segmentation of leukocytes, against the grain of some hematologists (Eufinger and Gaethgens).

7) Taking into consideration the statistical data obtained in Berlin and Switzerland which allow to infer a high percentage of the anomaly in Europe in marked contrast with the rare cases recorded among us, it seems suitable to intensify in Brazil researches conducive to affirm or disaffirm its incidence, or the discordance of the explanatory reasons.

CONCLUSIONS

1) What now is just a hematologic curiosity will probably be in the future a hemopathy with bone manifestation, when, in man as well as in other animals, in course of time, successive generations of homozigotic

crossing will allow the observation of a large number of survivors.

2) The pelgerian anomaly may be helpful to Forensic Medicine as an auxiliary resource of identification.

3) In the future, the anomaly is likely to have its part as an explanatory factorial element of inviability of the foetus, disease and death of the newborn.

TELEVISÃO

A produção de aparelhos receptores de televisão nos Estados Unidos para este ano foi estimada, recentemente, em 5.300.000 unidades, contra 7.500.000 unidades produzidas em 1950.

Calculou-se que os dez principais fabricantes produziram um total de 3.780.000 unidades, contra a sua produção estimada, em 1950, em 5.337.000. A Rádio Corporation of America terá a maior produção, com um total de 700.000 unidades em 1951 contra 950 em 1950.

Companhia América Fabril

Especialidades em Tecidos Finos



Verifiquem na orela dos nossos
tecidos o nome

AMÉRICA FABRIL

O café como medicamento: Em consequência do alastramento do vício da embriaguez na Inglaterra, durante os séculos XVI e XVII, o interesse despertado pelo café, quando foi introduzido pela primeira vez do Oriente, era nomeadamente medicinal. William Harvey (1578-1657) que descobriu a circulação do sangue, bebia café muito antes do que fosse bebida da moda. Ao morrer, legou ao Colégio de Médicos 56 libras de café para que fossem tomadas em sua memória, nas reuniões mensais de seus membros.

GASTRONOMIA TRANSCENDENTE

por BRILLAT-SAVARIN

(Da Fisiologia do Gosto)

Antelmo Brillat-Savarin, literato francês, nasceu em Belley (Ain), próximo da Saboia, e morreu em Paris a 2 de fevereiro de 1826. Deputado por Bugy aos Estados Gerais, defendeu idéias federalistas, e teve de fugir para a Suíça e depois para os Estados Unidos, onde esteve três anos, ensinando e tocando em orquestras para ganhar a vida. Voltando em 1796, estabeleceu-se em Paris, onde desempenhou vários cargos oficiais, sendo finalmente nomeado juiz do Supremo Tribunal (Cour de Cassation). A única obra que ficou de Brillat-Savarin foi a Fisiologia do gosto, ou Meditações de Gastronomia transcendente, como lhe chamou o seu autor. Há nesse livro algumas páginas interessantes e espirituosas.

DOS SENTIDOS, ESPECIALMENTE O DO GOSTO

A torrente dos séculos, rolando sobre a espécie humana, trouxe incessantemente novos aperfeiçoamentos, cuja causa, sempre ativa, ainda que quase despercebida, se acha nas reclamações dos nossos sentidos, que, ora um ora outro, exigem sempre um exercício agradável.

Assim, a vista deu origem à pintura, a escultura e aos espetáculos de toda a espécie. O som, a melodia, a harmonia, a dança e a música, com todos os seus ramos e meios de execução.

O olfato, à procura, ao cultivo e ao emprego dos perfumes.

O gosto, à produção, à escólia e à preparação de tudo o que pode servir de alimento.

O tato, a todas as artes, a todas as habilidades, a todas as indústrias.

O genérico, a tudo o que pode preparar ou embelezar a reunião dos sexos, e desde Francisco I, ao amor romanesco, à coquetterie e à moda; à coquetterie sobretudo, que nasceu em França, que não tem nome senão em francês, e cujas lições a elite dos povos vem todos os dias receber à capital do universo...

Tal é, pois, em boa verdade, a genealogia das ciências, mesmo as mais abstratas: não são senão o resultado imediato dos esforços contínuos que temos feito para satisfazer os nossos sentidos...

O amor físico invadiu todas as ciências: atua aí com essa tirania que o caracteriza sempre.

O gosto, essa faculdade mais prudente, mais discreta, ainda que não menos ativa, chegou ao mesmo fim com uma lentidão que assegura a duração dos seus êxitos.

Ocupar-nos-emos noutro lugar da sua marcha; mas poderemos observar desde já que aquele que assistiu a um banquete suntuoso, numa sala amada de espelhos, de pinturas, de esculturas, de flores, embelezada de perfumes, enriquecida de lindas mulheres cheias dos sons dum doce harmonia, esse não terá necessidade dum grande esforço de espírito para se convencer de que todas as ciências

contribuíram para realçar convenientemente os prazeres do gosto.

Lancemos agora uma vista geral sobre o sistema dos nossos sentidos, tomados no seu conjunto, e veremos que o autor da criação teve dois fins, um dos quais é a consequência do outro, a saber: a conservação do indivíduo e a conservação da espécie.

Tal é o destino do homem, considerado como ser sensitivo: é com este duplo fim que se realizam todas as ações.

O olho apreende os objetos exteriores, revela as maravilhas de que o homem está cercado e ensina-lhe que faz parte dum grande todo.

O ouvido percebe os sons, não só como sensação agradável, mas ainda como advertência do movimento dos corpos que podem ocasionar algum perigo.

A sensibilidade vela para avisar, por meio da dor, de toda a lesão imediata.

A mão, esse servidor fiel, não só preparou a sua pouçadela e assegurou os seus passos, como também se apoderou de preferência dos objetos que o instinto lhe faz crer próprios para reparar as perdas causadas pela manutenção da vida.

O olfato explora-os, porque as substâncias deletérias têm quase sempre mau cheiro.

Então o gosto decide-se, os dentes são postos em ação, a língua une-se ao céu da boca para saborear, e dentro em breve o estômago começará a assimilação.

Neste estado, faz-se sentir uma languidez desconhecida, os objetos perdem a cor, o corpo curva-se, os olhos fecham-se; tudo desaparece, e os sentidos ficam num repouso absoluto...

Lancemos agora um olhar filosófico sobre o prazer ou o sofrimento que o gosto pode ocasionar.

Achamos em primeiro lugar a aplicação desta verdade desgraçadamente muito geral, a saber: que o homem está mais fortemente organizado para a dor que para o prazer.

Efetivamente, a absorção das substâncias acerbas, acres ou amargas no último grau, pode fazer-nos experimentar sensações extremamente dolorosas. Pretende-se mesmo que o ácido hidrocianico, se mata tão prontamente, é porque causa uma dor tão viva que as forças vitais não podem suportá-la sem se extinguir.

As sensações agradáveis não percorrem, pelo contrário, senão uma escala pouco extensa, e se há uma diferença bastante sensível entre o que é insípido e o que agrada ao paladar, o intervalo não é muito grande entre o que é reconhecido bom e o que é reputado excelente; o que é esclarecido pelo exemplo seguinte: positivo, um cozido seco e duro; compatativo, um bocado de vitela; superlativo, um faisão assado a preeito.

No entanto o gosto, tal como a natureza não-lo concedeu, é ainda aquele dos nossos sentidos que, bem consideradas as coisas, nos confere mais prazeres:

1.º Porque o prazer da comida é o único que, tomado com moderação, não é seguido de fadiga;

2.º Porque é de todos os tempos, de todas as idades e de todas as condições,

3.º Porque volta necessariamente, pelo menos uma vez por dia, e pode ser repe-

tido, sem inconveniente, duas ou três vezes neste espaço de tempo;

4.º Porque pode misturar-se com todos os outros, e consolar-nos mesmo da sua ausência.

5.º Porque as impressões que recebe são ao mesmo tempo mais duradouras e dependentes da nossa vontade;

6.º Enfim, porque comendo experimentamos um certo bem-estar indefinível e particular, que vem da consciência instintiva de que, por isso mesmo que comemos, reparamos as nossas perdas e prolongamos a existência.

E' o que será mais largamente desenvolvido no capítulo em que tratamos especialmente dos prazeres da mesa, considerados sob o ponto de vista da civilização atual.

... De todas as criaturas que andam, nadam, trepam ou voam, o homem é aquele cujo gosto é mais perfeito...

E' também em virtude desta perfeição que a gourmandise é o apanágio exclusivo do homem.

Esta gourmandise é mesmo contagiosa, e transmitimo-la rapidamente aos animais que temos utilizado, e que fazem até certo ponto sociedade conosco, como os elefantes, os cães, os gatos, e mesmo os papagaios.

Nos capítulos que vão seguir mostraremos como as sensações à força de se repetir e de se refletir, aperfeiçoaram o órgão e aumentaram a esfera dos seus poderes; como a necessidade do comer que não era ao princípio senão um instinto, se tornou uma paixão influente, que tomou um ascendente notável sobre tudo o que diz respeito à sociedade.

Seguiremos a química no momento em que ela penetrou nos nossos laboratórios sub-

terrâneos para esclarecer os nossos preparadores, assentar princípios, criar métodos e revelar causas que até aí tinham ficado ocultas.

Enfim, veremos como pelo poder combinado do tempo e da experiência, apareceu de repente uma ciência nova, que alimenta, restaura, conserva, persuade, consola, e, não satisfeita ainda com lançar as mãos cheias de flores e mais flores sobre o caminho do indivíduo, contribui ainda poderosamente para a força e para a prosperidade dos impérios.

DA "GOURMANDISE"

Percorri os dicionários na palavra Gourmandise, e não fiquei satisfeito com o que neles encontrei. Não é senão uma confusão perpétua da gourmandise propriamente dita com a gula e a voracidade: donde conclui que os lexicógrafos, aliás muito estimáveis, não são destes sábios amáveis que levam à boca com mimo a parte mais delicada dum asa de perdiz para a regar, com o dedo mínimo levantado, com um capô de Laffite ou de Clos-Vougeot.

Esqueceram, completamente esqueceram, a gourmandise social, que reúne a elegância ateniense, o luxo romano e a delicadeza francesa, que dispõe com sagacidade, faz executar sabiamente, saboriza com energia e julga com profundidade: qualidade preciosa, que poderia bem ser uma virtude, e que é pelo menos certamente a origem dos nossos prazeres mais puros.

Definamos pois, e entendamo-nos.

A gourmandise é uma preferência apaixonada, raciocinada é habitual pelos objetos que agradam ao paladar.

A gourmandise é inimiga dos excessos; todo o homem que apanha uma indigestão ou se embriaga corre o perigo de ser riscado dos seus registros.

A gourmandise compreende também a gulodice (frilandise), que não é senão a mesma preferência aplicada aos manjares ligeiros, delicados, de pouco volume, aos doces, aos pastéis, etc. E' uma modificação introduzida em favor das mulheres e dos homens que se lhes assemelham.

Seja qual for o ponto de vista em que se considera a gourmandise, não merece senão elogios e incitamentos.

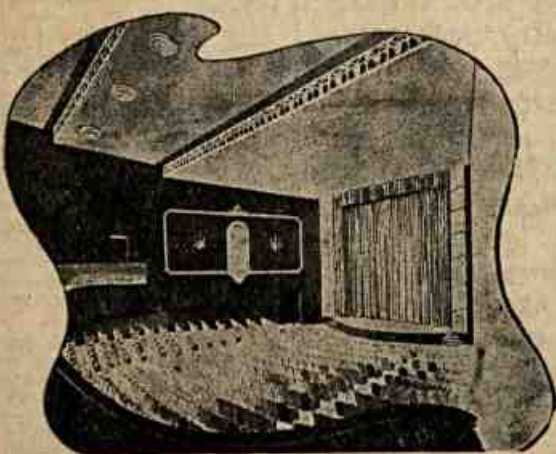
Sob o ponto de vista físico, é o resultado e a prova do estado são e perfeito dos órgãos destinados à nutrição.

Sob o ponto de vista moral, é uma resignação implícita às ordens do Criador, que, tendo-nos mandado comer para viver, nos incita a fazê-lo pelo apetite, nos anima pelo sabor, e nos recompensa pelo prazer.

Sob o ponto de vista da economia política, a gourmandise é o nexo comum que une os povos pela troca recíproca dos objetos que servem para o consumo quotidiano.

E' ela que faz viajar dum ao outro polo as aguardentes, as especiarias, as conservas, as provisões de toda a espécie.

CINE PRESIDENTE



O cliêch acima é uma vista interna do Cine Presidente, a magnífica casa de espetáculos da rua Pedro I, próx. à Praça da Independência (ex-Tiradentes). Dotado dos mais modernos requisitos de higiene e conforto, a nova casa da Empresa Paschoal Segreto possui ar condicionado perfeito, poltronas estofadas e tem apresentação ao público, em 1.ª exibição, as melhores produções da cinematografia mundial.

E' ela que dá um valor proporcional as coisas mediocres, boas ou excelentes, quer essas qualidades lhe venham da arte, quer as tenham recebido da natureza.

E' ela que dá a esperança e emulação a essa multidão de pescadores, de caçadores, horticultores e outros, que enchem todos os dias os mais suntuosos armazéns com o resultado do seu trabalho e das suas descobertas.

E' ela enfim que faz viver a multidão industriosa dos cozinheiros, pasteleiros, doceiros, e outros preparadores com títulos diversos, que, por sua vez, empregam para as suas necessidades outros operários de toda a espécie, o que dá lugar em todos os tempos e a todas as horas a uma circulação de capitais de que o espirito mais penetrante não pode nem calcular o movimento, nem determinar a quota.

E notemos bem que a indústria que tem por objeto a gourmandise apresenta tanto mais vantagens quanto mais ela se apoia, duma parte, sobre as maiores fortunas, e da outra, sobre necessidades que renascem todos os dias.

No estado de sociedade a que atualmente chegamos, é diffiil imaginar um povo que vivesse unicamente de pão e de legumes. Uma tal nação, se existisse, seria infalivelmente subjugada pelos exércitos carnívoros, como os índios que foram sucessivamente a presa de todos os que quiseram atacá-los; ou então seria convertida pelas cozinhas dos seus vizinhos, como outrora os Beócios, que se tornaram gourmands depois da batalha de Leuctra.

A gourmandise oferece grandes recursos ao fisco: alimenta os direitos de entrada, os de barreira, os impostos indirectos. Tudo o que consumimos paga tributos, e não há tesouro

público de que os gourmands não sejam o mais firme sustentáculo.

Falaremos dêsse enxame de preparadores que já há alguns séculos se escapam anualmente da França para explorar as gourmandises exóticas? Na maior parte são bem sucedidos, e obedecendo em seguida a um instinto que nunca morre no coração dos franceses, trazem para a sua pátria o fruto das suas economias. Esta importância é mais considerável do que se julga, e esses, como os outros, terão também uma árvore genealógica. Mas se os povos fossem reconhecidos, quem melhor do que os franceses deveria ter elevado a gourmandise um templo e altares?

Em 1815 o tratado do mês de novembro impôs à França a condição de pagar aos aliados 750 milhões em três anos.

A este encargo juntou-se o de fazer face às reclamações particulares dos habitantes dos diversos países, cujos interesses tinham sido estipulados em mais de 300 milhões. Enfim é preciso acrescentar a tudo isto as requisições de toda a espécie feitas em gênero pelos generais inimigos; ao todo mais de 1.500 milhões.

— Aí! dizia-se ao vêr passar o fatal carro fechado, que ia encher-se na rua Vivienne: aí eis o nosso dinheiro que emigra em massa; para o ano que vem ajoelhar-nos-emos diante de um escudo, vamos cair no estado deplorável do homem arruinado; todas as empresas ficarão sem sucesso; não haverá quem nos empreste dinheiro; será a hectica, o marasmo, a morte civil.

Os acontecimentos desmentiram estes terrores; e com grande espanto de todos os que se occupam de finanças, os pagamentos fizeram-se com facilidade, o crédito aumentou, lançou-se mão dos empréstimos com avidéz, e durante todo o tempo que durou esta super-

purgação o câmbio, essa medida infalível da circulação monetária, foi-nos favorável: isto é, teve-se a prova aritmética de que entrava em França mais dinheiro do que o que saía.

Qual foi a potência que veio em nosso auxilio? Qual foi a divindade que operou este milagre? A gourmandise.

Quando os bretões, os germanos, os teutões, os cimerianos e os scitas fizeram irrupção em França, trouxeram-lhes uma voracidade rara e estômagos de uma capacidade pouco comum.

Não se contentaram por muito tempo com a comida oficial que uma hospitalidade forçada lhes devia fornecer; aspiraram a gozos mais delicados, e dentro em pouco a cidade rainha não foi mais que um imenso refectório. Eles comiam, esses intrusos, nas casas de pasto, nas hospedarias, nos botéquins, nas tabernas, nas barracas e até nas ruas.

Refastelavam-se de car-

WILSON, SONS & Co. LTD.

AV. RIO BRANCO, 25, 4.º AO 7.º ANDARES

TELEPHONE: 23-5988

RIO DE JANEIRO

SUB-AGENTES DE LINHAS AÉREAS NACIONAIS
E INTERNACIONAIS

Agentes de companhias de navegação:

CIA. TRANSOCEANICA ARGENTINA

CUNARD STEAM SHIP Co. LTD.

FINLAND SOUTH AMERICA LINE

HAVEN LINE

OSAKA SHOSHEN KAISHA

JUGOSLAV LINE

THE SOUTH AMERICAN SAINT LINE LTD.

YBARRA Y CIA. (S. en C.)

nes, de peixes, de caga, de trutas, de pas- Nada é mais agradável à vista que uma

Bebiã com uma avides igual ao seu ape- lina gourmande em armas; o seu guarda-
tite, e pediam sempre os vinhos mais caros, nado é delicadamente pôto; uma das suas
-esperanto encontrar nêles prazeres inauditos, nado assenta em cima da mesa; a outra con-
que se espantavam em seguida de não en- duz para a boca pedacinhos elegantemente
contrar: contados ou a asa de perdiz que tem de trin-

Os observadores superficiais não sabiam, rados os seus olhos são brilhantes, os seus
que pensar desta glotoneria sem fim e sem lidos corados, a sua conversa agradável,
têrmo; mas os verdadeiros franceses riam e todos os seus movimentos graciosos; não lhe
estregavam as mãos, dizendo: falta esse grão de coquetarie que as mulhe-
res põem em tudo. Com tantas superiorida-
des, é irresistível; e até Catão, o Censor,

= El-los encantados, e à noite dar-nos-ão se deixaria comover.
mais escudos que os que receberam esta ria-
nha do tesouro público.

Esta época foi favorável a todos os que A propensão do belo sexo para a gour-
proviãam aos prazeres de gosto. Vêry aca- mandine tem alguma coisa de instintivo, por-
bou a sua fortuna: Achari começou a sua que a gourmandie é favorável à beleza.
Beauvilliers fez uma terraceira, e madame Última série de observações exatas e rigo-
Sudlot, cuja loja, no Palais Royal, não che- rosas demonstrou que um regime suculento,
gava a ter duas toças quadradas, vendia delicado e escolhido, afasta por muito tempo
por dia cerca de doze mil pastezinhos, e para bem longe as aparências exteriores
da velhice.

Isto dura ainda: os estrangeiros afluem Da aos olhos mais brilho, à pele mais fres-
de todas as partes da Europa, para renovar cura e aos músculos mais vigor; e como é
durante a paz, os doces hábitos que contrai- certo, em fisiologia, que é a depressão dos
ram durante a guerra; é preciso que musculos que causa as rugas, essas terríveis
nham a Paris; logo que ali estão, é preciso ininimigas da beleza, é igualmente verdade di-
que se tratam regaladamente, custe o que nizer que, em igualdade de circunstâncias, os
custar. E se os nossos títulos públicos têm que sabem comer são comparativamente dez
algum favor, deve-se menos ao juro van- anos mais novos que os que são estranhos a
tajoos que produzem que à confiança in- essa ciência.

A gourmandie não fica mal às mulheres. Os pintores e os escultores estão bem
convenem à delicadeza dos seus órgãos e ser- pensados desta verdade, porque nunca re-
ve-lhes de compensação para alguns pra- presentam os que fazem abstinência por de-
zêros de que se devem privar e para alguns pover, como os avarentos e os anacoretas, sem
males a que a natureza as pazeo ter pra- lhos dar a palidez da doença, a magreza
denado: da miséria e as rugas da decrepitude.

A gourmandie é um dos principais nexos da sociedade; é ela que estende gradualmen-
te este espírito de convivência que reúne to-

Agora
também
em saquinhos
de quilo!



UM PRODUTO DO MOINHO INGLEZ

HA 65 ANOS FABRICANDO FARINHAS DA MAIS ALTA QUALIDADE

dos os dias os diversos estados, os funde em um único todo, anima a conversa e adoça os ângulos da desigualdade convencional.

E' ela também que ocasiona os esforços que deve fazer todo o anfitrião para bem receber os seus convivas, assim como o reconhecimento destes, quando vêem que se ocuparam deles com proficiência; e é aqui ocasião de anatemiziar esses comilhões estúpidos que devoraram com uma indiferença criminosa os mais belos bocados, ou que aspiraram com uma distração sacrilega o nectar perfumado e límpido.

Lei geral: toda a disposição de alta inteligência necessita elogios explícitos, e um louvor delicado é de obrigação sempre que se mostra vontade de agradar.

Enfim a gourmandise tem a maior influência sobre a felicidade que se pode encontrar na união conjugal.

Dois esposos gourmands têm, pelo menos uma vez por dia, uma ocasião agradável para se reunir; porque mesmo os que fazem leito à parte (e há-os em grande número) comem pelo menos à mesma mesa; têm um assunto de conversa sempre novo; falam não só do que comem, mas ainda do que comem, do que comerão, do que observaram em casa dos outros, dos pratos da moda, das invenções novas, etc., etc.; e sabe-se que as palestras fatiáveis são cheias de encanto.

A música também tem sem dúvida grandes atrativos para os que a amam; mas é preciso trabalhar, é uma tarefa.

Além disso se está algumas vezes constipado, a música desafina, os instrumentos estão dissonantes, tem-se enxaqueca.

Pelo contrário é uma necessidade partilhada que chama os esposos à mesa, é a mesma inclinação que os detém, têm naturalmente um pelo outro essas pequenas atenções que revelam a vontade de obsequiar, e a maneira como se passam as refeições entra em grande parte na felicidade da vida.

Honra à gourmandise, tal como nós a apresentamos aos nossos leitores, enquanto ela não desvia o homem nem das suas ocupações, nem do que deve à sua fortuna! porque, do mesmo modo que os desregramentos de Sardanapalo não fizeram tomar horror às mulheres, também os excessos de Vitélio não podem fazer voltar as costas a um festim sabiamente ordenado.

Se a gourmandise se torna gula, voracidade, crápula, perde o seu nome e as suas vantagens, escapa às nossas atribuições, e cai nas do moralista, que a tratará pelos seus conselhos, ou do médico, que a curará pelos seus remédios.

Primeiros pais no gênero humano, cuja gourmandise é histórica, que vos perdes-

tes por uma maçã, o que não tereis feito por uma perna com trufas? mas não havia no paraíso terrestre nem cozinheiros nem dozeiros. Como eu vos lastimo!

Reis poderosos que arruinastes a soberba Tróia, o vosso valor passará de idade em idade, mas a vossa mesa era má. Reduzidos ao quarto de boi ou ao lombo de leitoa, ignorantes sempre os encantos da caldeirada e as delícias dos frangos de fricassé. Como eu vos lastimo!

Aspasia, Chloé, e vós todas cujas formas o buril dos gregos eternizou para desespero das belas de hoje em dia, jamais a vossa boca encantadora aspirou a suavidade dum merengue de baunilha ou de rosa; apenas vos elevastes até ao bloco de espécie. Como eu vos lastimo!

Doces sercandotizas de Vesta, cheias de tantas honras e ameaçadas ao mesmo tempo com tão horribis supplicios, se pelo menos tivésseis provado esses xaropes agradáveis que refrigeram a alma, esses frutos em calda que desafiam as estações, esses cremes perfumados, maravilhas dos nossos dias! Como eu vos lastimo!

Paladinos invencíveis, celebrados por me-nestres, quando acabáveis de rachar gigantes, de libertar damas, de exterminar exercitos, jamais, ai de vós! jamais uma captiva de olhos negros vos apresentou o champa-nha espumoso, o vinho da Madeira, os licores, criação do grande século; estáveis reduzidos à cerveja ou ao surré herbé! Como eu vos lastimo!

Abades de báculo, mitrados, dispensadores dos favores do céu; e vós, templários terríveis, que armastes o braço para a exterminação dos sarracenos, vós não conhecestes as docuras do chocolate que restaura ou da fava da Arábia que faz pensar. Como eu vos lastimo!

E vós, enfim, gastrónomos de 1825, que achais já a sociedade no seio da abundância e sonhais preparações novas, vós não gozais das descobertas que as ciências prepararam para o ano de 1900, tais como os preparados minerais, os licores resultantes da pressão de cem atmosferas; não vereis as importações que viajantes que ainda não nasceram farão chegar dessa metade do globo que resta ainda descobrir ou explorar. Como eu vos lastimo!

O ciúme nasce mais da falta de confiança na própria pessoa, do que da desconfiança na pessoa amada. — Oswald.

Quinta de Caldas
O melhor vinho brasileiro

JARDINS PÚBLICOS E PARTICULARES

Claude Vincent

Quando se pensa que, em 1808, à chegada da família real de Portugal, a cidade do Rio de Janeiro se estendia da Lapa ao Campo de Santana, e que a casa que Elias Antonio Lopes oferecera a D. João, hoje Quinta da Boa Vista, era uma vivenda campestre, é que se compreende quão recente é o problema dos jardins públicos e particulares da cidade. Há menos de 150 anos, as ruas eram estreitas, o mato chegava até Botafogo, e em matéria de "pulmões de ar", só existia o Passeio Público, planejado pelo Mestre Valentim por iniciativa do Vice-Rei Luiz de Vasconcelos e executado com o alvará do Boqueirão da Ajuda, usando-se como mato de obra os vadios da cidade! Era um jardim de planta geométrica, de plantas exóticas e tropicais e com um chafariz, parte do qual até hoje existe. Em 1815, outro jardim, de 100 braças, foi criado pelo Intendente Paulo Fernandes Viana, na praça areosa, plantada com cajueiros, no local do Campo de Santana. O Regente D. Pedro, entretanto, mandou destruí-lo, por pensar que Viana quisesse o jardim para seu próprio gozo. Foi somente em 1837 que o Visconde de Condeixa, de Londres, ofereceu ao presidente da Câmara uma quantia de 3.000 réis para ali criar um jardim inglês à moda de Hyde Park. Em 1871 a Câmara aceitou a idéia, tendo sido aprovada a proposta de Francisco José Fialho, do Piauí, e de seu parceiro Auguste François Marie Glaziou, bretão, engenheiro-botânico, que trabalhara em Bordéus antes de vir ao Brasil a convite do Imperador D. Pedro II. Não se pode subestimar a influência de Glaziou nos jardins públicos e particulares do país. Este francês, visivelmente influenciado pelo estilo paisagístico iniciado na Inglaterra por Kent, que por sua vez sofrera a influência da Itália, da pintura de Claude Le Lorrain, e (segundo M. Azevedo) da dos jardins chineses vistos pelos viajantes do século 17 — este francês veio adaptar o seu estilo ao Brasil, utilizando além de plantas exóticas, as grandes riquezas da flora e da fauna brasileira, de tal forma que hoje quando se fala em "jardim brasileiro", o que se entende por isso, é o "jardim Glaziou".

Glaziou modificou o traçado do jardim do Passeio Público, criando lagos em curva, gramados com imensas árvores, e pontes de cimento fingindo troncos de árvores caídas.

Foi ele quem projetou o parque da Quinta da Boa Vista, com a maior riqueza possível de plantas indígenas que ia buscar no mato

bravo, armado de seu cajado e com sapatos ferrados. Na busca de uma planta rara, se suspendia, o corpo enrolado num cipó, arriscando a vida em prol da ciência. E, em 1880, entregou à cidade o "campo de aclimação", hoje Praça da República. A execução da Avenida Presidente Vargas reduziu o jardim de cerca de 1.800m², mas em linhas gerais este ainda segue o traçado do seu criador. Lá estão as pontes de "árvores caídas", a cascata monumental, as grutas e a iluminação. Entre outros trabalhos de Glaziou incluem-se o Parque São Clemente, (do Barão de Nova Friburgo, hoje da família Guinle), a Praça Quinze, em Friburgo, plantação augusta de eucaliptos gigantes e o jardim dos Rocha Miranda, em Petrópolis. É provável que tenha imprimido ao jardim do Catete, também do Barão de Nova Friburgo, seu feitiço particular. Sem dúvida influenciou o estilo dos lindos jardins da colônia inglesa e francesa na Tijuca, Gávea e Santa Teresa.

Fatores essenciais de um jardim Glaziou eram não somente a plantação para o futuro, como a obtenção de um bonito efeito de cores. O Rei Sol da França mandava derrubar florestas para criar, de uma feita, as avenidas de Versailles, enquanto Glaziou plantava para que, em poucos anos, os galhos frondosos das árvores se juntassem, a fim de formar uma arquitetura da natureza. J. Mariano Filho, no seu estudo sobre o Passeio Público, critica Glaziou por ter diminuído a sombra criada pelo Mestre Valentim, o que não é realmente exato. Por estranha coincidência, quando Roberto Burle Marx propôs devolver ao Largo do Machado algo de seu antigo plantio, foi advertido de que não era conveniente trazer o mato para a cidade!

Alguns dos jardins de Glaziou caíram em abandono. Mas aquele que fora chamado o "Barão Hausmann" do Rio de Janeiro — o Prefeito Passos — procurou devolver à cidade seus "pulmões de ar". Criou a Avenida Beira Mar, mandou estender o Largo do Paço (Praça 15) até o cais, abriu a Praça Tiradentes, fez o jardim da Glória no lugar do antigo mercado e construiu o esquecido Jardim do Valongo, 7 metros acima do nível da rua Camerino, em moldes que lembram a maneira Glaziou. O seu estilo preferido era, entretanto, o de tabuleiros de flores, jardins ao modo do Barão Hausmann, em Paris. Recebeu muitos elogios, mas uma voz se levantou em 1904, a de Tito Galvão, no

"Jornal do Comércio", avisando que os "embelezamentos" estavam estragando a cidade e que "bratão aos céus a destruição dos jardins públicos! O ilustre prefeito é o inimigo da cidade!" Diz Galvão, que Passos mandou cercar a Praça da Tiradentes ficou

BANCO LINO PIMENTEL LTDA.
TRAV. do OUVIDOR, 34 - RIO

CONSULTE
NOSSAS TAXAS

DEPOSITOS
DESCONTOS
COBRANÇAS

NAO PERCA TEMPO
PAGUE COM CHEQUE

sem gradil e quase sem árvores, para fazer aparecer melhor a estátua colocada ao centro. Assim, num lugar, não havia sombra nenhuma, enquanto em outros, os oitais impenetráveis afastavam a luz e o ar, com sua folhagem densa.

O rumo tomado pelo Prefeito Passos correspondia à opinião pública da época. Durante o regime do Prefeito Prado Júnior, o urbanista Agache, com seus projetos grandiosos para o traçado da cidade, criou a Praça Paris. Não é justo julgá-lo exclusivamente por esta Praça, pois que em sua descrição do jardim do Calabouço, nunca executado, aconselhava o uso da flora indígena. Forçoso, porém, é admitir, que a Praça por ele projetada não se integrou à vida da cidade. Lá, de fato, não há muita sombra. E os ficos recortados em formas artificiais são visitados por pouca gente: pisar nesse jardim é, muitas vezes, sair com os pés encharcados d'água, por falta de sabro.

Até muito recentemente o Departamento de Parques e Jardins da Prefeitura do Distrito Federal vinha seguindo as diretrizes de Passos, e do paisagista de Agache, o sr. Redon, até que, em 1937, surgiu um jovem jardineiro brasileiro, pintor viajado, que possui "dedos verdes" para a plantação e a criação de novas espécies de plantas. De fato, Roberto Burle Marx, com seu contemporâneo e saudoso Atilio Correia Lima (criador do Jardim da Estação de Hidroaviões Santos Dumont) são responsáveis, direta e indiretamente, pela modificação da fisionomia da cidade do Rio de Janeiro, para não falar nas criações de Recife e Salvador. É verdade que muitos projetos encomendados pela Prefeitura do Distrito Federal nunca foram executados. Nas gavetas do seu "atelier" dormem lindas plantas coloridas para as Praças Santos Dumont e Saenz Pena, para o Largo do Machado, etc. Mas seu roof-garden do edifício do Instituto de Resseguros, encomendado pelo atual prefeito João Carlos Vital, tem sido divulgado pelas melhores revistas do mundo, como também o seu jardim do Ministério de Educação e Saúde.

Os jardins de Burle Marx são desenhados em função do lugar e do ambiente: as plantas que coloca num ponto arenoso são plantas da restinga; as que deixa ao sol gostam de luz, e assim por diante. Como Glaziou, fez viagens em busca de novas riquezas da flora brasileira, do Espírito Santo, ao Brasil Central, ao Amazonas, etc. Assim, o botânico, aliado ao pintor, pode jogar com cores e texturas, com volumes e formas de duas dimensões, na criação de jardins funcionais que são também obras de arte, den-

tiro do espírito da nossa época. As suas formas abstratas, sugeridas, ora pela terra brasileira com seus rios sinuosos vistos de avião, ora pelas descobertas da ciência amébrica, vista através da lente de um microscópio, correspondem, de fato, à consciência do homem moderno. Gosta, como gostava Frel Valentim, de usar conchas, seixos rolados, mosaicos, azulejos; aproveita, como este, a imensa família de plantas aquáticas e de árvores florescentes. Faz jardins para hospitais como Glaziou os fazia para estações de estradas de ferro. Assim, os jardins brasileiros, públicos e particulares, encontram hoje na obra de Roberto Burle Marx um impulso expressivo que atrai os olhares do mundo inteiro, através das publicações de revistas brasileiras e estrangeiras.

Quando você é bom para os outros, é melhor para com você mesmo.

B. Franklin

Pense e aja alegremente e você se sentirá alegre.

Eu estava triste porque não tinha sapatos. Até que, ao subir a rua, encontrei um homem que não tinha pés...

CONTA ERRADA

Que matemática estranha
O Tempo vai ensinando!
— Subtraindo à medida
Que os anos vão aumentando...

Sylvia Patricia

IMORTAL

Saudade que nasceu hoje,
e amanhã já se esqueceu,
não é saudade, é lembrança...
Saudade nunca morre!

Luiz Otávio

O Escaravelho simboliza, no Egito, a vida eterna.

W. Bolitho

Quinta de Faldas
O melhor vinho brasileiro

OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS E A SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO RIO DE JANEIRO

Há meio século, no dia 19 de Outubro de 1901, a Prefeitura do Distrito Federal firmava um contrato para exploração dos serviços funerários desta capital em favor da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro. Tendo em vista o término da referida concessão a 19 de Outubro do ano passado, o prefeito sr. João Carlos Vital concedeu a título precário uma prorrogação por mais seis meses, nomeando em seguida uma comissão incumbida de estudar a possibilidade ou não da efetivação de novo contrato com a mesma instituição.

No próximo dia 19 de Abril estará finda aquela prorrogação e, certamente, o novo acórdio entre as duas entidades estará cluído e em pleno vigor, ao iniciar-se a distribuição deste almanaque.

A imprensa vivamente interessada na solução de tão magno problema teve comentários com abundância de detalhes, clichês e dados estatísticos, resultando daí a simpatia e apoio unânimes à Santa Casa da Misericórdia.

Não será demais repetir a razão que terminou essa preferência manifestada pelos jornais desta capital: A Santa Casa da Misericórdia é uma instituição fundada há mais de quatrocentos anos e vem prestando ininterruptamente, inculcáveis benefícios à população pobre, à ciência médica, aos acadêmicos de medicina, a milhares de enfermeiras, aos órfãos e crianças expostas.

Atendendo ao vulto dessa campanha resolvemos oferecer aos nossos leitores a transcrição de vários artigos publicados no "Diário de Notícias", "Diário Carioca" e "Correio da Manhã". O "Diário de Notícias" em suas edições de 18 e 21 de outubro de 1951, publicou o seguinte:

Os três hospitais mencionados no espaço de um ano, matricularam 32.205 doentes; deram 39.027 consultas; concederam 57.019 receitas; aplicaram 20.107 injeções; operaram 2.005 enfermos; procederam a 12.387 exames; bateram 1.208 radiografias e fizeram 14.042 curativos. Tudo gratuitamente.

Mas a sua maior base assistencial é o Hospital Geral. O seu movimento é imenso: os seus numerosos leitos, distribuídos por 31 enfermarias, abrigaram mais de 7 mil necessitados e os seus ambulatórios atenderam 130.200 pessoas; deram 167.915 consultas; 2.021 operações neles se realizaram; aplicaram 69.315 injeções; bateram 3.789 radiografias. E nesse período de um ano apenas, 1.521 parturientes foram socorridas. Cerca de 100 mil interessados passaram pelos seus gabinetes de Abreugrafia.

Essa nunca assaz louvada organização depende, na manutenção dos seus serviços, milhões e milhões. Para 1952 é o seguinte o seu orçamento, aliás, como beneficente que é, deficitário. El-lo: Receita, Cr\$ 80.406.707,80; despesa, Cr\$ 61.461.413,20; "deficit", Cr\$ 18.945.294,60.

Na Fundação Romão Matos estão vivendo, há mais de 400 crianças de menos a 4 anos de idade. É a antiga "Casa dos Expostos", ou "da Roda", que nos veio da Colônia.

Dentro da Santa Casa funcionam: Enfermarias para a Faculdade de Medicina, Farmácia, Instituto de Endocrinologia, Centro de

SANTA CASA E LETRA "O"

Dr. José Benedito de Almeida
Deputado Federal

A Santa Casa do Rio de Janeiro é a concessionária, em regime de monopólio, dos serviços funerários. A palavra monopólio não tem, desde logo, certa odiosidade. É isto porque a idéia que nos vem, ao ouvi-la, é a de que os concorrentes são afastados para

Estudos Paulo César, Laboratório de Produ-
tos Injetáveis, de Análises Clínicas, Institu-
to Anátomo-Pathológico, Fisioterapia, Clíni-
ca de Tumores e Abreugrafia. Sustenta ain-
da os seguintes estabelecimentos: N. S. das
Dores, Dr. J. C. Rodrigues, São Zacarias,
Recolhimento, Asilos Santa Maria e São Ma-
nuel e Instituto Raul Camargo.

Agora, repare o povo o que querem fa-
zer com uma casa que lhe pertence. Ven-
ceu-se o contrato da funerária. Quem ar-
rancou a Santa Casa, para dá-lo: ou à
Prefeitura, ou a um tubarão qualquer. En-
tão teremos a queda dos serviços assisten-
ciais e o uso de requêrimentos com estampi-
lha e gorgetas — sim, gorgetas — para o en-
terramento dos defuntos. Na segunda hipó-
tese, o dinheiro que hoje volta ao povo sob
a forma de assistência, vai engordar algum
magnata da política ou preposto e sócio dos
mandões da hora. Num e noutro caso, tra-
ta-se de procedimento detestável.

E' que os aproveitadores e os energúme-
nos querem passar a funcionários munic-
ipais letra "O". O povo e a Santa Casa que
se arrumem... No fundo é só isso, mais na-
da. E' o cúmulo!

(Transcritos do "Diário de Notícias" de
12-10-31, 10-9-31...

SANTA CASA PERSE- GUIDA

JOSE BONIFACIO
Deputado Federal

Esta história da riqueza da Santa Casa do
Rio de Janeiro, reclama esclarecimento mi-
nucioso. Já se formou no subconsciente da
coletividade carioca o falso conceito de que
a pia instituição é milionária. Senhora des-
taquise mundo e do outro. Eu mesmo me con-
tagiei. Para remover o mal, resolvi estudar
a questão.

Reputo grande erro a obstinação do poder
público em querer retirar da velha Mis-
ericórdia o privilégio de proceder aos enterra-
mentos no Distrito Federal. Em toda parte a
iniciativa particular no terreno assistencial
merece amparo, apoio e subvenção do go-
verno. Aqui o contrário se quer fazer. Não
se dá nada e o que se deu no passado, pre-
tende-se retirar no presente. Examinei as
condições financeiras atuais da Santa Casa
e cheguei à firme conclusão de que se antes

considerei erro o que se projecta consumir,
hoje entendo ser abominável absurdo a in-
vestida contra as rendas do estabelecimento
da rua de Santa Luzia. E' a atitude tanto
mais condenável quando se recorda que ela
visa apenas a abrir nova frente de empregos
nos amplos quadros do funcionalismo da ci-
dade. Se o atentado se cumprir, dentro de
poucos dias teremos a clientela eleitoral de-
pendurada nos mirrados cofres municipais.
E menos pobres assistidos.

Em face das despesas a que está obriga-
da para o bom e nobre desempenho de sua
plena missão, a Santa Casa não é rica, nem
mesmo abastada. Já mostrei que o deficit
do seu orçamento para 1932 é inferior a um
milhão de cruzeiros. Tem ela sólida situa-
ção económica, com larga base imobiliária.
Mas poucos sabem dos miseráveis rendimen-
tos que aufera.

Não obstante, o poder público ameaça re-
tirar-lhe a sua principal fonte de receita, a
funerária. E de outro lado, proíbe o au-
mento de aluguéis dos seus imóveis, sacri-
ficando o rendimento do seu capital. Mas o
público nacional vai ficar supriso com os
dados que aqui alinho.

A Casa Cruz, na rua Ramalho Ortigão, em
frente ao largo de São Francisco, pelo prédio
de três pavimentos que aluga da Santa Casa,
paga apenas Cr\$ 14.400,00 mensais. E é das
maiores papelarias da capital. A Casa Her-
many funciona em propriedade da Institui-
ção. Pelo prédio de três pavimentos que
ocupa, à rua Gonçalves Dias, na parte mais
valorizada, paga somente Cr\$ 13.000,00. O
que brada aos céus, porém, o arrendamento
de Levy e Irmãos que pagam Cr\$ 726,00 men-
sais por uma casa de dois andares na rua da
Atandega! Por outra, de dois andares, Kain-
en e Irmãos pagam, na mesma rua, Cr\$ 486,00
mensais. O Banco de Crédito Mercantil alu-
ga o magnifico edificio de 6 andares que per-
tence à Santa Casa à rua do Ouvidor, repe-
tem bem, à rua do Ouvidor, paga apenas
mensalmente, Cr\$ 7.292,00!! E o Banco Flui-
minense por um edificio de 6 andares, da

Santa Casa, à rua do Rosário, paga sômen-
te Cr\$ 7.200,00. Mas escandaloso chegar a ser
o aluguel que paga o Banco de Crédito Pes-
soal que está instalado num prédio de dois
pavimentos, com frente para a rua do Ro-
meiro e fundos para a rua Buenos Aires. Pa-
vêmo. Aqui o contrário se quer fazer. Não
se dá nada e o que se deu no passado, pre-
tende-se retirar no presente. Examinei as
condições financeiras atuais da Santa Casa
e cheguei à firme conclusão de que se antes

2 andares paga Cr\$ 687,50! Sem comentário!

A Prefeitura levou a Santa Casa em Juízo para cobrar-lhe imposto e penhorou-lhe bens. Desatendeu o artigo 31, V, letra b da Constituição que veda ao município e Estado lançar impostos sobre bens de instituição de Assistência Social. Pagou de taxas cerca de Cr\$ 352.233,50. As autarquias, igualmente, lhe exploram. Aos I. A. P. C. — L. B. A. — SESC e SENAC pagou num ano Cr\$ 685.451,90 de contribuições. Frise-se afinal: toda a sua renda se gasta em benefícios concedidos ao povo.

O governo deve enviar mensagem ao Legislativo e pedir o descongelamento dos aluguéis dos prédios pertencentes à Santa Casa, pelo menos daqueles cujos inquilinos são comerciantes ou industriais.

A Santa Casa. Conclua-se, está sendo perseguida pelo governo e sugada pelos tubarões. Isto é simplesmente imoral.

Transcrito do "Diário de Notícias" de 21-10-1951.

* * *

Monopólio Benemérito

Danton Jobim

A Santa Casa da Misericórdia está ameaçada de perder o monopólio do serviço funerário, que lhe proporciona a renda com que mantém no Rio de Janeiro seus hospitais. Pretendem alguns insensatos, de parceria com interessados na transferência desse serviço para a Prefeitura, arrancar o privilégio que lhe foi concedido há um século pelo governo imperial.

Entretanto a Santa Casa é um modelo no seu gênero. Nenhuma outra instituição a supera em benemerência. É um monumento de que nos devíamos orgulhar, uma das poucas obras realmente grandiosas que, em matéria de assistência ao povo, se construíram no Brasil em quatro séculos de existência.

Mas a Santa Casa detém o monopólio dos enterros, e abusa dele. Eis o libelo que se lhe atiram em rosto.

Ora, a renda da instituição procede de três fontes: donativos, lucros da funerária e aluguéis de imóveis. Sua receita para 1952 está orçada em 60 milhões de cruzeiros, sua despesa em 61 milhões. Portanto, a Santa Casa é deficitária. Devolve ao povo, sob a forma de benefícios, tudo e tudo o que recebe. Não ameaça, não multiplica, não auferir lucros. Dá mais do que recebe. Cumpre à risca o mandamento supremo, aquele em que todos

os outros se fundem e resolvem — o da caridade.

Será odioso o monopólio posto a serviço de uma instituição como esta?

Que aplicação mais justa e mais louvável poderá ter a renda dos enterramentos senão acudir as despesas com hospitais e azilos?

Que destino mais lícito poderá ter a pecunia auferida com os defuntos senão a cura dos vivos e a educação de crianças na antiga "Casa dos Expostos"?

A Santa Casa é o único hospital para indigentes que existe na Capital da República. Lá não se pedem papéis para internar um pobre de Deus que bate à porta. Nem carteira de sindicato, nem recibo de instituto; nem requerimentos, nem quaisquer outras formalidades burocráticas. A Santa Casa vem do tempo em que um homem era simplesmente um homem, uma criatura de Deus, não importa o seu nome, nem de onde vem.

O degradado social como o pobre envergonhado encontram na Santa Casa a esmola que não apouca, a caridade que não envergonha, porque não vem de um homem, mas da sociedade inteiramente, através dos donativos, das doações e, sobretudo, do monopólio dos enterros, desse "tríptico" monopólio que se transmuta em óbolos, dessa "extorsão e privilégio" que provê o bálsamo para os padecimentos humanos.

As grandes figuras da medicina brasileira serviram quase todas à Santa Casa. Esmeravam-se em dar de si o melhor, por uma remuneração apenas simbólica. Era o tributo que pagavam à missão humanitária do médico, era a contribuição que os doutores davam, em serviços, à Santa Casa da Misericórdia, curando e ensinando a curar.

Fois bem, como triste sinal destes tempos, apareceu, outro dia, na imprensa, um ofício do presidente da Associação Médica do Distrito Federal, em que se corvejam os hospitais da Casa pia, falando-se do "salário irrisório" que recebem os médicos nessa instituição! Se passarem os hospitais para a Prefeitura — adverte ele ao prefeito — que se garantam os direitos dos médicos que nele trabalham, como se fez no Moncorvo Filho... A Associação Médica já fareja uma linda floração de letras "O" de penacho quando a Municipalidade cortar a renda da Santa Casa e encampar suas enfermarias.

Os excessos na exploração do monopólio funerário são uma lenda. Se extorsão há, é feita pelos intermediários, os "papa-defuntos", que negociam com a morte e exploram

as aflições da perplexa ou desesperada família do finado. Um enterro de infima classe é cotado a preço ridículo, que mal chega para a tábua de pinho. A pompa fúnebre é que explica os preços altos, nunca exorbitantes. Mas é natural que o defunto rico pague pelo que não pode pagar.

Não sabemos se a Prefeitura vai ficar com o monopólio do serviço funerário ou vai adjudicá-lo mediante concorrência pública, a uma firma particular. Ambas as soluções seriam odiosas. A primeira iria encarecer, pelas inevitáveis inflações burocráticas, um serviço que está sendo prestado a contento por uma instituição benemérita e em seu benefício; a segunda seria mais monstruosa ainda, porque entregaria à cupidiz de um particular o monopólio que serve para o sustento de asilos e hospitais.

Será que a administração, neste país, não sabendo criar nada de útil, se compraz em matar as instituições particulares que provaram, durante séculos, a solidez de suas bases e sua eficiência?

Vencido o contrato da funerária, era o caso do sr. Vital ir de chapéu na mão ao Provedor da Santa Casa pedir-lhe por favor, que aceitasse a prorrogação por mais cem anos.

(Do "Diário Carioca" de 21-10-1951).

* * *

SERVIÇOS OFICIAIS

Primeiro surgiu a idéia de encampar a Companhia Telefônica e passar os seus serviços para a Prefeitura. A alegação é que a Telefônica não está cumprindo o seu contrato, sobretudo na parte da instalação de novos telefones. Nesta altura, o que ocorre a todos é esta pergunta: por que a Prefeitura, por que o poder público permitiu que isto acontecesse? Por que, no caso das faltas contratuais por parte da Telefônica, não a obriga o governo a cumprir o contrato e instalar os novos telefones? E se a Prefeitura não se acha em condições de fiscalizar os serviços contratuais de uma companhia particular — como acreditar e aceitar que esteja em condições de tomar a si a boa execução desses mesmos serviços?

No caso da Telefônica a encampação iria trazer como resultado a burocratização de serviços que são antiburocráticos pela sua própria natureza. Aliás, de modo geral, a notícia de que o nosso Estado vai se incumbir de qualquer novo serviço público é bastante para encher a população de recuo e ceticismo. Pois o que caracteriza o Estado,

entre nós, é o parasitismo, a lentidão, o favoritismo, a incompetência, a irresponsabilidade. Não há serviço público oficial que não caia, mais cedo ou mais tarde, nas garras da clientela eleitoral, que precisa obter votos às custas de cargos, promoções, reestruturações nos quadros das entidades estatais ou autárquicas.

Agora, outra idéia está sendo levantada: a de que a Prefeitura encampe e oficialize certos serviços funerários a cargo até este momento da Santa Casa da Misericórdia. Há um século, mediante contrato, a Santa Casa se obrigava a estes serviços, recebendo para tanto uma subvenção da Prefeitura. Não desejamos julgar a Santa Casa, passível, sem dúvida, de crítica severa, nem muito menos acorrer em sua defesa. Para isto não dispomos da necessária documentação, nem examinamos os seus negócios e processos de administração. Contudo, o que nos ocorre desde logo é a inconveniência da passagem desses serviços funerários para a Prefeitura, é o horror dessa burocratização de enterros e cemitérios. Pelo contrato, como entidade subvencionadora, a Prefeitura pode e deve fiscalizar a Santa Casa quanto aos preços de seus serviços ao público e quanto à exatidão dos seus compromissos na matéria, mas transformar-se ela, Prefeitura, em Santa Casa — que contra-senso! Já imaginamos todos um novo quadro de coveiros letra O — e, então, ai dos defuntos!

São sinais dos tempos, aliás, de tempos falsamente socializantes, em que a demagogia vai substituindo o senso realista dos antigos homens públicos. E a esta onda de demagogos deve opor-se pelo menos o sr. João Carlos Vital, que é um técnico, portanto com a visão objetiva dos problemas e situações. E para o bem da população que o poder público não deve assumir mais encargos de serviços no Brasil. O que temos de mais regular e produtivo em matéria de serviços públicos é o que ainda se encontra a cargo de empresas não oficiais. O que se acha nas mãos do Estado só faz definhir para fazer crescer no seu lugar uma burocracia parasitária.

No caso da Prefeitura, os seus problemas já são tantos e tão complexos que não se pode imaginar pretendam os seus administradores arcar com outras preocupações. O que falta à cidade dará para encher todas as horas de um perfeito, operoso e capaz. Não vamos, assim, trazer novas cargas para dentro de um barco onde não cabe mais nada.

(Do "Correio da Manhã" de 27-10-51).

ESTATÍSTICA DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1945 QUADRO COMPARATIVO DA VOTAÇÃO OBTIDA PELOS CANDIDATOS

ESTADOS	1945				
	Eurico Dutra	Edúardo Gomes	Yedo Fiama	Rollim Teles	Total
Amazonas	12.687	7.251	1.831	1.110	22.879
Pará	61.591	43.537	4.272	619	110.009
Maranhão	44.750	27.000	6.833	661	79.244
Piauí	51.229	39.730	548	11	91.518
Ceará	108.136	168.262	12.531	728	289.697
Rio Grande do Norte	50.689	45.000	6.915	53	102.657
Paraíba	61.090	61.090	76.110	5.719	143.999
Pernambuco	126.800	193.458	49.078	33.881	263.217
Alagoas	33.361	33.764	5.048	44	66.177
Sergipe	34.886	34.795	6.553	534	76.768
Bahia	96.247	144.591	22.059	563	263.450
Espírito Santo	72.764	26.671	4.444	256	104.135
Rio de Janeiro	178.073	179.709	42.533	381	320.796
São Paulo	178.546	377.613	192.807	2.419	549.385
Paraná	132.060	137.060	50.681	6.881	246.682
Santa Catarina	136.391	99.676	1.800	238	238.105
Rio Grande do Sul	447.462	447.462	110.444	50.993	1.006.361
Minas Gerais	478.503	439.463	16.699	314	934.879
Goiás	39.937	33.300	5.950	61	79.248
Mato Grosso	20.530	19.514	3.148	1	43.193
Distrito Federal	166.070	163.081	134.409	5.389	469.949
Acre	3.293	2.018	172	1	5.485
Amapá	2.502	122	94	2	2.720
Iguazú (*)	1.373	1.878	194	3	3.448
Guaporé (*)	1.118	876	120	—	2.114
Ponta Porã (*)	4.028	3.077	688	33	7.826
Rio Branco	71	124	72	237	504
Fernando Noronha (**)	77	3	26	—	106
Total	3.251.507	2.039.349	569.818	10.005	5.870.679

(*) Territórios extintos.

(**) Incluídos os votos no total do Distrito Federal.

ESTATÍSTICA DAS ELEIÇÕES DE 3 DE OUTUBRO DE 1950

Publica o n. 3 do "Boletim Eleitoral" editado pelo Tribunal Superior Eleitoral, o seguinte quadro demonstrativo das eleições realizadas em outubro do ano passado:

POPULAÇÃO E ELEITORADO — ELEITORADO E VOTANTES

QUADRO COMPARATIVO

ESTADOS	População		ELEITORADO		COMPARCIMENTO	
	1950	em	Números absolutos	% sobre a população	Números absolutos	% sobre o eleitorado
Amazonas	530.920	530.920	75.367	14,136	47.064	63,541
Paraíba	1.142.846	1.142.846	277.002	24,293	193.987	70,217
Maranhão	1.600.396	1.600.396	262.295	16,389	158.699	60,501
Piauí	1.064.438	1.064.438	220.073	20,675	166.669	75,567
Ceará	2.735.702	2.735.702	466.835	17,083	375.664	69,567
Rio Grande do Norte	983.572	983.572	243.231	24,729	175.967	72,306
Pernambuco	1.730.784	1.730.784	346.141	19,991	265.125	76,559
Alagoas	3.430.630	3.430.630	452.545	13,191	404.169	89,315
Sergipe	1.106.454	1.106.454	146.182	13,212	90.027	68,390
Bahia	650.132	650.132	154.303	23,734	102.532	66,448
Espírito Santo	4.900.419	4.900.419	267.292	5,459	699.896	70,200
Rio de Janeiro	870.987	870.987	180.607	20,736	130.565	72,292
São Paulo	2.326.201	2.326.201	631.722	27,163	449.644	71,181
Paraná	9.242.610	9.242.610	2.041.040	22,092	1.502.341	73,602
Santa Catarina	2.149.509	2.149.509	322.792	15,343	274.444	73,638
Rio Grande do Sul	1.578.159	1.578.159	367.669	23,299	239.731	76,077
Minas Gerais	4.210.316	4.210.316	986.236	23,431	719.436	72,964
Goiás	7.839.791	7.839.791	1.936.691	24,703	1.330.626	68,806
Mato Grosso	1.234.740	1.234.740	217.812	17,640	155.072	69,350
Distrito Federal	528.451	528.451	132.037	24,986	87.194	66,080
Acre	2.413.162	2.413.162	837.426	34,703	607.831	72,580
Amapá	116.124	116.124	284.294	0,578	9.264	75,415
Guaporé	38.374	38.374	6.737	17,556	5.169	76,726
Rio Branco	37.438	37.438	5.181	13,839	3.834	73,615
Fernando Noronha (5)	17.623	17.623	5.506	31,264	2.604	76,509
Total	52.645.570	52.645.570	12.462.300	23,715	8.234.989	72,219

(5) Os eleitores deste Território fazem parte da 1.ª Zona Eleitoral do Distrito Federal.

ESTATÍSTICA DAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 1950

QUADRO COMPARATIVO DA VOTAÇÃO OBTIDA PELOS CANDIDATOS

ESTADOS	1950					Total
	Getúlio Vargas	Eduardo Gomes	Cristiano Machado	João Mangabeira		
Amapazas	26.666	12.104	7.067	6.679	9.145	45.646
Pará	55.778	52.361	70.932	32.141	186.649	380.863
Maranhão	64.160	14.806	70.989	989	6.149	149.961
Piauí	23.370	73.547	69.445	6.6	159.368	159.368
Ceará	107.164	198.473	144.884	105	45.252	276
Rio Grande do Norte	86.778	45.731	37.831	34	169.974	169.974
Paraíba	102.453	108.852	20.560	60	160	255.942
Pernambuco	172.565	121.275	94.595	1195	388.659	388.659
Alagoas	46.009	25.292	22.340	51	94.642	94.642
Sergipe	48.335	22.834	24.783	169	96.961	96.961
Bahia	306.999	165.883	106.719	199	581.544	581.544
Espírito Santo	60.636	42.098	20.841	94	123.669	123.669
Rio de Janeiro	274.688	110.442	36.592	449	422.531	422.531
São Paulo	925.193	387.413	153.029	3.650	1.469.285	1.469.285
Paraná	106.036	41.553	54.633	182	265.206	265.206
Santa Catarina	110.898	101.886	38.593	60	127.512	127.512
Rio Grande do Sul	346.798	147.571	27.618	633	702.619	702.619
Minas Gerais	418.194	441.090	406.402	356	1.266.642	1.266.642
Goiás	61.298	55.446	24.406	465	140.615	140.615
Mato Grosso	54.444	27.397	19.671	677	82.941	82.941
Distrito Federal	378.015	100.263	29.642	3.017	579.937	579.937
Acre	4.101	737	4.211	11	9.049	9.049
Amapá	812	550	4.188	11	5.001	5.001
Iguazú (*)	—	—	—	—	—	—
Guaporic (*)	2.595	442	646	—	3.683	3.683
Ponte Preta (*)	—	—	—	—	—	—
Rio Branco	10.445	9.645	—	—	2.549	2.549
Fernando Noronha (**)	—	—	—	—	—	—
Total	3.840.040	2.343.884	1.697.009	839.465	7.699.003	7.699.003

(*) Territórios extintos.

(**) Incluídos os votos no total do Distrito Federal.

Cooperação econômica entre o Brasil e os Estados Unidos

Aspectos atuais do comércio do café e do cacau — Fornecimento de materiais escassos — Os acordos firmados e os documentos em que se fundamentaram — Declarações do ministro da Fazenda

Regressando de sua viagem aos Estados Unidos, o sr. Horacio Lafer, ministro da Fazenda, convocou os representantes da imprensa, fazendo-lhes entrega das seguintes declarações, às quais juntou cópias dos documentos referentes aos acordos com os Estados Unidos:

"Oitem foi publicado o acordo que permite criar as condições necessárias para o progresso nacional. Preocupou-se, entretanto, também, o presidente Getúlio Vargas, em garantir o funcionamento e a estabilidade das atuais atividades no Brasil. O café continua sendo o nosso produto básico na exportação e que contribui com a maior parte das divisas de que necessitamos para as importações do que não temos. O que afeta o café atinge o Brasil na sua economia e na vida do seu povo. Era indispensável clarear certos problemas que determinavam preocupações e desconfianças. Entre nós é geralmente sabido que condições climáticas desfavoráveis no último período, reduziram o volume da produção do café. Por outro lado a carência de produtos importados que os Estados Unidos, devido à conjuntura mundial, não podem nos fornecer em quantidades suficientes, é outro fato conhecido. Estes dois fatores, além de outros, determinaram o encarecimento do custo do café das últimas safras e justificam o aumento do seu preço. Não deseja o governo valorizações artificiais mas um preço cujo índice esteja em proporção com os preços que pagamos pelos artigos importados e permita ao lavrador uma justa remuneração. O governo norte-americano me comunicou oficialmente que, a não ser o preço teto que é política geral, de forma alguma apoiaria manobras particulares baixistas ou especulativas, pois considera o café "produto básico para a economia brasileira". Se assim é também não se justificava que um governo amigo, conforme espalhavam elementos, talvez com interesses materiais próprios e ocasionais, procurasse desenvolver a produção de café e cacau em outras áreas com o intuito de prejudicar as bases da economia do Brasil. Conforme instruções do presidente Vargas, esclareci este aspecto e o documento que é dado à publicidade como representando a política do governo dos Estados Unidos" deve ser interpretado como uma demonstração de boa fé, cooperação e amizade daquele grande país. Sabem os Estados Unidos que as atuais e as novas plantações do Paraná e outras regiões brasileiras asseguram a produção do café necessário ao consumo. Assim, embora não tema o Brasil, pelas condições naturais que possui, concorrência alheia, poder, entretanto, ficar tranquilo quanto aos inconvenientes de ter que enfrentar situações criadas artificialmente pela via de financiamentos encorajadores.

Fornecimento de materiais escassos — O mundo de hoje é interdependente nas suas relações políticas, sociais e econômicas. Nenhum país pode se isolar e ser auto-suficiente. Esta regra se aplica ao Brasil, que

importa petróleo, matérias-primas, carvão, maquinismos, equipamentos para transportes, etc., necessários para o normal funcionamento das atividades do seu povo. É natural, pois, a preocupação do governo em assegurar, neste mundo que a travessa momentos de apreensões, o abastecimento de produtos essenciais para a própria estabilidade social. Neste sentido, por determinação do presidente Vargas, me entendi com as autoridades em Washington. O documento assinado pelo eminente secretário do Exterior Dean Acheson, em prosseguimento a conversas anteriores com o ministro João Neves, também deve tranquilizar o povo brasileiro que em qualquer emergência receberá o mesmo tratamento concedido ao próprio povo norte-americano. Acreditado que esta demonstração das autoridades dos Estados Unidos comprova a vontade de cooperar eficiente e sinceramente com o Brasil e será devidamente apreciada pelo nosso povo.

E, concluindo, quero afirmar nesta ocasião em que aqui também se encontram os dirigentes da Comissão Mista para testemunhar o meu especial apreço pela forma por que foram iniciados e estão sendo conduzidos os seus trabalhos.

Ao sr. embaixador Merwin Bohan, eu desejo acentuar o nosso reconhecimento muito profundo. Tivemos a satisfação de verificar, em nossa viagem aos Estados Unidos, a influência de sua leal e muito valiosa cooperação, que permitiu, junto com o presidente da Seção Brasileira, dr. Ary Frederico Torres, assegurar o ambiente de confiança no futuro da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos".

São os seguintes os documentos a que se referiu o sr. ministro da Fazenda:

"Assistant Secretary of State — Washington, 14 de setembro de 1951.

Prezado sr. ministro: De acordo com nossas entrevistas, tenho a honra de transmitir a v. exa. incluso um memorando que se refere aos programas dos Estados Unidos de cooperação técnica e econômica na África e outras áreas do mundo fora do Hemisfério Ocidental, com referência especial ao possível efeito de tais programas sobre o Brasil.

O memorando incluso foi aprovado pelos altos funcionários indicados, do Departamento de Estado, inclusive da Administração de Cooperação Técnica, e da Administração de Cooperação Econômica, de modo que o memorando pode ser tomado por v. exa. como representando a política do governo dos Estados Unidos. Sinceramente, Edward G. Miller Jr.,

"A sua excelência o senhor dr. Horacio Lafer DD. ministro da Fazenda do Brasil.

Memorando — Ajuda dos Estados Unidos ao desenvolvimento econômico da África — Como é o caso com outras regiões do mundo livre, os Estados Unidos estão interessados e vêm ajudando a facilitar o desenvolvimento econômico da África. Os Estados Unidos crêm que um sadio desenvolvimento da África, é do interesse de todas as outras

regiões do mundo livre, porquanto o fortalecimento da economia africana necessariamente contribuirá para o bem-estar de toda a comunidade de nações livres. Os Estados Unidos estão cooperando no desenvolvimento econômico dos territórios dependentes de além-mar de países europeus na África, através do Programa de Assistência Técnica e do Programa de Desenvolvimento Ultramarino, administrado pela Administração de Cooperação Econômica.

Certo número de projetos de Desenvolvimento Ultramarino na África são para construção de estradas e combate à erosão. O primeiro objetivo destes programas é levantar o padrão de vida das populações locais, e somente numa fase ulterior de desenvolvimento, serão destinados produtos à exportação, em concorrência com produtos de fontes já estabelecidas. Faz-se menção específica nos projetos do Programa de Desenvolvimento Ultramarino de planos para aumentar a produção de carne, arroz e açúcar,

porém não se faz menção de café ou cacau. Altos funcionários da Administração de Cooperação Econômica, com que este assunto foi discutido, afirmam que a assistência a projetos agrícolas está sendo limitada, cada vez mais, aqueles que contribuem diretamente para o programa de defesa, ao desenvolver fontes locais de abastecimento de alimentos para os trabalhadores empenhados na produção de materiais estratégicos em áreas isoladas.

Os Estados Unidos não deram ajuda financeira, quer pelo Programa de Assistência Técnica, quer pelo Programa de Desenvolvimento Ultramarino a nenhum projeto visando principalmente a produção de café em regiões fora do Hemisfério Ocidental. Caso projetos visando tal assistência sejam propostos por países fora do Hemisfério Ocidental, eles serão, naturalmente, considerados segundo seu mérito próprio. No entanto, é intenção do governo dos Estados Unidos, na administração de seus programas de co-

operação técnica e econômica nas diferentes regiões do mundo, coordenar a administração de tais programas, com o objetivo, entre outros, de levar plenamente em conta os interesses dos produtores, já estabelecidos, de determinados produtos, e evitar produção excessiva destes".

Apoio do secretário de Estado, Dean Acheson, ao programa de suprimentos — "Necessário" — Presidência do ministro: Durante sua visita a Washington, a fim de tomar parte na reunião da Junta de Governadores do Fundo Monetário Internacional e do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, v. exa. passou em revista, juntamente com representantes deste Departamento, certos aspectos das relações entre os Estados Unidos e o Brasil, no que se refere à entrega ao Brasil, pelos Estados Unidos, de materiais essenciais escassos durante o período de emergência. Desejo confirmar, por meio desta, o entender do Departamento de Estado, em relação a essas trocas de pontos de vista.

Todos os aspectos dos problemas de suprimento foram cuidadosamente discutidos durante a Quar-

Cosmopolita

*A marca que representa
uma tradição no Parque
Industrial do Brasil*

APARELHOS SANITÁRIOS EM FERRO ESMALTADO • FOGÕES
AQUECEDORES • METAIS PARA ÁGUA • VÁLVULAS
AUTOMÁTICAS PARA DESCARGA • BALANÇAS SEMI-
AUTOMÁTICAS E INDUSTRIAIS • CORTADORES DE FRIO



METALURGICA PAULISTA S.A.

111 Rua Augusta, 497 - SÃO PAULO

ta Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores dos Estados Americanos, que teve lugar em Washington, em março e abril últimos. As resoluções XIV e XVI referem-se em particular a esse problema. A Resolução XVI contém uma Declaração Geral introdutória, transcrita abaixo, e nos parágrafos 1 e 4 contém certos entendimentos básicos, segundo citados:

Declaração Geral — Que para enfrentar a situação de emergência e os subsequentes períodos de reajustamento, os Estados Americanos farão tudo que estiver em seu poder para prover-se uns aos outros com as mercadorias e serviços necessários para sustentar o esforço comum de defesa, e declararam que a manutenção de atividades civis essenciais e de serviços públicos, e o desenvolvimento econômico dos países subdesenvolvidos, são considerados um elemento essencial no conceito total de defesa do Hemisfério Americano, sem esquecer o fato de que o fortalecimento de suas defesas é o principal dever dos Estados Americanos durante a presente emergência.

Princípios Específicos — Cada vez que a situação de emergência torne imperativo aplicar o sistema de prioridade e cotas, os Estados Americanos observarão os seguintes princípios:

1 — Serão satisfeitas as necessidades essenciais para o funcionamento das atividades econômicas civis.

4 — Durante a emergência e o período de reajustamento que se lhe seguirá, o princípio da relativa igualdade de sacrifício terá aplicação na redução ou limitação das necessidades civis, e um esforço será feito para não prejudicar o padrão de vida dos setores da população de renda baixa.

Os Estados Unidos, por meio desta, reafirmam ao Brasil, especificamente, sua intenção de efetivar fielmente, nas suas relações com o Brasil, o espírito e a letra dessas resoluções adotadas pelos ministros das Relações Exteriores.

Tenho entendido que durante a visita de v. exa. a Washington, v. exa. teve ocasião de passar em revista, com os altos funcionários indicados, do Departamento de Estado, o progresso realizado em efetivar (e verificar) essas resoluções, com referência a determinados produtos dos quais os Estados Unidos têm sido, tradicionalmente, os fornecedores do Brasil.

Tenho prazer em saber que v. exa. expressou satisfação pela maneira com que as necessidades do Brasil têm sido e vem sendo satisfeitas. Aproveito para reiterar que é intenção dos Estados Unidos continuarem a levar em conta as necessidades do Brasil

dasquelas matérias-primas e produtos manufaturados que o Brasil espera deste país, dentro dos termos da Resolução XVI, acima citada. Naturalmente, a capacidade dos Estados Unidos de satisfazer as necessidades do Brasil ou de qualquer outro país amigo está sujeita às limitações impostas pela presente emergência, a qual, como sabe v. exa., também afeta a capacidade de nossos meios de produção em atender às necessidades dos nossos próprios concidadãos. Na eventualidade em que a presente situação de emergência se tornasse mais séria e o programa do reajustamento tivesse que ser intensificado, a disponibilidade de certos produtos para consumo civil no interior deste país ou para exportação, talvez tenha que ser ainda mais reduzida. No entanto, em tal eventualidade, os Estados Unidos continuariam a levar em conta as necessidades da economia do Brasil, dentro do espírito das resoluções da Conferência dos Ministros de Relações Exteriores, e facultaria ao Brasil ampla oportunidade para consulta.

Os Estados Unidos acreditam da importância que haja em todo momento consulta completa e contínua sobre essas questões. A necessidade de consulta foi examinada em detalhe entre o ministro João Neves da Fontoura, e seus conselheiros e representantes deste governo, durante a Conferência de Ministros de Relações Exteriores, em Washington. Foi decidido, então, entre os nossos dois governos, estabelecer no Rio de Janeiro um Grupo Misto para Problemas de Suprimentos de Emergência, cujas funções são:

a) — verificar as necessidades essenciais da economia brasileira em produtos escassos a serem importados dos Estados Unidos, e submeter recomendações;

b) — fazer consultas sobre as medidas tendentes a facilitar a exportação para os Estados Unidos de produtos brasileiros necessários à economia dos Estados Unidos.

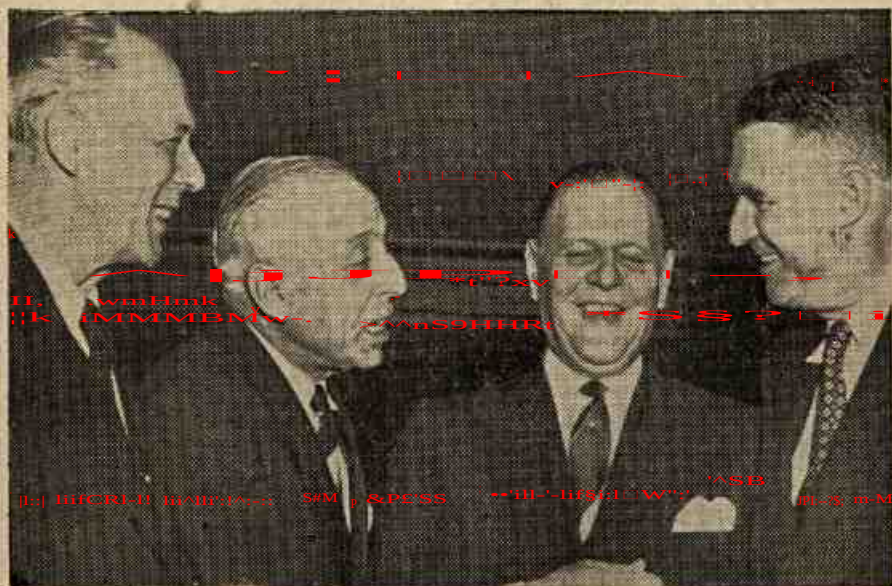
c) — agir como um instrumento para consultas contínuas, dentro do significado da Resolução XVI da Quarta Reunião de Consulta;

d) — fazer recomendações visando melhorar o funcionamento dos sistemas de controle de exportações e prioridades adotados pelos dois países.

Tenho satisfação em notar que nas suas entrevistas em Washington v. exa. expressou prazer quanto ao trabalho desse Grupo Misto. Deveria ser intenção dos nossos dois governos conseguir a melhor utilização desse Grupo, e é firme intenção do nosso governo apoiar o trabalho desse Grupo, na mais ampla medida possível. Sinceramente. — (a) Dean Acheson, secretário de Estado".



6.^a reunião anual das Juntas de Governadores do Banco Internacional e do Fundo Monetário Internacional



HORACIO LAFER E EUGENIO GUDÍN NA PRESIDÊNCIA DÊSSES DOIS ORGANISMOS

A reunião em Washington, no mês de setembro, das Juntas de Governadores do Banco Internacional e do Fundo Monetário Internacional terminou com uma dupla honra para o Brasil. Dois dos nossos representantes, o ministro Horácio Lafer e o professor Eugênio Gudín foram, por unanimidade, eleitos presidentes, respectivamente, do Banco Internacional e do Fundo Monetário. Desde que foram fundados, há seis anos, esses dois organismos internacionais, é a primeira vez que a presidência é ocupada por latino-americanos. Eleitos no dia 14, assumiram imediatamente seus mandatos, que durarão até a próxima reunião marcada para a segunda quinzena de setembro de 1952, na cidade do México.

Agradecendo sua eleição, disse o ministro Horácio Lafer:

"Como governador representante do Brasil e em nome de meu governo, aceito com grande prazer a honra de ser eleito presidente do Conselho de Administração do governo do Banco Internacional de Reconstrução e Fomento e também professor Eugênio Gudín, como presidente do Fundo Monetário Internacional. Ao aceitar essa honra e manifestar meu sincero reconhecimento, desejaria aproveitar a oportunidade para dizer

que esta distinção se faz igualmente a todos os países latino-americanos, representados aqui por seus governadores e significa também o reconhecimento de nossa cooperação visando o mesmo objetivo durante o atual período de emergência. Todos nós aspiramos, no esforço comum, esboçar o padrão da nova economia mundial. O trabalho que pensamos que estivesse quase terminado em Bretton Woods, ainda se encontra em vias de realização. Atualmente, encontramos-nos frente a problemas que ninguém teria previsto há seis anos atrás. De nossa parte, a parte das nações do mundo livre, existe um espírito de cooperação internacional, enquanto que, de outra parte, consideramos que prevalece um espírito totalmente diferente. Chego a dizer que os hábitos de certos métodos nos assuntos internos fizeram com que alguns países não cooperassem nas questões internacionais. Esperemos que o tempo e a experiência os levem a uma modificação na maneira de pensar, no futuro.

A presidência deste Conselho de 50 países não constitui um encargo pesado, graças à presença do sr. Eugene Blak, cuja notável administração do Banco é reconhecida por todos nós e do sr. Ivar Rooth, a que damos as mais calorosas boas-vindas, como novo

diretor administrativo do Fundo. O esplêndido trabalho e os êxitos do Banco, em seu esforço para mobilizar os recursos mundiais e elevar o nível de vida de todos os países ultrapassam todas as esperanças e nos dá grande confiança em que teremos uma economia mundial de abundância, em vez de escassez. A respeito da política do Fundo, que foi objeto de certa controvérsia, acredito ser acerto dizer que o Fundo é o guardião do que poderia ser qualificado de código de práticas justas no campo das finanças internacionais. Sem tal código, experimentaríamos o regime de cada país isoladamente esquecidos dos temas dos acordos bilaterais. Não devemos nos desalentar, se encontrarmos-nos diante de dificuldades. O Fundo é também (embora esta não seja sua função mais importante), uma instituição que proporciona apoio financeiro a curto prazo, no caso de desequilíbrio temporário, sob certas condições. Finalmente, o Fundo é uma instituição que proporciona ajuda técnica no campo financeiro em questões tais como os sistemas de câmbio e política anti-inflacionista.

Estou certo de que muitos dos governadores aqui presentes sentem gratidão pela pronta ajuda prestada pelo Fundo. Seja-me permitido aproveitar esta oportunidade, sr. presidente, (presidia a sessão o sr. Abbott) para expressar minha opinião a respeito de sua habilidade na direção das nossas reuniões. Todos nós, que estamos familiarizados com a sua nobre nação, sabemos que o Canadá é um país novo que produz peritos estadistas como os de sua velha mãe-pátria. Quisera agradecer aos nossos anfitriões norte-americanos, que o governador representante da Grã-Bretanha qualificou de "família hospitaleira", particularmente ao eminente secretário da Fazenda dos Estados Unidos, sr. John Snyder, que nos tratou como velhos amigos e que deu provas de sua profunda devoção pelo nosso trabalho. Uma vez mais expresso minha profunda gratidão pela minha eleição e minha admiração por esta maravilhosa capital e pelo povo desta grande nação".

Quando Lafer terminou seu discurso, o governador representante da França falou brevemente, felicitando os brasileiros e tornando presente seu apelo aos diretores e pessoal do Banco e do Fundo.

Em seguida, falaram os governadores do Uruguai, Paquistão, Tailândia e Suécia. O secretário da Fazenda dos Estados Unidos, John Snyder, terminou sua intervenção felicitando também a Lafer a Gudin.

O NOVO REI DOS BELGAS

O rei Leopoldo regressou à Bélgica em julho de 1950. Seu retorno foi o sinal para o desencadeamento de uma onda de desordens dirigidas por seus adversários. Em agosto, delegou suas prerrogativas reais ao príncipe Baudoin e anunciou que, se o povo se reunisse em torno de seu filho, ele abdicaria em favor do príncipe regente, em sua maioridade.

Mais tarde anunciou oficialmente que abdicaria em 16 de julho, de acordo com o governo e com os partidos políticos.

No dia marcado, a convite de Leopoldo III, duzentas e cinquenta pessoas se reuniram na sala do trono, no palácio real de Bruxelas, onde antes da guerra tão brilhantes bailes se davam. Viam-se entre os presentes o primeiro-ministro Joseph Pholien, cercado pelos membros do seu governo. Igualmente deputados, senadores, outras personalidades políticas e autoridades judiciais e religiosas, notadamente o cardeal arcebispo de Malines, o pastor protestante, presidente do Sinodo, e o grande rabino da Bélgica. Também os burgomestres das principais cidades do país, oficiais das três armas, delegações de antigos combatentes, jornalistas, etc. Assim que todos estavam presentes, o rei Leopoldo III tomou a palavra e proferiu em francês e em flamengo, metade em cada idioma, um discurso anunciando sua abdicação em favor do príncipe-herdeiro Baudoin.

A 31 de julho do ano passado, a fim de estabelecer a concórdia no país, concordei em que o exercício dos poderes reais fosse confiado ao meu filho. Minha vontade era renunciar definitivamente ao trono se a união de todos os belgas se realizasse em torno do príncipe Baudoin. Considerei que essa união seria feita. Por isso tomei a decisão de abdicar hoje.

Resolvi-me a isso com a única preocupação de salvaguardar a unidade do país e servir a instituição monárquica.

Unite-vos porque o interesse nacional e a estabilidade da dinastia exigem que a minha decisão de pôr fim ao meu reinado fosse acompanhada de uma manifestação solene de concórdia.

Não falarei do passado, prosseguiu o rei, que, em seguida, rendeu vibrante homenagem "às virtudes militares e cívicas" de que deu provas o povo belga e afirmou que em 1940 o Exército belga "combateu até o extremo limite da resistência" e saudou a atitude digna da população belga, "sob a ocupação inimiga".

E mais adiante, dirigindo-se ao filho: "Meu caro Baudoin, é com orgulho que te transmito a nobre e pesada missão de usar dora-vante a coroa de uma Bélgica que permaneceu, malgrado a mais terrível das guerras e das perturbações que a seguiram, territorial e moralmente intacta, livre e fiel às suas tradições. Essa

Desperte em seu filho o Espírito da Economia!

OFERTANDO-LHE UM
RELÓGIO COFRE NIQUELADO

DISTRIBUIDORES:
Vis. Triunfal Domes

FREITAS COUTO FERRAGENS LDA

RUA MIGUEL COUTO, 23 - TELAS, 23.471 e 23.473




missão tal a exercerem com vontade de servir ao teu país e de continuar a obra da dinastia, te conformando, assim, aos princípios que te inculquerei. Esses princípios eu mesmo os recebi do meu pai, o rei Alberto. Sempre inspiraram a minha atitude durante os duros anos de um reinado, que deixo à História o cuidado de julgar. A simpatia e a confiança com que toda a população te acolheu me permitem depositar definitivamente os poderes reais sem apreensões pelo futuro e com a consciência do dever cumprido.

Senhoras e cavalheiros, estou convencido de que apoiareis o meu filho com abnegação e lealdade no cumprimento da sua tarefa constitucional. Jamais esqueçamos a que compoem a manutenção da independência nacional e a integridade territorial da Bélgica e do Congo Belga.

O rei Leopoldo avocou, então, a recordação dos anos que vivi no meio de vós e a emoção que o dominou quando, no ano passado, depois de tão longa separação, pus os pés no solo da minha pátria, e depois de ter manifestado sua gratidão a todos os que não cessaram de permanecer fielmente ligados" o rei concluiu: "As últimas palavras que vos pronunciei como rei dos belgas são para vos recordar com veemência, meus caros compatriotas, que o futuro da pátria depende da vossa solidariedade nacional e para vos pedir que vos unais com fervor em torno do meu filho, o rei Baudoin. Exorto-vos para que sejais unidos. Que Deus proteja a Bélgica e o nosso Congo".

Terminado o discurso do rei, falou o príncipe Baudoin que, em voz cheia de emoção, disse apenas: "Meu caro pai. Sinto-me muito comovido. Prometo-te que tudo farei para me mostrar digno de ser teu filho". (O príncipe real não traduziu suas frases para o flamengo).

Austria, a família real foi libertada pelo avanço dos aliados, em 7 de maio de 1945.

Entretanto, nasceu a questão real e da prolongação do exílio do rei. A família real se instalou em um castelo de Pregny, na Suíça, não distante do lago Lemano. No decorrer desse exílio, o príncipe Baudoin acompanhou o pai e a princesa de Rethy, em sua viagem a Cuba, em 1946, e os deixou para realizar sozinho um período através dos Estados Unidos.

No dia 22 de julho de 1950, o príncipe Baudoin, precedido por seu pai, aterrissava na Bélgica, após seis anos de exílio.

CRIANÇAS RAQUITICAS?
PESSOAS ANÊMICAS?



EMULSÃO DE SCOTT

DADOS BIOGRÁFICOS

Baudoin Albert Charles Leopold Axel Marie Gustave, príncipe da Bélgica, sobrinho em segundo grau de Leopoldo III e bisneto do fundador da dinastia, Leopoldo I de Saxe-Coburgo-Gotha, tornou-se, amanhã, o quinto rei dos belgas, assegurando assim a continuidade da dinastia belga em linha reta.

Baudoin nasceu em 7 de setembro de 1930, no castelo de Stuyvenber, segundo filho do príncipe herdeiro Leopoldo (futuro Leopoldo III) e da princesa Astrid, da Suécia. O nome de Baudoin lhe foi dado, contrariamente à tradição exigindo que seu primeiro nome fosse Leopoldo, como recordação dos nove condes de Hainaut.

A morte do rei Alberto I, em 17 de fevereiro de 1934, 18-ão duque de Brabante, príncipe herdeiro. Não tinha cinco anos quando perdeu a mãe, em um acidente de automóvel em Kussnacht, na Suíça. Tinha 10 anos quando explodiu a segunda guerra mundial.

Os príncipes reais foram encaminhados para a França. Refugiaram-se primeiramente em Kabers e depois da derrota, em San Sebastian. Após três meses de exílio, os príncipes voltaram para a Bélgica, onde viveram uma existência reclusa no castelo de Laeken, durante toda a guerra.

Em 9 de junho de 1944, por ordem dos alemães, a família real foi levada para o cativeiro na Alemanha, onde o rei Leopoldo a havia precedido de alguns dias. Transferrida, no início de 1945, para Strobbe, na

RICCA EM VITAMINAS
CÁLCIO
FÓSFORO

Leonardo da Vinci, matemático, físico, engenheiro, escultor, pintor, literato, poeta, crítico, moralista, músico, é a mais poderosa natagem do enciclopedismo, que foi a alma da Renascença, assim como mais tarde deu a ser a base da moderna filosofia. Leonardo da Vinci é o principal iniciador dos progressos do espírito no seu século. Ele foi, em maior ou menor escala, o mestre de Miguel Ângelo, de Rafael de Correggio, de Galileu, de Kepler, de Copernico.

Pinta a Ceia e a Gioconda; reune o canal de Marfeta e o de Tessim; talha a estátua equestre de Sforza; anuncia os mais importantes fatos da astronomia, da geologia, da mecânica, e prevê o termómetro, o barómetro e a máquina de vapor.

Ricardo Cecil comparava o homem metódico a um enfardado: "O homem metódico é como o bom enfardado, o qual consegue sempre arrumar num único caixote, aquilo que o desarranjado só acomodaria em dois caixotes".

Ricardo Cecil comparava o homem metódico a um enfardado: "O homem metódico é como o bom enfardado, o qual consegue sempre arrumar num único caixote, aquilo que o desarranjado só acomodaria em dois caixotes".

A CRISE FERROVIÁRIA

Examinando a evolução ferroviária do Brasil, deparamos com os seguintes algarismos sobre a quilometragem, construída a partir de 1854:

Período	Quilômetros construídos	Total no fim do período
Sec. XIX		
1854-1869	22.222,7 km	22.222,7 km
1869-1870	52.521,4 "	74.744,1 "
1871-1880	2.563,7 "	3.297,9 "
1881-1889	6.518,2 "	9.581,1 "
1890-1900	5.573,5 "	15.316,4 "
Sec. XX		
1900-1910	6.000,1 "	21.325,5 "
1911-1920	7.209,4 "	28.534,9 "
1921-1930	3.343,1 "	32.478,0 "
1931-1940	1.773,8 "	34.251,7 "
1941-1950	2.247,5 "	36.739,2 "

* Sujeito à retificação.

Pelo exame deste quadro percebe-se, desde logo, quão lenta foi a expansão ferroviária brasileira. A legislação ferroviária do Brasil cabe, sem dúvida, grande parte do entrave ao desenvolvimento deste nosso meio de transporte. O primeiro decreto sobre vias férreas data de 31 de outubro de 1835. Inoperante e extraxúlo, a ponto de fixar tarifa máxima para vigorar durante os 40 anos do contrato de concessão, sem nenhuma garantia real para o concessionário.

Quinze anos depois, o Decreto Legislativo de 26 de junho de 1852 estabeleceu novas normas de concessão, inclusive a garantia de juros de 5%.

Em 1871, o conselheiro Theodoro Machado Freire Pereira da Silva, ministro da Agricultura e Obras Públicas, apresentando relatório à Assembleia Geral Legislativa, fazia, entre outros, os seguintes comentários: "O que temos feito até agora para desenvolver os meios de locomoção aperfeiçoados é muito pouco em relação ao muito que carecemos". As linhas em tráfego eram então de 732 km, e apesar de vários pedidos de concessão estavam em construção apenas 332 quilômetros.

Em 1874, no relatório apresentado à Assembleia Geral, o ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, conselheiro José Fernandes da Costa Pereira Junior, assim se exprimia: "Tal que ditaram os mais nobres intentos e patriótica solicitude pelo bem público, a de 27 de junho de 1852, se teve o grande mérito de iniciar no país o sistema de proteção às empresas de viação férrea, nem por isso produziu todos os be-

Arthur Castilho

néficos resultados que seus autores esperavam".

Em 22 de setembro de 1876, o Governo Imperial resolveu mandar proceder a um inquérito, pelo Barão de Penedo, sobre as dificuldades encontradas em Londres para obtenção dos capitais necessários à construção ferroviária no país.

O ministro da Agricultura — Thomaz Coelho, em certos tópicos do aviso ministerial assim apreciava a Lei de 24 de setembro de 1873: "E como não há duvidar que a ausência de confiança nas empresas garantidas pelo Estado e a forma por que a Lei de 24 de setembro de 1873 concedeu a fiança ou garantia de juros são a origem da indiferença seria desfavor com que têm sido recebidas tais empresas na praça de Londres, o Governo Imperial resolveu incumbir V. Exa. de por si ou com concurso de pessoas aí residentes e do maior conceito, proceder um inquérito sobre as verdadeiras causas que retardam ou impossibilitam a organização efetiva dos empréstimos e levantamentos dos capitais destinados à construção das Estradas de Ferro garantidas no Império."

O Barão de Penedo em minucioso relatório, datado de 23 de janeiro de 1877 expôs as dúvidas dos capitalistas ingleses em referência à lei de 1873. Faz, então esta advertência a que "as objeções inglesas contra a Lei de 1873: "Há, naturalmente, muita censura que lhes fazer e muitas explicações que dar para mitigar-lhes a severidade. Mas elas indicam um estado de sensibilidade que ainda em tempos mais propícios do que estes será confirmada a impressão do Governo Imperial de haver falhado a Lei de 1873 e que não será esse sistema o apropriado para realizar o desenvolvimento das nossas estradas de ferro, como é para desejar". O Decreto de 10 de agosto de 1873 estabeleceu as bases gerais para concessão das estradas de ferro, com fiança ou garantia de juros do Estado, em virtude dos Decretos de 28 de junho de 1852 e de 24 de setembro de 1873. Cumpre destacar a cláusula 17 e a disposição geral 17.ª: "Se os capitais forem levantados em países estrangeiros regulará o câmbio de 27 dinheiros (270) por mil réis para todas as suas operações — Disposição geral. — As cláusulas do presente decreto serão aplicáveis às estradas de ferro concedidas em virtude da Lei n. 2.430 de 24 de setembro de 1873, mediante contratos celebrados com os respectivos concessionários."

FALTA UMA ORIENTAÇÃO UNIFORME

Com tão deficiente legislação geral e com o regime de concessões provinciais e até municipais bem se compreende a falta de orientação definitivamente unitária na expansão da política ferroviária nacional.

Criaram-se sistemas ferroviários isolados, partindo dos portos rumo ao hinterland, com intuito de manter o conjunto aqua-ferroviário, através de linhas férreas de penetração e da navegação de cabotagem.

A política das nossas linhas de penetração foi inspirada nas diretrizes norte-ame-

ricanas. Seriam construídas estradas de ferro de baixo custo, permitindo a circulação dum trem econômico compatível com o desenvolvimento ainda precário das zonas, a serem servidas; posteriormente seriam melhoradas as condições técnicas das ferrovias, permanecendo sempre a capacidade do trem econômico em direta relação com o progresso das regiões.

Na União Americana, as ferrovias foram, dentro deste critério, sempre e progressivamente melhoradas, ao passo que, em nosso país, as linhas de penetração, em padrões baratos, que deviam ser provisórias, tornaram-se definitivas, criando, por vezes, forte impedimento ao progresso de várias glebas.

Na República, até ao fim da terceira década do século, a política ferroviária não teve mais segura orientação. Embora se percebesse bem o malefício da falta de interligação dos sistemas ferroviários isolados e carência do complemento indispensável de melhoramentos das condições técnicas das estradas de ferro pioneiras, somente a partir de 1931 foram tomadas medidas sistematizadas para, em breve termo, extirpar esses entraves a um mais eficiente tráfego pelo trilho, essencial ao fomento da importação das diversas regiões do país.

Em 1931, o Governo Federal determinou estudos minuciosos para a elaboração dum plano geral unificado de viação nacional, com indicação de normas para padronização do material rodante, unificação das bitolas e possível coordenação de todos os transportes. Os resultados desses estudos estão condensados no magnífico trabalho do Plano

de Viação Nacional, aprovado pelo decreto de 29 de junho de 1934. Atendendo à mesma finalidade de coordenação geral o Governo Federal, em 1937, transformou a antiga Contadoria Central Ferroviária em Contadoria Geral de Transportes.

No meio da terosira década do século surgiu a mística mundial do rodoviarismo e se decretou, com solenidade, a "morte do trilho". Isto teve consequência imediata na queda do ritmo de expansão na construção ferroviária, conforme o comprova uma simples inspeção do nosso quadro inicial. Foram formulados, então, vários estudos comparativos, mostrando que, mesmo com as nossas estradas inacabadas e desprovidas, o custo real do transporte pelo trilho era bem menor que o da rodagem. Pediu-se, com insistência, o reaparelhamento ferroviário, provando-se que, com isto, era possível reduzir ainda mais aquele custo e consequentemente aumentar as vantagens reais em prol das ferrovias. As nossas incompletas estradas de ferro não tiveram as suficientes disponibilidades para a sua últimação, e as precárias linhas em tráfego tiveram minguidos recursos para sua manutenção e indispensáveis restaurações.

A "MORTE DO TRILHO"?...

O rodoviarismo cresceu e a competição nos transportes terrestres se desenvolveu sem peias. Veio a II Guerra Mundial, desapareceu quase que por completo o tráfego rodoviário, interurbano, e as ferrovias brasileiras, mau grado todas as suas deficiências,

mantiveram plena atividade e contribuíram de maneira decisiva para a quase normalidade da vida do Brasil, em beligerância.

A logística norte-americana da II Conflagração Mundial revelou a intensa vitalidade das ferrovias, referida a percentagem da distribuição do tráfego comercial em toneladas-milhas, dos Estados Unidos:

FERROVIAS, em 1940 = 62%, em 1944 = 70%; navegação dos grandes lagos, em 1940 = 14%; em 1944 = 10%; navegação dos rios e canais, 4% e 3%; respectivamente; caminhões: 8% e 5%; oleodutos, 11% e 12%.

Identicamente, na Inglaterra, ficou provado que o auxílio eficaz de suas estradas de ferro fôra um dos fatores básicos da heróica resistência do povo britânico à ameaça alemã. Em sentido contrário, a deficiência das estradas

D & C
FABRICA
AURORA
CASIMIRA
que é um simbolo de garantia!

de ferro alemãs, abandonadas por Hitler, foi uma das causas eficientes de sua derrota, principalmente na frente oriental. Ao fim da guerra, fontes insuspeitas americanas declararam: 1.º) que as ferrovias são essenciais ao bem-estar, melhor à própria existência da Nação; 2.º) que elas têm feito notáveis progressos técnicos nos recentes anos; 3.º) que devem continuar os investimentos para ulterior modernização e melhoramentos das estradas, com o intuito de obter melhor transporte a mais baixo custo. Estes exemplos concretos e bem visíveis modificaram a mentalidade brasileira na apreciação do moderno transporte. O Departamento Nacional de Estradas de Ferro no ano de 1944, levou a termo uma completa pesquisa técnico-econômica, cujo resultado foi apresentado, em fevereiro de 1945, à Comissão de Planejamento Econômico, num programa geral de restauração ferroviária do país (com um orçamento de 8,4 bilhões de cruzeiros).

Como na ocasião já tinham sido fornecidos 593 milhões de cruzeiros para construção de ligações e aquisições de material rodante, o total líquido do programa aprovado não excedeu 8,4 bilhões. Este programa ferroviário foi aprovado pelo Decreto-lei de 24 de janeiro de 1946. Em 1948, porém, a Reunião Extraordinária dos Diretores das Estradas de Ferro Brasileiras revisou aquele programa, ampliando-o, sendo computada a despesa total de 20 bilhões de cruzeiros para dispêndio em 10 anos, conforme o seguinte detalhe: Aquisição de 741 locomotivas, 2 bilhões; aquisição de 111 automotrizes, 229 milhões; aquisição de 1.800 carros de passageiros, 2,1 bilhões; aquisição de 14.221 vagões, 1,5 bilhão; lastreamento de 15.379 km de linha e substituição de 17.304 de linha com trilhos novos, 4,8 bilhões; para oficinas ferroviárias, 438 milhões; remodelações de traçado, 2,4 bilhões; obras diversas, 568 milhões; eletrificação, 1,7 bilhão; planos de construção, 3,8 bilhões; oficinas da E. F. Santos-Jundiaí, 12 milhões; eletrificação na E. F. Santos-Jundiaí, 367 milhões.

Esta reunião dos diretores efetuou 47 sessões, com grande assistência dos técnicos dos diversos departamentos das diferentes estradas de ferro do país. Só os assuntos do tráfego ocuparam 11 sessões. A questão do pessoal foi discutida com minúcias em várias sessões, tendo na última, relacionada à Administração geral, a assistência dum representante do Ministério do Trabalho.

Todos os detalhes dessas importantes pesquisas foram publicadas em 7 grossos volumes pela Contadoria Geral dos Transportes. Assim, a situação geral de nossas estradas de ferro está amplamente analisada, conhecidas em detalhes as deficiências, programadas as restaurações e indicadas as medidas indispensáveis para a melhor eficiência do transporte pelo trilho. Entretanto, a situação do ferroviarismo nacional continua precaríssima, como é de todas conhecida. Não cabe aqui lamentar o passado, mas agir para o futuro. As causas imediatas das nossas lamentáveis deficiências e crescente desequilíbrio financeiro das estradas de ferro do Brasil podem ser assim resumidas:

A desordenada competição nos transportes terrestres; falta quase absoluta de adequado equipamento ferroviário; precárias condições técnicas das linhas em tráfego; elevado custo de mão-de-obra; inadequado sistema tarifário; desorientação administra-

tiva como decorrência de todos estes fatores adversos.

Ante tal quadro de deficiências para um transporte básico que carrega 86% do tráfego comercial do Brasil será de todo contraproducente que se iniciem programas de fomento da produção, de barateamento do custo de vida, sem se cuidar, em primeiro termo, com a máxima urgência, da restauração de nossas estradas de ferro. Em todas as reuniões que trataram desses assuntos, os estudos e os inquéritos mostraram desde logo, que as nossas deploráveis deficiências econômicas têm causa justificada no abandono em que foram deixadas as ferrovias. A matéria não comporta mais delongas. Podemos, assim, à guisa de encerramento, lembrar, como dizem os americanos, que se deve tirar o chapéu ao passado e o casaco para o futuro. Quer isto dizer — respeito ao passado, ação enérgica para o futuro.

Adotemos a atitude, enquanto é tempo.

Se é preciso fatalmente uma classificação, deveria seguir-se o sistema de Teofrasto, que propunha classificar as flores segundo o seu espírito, isto é, segundo o seu perfume. Pelo que me diz respeito, eu tenho em história natural o meu sistema particular: por ele, não faço senão duas categorias: divido tudo em coisas que se comem e coisas que se não comem.

H. Heine

* * *

O estado normal do mundo é que haja sempre nêta diversidade de formas, de idéias, de princípios, e que estes andem sempre em luta, tendendo para uma certa unidade, para um certo ideal, que talvez não consigam alcançar nunca, mas para o qual a liberdade e o trabalho impõem o gênero humano.

Guizot

FABRICA BANGUÍ

TECIDO PERFEITO

FIRMEZA DE CORES

LINDOS PADRÕES

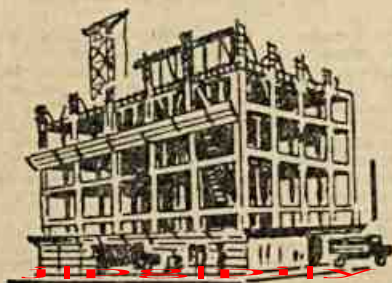
DURABILIDADE

BANGUÍ

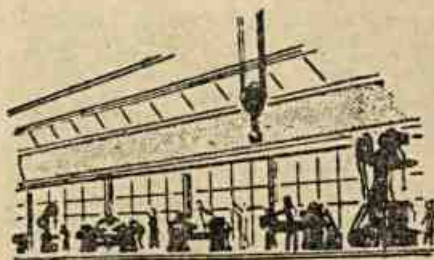
EXIJA NA OURELLA

BANGUÍ-INDUSTRIA BRASILEIRA

PARA CONSTRUÇÕES

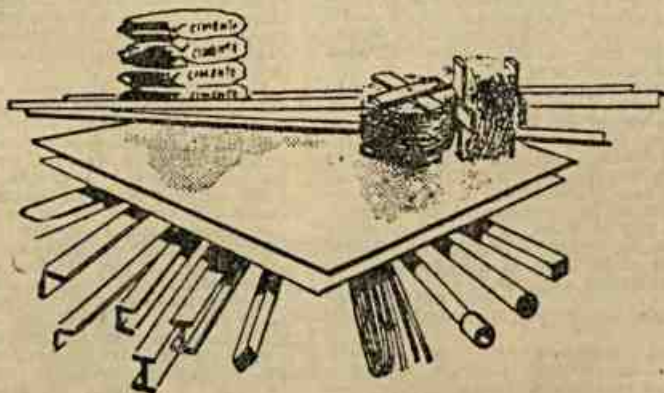


PARA A INDÚSTRIA



Estoque permanente de Cimentos estrangeiros, Portland e branco. Cimento Mauá (distribuição) — Ferro redondo para construção — Tubos pretos e galvanizados para água e gás — Tubos electrodutos — Conexões galvanizadas — Pregos, canos de chumbo, cobre em bobinas — Pás, picarelas, enxadas, baldes, carrinhos etc. — Aço chato para molas, aço oitavado para brocas — Eixos polidos — Chapas pretas e galvanizadas — Folha de flandres — Ferros chato, quadrado, redondo, cantoneira e T — Vigas U e I — Arame larpado, grampos para cerca — Perlis especiais para venezianas, corias pantográficas e para vasilhame de leite — Tubos para caldeira, tubos leves para móveis

O MAIOR ESTOQUE DE VIGAS DO PAÍS



MACIFE S/A, MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

SEDE: Av. Presidente Vargas, 509, 3.º pav.
Fone: 23-243 (rede int.) RIO DE JANEIRO
FILIAL: Niterói: R. Benjamin Constant, 231
Fone: 6648

End. Teleg.: MACIFE Caixa Postal, 1201
DEPÓSITOS: Praça Marechal Hermes n.º 10
Fone: 43-4661 Avenida Brasil, 1857
Fone: 48-7387

REPRESENTANTES EM TODOS OS ESTADOS DO BRASIL

INVESTIMENTOS E DESENVOLVIMENTOS

Richard Lewinsohn

O Brasil sempre foi um país de importantes investimentos. Com exceção de um período relativamente curto no século XVIII, quando o Brasil fornecia quase metade da produção mundial de ouro, o açúcar foi, até 1831, seu principal produto de exportação. Ora, a produção de açúcar exigia investimentos elevados. Era não somente uma cultura como também uma indústria. O equipamento da usina devia ser em parte importado e tornava necessário um capital inicial considerável. Muito mais custosa ainda era a mão-de-obra, quer dizer a importação de escravos. A descrição mais viva do problema de investimento na época colonial, de autoria de um grande economista, encontra-se no capítulo "Vim ao Brasil" de "Robinson Crusoe", no qual Daniel Defoe narra a vida de seu herói como proprietário de uma fazenda e de um engenho de açúcar, perto de Salvador.

Foi somente com a expansão da cafeicultura que o Brasil se tornou um país "essencialmente agrícola". Do ponto de vista do investimento, essa transformação significou um alívio: precisava-se menos capital, menos mão-de-obra servil e quase nenhuma maquinaria. Não obstante, a cultura de café é o protótipo da atividade econômica baseada no investimento. O cafeeiro é um bem de produção tão durável quanto uma locomotiva, e, para criá-lo, precisa-se mais tempo do que para a construção de uma grande máquina. Quem planta café, é, pois, um investidor. Já este fato desmente a afirmação absurda que o brasileiro se inclina mais ao gasto e ao lucro rápido do que o investimento. Um país de café é naturalmente um país de investidores.

Todavia, até há pouco tempo, o Brasil não possuía obras de engenharia espetaculares, tal como o Canal de Suez ou o Canal de Panamá, que exigiram investimentos extraordinários. As centenas de milhões de libras e os bilhões de cruzeiros aplicados em suas terras, em seu transportes, em suas construções urbanas, dispersavam-se na extensão imensa de seu território e eram realmente insuficientes em relação com as necessidades. Surgiu assim a fama de que o Brasil seria um país sem capitais.

ABOLIÇÃO E VALORIZAÇÃO

Dois acontecimentos davam a esta tese um certo apoio. Duas vezes em meio século o Brasil sofreu enormes desinvestimentos: primeiro pela abolição, e, depois, pela incineração do café. Seria ridículo discutir hoje ainda a necessidade da abolição. Mas, sua justificação de ordem moral e social não destrói o fato de que só o ato final da libertação dos escravos representou para seus donos uma perda de 750.000 contos de réis, que na época valiam 75 milhões de libras-ouro e corresponderiam hoje a um capital de, mais ou menos, 20 bilhões de cruzeiros. Não era um capital fictício, e sim adquirido em troca da exportação de mercadorias.

E' óbvio que a anulação completa deste capital, sem indenização, devia provocar uma grave crise, que se exprimiu sobretudo na falta de crédito e de meios de pagamento

para a mão de obra livre. A grande inflação, na primeira década da República, explica-se, até certo ponto, por essa situação. Foi uma inflação compensatória, exagerada nas suas dimensões, mas indispensável, para manter em marcha o processo da produção. Entretanto, as inversões reais permaneciam insignificantes e não correspondiam aos fabulosos montantes de capital dos bancos e companhias comerciais criadas naquela época.

O rígido regime de deflação nos princípios do século XX, foi uma cura penosa, mas sã. O capital estrangeiro começou novamente a afluir ao país. Em 1907 aparece o grupo canadense da Brazilian Traction Light and Power Co., que toma rapidamente o primeiro lugar na jovem indústria de eletricidade. Os portos recebem equipamento moderno. De 1900 a 1914, a rede ferroviária estende-se de 15.316 a 26.062 quilômetros.

Mas, neste período de prosperidade e de grandes esperanças, surge também o germe para uma nova catástrofe. O espectro da superprodução de café torna-se ameaçador. Já em 1905, há um estoque inventariável de 11 milhões de sacos. O industrial paulista Alexandre Siciliano lança o plano da valorização que deve salvaguardar a economia cafeeira. Sob o aspecto de investimentos, a valorização significa o aparente afluxo de capitais estrangeiros. Boa parte da dívida externa, que não cessa de crescer, é aplicada neste empreendimento que domina durante vinte anos toda a política monetária e financeira. Na realidade, os empréstimos estrangeiros, destinados à valorização do café, ficam fora do país, sufocados pelo ônus da dívida.

Em 1930, após o craque em Wall Street, até os mais ardentes partidários da valorização devem reconhecer o erro. O Brasil "investiu" suas economias no estoque de 30 milhões de sacos de café, para os quais não há compradores. A dívida externa atinge 1.350 milhões de dólares, cujo serviço custa quase 100 milhões de dólares ao ano.

Então começa a política do desespero, a política suicida da incineração — o desenvolvimento na sua forma mais radical, a destruição pura e simples pelo fogo. O processo continua durante treze anos. Quase cinco milhões de toneladas, suficientes para o consumo mundial de três anos, e que aos preços atuais representariam um valor de 100 bilhões de cruzeiros, passam para as chamas. A história moderna não conhece nenhuma outra destruição voluntária de tais dimensões, em tempo de paz.

USINA E EDIFÍCIO

A má sorte que o capital brasileiro experimentou duas vezes com as suas inversões na agricultura estimulou seu interesse pela indústria e pela construção urbana, onde os riscos da conjuntura são menores e, com o crescimento da população e a expansão do mercado interno, as perspectivas parecem melhores. Como é a regra em países jovens, a primeira impulsão provém freqüentemente do desejo de explorar ao máximo o terreno. A tendência, de "valorizar" o terreno supera

e prejudica às vezes a exploração racional da terra. O fato é incontestável, mas as consequências não deviam ser sobrestimadas. No seu conjunto, o investimento no Brasil é tão racional quanto em qualquer outro país, determinado pelos critérios do rendimento e da produtividade, e não só da valorização especulativa.

Os rumos do investimento refletem-se no desenvolvimento das principais indústrias. Os investimentos feitos entre 1920 e 1940 na indústria têxtil — patriarcal e sempre a maior das indústrias nacionais — representam, ao valor atual da moeda, 6 bilhões de cruzeiros, e já no pós-guerra foram novamente investidos neste ramo 1.500 milhões, somente na aquisição de equipamento estrangeiro. A quase totalidade dos fundos provinha do capital nacional e do capital português, completamente radicado no país.

Os investimentos na siderurgia e metalurgia, nos últimos dez anos, ultrapassaram 5 bilhões, os recentes investimentos na energia elétrica atingem aproximadamente o mesmo montante. Na indústria química e farmacêutica foram investidos mais que 3 bilhões. A indústria nacional trabalha hoje com um capital de cerca de 70 bilhões de cruzeiros, não incluídos os numerosos pequenos estabelecimentos de caráter artesanal. Um terço deste capital foi investido, na última década.

TREM E AUTOMÓVEL

Malgrado a atividade notável do capital particular, a iniciativa privada deixa ainda um vasto campo aos poderes públicos. Notadamente, o investimento nos transportes esteve, na maior parte, a cargo destes últimos. O Brasil teve a má fortuna de ficar com uma rede ferroviária desproporcionalmente pequena, quando, nas vésperas da primeira guerra mundial, o capital internacional deixou de se interessar pela construção de estradas de ferro. De 1914 a 1950, foram

construídos no nosso país apenas 10.000 quilômetros — metade do que foi construído nos trinta anos antes de 1914.

Incapaz de preencher esta lacuna com o capital nacional disponível, o país orientou-se para o tráfego rodoviário, o que parecia, sob o aspecto do investimento, uma solução mais adequada, pois no automobilismo a despesa pública limita-se à construção e manutenção das estradas, enquanto a despesa com o material rodante fica a cargo dos particulares. Mas esse sistema é oneroso — a despesa total com o automobilismo ascendeu em 1949 a 18 bilhões de cruzeiros, — sobretudo para a balança de pagamentos, já que a quase totalidade dos veículos, e de gasolina é importada.

A redução dos investimentos públicos no transporte, imposto no momento pela situação financeira do governo, não pode ser senão temporária. O problema do transporte permanece o ponto nevralgico para uma política nacional de investimentos — ainda inexistente.

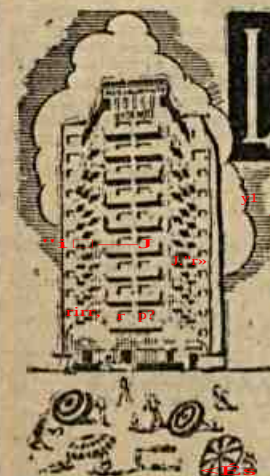
RENDA NACIONAL E INVESTIMENTOS

Numa época em que o investimento do capital estrangeiro se reduz cada vez mais a inversões governamentais — Export-Import Bank, Banco Internacional, Ponto 4 — o volume dos investimentos depende, antes de mais nada, da renda nacional. Um homem rico pode, em geral, investir mais que um pobre, quer dizer aplicar maior parte de sua renda em obras e empreendimentos que não servem ao consumo imediato, mas aumentarão seu rendimento num futuro mais ou menos distante. Em analogia com essa verdade evidente, formou-se a opinião de que em países com uma renda pequena os investimentos constituem parecer muito menor da renda nacional que em países mais ricos.

Contudo, na realidade, a diferença é menos acentuada. Necessidades imperiosas de ordem social, condições tecnológicas, o ciclo

vegetativo da produção — longo para o café, curto para cereais — costumes e influências institucionais, e sobretudo a distribuição da renda nacional determinam em países de um padrão de vida modesto investimentos iguais e até superiores aos dos países ricos. No caso do Brasil confirma-se este fato sociológico.

As estimativas seguintes estão baseadas num estudo mais extenso que o autor deste artigo fez recentemente para as Nações Unidas, e referem-se ao ano de 1949. Os investimentos feitos naquele ano no Brasil atingiam 37.635 milhões de cruzeiros. Deste total, 20.555 milhões devem ser considerados como equivalente da depreciação, e 17.280 milhões



LUXOR HOTEL

**CONFORTÁVEL HOTEL DE TURISMO
INSTALADO EM Suntuoso Edifício
BEM NO CENTRO DA PRAIA
DE COPACABANA**

**Todos os apartamentos têm vista para
o mar e são providos do máximo
conforto.**

Magnífico restaurante no 10.º andar.

**INSTALAÇÃO RADIO-ACÚSTICA EM
TODAS AS DEPENDÊNCIAS SOCIAIS**

AVENIDA ATLÂNTICA, 618-25512-4 - END. TELEGR. LUXORHOTEL - RU-27-0045

como investimento líquido. Admitindo que a renda nacional em 1949 tenha sido de cerca de 150 bilhões de cruzeiros, e o valor bruto da produção — sem considerar a depreciação — de 170 bilhões, o investimento total representou 22,1% do valor bruto da produção, e o investimento líquido 11,5% da renda nacional — percentagem semelhante à verificada no mesmo ano na Inglaterra.

As parcelas investidas nos diversos ramos da economia foram muito desiguais. O investimento líquido na agricultura limitou-se a cerca de 2 bilhões de cruzeiros; na indústria — exclusive eletricidade — a 3 bilhões, 36% do investimento total e 42% do investimento líquido foram aplicados em serviços públicos e transportes. A inversão na construção urbana manteve-se no nível dos anos anteriores, absorvendo 8,6 bilhões de cruzeiros, aos quais se acrescentavam 1,4 bilhões para móveis e instalações domésticas. Entretanto, mais que metade destas inversões representa mera substituição, e para criar habitações de acordo com o crescimento da população seriam necessárias inversões muito maiores. A afirmação de que o Brasil ficou ligeiramente abaixo dos 9 bilhões de cruzeiros realizados em 1949, e este ano teremos provavelmente novo decréscimo,

A PARTE DO CAPITAL ESTRANGEIRO

A parte do capital estrangeiro no investimento em nosso país é extremamente modesta. Nas vésperas da segunda guerra mundial, os capitais estrangeiros representavam um montante de 2 bilhões de dólares. Sessenta por cento deste total cabiam à dívida pública externa, e o resto a inversões diretas em empresas. Em consequência da desvalorização das moedas estrangeiras, em particular da libra, e em virtude de acordos com os credores e de resgates, a antiga dívida externa do governo ficou reduzida a 300 milhões de dólares. Com os novos compromissos e garantias governamentais, a dívida externa do Brasil, no sentido mais amplo da palavra, está atualmente pouco acima de 500 milhões de dólares. Diminuiu, pois, nos últimos doze anos, de 13 bilhões de cruzeiros.

As inversões diretas do capital estrangeiro acusam ligeiro aumento. Passaram de 800 milhões de dólares nas vésperas da segunda guerra mundial a cerca de um bilhão de dólares. Mas, a maior parte deste montante provém de reinvestimento dos lucros que as empresas estrangeiras o Brasil aplica parte demasiada de seu capital na construção urbana é, pois, bastante equívoca. A edificação residencial e comercial absorve apenas a quarta parte do investimento total.

Três quartos do investimento provém do capital particular e um quarto do governo da União, dos Estados e Municípios e das autarquias — não incluídos os Institutos de Previdência Social e Caixas Econômicas. Em 1950, a despesa pública com investimentos

obtiveram suas atividades no Brasil. A entrada líquida de capitais particulares sofreu no pós-guerra fortes flutuações: variou entre 5 e 40 milhões de dólares ao ano. Em 1949, o total do investimento estrangeiro, inclusive o reinvestimento, aproximou-se de 100 milhões de dólares; em 1950 foi um tanto maior, embora lucros no valor de 1.500 milhões de cruzeiros fossem transferidos para o exterior.

Entretanto, as inversões do capital nacional foram também em 1950 maiores que no ano anterior, e o investimento total ultrapassou provavelmente 40 bilhões de cruzeiros. Parece certo que nos dois últimos anos a parte do capital estrangeiro não representou mais de 5% do investimento total.

Em suma, os investimentos estrangeiros ocupam hoje um lugar muito limitado na economia do Brasil. Pela sua concentração em algumas indústrias e pelo controle de algumas empresas de primeira ordem, parecem maiores do que são na realidade. A grande massa dos investimentos é constituída pelo capital nacional, que aumenta num ritmo mais acelerado que a renda nacional e a população. Deve-se concluir destes fatos que o Brasil, malgrado seu modesto padrão de vida e a despeito da inflação crônica, já entrou numa fase de importante formação de capital por sua própria força.

Conta-se que um secretário de Washington, tendo comparecido ao serviço depois da hora marcada, e isto por mais de uma vez, tentou justificar-se com a expertise a que, habitualmente, recorrem as pessoas retardatárias:

— O meu relógio atrasa-se muito.

O presidente dos Estados Unidos respondeu-lhe, sorrindo:

— Pois nesse caso, compre, desde já, outro relógio, que não se atrase, para me poupar ao desgosto de, no caso deste fato se repetir, nomear outro secretário em sua substituição.

* * *

Pontualidade — é uma forma de respeito pelos outros. É também até certo ponto, um ato de consciência; porque uma entrevista é um contrato, expresso ou tácito e aquele que deixa de comparecer não só falta à palavra, como abusa, reprensavelmente, no tempo alheio, e acaba por adquirir, tão inevitável como justamente, uma péssima reputação.

Samuel Smiles

* * *

Um celibatário é um ente a quem falta alguma coisa: parece-se com a metade de um tesouro que sem a outra metade nada vale.

Benjamin Franklin

CIA. SEGUROS ARGOS FLUMINENSE

A mais antiga do Brasil

R. ALFÂNDEGA, 7 (ED. PRÓPRIO) RIO DE JANEIRO

OS RECURSOS MINERAIS DO BRASIL

INVESTIGAÇÕES REALIZADAS PELO "BUREAU DE MINAS" DOS ESTADOS UNIDOS

Washington — Agosto — (Harry W. Frantz, da U.P.) — O "Bureau de Minas" resolveu dar publicidade ao relatório, anteriormente "confidencial", sobre as investigações cuidadosas a que procedeu sobre os recursos minerais do Brasil, documento esse que mostra que a produção potencial desse país, nesse ramo, pode representar duas terças partes dos produtos minerais conside-

rados vitais, ora em escassez nos Estados Unidos.

A investigação abrange os anos de 1939 a 1944, quando os Estados Unidos tinham sua atenção voltada para o Brasil como fonte abastecedora de metais estratégicos. O relatório foi distribuído, a título particular, a altos funcionários oficiais, para informação.

Essa investigação, comparada com os cálculos atuais do "Bureau de Minas" sobre a dependência em que os Estados Unidos se acham do suprimento de metais do exterior, sugere a existência de um enorme campo futuro de cooperação entre os Estados Unidos e o Brasil, no que se refere ao desenvolvimento da mineração. Essa situação será discutida, sem dúvida, pela Comissão Mista de Fomento Econômico, ora reunida no Rio de Janeiro.

O "Bureau de Minas" calcula que, em comparação com a situação existente durante a 2.ª Guerra Mundial, a auto-suficiência dos Estados Unidos baixou no que se refere a nitratos, minério de ferro, petróleo, potássio, zinco, cobre, bismuto, chumbo, tungstênio, cádmio, arsênico, bauxita, grafite, mercúrio, manganês, platina, tântalo, asbestos de fibras longas, mica, cromito, molibdeno, fosfatos de rocha, magnésio e níquel.

Depois da 2.ª Guerra Mundial, a situação dos abastecimentos nos Estados Unidos só havia melhorado em relação ao enxofre, ao antimonio, ao carvão betuminoso, sal, rutílio e antimônio. A situação não se alterou no que se refere ao gás natural, ao hélio, ao cobalto, ao estanho, cristais de quartzo e diamantes industriais, mas este país continua a depender quase completamente de fontes estrangeiras para seu abastecimento de estanho, quartzo e diamantes industriais.

O relatório agora tornado público sobre os recursos minerais do Brasil sobre alguns desses produtos escassos mostra o seguinte:

ARSENICO — O Brasil produz por ano cerca de

CIA. LOPES SA
CIGARROS
LORD CLUB
INDUSTRIAL DE FUMOS

**Ótima
qualidade**

**SORTEIOS TRIMESTRAES
FISCALISADOS PELO
GOVERNO FEDERAL**

720 toneladas métricas de arsênico branco, como subproduto dos minérios de ouro minerados no Estado de Minas Gerais. O Brasil precisa de 2.000 toneladas por ano, de modo que esse produto não é exportado.

BAUXITA — O Brasil produz alguma bauxita, para uso de sua indústria química e para a purificação da água, e exporta uma parte para a Argentina, para esta última aplicação. Durante o período crítico da 2.ª Guerra Mundial duas pequenas partidas foram embarcadas para o Canadá e os Estados Unidos para a produção de alumínio, mas em condições normais o custo do transporte interno e marítimo excede o do próprio minério. A bauxita existente nos Estados da Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, com as reservas, é calculada de maneira vaga, que vai desde dez até duzentos milhões de toneladas.

CROMITO — A produção no Brasil foi de apenas algumas centenas de toneladas anuais entre a 1.ª e 2.ª Guerras Mundiais, mas chegou ao máximo da exportação em 1943, com o total exportado de 7.813 toneladas. Os principais depósitos estão nos Estados da Bahia, Minas Gerais e Goiás.

FERRO — Os mais valiosos recursos minerais do Brasil são seus minérios de ferro, com reservas avaliadas em vários bilhões de toneladas, inclusive um bilhão de toneladas de hematita, que contém mais de 60 por cento de ferro. O relatório comenta a importância do desenvolvimento ferroviário para o desenvolvimento da extração de ferro no Estado de Minas Gerais. Uma vez completada a rede ferroviária prevista para esse Estado, a investigação do "Bureau de Minas" calcula que a extração e a exportação atingirão cerca de 900 mil toneladas anuais, com a possibilidade de um aumento para 1.500.000 toneladas.

CHUMBO — As melhores jazidas conhecidas, as que mostra a investigação, estão no vale da Ribeira de Iguazu, entre os Estados de São Paulo e Paraná, e em Januário, no Estado de Minas Gerais. Em 1941, o Estado de São Paulo construiu uma fundição de chumbo, que entretanto foi fechada em 1942. As principais dificuldades que há no Brasil para a exploração do chumbo e do zinco são as decorrentes da falta de combustível local.

MANGANES — Logo depois do ferro, em importância, vem no Brasil o manganês. A produção, nos últimos 40 anos, provém principalmente do centro de Minas Gerais. A maior jazida de manganês conhecida em todas as Américas, com uma reserva calculada em trinta milhões de toneladas, é a de Urucum, perto de Corumbá, no Estado de Mato Grosso. (Nota: A investigação foi levada a efeito antes de descobertas as grandes jazidas do Amapá e do vale do Baixo Amazonas).

NIQUEL — Há cerca de umas doze jazidas nos Estados de Minas Gerais, Goiás

e Bahia, mas só está sendo explorada uma, em Livramento, Minas Gerais.

ESTANHO — Levado pela necessidade do tempo de guerra, o Brasil começou a produzir estanho pela primeira vez em 1940, e essa produção continua em pequena escala no Estado da Paraíba. A produção principal durante a guerra foi, porém, em São João Del Rei, em Minas, onde em 1943 chegaram a estar empregados dois mil homens, com a produção de 250 toneladas de estanho metálico.

TUNGSTÊNIO — É extraído sob a forma de "wolframito" nos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul. O máximo da produção foi em agosto de 1943, onde em cerca de sessenta localidades foram empregados mais de dez mil homens, com a produção semanal de 50 toneladas de tungstênio concentrado de alto grau.

ASBESTOS — Encontra-se em várias localidades do Brasil, mas só é minerado perto de Jaguá, no Estado da Bahia, onde as reservas existentes são calculadas em 4.600.000 toneladas.

MICA — O Brasil produz mica nos Estados de Goiás, São Paulo, e Bahia, mas o maior produtor é o Estado de Minas Gerais. Durante a guerra havia em operação cerca de 600 jazidas com 12.000 trabalhadores.

Há ainda a notar, como faz o relatório dessa investigação do "Bureau de Minas", que o Brasil é conhecido como a maior e melhor fonte de cristal de quartzo em todo o mundo.

* * *

Toda a história humana é, fundamentalmente, uma história de idéias. Entre o homem de hoje e o homem de Cro-Magnard as diferenças físicas e mentais são bem insignificantes: a diferença essencial está na extensão e no conteúdo do lastro intelectual que adquirimos nas quinhentas ou seiscentas gerações que intervieram.

H. G. Wells

* * *

O amor faz-se rogado
Eu não no rogo a ninguém
Arrengo dos amores
Que a poder de rugos vem.

* * *

O bom senso é guarda-portão do espírito;
o seu mistério não deixar entrar nem sair
as idéias suspeitas.

* * *

Daniel Stern

Certa gente é estúpida de mais para comeder loucuras.

Artur Helps

MEDICAMENTOS?

Economize, comprando na

DROGARIA V. SILVA

O PALÁCIO DAS DROGAS

Assembleia, 64 e 66 — a 93 passos da Avenida

De Cem em Cem anos

Veneza - Leonardo Da Vinci -
Savonarola - União Sul-Africa-
na - Daniel Webster - Alvares
de Azevedo

FUNDAÇÃO DE VENEZA

452

**VENEZA: GRANDE CANAL, PONTE DO RIALTO**

Veneza não tem tradições antiquíssimas. Não foi colônia fenícia nem cartaginense, nem grega, nem mesmo município romano. Anteriormente aos romanos, na região do delta do rio Pô, existia a cidade de Spina, que, ao tempo do nascimento de Cristo, se tornou a movimentada cidade de Adria. Na época de Roma, a cidade que se falava, no norte do Adriático, era Aquilêia, considerada pela opulência de sua vida, a suntuosidade de seus edifícios e cultivo de seus habitantes, como rival da própria Roma. Aquilêia é hoje uma modesta aldeia da Venezia Giulia.

ETAPAS DO ESPLendor E DECADENCIA DE VENEZA

Os primitivos habitantes dessa região adriática, procederam da Bretanha, mas para outros geógrafos e historiadores gregos, vieram da Ilíria, da Patlagonia (Ásia Menor) e até do Báltico. Certo é que esses habitantes de terra firme, para escapar aos invasores bárbaros, os Godos, os Longobardos e os Hunos, refugiaram-se nas lagoas da região do delta. A maioria desses refugiados procediam de Altino e de Pádua, e já eram em número considerável quando Attila destruiu Aquilêia, em 452. Os habitantes da opulenta cidade da Ilíria procuraram o mar, no refúgio, marcando-se o ano de 452 com a fundação da cidade que se transformaria na rica e poderosa República de Veneza. Um século depois, podiam os venezianos desafiar Bizâncio com esta muito altiva resposta: "Aqui nenhum imperador e nenhum rei nos pode tocar, fomos nós que sobre lagoas, levantamos esta cidade".

Em 828, os venezianos foram buscar em Alexandria, no Egito, os despojos sagrados do evangelista S. Marcos, transformando a cidade em ponto de trânsito, ponto franco, mercado e em ponto de partida para as expedições e expedições das mais diversas procedências e despachavam-nas em suas galeias para os diferentes destinos. Conquistada a Istria e a Dalmácia, o Adriático começou a ser considerado um lago veneziano. No ano 1000, Veneza possuía mais de 3.000 veleiros. Vencida, em 1380, Gênova, sua grande rival, Veneza, dominou o Mediterrâneo.

Em 1204, quatro grandes povos nórdicos empreendiam a conquista. Os tchecos, povo eslavo, avançaram para a Boêmia e Morávia. Os anglosaxões e juleses atravessavam para a Britânia e os celtas fugiam diante deles para a Bretanha. Os vândalos e os alanos fundaram seu reino na Sicília e na África. Os hunos marchavam para o Sul, causas que inflamaram para o poder de Veneza.

Queda de Bizâncio, em poder dos cruzados comandados por Veneza (1204), ficando em poder desta todos os pontos e ilhas importantes do Mar Egeu, e, mais tarde, Creta, Chipre e a ilha de Tenetos, que dominavam a entrada dos Dardanelos.

Vitória de Chioggia, em 1380, que excluiu o poderio de Gênova.

Sistema de colonização pela formação de quinquaginta verdadeiras quintas-colunas, nos territórios ocupados, por meio de quartéis venezianos dispostos de administração própria, representação consular e tribunal de

justiça, esculpindo em tôdas as portas e portões a figura do leão de S. Marcos.

◆ As viagens dos irmãos Polo e o livro de Marco Polo.

◆ Descobrimento do Cabo da Boa Esperança (Bartolomeu Dias, 1486). Viagem de Vasco da Gama à Índia, pela nova rota (1497).

◆ Batalha de Lepanto (1571).

◆ Perda de Chipre, em 1573.

◆ Perda de Creta, 1669, após 24 anos de lutas contra os turcos.

VENEZA

TAINE

É a pérola da Itália; nunca vi nada igual; não sei senão de uma cidade que se lhe aproxima, e isto de longe, e somente pelas arquiteturas: é Oxford. Em toda a península não há nada que se lhe compare. Quando a gente se recorda das infectas ruas de Roma e de Nápoles, quando se passa nas ruas secas, estreitas de Florença e de Viena, e quando em seguida se olham esses palácios de mármore, essas pontes de mármore, essas igrejas de mármore, esse soberbo ornato de colunas, de balcões, de janelas, de cornijas, góticas, mouriscas, bizantinas e a universal presença da água movente e cintilante, pergunta-se por que se não veio logo aqui, por que se perderam dois meses nas outras cidades, por que se não empregou todo o nosso tempo em Veneza. Faz-se o projeto de nos estabelecermos aqui, jura-se que se voltará, pela primeira vez admira-se não só com o espírito, mas com o coração, com os sentidos, com toda a pessoa. Sente-se a gente prestes a ser feliz; dizemos a nós mesmos que a vida é bela e boa. Não é preciso senão abrir os olhos, é excusado mexerem-nos muito; a gôndola avança com um movimento insensível; estamos deitados, deixamos ir sem resistência o corpo e o espírito. Chegamos às faces um ar úmido e brando. Vê-se ondular na larga toalha do canal as formas róseas dos palácios adornados na frescura e no silêncio da aurora; esquece-se de tudo; o nosso mistér, os nossos projetos, até nós mesmos; olha-se, colhe-se, saboreia-se, como se de repente, libertados da vida, aéreos, adjeássemos acima das coisas, na luz e no azul.

O Grande Canal desdobra a curva entre duas fileiras de palácios que, construídos cada um à parte e para si mesmo, combinaram sem querer as suas diversidades para o embelezar. A maior parte são da Idade Média com janelas ogivais coroadas de trevos, com balcões guarnecidos de flores e rosáceas, e a rica fantasia gótica desabrocha na sua renda de mármore sem nunca cair na tristeza ou na fealdade; outros, da renascença, sobrepõem as suas três ordens de colunas antigas. O porfiro e a serpentina incrustam por cima das portas as suas pedras preciosas e polidas. Algumas fachadas são cor de rosa ou pintadas com tintas leves, e os seus arabescos assemelham-se aos lápis que a vaga desenha sobre uma areia fofa. O tempo pôs a sua librê grisalha sobre tôdas essas velhas formas, e a luz da

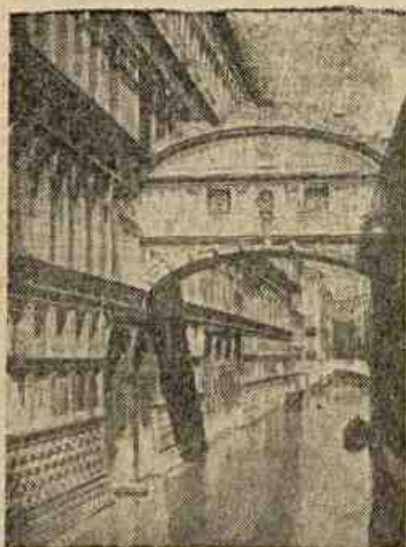
manhã ri deliciosamente na água que se desdobra aos nossos olhos.

O canal volta, e vê-se elevar da água, como uma rica vegetação marinha, como um esplêndido e estranho coral esbranquiçado, Santa Maria della Salute com suas cúpulas, os seus montes de esculturas, o seu frontão carregado de estátuas; mais longe, San Giorgio Maggiore, como uma pomposa concha de nácar. À direita, São Marcos, o zimbório, a praça, o palácio ducal. O que sempre domina é a fantasia rica e múltipla, a diversidade e o contraste que conduzem à harmonia. A admirável praça, ornada de pórticos, alonga em quadrado a sua floresta de colunas; os seus capitéis coríntios, as suas estátuas, a disposição nobre e variada das suas formas clássicas. Na sua extremidade eleva-se a basílica sob as cúpulas bulbosas e os campanários agudos, com suas arcadas ornadas de figurinhas, os seus pórticos cheios de colunelos, as suas abóbodas forradas de monácos, os pavimentos incrustados de mármore coloridos, as cúpulas cintilantes de ouro: estranho e misterioso santuário, espécie de mesquita cristã, em que "quedas de luz" vacilam na sombra avermelhada, como as asas dum galo no seu subterrâneo de púrpura e de metal. A vinte passos, nu e direito como um mastro de navio, o gigantesco campanário levanta-se ao céu e anuncia de longe aos viajantes do mar, a velha realza da cidade do Adriático. Aqui e ali vinte destroços ilustres fazem no ar livre um museu e um memorial: colunas quadrangulares trançadas de San João d'Acre, uma quadriga de cavalos de bronze tirada de Constantinopla, pilares de bronze a que se ligavam os estandartes da cidade, dois fustes de granito que têm no cimo o crocodilo e o leão alado da república, e diante deles um largo cais de mármore e escadarias a que se amarra a esquadriha negra das gôndolas. Em torno das arquiteturas, a água faz serpentear o seu quadro mágico, os seus tons esverdeados ou azulados, o seu cristal cambiante e glauco. No horizonte, para leste, descobre-se no fim do cais dos Esclavões mastros de navios, tápos de igrejas, a verdura dum grande jardim. Tudo isso sai das águas, de tôdas as partes se vê a água entrar pelos canais, vacilar ao longo do cais, orlar as igrejas. O mar bruno, luminoso, envolvente, penetra e cinge Veneza como uma glória.

Nunca se viu arquitetura semelhante; tudo ali é novo. Todos os hábitos da vista se aniquila, e com uma surpresa encantadora vê-se a fantasia oriental assentar o maciço sobre o vazio em vez de assentar o vazio sobre o maciço. Uma colunata de fustes robustos sustenta uma segunda muito leve, dentada de ogivas e de trevos e sobre este apoio tão débil estende-se um muro maciço de mármore vermelho e branco cujas peças se entrecruzam em desenhos e refletem a luz. Entra-se, e de repente os olhos enchem-se de formas. Em torno de duas cisternas revestidas de bronze, quatro fachadas desenrolam a sua arquitetura e as suas estátuas. Subimos os degraus de príncipes e somos acolhidos no cimo desses degraus por um S. Marcos de Tintoreto, suspenso no ar como um velho Saturno, com duas soberbas mulheres, a Força e a Justiça, companheiras dum doge que recebe delas a espada de comando e de combate. No cimo abrem-se a sala do governo e a sala solene, tôdas ata-

petadas de pinturas; ali Tintoretto, Verones, Pordonsone, Palma, o moço, Ticiano, Bonifácio, viate outros cobriram com suas obras-primas as paredes e as abóbadas de que Palladio, Aspetti, Scamozzi e Sansovino fizeram os desenhos e o ornamento. O espírito encontra-se obstruído e como ofuscado.

Para-se e fecha-se os olhos; depois, faz-se uma escolha; não vi hoje bem senão um quadro, o Triunfo de Veneza, pelo Veronês; este é um festim para os olhos. No meio



VENEZA: Ponte dos Suspiros

duma grande arquitetura de balões e de colunas, a loura Veneza está sobre um trono. Em volta dela vê-se um círculo de donzelas que se inclinam com um sorriso voluptuoso e altivo. No meio delas, Veneza, faustosa e terna todavia, parece uma rainha que não reivindica senão o direito de ser feliz e que quer tomar felizes os que olham para ela; sobre a cabeça serena, dois anjos colocam-lhe uma coroa.

Que miserável instrumento é a palavral! Um tom de carne satinea, uma sombra luminosa sobre um ombro nu, um frêmito de claridade sobre uma sêda movente, atraem os olhos durante um quarto de hora, e não se tem mais do que uma frase vaga para os exprimir. Como mostrar a harmonia duma roupagem azul sobre uma saia amarela, ou dum brago cuja metade está na sombra e a outra ao sol? E não obstante quase todo o poder da pintura reside nisto, no efeito duma nota sobre uma nota...

Por baixo dento céu ideal, por trás duma balaustrada, estão venezianas vestidas à época, decotadas em quadrado. E o mundo real é tão encantador como o outro. Uma, na flor da juventude, tem a carinha mais interessante que pode haver. Esta, soberba, de mangas vermelhas listradas de ouro, pára no caminho, e os seios incham-lhe a camisa.

Uma pequenita loura, nos braços de uma velha, levanta a mão mimosa com ar travesso e a sua carita é uma rosa. E como essas sêdas amarrotadas, cintilantes, essas pérolas brancas e diáfanos ficam bem sobre essas teses transparentes, delicadas como pétalas de flores!

Cá mais em baixo agita-se por fim a multidão viril: guerreiros, cavalos empinados, grandes togas ruisselantes, um soldado que toca num clarim encapuzado de roupagens, um dorso de homem nu junto duma couraça, e em todos os intervalos uma multidão de cabeças vigorosas e vivas; a um canto, uma jovem e seu filho; tudo isto acumulado, disposto, diversificado com uma opulência de gênio, tudo isso iluminado como o mar no verão por um sol prodígio. Eis o que era preciso levar conosco para conservarmos uma ideia de Veneza...

Abril de 1864

◆ Nesta cidade, única no mundo, não existe aquela enganadora pressa que, no século atual, tanto destrói a vida do homem. Em cada uma de suas casas, construídas por cima d'água sobre estacas esverdeadas e corroídas, ressurge, incessantemente, o espírito de Veneza a lembrar-nos o esplendor e a grandeza do passado.

Emil Ludwig

O casamento de Veneza com o Adriático

Instituída por um doge de Veneza, no ano 1000, para comemorar a conquista das costas da Dalmácia, e oficializada pelo Papa Alexandre III, em reconhecimento do auxílio de Veneza nas suas lutas com o imperador alemão, a cerimônia do casamento da cidade com o Adriático é uma das tradições mais caras aos venezianos. No dia da Ressurreição, um navio dourado — o Buzino d'oro — faz-se ao mar levando o doge, o cardeal e sua comitiva de senadores. Atingido o ponto da solenidade, o cardeal ergue os braços pedindo a proteção de Deus, que o mar se tornasse bonangoso. Os sacerdotes entoavam um cântico e, finalmente, chegada a vez do doge, este, de pé na ponte do navio de ouro para que todos vissem, levantada a mão esquerda e tirava lentamente do dedo um antigo e pesado anel de ouro, encrustado de pedras preciosas. Por fim, pronunciando as palavras "Desponsamus te mare" — atirava o anel sobre as ondas.

"Tudo o que me rodeia aqui — escreveu Goethe em 1786, sobre Veneza — é uma grande e respeitável obra de força concentrada do homem, o esplêndido monumento, não de um soberano, mas de um povo. Se algum dia, suas lagoas forem aterradas, exalações perniciosas cobrirem os seus brejos, seu comércio enfraquecer e seu poderio decair, nem por isso serão menos estimáveis a organização e o caráter intrínseco de República. Tudo aqui parece uma velha família que ainda se agita, embora já tenha passado a época da sua florescência e fertilidade".

BANCO DO BRASIL S. A.

SEDE — DISTRITO FEDERAL — RUA 1.º DE MARÇO N.º 66

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

MÁXIMA GARANTIA A SEUS DEPOSITANTES

NOVA TABELA DE JUROS PARA AS CONTAS DE DEPÓSITOS

DEPÓSITOS POPULARES 5 %

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Limite de Cr\$ 10.000,00. Depósitos mínimos de Cr\$ 50,00. Cheques do valor mínimo de Cr\$ 20,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr\$ 50,00, os saldos excedentes ao limite e as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura.

DEPÓSITOS LIMITADOS — Limite de Cr\$ 100.000,00 4 ½ %
— Limite de Cr\$ 200.000,00 4 %
— Limite de Cr\$ 500.000,00 3 ½ %

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósitos mínimos de Cr\$ 200,00. Cheques do valor mínimo de Cr\$ 50,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr\$ 200,00, os saldos excedentes aos limites e as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura.

DEPÓSITOS SEM LIMITE 2 %

Juros anuais, capitalizados semestralmente. Retiradas livres. Depósito inicial mínimo a partir de Cr\$ 1.000,00. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr\$ 1.000,00, nem as contas encerradas antes de 60 dias da data da abertura. Melhores taxas de juros para as contas de depósito não inferiores a Cr\$ 1.000.000,00.

DEPÓSITOS DE AVISO PRÉVIO

Retirada mediante aviso prévio de 60 dias 4 %
Retirada mediante aviso prévio de 90 dias 4 ½ %
Juros anuais, capitalizados semestralmente. Depósito inicial mínimo a partir de Cr\$ 1.000,00. Sem limite os depósitos posteriores e as retiradas. Não rendem juros os saldos inferiores a Cr\$ 1.000,00.

DEPÓSITOS A PRAZO FIXO

Por 12 meses 5 %
Por 12 meses, com retirada mensal da renda 4 ½ %
Juros anuais. Depósito mínimo de Cr\$ 1.000,00. Melhores taxas de juros para os depósitos por prazo superior a 12 meses.

LETRAS A PRÊMIO

De prazo de 12 meses 5 %
Juros anuais. Depósito mínimo de Cr\$ 1.000,00. Letras nominativas, com os juros incluídos, seladas proporcionalmente. Melhores taxas de juros para as letras de prazo superior a 12 meses.

O BANCO DO BRASIL S. A. tem Agências nas principais cidades do país e duas no exterior, para todas as operações bancárias, inclusive o recebimento de depósitos.

No DISTRITO FEDERAL, estão em funcionamento — além da AGÊNCIA CENTRAL, à Rua 1.º de Março n. 66 — as seguintes AGÊNCIAS METROPOLITANAS:

AGÊNCIAS:

Bandeira — Rua Mariz e Barros n. 44; Bangu — Av. Santa Cruz n. 1.697; Botafogo — Rua Voluntários da Pátria n. 449; Campo Grande — Rua Campo Grande n. 162; Copacabana — Av. N. S. de Copacabana n. 1.292, loja; Glória — Rua do Catete n. 238-A; Madureira — Rua Carvalho de Souza n. 299; Méier — Av. Amaro Cavalcanti n. 95; Ramos — Rua Leopoldina Rêgo n. 78; São Cristóvão — Rua Figueira de Melo n. 360; Saúde — Rua Livramento n. 63; Tijuca — Rua General Roca n. 661; Tiradentes — Av. Gomes Freire n. 196.

QUINTO CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE LEONARDO DA VINCI

— 1 4 5 2 —

Nasceu Leonardo Da Vinci em Florença, em 1452. Estudou sob a direção de Andrea Verrocchio, que abandonou a arte, desesperado por não poder rivalizar com o discípulo. Entrou para o serviço do Duque de Milão por volta do ano 1483; fundou naquela cidade uma academia de artes; modelou uma estátua equestre de Francisco Sforza; em 1487 pintou a "Última Ceia" na parede do refeitório dum convento de Milão. Em 1492 voltou para Florença, e em 1502 passou a ser arquiteto e engenheiro de Cesar Borgia. Mais tarde foi pintor régio de Luiz XII de França; foi por algum tempo patrocinado pelo Papa Leão X, mas caiu no seu desagrado; deixou-o e passou ao serviço de Francisco I, de França, com quem foi para este país em 1517. Morreu a 2 de maio de 1519.

Leonardo era filho natural de um advogado florentino. A mãe, sobre quem nada sabemos, era provavelmente da aldeia de Vinci, donde o nome do filho. O pai deve ter-se interessado por ele, pois o menino recebeu a educação de um jovem cavalheiro, e tendo mostrado forte inclinação pelas artes, foi enviado a Andrea del Verrocchio, a fim de que este o iniciasse nas mesmas.

Costumamos imaginar Leonardo como um velho de alva barba abundante, porque o seu auto-retrato (a giz vermelho) assim no-lo apresenta. No entanto, quando jovem deveria ser bem diferente, pois muitos de seus biógrafos decantam-lhe a beleza de traços, o encanto de maneiras que tinham o dom de atrair-lhe a geral simpatia.

Nascido no ano de 1452, numa tranquilla aldeia italiana, revelou-se desde os primeiros tempos da infância, um desses raros meninos prodígio. Vassari, famoso biógrafo de pintores, assim fala: "Em aritmética fez logo tão rápidos progressos que muita vez confundia o próprio mestre. Entregou-se ardentemente ao estudo da música e em pouco, acompanhando-se no seu alaúde, tocava e cantava música e versos por ele compostos". O desenho e a escultura constituíam porém a sua maior paixão. Assim, em 1470 achava-se em Florença pôs-se a trabalhar com plácidos e tintas, tendo nêle Verrocchio mais um colaborador do que um simples aluno. A fama do jovem e genial artista não tardou em espalhar-se e assim, em 1483, Lourenço de Médicis, governante de Florença, mandou-o como seu representante official a Ludovico Sforza, mais conhecido como Ludovico o Moro, que era chefe político em Milão; de tal modo agradou ao ditador milanês que este o conservou em sua corte por mais de dezesseis anos. Foi naqueles dias que Leonardo deu início a algumas telas que terminou, mas muitas outras, tal como a "Última Ceia", jamais passaram da fase de experiência. Trabalhou na catedral de Milão, dirigiu a remodelação do castelo ducal, traçou planos para a irrigação das planícies da Lombardia e para a abertura do canal de Maremma. Nas horas vagas organizava espetáculos e escrevia as mascaradas e as fábulas a serem representadas. Engenheiro também, estabeleceu planos para as fortificações de sua cidade adotiva e deu começo a uma colossal estátua equestre de Francisco Sforza, monumento esse que nunca foi terminado.

Em meio de tantas e tão variadas ocupações, Leonardo ainda encontrava tempo para estudar anatomia, observar o voo dos passaros, construir uma máquina de voar (que só não voou por falta de motor) delinear



AUTORETRATO A SANGUINEA, de Leonardo da Vinci, Biblioteca Real, Turim.

planos para uma nova sede do govôrno municipal, reunir grupos de velhos bebados a fim de estudar-lhes a fisionomia, fazer preleções sobre as artes na praça do mercado, montar a cavalo e saltar obstáculos, estudar matemática com Toscanelli (cujo mapa-mundi foi utilizado por Colombo em sua primeira travessia do oceano) aprofundar-se em astronomia, trabalhando sempre o desenho e a música.

Em 1502, Cesar Borgia mandou buscar Leonardo a fim de que este levasse a termo vastos projetos de engenharia na Itália central, onde se demorou diversos meses. De tal modo se multiplicaram seus tão diversos trabalhos, tantas eram as encomendas de todas as espécies, que se viu obrigado a manter simultaneamente três ateliers, um em Florença, um em Milão e outro em Roma, onde um de seus antigos protutores, os Médicis, agora ocupava a Santa Sé. E sua pintura a criar maravilhas eternas: A Virgem do Rochedo, hoje no Louvre; as decorações internas da Sala della Torre, no Castelo; o imortal retrato da esposa de Zanobi del Gio-

contô, aquela mulher de indecifrável sorriso (como se fosse a própria Estígia que estivesse a sorrir) tella que quatro séculos vêm admirando: a Gloconda ou Mona Lisaisa. □□□□

Contava agora sessenta anos de idade e ainda se sentia em plena robustez; mas eis que surgiam Miguel Angelo — que não gostava de Da Vinci — e Rafael. E Leonardo achou que era tempo de transferir-se para outras bandas. Cansara-se da música e da pintura e cada vez mais se apaixonava pelos estudos científicos. Foi justamente quando Francisco I de França, ofereceu-lhe em sua corte uma posição na qual poderia trabalhar com toda liberdade e sossego. O castelo de Cloux, perto de Amboise, foi posto à disposição do artista-sábio. Despediu-se Leonardo da bela Itália e com uma comitiva de aprendizes, modeladores, fundidores, secretários, desenhistas e criados, rumou para o voluntário exílio. □□□□

La finalmente realizar tudo quanto sonhara! Mas era tarde... □□□□

Trouxeram as forças, a mão cansada não mais queria auxiliar ao cérebro. Tentou tornar-se canhoto e dessa forma ainda escreveu, traçou, desenhou. □□□□

Em 1519, após dois anos e meio a serviço do rei de França, sentiu que o fim terreno se aproximava. Mas trabalhava, trabalhava ainda e havia iniciado os planos para a construção de um canal que devia ligar os rios Loire e Saône. Nas vésperas da Páscoa, redigiu seu testamento que era mais uma prova da sua proverbial generosidade. Estava preparado para a Grande Viagem. □□□□

E numa noite de maio, de 1519, tranquilamente adormeceu e neste mundo, não mais despertou. Leonardo Da Vinci foi o maior gênio da pintura, tendo sido também o profeta de tudo quanto o mundo iria revelar. □□□□



VIRGEM DOS ROCHEDOS, de Leonardo da Vinci, data de 1483. É uma das preciosidades do museu do Louvre, Paris. □□□□

A COMPOSIÇÃO NA PINTURA

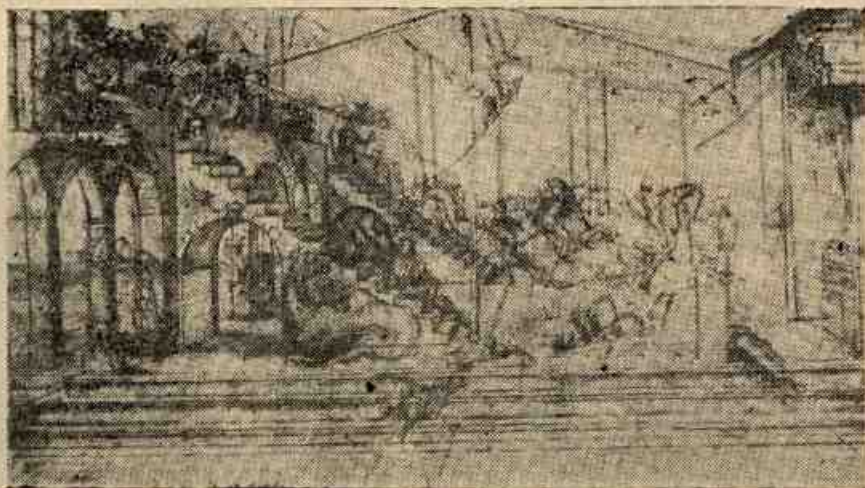
por **LEONARDO DA VINCI**

(do Tratado da Pintura) □□□□

COMO SE REPRESENTA UMA TEMPESTADE

Para formar uma idéa justa duma tempestade, devemos considerar atentamente os seus efeitos. Quando o vento sopra violentamente por sobre o mar ou a terra, desloca e leva consigo tudo o que não está firmemente fixo à massa geral. As nuvens devem parecer dispersas e rotas, arrastadas na direção e conforme a força do vento, e confundidas com nuvens de aréa que se levantam da praia; devem representar-se ramos e folhas de árvores, como impelidas pela violência do vento, juntamente com outras árvores e leves substâncias, espalhadas no ar. As árvores e erva devem estar curvadas para o chão, como que cedendo à correnteza do vento. Os ramos devem estar torcidos fora do seu natural, com as folhas voltadas e emaranhadas. Quanto às figuras dispersas na pintura, devem algumas aparecer arrojadas

no chão, tão envolvidas nos seus mantos e cobertas de pó que mal se possam distinguir. Das que fiquem de pé, umas devem estar abrigadas e segurando-se com força por detrás de algumas grandes árvores, para escaparem à mesma sorte; outras inclinadas para o chão, protegendo a cara do pé, com as mãos, os cabelos e roupas voando para o ar à mercê do vento. □□□□
As grandes e tremedais vagas do mar tempestuoso devem estar cobertas de espuma, cujas partes mais tênues sejam levadas pelo vento, como se fossem uma névoa intensa, misturada com o ar. □□□□
Os navios que se vejam, devem ser representados com o cordame arrebatado e as velas rotas. Uns com mastros partidos, derubados e o casco todo adornado entre as vagas alterosas. Parte da tripulação aparecerá como clamando em alto grito por socorro e agarrada aos restos do desmantelado navio. As nuvens parecerão atiradas por tempestuosos ventos de encontro aos cumes de altas montanhas, envolvendo-as, quebrando



ESTUDO DE PERSPECTIVA, de Leonardo da Vinci, Palácio dos Offícios, Florença.

do-se como as ondas contra uma costa de ☐ppastidas, galopando fora do corpo principal, introduziremos também uns pequenos donhamente obscurecida pelo nevoeiro, pelo ☐onhos de pó, tão separados uns dos outros pó e pelas grossas nuvens ☐ens. ☐com como os saltos do cavalo, e estes pequenos raios ir-se-ão tornando mais fracos, raros

COMO COMPOR UMA BATALHA ☐e desvanecendo, à proporção que o cavalo, os vai deixando para trás. Por consequência

Primeiro a atmosfera deverá apresentar ☐aquele que estiver mais perto dos pés do uma mistura confusa de fumo proveniente ☐cavalo, será o melhor determinado, mais das descargas de artilharia e mosquetaria, e ☐ppaqueiro e mais denso de todos.

do pó levantado pelos cavalos dos comba ☐AA atmosfera deverá apresentar-se através- tentas; observaremos que o pó, que sobe da ☐saída em todas as direções por frechas; umas terra, é pesado, mas no entretanto, em ra ☐subindo, outras descendo e outras voando zão das suas ínfimas partículas, é facilmente ☐horizontais. As balas dos mosquetes, con- impellido para cima e misturado com o ar; ☐quanto se não vejam, serão indicadas na apesar disso, cai naturalmente com o ar ☐sua trajetória por um rasto de fumo, que se as suas partes mais sutis é que alegram al ☐destaca dentre a confusão geral. As figuras guma considerável altitude, tornando-se na ☐mo primeiro plano deverão ter os cabelos co- parte mais alta, tão fino e transparente, que ☐bentes de pó, assim como as sobrancoelhas e quase parece da cor da atmosfera ☐tG todas as partes suscetíveis de o reter.

O fumo assim misturado com a atmosfera ☐ra ☐O partido vencedor, correrá para a frente, cheia de pó, forma uma espécie de nuvem ☐os cabelos e coisas leves voando ao vento, as negra, no cimo da qual ele se destaca do pó, ☐sobrancoelhas carregadas e o movimento de por uma expressão azulada, pois o pó conser- ☐todos os membros propriamente combinado; va mais a sua cor natural. Do lado de onde ☐ppor exemplo ao avançar o pé direito, o bra- vem a luz, esta mistura de ar, fumo e pó, ☐go esquerdo deverá vir à frente também. pareará muito mais brilhante do que do ☐Sse quisermos representar alguns débeis caído lado ☐osto. ☐marcaremos o vestigio da queda no pó cober-

Quanto mais envolvidos estiverem os com- ☐to de sangue coalhado e escorregadio; e onde bantes neste tumultuoso nevoeiro, menos ☐a terra estiver menos imprugnada de sangue, distintamente visíveis serão, e as suas lu ☐deixaremos ver os sinais dos pés dos homens zes e sombras serão mais confusas. Tinhamos ☐e cavalos que por ali passaram. Representa- duma cor avermelhada, os rostos e os cor- ☐rçemos alguns cavalos arrastando os corpos pos dos mosqueteiros e todos os objetos pró- ☐dos seus cavaleiros e deixando atrás de si cimos, mesmo a atmosfera ou uma nuvem ☐um sulco aberto pelo corpo assim rojado, de pó; em resumo tudo quanto os rodear. ☐AAAs fisionomias dos que vão sendo vencidos Esta tinta avermelhada irá desvanecendo ☐deverão aparecer pálidas e abatidas. As so- medida que os objetos estiverem afastados ☐brancas levantadas e muitas rugas pela da causa ☐cial. ☐testa e pelas faces. As suas narinas um pou-

O grupo de figuras que aparece a certa ☐cco dilatadas, formando várias rugas arque- distância entre o espectador e a luz, for- ☐das terminando nos cantos dos olhos, rugas mará uma massa escura sobre um fundo ☐que são produzidas pelo abair e levantar das claro; e as suas pernas serão tanto mais in- ☐narinas. O lábio de cima levantado, deixan- decidas e obscuras quanto mais próximo do ☐do ver os dentes. As bocas todas abertas solo, onde o pó é mais pesado e denso. ☐e exprimirão violentas lamentações. Poderá

Se quisermos representar alguns cavalos ☐um ficar caído no chão fétido, esforcando-se

por amparar o corpo com uma mão e tapando os olhos com a outra, de palma voltada para o lado do inimigo. Outros fugindo e com as bocas abertas parecendo gritar. Por entre as pernas dos combatentes o chão deve estar juncado de toda a qualidade de armas como escudos partidos, lanças, espadas, etc. Deveremos apresentar diversos cadáveres, uns completamente cobertos de pó, outros só em parte; o sangue que parece sair imediatamente da ferida, deverá ter a sua cor natural e escorrer em fio tortuoso até que, misturando-se com o pó, forme uma espécie de lama avermelhada. Alguns poderão estar na agonia da morte; os dentes cerrados, os olhos desvairadamente fitos, os punhos fechados e as pernas em contorcidas posições. Outros aparecerão desanimados e batidos pelo inimigo, mas ainda lutando a murro e a dentes, e procurando tirar uma terrível ainda que inútil desforra. Poder-se-á também representar um cavalo perdido sem cavaleiro, fugindo em desordenada aflição; a crina voando ao vento, pisando debaixo das patas tudo o que lhe aparece na frente e causando imenso mal. Poder-se-á também pintar um soldado ferido, meio caído no chão e tentando cobrir-se com o escudo, enquanto um contrário inclinado sobre ele procura dar-lhe o golpe final. Vários cadáveres amontoar-se-ão debaixo dum cavalo morto. Alguns dos vencedores, como que parando de combater, estarão limpando a cara do pó misturado com o suor e água dos olhos.

O corpo de reserva representar-se-á avançando alegre mas cautelosamente, as sobranças contraladas fazendo da mãos para observar os movimentos do inimigo, por entre as nuvens de pó e fumo e parecendo todos atentos às ordens do comandante. Poderemos também representar o comandante, brandindo o seu bastão, avançando e apontando para o sítio aonde eles são precisos. Pode-se também introduzir um ribeiro com cavalos a atravessá-lo, chapinhando a água para o ar, e cobrindo toda a terra em volta de água e espuma. Não se deve deixar um só sítio sem sinal de sangue e carnificina.

REPRESENTAÇÃO DUM ORADOR E DO SEU AUDITÓRIO

Se tivermos de representar um homem a falar a uma grande assembleia, teremos de considerar o assunto do discurso e adaptar a sua atitude a esse assunto.

Se o orador pretende convencer é preciso demonstrá-lo pelo gesto. Se estiver dando uma explicação deduzida de diversos fatos, deverá meter um dedo da mão esquerda entre dois da direita, e conservar os dois encolhidos, e voltar a cara para o auditório com a boca entreaberta parecendo falar. Se estiver sentado deverá parecer que se vai levantar um pouco, e ter a cabeça inclinada para a frente.

Mas se for representado de pé, terá o peito e a cabeça inclinada para a frente para o lado do auditório. Este deverá parecer silencioso, atento, com os olhos fitos no orador em sinal de admiração. Deverá haver alguns velhos com as bocas muito fechadas em sinal de aprovação e os lábios apertados de maneira a fazerem rugas aos cantos da boca e nas bochechas, e na testa ao levantar as sobrancelhas, como que assombrados de espanto. Uns sentados, com as mãos entrelaçadas em volta dos joelhos; outros com uma

perna por cima da outra e sobre ela uma mão suportando o cotovelo, e a outra segurando o queixo, coberto de barba venerável.

DOS GESTOS DEMONSTRATIVOS

A ação pela qual uma figura indica qualquer ponto próximo, quer no sentido de tempo quer na situação, deve ser expressa pela mão ligeiramente afastada do corpo. Mas se esse mesmo ponto estiver muito afastado, a mão deve também estar muito retirada do corpo e a cara da figura voltada para aqueles a quem o está a apontar.

SOBRE A ATITUDE DOS CIRCUNSTANTES PERANTE ALGUM ACONTECIMENTO SENSACIONAL

Todos aqueles que assistem a um acontecimento digno de menção exprimem a sua admiração, mas de diferentes maneiras como quando a mão da justiça pune um malfetor. Se o assunto for um ato de devoção, os olhares de todos os presentes estarão fitos na direção do objeto da sua adoração, secundados por vários movimentos de piedade feitos com os outros membros.

Se for um caso para rir ou então um caso que inspire compaixão e provoque lágrimas, não será necessário que todos tenham os olhos voltados para o objeto, pois exprimirão os seus sentimentos por diversas maneiras; e será bom apresentar diversas figuras reunidas em grupos a fim de se regozijarem ou lamentarem juntas. Se for um acontecimento horrível, os rostos dos que vão fugindo a tal vista exprimirão um grande medo, por meio de vários movimentos, que serão explicados no tratado sobre movimentos.

Não, a imortalidade da minha alma não é uma simples conjectura: todos os objetos da Natureza se oferecem a provar-mo.

Eduardo Young

* * *

Quando as intuições são honestas, não importa o que se possa dizer.

Stern

* * *

Deus nunca operou milagres para convencer os ateus porque as suas obras brotam para os convencer.

LORD BACON

* * *

Não é para o público que a nossa alma deve representar seu papel; é dentro de nós, no íntimo, para onde nenhuns olhos vêm senão os nossos.

Montaigne

* * *

Se tenho sido feliz nas empresas por mim tentadas, dizia Nelson, é pela simples razão de me ter acostumado a fazer sempre as coisas com um quarto de hora de antecipação.

O MAIOR SÍMBOLO DA RENASCENÇA

Por EMIL LUDWIG

Difícilmente se encontrará o espírito da Renascença resumido numa só figura, semelhante, por exemplo, às de Péricles, Augusto, Justiniano ou Frederico II, que tão bem sintetizaram suas épocas. Lourenço Medici era uma flor, mas dá-le e de sua cante se pode dizer que foram como a primavera antes do verão; a Renascença começou quando ele morreu. Alexandre Borgia, apesar de tudo, conservava uma parte de bárbaro. O Papa Leão X, como Mecenas, e Júlio II e Fernando I, como homens de Estado, ocuparam posições contrárias. Ludovico Sforza brilhou como aventureiro, César Borgia como chefe militar cheio de idéias e Machiavelli como filósofo. Ticiano foi o mais rico e Miguel Angelo o mais variado dos artistas.

Miguel Angelo, que já foi estudado pelo autor deste livro noutra obra, era, na verdade, e sobretudo um escultor. Mesmo como pintor, esculpe suas estátuas; e, ainda como arquiteto, esculpe a cúpula de São Pedro. Para bem podermos apreciar as figuras do teto da Capela Sixtina, é preciso, por um esforço de imaginação, transportá-las para um bloco de mármore de três dimensões. Só quando escrevia poemas é que Miguel Angelo se mostrava inteiramente pintor.

O gênio de Miguel Angelo não se revela apenas em sua apaixonada representação de adolescentes; os que assim pensam não conhecem a incomparável beleza feminina da Eva por ele pintada na Capela Sixtina, nem a das estátuas da Noite e do Crepúsculo, por ele cinzeladas sobre o túmulo dos Medici, em Florença. Desde os Gregos, ninguém como ele soube tão completamente trabalhar o mármore. Em suas excursões pelos montes de Carrara, nos blocos de mármore que depois mandava extrair, ele já de antemão enxergava a figura que havia sonhado.

Mas o maior símbolo da Renascença foi Leonardo da Vinci, cuja espírito universal a nenhum outro se compara. Nêle se achavam reunidas as energias criadoras dos Papas. A técnica de que os artistas se utilizavam e até a que o próprio Miguel Angelo desenvolvera em seus quadros, em suas estátuas e em sua arquitetura, procedia de Leonardo. O mundo chamava-o de pintor, ele mesmo, porém, preferia designar-se como inventor. Na realidade, era ao mesmo tempo físico, como Galileu, matemático, como Pitágoras, astrônomo, como Copérnico, engenheiro militar, como Arquimedes, gênio técnico, como Edison.

Para o duque de Milão, construiu morteiros, pontões, galerias de minas e os primeiros tanques; máquinas semelhantes às tartarugas, com teto duplo, cavalos no interior e providas de seteiras. Projetou a canalização de Florença e inventou modernos fogões e portas automáticas. Seus planos para canalizar o Tessino, o Arno e o Saone foram, três ou quatro séculos depois, executados de maneira quase igual a por ele imaginada. Foi o primeiro que desenhou escafandros, aviões, para-quadras, barcos submarinos e canhões; foi o primeiro que fabricou pólvora; construiu pegos artesanais, fogões de vidro, aparelhos de destilação, máquinas para serras, para fiar, para cortar, para la-

var, para serviços de olaria, além de balanços, espelhos côncavos, pêndulos. Com sua descoberta de conchas no cume das montanhas, tornou-se o fundador da paleontologia, a ciência dos fósseis. Duzentos anos antes de Newton, descobriu a lei da crescente velocidade da queda, e, antes de Galileu, falou da velocidade virtual. Explicou a razão dos redemoinhos, descobriu a lei dos vasos comunicantes e fundou, assim, a ciência hidráulica. Interpretou o som e a luz como movimentos ondulatórios, mediu as ondas sonoras e esclareceu o fenômeno do eco. Soube compreender a função do cristalino do olho, assim como a da retina.

Só a Renascença, com sua inabalável fé no poder da Natureza, poderia incentivar semelhantes pesquisas: na Idade Média, nenhum homem de gênio poderia chegar a aqueles resultados. Só assim é que Leonardo, muito antes de Bacon, pôde voltar-se para métodos experimentais, dos quais já se haviam rudimentarmente utilizado os Gregos. Com a luz da ciência, desvanecia-se o dogma da Idade Média. Agora se dava de novo aos sentidos a importância que estes verdadeiramente mereciam; a Natureza só revelava os seus segredos aos que sentiam a alegria de viver e cujos olhos atraídos pela curiosidade, fossem iluminados pela experiência. O espírito investigador de Leonardo aprendia as leis naturais, como se estas fossem dourados peixes saltando de uma cascata. O constante diálogo em que ele viveu com a Natureza não lhe seria possível um século antes, quando o medo das heresias lhe teria paralisado toda a atividade.

O espírito de liberdade, que, como vento suave, soprava sobre a faiscante superfície do Mediterrâneo, não chegava até o norte; na Alemanha, pouco antes de Leonardo, o doutor Fausto só se podia apresentar com outras formas e outras máscaras. É verdade que Leonardo não expunha ao público os seus mais profundos conhecimentos, e, até para lançá-los em seus diários, tomava a precaução de servir-se da chamada escrita em espelho. Em compensação, encontrava inteligências vivas que o incentivavam e uma Igreja que tudo permitia ao espírito. Até a leitura do livro de Kepler, de sentido antibíblico, negando à terra sua posição central, era atentamente ouvida pelo Papa, em seus jardins. Os revolucionários do pensamento já eram então esperados e, por isso, eram recebidos com risonha curiosidade.

Leonardo não foi hávido pois, como mágico, mas como físico e pesquisador. Como gostava de roupas e rapazes belos, era visto, às vezes, nas ruas de Milão, acompanhado de alunos elegantes. Tal atitude era própria da época e não se limitava às cortes. Ao fim de um escrito cheio de galanerias, conta-nos ele que, além de "saber pintar, também sabia tocar alaúde". Quando a serviço do Borgia, era apenas "General-engenheiro de todas as fortificações". Para o duque de Sforza, em Milão, pintou belas mulheres, projetou estátuas equestres, inventou, para distraí-lo, interessantes jogos automáticos, regularizou rios e construiu máquinas destinadas aos cercos militares. Esta multiplicidade era própria do tempo;

apenas Leonardo sabia mais e reunia em si mais qualidades do que os outros.

Esse mesmo homem era inimigo da guerra e, com todo o cinismo da época, fazia distinguimento entre a teoria e a prática. Por isso, era-lhe indiferente o partido a que servia durante a guerra; os adversários não eram mais do que adversários e o que ele queria era dar largas aos seus dotes, pôr o espírito em movimento e, despreocupado de riquezas, viver apenas num mundo de beleza e liberdade. Mal o duque de Sforza, a quem servira durante longo tempo, acabara de ser derrotado e lançado na prisão, Leonardo corre sem demora, para junto do vencedor Visconti e lhe dedica o monumento equestre que, havia anos, preparava para seu antigo protetor. Tal como costumam fazer os condottieri, por três vezes ele trouxe seu protetor pelo inimigo vitorioso. Para que se possa compreender tal infidelidade, há mister não esquecer a infidelidade dos grandes senhores, que, à maneira dos hodiernos editores, deixavam em completo abandono os artistas em decadência. A consciência do próprio valor a tal ponto se exaltava em cada homem de talento, que o artista se via forçado pelos costumes do tempo a opor aos príncipes e aos ricos a mesma infidelidade que estes lhe demonstravam. O sentimento de liberdade individual era tão acentuado em Leonardo, que, quando no mercado se lhe deparava algum pássaro enjaolado, logo o comprava para poder soltá-lo. A Idade Média não conhecera tal sentimento.

Concebendo a vida como experiência constante, ele consumia o gênio consigo mesmo, sem servir a Deus por meio de obras pias e sem servir aos poderosos senão para obter o dinheiro de que precisava. E, sob tal aspecto, somente outro gênio, isto é, Goethe, que o tomava por modelo, conseguiu imitá-lo. O fato de Leonardo nos haver deixado poucas obras não dependeu apenas da sua vida perturbada pelas guerras; dependeu, em grande parte, das suas pesquisas químicas sobre as cores e, principalmente, do sentimento íntimo que o levava a desprezar o sucesso e a contentar-se com o seu diário. É este o único ponto em que seu caráter se aparta do de seus contemporâneos: somente ele, entre todos os homens da Renascença, jamais se esforçou para alcançar a glória.

Dê-se só nos restam nove quadros, dos quais apenas cinco são perfeitamente autênticos e completos — todos pintados nos últimos períodos da sua vida. Quatro estão no Louvre e o outro, representando a ceia, encontra-se numa parede de Milão. Este último, cujas cores já se haviam desbotado no tempo do pintor, apresenta alguns estragos, que cada vez aumentam mais. Quer as mulheres, quer os moços se assemelham entre si, e nem sequer parecem distinguir-se pelo sexo como aconteceu também a Miguel Angelo, nos traços das figuras sorridentes não se descobre nenhum sinal de inocência. Embora permaneça terreno, o amor naquelas criaturas se eleva ao mais alto grau de sublimação, e aquelas bocas e aqueles olhos, aquelas faces e espáduas não deixam transparecer nenhuma humildade, mas antes, um extremo requinte.

Permitindo a livre e sadia expansão de todos os impulsos, a Renascença tornava até possível o hermafrodita Johannes, pintado por Leonardo e que também se pode chamar de Dionísio. Sant'Ana, talvez o mais belo dos seus quadros, é o que Goethe chamava

de "sensível transcendental". Somente a suja fantasia de célebre psicólogo contemporâneo poderia descobrir naquela obra-prima recordações pornográficas da infância do mestre.

As figuras de Sant'Ana e da misteriosa Mona Lisa, acrescenta-se a de outra mulher, Isabella d'Este, debuxada a sanguineo, talvez numa hora, enquanto no quadro de Mona Lisa o artista deva ter consumido quatro anos. Dez anos mais moço do que a última e, por isso mesmo mais esperançosa e reservada, Isabella não sorri; aparece-nos de perfil e, à primeira vista, com seus traços fortes e ainda não bem animados, não exerce grande atração sobre o espectador. Aquêle príncipe pescoco, apinhado numa só linha, aquêles cabelos caídos, cobrindo-lhe a cabeça à maneira de capacete metálico, a intrepidez de sua atitude, o brilho do seu olhar, a completa liberdade de suas formas logo nos mostram, porém, que aquêla figura refulge através dos séculos como o grande modelo de uma ardente, dominadora vida.

Assim como eram as mais belas mulheres e as mais fortes personalidades do seu tempo; e como Isabella d'Este, assim era a Renascença.

(Do livro "O Medeterraneo")

O hábito de um filho é como o hábito do paraíso.

Maomé

* * *

O único meio eficaz de suportar a vida é esquecer a vida.

Taine

* * *

E' necessário que o homem que envelhece não deixe de trabalhar.

Alexis Carrel

* * *

E' bom, na velhice, limitar a atividade. Mas é prejudicial abandoná-la por completo.

Jean Finot

* * *

As máximas mais sábias são as que nos fortificam contra a falsidade dos outros.

Artur Helps

* * *

O homem é mais macaco do que qualquer macaco.

Nietzsche

* * *

A vaidade profissional é mais forte nos comediantes que todos os outros sentimentos, incluindo o amor.

Jules Lemaitre

SAVONAROLA

1452

A PROVA DE FOGO

Por PASQUALE VILLARI

Filho de Nicola Savonarola e Ana Buonacorsi, nasceu Jerônimo Savonarola em Ferrara, a 21 de setembro de 1452. Destinado a seguir a carreira de seu avô, a medicina, abandonou os estudos, entrando para o convento de S. Domingos, em Bolonha, onde se ordenou com 23 anos de idade. Em 1488, tendo já se notabilizado por suas pregações, iniciou sua grande luta contra o domínio dos Medici. Excomungado pelo Papa Alexandre VI, em 1497, escreveu a sua famosa "Epistola contra la scomunica surrettizia a tutti li cristiani e diletti di Dio". Florença se dividiu em dois partidos: os Pignoni, partidários do monge e os Arrabbiati, que sustentavam os Medici. A 20 de maio de 1498 foi supliciado na fogueira, juntamente com dois seus fiéis amigos. As cinzas foram lançadas ao Arno.

...Aguardava impacientemente as respostas em lugar do seu mestre, e também portas às cartas enviadas pelos seus amigos, e o que, quando estivera em Prato, no ano anterior, o mesmo frade provocara a sua in-uma carta de França, quando em vez desta diligência, proferindo palavras insultuosas lhe chegou inesperadamente a notícia de que contra a doutrina de Savonarola. Nessa ocasião tinham convenção sustentar bado por um bando de saltadores milaneses, e que a carta de Mazzinghi ao embai-uma discussão em público; mas, no dia xador da França caíra por fatalidade nas mãos do duque. A precipitação com que fê-lo o agressor, e ter já então chegado a mãos do duque. A precipitação com que preparar a prova de fogo, havia saído pre-Ludovico a enviou ao cardeal Ascanio, em capitadamente da cidade, sob pretexto de Roma, o alvoroço com que este último que fora chamado à Florença pelos seus apresentou ao papa, e o acesso de fúria superiores.

que neste despendeu a sua leitura, mais fã-Nestas circunstâncias Fra Doménico, apeli-mente se presumiu do que podiam des-cer nas teve conhecimento da provocação receber-se em palavras. Tinha finalmente centemente feita pelo Franciscano, apres-Borgia na sua mão uma prova documental-ssou-se a publicar as suas Conclusões, de-da audiência do frade, contra o qual estavam clamando que de bom grado se sujeitaria êle irritados todos os potentados da Itália, e próprio à prova do fogo, visto que Savocujos inimigos iam já predominando tam-onarola devia reservar-se para mais impor-bem em França. Deste modo, Savonarola tantes empresas. Como era incapaz de fal-encontrava-se já cercado e ameaçado por-tar à sua palavra, o caso tinha-se já tor-todos os lados, mesmo antes que começasse-nato sério, antes de que Savonarola tivesse para êle a luta final. Todavia, tão extraor-empo para pensar em o atallar. Mas o dinariamente rápida foi a sequência dos-Franciscano, quando viu que Fra Domé-acontecimentos, que o frade nem tempo teve-único não vacillava, imediatamente procurou para medir a enormidade desses perigos-um pretexto para se retrair. Disse por toda inesperados, antes de que, como um rato-ua parte que "a sua questão se entendia do céu, um outro infortúnio ainda maior-sedmente com Savonarola, e que, conquanto calasse sobre êle para o fulminar, e espe-esperasse ser queimado, estava pronto a en-

Decorria um desses momentos, em que o-rtar no fogo com êle, no intuito de prome-aspecto geral das coisas parecia sofrer uma-aver a destruição daquele propagandista de transformação mágica. Os adeptos de Save-ídoutrinas falsas e escandalosas; mas que narola tinham desaparecido, ou pelo menos com Fra Doménico nada tinha", mantinham-se reservados. Florença parecia-que a desgraçada pendência poderia ter estar agora, toda inteira, contra êle... A-terminado neste ponto, visto que Savona-atenção pública esperava com vivo interesse-rola reprovava severamente o exagerado o fim do mês de março, em razão de um-zêlo de Fra Doménico, e que o Franciscano acontecimento estranho e inesperado. Um-teria tido grande satisfação em aproveitar certo Frei Francisco di Puglia, pertencente-ço mais pequeno ensejo para se retrair. Mas, a Ordem de S. Francisco, que pregava nesse-ao contrário do que seria razoável, e justa-ocasião os sermões de quaresma na igreja-mente na ocasião em que parecia prestes a de Santa Croce, tinha principiado a atacar-estinguir-se, a contenda exacerbou-se de Savonarola com singular veemência e per-nnovo com grande violência.

tinácia. Lançava sobre êle o estigma de-OGs Compagnacci achavam-se reunidos em heresia, de esquemático e de falso profeta, um dos seus banquetes habituais. Trajando e, não satisfeito com isto, desafiava-o a tor-dados de sêda, e saboreando deliciosas igua-nar incontestável a verdade das suas dou-rias e excelentes vinhos, discutiam o assunto, trinas por meio da prova de fogo. Vários-ee resolveram empregar todos os meios, que desafiou semelhantes lhe haviam já sido an-estivessem ao seu alcance, para conseguir tericamente dirigidos; mas Savonarola ti-que se realizasse a prova do fogo. "Se Sa-nha-oe recebido sempre com o desdém qua-onarola entra no fogo — diziam êles — mereciam. Todavia dava-se agora o caso de-sesta queimado sem dúvida alguma; se se que Fra Doménico se considerava pessoal-rcusar a essa prova, ficaria completamente mente desafiado, pelo fato de estar pregan-adesacreditado perante os seus próprios adep-

tos; e teremos então ensejo de fazer rebentar um tumulto, durante o qual poderemos apoderar-nos da sua pessoa". A verdade era que alguns esperavam ter nessa ocasião maneira de o matar. Nesta conformidade dirigiram-se à Senhoria, e encontraram os seus membros perfeitamente dispostos, não só a auxiliar a empresa, como também a assumir a direção de seu infame projeto, e com tal fim fizeram transcrever pelo notário do Governo as muito discutidas Conclusões, e convidaram publicamente a prestar as suas assinaturas todos aqueles que pretendessem sustentá-las ou sepultá-las por meio do fogo.

Era realmente monstruoso que as principais autoridades do Estado tomassem uma parte tão ativa em tal questão; mas não houve escrúpulo que os induzisse a não prosseguirem nos seus desígnios, e nem mesmo encontraram dificuldade na sua realização, visto que Fra Doménico — que não podia já ser dominado por qualquer poder que na terra existisse, — inscreveu imediatamente o seu nome naquele documento, e quase suplicou que lhe fosse permitido tentar a prova do fogo. Houve porém grande dificuldade em induzir o Franciscano, que aliás fora o primeiro a suscitar o escandaloso caso, a fazer outro tanto. Este último apresentou-se perante a Senhoria no dia 28 de março com uma outra declaração escrita, na qual dizia que "conquanto conhecesse a sua inferioridade em relação a Fra Girolamo, estava pronto a passar com ele através do fogo; mas que com Fra Doménico nada tinha." Quis ainda apresentar uma outra pessoa para tentar a prova com este último, e de fato propôs para isso Fra Giuliano Rondinelli, o qual porém não appareceu no palácio. Nessa ocasião disse-se à boca pequena que em caso algum eles entrariam no fogo, e que todo aquêle trama tinha o fim único de queimar alguns frades do convento de São Marcos, ficando assim Savonarola totalmente aniquilado; e que, se este plano falhasse, qualquer meio se encontraria, que pudessem anular a questão completamente. Tais eram as afirmativas, feitas tanto

pela Senhoria como pelos Compagnacci. O que finalmente ficou resolvido, depois de muita discussão, foi que o Franciscano assinasse uma declaração comprometendo-se a passar pelo fogo com Fra Girolamo, se este último se prestasse a realizar essa prova, declarando-se muito expressamente que isto se fazia em virtude do desejo e pedido da Magnificente Senhoria. Com respeito a passar pelo fogo com Fra Doménico, foi só em 30 de março que puderam vencer a grande relutância de Rondinelli, e que puderam convencê-lo a assinar o desafio; e mesmo nessa ocasião apresentou êle a declaração explicita de que entraria no fogo, embora estivesse certo de que seria queimado, sómente pela salvação da sua alma. Este desgraçado frade não era mais do que um instrumento nas mãos dos ferozes Compagnacci e do astuto Franciscano. Deste modo a Senhoria de Florença prestava-se imprudentemente a colaborar em uma questão que era um desdouro para a dignidade do seu cargo, e da qual só podia resultar derramar-se sangue inocente, e o mais grave prejuízo para a República.

Tão avançada estava já a questão, que, no próprio dia (30 de março), uma numerosa assembleia se reuniu para discutir o caso da prova de fogo. Alguns dos presentes mostravam-se profundamente irritados com os processos da Senhoria; mas a maioria compartilhava os pontos de vista de Carlos Canigiani, o qual disse: "Que o assunto em questão era um caso da Igreja, mais próprio para ser discutido em Roma, onde são canonizados os santos, do que naquele palácio onde era mais natural que se tratassem assuntos de guerra e de finanças. Todavia, se realmente se desejava que a prova de fogo se realizasse, deveria ao menos considerar-se se haveria probabilidade de dominar, ou não, a discórdia." Esta mesma transigência foi manifestada por outros oradores, os quais todos concluíram dizendo que a questão devia ser entregue nas mãos do papa ou do vigário. Girolamo Rucellai acrescentou:

— A minha opinião é que se está dando demasiada importância a este caso de julgamento pelo fogo; na verdade, o que para nós tem verdadeiro interesse é vermos-nos livres de frades e não-frades, Arrabbiati e não-Arrabbiati, e procurarmos manter em paz os cidadãos. Contudo, se se julga que esse poderá restabelecer a concórdia na cidade, deixemos que entrem não só no fogo, mas também na água, que subam ao ar ou penetrem nas entranhas da terra, e dediquemos nós no entretanto todos os nossos cuidados e atenções à cidade, e não a esses frades.

Em boa verdade deve dizer-se que todos se inclinavam para a realização da prova do



Regina Hotel

Estabelecimento que se recomenda pela boa alimentação e conforto que oferece. — Rua Ferreira Viana, 29, junto à Praça do Flamengo e a cinco minutos do centro da cidade.

UMA DELICIA SINGULAR
NOME 22-3200-RUA VIANNA

RUI DE JANEIRO

fogo, e Filippo Giugni, metendo a questão a ridículo, observava clinicamente:

—A mim parece-me o fogo uma coisa estranha, e custar-ma-ia muito ter de passar pelas chamas. Uma prova pela água seria menos perigosa, e, se Fra Girolamo passasse pela água sem se molhar, eu de cento me juntaria aqueles que pedissem o seu perdão.

O ponto principal do seu discurso versou sobre a conveniência de se libertarem completamente do frade, entregando-o ao papa sem demora. Por outro lado, Giovanni Cagnoli, embora fôsse igualmente contrário a Savonarola, levantou-se muito agitado, quase com as lágrimas nos olhos, exclamou:

—Quando escuto palavras, como as que acabam de ser aqui pronunciadas, não sei bem discriminar, se mais devesse desejar-se viver, se morrer. Estou intimamente convencido de que os nossos antepassados, fundadores desta cidade, se pudessem adivinhar que uma tal questão viria a ser aqui discutida, acarretando sobre nós o escárnio e o opróbrio do mundo inteiro, ter-se-iam de certo negado com indignação a reconhecer-nos como seus descendentes. Neste momento a nossa cidade está atravessando uma crise mais grave do que todas aquelas que a têm agitado há muitos anos a esta parte, e é fácil ver que se encontra em grande confusão. Por isso vos peço, Excelências, que liberteis o nosso povo de toda esta calamidade, custe o que custar, quer seja pelo fogo, quer pela água, pelo ar, ou por qualquer outro meio, que mais conveniente julgais. Iterum: rogo-vos, Excelências, que procureis por termo a estas questões, para que nenhum mal possa prejudicar a nossa cidade". Todos os outros oradores, dente ou daquele modo, deram o seu assentimento a que se realizasse a prova do fogo. Era na verdade desolador o espetáculo, que ofereciam os habitantes da cidade mais culta e civilizada do mundo, remidos sob a direção e supremacia dos seus chefes, para discutirem a vantagem, que resultaria, de se acender aquela tão bárbara fogueira! E mais desolador ainda era ver, que todos se mostravam favoráveis à realização da prova pelo fogo, com o único intuito de terminar aquela questão, e sem que tivessem sequer a desculpa de que eram a isso induzidos por um fanatismo religioso!

Ficou decidido nessa mesma noite, que a prova do fogo se realizasse com a maior brevidade possível. Savonarola seria exilado, caso morresse algum dos frades dominicanos, e o mesmo aconteceria a Fra Francesco, se algum dos Menoritas tivesse a mesma sorte. Foi também sem escrupulo algum decretado que, caso os dois campeões fossem consumidos pelas chamas, somente os frades dominicanos seriam castigados. Mas, se a prova do fogo não chegasse a realizar-se, seria exilado o grupo que a ela obstasse, ou os dois grupos, se ambos mostrassem relutância em a afrontar. Consequentemente a prova do fogo não podia ser por mais tempo evitada, e a Senhora, depois de haver no princípio apenas assentido à sua realização, agora quase insistia nela.

O Papa estava inteiramente de acordo com a Senhora neste assunto; todavia, nas comunicações oficiais que, por intermédio de Bonsi, dirigia ao Conselho dos Dez, cujas sympathias por Savonarola muito bem conhecia, recusava o seu consentimento para a prova, e até mesmo fingia reprovar a sua realização. Este seu procedimento não che-



gava ainda assim a representar uma completa falta de sinceridade, pois era muito natural que o Papa hesitasse, dada a impossibilidade de prever aquela distância, qual seria o resultado final dessa prova. No entanto Savonarola sentia-se cheio de indignação contra aqueles inimigos, que disfarçavam os seus diabólicos planos e as suas paixões partidárias sob as falsas aparências do zelo religioso.

Estava igualmente persuadido de que os frades Menoritas nunca teriam a coragem de passar através do fogo, porque bem sabia que obedeciam com relutância às sugestões dos Arrabiati. Desejava obstar à realização da prova, e na verdade empregou com esse intuito todos os meios ao seu alcance, compreendendo que teria mais probabilidades de bom êxito, se um dos seus discípulos se apresentasse em seu lugar. Com toda a certeza, se Savonarola se tivesse apresentado como campeão, os seus inimigos teriam recorrido a todos os meios, de que pudessem dispor, para que ele fôsse queimado, ou só, ou mesmo a prego de uma outra vida inocente. Todavia — tais são as contradições do espírito humano! — tinha uma secreta convicção de que, se de fato a prova chegasse a realizar-se, acabaria triunfantemente para ele, e, conseqüente com esta persuasão, não empregou toda a sua energia para obstar a que ela se efetuasse, pensando que o arder ajuiz de Fra Doménico era sem dúvida inspirado por Deus. Efectivamente, segundo as suas teorias, não seria estranho nem difícil, que o Senhor fizesse um milagre com o fim de confundir os Arrabiati, e estabelecer assim a verdade da nova doutrina. Savonarola tinha muitas vezes declarado ao povo, que as suas palavras seriam um dia confirmadas até a evidência de um modo sobrenatural, e parecia estar próximo o momento em que tal fato

se produzisse; daí provinha a ansiedade geral, quase febril, em que todos se encontravam para presenciarem o resultado da prova do fogo. Nessa expectativa estavam os Piagnoni mais impacientes ainda do que todos os outros, pois que esperavam e acreditavam que, quando chegasse o momento crítico, o seu Mestre não poderia reprimir o impulso de entrar elle proprio no fogo, e que então não poderia o milagre deixar de produzir-se.

Era aquêle o assunto de tôdas as conversas em Florença, e, embora reprovasse a prova do fogo, e a ella se opusesse tanto quanto possível, certo era que Savonarola exultava secretamente com o zelo de Fra Doménico, quase regozijando-se por ver como tôdas as coisas se combinavam para que a prova se tornasse absolutamente necessária. Para isto mesmo concorriam também as visões de Fra Silvestro, que declarava ter visto em sonhos os anjos da guarda de Fra Girolamo e de Fra Doménico, os quaes lhe haviam anunciado, que este último atravessaria as chamas incólume. E conhecida a fé cega, que Savonarola tinha nas visões de Fra Silvestro. Tudo isto, junto ao sincero entusiasmo de Fra Doménico, que aos outros se communicava quase com a rapidez do relâmpago, levou os frades de S. Marcos e os seus adeptos ao mais elevado grau de exaltação. No dia 1.º de abril Savonarola convocou os seus sectários mais fiéis para S. Marcos, e fez-lhes uma pequena prédica, na qual lhes descreveu o verdadeiro estado da questão, em seguida ao que os seus ouvintes declararam unanimemente, que estavam prontos a entrar no fogo. Com effeito, dois dias mais tarde os frades dirigiram ao Papa uma carta, declarando que approximadamente trezentos de entre elles e vários leigos estavam prontos a passar através do fogo, em defesa das doutrinas do seu Mestre. Deste modo, Savonarola, vendo-se assim secundado por todos os lados, enviou a Senhoria a lista dos nomes dessas pessoas, com a declaração de que mandaria um dos seus frades por cada irmão Menorita que se apresentasse, acrescentando que, se a prova se realizasse, estava convencido de que della resultaria o triumpho completo dos seus adeptos.

Ao mesmo tempo publicou uma exposição impressa das suas theorias, que era praticamente uma resposta ás accusações, que haquelle momento se estavam amontoando contra elle. Nessa exposição dizia: "Tenho entre mãos um trabalho demasiadamente importante para me deter a tomar parte nestas questões miserandas. Se os adversários, que no principio nos provocaram, e procuraram depois um cento de desculpas para se retrahirem, se obrigassem publicamente a fazer depender do resultado dessa prova a decisão da nossa causa e a reforma da Igreja, nem por um momento hesitaria em entrar no fogo, e sentir-meia certo e seguro de que o atravessaria incólume; mas, se o meu intento é provar pelo fogo a validade da sentença de excomunhão, nesse caso respondam aos argumentos que apresentarem. Querão elles acaso combater pelo fogo as nossas profecias? No entanto a Verdade é que não obrigamos, nem exortamos qualquer pessoa a acreditar nelle, mais do que o seu critério lho aconselhe. Nós apenas aconselhamos a todos, que sigam com retidão o caminho da vida, e para isso são necessários o fogo da caridade e o milagre da fé; o resto não tem valor.

Os nossos adversários, que foram os que promoveram a presente questão, declararam que morrerão sem dâvida alguma, confessando ao mesmo tempo que serão os seus próprios assassinos, ao passo que nós fomos provocados a essa prova e forçados a aceitá-la, pelo fato de estar em jogo a gloria de Deus e a honra da religião. Aquêles que se sentem verdadeiramente inspirados pelo Senhor sairão decerto incólumes das chamas, se a experiência chegar a realizar-se, do que de nenhum modo temos a certeza. Quanto a mim, reserve-me para uma obra maior do que esta, pela qual estarei sempre pronto a dar a minha vida. Tempo virá em que o Senhor nos concederá sinais e preságios sobrenaturais, os quaes porém não podem decerto estar á disposição dos homens. Por agora bastará saber-se, que enviando alguns dos nossos irmãos, ficaremos igualmente expostos á fúria do poço, caso o Senhor não permita que elles passem incólumes através do fogo".

O entusiasmo de Fra Doménico começava a convencer não só o próprio Savonarola, mas até mesmo os mais descrentes de que Deus realmente o designava para desempenhar aquella missão. Os espiritos excitavam-se mais e mais de momento a momento. Os Piagnoni e os Arrabbiati esperavam o dia da prova com igual ansiedade, por diferentes motivos. Homens, mulheres e crianças continuavam a oferecer-se como campeões, e, embora em muitos casos, o fato não passasse de vã bravata outros havia que se apresentavam com a maior sinceridade. No dia 2 de abril Fra Malatesta Sacramoro e Fra Roberto Salviati foram inscrever os seus nomes, como campeões, em S. Marcos, alegando que tinham também recebido, para aquêle fim, um apêlo do Senhor. Por esta razão, e com o intuito de dar ao caso a maior publicidade, a convenção foi oficialmente impressa e lançada em circulação com tôdas as assinaturas das duas facções opostas. O conselho dos Dez, invariavelmente bem disposto com Savonarola, enviou esses papéis para Roma, acompanhados de uma narrativa sucinta e exata de tudo o que occorrera, e solicitando de novo, para a realização da prova, o consentimento do Pontífice, o qual, na apparencia pelo menos, continuava a não conceder para ella a sua approvação.

* * *

Foi finalmente fixado o dia 6 de abril para esse singular certame. Fra Doménico e Fra Girolamo Rondinelli eram os dois campeões, escolhidos de comum accordo. Durante muitos dias as portas de S. Marcos tinham-se conservado cerradas, permanecendo os irmãos absortos em oração continua. Na noite de 5, porém, receberam uma mensagem da Senhoria, annunciando-lhes que a prova fôra transferida para o dia 7 de abril. A causa dessa transferencia não era conhecida; mas algumas pessoas affirmavam que a Senhoria esperava um Breve proibitivo de Roma, a fim de ter uma razão para pôr ponto em tôda aquella questão. Com effeito, o governo começava agora a hesitar, receando ter ido demasiadamente longe, pois que nunca esperava encontrar tanta resolução nos frades de S. Marcos, nem tanta pusillanidade nos Menoritas, os quaes insistiam agora em pudir, que lhes fossem dadas garantias sobre a maneira de passarem illesos através do fogo. Consequentemente, no dia seguinte, 6 de abril, foi publicado um novo



A VELHA E IMORTAL FLORENÇA

decreto modificando o de 30 de março, e proclamando que: "No caso que Fra Domenico fosse consumido pelo fogo, Fra Girolamo deveria sair do território Florentino dentro de três horas..." Nenhuma alusão se fazia aos frades Menoritas, visto haver a intenção de garantir em qualquer caso a sua segurança, e especialmente por ter Ronadinelli declarado que estava convencido de que sucumbiria, caso chegasse a entrar no fogo. No mesmo dia expediu Savonarola uma nova e pouca extensa mensagem aos seus adeptos, exortando-os calorosamente que fossem perseverantes na oração.

Chegou por fim o dia 7 de abril, mas não o Breve que de Roma era esperado, e toda a população de Florença aguardava palpitante o espetáculo novo que, segundo se achava para ele preparado, e todos esperavam ver realizado. Tudo se achava pronto para a realização da prova. Os Compagnoni e os Arrabiani procuravam um ensejo de aniquilar o frade; os Menoritas esperavam actuar uma qualquer evasiva para escaparem ao perigo; a Senhoria estava pronta a favorecer qualquer plano que pudesse prejudicar a Savonarola; e os Piagnoni esperavam que a prova estabelecesse o seu triunfo. Deste modo chegaram-se as primeiras publicas cantadas mais excitadas, os dois partidos decidiram dirigir-se à Piazza com escoltas armadas, a fim de garantir a sua segurança, no caso de se produzir qualquer tumulto.

A própria Senhoria estava extremamente inquieta, e, depois de ordenar que fosse construído o tablado, tomou todas as precauções possíveis, como se receasse uma revolta. Somente três entradas para a Piazza deviam ser deixadas livres, e estas guardadas por homens armados; nenhum cidadão poderia ir para ali armado, e as mulheres e crianças não seriam admitidas no recinto.

As portas da cidade conservaram-se-lhe fechadas, e as tropas, que estacionavam em diferentes pontos do território, tinham as suas terminantes ordens, sob pena de morte, para não abandonarem os seus postos, salvo por ordem expressa da Senhoria, assim como também para não obedecerem a quaisquer instigações em contrário, quando mesmamente procedessem do Conselho dos Dez. Além disso, foram incumbidos de exortar esta ordem, na Piazza, Francesco Guarnieri e Giovan Battista Ridolfi, sobre os lados de S. Marcos, e Piero degli Alberti e Tommaso Antinori, sobre os lados Menoritas. Savonarola desconfiava tanto da boa-fé dos seus adversários, que, na manhã do dia marcado, enviou Francesco Devescanti ao palácio, a fim de implorar do Conselho dos Dez, que ainda se lhe conservava fiel, que tomasse as necessárias providências para obstar a que algum dos campeões se eximisse à prova, deixando o seu competitor sozinho no meio das chamas. Com este intuito pediu que a fogueira fosse atendida por um dos lados, enquanto os frades entravam pelo outro, e que o archote fosse então destinado a cortar-lhes a saída pelo lado da retaguarda. Igualmente solicitou que a prova se realizasse antes da hora do jantar, para que o espirito dos seus adeptos pudessem estar perfeitamente lucido e desanuado. Enquanto se procedia na Piazza aos últimos preparativos, celebrou missas solene em S. Marcos, em seguida a qual fez uma rápida predica aos assistentes, não conseguindo, mesmo naquele ultimo momento, dissimular as suas dúvidas.

— Não vos posso assegurar, disse ele, que a prova chegue a efetuar-se, visto que essa questão de nenhum modo depende de nós;

mas o que creio poder afirmar-vos é que, se realmente ela se realizar, a vitória há de ficar de certo do nosso lado. O Senhor, nós não tínhamos necessidade de provas milagrosas para acreditarmos a verdade; mas fomos provocados a esta prova, e não podíamos deixar de defender a nossa dignidade. Estamos certos de que o inimigo não terá poder para voltar esta questão contra a tua glória, ou contra a tua vontade, e por isso não hesitamos em combater por ti, porque os nossos adversários adoram um outro Deus, o que se prova pela diferença que existe entre as suas obras e as nossas. O Senhor, esse povo não deseja senão servir-te. Quaes servir o Senhor, o vós todos que me escutais?

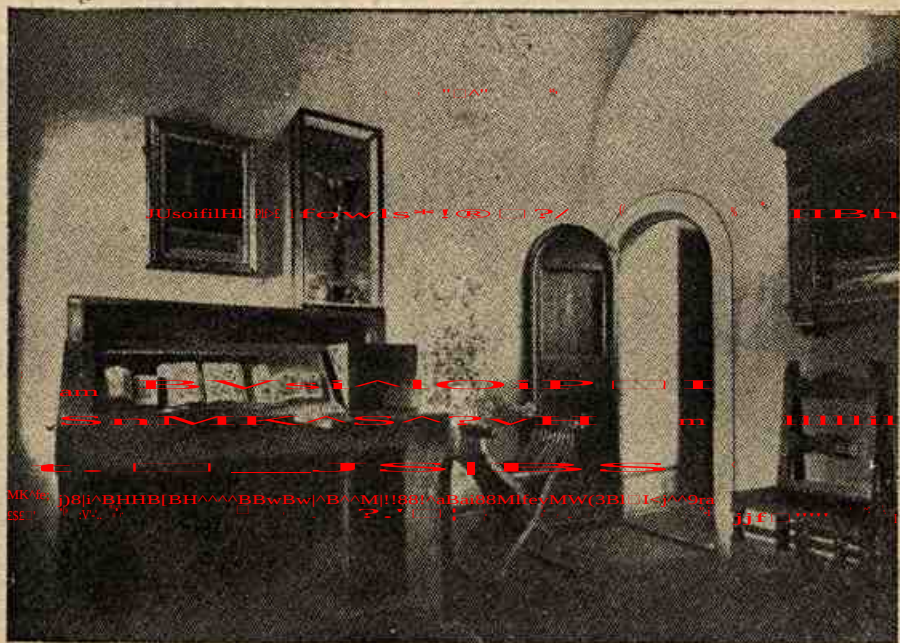
A esta interrogação todos responderam afirmando em alta voz a sua adesão. Savonarola recomendou então a parte masculina do seu auditório, que oferecesse graças na Igreja, enquanto ele preparava os seus frades para se dirigirem a Piazza, e as mulheres que permanecessem em fervente oração até ao fim da prova de fogo. Naquele momento os maceiros da Signoria appareceram a anunciar que tudo estava pronto, e os frades de S. Marcos immediatamente se puseram a caminho em precisão.

* * *

Caminhavam lentamente, a dois e dois, em número approximado de duzentos, levando na frente uma cruz alçada. Fra Domenico seguia, coberto com uma capa de asperges de veludo vermelho, cor de fogo, e separando nas mãos um crucifixo. Era assistido por um Diácono, e a sua attitude era serena. Logo a seguir caminhava Savonarola conduzindo a Hostia Sagrada tendo de um lado Fra Francesco Salviati e do outro Fra Malatesta Sacromonero. Atrás deles seguia uma grande multidão com archotes acesos, cantando o Salmo: Exurgat Deus et dissipentur inimici ejus. Chegando à entrada da Piazza, pela vigésima primeira hora do dia, passaram a dois e dois entre os homens armados, que guardavam as embocaduras das ruas, e logo que appareceram entre o povo, que na Piazza os esperava, todos entoaram os seus cânticos com um vigor tão ingente, que quase parecia quizeram abalar a terra. Era verdadeiramente incalculável o número de pessoas, que ali se encontrava; dir-se-ia que todos os habitantes da cidade se haviam ali reunido; todas as janellas das casas em volta do largo, todas as varandas e tetos, tudo estava apinhado de espectadores; muitas crianças estavam agarradas a grades, ou postadas sobre estúdios e columnas, a fim de poderem ver bem o espectáculo, e algumas estavam até mesmo depenuradas das paredes, tendo todos occupado aquelles lugares logo ao romper da manhã.

A Loggia da Senhorita tinha sido dividida em duas partes por meio de uma separação: os Menoritas occupavam o compartimento mais próximo do palácio, ao passo que os Dominicanos estacionavam em volta de um pequeno altar, que fora levantado no outro compartimento. Tendo colocado o Sauramento sobre esse altar, Fra Domenico ajoelhou diante d'elle, absorto em oração, ao passo que os seus companheiros se conservavam silenciosos em redor d'elle. Uma guarda de trezentos homens de infantaria estava formada em frente da Loggia, sob o comando de Marcuccio Salviati, sendo constituída por valentes soldados, todos adeptos sinceros do convento de S. Marcos. Mas, debaixo do Tetto de' Pisani, estavam umas poucas de centenas de Compagnacci armados, tendo a commando-lhes Doffo Spini; em frente, e em volta do palácio, viam-se quinhentas guardas da Sedade. nhania, commandados por Giovacchino della Vecchia, não contanto os soldados, postados nas embocaduras das ruas. Deste modo a Piazza achava-se guardada por uns mil homens, preparados para, a um dado sinal, atacarem Savonarola, o qual, no entanto, encrava a sua pençosa situação com a mais completa serenidade, e voltava tranquillamente o olhar para o estrado, sobre que se amontoavam os feixes de lenha. Aquella construção estranha media aproximadamente oitenta pés de comprimento, e projectava-se na Piazza desde o Marzocco, na direcção do Tetto de' Pisani. Media pouco mais ou menos dez pés de largura na base, dois e meio de altura, e era coberta com terra e tijolos. Sobre esta primeira camada, os combustíveis — lenha, pólvora, azeite, pex e resina — estavam collocados em dois montes, entre os quais mediava um espaço de dois pés de largura, pouco mais ou menos, deixando livre para a passagem dos dois campos rivais. Tudo estava preparado, e faltava apenas que os frades avançassem para que o archote aceso lançasse o fogo sobre os combustíveis. Até aquelle momento Savonarola tinha sempre contemporizado, empregando todos os meios ao seu alcance para obstar à realisação da prova de fogo, enquanto que os Menoritas, pelo contrario, o tinham desafiado para essa prova, e nela haviam sempre insistido; mas, à vista dos montes de lenha, prontos a ser incendiados, os papais ficaram logo invertidos. Excitado pela pressanga da multidão, pelos cânticos solenes dos seus frades, e pelo entusiasmo verdadeiramente heróico de Fra Domenico, o qual, depois da sua fervorosa prece, mostrava o mais ansioso desejo de entrar nas chamas, o próprio Savonarola chegara à firme convicção de que o Senhor prestaria auxilio ao seu discípulo, e por esse motivo desistia por termo a qualquer demora. Mas nem Francesco di Puglia, que tinha iniciado o desafio para a prova, nem Giuliano Rondinelli, que nela devia tomar parte, haviam apparecido ainda na Loggia, demorando-se propositalmente no palácio em segreda confidencia com a Senhorita. Esta ultima, em vez de descer à Ringhiera, a fim de presenciar ao solene drama, que a breve trecho ia ter começo, proseguia nas suas discussões, e achava-se aparentemente incerta acerca do procedimento, que deveria adoptar. Quando todos estavam aguardando a chegada do Menorita, e o sinal da Senhorita, os membros do governo mandaram imprudentemente perguntar aos Dominicanos, qual a razão por que não davam principio ao acto. Fra Domenico tremou de raiva, e Savonarola replicou que a Senhorita muito bem podia em apressar a cerimonia, para não conservar o povo por mais tempo naquella incerteza.

Então os Menoritas, vendo-se entre a espadada e a parede, começaram a apresentar numerosos pretextos para delongas. Com o auxilio de Piero degli Alberti, inimigo acérrimo de Savonarola, que fora nomeado para presidir à prova de fogo, aventaram a idéa de que, sendo possível que Savonarola tivesse lançado um encanto mágico sobre a



CELA DE SAVONAROLA

vermelha capa de asperges de Fra Doménico, não devia esse paramento ser por ele usado em tal ocasião. O campeão e o seu mestre replicaram que fôra celebrada e assinada uma convenção escrita com o fim de se evitar qualquer questão naquele ato; que não acreditavam em encantamentos, e que deixavam esse recurso aos seus antagonistas. Todavia, com tão ardente insistência foi feita a solicitação, que Fra Doménico cedeu por fim, despojando-se da capa. Em seguida os Menoritas alegraram novos pretextos, declarando que os hábitos do frade podiam estar igualmente encantados; e mais uma vez ainda Fra Doménico condescendeu, mostrando a maior prontidão em trocar o seu vestuário por o de qualquer dos seus companheiros. Nesta conformidade foi conduzido ao palácio, e, depois de ser inteiramente despojado das suas vestes, foi revestido com o hábito do irmão dominicano, Alessandro Strozzi. Ao voltar a Piazza, não lhe foi permitido aproximar-se de Savonarola, para que este último lhe não fizesse um novo encantamento, e a pedido do seu prior, Fra Doménico sujeitou-se a ser rodeado pelos Menoritas. Durante todo aquele transe, a sua paciência igualou a sua coragem e, no seu grande entusiasmo de passar pelo fogo, estava pronto a conceder tudo o que d'ale se exigisse.

No entanto, o campeão do partido oposto continuava a demorar-se no palácio com Francesco di Puglia e não tinha ainda aparecido. Savonarola sentia-se já inquieto o contrariado em razão de tal demora, e as suas suspeitas aumentavam de momento a momento, por ver que, entre os cidadãos e

os Menoritas, se celebravam várias consultas, e que era manifesto o favor testemunhado a estes últimos. As pessoas designadas para presidirem a prova faziam invariavelmente causa comum com estes frades e deixavam que fizessem tudo o que lhes apeteceia. Nestas circunstâncias, Savonarola mandou ao palácio uma outra mensagem instantânea, com o fim de pôr termo àquela expectativa. Mas, no mesmo momento, os dois Menoritas pediram e obtiveram uma nova entrevista particular com a Senhoria. O que entre elles se passou não é sabido; mas o que se tornava mais e mais evidente era que toda aquela questão da prova não era mais do que um estratagemma ardilosamente planejado, com o fim de comprometer Savonarola e a comunidade de S. Marcos.

* * *

A paciência da multidão começava a esgotar-se. Todas aquelas pessoas tinham estado aglomeradas na Piazza durante muitas e longas horas, e muitas delas, em jejum desde a madrugada, estavam exasperadas pela fadiga daquela expectativa infrutífera. De todos os lados se levantavam surdos murmúrios, seguidos de gritos sediciosos, e os Arrabiati, que tinham aguardado ansiosamente um momento propício, procuraram desde logo aproveitar aquêle ensejo. Um mancoço, que estava ao serviço de Giovanni Manetti, conseguiu promover uma desordem, e súbitamente toda a Piazza se levantou em revólto tumulto. Sendo certo que muitas das saídas da praça se achavam impedidas, o povo, vendo-se cercado, lançou-se em

onda para o palácio. Parece ter sido aquê-
o momento escolhido pelos Arrabiati para
se apoderarem violentamente do frade, e
poderem dar-lhe a morte ali mesmo. Ten-
tarum com efeito fazê-lo; mas Salvati con-
centrou os seus homens diante da Loggia, e,
trapeando na terra uma linha com a ponta
da espada, bradou: "Aquele que ousar atra-
vessar esta linha provará o aço da espada
de Marengo Salvati!" e tão resoluto foi o
tom em que proferiu estas palavras, que
ninguém se atreveu a avançar. Ao mesmo
tempo as tropas estrangeiras da Senhoria
surpreendidas por aquêle tumulto súbito, e
vendo que os discípulos avançavam para o
palácio, trataram enérgicamente de os re-
pellar. Por esta razão, tendo sido a ordem
aparentemente restabelecida, os assistentes
serenaram um pouco, e passaram a mon-
strar-se mais ansiosos, ainda do que antes
pelo espetáculo que lhes fora anunciado;
mas a perplexidade da Senhoria aumentava.

Naquelle momento começou a cair uma
chuva copiosa, acompanhada de relâmpagos
e trovões, de modo que houve muito quem
pensasse que este facto seria naturalmente
térmo à toda questão; mas, na sua ânsia de
presenciar o prometido espectáculo, o povo
não arredou pé; a chuva cessou tão subita-
mente como começara, e todos continuaram
a permanecer no mesmo estado de inerte-
za e de impaciência. O frade Menorita
continuava invisível, e os seus adeptos co-
meçaram a levantar novas objeções. Insis-
tiram em que Fra Doménico largasse o cru-
cifixo, que tinha nas mãos, o que êle fez
imediatamente, declarando que entraria no
fogu levando a Hóstia em seu lugar. Mas
esta declaração deu ensejo a novas e mais
violentas questões, sustentando os Menori-
tas, que êle queria destruir a Hóstia con-
sagrada. Nesta altura começou Fra Domé-
nico a perder a paciência, e recusou-se a
ceder, afirmando, com o auxilio de Savo-
nardi, que, em qualquer caso, sómente a
partícula seria consumida, ficando intacta
a substância do Sacramento, e alegando, em
apoio desta asseção, os argumentos de vá-
rios teólogos. Finalmente, a propósito de
uma qualquer contradição apresentada, os
adversários de Savonarola passaram a dis-
cutir com maior veemência ainda, na es-
perança de que assim promoveriam novas
demonias. Enquanto prosseguia aquêle de-
bate, começou a noite a decair, e a perplexa
Senhoria aproveitou aquêle pretexto para
fazer proclamar, que em já impossível rea-
lizar-se a prova naquella ocasião.

A indignação do povo ultrapassou então
todos os limites, e como ninguém sabia ao
certo a quem cabia a responsabilidade do
que se passava, a maior parte dos assisten-
tes accusava Savonarola; até mesmo os Pla-
gionistas declararam que êste devia ter entrado
sózinho no fogo, embora ninguém quisesse
acompanhá-lo, com o fim de dar uma prova
completa e irrefutável do seu poder sobre-
natural. Além disto os Arrabiati e a pri-
meira Senhoria promoviam a divulgação do
boato de que a fraude havia sido desmas-
carada; que, depois de ter promovido a rea-
lização da prova, Savonarola se tinha nega-
do a atravessar as chamas, e outras falsi-
dades do mesmo jaez, enquanto que os Me-
noritas proclamavam a vitória, embora, o
seu campêlo se tivesse conservado sempre
esvaziado no palácio, sem que ao menos se
atrevesse a lançar os olhos para a pira,
que na Piazza lhe estava preparada. Em

consequência disto, retumbaram pela cidade
os gritos ameaçadores contra Savonarola e
contra os frades de S. Marcos. Os Domi-
nicanos tiveram de sustentar uma luta obsti-
nada para poderem regressar incólumes ao
seu convento, apesar de caminharem escol-
tados pelos soldados de Marcuccio Salvati,
o qual, rodeando Savonarola e Fra Domé-
nico com um grupo dos seus homens mais
valentes e resolutos, corajosamente os pro-
tegeu, de espada em punho, contra os in-
solentes da população, cuja fúria em instigada
pelas Compagnacci.

Quando finalmente chegaram à igreja,
onde a congregação feminina se conservava
ainda prostrada em oração, Savonarola subiu
ao púlpito, e fez uma breve narrativa de
tudo o que ocorrera, enquanto que lá fora,
na Piazza, ressoavam ainda os ulivos des-
traídos dos seus inimigos. Em seguida, e
depois de despedir os seus ouvintes, reco-
mou a sua cela, dominado por um desgosto
profundo, que não pode ser traduzido em
palavras.

Pelo contrário, os Menoritas exultavam,
e mais tarde a Senhoria concedeu-lhes, pelo
período de vinte anos, uma pensão de ses-
centa libras, pagável no dia 7 de abril, em
recompensa dos serviços por êles prestados
naquella dia. Todavia, na primeira vez em
que os frades mandaram pedir aquella soma,
o Camerleño do Banco, irritado com tal
insistência, exclamou na ocasião de entregar o
dinheiro:

— Ai tentes, leva! o prago da vossa
tração!

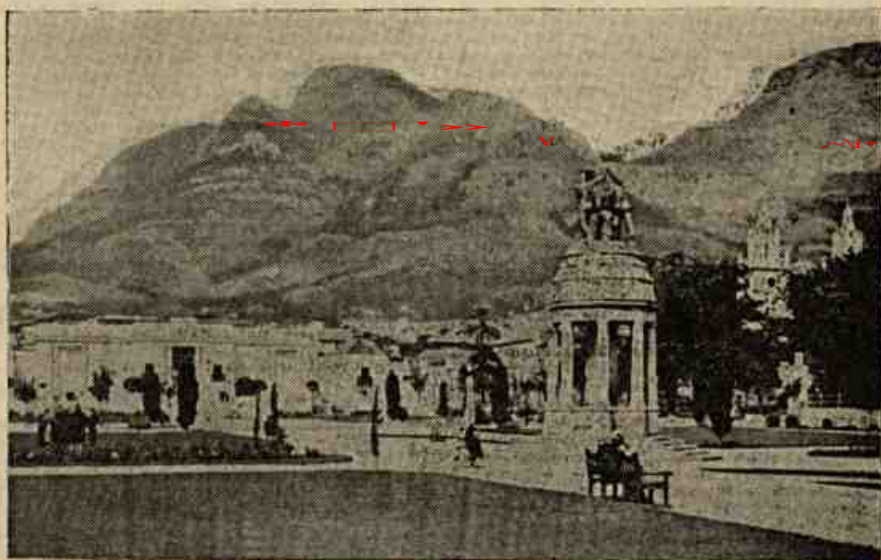
AA Senhoria devia ter feito uma conside-
rável despesa com aquêle falta e estranha
aprova. Existe um memorando, em que se
aprova que uma soma de 662 libras foi dis-
pendida em combustíveis e em salários a
homens, que tinham trabalhado de noite
com archotes, bem como durante todo o dia.
Uma soma adicional de 111 libras foi gasta
em comidas e bebidas para os numerosos
guardas e cidadãos empregados em vários
serviços naquella dia, havendo ainda várias
outras despesas accidentais.

Como acontece algumas vezes a um ho-
mem que sucumbe na vida porque as dife-
rentes partes da sua natureza não se coadunam
umas com as outras, de modo que a sua
ação, dominada por influências contrárias,
não produz nada de definido ou de objetivo,
assim há nações cujas instituições políticas
estão em avanço ou em atraso em relação
às suas condições sociais, de forma que a
unidade do corpo político sofre e a harmo-
nia dos seus movimentos é perturbada. A
América não é uma nação dessa espécie,
tudo ali é interior; as suas instituições são
o produto das suas condições económicas e
sociais e a expressão do seu carácter.

James Bryce
Feliz, mesmo nas suas angústias, aquêle
a quem Deus concedeu uma alma digna do
amor e da desgraça. Quem não viu a este
dupla luz as coisas do mundo e o coração
dos homens, não viu de verdadeiro e não
sabe nada. A alma que ama e sofre está
no estudo sublime.

Victor Hugo

UNIÃO SUL-AFRICANA



Aqui, no ano de 1652, o holandês Van Riebeeck plantou um jardim, que seria o marco fundamental da Cidade do Cabo.

A União da África do Sul vai celebrar, com grandes festas, em 1952 o tricentenário da chegada de Van Riebeeck à Colônia do Cabo.

Entre outras comemorações, destaca-se o cortejo histórico sul-africano que assinalará todas as etapas de colonização daquela região. O cortejo será precedido por 6 arautos a cavalo, 12 tambores e vários porta-bandeiras, com os estandartes empregados durante 300 anos na África do Sul, bem como a bandeira da Cidade do Cabo e o distintivo do festival. Após a legenda "A África, Negra e Desconhecida", seguirá um carro e um grupo alegórico, representando a África primitiva. Depois da legenda seguinte — "Os Portugueses levam um Padeiro" — apresentar-se-ão três episódios. — "O Infante D. Henrique, o Navegador; Bartolomeu Dias e Vasco da Gama".

A "Colônia Holandesa do Cabo" será representada por vários carros reproduzindo as importantes condições nos relatórios de Janssen e Poot, enviado aos diretores da Companhia das Índias Ocidentais Holandesas, os navios "Dromedários", "Reijers", "Good Hope"; e o primeiro foguete com os soldados hastando a bandeira. "A luta pela liberdade pessoal", será representada por carros e grupos alegóricos dos primeiros burgueses livres, recebendo as suas heranças; Simon van der Stel num coche, rodeado por aclamadores holandeses; a petição contra A. van der Stel representação simbólica do casamento entre holandeses e huguenotes; o viajante viajante Sparrman, visitando os povos avançados da colônia, e as Repúblicas de Graaff-Reinet e Swellendam. Após a legenda "A Ocupação Britânica", seguirá um porta-bandeira, com a bandeira da Grã-Bretanha e 60 soldados e tambores ingleses, que precederão os carros alegóricos de Lady Anne Barnard, recebendo os convites a uma recepção dada no castelo, e do desembarque dos colonos ingleses, em 1820. As outras cenas, referentes ao passado, têm os seguintes títulos: — "O embate com as tribos de Border"; "A caminho da liberdade constitucional"; "As estradas divergem"; "Os diamantes e o ouro"; "O último Presidente do Transvaal"; "A queda das Repúblicas"; "As estradas convergem"; "O segundo movimento em prol da língua (africanês)"; "A União, 1910"; "A primeira guerra mundial"; "O diploma oficial para uma nova língua (africanês)"; "O Estatuto de Westminster"; "A segunda guerra mundial"; "Não constituímos uma Nação"; A apoteose ao passado será um cântico executado por um grande grupo coral, em redor do carro alegórico da União da África do Sul.

Quando das cenas referentes ao presente compuser-se de legendas e carros alegóricos representando a flora, fauna, agricultura, vilas, pescaria, avicultura, comércio, indústria, transportes, comunicações, saúde pública, educação, artes, ciências e desporto. Durante o cortejo histórico haverá entreacessos de música por bandas militares, ouvínges canções inglesas e africanas executadas por grupos corais. A Comissão Organizadora das Malas-Postas W. A. van der Stel representação simbólica do casamento entre holandeses e huguenotes; o permanente do seu programa de festividades a efetuar no próximo ano. As históricas malas-

postas dirigir-se ao para a Cidade do Cabo, percorrendo sete trajetos, de vários pontos do país, como um prelúdio às comemorações do tricentenário de Van Riebeeck, a realizar-se naquela cidade, durante o mês de abril. As malas-postas, puxadas a cavalos regularmente o andamento à média horária de 8 quilômetros, ou cerca de 60 quilômetros por dia, com perto de 300 paragens oficiais em todo o percurso, e serão recebidas festivamente nesses lugares.

As carruagens partirão das seguintes localidades: — A diligência "Cidade do Cabo", de Windhoek, no Sudoeste Africano, em 15 de fevereiro; a diligência "Pretória", de Mas-sina, no norte do Transvaal, em 11 de janeiro; a diligência "Joanesburgo", de Groblersdal, no sueste do Transvaal, em 26 de janeiro; a diligência "Bloemfontein", de Nelspruit, na região oriental do Transvaal, em 11 de janeiro; a diligência Transvaal, em 5 de janeiro; a diligência "Durban", de Amsterdão, na região oriental do Transvaal, em 1 de janeiro, e a diligência "Estreito Província", de Port St. Johns, em 13 de fevereiro. As carruagens chegarão simultaneamente à Cidade do Cabo no dia 31 de março.

A Comissão Organizadora das Mala-Postas solicitou às comissões locais de festas para entregarem narrativas históricas das suas localidades às diligências, que as transportarão para a Cidade do Cabo.

O pessoal de cada carruagem compor-se-á de — um intendente da mala-posta, que será o representante oficial da Comissão Organizadora; um cocheiro, que deve ter experiência em manejar as redes de três a cinco parelhos de cavalos; um trintanário, e um servente.

Em conformidade com a tradição, quando a mala-posta chegar a qualquer localidade, ouvir-se-á o toque de corneta, e, na manhã seguinte, antes da partida da carruagem, realizará uma cerimónia religiosa.

A comunidade holandesa da Cidade do Cabo prontificou-se a construir uma réplica da praça central da cidade de Culemborg a terra natal de Van Riebeeck, na Holanda, como parte da sua contribuição para o plano de festas do tricentenário de Van Riebeeck. A planta da praça já foi desenhada pelos srs. eng. Spoer e J. Kall, na Cidade do Cabo. O Comité Holandês de Van Riebeeck nessa cidade será responsável pela construção.

• • •

1652

ARTHUR NUNO MARQUES PEREIRA (1652-1748) nascido em Casru, na Bahia, e falecido em Lisboa, escreveu e publicou o Compendio narrativo do Peregrino da América, em que se tratam vários discursos espirituais e morais, com muitas advertências e documentos contra os abusos que se acham introduzidos, pela malícia diabólica, no Estado do Brasil. Oferecido à Nossa Senhora da Vitória, imperatriz do céu, rainha do mundo, e Senhora da Piedade Mãe de Deus — Arthur Nuno Marques Pereira — Lisbon: Na officina de Francisco Borges de Souza, Ano de 1765.

O título, a dedicatória, escreveu Constantino Alves, já denunciando os propositos e o estilo; ele, porém, dá mais do que promete. Esta obra de piedade, que teve várias edições, o que mostra quanto correspondia ao sentir e ao pensar dos contemporâneos, já

não apresenta aquêle interesse que então oferecia, mas se recomenda por outros motivos. É para ser lido por curiosos, e por historiadores. Capistrano de Abreu, referindo-se à grande aceitação que a obra encontrou, devido à concordância do livro com o tempo, diz que Nuno Marques foi o Casemiro de Abreu da época.

1752

MADEMOISELLE DE LESPINASSE — Julia Joana Eleonora de Lespinasse, nasceu em Lión, a 8 de novembro de 1752 e morreu em Paris a 23 de maio de 1776. Era filha natural da condessa d'Albon e nunca se soube ao certo quem foi seu pai. A condessa d'Albon faleceu cedo, deixando alguns bens à filha e esta, a fim de escapar às perseguições da família, levada por íntimos desgostos, entrou para um dos conventos de sua cidade natal. Ali a foi buscar Madame du Deffand, que fez da moça a sua dama de companhia. E foi então a época dos triunfos; d'Alembert, Turgot, Marmontel, Grimm, tiveram por ela ardente admiração; outros apaixonados surgiram.

Emancipando-se da tutela intelectual da célebre marquez, Mademoiselle de Lespinasse abriu na rua Saint-Dominique um "salão filosófico", no qual dominou d'Alembert, o mais ardente enamorado de Julie.

Ela no entanto jamais o amou; as suas mais íntimas ligações foram com Condorcet, Turgot, Suard, o marquês Caraccioli e depois o marquês de Mera e o conde de Guibert a quem "amou para viver e viveu para amar".

Nada complica mais as circunstâncias da vida como o desacôrdo entre os esposos.

Tolstol

O que tu pensas pertence a todos, só é teu o que tu sentes.

Schiller

A vida exige que aprendamos as coisas na relação que elas têm com as nossas necessidades. Viver consiste em agir. Viver é não aceitar dos objetos senão a impressão útil para responder a eles por reacções apropriadas.

Bergson

Uma voz está em nós, que só as boas e grandes almas sabem ouvir, e essa voz grita sem cessar: "A verdade e o bem são a baliza da tua vida; sacrificia todo o resto a esse fim".

Renan

Os anos matam e dizem tanto como as inundações e como as pestes... A alma de cada velho é um Campo Santo que a velhice cobriu de cruces e ciprestes Orvalhados de pranto.

OLAVO BILAC

DANIEL WEBSTER



1852

DANIEL WEBSTER — Estadista e grande orador norte-americano, nasceu a 18 de janeiro de 1782, em Salisbury, New Hampshire. Formou-se em Dartmouth, em 1801, e exerceu advocacia em Portsmouth, então capital de New Hampshire. Foi membro do Congresso como federalista (1813-1815) da Convenção Constitucional de Massachusetts. De 1816 a 1823 exerceu a advocacia em Boston, sendo considerado um dos advogados e

oradores mais iminentes. Em 1823 tornou a ser eleito ao Congresso; de 1828 a 1842 foi senador, e Secretário de Estado sob as presidências de Harrison e Tyler. Demitiu-se em 1843 e em 1845 voltou para o Senado. Em 1848 foi candidato à presidência dos Estados Unidos. Em 1850 votou os compromissos da Constituição, incluindo o Fugitive Slaves Act e foi nomeado Secretário de Estado Filimore. Em 1852 foi outra vez candidato à presidência. Morreu a 24 de Outubro desse ano.

O discurso que Daniel Webster pronunciou

a 7 de Março de 1850, durante a discussão da lei sobre os escravos desertores ficou sendo uma página histórica nos annos do Congresso norte-americano. É uma síntese perfeita das graves divergências entre o Norte e o Sul, que culminaria na Guerra Civil de 1861.

Eis o que pensava Daniel Webster, em resumo:

QUEIXAS DO SUL

Nos tempos agitados que iam correndo, notava-se um estado de constantes criminações e recriminações entre o Norte e o Sul. Havia listas de agravos apresentados por ambos, e estes agravos reais ou supostos, exasperavam a opinião, alienavam a amizade duma parte do país pela outra, diminuam o sentimento de união fraternal, o amor da pátria e a estima mútua. Começaria referindo-se às queixas do Sul, e em especial a uma que tinha na sua opinião, justo fundamento: o fato de se notar no Norte, nos indivíduos e nas assembleias legislativas, certa relutância em cumprir completamente os deveres constitucionais com respeito à entrega dos escravos que fugiam para os estados livres. A este respeito era sua opinião que o Sul tinha razão e o Norte a não tinha. Tinha o costume de respeitar o resultado das deliberações judiciais e de acatar as suas decisões. Quando o assunto fôra levado ao supremo tribunal dos Estados Unidos, a maioria dos juizes opinaram que a faculdade de entregar os escravos fugitivos competia ao governo federal. Estatua a Constituição que deviam ser entregues os indivíduos que fugissem para outros Estados e confessava que sempre fôra de opinião que isto incumbia ao próprio Estado.

CONTRA AS SOCIEDADES ABOLICIONISTAS

Tinha noções e opiniões muito claras sobre as sociedades abolicionistas. "Não as julgo úteis" — dizia. Nada haviam produzido de bom nem de valioso. Por outro lado, reconhecia que milhares de seus membros eram homens honestos e bons, perfeitamente bem intencionados, pessoas sensíveis, que julgavam dever fazer qualquer coisa pela causa da liberdade, e na sua esfera de ação não viam outra coisa senão contribuir para uma imprensa abolicionista, ou uma sociedade abolicionista, ou pagar a um orador abolicionista. Não queria atribuir motivos interesseiros nem mesmo aos chefes destas sociedades, mas apenas acentuar as suas consequências. Conhecia muitos abolicionistas, pessoas muito honestas e boas, mas, segundo pensava, transviadas por um estranho entusiasmo; querendo fazer qualquer coisa eram chamadas a contribuir e contribuíam. Achava que o dinheiro angariado para sustentar as sociedades abolicionistas, a imprensa abolicionista e oradores abolicionistas, seria suficiente para comprar a liberdade de todos os escravos do estado de Maryland, homens, mulheres e crianças e mandá-los todos para a Libéria.

LIBERDADE DE IMPRENSA

Havia também queixas do Sul contra a violência da imprensa, mas quando se trata

de liberdade de imprensa, Webster não admite restrições:

"A imprensa violenta! A imprensa é violenta em toda a parte. Há violentas incitações do Norte contra o Sul e há censuras de não melhor tom do Sul contra o Norte. Os radicais de ambos os lados d'este país são violentos; tomam os discursos altos e impetuosos por eloquência e por senso comum. Julgam que aquêles que mais fala alto é o que melhor raciocina. Mas isto é o que se deve esperar quando a imprensa é livre como o é aqui — e espero que sempre o seja — porque com todo o seu desbragamento, com todo o seu mal, a liberdade absoluta e completa da imprensa é essencial à conservação dum governo baseado numa constituição livre. Onde quer que ela exista haverá artigos tôlos e artigos violentos na imprensa, como há, penalizam-me dizê-lo, discursos tôlos e discursos violentos em ambas as casas do Congresso. Para falar a verdade, deixo dizer que a língua vernacula d'este país tem sido muito viciada, rebalsada e corrompida pelo estilo dos nossos debates parlamentares. E se fosse possível que os nossos debates no Congresso viciassem os princípios do povo como lhe tem depravado o gosto, eu gritaria: — Deus salve a República!"

Mas em tudo isto não via razão de queixa sólida, não via queixa alguma apresentada pelo Sul a que o governo pudesse fazer justiça, senão a da falta de observância da disposição da Constituição relativa aos escravos fugitivos.

QUEIXAS DO NORTE

A primeira e mais grave era que o Norte adotara a Constituição reconhecendo a existência da escravidão nos estados e reconhecendo o direito, até certo ponto, de representação dos escravos no Congresso e que o Sul pela sofreguidão em adquirir territórios e em aumentar a sua população escrava, colocava o Norte em situação que nunca esperou encontrar-se quando se firmou o pacto da Constituição. Em vez da escravidão ser considerada um mal, como o era então, um mal que todos esperavam ver extinguir-se gradualmente, era considerada como uma instituição que devia ser amada, guardada e aumentada — uma instituição que o Sul já entendera quanto pôde, adquirindo novos territórios.

Webster estabelece um confronto entre os trabalhadores livres do norte e os escravos do Sul. Cinco sextos de todas as propriedades do Norte estavam nas mãos das classes trabalhadoras, cultivavam as suas terras, educavam os seus filhos, preparavam os meios de independência, se não eram proprietários ganhavam salários, e estes salários acumulados transformavam-se em capital, em novas propriedades e assim se criavam os pequenos capitalistas. Não, a ignorância, a escravidão abjecto do Sul, não eram mais conforme aos altos fins e destinos de seres imortais, racionais e humanos do que a condição dos trabalhadores livres e independentes do Norte!

Mas o Norte tinha uma razão de queixa

mais real e irritante. Os navios do Norte empregavam constantemente negros livres como cozinheiros e criados. Quando os navios chegavam, estes prátos livres eram levados para terra pela polícia ou pelas autoridades municipais, capturados e conservados em prisão até que o navio estivesse outra vez pronto a partir.

Estes agravos, quando têm fundamento legal, podem e devem ser reparados, mas quando se fundam somente em questões de opinião, de sentimento, em criminalizações e recriminações mútuas, o mais que podemos fazer é tentar acalmar a agitação e fomentar sentimentos melhores e mais fraternos entre o Norte e Sul.

SECESSÃO IMPOSSIVEL

Ouvia constantemente, com dor, com angústia, com aflição a palavra secessão, secessão pacífica.

"Secessão pacífica! Senhor presidente, os seus olhos e os meus olhos verão semelhante milagre. O desmembramento deste vasto país sem uma convulsão! Agitar-se o fundo do mar sem perturbar a superfície! Quem será tão tolo que espere ver isso? Senhor presidente, quem vê estes estados movendo-se harmonicamente em torno dum centro comum, e espera vê-lo deixarem os seus lugares e afastar-se sem convulsão, pode esperar ver amanhã os corpos celestes abandonarem as suas trajetórias e chocarem-se uns com os outros no espaço sem produzir a ruína do universo. Não pode haver secessão pacífica. E' uma completa impossibilidade. Ha-de a grande Constituição sob a qual vivemos desaparecer, fundir-se por secessão como as nevas dos montes se fundem sob a influência do sol vernal, desaparecendo quase sem se dar por isso? Não! Eu não direi o que poderia produzir a separação dos Estados, mas vejo-os tão nitidamente como vejo o sol no céu, vejo que a separação há de produzir uma guerra tal que não a quero descrever nos seus dois aspectos".

VISÃO DO FUTURO

E assim terminava Webster:

"E agora, senhor presidente, em vez de falar da possibilidade ou utilidade da secessão, em vez de ficar nessas cavernas da escuridão, em vez de andar às apalpadelas com estas idéias cheias de tudo que é nefasto e horrível, saiamos para a luz do dia; gozemos o fresco ar da liberdade e da união; acarinhemos aquelas esperanças que nos pertencem, dediquemo-nos aquelles grandes assuntos que são dignos da nossa consideração e do nosso trabalho; levantemos os nossos pensamentos até a altura e à importância dos deveres que impendem sobre nós; que as nossas concepções sejam tão grandes como a terra por que trabalhamos, as nossas aspirações tão altas como o seu destino certo, não sejamos pigmeus quando a ocasião precisa de homens. Nunca pesaram sobre uma geração responsabilidades maiores do que as que pesam sobre nós, para a manutenção desta Constituição e para a harmonia e paz de todos os que hão de viver sobre ela. Façamos da nossa geração um dos mais fortes e mais brilhantes elos da cadeia dourada que está destinada, creio-o bem, a prender o povo de todos estes Estados a esta

Constituição pelos séculos vindouros. E' um grande governo popular e constitucional mantido pela legislação, pela lei, pela magistratura e defendido por todos os afetos do povo. Nenhum trono monárquico comprime estes Estados uns aos outros; nenhum poder despótico os prende; vivem com um governo, popular na forma, representativo no caráter, fundado sobre a igualdade, e destinado, todos o esperamos, a subsistir eternamente.

Em toda a sua história tem sido sempre beneficente; nunca espasminhou a liberdade de ninguém, nunca esmagou nenhum Estado. A sua respiração diária é a liberdade e patriotismo; as suas veias moças estão cheias de iniciativa, de coragem, e dum honesto amor da glória e do renome. Recebeu um grande aumento de território. Grande antes, o país tornou-se ainda maior com acontecimentos recentes. Esta república estende-se agora numa grande largura por todo o continente.

Os dois grandes mares do universo banham-lhe ambas as costas. Realizemos numa enorme escala, a linda descrição da orla ornamentada do escudo de Achilles:

E pronto o escudo, o artefice o remata
Com o largo Oceano que lhe lança a rodal!
Batem as ondas, como viva prata
A orla do broquel, cercando-a toda.

* * *

1852

Valentim Letellier Madariaga, escritor chileno, nasceu em 1852 em Linares. Estudou humanidades no Instituto Nacional, e direito e ciências políticas na Universidade chilena.

Foi professor de história no Instituto Americano de Santiago e de literatura e filosofia no Liceu Capiapó. Foi deputado em várias legislaturas, depois secretário da Legação do Chile em Berlim, professor de direito administrativo e reitor da Universidade do Chile. Entre várias obras sobre história, educação e sociologia, publicou: *Filosofia de la educación*; *La tiranía de la Revolución* e *La evolución de la historia*.

1852

Emilia Pardo Bázan, Condessa de Pardo Bázan, escritora espanhola, nasceu em Coruña em 1852. O seu primeiro trabalho importante foi o *Estudio crítico de las obras del Padre Feijó*, vindo a chamar mais a atenção sobre a escritora os seus sucessivos estudos *Los poetas épicos cristianos*, *Ensayo crítico sobre el darwinismo*, e o livro de San Francisco de Asís. Publicou as novelas: *Viaje de novios*, 1881; *Los Pazos de Ulla*; *El cisne de Villa-morta*; *La prucha*; *Morrina*; *La madre Naturaleza*; *La piedra angular*; *Una cristiana*; *Insolación*; *Novelas cortas*; *Novelas ejemplares*; *Pascual Lopez*, e vários volumes de contos. Os seus estudos de crítica literária incluem: *La cuestión palpitante*; *Los pedagogos del Renacimiento*; *Polemicas y estudios literarios*, etc.

* * *

Só deve ser advogado quem tem a bossa da combatividade.

Edmond Picard

— **PESQUISAS DE MERCADO E DE OPINIÃO**

— **PROMOÇÃO DE VENDAS**

— **RELAÇÕES PÚBLICAS**

— **PUBLICIDADE**

DORIA ASSOCIADOS PROPAGANDA LTDA.

Rua Formosa, 367 — 31.º (Edif. CBI)

Tels. 34-2736 e 34-4684

NICOLAI V. GOGOL

1852

(Prefácio à tradução de "Almas Mortas", de Gogol)

COSTA NEVES

Nasceu Nicolai Vassilievich Gogol no pequeno domínio de Kuptchinski, perto de Poltava, Ucrânia, em 1809.

Vassili Afanassievich, seu pai, literatozinho provinciano, fazia nas horas vagas pequenas peças de teatro que ele mesmo ensaiava, tomando para si os papéis mais de acordo com seu temperamento, e que ele próprio apresentava ao público da sua aldeia.

Sua mãe, Maria Ivanovna, lia muito, era inteligente, e escreveu Memórias, animando pai e filho na prática das boas letras.

Assim, o pequeno Nicolai desde o berço teve o "cheiro" da literatura. Acrescente-se a isso o primitivismo bucólico da região, onde corriam tradições orais de velhas e lendárias histórias de Cossacos e se mantinham intactos os pitorescos hábitos ucranianos, cheios de danças e cantos sonhadores, e teremos explicado os pendentes artísticos do autor de Almas Mortas.

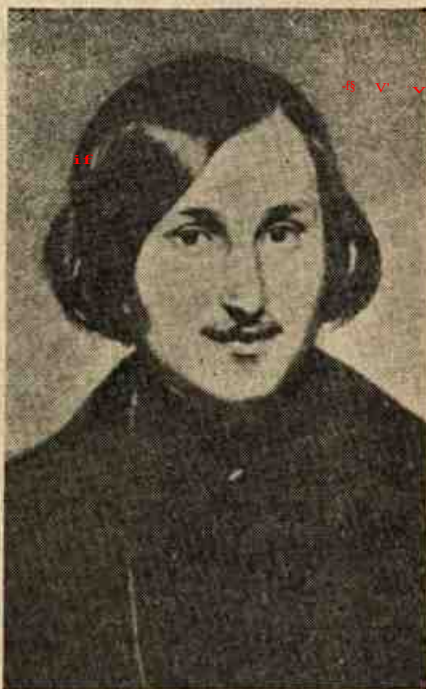
Já no colégio, compensava o horror que tinha pelas Matemáticas e Ciências Naturais e Sociais com uma inclinação fortíssima pelas letras, e devorava os velhos clássicos russos sem desdenhar os mestres de literatura francesa, alemã, italiana e inglesa.

Rapazinho, dava-se de bom grado a uma correspondência ativa com Maria Ivanovna, correspondência essa que nos mostra como naquela primeira fase era o nosso Gogol rebuscado, pedante e artificial, tanto nas idéias como no estilo. Nessa época delineou-se também no caráter do futuro escritor uma tendência ao exagero, à deformação de certos fatos reais, dando-lhes Gogol forma e coloridos extravagantes e às vezes ridículos.

Um dia, cansado de estudar, farto da vida do colégio de Niejine, cidadezinha da mesma província de Poltava, escreve à mãe uma carta em que inventa uma moléstia gravíssima, dizendo-se incapaz de prosseguir no regime escolar. Toda a família, aliás, tinha a mania de doenças — estado patológico que nele progrediria de tal forma que, anos depois, lhe afetaria tanto o corpo como o espírito, acabando na sua tio falada "loucura mística" — e assim o apêlo filial foi ouvido sem demora.

O rapaz consegue pois, livrar-se temporariamente dos livros de seu desgosto. Após alguns meses de descanso, retorna a Niejine e termina o curso. Então volta sua ambição para o serviço público, em Petersburgo, onde contava com o auxílio infalível de um velho amigo da família. Principalmente depois que o pai, vítima de uma moléstia mortal, desapareceu, compete-lhe como único homem da família trabalhar. E Petersburgo atrai o jovem, com perspectivas de uma brilhante carreira burocrática...

Feminilmente preocupado com sua indumentária, diga-se de passagem num sempre de bom gosto, encomenda a um amigo um paletó "no melhor afamate de Petersburgo", de cor azul com botões metálicos, pois "quanto a casacos pretos, já os tivera tantos, que



dêles se cansara". Tendo tido também o cuidado de se informar das "cores da moda para os coletes e calças", afinal se julga pronto para a grande viagem e abandona, assim, a província pela capital. E, ao sair, disse a uma moça estas palavras pretensiosas, a que ele talvez, no seu convencimento juvenil, quisesse emprestar algum odor prefético: "Vocês só ouvirão elogios a meu respeito, ou então nunca mais ouvirão falar em mim".

Assim, toma a kibitka, pequeno trenó de capota, e viaja durante três semanas em demanda da "cidade de seus sonhos", a "Palmira do Norte", conforme chamavam a Petersburgo os poetas.

Mas, aí do jovem Gógol! Foi uma decepção seu primeiro contato com Petersburgo. Chegou doente — uma gripe dos diabos que pegara durante a longa e dura viagem. Depois, não havia jeito de arranjar emprego. As coisas andavam cruéis. Fez seus cálculos: com menos de 120 rublos mensais não poderia viver. Valeram-lhe alguns amigos, camaradas da Ucrânia, em Petersburgo a estudos. Este, o Mokritskis, que aprendia pintura na Academia de Belas Artes; esse outro, o Danilevski, que entrara para a escola de sub-

oficiais da guarda; enfim, vários outros ajudavam-no na medida de suas posses, um cedendo-lhe uma cama, outro convidando-o a comer. Gogol era bom cozinheiro. Preparava uns pratos gostosos da província deles, e era um regalo para todos.

Foi a essa altura que Gogol concebeu a ideia de ganhar dinheiro com literatura. Escreveu a Maria Ivanovna pedindo que lhe remetesse todo o material que encontrasse sobre a Ucrânia. Sentia o imenso interesse que despertavam ao povo peterburguense os costumes e as lendas da Pequena Rússia, mas não foi isso que disse a sua mãe. Queria surpresa, de forma que, para despistar, lhe falou vagamente em que sempre era bom ter esse material à mão, etc. Pediu também que lhe remetesse as duas melhores peças de teatro do pai, das quais talvez possuísse algum dinheiro para viver.

E enquanto esperava a volta do correio — isso naquele tempo levava meses! — fez imitar seu poema em dezaito quadros Hans Kuchelganten, que saiu a lume em junho de 1829. Não usou seu nome, recorreu ao pseudônimo — V. Alov. Os editores não titubelam em declarar no prefácio que se sentiam envaldecidos de apresentar ao público a obra de um jovem talentoso.

Mas, a obra do jovem talento não convenceu a ninguém e foram vendidos apenas uns poucos exemplares. A própria crítica, embora aplaudindo a técnica do metrificador, achou o poema de chato. Isso chocou profundamente o sr. Alov, que percorre as livrarias, recolhe toda a edição e faz dela uma fogueira. Era o prelúdio do que iria, muitos anos depois, fazer com a segunda parte de *Almas Mortas*.

E a essa attitude à moda da Inquisição seguiu-se uma outra mais estranha.

Meteu-se-lhe na cabeça deixar a Rússia. Não lhe servia, dizia ao sr. Alov, o estrangeiro. Escreve a mãe, mente dizendo que se encontrava no desespero porque perdiera seu melhor amigo — ele não perduta amigo nenhum! — descreve-lhe doenas e tristezas infantis que a afligiam barbaramente, acaba pedindo 300 rublos. Recebe os 300 rublos, lança ainda mão do dinheiro que a infeliz Maria Ivanovna lhe remetera para pagar ao banco a hipoteca de seu sítio de Vasilevka, e se rapta para o exterior.

O navio leva-o a Lübeck, onde passa apenas alguns dias; doente e agastado, corre a Hamburgo. Aborrece-se tanto, aí também, que em breve está de volta ao país natal, depois de verificar que nada se compara à sua Rússia.

Em 24 de setembro de 1829, escreve Gogol a Maria Ivanovna: "Eu não de volta a Peterburgo. Deus humilhou meu orgulho. Seja feita Sua Santa Vontade... Somente quando o Altíssimo me houver dado a possibilidade de reparar a desordem econômica e a ruína que eu causei à senhora é que me considere perdendo por Deus".

Em seguida arranja um emprego no Ministério do Interior: 500 rublos anuais. Passa um inverno duro e na primavera é transferido ao Ministério dos Domínios, com 1.000 rublos por ano. As coisas iam melhor. E então, graças ao material de província que lhe enviara a boa Maria Ivanovna, escreve seu primeiro conto: Noite de São João. Publica-o nos *Anais da Pátria*, faz sucesso. Gogol gosta. A Gazeta Literária, dirigida pelo barão Delvig e por Plétirov, amigos de Pushkin, recebe várias traduções suas. Al-

Gogol tenta novo gênero. Faz uma crítica do Boris Godunov, de Pushkin. Outro ensaio! O homem cornia de vento em pápa! En casa da ilustre Alexandra Ossipovna Rosset, filha dum emigrado francês que brilha no exentito russo nas guerras contra os turcos, conhece, finalmente, Pushkin, que seria seu grande mentor literário.

Em março de 1832 publica "As noites da quinta de Dikanka", contos suavíssimos, impregnados da mais melancólica poesia, em que se descreve a vida simples, pura e pitoresca dos habitantes do sul da Rússia. Immediatamente cai no gosto de todos os seus concidadãos, da corte à plebe. Só se falava em Gogol!

Deixando abandonato o funcionalismo público, nosso autor é agora professor. Professor no Instituto Patriótico de Petersburgo e professor particular de príncipes. Quanto a literatura, detinha-se no primeiro sucesso e até fins de 1834, dedica-se aos estudos históricos. "O essencial, escreve ele a Pogodine, celebre historiador, é a história universal; o resto tem pouca importância". Em 1831, aparecem os "Arabescos", em que o autor inclui três novelas: "O Retrato", a "Perspectiva Nievski" e "Dizão dum louco" e mais alguns estudos e artigos de crítica.

Francamente da pena por essa época, já em princípios de 1835 publica novo volume — "Mogoré" — cujo nome tirou de uma cidadezinha da Rússia sibilta. Esse volume contém 4 novelas: "Viv Tarass-Bulha", "A Desavença" e "Uma Família de Outora". Dessas, celebrizou-se, e com razão. Tarass-Bulha. Obra concebida mais ou menos à maneira de Sir Walter Scott, conta com brilho e calor a luta dos Cossacos ucranianos contra os Poloneses.

Ainda em 1835, Gogol concebe a ideia de escrever uma peça de mérito para teatro. Seu amigo Pushkin se encanega de lhe dar o assunto. Gogol trabalha afincadamente. Em dezembro está terminado "O Inspetor". A dificuldade era ser levada a pego. A censura era dura. A comédia, uma sátira, parecia a engenharia administrativa da Rússia. Só com autunização de Tzar, e Nicolau I dá a licença. Não só isso: em 19 de abril de 1836 vai à estreia. Gosta tanto que a recorda a todos os seus ministros — "embora pego mexa com todo o mundo e principalmente comigo", acrescenta ele. Faz em Moscou o mesmo sucesso. Mas, apesar de tanto sucesso, o único que não parecia satisfeito era o próprio autor. Gênio curioso e difícil!

Seria insatisfação, verdadeira modestia, ou pelo contrário, amor próprio disfarçado em pouposo, em displicência?... Não é oportuno estudarmos a fundo isso aqui, num simples prefácio. O fato é que em junho desse mesmo ano, nosso escritor foge para Alemanha.

Sobe o Reno, visita Colônia, Francfort, Bielefeld, Ems, Wiesbaden, Baden-Baden. Passa, em seguida, a Suíça e percorre Genebra, Basileia e Vevey. Aí instala-se e põe-se a trabalhar nas "Almas Mortas". Diríamos melhor: repõe-se, pois que ainda na Rússia, por sugestão e com argumento de Pushkin, Nicolai Gogol já dera início à sua obra-prima. E escrevia a um amigo: "Fico que farei algo que passará além da capacidade dum homem comum. Sinto em mim as forças dum leão!" Contudo, o leão sente frio. Vevey em novembro é de rachar, e Paris, com o Jardim das Plantas e os Campos Elíseos, tenta qual-

quer cristão. Suspende pois, as "Almas Mortas" e vai à cidade-luz, onde não perde uma ópera italiana e uma comédia de Molière a onde se faria com a comédia francesa. Enquanto isso, seus amigos da Rússia mandam-lhe notícias do sucesso permanente do "Inspector". Com saudades da Rússia, reconta as "Almas Mortas". E' então que descreve a Itália a pátria de sua alma". E parte para a pátria espiritual com armas e bagagens. A terra de Dante foi-lhe uma felicidade. Tão grande, que a morte trágica do amigo Pushkine não o abalou tanto como era de esperar. Sua saúde parecia também ir melhor. Com novas forças, e em homenagem ao amigo assassinado em duelo, ataca de novo a obra mil vezes começada.

Nova influência se estabelece sobre sua mentalidade: o catolicismo. A mãe, boa ortodoxa, se alarma. O filho lhe responde: "Vocês tem inteira razão; não mudarei de religião, porque a nossa é a mesma que a católica, não havendo pois, necessidade alguma de se passar de uma para outra. Ambas são verdadeiras". O que não o impede de enxertar numa nova edificação de "Tarass-Bulba" a descrição duma cerimônia num templo católico. Mais tarde, porém, ele voltaria à ortodoxa russa, com furor, e num paralelo entre as duas religiões ele reconheceria como verdadeira somente a igreja russa, de vez que a romana era demasiadamente atávica e socialista.

"Almas Mortas", enquanto duravam esses combates de consciência, caminhavam lentamente. Escasseia o dinheiro; faz alguns artigos para revistas russas e encarrega um amigo de pedir ao Tzar uma pensão para si. Nicolau I não lhe concede a pensão, mas lhe remette imediatamente 5.000 rublos. Louco pelos bons pratos, o estômago ia-lhe mal, a saúde voltou a traí-lo. Principalmente depois que assiste, em sua cabecinha, a morte de um ente amigo, o jovem Viegorski. Gogol não foi mais gente. Assim, volta, no outono de 1839, à Rússia, a idéa, contudo, posta em Roma. "Como é esquisito a minha vida em Rússia! Que sonho penoso!" — dizia esse homem incongruente, que, não obstante, adorava a sua Santa Rússia. Talvez, à maneira de muitos pintores de gênio, só sentisse bem a paisagem dum determinado ângulo distante de visão. Talvez, outrossim, para sentir realmente aquêle insondável país que tão ternamente descrevia em seus livros — mau grado as ironias impiedosas contra seu povo. — lhe fosse necessário o aguilhão da saudade, o doce martírio da nostalgia.

O fato é que volta para Roma em 1840 com 4.000 rublos emprestados por amigos, e na Cidade Eterna conclui, enfim, o primeiro tomo de sua obra eterna. A saúde peca: tem insônias, o desassossego espiritual atinge ao auge, a "loucura mística" já se manifesta em fenômenos cada vez mais frequentes e graves.

Pronto o livro para entrar em máquinas, a censura para o deixar publicar, credores em cena à espera da saída da obra, Nicolau Gogol decide-se a voltar para a Rússia e assistir à sua impressão. Assim, deixa Roma em setembro de 1841, passa pela Alemanha rapidamente e chega a Moscou, onde se instala em casa de Pogodine, o historiador seu amigo.

A Comissão de censura mostra-se severa, exige côtes — a que Gogol se submete com relativa docilidade — e o presidente dessa comissão, um tal Golokvastov, anda zozno

com o título: "Almas Mortas"! Como isso? Não posso autorizar! A alma é imortal; almas mortas não existem! O autor ataca a doutrina da imortalidade da alma! Ora, seu Golokvastov e censores outros de todos os tempos, francamente!... Um outro membro da mais digna e competente comissão alar-ma-se com o preço ridículo que Chichikov pagava per capita: "É humilhante para a dignidade humana! Dois rublos e meio por alma! Almas monta! Que pensão de nós os Franceses e Ingleses quando souberem que se pode comprar na Rússia um homem a esse preço?"

E' no meio de semelhante celeuma que, finalmente, a 21 de maio de 1842, Gogol vê nas montanhas moscovitas os primeiros exemplares de seu "Romem em prosa". — As aventuras de Chichikov, — no dizer de Bodowsky de Schloesser, um de seus melhores críticos, "a um só tempo a mais verdadeira, a mais cruel e cômica de suas obras", livro que se torna instantaneamente o maior acontecimento literário da Rússia; paixão dos leitores de todas as castas e todas as idades, modelos de todos os escritores da nova geração.

Então o festejado autor deixa a pátria para se dedicar à segunda parte da obra. Mas, si essa jamais seria, completa, a luz do dia. Nela queria o autor a regeneração de seus heróis e pretendia faz-la superar de muito a primeira parte, tanto em valor artístico como em envergadura dogmática. Não o consegue, porém. Doente incurável, não acha pouco em lugar algum. Corre de volta à Europa, foge para a Terra Santa, mas nada! De Jerusalém, em 1848, regressa à Rússia, onde encontra um tanto mudado o ambiente em relação a seu livro. Bielinski, o funéreo, o maior crítico da Rússia, cham Saint-Rouve, eslavó, fania restrições, tachava de tendenciosamente reacionária. Gogol perde a confiança em si.

Já não tinha Pushkine vivo, a seu lado, para a animar. Trabalhava-se em seu espírito o mais trágico conflito de sua vida cheia de embates interiores; era a luta do artista e do homem de fé. A arte dada ao público, para que este a apreciasse, era uma verdade, era orgulho, amor-próprio. Só pela presença do homem se eleva a Deus; não por suas obras publicadas. Lê os Evangelhos, todos os Padres da Igreja, Boesuet, o Tratado da Consciência. Para que lêr esse Tratado, ele, o mais esquivo às mulheres? Porque fugia às mulheres, sim, mas tinha os seus vícios solitários. Era místico e pecava. Era paradoxal. Ele mesmo sentia a infinita tortura que se vai-vem de sua alma e exclamava em "Almas Mortas": "Quão estreitos e tortuosos, impraticáveis caminhos escolheu a Humanidade em busca da verdade eterna, quando diante dela se abre uma estrada ampla e retilínea como as que conduzem às moradas soberanas!"

Final, certa noite, sobrevem a grande crise. Era Quaresma. Gogol havia jejuado, suas orações cada vez lhe faltavam mais. Os remédios que o médico lhe recitava, ele não os toma. Decididamente quer morrer. Então chama seu criado de confiança e lhe ordena que acenda a lareira. A princípio uma chamazinha, depois um grande fogo crepita. Aí Gogol se aproxima, levando na mão um rôlo de manuscritos, que lança ao fogo.

Em a segunda parte de "Almas Mortas" — Por que o senhor faz isso? — brada Iakine, horripado, — talvez esses papéis sirvam ain-

da para alguma coisa..." "Calto, respon-
deu Gogol, não é da tua conta!" = E per-
manece algum tempo, imóvel como uma es-
tátua, a contemplar as chamas. Depois cho-
ra amargamente e vai deitar-se. Chegou
o momento de morrer". Chama-se outro
médico. Fazem-lhe fricções de álcool, dão-
lhe banhos escaldantes, aplicam-lhe sangues-
ugas. Tudo em pura perda... A 12 de fe-
vereiro de 1852, às 4 horas da manhã, deixa
este mundo. Cumpria-se "o terrível aconte-
cimento" segundo uma expressão sua.
O pouco que sobrou da segunda parte de
"Almas Mortas" = apenas dois fragmentos
arrancados ao fogo, graças à dedicação do
criado fiel = foi publicado em complemen-

to à primeira. Mas não entrou, nota-se, o
vigor desta. De forma que ficamos a inda-
gar: = Seria realmente o fervor místico, ou
o desilusão do esteta, que o teria levado a
esse auto-de-fé?

Que os leitores brasileiros leiam e jul-
guem essa obra-prima da literatura russa, ou
melhor, da literatura universal, e por ela
procurem compreender melhor e interpre-
tar com mais propriedade a alma e o caráter
desse Gogol insondável, cujos traços básicos
= biográficos e morais = tentu: palidamente
dar nas linhas acima.

O PONTO DE VISTA DE GOGOL

OTTO MARIA CARPEAUX

(Apresentação de "Almas Mortas",
poema em prosa de Gogol, traduzido
por Costa Neves)

"Todos nós descendemos do Capote", disse
Dostoiévski. Com efeito, Gogol é o funda-
mento da grande literatura russa do século
XIX. Do Capote descende toda aquela lite-
ratura de compaixão pelas almas ofendidas
e humilhadas, a compaixão algo sádica de
Dostoiévski e a sensibilidade cinzenta de
Tchekov, que assim como o próprio Go-
gol, chorava atrás do riso humorista.
"Ofendi a vida russa, e rebentou em lágr-
mas", = das Almas Mortas descende o em-
penho de pintar a fresco a vida russa, nas
epopéias de Gontcharov e Tolstói. O re-
visor descende toda a literatura de "acusá-
ção" política e social, mas também a téc-
nica das Possessões de Dostoiévski, a em-
brulhada demoníaca dos enganadores e en-
ganados; nos Contos petenbúrgueses en-
contra-se a descoberta do lugar em que
aquelas confusões, infâmias, risos e lágrimas
se confundem da maneira mais fantástica;
descoberta do caráter irreai da cidade de
Petersburgo, criação artificial de Pedro o
Grande, irrealdade que enche as ruas esti-
veis pelas quais erra Raskólnikov e as pra-
ças nervosas onde cometem atentados os es-
tudantes revolucionários de Biely; essas
irrealidades dum Estado artificial e da sua
capital artificial, irradiando-se por todo o
país, enchendo-o com as confusões da bu-
rocracia e as embrulhadas da "sociedade",
transformando esboços em generalis-
gerais em esboços, prostituindo sem anjos,
pequenos funcionários públicos em fantasmas
vingadores, almas mortas em mercadoria
viva, e cobrindo toda a vasta terra russa
dum espesso nevoeiro diabólico, como uma
mortalha talha.

Toda a grande literatura russa do século
XIX pode ser interpretada, partindo-se de
Gogol. Só para uma das obras decisivas não
ofereceu modelo, isto é, para a Casa dos
Mortos, talvez porque toda a Rússia de Go-
gol é uma casa dos mortos. "Estou cho-
rando atrás do riso", disse Gogol; e quando
Pouchkine leu os primeiros capítulos das
Almas Mortas, exclamou: "Meu Deus, como
é triste a nossa Rússia!" Estas citações in-
dicaram o caminho à interpretação; rindo
e chorando, denunciando e condenando, Gogol

deu a primeira visão completa da Rússia.
Ele próprio o disse, falando das Almas Mor-
tas: "Eu quis mostrar toda a Rússia, pelo
menos de um ponto de vista."

Gogol é realista? Creio que foi o poeta e
crítico Valéry Brasseur o primeiro que, por
ocasião do centenário de 1909, manifestou
dúvidas quanto ao suposto realismo de Go-
gol. E, com efeito, basta referir-se a obra
para convencer-se do contrário.

Como criança, vi um pobre ator que, fra-
cassado em ofícios mais sérios, ganhava a
vida com uma produção de "variété", as
"Espéculas do riso"; produziu o riso de emba-
raço dum nomezito tímido, o riso irônico
do orador parlamentar, o riso de malícia do
sedutor viciado, o riso brutal do bêbedo,
o riso desesperado do candidato ao suicídio.
Gogol se ri assim, e essa escala de risos, que
não tem nada igual na literatura russa, en-
che a obra de Gogol, sacudindo o ar, des-
lumbrando os olhos, deformando os contor-
nos. Gogol não tem o senso das proporções.
Num trecho famoso, descrição do rio Dnie-
per, chama-lhe "maior dos rios", e afirma
que "poucos passaros conseguem sobrevoo-
ar até a metade. Os cosacos, em Tarass
Bulha, realizam façanhas inverossímeis, lem-
brando aquele sarcasmo de Ariosto que, "já
morto, nem notou isso, continuando a lutar
com cadáver." Gogol não tem o senso da
realidade, ao ponto de não ser possível ve-
lutar a estagão em que se passam as Almas
Mortas; camponeses vadeiam um riuzinho,
e a poeta da estrada envolve o carro em
calafrios. Chichikov se resguarda do frio invernal
com uma pele de urso, não, com um urso
inteiro." Não se trata, porém, de descuidos
ou de exageros grosseiros. Estranho realis-
mo o dum mundo poético em que narizes
vão pelos ares, funcionários públicos se
apresentam como espectros noturnos, e lou-
cos datam diários de 30 de fevereiro! As
personagens de Gogol não são mais reais do
que as suas paisagens e cidades; assem-
elham-se antes a bonecos, envolvidos em tur-
bilhões de riso elegante e frenético. Todos
eles, burocratas e comerciantes, vítimas e
esboços, são títeres pendentes dos fios
duma máquina diabólica que é o próprio Es-
tado, definido como "homem ridículo que
todo dia, à hora marcada, aparece numa ja-
queta, aceita a homenagem dum toque do
tambor, e desaparece, para, no dia seguinte,

voltar com a pontualidade estúpida dum mecanismo de relógio."

Gogol é satírico. Essa qualificação parece lugar-comum, e realmente o é, enquanto não se repara que o realismo e a verdadeira sátira se excluem. O satírico é um revolucionário idealista. Apresenta ao mundo um espelho, iluminado por um ideal secreto, e as insuficiências da realidade aparecem no vidro como deformações caricaturais. Se aquela luz fosse visível, colocado o ideal no centro do mundo, o satírico seria um pregador, um moralista. Gogol, porém, é o contrário disso. "Na minha peca não há nenhum homem respeitável," disse sobre o Revisor, acrescentando: "Eu também não sou um homem honrado." O satírico não prega a revolução, prepara-a, simpatizando com os malandros que minam a ordem estabelecida. Como todos os grandes satíricos, Gogol sente simpatias secretas pelos seus impostores e esboques, por Chichikov, por Chlestakov, pelos burocratas corruptos e os comerciantes desmoralizados, todos eles sem almas, verdadeiras almas mortas, já condenadas. Não se faz injustiça a ninguém, na Rússia de Gogol, ou quase: os injustiçados não vivem, são loucos, espectros; por isso, são chamados, irônica e desta vez, almas mortas. São os que não existem legalmente na Rússia de Gogol: o povo.

O povo, eis o secreto ideal do satírico Gogol. A literatura russa do século XIX não é tão gogoliana como parecia aos partidários da interpretação realista: não guardou nenhum vestígio daquele seu riso. Os grandes escritores do século descendem todos da aristocracia rural ou da burocracia urbana. Gogol, porém, descende de cossacos e padres ucranianos: em Petersburgo, o estrangeiro foi considerado, nos meios literários, quase como estrangeiro, e os seus primeiros êxitos, os contos ucranianos, tinham o encanto dum mundo exótico, diferente do ambiente russo. Esses contos, aliás, constituem outra objeção contra o suposto realismo de Gogol. São, na maioria, contos de fadas, tomados de material folclórico; e assim como a interpretação antiga explicava o elemento fantástico nos Contos petersburgueses pela influência de E. T. A. Hoffmann, consideravam-se as Noites na Fazenda de Dikanka como rebentos do romantismo alemão. A influência é inegável. E apenas preciso compreender a significação daquele romantismo: dissolução dos contornos da realidade por um idealismo platonizante, refúgio espiritual duma classe intelectual que perdeu, pela revolução, a proteção da aristocracia e se viu de repente, em face da realidade burguesa, "prosaica".

Gogol, egresso da aristocracia ucraniana decadente, "estrangeiro" no mundo prosaico da burocracia petersburguesa, acha-se no mesmo caso: como os românticos alemães, transforma uma realidade anti-pática em espetáculo meio diabólico de titeres. Mas não é só influência. O que, para muitos românticos, era jogo espiritualoso, é para ele a dura realidade da sua organização mental. Gogol — para dizer francamente a verdade, e a mania religiosa do fim de sua vida não passa da última consequência — Gogol era louco.

Melhor do que a qualquer outro escritor, aplica-se ao humorista Gogol a frase dum pai da Igreja que Baudelaire ocasionalmente citou: "O cristão não se ri senão com temor." Durante a vida inteira — não sómente nos últimos anos — sofria de acessos

de pavor pânico. O mundo parecia-lhe uma floresta encantada, cheia de espectros e diabos, e como uma criança, tomada de medo na solidão, se distraía cantando, assim Gogol tentava afugentar os fantasmas pelo barulho de gargalhadas, pelo riso embargado, irônico, malicioso, brutal, desesperado que enche a sua Obra, esses gritos de angústia em 6 volumes — até a confissão pública no seu último livro, na "Correspondência com amigos": "Concedidos, tenho medo."

Em Gogol, essa angústia é da primeira hora, como da última. Num dos seus primeiros contos, "Os fazendeiros à antiga", em "Mirgorod", interrompe bruscamente a narração com as palavras: "Confesso, surpreendido numa floresta noturna por todo o exército do diabo, não poderia sentir tanto medo como neste silêncio sereno dum dia de sol". Sem querer, essa frase sugere a atmosfera sulina, quase mediterrânea, da estepe ucraniana, idílio romântico invadido pela imaginação espavorida de Gogol. Tudo se deforma: grotescamente, ridiculamente, é verdade, mas atrás do ridículo o diabo espreita. Num daqueles contos, o narrador, fazendo excursões perto de Kiev, pede abrigo numa quinta solitária; a velha feia que o recebe, de repente "saiu" como uma gaia no seu dorso, deu-lhe com a vassoura um golpe nas costas, e já as suas pernas se moveram, contra a sua vontade, pulando ridiculamente como dum cavalo de cossacos, e já estavam em cima de desfalecidos vastos, e ele viu a floresta, lá em baixo, negra como carvão, e disse consigo: ah, é uma bruxa." O próprio Gogol, quando mesmo, gostava de assustar a gente nas feiras com saltos excêntricos, e mais tarde dirá: "Todas as mulheres são bruxas". Outra vez, aparece um procurador de distrito, "um rapaz muito cômico, um autêntico procurador de distrito, fardado, as fraldas compridas como uma cauda, e se não fossem a barba de bode e os dois pequenos chifres na cabeça, ninguém repararia que não era um procurador de distrito e sim, simplesmente, o próprio diabo."

É de Merejkovski a interpretação "diabólica" de Gogol: o falso revisor Chlestakov aparece ao mundo pecador na figura do verdadeiro revisor, assim como o Antecristo, ao aparecer nos últimos dias deste mundo, toma a figura de Cristo: e o polícia que, ao fim da peca, anuncia a chegada do verdadeiro revisor, é o arauto do Juízo Final. A interpretação é bem aceitável. Chlestakov é o diabo, como Chichikov é o diabo, como o diabo é o "procurador de distrito", como toda a obra de Gogol está cheia de diabos, todos fantasiados de homens ridículos, vazios, insignificantes. Mas é esta última qualidade que não está bem explicada. Chlestakov é o diabo. Mas quem é o diabo?

Será preciso estudar o mecanismo da imaginação poética de Gogol, para saber-se por que o seu diabo se mete em tudo. Outra vez, encontramos um conceito do romantismo: o homem cai em poder do diabo quando renuncia à sua vontade livre (quer dizer, quando se conforma com a nova organização da sociedade). Então, os homens não passam de bonecos ridículos na mão de forças diabólicas. Ora, todos os personagens de Gogol são titeres assim, movidos por forças fora da sua vontade; Chlestakov e o prefeito que se assustam um diante do outro, Kokoriov e Polikolesin no "Casamento", Chi-

chicov, Pliuchisin e Nodrev, Akaki Akakievich e Poprichtchin, Pirogov e Piskariov. Todos eles não sabem direito o que fazem. São, todos, almas mortas. Por isso, falta o sentido humano em suas relações, como falta o sentido humano na organização burocrática: nesta, a corrupção é o estado normal das coisas, e naquelas o caso normal é a confusão demoníaca na qual os homens não se reconhecem nas suas fantasias, produzindo toda a escala de riso, do riso elíptico até o riso frenético. Quem move todos esses titêres é a vontade alheia, a de Gogol que os chama para fora do palco — "Chamo a todos pelos nomes, chamo diabo ao diabo, e sei que ele anda de casaca ou farda." Todos os diabos de Gogol andam fantasiados de banalidade cotidiana — e além disso eles têm outra coisa em comum: são todos metisseiros — às vezes, como Akaki Akakievich, Pirogov e Piskariov, vítimas do mundo de Petersburgo, onde os alfaiates fazem as casacas e as fardas para toda a Rússia. São burocratas, empregados ou vítimas da grande máquina estatal, lá na capital, e às vezes, como Chlestakov e Chichicov, verdadeiros petersburgueses, visitando, apouquentando a província.

Petersburgo — e isto aprendeu em Gogol toda a literatura russa — é a capital do diabo. Ali não há povo, ali não há gente. Em vez de homens, só há classes e padrões de burocratas. Tudo ali é artifício e engano, e Gogol está tomado de pavor pânico, nesta floresta encantada de ruas e casas, cheia de espectros e diabos: "O Nevski-Prospekt ou a rua Gorochovaya se abrem de repente, como caídos do céu; cúpulas e pontes estão suspensas no ar... tudo ali é mentira, é sonho, todas as ruas mantêm, sobretudo na hora de anoitecer, quando no crepúsculo tudo parece irreal e o Diabo acende as luzes." Aqui, o Diabo aparece com maiúscula. Estamos na capital do Diabo.

Mas isso é mais do que uma metáfora, um símbolo literário. É uma verdade tão fundamental como só os grandes satíricos — os Cervantes, Swift, Gogol — são capazes de descobrir. Gogol, reacionário feroz nos seus últimos dias de loucura, é na verdade um revolucionário profundo, como nos seus dias só o hoje esquecido Herzen: revolucionário que desmascararam um mundo inteiro porque o vêem de fora; o que é o papel do revolucionário da sátira. O que era para Herzen o nascimento ilegítimo, era para Gogol a dependência ucraniana; ambos são homens "da outra margem do rio." Herzen foi o primeiro — e durante muito tempo o último revolucionário russo que propôs a mudança da capital para Moscou, realizada depois pelos bolchevistas. Gogol desmascarou toda a civilização russa do século XIX, a de Petersburgo, como fenômeno a-russo, como pseudo-montre duma classe artificial de almas mortas, acima dum povo de "almas mortas" que aguarda a sua ressurreição.

A obra de Gogol, toda a sua Obra, é a sua "Casa dos mortos". E assim que lhe aparece toda a Rússia, pelo menos de um ponto de vista. Todos aqueles que se imaginam seres vivos, são mortos de verdade, sem o saber, nas suas casacas francesas e fardas alemãs; Gogol, tomado de pavor pânico neste cemitério imenso, chama-os pelos seus nomes russos; eles começam a agitar-se, emburruando-se em confusões diabólicas, das quais se levanta o riso elíptico e frenético

da salvação pela sátira, e se levantará o riso extático, apocalíptico da ressurreição do povo russo. Até então, "toda a Rússia" é uma casa de almas mortas. E este, pelo menos, o ponto de vista do Gogol.

As mortes são compensadas pelos nascimentos e dá no mesmo.

Gogol

O destino da Rússia

Há uma passagem das Almas Mortas, de Gogol, em que a sége de Chichikov desaparece à distância levada por um galope desvaído: — E tu Rússia, não galopas tu para a frente, como uma troika, para não seres alcançada? Por detrás de ti a estrada fica envolta em fumo; as pontes estalam. Tudo deixas para trás. Os espectadores assombrados param e dizem: "Seria um relâmpago? Que significa esse galopar que nos gela o sangue das veias, que secreto poder é o desses cavalos? que rapa de cavalos sois vós? Ou ouvistes vozes lá de cima, e obrigais agora as vossas pernas de ferro, sem tocar no chão com as patas, a voar através dos ares, como se fôsseis inspirados por um Deus? Rússia, respondei: para onde ides?"

O CONDOM

Sim, o condom é uma ave simbólica, dessas em cujas formas e hábitos os povos sintetizam os mais altos ideais; a fênix mitológica era a encarnação de um estado de espírito; a águia representa outra tendência da alma humana; o condom, filho da América, tão antigo pelo menos como a sua idade histórica, é a mais alta, a mais grandiosa representação dos seus destinos na vida e nos caracteres predominantes da sua natureza.

Joaquim V. Gonzalez

Futuro! futuro! — e o futuro não vem.

Tobias Barreto

Universidade da Igreja

Por que dizeis que a Igreja é católica? pergunta o catecismo; e logo acode com a resposta: "Digo que a Igreja é católica, isto é, universal, porque se entende a todos os tempos e a todos os lugares". Nada mais, senhores; porém está dito tudo, porque na sua transparente etimologia o vocábulo, de origem grega, proclama a generalidade, a totalidade, a universalidade das nossas crenças. Todo católico, no que se refere à religião, sente-se irmão do outro homem que com ele comunga no mesmo credo. Em religião, não se distingue pátrias ou nacionalidades.

Carlos de Laet

MOCIDADE

HAMILTON NOGUEIRA

Num dos seus contos descreve Maupassant que se lhe apodera do espírito. Começa a as impressões de um homem de quarenta anos, ao contemplar-se, num espelho, no momento de despertar. São páginas tão vivas, tão reais, que, passados agora vários anos da sua leitura, parece que estamos ainda diante daquela criatura angustiada, olhando perplexa, a sua imagem refletida — tão diferente daquela que desejara ver, e fazendo-nos participar da nostalgia que lhe invadia a alma, ao aperceber-se da máscara que se superpunha a um outro ser que julgava existir ainda dentro de si mesma, e que, na sua mocidade, se lhe afigurava incorruptível.

Muito mais intensa, no entanto, é a nostalgia daqueles que se vêem ainda magos, mas sentem que já perderam a mocidade, sendo vãs todas as tentativas que procuram realizar para restabelecer o contato com o mundo desaparecido.

Não há mais possibilidade de volta, todos os caminhos estão interrompidos, todos os nossos desejos são inúteis. Estamos em pleno domínio dessa tragédia do espírito, em que o homem, no dizer de Chestov, não penetra voluntariamente, e vê-se acorrentado por novas e misteriosas forças que jaziam ocultas no fundo do seu coração. Nem mesmo as sucessivas evasões na esfera da inteligência e dos sentimentos são capazes de reverter a situação, e os estados de alma que passaram. E as antenas sutis do seu espírito, captam, apenas, desse passado ainda tão recente, impressões de um ser mais generoso, mais nobre, mais desinteressado, e que contrasta com a caricatura que contempla na realidade presente.

Uma desoladora sensação do desencanto, fazendo descer sobre a sua alma uma nuvem de melancolia. E essa nuvem torna-se mais espessa, mais angustiante, quando o homem, num movimento instintivo, inconsciente, procura rever os lugares em que viveu, na esperança de sentir novamente as emoções de outros tempos. Uma ilusão a mais vem exacerbar a sua nostalgia. E como se fosse a um cemitério numa tarde cinzenta.

Há, de fato, um sabor de cinza, nessa tentativa de reencontro com um mundo que permanece luminoso na nossa memória, porque o nosso espírito era outro, outro os olhos que o contemplavam.

Os que habitam, agora, esse mundo que foi o nosso, aparecem-nos como sombras, vestígios de uma humanidade que se foi, corpos automáticos — vazios daquelas almas racionais que cercavam a nossa adolescência. E não há sentimento mais universalmente humano, mais fiel na tradução desse doloroso panorama subjetivo, do que aquele

que se habita, agora, esse mundo que foi o nosso, aparecem-nos como sombras, vestígios de uma humanidade que se foi, corpos automáticos — vazios daquelas almas racionais que cercavam a nossa adolescência. E não há sentimento mais universalmente humano, mais fiel na tradução desse doloroso panorama subjetivo, do que aquele

que se habita, agora, esse mundo que foi o nosso, aparecem-nos como sombras, vestígios de uma humanidade que se foi, corpos automáticos — vazios daquelas almas racionais que cercavam a nossa adolescência. E não há sentimento mais universalmente humano, mais fiel na tradução desse doloroso panorama subjetivo, do que aquele

que se habita, agora, esse mundo que foi o nosso, aparecem-nos como sombras, vestígios de uma humanidade que se foi, corpos automáticos — vazios daquelas almas racionais que cercavam a nossa adolescência. E não há sentimento mais universalmente humano, mais fiel na tradução desse doloroso panorama subjetivo, do que aquele

"Ele acreditava — escreve Henry Mon-
gault, na existência física do demônio, lutou
muito tempo contra ele e acabou vencendo-o
na hora suprema".

Há qualquer coisa de verdadeiro nessa afir-
mação metafísica de Chestov, quando diz
que Gogol, tal como um Tolstói, um Dos-
toievski, um Nietzsche ou um Ibsen, "foi vi-
sitado pelo anjo da morte", o qual modificou
a sua visão do mundo: "Que tédio é a vida,
senhores!" Esta exclamação de desânimo
que Gogol deixa transparecer através da sua
grande comédia humana não se relaciona
apenas com a vida russa. "Há tédio na vida"
— comenta Boris Schloezer, não porque haja
muitos Tchitchikov, Nosdrev, Sobakievitch.
Para Gogol — Tchitchikov, Sobakievitch não
eram "eles" — e sim "ele próprio".

Todas essas personagens são emanções da
vida espiritual de Gogol, são fantasmas na-
cidos da própria substância do seu ser, fan-
tasmas dominados pelo anjo da morte, de-
speritualizados, jogados uns contra os ou-
tros na direção de um sombrio destino.

A arte prodigiosa de Gogol — escreve
Boris Schloezer, — consiste precisamente
em fazer-nos acreditar que essas conchas vazias
estão cheias de substância, que esses autó-
matos dispõem de si — mesmo que esses in-
felizes minados por uma doença secreta não
diferem essencialmente das pessoas que nos
rodeiam, de nós mesmos. Na arte de enfiar
cadáveres Gogol é sem igual. Com uma ha-
bilidade maravilhosa ele torna os seus "mon-
stros" normais, mantendo-os numa espécie de
equilíbrio instável entre a vida e o auto-
matismo".

A esses personagens de Gogol assemelha-se
a alma de certas criaturas que não puderam
vencer a nostalgia, o desencanto causado pela
fuga da mocidade. Toda a sua vida será do-
rante marcada pelo sinal do fracasso, com
as suas inevitáveis tendências para as eva-
sões, o desespero ou o aniquilamento.

É a essa crise da vida humana que Con-
rad dá o nome tão significativo de "lin-
ha de sombra". Linha difícil de transpor
quando o homem não se sente ligado a valo-
res eternos ou quando mesmo não o anima
qualquer ideal humano.

São os moços conhecidos momentos seme-
lhantes. Não quero dizer todos os moços. Não.
Os mais jovens, propriamente falando, não
têm momentos. É privilégio da adolescência
viver antecipadamente seus dias nessa mag-
nífica e constante esperança que ignora o
francisco e a reflexão.

Fez-se, atrás de nós a pequena porta
da infância, — e penetramos num jardim en-
cantado. As próprias sombras adquirem um
brilho promissor. Cada recanto da vereda
tem a sua sedução. E não é o atrativo de
um país desconhecido. Sabe-se bem que por
lá passou a onda de humanidade inteira. É o
encanto de uma experiência universal de
que se espera uma sensação estranha e pes-
soalmente vivida — a revelação de um pou-
co de nós — mesmos.

Cheios de ardor ou de alegria, caminha-
mos ao encontro dos traços dos nossos prede-

cessores; aceitamos, como vêm, a boa e a
má fortuna — as chagas e as boasas, como
se diz... Caminhamos. E o tempo também
caminha, — até o dia em que descobrimos,
diante de nós, uma linha de sombra que nos
adverte, por sua vez, ser preciso deixar atrás
o país da mocidade".

É a época em que, de ordinário, sobre-
vem esses momentos aos quais eu fazia alu-
são. Que momento? Ai de nós! Esses mo-
mentos de tédio, de cansaço, de descontenta-
mento, de irreflexão. Quero dizer: esses
momentos em que, moços ainda, são os ho-
mens levados a cometer atos irrefletidos".

E ninguém, mais intensamente do que Con-
rad, sentiu a passagem da linha de sombra.
E se é verdade que ele soube fugir à sua
ação paralisante sobre as energias do espírito,
não é menos verdade que ela deixou uma
marca indelevel em toda a sua obra.

Mesmo nas paisagens luminosas dos trópi-
cos, que ele tão maravilhosamente soube pin-
tar, mesmo nelas, percebemos sempre uma
ligeira penumbra de melancolia...

"A mocidade e o mar!" Com que mágu-
a, com que saudade não repeto Conrad, con-
stantemente, essas duas palavras que lhe re-
cordam os dias mais felizes da sua vida, dias
que julgava intermináveis: "o sentimento de
que podia durar eternamente, sobreviver ao
mar, ao céu, a todos os homens: esse senti-
mento cuja atração enganadora nos leva para
as alegrias, para os perigos, para o amor,
para o esforço ilusório, — para a morte: con-
vívio triunfante da nossa força, ardor de
vida ardente num punhado de poeira, cha-
ma do coração que cada ano se enfraquece,
se resfria, decreesce e se apaga, — e se apa-
ga muito cedo, demasiadamente cedo — an-
tes da própria vida".

Não é exagero dizer-se que a grande for-
ça poética de Conrad está contida nessa per-
manente evocação da sua mocidade. Obser-
vados através das suas recordações os acon-
tecimentos mais insignificantes da sua vida
se revestem de um singular encantamento,
como o dessa admirável narrativa do seu
primeiro comando a bordo da "Judeia".

"Ela continuava a arrastar-se por esse
tempo limpo. O céu era um milagre de
pureza, um milagre de azul. O mar estava
liso, azul, limpo, cintilante como uma pe-
dra preciosa que se estendesse de todos os
lados, em torno de nós, até o horizonte, —
como se o globo inteiro não fosse senão uma
jóia, uma safira colossal, uma gema única
amoldada em planeta. E sobre a extensão
brunida dessa água calma a "Judeia" des-
lizava imperceptivelmente..."

... E quanto a mim, havia além disso a
minha mocidade para me tornar paciente.
Eu tinha todo o Oriente diante de mim...
A velha barca arrastava-se, arreuda pela ida-
de e pelo peso da sua carga, e eu vivia a
vida da mocidade, na ignorância e na espe-
rança...

... Oh, a mocidade! que força ela tem,
que fé, que imaginação! Para mim, esse na-
vio não era uma velha barcaça carregando
para o mundo um amontoado de carvão, à

CORTINAS
TAPETES **MOVEIS**

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADO

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

guisa de frete, — era o esforço, o ensaio, a experiência da vida..."

Do seu contacto com as misteriosas terras do Oriente e da sua passagem através do Continente Negro enriqueceu-se a alma de Conrad de um mundo de imagens novas, de idéias, de sentimentos, que seriam mais tarde transfigurados pela sua imaginação criadora em novelas admiráveis, impregnadas de um sabor exótico, misterioso, fazendo-nos participar da vida de criaturas distantes, isoladas da civilização, e que encontraram na sua grande alma de artista uma compreensão fraterna.

O Extremo Oriente e a África foram as duas fascinações da mocidade de Conrad. Criança ainda ele apontava no mapa as regiões inexploradas do centro africano, assinalando roteiros de futuras expedições aliás mais tarde realizadas, a que forneceram a matéria-prima para a sua imortal novela — O Coração das Trevas.

Singapura, Saramang, Bangkok, eram nomes que lhe despertavam profundas ressonâncias, desejos de evasão para mundos desconhecidos. E com que nostalgia não se recordará mais tarde o velho marinheiro do seu primeiro contacto com o Extremo Oriente:

"E é ainda assim que o Oriente me apa-rece. Conheci seus recantos secretos e penetrei até o fundo da sua alma; mas, agora, é de uma pequena embarcação que o vejo; alta linha de montanhas, azuis e longínquas pela manhã; semelhantes a uma bruma ligeira, ao meio-dia; muradha de púrpura dentada ao pôr do sol.

"Ainda tenho nas mãos a sensação do remo e nos olhos a visão de um mar de um azul cintilante. E vejo uma baía, uma vasta baía, lisa como o vidro, polida como um espelho, que reflete na sombra. Um luar vermelho brilha ao longe no negrume da terra; a noite é mole e quente..."

"... Conheci desde esse momento a sedução do Oriente: vi praias misteriosas, a água imóvel, as terras das nações morenas, onde uma Nemesis furtiva espreita e persegue, surpreende tantos homens da raça conquistadora, orgulhosos da sua prudência, do seu saber, da sua força. Mas, para mim, todo o Oriente está contido nessa visão da minha mocidade. Eu o abordei no sair de um combate com o mar, — e era jovem, e vi que me observava. E eis tudo o que resta! Nada senão um momento; um momento de força, de ventura, de esplendor, — de mocidade..."

"Youth! Youth! — E o apelo constante de Conrad, como se reconhecia perder a visão luminosa dos tempos heroicos da sua juventude, vividos à procura de um ideal que conseguia realizar, e que o auxiliaram a vencer o provável desencanto a que o conduziria a "ilha de sombra".

"Oh! o esplendor da mocidade! Oh! o fogo que ela encerra, mais brilhante do que as chamas do navio incendiado, fogo que projeta sobre a terra imensa uma claridade mágica, que se lança audaciosamente para o céu e que em breve deve apagar-se ao contacto de tempo, mais cruel, mais implodido, mais amargo do que o oceano, — fogo que será envolvido como as chamas do navio incendiado, por trevas impenetráveis..."

(Trecho de um ensaio inédito sobre a obra de Joseph Conrad.)

LÁGRIMAS

JAI ME CORTESAO

Almas — raízes sepultadas...
Lágrimas — flores despetando...
Quantas belezas ocultas
Só se conhecem chorando.

São as lágrimas salgadas...
Pudera que assim não fôsse:
Não que depois de choradas
Sente-se a Vida mais doce.

* * *

Fora de sua casa, John Bull não é comunicativo; deixa o seu vizinho sossegado, e espera que este faça o mesmo.

* * *

Centenário de uma casa de música

O estabelecimento já funcionava desde janeiro de 1851, porém só em 29 de setembro foi registrada em nome de João Jacob Schlegel, fabricante e afinador de pianos. Tinha sede na então Rua do Cano n. 217, hoje Sete de Setembro. Em 1858, Schlegel contratou na Alemanha, Cristiano Carlos Frederico Wehrs, para a fabricação de pianos, que, em 1864, lhe comprou a loja por 4 contos e 500 mil réis, em 6 prestações semestrais de 500 e 750 mil réis.

Os preços dos seus pianos, meio-armário, construídos com madeiras brasileiras: jacarandá, peroba, etc., e também em mogno, variava entre seiscentos e novecentos mil réis. O respectivo encaixotamento custava de vinte a vinte e oito mil réis. Isso, segundo anáncio datado de 1875. Em 1879, Joaquim Candido Martins Kallut (que com isso entra para a História...) comprometeu-se a pagar à Casa Wehrs dezesseis mil réis mensais de aluguel por um piano meio-armário francês, do valor de quatrocentos e cinquenta mil réis.

Desde que deixou de fabricar, passou a representar os pianos Eschenfelder, fabricados em Curitiba, em fábrica fundada por um técnico e também afinador, amigo de Carlos Wehrs.

Além do seu comércio de músicas e pianos, a Casa Wehrs sempre acolheu o ensino da música nas salas dos andares superiores.

* * *

Só creio numa pátria intelectual formada por todos os grandes espíritos, que não reconhece nem poderes nem peias. Reconheço-me mais ligado a alguns franceses, italianos ou alemães, que a muito dos meus compatriotas, que à maioria deles, membro do mesmo grupo internacional de intelectuais. Todos os vínculos são efêmeros só é esse que perdura.

* * *

William James

Não se sabe onde acaba a mulher e onde começa o diabo.

Heine

MORTE DE ALVARES DE AZEVEDO

DA "PEQUENA HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA"
DE RONALD DE CARVALHO

— 1852 —

Manuel Antonio Alvares de Azevedo nasceu na cidade de São Paulo, a 12 de setembro de 1831 e faleceu a 25 de abril de 1852. Bacharel em letras pelo colégio Pedro II, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, mas faleceu antes de terminar o curso. Morto, a sua tumultuosa obra de adolescente foi reunida em 3 volumes póstumos, aparecendo a primeira edição em 1853. Poeta da mocidade, teve uma situação influente na poesia brasileira. Pelo tumultuar da linguagem, o vigo das imagens, o desdém das idéias consagradas, uma certa cadência languida do verso, diz um dos seus críticos, a sua obra se tornou o encanto dos moços. A sua influência de que provém o período áureo da Faculdade de São Paulo, de 1830 e 1836, comentava Vicente de Carvalho, contrabalançando a de Gonçalves Dias, cujos "Primeiros Cantos" apareceram no Rio de Janeiro em 1847, ^{os primeiros} pode-se atribuir ao fato de o indianismo do cantor de "I Juca Pyrama" nunca haver seduzido as gerações poéticas do seu tempo.



Alvares de Azevedo. Retrato desenhado por Boulanger

Com Alvares de Azevedo, Laurindo Rabelo, o poeta lagartixa, Junqueira Freire, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, e um

sem número de poetas menores, tomou a nossa poesia rumo diferente e matiz novo. A Lira dos Vinte Anos, de Alvares de Aze-

vedo, trouxe às nossas letras o amargor irônico de Byron, a melancolia de Musset, a inquietação de Shelley e Spronceda e o pessimismo imaginativo de Leopardi. Os aspectos ruins da vida, os vícios de toda espécie, a atração pela carne, o desejo lúbrico e desvaído irromperam de todas as almas, como se a nossa poesia estivesse entregue, momentaneamente, a angustiosos histericos. Essa particularidade da clínica psiquiátrica, que os alienistas alemães denominaram "Wille zur Krankheit", isto é, a vontade da doença, foi o traço predominante na estética de Alvares de Azevedo e de seus incontáveis epígonos.

Concorria para agravar o mal, não só a novidade sedutora dos cantos, mas também a morbidez ingênita dos cantores. Uns, por doenças físicas, outros, por sofrimentos morais, o certo é que todos aqueles cinco prógonos acima referidos, mostraram-se fracos e desalentados diante da vida, sem energias para o rude combate do mundo em constante conflito com o ambiente em que viveram, reagindo apenas com imprecisões e ameaças, sorrisos e suspiros contra a onda temerosa que os arrastava no seu turbilhão. Em todos eles havia traços fundos de parentesco moral não somente na sensibilidade, que tinham afinada ao mais alto grau, mas ainda na concepção propriamente literária da obra de arte.

Para uma raça triste, qual a nossa, é a dúvida contemplativa o melhor e mais saboroso alimento. Alvares de Azevedo quis viver as ficções de que estava imbuído o seu espírito: tentou realizar as aventuras de D. Juan, de Byron, e os romances sentimentais de Musset. Suas leituras desencontradas e tumultuosas provocavam-lhe uma formidável indecisão, como o prova este fragmento de idéias íntimas, onde se debate o poeta entre as garras de mil influências diversas, incapaz de cumprir um destino certo e proveitoso.

Ossian — o bardo, é triste como a sombra
Que seus cantos povoa. O Lamartine
É monótono e belo como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas...
Que pranteiam eternas monódias.
Tem na lira do gênio uma só corda.
— Fibra de amor e Deus que um sópro agita!
Se desmaia por Deus... a Deus se volta,
Se pranteia por Deus... de amor suspira.
Basta de Shakespeare. Vem tu agora,
Fantástico alemão, poeta ardente,
Que ilumina o clarão das gotas pálidas
Do nobre Johannisherg! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Contudo,
Parece-me que vou perdendo o gosto,
Vou picando "blase"; passeios os dias
Pelo meu corredor, sem companheiro,
Sem ler, nem poetar... Vivo fumando.
Minha casa não tem menores névoas
Que as deste céu d'inverno... Solitário
Passo as noites aqui e os dias longos...
Dei-me agora ao charuto em corpo e alma;
Debalde ali de um canto um beijo implora,
Como a beleza que o sútil despreza,
Meu cachimbo alemão abandonado!
Não passeio a cavalo, e não namoro.
Ódeto o "Jasquinet"... Palavra d'honra!
Se assim me continuam por dois meses
Os diabos azuis nos frouxos membros
Dou na Praia Vermelha ou no Parnaso!

A asa de Heine roçou certamente por estes versos. Há aqui um quase delírio, onde a vida real e a fantasia se misturam, e onde as criações do sonho contrastam com o inesperado humor de uma inteligência que se observa a si mesma, e que não deixa voar muito longe o pensamento irrequieto. A ironia corrige a blasfêmia, o sarcasmo castiga o excesso do corajoso. É que Alvares de Azevedo, a par de um grave sentimento das coisas, tinha uma alma de vinte anos. Suas queixas são, ao mesmo tempo, fictícias e verdadeiras. Ele sofria do mal do século, foi o primeiro que não-lo mostrou em toda a sua plenitude.

Suas preferências não eram propriamente as de um rapaz honesto, bom burguês, metódico e nédio. Ouçamo-lo:

Meu herói é um moço preguiçoso
Que viveu e bebia porventura
Como vós meu leitor; se era formoso
Ao certo não o sei. Em mesa impura,
Esgotara com lábio fervoroso
Como vós e como eu a taça escura...
Era pálido sim... mas não d'estudado!
No mais... era um devasso e disse tudo!

A poesia da dúvida, ao mesmo tempo dolorosa e irônica, levou-a Alvares de Azevedo à mais alta intensidade, servindo-se para isso, de um estilo cheio de tons velados, e das meias tintas, tão ao gosto dos satanistas, como Baudelaire e Rollinat, aos quais diga-se de passagem, ele nada deveu.

* * *

Densidade de população

Com 10.286.250 habitantes, ou seja, 299 por quilômetro quadrado, a Holanda é o país de maior densidade de população do mundo.

Esse total acusa um aumento de 147.672 habitantes sobre o ano passado. A população da Holanda passou da casa dos 10 milhões em novembro de 1949.

Em segundo lugar quanto à densidade de população, vem a Inglaterra e Gales, com 290 pessoas por quilômetro quadrado. O Japão tem 223 habitantes por quilômetro quadrado.

* * *

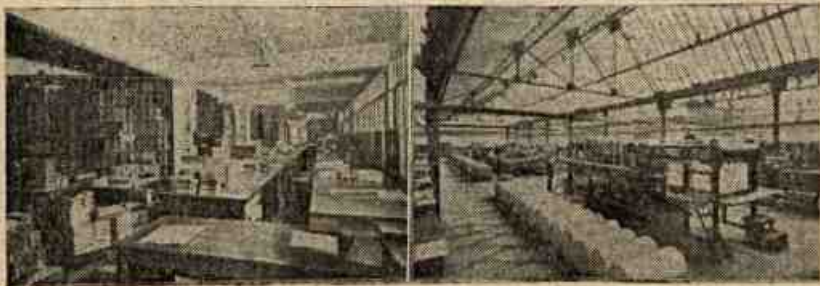
As ilusões sentimentais, as ilusões poéticas da vida, são feitas de ignorância e de desejo. O desejo é sempre a determinante da ilusão.

Domício da Gama

* * *

A curiosidade da criança que vem abrindo o espírito à contemplação do Universo, é já de si tão viva que se sente estimulada por tudo quanto é novo; e não distinguindo o natural do absurdo, não há motivo para que se avive mais pelo realmente impossível do que pelo simplesmente extraordinário.

A ÉPOCA DE LAROUSSE



Dois aspectos das instalações Larousse: Seção de encomendas e oficina de máquinas.

Possuir grandes conhecimentos profissionais e ter uma cultura geral de acordo com a civilização atual que dia a dia mais avança nos limites do saber, torna imprescindível em nossos tempos a vida intelectual.

Na aurora de nossos dias, os filósofos do século dezoito, haviam edificado a célebre Enciclopédia, "dicionário raciocinado das ciências, artes e ofícios", que tinha por objeto "dar sobre cada ciência e sobre cada ofício, liberal ou mecânico, os princípios gerais que constituem a base e os detalhes mais essenciais e que formam dos mesmos o corpo e a substância".

Cem anos mais tarde, Pierre Larousse, constatando a oportunidade de refazer o inventário do humano saber, empreendia a publicação de uma obra única que devia conter 17 volumes in-40: o Dicionário Universal do século XIX. Ele porém alargava singularmente o plano traçado pelos filósofos precursores e o espírito que os animava. Todas as palavras, sem exceção apareciam no novo dicionário, sendo estudadas sob todos os pontos de vista. Propunha-se o autor a estudar também, depois das palavras, as realidades e não apenas as "ciências, artes e ofícios", à maneira dos enciclopedistas, mas ainda as idéias e os fatos, os homens, tanto os do passado como os do seu tempo. Tornara a missão de instruir todo mundo sobre todos os assuntos.

E foi assim que nasceu o Novo Larousse Ilustrado, em oito volumes, publicado de 1897 a 1906, sob a direção de Claude Augé. Menos de dez anos mais tarde, sobrevinham acontecimentos que deveriam abalar o mundo, e os diretores da grande casa editora estimaram que era chegada a hora de construir a enciclopédia da presente geração, o Larousse do século XX, a soma de conhecimentos da humanidade no seu momento atual. E' o inventário mais rico da linguagem contemporânea e o quadro mais exato, mais completo, do novo mundo e do saber universal.

Criação de um homem que teve a genial intenção de uma das necessidades mais prementes dos tempos modernos, mas criação perpetuamente realizada com a colaboração dos mais competentes espíritos do momento, o Larousse oferece, em suas páginas o mais vasto dos campos de consulta, nos quais ad-

bios, eruditos, técnicos, exprimem o melhor de sua ciência. □.

Dicionário da língua e enciclopédia do saber humano, tal é a idéia que se faz do Larousse no grande público. Mas isto não é tudo ainda. Porque os dicionários Larousse formam, em realidade, uma vasta série de trabalhos diversos na qual encontramos primeiro enciclopédias gerais como o Larousse do século XX, base de toda biblioteca mo-



Uma parte da galeria dos arquivos

derna, depois o Larousse Universal em dois volumes para consulta corrente e os dicionários manuais em toda parte conhecidos sob o nome de Pequeno Larousse. Seguem-se dicionários enciclopédicos especiais, tratando cada um dum conjunto particularmente importante de conhecimentos: agricultura, comércio, indústria, vida familiar, higiene, saú-

de. Livros que respondem a todas as necessidades imagináveis da existência, em todos os domínios da atividade. O espírito e o esforço enciclopédicos que inspiraram progressivamente todas essas criações, encontram-se ainda num certo número de outras edições igualmente importantes: a Coleção ind.º Larousse, abrangendo metódicamente, em dois belos volumes ilustrados, a totalidade dos assuntos que exigem a atenção de um homem culto: a Biblioteca Larousse, elegante edição crítica das obras-primas da literatura; os Livros para a Juventude; trabalhos de cultura geral e coleções de ensinamentos periódicos...

A autoridade adquirida pelo Larousse na França, permitiu-lhe espalhar no estrangeiro uma eficaz propaganda da língua e do pensamento franceses. Não há quem não recorra a um tomo do Larousse em busca de um conhecimento, de uma lucidação ou de um ensinamento, nesse ou naquele campo da ciência, da arte, da literatura ou da história. E a prova maior dessa irradiação, patenteia-se na extensão imensa que foi adquirindo a velha e illustre firma Larousse. O estabelecimento central da rua Montparnasse, acrescido depois sobre o boulevard Raspail, a livraria da rua das Escolas, as vastas e modernas oficinas do Grand-Montrouge, não mais bastaram. Foi mister abrir sucursais e agências em Florença, Viena, Budapeste, Montreal e Nova York. E assim, sobre dois hemisférios espalhou-os o Larousse o brilhante prestígio do espírito francês, numa autoridade fundada em um século de labor e de sucesso.

Pierre Larousse, gramático, enciclopedista e editor francês, nascido em 1817, em Toucy, (Yonne) falecido em Paris em 1875. Em 1852 fundou com Boyer uma livraria, começando a publicar a *Lexicologia das Escolas*, obra terminada em 1872. Auxiliado por numerosos colaboradores, levou depois a termo um empreendimento bem mais vasto ainda e cujo resultado foi enorme: O Grande Dicionário Universal do século XX (20 vol. gr. in-folio, em 3 col.). Quantos jornalistas e publicistas apressados não têm tirado seus artigos, prontinhos, da Enciclopédia Larousse? E' de lamentar que os autores dessa obra não hajam querido conservar sobre todos os assuntos a neutralidade que se deveria impor a um empreendimento desse gênero.

* * *

Do "Diário íntimo" de Amiel

Henrique Frederico Amiel — Nasceu na Suíça, no ano de 1821; foi ensaísta e poeta, mas seu valor literário permaneceu longo tempo relativamente ignorado, pela pouca difusão que o autor dava a suas obras e sobretudo pela vida de quase absoluto retiro que preferia levar. Foi professor de filosofia na Academia de Genebra, escreveu uma tese sobre o movimento literário na Suíça, tendo publicado em 1854 uma coletânea de poesias: *Grains de Mil* e a seguir: *Penseiroso*, em 1858; *Les Etrangères*, em 1876 e em 1888, *Jour à Jour* e o ensaio: *J. J. Rousseau*

jugué par les Génovais d'aujourd'hui. O coroamento de sua obra foi no entanto o "Diário íntimo", publicado postumamente e do qual aqui excertamos alguns pensamentos datados de 1852.

Faleceu Amiel em 1881.

◆ O silêncio, tu és assustador! assustador como a calma do Oceano que deixa mergulhar a vista nos seus abismos insondáveis; tu deixa-nos ver em nós profundidades que dão vertigens, necessidades inextinguíveis, tesouros de sofrimento e de pesar. Que venham as tempestades! Ao menos elas agitam a superfície destas ondas de terríveis segredos.

◆ A todos nós, filhos do pó, filhos do tempo, a eternidade inspira uma involuntária angústia, e o infinito um misterioso terror. Nestes momentos de confidências com o infinito, que diferente aspecto a vida toma! Como tudo o que nos ocupa, preocupa, apalxona e satisfaz de ordinário, se torna subitamente pueril, frívolo e vão aos nossos olhos! Como então tudo se transforma e parece diferente!

◆ Não te abandones completamente ao instinto e à vontade; o instinto é uma seara, a vontade um despota.

◆ A natureza é desmemoriada, o mundo quase o é mais ainda; por pouco que o indivíduo o justifique, bem depressa o esquecimento o envolve como uma mortalha.

◆ Nascer, agitar-se, desaparecer, eis aí todo o aroma efêmero da vida humana.

◆ Cada elemento tem a sua poesia, mas a poesia do ar, é a liberdade.

◆ Como a trágica solenidade da existência nos fulmina quando uma manhã ao acordar ouvimos essa frase lúgubre: Tarde demais! Voltou-se a ampuilheta, o tempo passou! Não fizeste a tua colheita; sonhaste, dormiste, esquecente, tanto pior! Cada um em si mesmo encontra a recompensa ou a punição.

◆ Falar é dispersar.

◆ O que não se pode, o que não se sabe, o que não se quer dizer; o que recusamos confessar a nós mesmos; os desejos confusos, os íntimos pesares, as máguas abafadas, as surdas resistências, as dores inefáveis, as agitações contidas, as perturbações ocultas, os supersticiosos temores, os sofrimentos vagos, os pressentimentos inquietos, as quimeras contrariadas, os embates que sofre o nosso ideal, as melancolias inconsoláveis, as esperanças vãs, a quantidade de pequenos males indiscerníveis que se acumulam lentamente em um recanto do coração, como a água que se filtra sem ruído da abóboda de uma caverna escura; todas estas agitações misteriosas da vida interior conduzem a um enternecimento, e este concentra-se em uma lágrima, diamante líquido à beira das pálpebras.

De mais as lágrimas exprimem tão bem a alegria como a tristeza. São elas o símbolo da impotência que a alma sente em contar a própria comoção e em conservar-se senhora de si mesma.

* * *

Viver é mudar. O homem que nunca muda de idéias é uma criatura absurda.

Joaquim Viana

FONTE DE VITAMINAS

*Aperitivo
ideal!*



Jóva

Suco de Tomate "PEIXE"

FABRICANTES:

INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITTO S. A.

(FÁBRICAS "PEIXE")

PERNAMBUCO

BRASIL

CENTENÁRIO DAS COMUNICAÇÕES ELÉTRICAS NO BRASIL

JOÃO DORNAS FILHO

País de grandes extensões territoriais como o nosso, em que a população está ganglionada numa incensurável superfície, a invenção da telegrafia sem fios e mais tarde a sua evolução para a radiofonia veio possibilitar o contato permanente desses núcleos populacionais entre si, resolvendo em grande parte o angustiante problema das comunicações.

Quando se considera que um viajante ou uma carta gastava cerca de trinta dias de Ouro Preto ao Rio de Janeiro, isso há menos de um século, é que se pode medir o alcance da invenção de Marconi no campo das comunicações escritas. Já o invento de Morse constituía um considerável elemento de ligação, apesar do inconveniente de exigir dispendios imoderados com a construção e conservação de linhas, inconvenientes estes que o aparelho de Marconi extinguiu.

Logo depois que o grande inventor italiano realizou a sua célebre experiência, transmitindo da Inglaterra para a América os primeiros sinais rádio-telegráficos, o Brasil conheceu experiência idêntica em agosto de 1899. No pavimento térreo das oficinas da Repartição dos Telégrafos o engenheiro Elliot, enviado ao Rio pela "The Wireless Telegraph and Signal Co. Ltd.", de Londres, fazia essa primeira experiência na presença de altas autoridades, engenheiros, estudantes, etc., ligando o gerador de ondas de Hertz, que servia de transmissor, e constituído de uma bobina de Rumkorf ligada a uma bateria de acumuladores.

Essa bobina acionava diretamente um ondulator muito simples, absolutamente isolada do pósto receptor colocado no segundo andar do edifício e formada essencialmente pelo cooredor (cohexos) de Marconi, combinado com um receptor comum de Morse.

Sendo o aparelho transmissor pósto em ação pelo sr. Elliot, foi transmitida a primeira mensagem rádio-telegráfico no Brasil, concebida nos seguintes termos:

"The Wireless Telegraph Co., de Londres, concessionária dos direitos de Marconi, agradece ao digno diretor geral dos Telégrafos ter-lhe proporcionado o meio de comprovar a realidade da telegrafia sem fio. O inventor Marconi, por Jules Gerand e Leclerc cumprimentam a imprensa brasileira".

Isso se passava em 1899, e pode ser dito que o Brasil tenha sido o segundo país da América a conhecer a radiotelegrafia, porque o primeiro foram os Estados Unidos, para onde Marconi irradiou a primeira mensagem radiográfica. (1)

A evolução da radiotelegrafia para a radiofonia é que foi relativamente morosa. Em 1906 a "American Review of Reviews" publicava com grande espanto a invenção de um aparelho sesquipedal: o teleamônio, maravilha que consistia em irradiar música pelo fio telefônico!

Mas, ouçamos Mr. Commedford Martin, que o revelava ao mundo:

"A nova arte da telemonia é a última dádiva da electricidade à civilização. A música pode ser transmitida para onde se queira: casas, hospitais, armazéns, restaurantes, teatros, hotéis, etc. O sonho de Bellamy no "Loening Bachward" vê-se assim realizado.

Cada qual pode ter música em casa como tem luz, água e telefone".

E passa depois a descrever o mastodonte. "O mecanismo pesa 200 toneladas e custa cerca de 40 mil libras. O teleamônio Cahiel (nome do seu inventor) pode ser comparado a um órgão de canudos. O executante, sentado à frente do teclado, em vez de exercer a pressão no ar que se introduz nos canudos, age sobre a corrente elétrica gerada num grande número de máquinas dinamo-elétricas do tipo de correntes alternadas. Esses pequenos introdutórios-alternadores são de construção simplíssima no ponto de vista da mecânica, mas é excusado dizer que o inventor não achou logo o dispositivo que lhe era necessário. Levou-lhe isso uns bons dez anos.

Em cada alternador a corrente vai e vem, com frequência diferente, milhares de vezes por minuto; e esta corrente quando chega ao telefone, na estação próxima ou distante a que o aparelho está ligado, obriga o diafragma daquele instrumento a emitir uma nota musical, característica dessa corrente, exatamente com a frequência ou grau de vibração que se observa no circuito".

E termina Mr. Martin com entusiasmo, depois de se perder num emaranhado de considerações técnicas:

"Mas, do que fica exposto, já se pode concluir que o teleamônio é uma invenção engenhosíssima e destinada a um futuro incalculável. Mesmo o seu preço, conquanto elevado, não parece excessivo. Se admitirmos que um teleamônio dure 10 anos, a amortização e o juro do capital empregado representam apenas 6 mil libras anuais. Ora, um único teleamônio pode fornecer música a milhares de ouvintes..."

Quando se compara a simplicidade e a perfeição de um estúdio moderno de radiofonia, não se pode deixar de sorrir diante do megatério de duzentas toneladas de Mr. Martin. E de 1906 a 1951 vão apenas 45 anos, menos de meio século... (2)

Será, contudo, interessante saber-se o que pensavam da radiotelegrafia, há quarenta e poucos anos, homem como Tomás Edison, que tantos milagres operou no campo da física experimental.

De umas notas de "Le Mois", de janeiro de 1902, extraio este trecho que demonstra o espantoso progresso desse formidável invento no exíguo transcurso de meio século: — "As últimas experiências realizadas por Marconi provocaram profunda sensação no mundo científico. O célebre Edison, porém, não creu na realização do fato, isto é, na transmissão de despachos telegráficos entre a América e a Europa, sem que novas experiências o comprovem. Por outro lado, o diretor da revista "Electric World", de Nova York, julga possível a transmissão e recepção de sinais.

Para se poder apreciar o valor das últimas experiências e o alcance do descobrimento de Marconi, é preciso não esquecer que em 1890 ele não podia transmitir despachos por meio do seu sistema senão a três quilômetros de distância. Pouco a pouco, porém, conseguiu aumentar o raio de ação dos seus aparelhos, chegando a duzentos quilô-

metros. Em fevereiro em 1901 conseguiu enviar despachos a uma distância de quatrocentos quilômetros, e depois setecentos e cinqüenta quilômetros.

Agora, para poder vencer a distância de 2.070 quilômetros, que tanto vai da Europa à América, a estação instalada por Marconi no cabo Lizard tem um poder elétrico em vezes maior que as estações vulgares de telegrafia sem fios.

Há o obstáculo da redondeza da terra, mas esse obstáculo é removido pela instalação de postos de grande elevação.

Com o invento de Marconi todos os navios podem se comunicar com a terra através dos mares".

Era tal a incredulidade que cercava o êxito das experiências então realizadas, que a "Eastern Telegraph Company", de Londres, cancelou a projetada aquisição do sistema de Marconi "por ser ele imperfeito e se prestar a incertezas e confusões..." E "The Tribune", de Nova York, noticiava ter o seu correspondente em Londres entrevistado Lord Kelvin sobre a eficácia do telegrafo sem fio pelo sistema de Marconi, tendo aquele cientista garantido que a telegrafia sem fios não substituiria tão cedo os cabos submarinos, acrescentando ainda que a Inglaterra e a França não concederiam os privilégios solicitados pelo seu inventor...

Isto em 1902...

E tanto é mais de estranhar essa incompreensão, quando se sabe que desde 1847 se conhecia em San Remo que o cônego André Bobone idealizara a telegrafia sem fios, tendo então proposto ao papa Pio IX e aquisição do segredo, o que foi recusado pelo soberano pontífice.

Esse fato foi mais tarde comprovado na Bélgica, quando se encontraram manuscritos e desenhos descrevendo o sistema de comunicação telegráfica inventado pelo referido cônego.

Mas, em 1844 é que foi encerrada a solução prática, antes do aproveitamento das ondas hertzianas, para as comunicações à distância, com o aparelho de Morse.

Esse grande homem teve uma existência que deve ser conhecida.

Seu nome todo era Samuel Finley Breeze Morse, e sua existência se prolongou de 27 de abril de 1791 a 2 de abril de 1872. Teve assim, a mesma longevidade que caracterizou Leonardo da Vinci, também como ele pintor e inventor.

Morse era filho do pastor protestante Jedediah Morse, professor em New Haven, graduado por Yale, autor de uma "American Geography" e figura muito conhecida na América do Norte do seu tempo. Seu pai tinha um temperamento impulsivo e aventureiro; sua mãe, Elizabeth Ann Breeze, era suave e ajustada. O casal teve onze filhos dos quais apenas três chegaram à idade madura; o mais moço fundou e dirigiu, por trinta e cinco anos, o "New York Observer"; o segundo estreou como jornalista aos dezesseis anos, foi geógrafo, inventou a "serro-plástica" para imprimir mapas, e, associado

com um filho inventou um aparelho para medir a profundidade dos mares.

Samuel foi criado na severidade puritana, como convinha a um descendente de Eduardo III da Inglaterra. Desde menino dedicou-se, sob o controle da mais severa disciplina, ao estudo das artes e das ciências.

Ingressando no Colégio de Yale, entusiasmou-se pelas primeiras experiências da eletricidade e colaborou com seu professor, J. Day. Da mesma maneira fez-se um discípulo excelente de química, matéria de que era professor Benjamin Sullivan, de 1808 a 1810.

Mas o jovem Morse estava convencido que sua vocação era pintura. "Creio, escrevia então que fui feito para pintar". Deixou o colégio e foi estudar pintura com W. Allston, em cuja companhia viajou para Londres, abandonando sua profissão de retratista: cobrava cinco dólares os retratos sobre marfim e um dólar os perfis.

Em Londres, sob a direção de B. West, um americano de origem, diretor da Royal Academy, preparou, em menos de um mês, seu primeiro quadro. Em 1813, a crítica destaca, entre os doze primeiros trabalhos no meio de duas mil obras expostas, seu "Hércules agonizante".

Voltando aos Estados Unidos, Morse abre um "estúdio" em Boston. Mas ninguém se interessa por arte nesse meio de homens práticos; e depois de um ano de inatividade forçada se dedica ao estudo de uma bomba de pistão flexível, que patenteia com seu irmão, conseguindo vender algumas para o serviço de incêndios da cidade.

Em 1818 se casa em Charleston e encarrega-se de pintar o retrato do presidente Monroe. Dirige-se a Washington e passa por uma fase de atividade artística. É dessa época, entre mais de oitenta outros quadros, o retrato de La-Fayette, que ainda hoje se vê na Municipalidade de Nova York. Em 1821, Morse funda em Charleston, a Academia de Belas Artes. Ao regressar a Nova Haven, em 1822, se fizera conhecido em todo o país pelas reproduções da tele em que representa o Congresso reunido.

Em 1828, inventou uma máquina para cortar mármore para a cópia de estátuas e, em 1827, aprendeu os fundamentos do eletromagnetismo.

Perdeu a esposa em 1825; e nesse mesmo ano, como presidente da Academia Nacional de Desenho, resolveu visitar os museus da Europa. Sem recursos para a viagem, aceitou encomendas de cópias de quadros célebres no valor de três mil dólares e teve, durante a travessia do Atlântico, de pintar essas cópias num total de vinte e cinco ou trinta quadros.

Em Paris, encontrou-se com La-Fayette, que o reconheceu; e em Roma fez amizade com o escultor Thorwaldsen, cujo retrato executou. Depois de vendido, o quadro foi novamente apresentado a Morse que o ofereceu, anos mais tarde ao rei da Dinamarca.

De volta a Paris, interessou-se pelos telégrafos então usados na França, um curioso sistema de sinais semafóricos, visíveis à dis-

MOVEIS
TAPETES
DECORAÇÕES
DESENHOS

ASA UNES
65 - RUA DA GARILOCA - 67 - RIO

tância e durante o dia, quando eram boas as condições atmosféricas.

Da França passou à Inglaterra, onde a Academia Real o recebeu solenemente.

Em 1832, embarcava no Hayre, rumo a Nova York, a bordo do "Sully". Na viagem, discutia-se electricidade. O dr. Jackson, que era passageiro do mesmo navio, expunha a presença dos efeitos da corrente eléctrica em toda a extensão do circuito. Morse exclamou: "Se a presença da electricidade é visível em qualquer parte do circuito, os sinais podem ser transmitidos por meio de electricidade".

Estava inventado o telegrafo. Desde esse momento, Morse traga os primeiros planos e esquemas.

De volta a Nova York, reduzido à extrema pobreza, cozinhando ele mesmo os seus alimentos, construindo o primeiro modelo recorrendo a peças de relógios velhos para completar o mecanismo. Morse cria o telegrafo. A 23 de janeiro de 1838, realiza-se na Universidade de Nova York, o primeiro ensaio de transmissão pelo telegrafo Morse. O resultado é excelente.

Mas, apparecem falsos precusores, o Parlamento nega-lhe apoio, Londres não lhe concede patente, vai a Paris e entra em entendimentos com a Rússia. Nada consegue, até que em 23 de fevereiro de 1843, a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos vota 30.000 dólares para uma linha de ensaio entre Washington e Baltimore: 90 votos a favor, 82 contra e 70 abstenções.

A 24 de Maio de 1844 transmitiu-se o primeiro despacho da sede da Suprema Corte em Washington até Baltimore. Dois dias depois, Silas Wright recusava, pelo telegrafo de Nova York, onde estava, sua candidatura à Presidência da República levantada pela Assembléa Democrata, em Baltimore. Houve quem não acreditasse na veracidade do fato, até chegaram provas epistolares...

Londres, Amsterdam e Viena, adotaram, a seguir o telegrafo e com a vitória universal de sua invenção Morse enriqueceu.

Em 1848, a 1 de fevereiro, o "Journal du Commerce" publicava a seguinte noticia, que mostra como o telegrafo de Morse venceu rapidamente:

"O Précurseur" de Antuérpia recebeu pelo telegrafo eléctrico o discurso da corôa com que acaba de ser aberta a sessão das câmaras em Bruxelas. Este discurso compunha-se de 842 vocábulos representados por 4.660 letras. Pronunciado depois de uma hora da tarde em Bruxelas, foi mister levá-lo ao escritório do telegrafo eléctrico, o que havia necessariamente causar alguma perda de tempo. Contudo um quarto de hora depois de uma hora, recebia o "Précurseur" as primeiras comunicações e pelas duas horas e um quarto já estava o discurso impresso e distribuído.

Assim a comunicação destes 842 vocábulos compostos de 4.660 letras levou apenas 47 minutos e exigiu 11.660 sinais, isto é, 4 sinais de 1/7 por segundo, ou 248 sinais por minutos; sendo de notar que, durante esse tempo, fizeram-se duas comunicações alheias ao discurso e pertencentes a negócios comerciais, o que ocasionou alguma demora, porém tão curta que nem tiveram sequer o tempo de notá-lo".

Em 1847, Morse atendeu a um apêlo dos artistas norte-americanos e voltou a pintar.

Foi o primeiro a executar daguerreotypes nos Estados Unidos, em companhia de John Draner. Conhecera Daguerre e se interessara por sua invenção quando nenhum dos dois era célebre.

Também foi por iniciativa sua que se fez com bom êxito o primeiro ensaio de cabos submarinos, com uma linha colocada através da baía de Nova York.

Há quadros de Morse em numerosos museus, como os de Buenos Aires (Museu Nacional de Belas Artes); Andover (Massachusetts); Boston, Cambridge, Charleston, Concord, Detroit, Elgin, Hannover, Hartford, Harvard, Nova Haven, Nova York, Filadélfia, São Luiz, Siracusa, Washington e Worcester.

Ao falecer, em 1872, Morse recomendou que se escrevesse uma nota histórica sobre sua vida, através de seus manuscritos. O grande inventor considerava como sua actividade fundamental a pintura (era, aliás, um bom retratista, com influência da escola inglesa); mas fora a invenção do telegrafo que lhe deu a fortuna e, além dela, a glória de ter contribuído, decisivamente, para o progresso da humanidade.

O telegrafo de Morse desde 1852 é utilizado no Brasil.

Foi Euzébio de Queiroz, então Ministro da Justiça que promoveu a prohibição do tráfico africano, que introduziu em nosso país o telegrafo eléctrico desse inventor. Empenhado em extinguir o nefando comércio, perseguiu Euzébio de Queiroz que só rápidas comunicações com a extensa costa poderiam orientar as patrulhas de caça aos negreiros, e entendeu-se com Paula Cândido, professor de física da Escola de Medicina, para realizar a sua idêa.

Para as primeiras experiências resolveram que se assentasse uma linha entre o Quartel de Polícia, na rua dos Barbones (hoje Evaristo da Veiga) e o morro do Castelo, obtendo-se por empréstimos o aparelho pertencente ao Dr. Guilherme Schuch, depois Barão de Capanema. (3)

Não provaram bem essas experiências senão depois de ter este dado ao General Polidoro explicações mais amplas sobre o funcionamento do aparelho. Foi quando Euzébio de Queiroz encarregou a Capanema da construção de novas linhas telegráficas definitivas. Com o concurso dos presos da casa de Correção, iniciou-se a construção da linha subterrânea, partindo da Quinta da Boa Vista e terminando no edificio do Quartel General, no Campo de Santana.

O serviço foi inaugurado a 11 de maio de 1852. As outras linhas construídas serviam ao Rio e Petrópolis, assim como ao farol de Cabo Frio.

Durante os primeiros meses a linha de Petrópolis tinha franquia gratuita, passando, depois, a ser cobrada a taxa de oitenta réis por vinte palavras...

(1) Foi Lezage Genebrez, de origem francesa, quem teve a primeira idêa de empregar a electricidade como meio de comunicar a palavra. Unindo dois pontos por fios metálicos, em número de vinte e quatro, suspendeu êle da extremidade de cada fio um carco de sabugueiro, representando cada letra do alfabeto. Fazendo passar pelos fios uma corrente eléctrica, a letra correspondente era agitada na extremidade oposta.

Em 1797 o francez Bittencourt empregava

a pila de Leide num telegrafo do mesmo sistema, que unia Aranzuez a Madri. Em 1807, um aparelho, que operava a decomposição da água em tantos vasos quantas as letras do alfabeto, foi executado em Munich por Somering.

Em 1839 Davy inventava um quadrante no qual eram, por uma corrente eléctrica, indicadas as letras.

O sistema de Morse data de 1846, época que foram tentadas várias experiências nos caminhos de ferro dos Estados Unidos. Ma-teu-di foi em 1843 o primeiro que acreditou na possibilidade de uma comunicação eléctrica entre Dover e Calais por meio de um cabo submarino.

(2) O "Jornal do Comércio" de 8 de abril de 1846 dava uma noticia, com o título de "Novos milagres da telegrafia eléctrica", cujo conteúdo parece que não foi confirmado pela prática: Marchantes de prodigio em prodigio — diz a noticia — de uma maneira tão estupenda que já se não sabe o que é possível e impossível, ou mesmo se há ainda alguma coisa a que esta última denominação possa realmente applicar-se. Por meio da descoberta do telegrafo eléctrico adquirirão homens a possibilidade de conversar uns com os outros a distancias immensas com a mesma facilidade que se estivessem presentes, servindo-lhes de correio um agente ainda mais rápido que a luz; agora é outra maravilha ainda maior. Servindo-se do mesmo telegrafo eléctrico, pode qualquer pessoa escrever no sítio em que não está precisamente como se lá estivesse; os movimentos executados pela mão de quem escreve, transmitidos pelo telegrafo, vão ser reproduzidos no sítio que se deseja com tal perfeição, que a escriptura executada por esta segunda mão invisível sai precisamente a mesma que a escriptura original. Falassem as expressões quando se trata de admirar resultados espantosos. Eis aqui reproduzido o milagre de Santo António, que, na mesma occasião em que pregava aos peixes em Remini, livrava seu pai da fôrca em Lisboa. Com effeito, quando qualquer pessoa tiver necessidade de assinar uma escriptura em qualquer lugar que fique a muitas léguas de distancia daquile em que se acha, lá se transportará de uma maneira mysteriosa e invisível, e lá assinará diante dos testemunhas, que verão nascer sobre o papel a assinatura autographada da pessoa que escreve sem verem quem a produz.

Este novo melhoramento ou progresso é devido a Weston, que é o próprio autor ou inventor da telegrafia eléctrica; não sabemos porém se a humanidade terá muito que agradecer-lhe pela descoberta. É fácil de ver o partido que os ladrões e assassinos delle podem tirar. Suponhamos que um delles é accusado de um crime cometido em Paris em certo dia; se quiser provar que nesse mesmo dia estava em outra parte, não haverá nada mais fácil para isso, bastará apresentar um instrumento público por elle assinado no mesmo dia em Bordéus, e a assinatura reconhecerá pelo Tabelião da localidade.

A 3 de março de 1851 o mesmo "Jornal do Comércio" dava noticia do aparecimento de novo sistema de communicações, que se intitulava "telegrapho electro-químico". Entre os diversos novos inventos de que trahão os periódicos estrangeiros, merece sem dúvida o primeiro lugar o que eleva a telegrafia ao último grau de perfeição a que humanamente pode chegar. Ao novo apa-

parelho deu o seu autor o nome de telegrapho electro-químico, e tem sobre os conhecidos até hoje a vantagem de ser mais rápido, sem que possa haver o menor equívoco na transmissão. Escreve-se o que se quer dizer segundo um alfabeto particular, e posto o papel esento sobre o aparelho, é copiado no outro extremo da linha pelo mesmo aparelho, num disco de papel. Quanto a rapidez, basta dizer que se podem copiar mais de mil linhas por minuto. O inventor é um americano chamado Alexandre Bain. Além das vantagens que ficam indicadas, tem este invento a da economia, pois que apenas se gasta de uma só linha de metal. Já dele se faz uso nos Estados Unidos, em distancias de mais de 800 léguas.

(3) Guilherme Schuch, que adotou o sobrenome de Copanema, arraial próximo à fazenda em que nasceu, pela dificuldade de pronunciar, para os brasileiros do seu legítimo apellido, nasceu na fazenda de Timbopeba, freguesia de António Pereira, comarca de Mariana, em Minas, a 27 de janeiro de 1824, quando seu pai, Roque Schuch, vindo ao Brasil no sequito da princesa Leopoldina, se estabeleceu em Timbopeba com uma fábrica de ferro, adquirida de Eschwege.

Em 1838, depois de estudar as primeiras letras com o pai, embarcava para a Europa, em companhia do marquez de Barbacena, com o fim de estudar, por conta de Pedro I, nas universidades da Bélgica e Alemanha.

O fato de estudar à custa de Pedro I é um dos argumentos da tradição corrente em Minas de que Copanema é um dos frutos das venturas sentimentais do príncipe, quando este esteve na fábrica de ferro de Timbopeba na sua primeira viagem à Minas.

Diplomou-se em engenharia e construccões civis pela Escola Polytechnica de Viena, estudando botânica com Martius, em Munich.

Em Freiberg formou-se em engenharia de Minas ou montanisticas, como então se dizia.

Professor da Escola Militar, introduziu no Brasil o estudo de electricidade e telegrafia, sendo o fundador e o primeiro director da repartição dos Telegraphos Nacionais.

Publicou: "O sulfureto de carbono perante o Senado", opposição em que defende os seus direitos sobre a fabricação desse ácido; "A extincção da formiga saúva" — 1875; "A seca do Norte", 1901; "Cama de Aguear", 1907; artigos e relatórios.

Foi o criador, em 1880, do termo "formicida", e de um preparado destinado ao combate da saúva, com base no sulfureto de carbono que tomou o seu nome.

Verdade: a que não engana
Em Deus vive, de Deus é,
Há uma só verdade humana,
E chama-se BOA FÉ.

MAGALHÃES DE AZEVEDO

Memor no sol da nossa vida há sempre
uma mancha negra, que é a nossa sombra.

O sinal da verdadeira vocação é a impossibilidade de desertar dela.

Renan

las tradições de todos os povos da terra: a da Vida e da Sabedoria.

Já no Velho Testamento se diz ter havido no jardim terreal, plantadas pelas próprias mãos Divinas, duas estranhas árvores: a do Conhecimento do Bem e do Mal e a da Vida. E graças à amável artimanha da venerável mãe da humanidade, Adão provou dos frutos do conhecimento, que lhe permitiu criar a prodigiosa civilização de que nos orgulhamos. Infelizmente não lhe consentiram saborear os frutos da Árvore da Vida, o que nos teria evitado a irreparável desgraça de morrer.

Esta é uma das inúmeras relações que o homem, no decorrer das idades, estabeleceu com a sua grande amiga, a Árvore. Com efeito, deve-lhe muito: deu-lhe sempre alimento, sadio e saboroso; auxiliou-o nas lutas primitivas, quando sua única arma, era o galho forte em que se arrimava; mais tarde, é ainda esta grande protetora, que lhe oferece a maior das suas conquistas, o Fogo. A princípio, talvez, fruto de um incêndio casual, quando o raio flamante, rasgando o seio ubérrimo das nuvens, queima as árvores seculares... como cantam os hinos dos Vedas. Mais tarde aprende a domar este elemento irrequieto e poderoso. Com o nártex e o videiro, fizeram os árias antigos, o primeiro pramanta, que pelo atrito produzia o lume que acalenta, ilumina e afugenta as feras bravias, das grutas que habitavam. E, era a árvore, o único ser, capaz de produzi-lo. Era portanto Divina. Um deus habitava as suas entranhas. O grande foco de luz e calor, o Sol, também vivia nela... Daí passou a ter primazia, na vida do Homem. Ao construir o seu primeiro lar é a Árvore que recorre. Ela forneceu-lhe tudo. Começa a observá-la. Estudam-lhe a vida, os ciclos, os amigos, os inimigos. E a Árvore tornou-se a sua instrutora. Ensina-o, durante a sua longa história.

Por isso anda sempre ligada a tudo quanto lhe importa: alegrias e tristezas. Assimilavam nela, os momentos que desejavam perdurar.

Uma árvore é o eixo do mundo, o freixo o Ask Igdrásl, clamavam os bardos nórdicos, os skaldas. Era o símbolo da estabilidade, da ordem, da lei. Já então maiores eram as suas prerrogativas. Representava também as sólidas instituições, que o homem, à sua imitação ia criando: a família, as clãs, as tribos. Plantavam-se árvores, quando nasciam os filhos, os netos. Podiam recordar e reconhecer as linhagens, pelos vegetais que existiam. E a origem das Árvores genealógicas.

Não é de admitir, que lhe servisse também para os mortos, como sucede com certos tantaros, que os penduram como frutos nas árvores ancestrais.

Nas folhas de palmeiras, as olais, estavam os primeiros símbolos escritos. Foi o primeiro livro.

Houve um povo celta, os tuata, que após Peregrinarem por toda a Europa, se fixaram na Irlanda e que tiraram o seu alfabeto de árvores. Eram simples riscos traçados horizontalmente ou obliquos, longos ou curtos, que recebiam nomes das plantas que os originavam: a macleira, o espinheiro, a azinheira, etc.

Usavam para substituir os símbolos gráficos, ramalhinhos dos vegetais, que representavam. Era uma linguagem arbórea.

Portanto compreende-se que muitas tribos



O dr. Paulo Bittencourt quando plantava o ipê comemorativo no Jardim Botânico.

se julguem descendentes de árvores, que são totens e tabus para elas. Não eram crenças somente de povos selvagens. Os gregos e romanos, tinham as suas mais profundas tradições ligadas a estes símbolos.

A Figueira Ruminal dos latinos é uma prova. Até o grande poeta Horácio, trata deste culto, nos seus famosos versos:

"o sanctas gentes, quibus haec nascuntur in hortis Numina"

"o sanctas criaturas, a quem nascem os deuses nas hortas!"

Mas a própria Grécia, ainda conservava os sicorantás, jazeis, uma denominação que os relaciona às figueiras, que era a expressão da lei, que não pode ser desrespeitada.

Tal a sua importância na vida do homem, que ainda lhe fornece os meios de alcançar o mundo dos deuses, depois da morte. Ser-

viam-no durante a vida e salvam-no depois da morte. Surgem então as plantas místicas: o Soma na Índia, o baoma na Pérsia, o sésamo na China, etc. Delas extraham

o licor da vida, o amrita, o néctar, a ambrosia, que dá a imortalidade. No Big Veda, encontramos cânticos belíssimos, que exaltam a virtude desse licor, que purifica e

exalta os sentimentos que dão direito às delícias celestes.

Por essa razão a Árvore tornou-se também a representação da ciência absoluta. Sakia-

Môni, o Buda, alcança a iluminação, quando meditava sob a Arvore de Bodhi. Ora, se a Arvore tem um sentido tão profundo na história das civilizações, não podia ser escolhido por nós outros símbolos para perpetuarmos, numa homenagem extensiva a toda a Imprensa, o cinquentenário do histórico jornal que é o "Correio da Manhã". Senhores membros da Imprensa, sua presença neste local e o apoio que ainda que não seja jornalista, sinto-me à vontade entre vós, pois meu pranteado pai, militou nas vossas hostes. Foi um dos que se pôs a serviço do povo, lutando duramente pela República. E, de certo modo, a homenagem de hoje, o atinge também. Agradeço ao senhor ministro e demais autoridades o prestígio que deram a homenagem que prestamos à Imprensa, com a sua presença neste local e o apoio que manifestaram".

* * *

A INAUGURAÇÃO DA HERMA DE EDMUNDO BITTENCOURT



O dr. Paulo Bittencourt agradecendo a homenagem

A Praga Edmundo Bittencourt, plantada no Brando e Chermont de Brito os pioneiros da bairro do Peixoto, em Copacabana, tem a honra de colocar na praga que tem o seu feições características dos bairros em crescimento, o busto de Edmundo Bittencourt. O cimento. Prédios que já servem há tempos a esculturar H. Leão Velloso foi o escolhido para aos seus moradores, erguem-se entre árvores que contam muitos anos de vida e têm a inauguração da herma de Edmundo Bittencourt, na manhã de 29 de junho, reuniu

taquões que encham o ar da Praga com o ruído das cangambas de concreto armado e o martelar dos operários levantando

prédios. O jardim, com gramados verdes e folhagens coloridas, têm amendeiras, macieiras e abacateiros, oferecendo ainda, para gozo das crianças que as mães zelosas acomodam, bambas-japonesas, leirões, e outros brinquedos. Foram Horácio Lafer, Herbert Moses, Por- to da Silveira, Otacílio Gualberto, Pedro

Herbert Moses salienta que poucos profissionais da imprensa exerceram no jornalismo brasileiro influência tão marcante quanto Edmundo Bittencourt. E depois da sua morte continuou o Correio a ser uma das mais importantes e mais firmes do panorama brasileiro, justamente pela fidelidade à orientação do fundador. Isso quer dizer que, ainda hoje, a atuação de Edmundo Bittencourt se

faz sentir no nosso meio, com a mesma intensidade e a mesma influência marcante, como se continuasse entre nós a fazer jornalismo essa personalidade tão platonica de humanidade que soube fundir, numa síntese esplêndida, virtudes e defeitos, lumes e sombras. O homem completo há de ser isso tudo, nem anjo nem demônio, apenas homem, bravo, combativo, idealista, sobranceiro.

Não é comum, entre nós, reconhecer-se a função pública exercida pelo jornalismo. É certo que muito se fala sobre ela e ruído se costuma louvar a ação dos jornalistas. Mas entre o louvor fácil e o reconhecimento consciente, vai uma distância imensa que raras vezes se logra vencer no Brasil. No caso de Edmundo Bittencourt, porém, esse reconhecimento veio em vida e a morte serviu para torná-lo ainda mais efetivo e generalizado.

Entregando o busto de Edmundo Bittencourt à cidade do Rio de Janeiro, falou o ministro Horácio Lafer, um dos promotores da homenagem. Edmundo Bittencourt, disse, cumpriu um destino que se vinculou aos mais puros ideais da sua gente, defendeu com a indomita bravura dos crentes os sentimentos mais altos da nacionalidade e não esmoreceu nunca, pugnaz e irredutível até o fim, na evangelização da liberdade e da democracia.

A crônica das três primeiras décadas republicanas assinala a sua presença permanente, num cenário tantas vezes conturbado pelas paixões exaltando-se sobre a mediação geral, para lutar por uma convicção, certa ou errada, mas sempre sincera, com aquele desassombro de que só os eleitos são capazes.

A sua pena foi um aríete que demoliu fortalezas em que se acastelavam situações e prestígios baleares; mas foi, igualmente, instrumento de constância de uma consciência pública, cuja vigilância ele queima indormida em torno dos sagrados interesses da pátria e diante das instituições, livres da fraude, do arbitrio, da violência e da imoralidade.

Onde quer que houvesse um direito violado, ali estava ele, detestando e fulminando, alheio aos interesses entronizados e poderosos, às ameaças que tanta vez lhe rondaram a banca de jornalista e o lar santificado pela virtude e pela bondade da sua esposa e companheira.

Onde quer que surgisse uma tentativa de contrafusão da república democrática, honesta e justa, para logo surgir, veemente e sem as reservas cautelosas ditadas por conveniências políticas ou econômicas, a sua voz viril e clara, admoestando, clamando e denunciando.

Uma vida assim, tão rica de sugestões nobres para os que nos hão de suceder no trabalho de engrandecimento do Brasil, bem mereceria ser perpetuada num bronze que lhe recorda a figura invulgar e relembra a ideia de que ela é depositária e de que é ele foi uma expressão genuína.

Erigindo este busto e o entregando à cidade do Rio de Janeiro, por intermédio do seu eminente prefeito sr. João Carlos Vital, não quissem os amigos e admiradores de Edmundo Bittencourt, dar apenas um testemunho de irrefragável reconhecimento pelo que ele fez de grande e pelo que deixou de permanente na obra admirável do Correio da Manhã, que Paulo Bittencourt,

encasulado numa modestia que encobre riquíssimo veio — continua e engrandece.

Queram mais do que isso; quera que as crianças desta grande terra generosa e boa, ao passarem por aqui e ao indagarem dos seus professores e dos seus pais porque se ergue esta figura, fiquem sabendo que é o tributo da gratidão nacional, a quem jamais transigiu com os princípios supremos da liberdade e da dignidade humana e foi sempre um paladino do engrandecimento do Brasil na paz, na justiça para todos os homens de boa vontade e na defesa da legalidade democrática.

E concluinto, disse o orador: "Em nome da Comissão promotora recebelo sr. prefeito, para a cidade que dirigis, este busto que é obra de justiça a quem simboliza as características da alma do seu povo; e ativo e sereno, a independência que não verga e a brasilidade impercível".

Terminado o discurso do ministro Horácio Lafer, Paulo Bittencourt descerrou os painéis do busto verde-amarelo que recobria o busto que se inaugurava, sob calorosos aplausos. A maioria dos presentes, velhos amigos de Edmundo Bittencourt, sentiu-se de grande emoção pela fidelidade com que o cunhal do escultor Leão Veloso reproduziu, na frieza do bronze, aquela figura marcante. E a perseguição do busto, como obra de arte, juntou-se esplêndidamente a eloquência simples da legenda:

A Edmundo Bittencourt, Paladino de Todas as Liberdades".

Recebendo, em nome da cidade do Rio de Janeiro, o busto de Edmundo Bittencourt, disse o prefeito João Carlos Vital que rememorar a vida desse destacado brasileiro é sem dúvida, fazer o histórico da evolução da imprensa em nossa capital, e passar em revista os episódios mais importantes que ocorreram durante estes últimos cinquenta anos, tão forte foi a atuação desse incansável lutador na referida evolução, e tão entrelaçadas foram as relações entre os mesmos episódios e as retumbantes campanhas jornalísticas que moveu.

Render homenagem a Edmundo Bittencourt, pois, proporciona a cada um de nós a oportunidade poucas vezes tão adequada para resgatar a força imensurável da imprensa na formação do pensamento coletivo, a sua singular importância como instrumento de poder, a relevância do papel que pode desempenhar nos acontecimentos da vida política e social dos povos.

De invulgar capacidade de trabalho despendido, jamais demonstrou desfalecimento, sustentando as suas ideias sempre com o maior ardor, convencido de bem servir às instituições nacionais e aos interesses da coletividade.

O seu busto nesta praça fará sempre recordar a ilustre figura de jornalista profissional que encarnou uma personalidade de grande relevo e notável prestígio na sua época.

Em nome da cidade, recebo o busto do grande compatriota que aqui viveu, aqui lutou e aqui venceu.

O AGRADECIMENTO DE PAULO BITTENCOURT

O agradecimento, saindo do mais íntimo do seu ser traduziu-se em palavras simples

e comovidas. Ele havia escrito umas poucas laudas. Leu a primeira:

"Cada um tem o seu jeito — e o meu, infelizmente, não é o de falar em público. Não ousei confiar na emoção do momento — que agora tenho de reprimir — para dizer, em nome da família de Edmundo Bittencourt e portanto em nome da família do Correio da Manhã, o desvanecimento, a gratidão e a honra que sentimos por esta cerimônia e pela homenagem que aqui se presta a meu pai. Estes dias da passagem do nosso meio século têm sido marcados por grandes alegrias. Tudo nos vem vindo certo e harmonioso: parece ter havido uma verdadeira conspiração de felicidade em torno de nós. No entanto, nenhum momento mais alto e mais feliz do que este, que resume e sintetiza tudo o que melhor assenta à memória quando de meu pai".

A partir desse momento, num crescendo de emoção que o tornou incapaz de prosseguir na leitura, Paulo Bittencourt amassando entre as mãos nervosas as laudas que havia escrito, passou a conversar, de amigo para amigos, dizendo:

"A idéia desta cerimônia e do monumento que acaba de ser inaugurado, nasceu de um grupo de jornalistas, que nunca fez parte do Correio da Manhã. Nada podia ser mais grato ao profissional batalhador que foi Edmundo Bittencourt do que partir esta manifestação de estima e de carinho de homens que lutam na mesma profissão e lhe conhecem bem as duzetas e as vicissitudes. Em nome deles falei — e com que delírio deza e sensibilidade! — não um jornalista, mas um grande e íntimo amigo meu — e isso é outra circunstância feliz: no seu grande e forte coração meu pai sempre serviu um largo espaço para os meus amigos, que ele tinha o culto da amizade e nunca houve pai como ele".

E quem o acolhe, em nome da cidade que ele tanto amava e que tantas vezes vibrou de tanto ele e por ele — e nesta Copacabana de seus encantos, onde ele viveu os últimos 40 anos de sua vida — quem o acolhe é um prefeito moço e moderno, homem da técnica e do organograma, limpo e capaz, típico e camente o gênero de administrador que ele admirava e desejava para nossa terra.

Outra coincidência feliz: no dia de hoje, há 45 anos passados, no dia 29 de junho, dia de São Pedro e São Paulo, foi que eu conheci a nossa casa nova de Copacabana, desta Copacabana que meu pai adorava e conhecia em todos os seus recantos, seus muros, suas praias, seus pescadores quem sempre foi amigo.

Assim se juntam, em torno deste monumento, numa feliz coincidência, companheiros de imprensa, amigos — naquilo que era para ele a quintessência da amizade — a amizade a seu filho e, para aquele cultor da mocidade, um prefeito moço e progressista, o que ele talvez escolhesse se lhe coubesse a escolha. E mais uma delicadeza dos companheiros de imprensa: — a sua figura foi esculpida pelas mãos de um Leão Veloso. E os nomes das duas famílias continuaram, assim, neste momento, unidos um ao outro como o foram na vida.

Outra feliz conspiração do acaso foi esta que transformou numa cerimônia simples o que poderia ser uma solenidade. Não faltaram, no meio de amigos tão caros, estas crianças que ele adorava. Sim, porque meu pai gostava de crianças, de banhido de vadas para vencer as longas estradas que



O dr. Paulo Bittencourt inaugurando a placa comemorativa do cinquentário na sala da Redação

crianças, de brigas de crianças. E elas aqui estão, dando um caráter vivo, genuíno, íntimo a esta cerimônia. Por tudo isso eu agradeço — profundamente, sinceramente, a

E aqui está um representante dos estudantes de há cinquenta anos. Herbert Moraes. Não podia faltar aqui um estudante daqueles tempos pois foram eles que fizeram o Correio da Manhã, com seu entusiasmo. Vejam como é notável mais essa trama do acaso: representa aqui a imprensa um que era moço quando surgiu o Correio, um dos que inspiraram meu pai nas lutas iniciais. Agradeço a todos e agradeço mais ainda porque a inauguração solene de um busto em praça pública — pelo milagre da coincidência e pela pureza da intenção — perdeu o seu formalismo e transformou-se num ato simples e franco, em harmonia perfeita com a simplicidade e a franqueza de meu pai".

Domingo, 17 de junho, foi a grande festa organizada pela direção do Correio da Manhã, no "High Life", aos componentes da casa e suas respectivas famílias. Começou à tarde com palavras de amizade de Domingos Segreto e terminou pela madrugada.

"A Empresa Paschoal Segreto e eu muito prazerosamente entregamos esta casa ao Correio da Manhã, para que nela reine essa integridade e essa solidariedade que faz um dos poucos motivos pelos quais vale a pena viver e, que aqui, ainda mais, se estreitam os laços de amizade e respeito dos que lutam cotidianamente num dos maiores jornais do continente. Esta é a contribuição modesta, mas muito sincera da Empresa Paschoal Segreto, que também sabe avaliar as lutas das crianças de vadas para vencer as longas estradas que

levam uma empresa aos cinquenta anos! **tes, não são, como se poderia ser levado a**
 Nesta oportunidade, quis eu prestar uma **cer, os americanos os mais assíduos fre-**
 homenagem simples mas sobremaneira grata **quantadores de cinema, mas os israelitas, que**
 para o meu compatriota, ao ilustre e querido **assistem, individualmente, em média, a 38**
 jornalista Edmundo Bittencourt, fundador do **sessões por ano, seguindo-se os cortá-**
 Correio da Manhã, trazendo para este recinto **riqueiros, com 20 véas, os britânicos com o**
 o seu retrato, pois desse homem guardo as **220 véas.**
 melhores recordações.

Fui testemunha de suas visitas ao meu **A UNESCO atribui à Agência Presse 19**
 querido tio Paschoal Segreto, quando **agências na França, 50 agências e 300 corres-**
 guardava o leito em sua enfermidade. Inú- **pondentes permanentes no estrangeiro. En-**
 meras vezes fiquei ao lado de Edmundo Bit- **tre os 3.851 assinantes do serviço da Agence,**
 tencourt escutando suas longas palestras **cia a UNESCO 563 jornais e 56 estagios de**
 com meu velho tio, já quase no fim de sua **rádio.**
 vida. Eram amigos! A essa amizade para- **A brochura constata que o Canadá "for-**
 mim muito grata eu dedico esta homena- **nece mais da metade do papel de jornal do**
 gem. Em nome dessa amizade trago para **mundo".**
 esta festa do coração, o retrato de Edmundo **Infundido**
 Bittencourt, para que ele também esteja **Mundo**
 presente, em espírito, na efeméride que **revela**
 ele preparou há meio século. **mo**

Os órgãos de informação cões em todo o mundo

Ô que divulga uma publicação da UNESCO

Em todo o mundo, 224 milhões de exem- **Todas as felicidades se assemelham, mas**
 plares de jornais diários, 182 milhões de re- **cada infortúnio tem a sua fisionomia par-**
 ceptores de rádio, 15 milhões de teins de **ticular.**
 televisão, 112 mil salões de cinema — tais **tais**
 são as cifras que cita uma obra de 225 pá- **for**
 ginas, publicada pela UNESCO, "A Infor- **mação Através do Mundo".**

Esta obra, que será posta à disposição **Tudo e que é vivo é uma coisa obediente.**
 do público a partir do dia 17, contém os dados **for**
 mais recentes sobre esses meios de infor- **Nietzsche**
 mação. Quadros estatísticos, gráficos em cô- **ateria.**

res, ilustam e provam cada matéria. **ados**
 Ela, a título de exemplo, alguns dos dados **Ainda no século XVII, o aldeão russo ao**
 fornecidos: Imprensa. Os Estados Unidos dis- **clar a filha em casamento, comprava um**
 põem de 1.780 diários, o Canadá 111, a Fran- **chicote novo para lhe dar a última correção**
 ça 164, a Grã-Bretanha 121, a Suíça 117, a **domestica da sua parte, e depois entrega-**
 Bélgica 46, a Argentina 180, o Brasil 220, o **va-o solenemente ao genro com a recomen-**
 México 96 e a Irlanda 300. Na Rússia os da- **daço de o usar cedo e de não o poupar.**
 dos não distinguem os diários dos periódicos. **O cerimonial usado ao entrar no quarto**
 há um total de 7.700 publicações. **naquela consistia em o moivo dar à noiva**
 afirma a UNESCO que os europeus com- **uma das chicotadas, pelos ombros, dicen-**
 pram 53% dos jornais publicados no mundo. **do: "Agora esquece a vontade de teu pai e**
 e os americanos do norte 23%. **cute-te à minha". No entanto a cangido di-**

Rádio: — A América do Norte possui 53%
 dos 182 milhões de postos receptores existen- **te no mundo; a Europa 35%; a América do**
 Sul, Ásia e África, 11% somente, em total. **to**
 Há, nos Estados Unidos 630 postos recepto- **res por cada grupo de mil habitantes.**

Televisão: — Desenvolve-se com rapidez
 em 17 países, mas de maneira muito desi- **gnal: contando-se 13.400.000 receptores nos**
 Estados Unidos, apenas um milhão na Ingla- **terra, 50 mil na União Soviética e 30 mil na**
 França. **perfeitamente**

Cinema: — Os maiores produtores de fil-
 mes estão na ordem seguinte: Estados Uni- **dos, Índia, Japão, Itália e França. A União**
 Soviética, segundo as indicações da UNESCO, **viagem, pelo ódio, pelo interesse ou pela**
 "a preferência aos documentários, sobre os **subserviência aos poderosos, rurais ou des-**
 filmes unicamente de distração". Também é **piadadamente, sede implacáveis, sede cruéis,**
 estudada a frequência às salas de projeção. **por amor à justiça.**
 Proporcionalmente ao número de habitan- **tes.**

Scherer
 Quem lê sabe muito; mas quem olha sabe
 às vezes ainda mais.

Alexandre Dumas

Tolstai
 Tudo e que é vivo é uma coisa obediente.

Nietzsche

Trata bem os juizes, tendo sempre em
 mente as contínuas injustiças com que eles **so julgados, devido às paixões e aos in-**
 teresses contrários pelas sentenças, e à le- **gislacão, e precipitação que presidem às**
 decisões dos interessados. Mas quando **verificadas, com segurança com espirito**
 perfeitamente isento de todos os elementos **subjetivos que perturbam a exata visão da**
 realidade, que as suas decisões foram ins- **piradas pela amizade, pela gratidão, pela**
 vingança, pelo ódio, pelo interesse ou pela **subserviência aos poderosos, rurais ou des-**
 piadadamente, sede implacáveis, sede cruéis, **por amor à justiça.**

Pedro Lessa



SENSACIONAL!

27 DE JULHO: Foi sensacional a defesa do goleiro Irecê, do Madureira no jogo em que o seu clube empatou de 1 x 1 com o Flamengo, derrotado na primeira rodada do campeonato carioca pela contagem mínima. Porém mais sensacional ainda foi o tento marcado pelo nosso companheiro Manuel Gomes da Costa, o MANEZINHO, da equipe fotográfica do "Correio da Manhã", com a notável fotografia, que hoje corre mundo como um dos instantâneos mais raros das lutas de futebol.



TINTAS YPIRANGA PROTEGEM E EMBELEZAM

I Congresso Brasileiro de Folclore

C. A. SYLVESTER

Realizou-se no Rio de Janeiro, na segunda quinzena de setembro, promovido e orientado pelo sr. Renato Almeida. Foi um dos acontecimentos louváveis do ano de 1951. A importância do Congresso está perfeitamente explicada nestas palavras do seu relator-geral, Luiz da Câmara Cascudo:

"O I Congresso Brasileiro de Folclore realizou a maior mobilização de estudiosos do assunto, rearticulando as relações diversas dos pesquisadores ante a diversidade dos temas sedutores que a todos apaixonara.

Foi possível nesse plenário o conhecimento do conjunto folclórico brasileiro, nas diversas áreas de trabalhos, visão sugestiva e poderosa pelo esforço individual e de equipe, sob o signo mais vivo e nobre da simpatia, do entusiasmo e do solidarismo humano em serviço de uma aproximação real e verdadeira do realismo do homem brasileiro.

Encerrando-se a série de trabalhos é possível dizer-se que o programa de tarefas foi positivo e prático em seus resultados. Não nos faltou o elemento verbal, caloroso e sonoro, dando vivacidade aos debates, mas a soma do que foi conseguido é um testemunho do interesse, da acuidade, da seriedade com que os assuntos foram tratados, nos pareceres e na discussão no plenário e nas comissões. No momento em que nos separamos, na dispersão que levará a cada um de nós ao seu recanto de província, afirmamos que os elementos essenciais de uma sistemática do folclore brasileiro foram fixados, discutidos e aprovados e são esses os resultados de forte e claro espírito materializador de sonhos, dispersos e disformes, agora corporificados em motivos norteadores de uma futura atividade verdadeiramente nacional e geral.

Conceituação do fato folclórico, inclusão do folclore no curriculum universitário e normal, plano nacional de pesquisas, proteção à arte popular, organização de uma biblioteca do Folclore, com reedição de obras indispensáveis e a tradução de fontes julgadas de preciosas informações, além de livros nacionais, a instalação de um órgão central, organismo orientador do movimento, ajuda técnica ao folclore, foram os aspectos mais sensíveis e marcantes".

* * *

— Contemplaremos impassíveis, perguntava Sócrates, a criança escutando fábulas absurdas inventadas pelo primeiro que chega, e recebendo doutrinas contrárias àquelas de que necessita na idade madura?

* * *

Sem o preparo intelectual nada se pode fazer. São as idéias que governam o mundo.

Luiz Pereira Barreto

* * *

A vida, como o fogo, só se conserva comunicando-se.

Gyau

Nascido em Newton Center, Estado de Massachusetts, faleceu a 24 de agosto de 1951, no Estado de Maine. Formado em 1902, pela Universidade de Harvard, diplomando-se em artes. Após a colação de grau, empregou-se na empresa de bondes Boston Suburban Electric Company. Depois de longo tirocínio nesse ramo de negócios, renunciou ao cargo em 1911, vindo para o Rio de Janeiro, onde iniciou sua carreira na Light, como assistente do superintendente geral. Em 1913 foi nomeado superintendente geral e em novembro de 1917 foi eleito vice-presidente e diretor dessas companhias.

Durante sua permanência no Brasil, o sr. Sylvester e sua esposa formaram um ambiente de simpatia na sociedade, tendo sido a sra. Sylvester, pelas inúmeras iniciativas altruísticas que abraçou, condecorada com a Ordem do Cruzeiro do Sul.

* * *

A diplomacia moderna

Desde que os portugueses se introduziram nas Índias, as mercadorias não vinham mais por terra para o Mediterrâneo, através da Ásia. Novamente a atenção se voltava para Suez e novamente se dizia que o canal era impraticável. Mas de hábeis mercadores, Veneza tinha feito, como outrora Bizâncio, hábeis diplomatas; e enquanto estes se divertiam nas cortes, iam introduzindo os hábitos mais recentes e os trajes da moda, na sua rica e elegante cidade marítima. Ainda jovens e ativos, os Habsburgos lhe ameaçavam o comércio do lado de Trieste, que eles ampliavam. E quando os venezianos irritavam os mercadores alemães do Adriático, os nobres de Veneza e de Viena conferenciavam num belo palácio entre festas suntuosas, e selavam qualquer bonito pergaminho. Entrementes, os marinheiros de ambas as nações apodreciam no fundo do mar.

A diplomacia moderna começou em Veneza, e não em Paris.

Emil Ludwig

* * *

Homens! nada pode impedir o advento da Humanidade.

Silva Jardim

* * *

Quem nada teme é mais forte que quem de todos é temido.

Schiller

* * *

"O" dor! Tu não és um mal", exclamavam os estoicos. A moral cristã deu um sentido à dor, e divinizou o sofrimento.

Alcindo Guanabara

* * *

Aprendemos a pensar ao aprender a falar.

Jullo Simon



VINDIMA — Em meio às paisagens tão belas do sul do Brasil, entre o misticismo dos pinheiros e das araucárias, destacam-se as vinhas que se estendem a perder de vista, com seus frutos cor de âmbar, de esmeralda, de ametista, de rubi. E qual um símbolo de Vida e de Verdade (in vino veritas) surge dentre o infinito verde dos pampas e dos campos, esta figura radiosa de mulher, deusa das colheitas, rainha das uvas. Já em 1819, elogiava Saint Hilaire os vinhos de outras regiões nossas, o "fin Bouquet", fabricado em Goiás. No período colonial, as adegas dos reis de Portugal eram supridas com vinhos brasileiros, sendo que em algumas zonas as vinhas davam duas colheitas. Como se vê, o problema é ainda e sempre o mesmo, plantar...

EVOLUÇÃO DA AGRICULTURA

As vicissitudes de nossa economia rural nos últimos — cinquenta anos —

JOÃO CLEOPHAS

O iniciar-se o século atual a economia agrícola do Brasil assentava na monocultura cafeeira.

O ciclo do café chegava ao seu auge, em seguida a outros ciclos, de maior ou menor duração e importância, destacando-se o do açúcar e o da mineração.

Penetrando pela Amazônia, onde as atividades se restringiram ao extativismo, o cafeeiro viera constituir-se, nos vales fluminenses e, sobretudo, nas terras de São Paulo, o elemento de sustentação da vida rural, no momento crítico adveniente da abolição da escravidão.

Precisamente nos primeiros anos da década de 1900 o Brasil atingia a liderança na produção mundial da rubiacea, para a qual contribuía com 75% do volume total.

Com o café pagávamos tudo de que necessitávamos, escravizando-nos aos males da monocultura. A exemplo da Amazônia, que concentrava seu potencial de trabalho na extração da hévnia e comprava fora os artigos essenciais à alimentação — como de certo modo ainda hoje — a região cafeeira crescia desequilibradamente em relação ao resto do país e se importavam alimentos que a terra generosamente propiciava, se não a dominasse o exclusivismo da época.

Não buscávamos no exterior apenas o trigo, cuja cultura tanto prosperara nos fins do século XVII, ou o arroz, cultivado com êxito em quase todos os Estados. Importávamos, também, o feijão e o milho, artigos básicos da alimentação nacional.

O início deste século ficou marcado pelo ápice daquela ascensão inconstante e pelas consequências que passaram a exigir medidas especiais, como o Convênio de Taubaté, em 1906, e a indicar a necessidade de imprimir novos rumos à vida agrícola do país.

Embora a deflagração da guerra europeia, privando-nos de certos artigos necessários, tenha determinado um susto de industrialização, foi durante ela que se processou não menos salutar reação de fortalecimento da atividade rural, à base de um slogan que a presidência Wenceslau Braz conseguiu popularizar, além de concretizar a ideia nele expressa. Sob o incitamento do comando "Fumo aos campos", houve, com efeito, um movimento relativamente intenso no sentido de colonização de áreas cultiváveis. Declinara o fluxo imigratório mas o Governo promovia a colocação de brasileiros desocupados ou desajustados.

Não foi por simples acaso, na verdade, que antes de finda a primeira década deste século estava criado o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Mais tarde, os progressos técnicos registrados em todos os ramos do trabalho humano, viriam a modificar consideravelmente as características de nossa economia agrícola.

Na indústria açucanreira, por exemplo, registrou-se, de 1907 a 1920, um acréscimo substancial no número de fábricas, capital em-

pregado, mão de obra e, sobretudo, na produção, cujo valor triplicou.

O cultivo do algodão desenvolveu-se intensamente, sob o estímulo dos preços no mercado externo e, bem assim, da expansão da indústria têxtil, sob proteção tarifária. O colono estrangeiro exerceu, decerto, apreciável influência no sentido da diversificação e do aperfeiçoamento da produção na região sul, cujas condições climáticas favoreciam ensaios de novas culturas e onde o solo facilitava a mecanização do trabalho. De 1.700 tratores recensados em 1920, no país, quase metade se achava no Rio Grande do Sul e 401 estavam em São Paulo.

Igualmente sensível passaria a ser a evolução na indústria pastoril e derivados. Ainda em 1907 despencíamos mais divisas com a importação de charque, manteiga e produtos de salchicharia do que com petróleo ou produtos químicos e quase tanto quanto com

Máquina
D'ANDRÉA

Fabricação Especializada de
Maquinas para:

CAFÉ * ARROZ
CAFÉ ARROZ

MANDIOCA * MILHO
MANDIOCA MILHO

ALGODÃO * LARANJA
ALGODÃO LARANJA

PASTA MECANICA
PASTA MECANICA

FIBRAS * PAPELÃO
FIBRAS PAPELÃO

SEDA
SEDA

Matriz: LIMEIRA - Estado S. Paulo

Agencia em São Paulo:
Rua José Bonifácio, 29, 2.º - Sala 91
Tel: 3232-2292



quando se usa

TEXACO URSA OIL X**

**Redobre os cuidados com o seu
equipamento agrícola!**

Ele tem mais valor hoje em dia!

Para manter os seus tratores em constante atividade, perfeitamente protegidos e trabalhando eficiente e economicamente, é indispensável o uso de um lubrificante detergente e dispersivo, altamente resistente à oxidação, que previna a formação de carbono, goma e bórna e que garanta a máxima proteção contra o desgaste e a corrosão.

TEXACO URSA OIL X** contém aditivos

especiais que lhe emprestam todos esses característicos, razão porque, nos Estados Unidos, maior potencial de Diesels fixos é lubrificado com TEXACO do que por qualquer outra marca. No chassis, que entra em contato com a lama, terra e água, usa TEXACO MARPAK, o lubrificante que adere fortemente aos mancais, "acolchoando-os" contra os choques e pressões, prevenindo, assim, o atrito e o desgaste.

**CONSULTE O NOSSO DEPARTAMENTO DE SERVIÇOS TÉCNICOS,
NAS FILIAIS DA TEXACO EM TODO O BRASIL**

35 ANOS A SERVIÇO DO BRASIL



TEXACO Produtos de petróleo

para máquinas agrícolas

carvão. Felizmente, porém, também entravamos a importar, como fizemos em 1910, mais de 88 mil carneiros que vinham a influir na grandeza futura da produção de lã, e cerca de 75 mil cabeças de gado vacum, especialmente reprodutores selecionados, para o aprimoramento dos rebanhos nacionais. Graças a uma população bovina cujo total alcança o da população humana, indies considerado satisfatório do ponto de vista da economia da alimentação, chegamos mesmo a fornecer elevadas quantidades de carne a mercados estrangeiros.

O traço negativo da evolução da agricultura brasileira neste século é o caráter extensivo que permaneceu predominante. O próprio cafeeiro, apesar da debalde sofria, continuou a devorar terras novas, desmatando-as, sedento de seiva de solo virgem.

A terra, sempre considerada elemento inferior entre os componentes da produção, já mais mudou, praticamente, os cuidados do trato mais racional, a defesa contra a erosão e, portanto, desacompanhado do indispensável suporte de um sistema adequado

O sistema predatório e nômade do indio continuou a inspirar a atividade rural, como se dos investimentos exigidos para a produção — solo, instalações, equipamentos — não de obra — fosse o primeiro o elemento de menor valor, sempre facilmente substituível. Também o passo lento da mecanização tem refletido as características predominantes na atividade rural brasileira — a ausência de orientação e proteção, a imprevidência, o empirismo.

Na estimativa do valor dos elementos componentes do parque agrícola brasileiro, em 1928, tocavam a maquinismos e acessórios agrícolas apenas 3%. E de nível baixíssimo o rendimento do trabalho do homem, por falta de vigor físico, valorização social, preparo técnico, uso de instrumentos modernos, gerando a crise de braços, menos de ordem quantitativa do que qualitativa. E, com exceção de áreas singularmente férteis e de verdadeiras ilhas de lavoura racional e moderna criadas por grandes empresas, baixíssimo é o rendimento médio por hectare.

Caso notável de deslocamento do eixo agrícola de umas para outras regiões, porém sob determinantes e características diversas, foi o da cana de açúcar. Mantinha o nordeste a supremacia nessa cultura que é mesmo, em determinada zona, a matriz de toda a civilização, o timbre de todo um sistema de vida nascido com os primeiros estabelecimentos de colonizador luso.

Malgrado a energia e a tenacidade do nordestino que, desajudado de recursos, criou um magnífico parque industrial e cultivou todos os vales amáveis da região, a produção de cana de açúcar está se deslocando rapidamente para São Paulo, impedida por fatores econômicos muito mais do que pelos de ordem ecológica. Os fretes, os impostos, a proximidade dos centros consumidores incumbem-se dessa tarefa por assim dizer predatória na economia nordestina onde o açúcar representa tradicionalmente a principal riqueza da região.

Também o arrojado, a maior concentração de capitais, o índio mais elevado de mecanização, outras facilidades, enfim, para empreendimentos de envergadura econômica, existente no sul do país, arrebataram ao nordeste a primazia incontestável no volume da produção algodoeira. A crise cafeeira de 1930

ofereceu a maior contribuição para o "rush" que elevou as safras paulistas, em pouco tempo, a níveis várias vezes mais elevado. Até 1925, predominava a região nordestina que colheu, naquele ano, 166 mil toneladas de algodão em pluma, contra 102 mil no sul. Atualmente, enquanto o nordeste produz 151 mil toneladas, a zona sul apresenta 245 mil toneladas.

A manutenção dos processos empíricos e do sistema de abandono das terras que se cansavam, em busca de outras ainda ricas de humus, vem desempenhando, sem dúvida, importante papel de significação geoeconômica pois concorre para a ocupação efetiva do vasto império que se encontra dentro de nossas próprias fronteiras bem como, a julgar pelo que se virifica no norte do Paraná em Goiás, tende à diversificação, à policultura.

Criou, porém, dificuldades que se vêm agravando com o tempo, dado que tal movimento se verificou sem qualquer planejamento e, portanto, desacompanhado do indispensável suporte de um sistema adequado



DIERBERGER
AGRO COMERCIAL LTDA.

Liberto Badaró, 499-501

Caixa Postal 458

SÃO PAULO

* * *

Sementes em Geral

Ferramentas e Aparelhos

Polvilhadeiras e Pulverizadores

Inseticidas e Fungicidas

Artigos Apícolas, Livros, etc.

* * *

CATÁLOGOS GRATIS

de transportes. O recuo de lavouras e pas-
tos para regiões distantes dos centros de
consumo e pontos marítimos exigiu novos
caminhões, que a era do veículo a motor
facilitou, e deixou em decadência, sem a
necessária densidade de tráfego, ferrovias
que haviam servido ao primeiro impulso de
penetração e à era de grande prosperidade
da monocultura cafeeira.

Além, não só de falta de transporte eficaz
e barato se ressentiu o desenvolvimento da
produção agrícola do país, mas também da
falta de aparelhamento em geral. Apare-
lhamento de natureza econômica, base fi-
nanceira para impedir o envelhecimento dos
prazos em face de eventualidades do mer-
cado; e tecnológico, em condições de que os
gêneros facilmente perecíveis, como são, em
geral, possam ter a distribuição nos centros
de consumo assegurada em tempo oportuno.

É essa a deficiência profunda, de organi-
zação, que entrava maior expansão da cul-
tura do trigo — o único produto agrícola de
exportação significativa ainda pesando em
nosso comércio importador e que impede
certos produtos nossos de continuar a com-
petir no mercado internacional, onde ante-
riormente figurávamos, ou só lhes permite al-
comparar eventual e penosamente, em vir-
tude do elevado custo ou de inferior quali-
dade, conseqüentes do empirismo dos méto-
dos de cultivo e beneficiamento.

As eventualidades no comércio mundial
têm sujeitado a agricultura brasileira, assim
precaçiosamente organizada, a impactos des-
truidores. Em determinados momentos, fica
um produto agrícola — e, com ele, uma re-
gião geoeconômica ou, em alguns casos, o
país inteiro — sujeito a revesses arrasadores.
Riscam nosso quadro econômico, na parte
dos bens extraídos da terra, crises violentas.
Itens que ascendem à superprodução sem
aquisição interna ou externa, e se precipi-
tam na escassez, privando-nos da satisfação
de necessidades domésticas ou de oportuni-
dades que ressurtem na demanda exterior.

Nesse "looping the loop", as medidas de
correção em busca do equilíbrio têm varia-
do sem fundarem, portanto, uma política de
base preservativa da economia nacional, so-
bretudo da sua seção agropastoril.

A modificação desse aspecto lacunoso da
realidade brasileira continua sendo o desa-
fio ao Estado, às classes interessadas, aos
estudiosos, à capacidade dirigente da Nação.

A segunda grande guerra determinou novos
empreendimentos de emergência, cujos re-
sultados, em grande parte, igualmente se des-
baratarem. É neste após-guerra vacilante e
tenso que temos de agir, intensa e rápida-
mente, para imprimir algo de organicidade à
vida rural do país e estimular-lhe o ergui-
mento do padrão social e técnico.

O café, restabelecido, por influxos de uma
demanda superior ao volume das colheitas
que declinaram pelo abandono dos produ-
tores e pela ocorrência de fenômenos clima-
téricos e de pragas, volta a dar uma contri-
buição substancial para o equilíbrio do co-
mércio exterior. Além dele, vários produtos
da terra — como o arroz, o algodão, o cacau,
o milho, as laranjas, as bananas, afora ou-
tros beneficiados ou industrializados, como
óleos, ceras e fibras — também concorrem
para a riqueza nacional, permitindo cuida-
se do equipamento indispensável à faina do
campo. CqU PamentO

Se em 1940 havia no país ainda apenas
3.380 tratores, e se até 1945 foi reduzida a

importação dessas máquinas, em compensa-
ção, a partir do exercício seguinte, vieram
elas em número crescente, somando 7.315 só
os importados nos dois últimos anos: 2.001
em 1949 e 5.315 em 1950.

Também relativamente à prática da adu-
gação temos feito progressos substanciais, no
que se revela a racionalização das culturas
agrícolas.

Importação de produtos químicos azota-
dos, fosfatados, potássicos e outros destina-
dos à fertilização da terra vem crescendo sig-
nificativamente nos últimos anos, como de-
monstram os dados abaixo:

Ano	toneladas
1943	99.177
1944	126.516
1945	272.366

Por outro lado, cumpre assinalar que a
riqueza mineral existente no país, em maté-
ria de fertilizantes, nos deixa dependentes
do salitre natural, importado do Chi-
le, pois são opulentas as nossas reservas de
sulfato, potassa e calcário.

Seja nos relevados repetir, como sempre e
como todos, que é necessário melhorar os
transportes, ter máquinas que facilitem ao
lavrador elevar o seu ganho, recuperar as
terras cansadas e manter a fertilidade dos
solos agrícolas, proteger as culturas contra
as pragas e doenças, impedir o lucro exces-
sivo dos intermediários, acalmar no homem
do campo a insatisfação a que, em muitos
casos, foi levado pelo prolongamento de um
trabalho mal remunerado.

Em elevação continua os prazos das utili-
dades e dos serviços, de que depende a la-
boração, só o maior rendimento por unidade
de área, a diminuição do custo de produ-
ção pelo aperfeiçoamento dos processos e a
sua colocação nos centros de consumo po-
dem assegurar a permanência e solidez da

Da vida nada se leva

AA todos os homens e mulheres, desilu-
sões de alcançar a suprema felicidade
de humana, recomendamos as famadas
Pílulas Maratú, aprovadas e licenciadas
pelo S.N.F.M. como tônico nervoso, no
tratamento da astenia neuro muscular e
suas manifestações e sem de qualquer
ação nociva. As Pílulas Maratú são fa-
bricadas com extratos de Catuaba e Ma-
cabinha (Acanthos virilis), duas plantas
de virtudes extraordinárias e que exis-
tem abundantemente em alguns Estados
do Nordeste do Brasil. Além, elas já eram
conhecidas desde longa data pelos gentios
brasileiros que usavam-na como poderoso
tônico e levantador do sistema nervoso.

Quando alguém sentir uma ligeira depres-
são no ritmo normal de sua vida, mesmo
que seja devido à idade avançada, deve
recorrer a estas pílulas, que darão, não
só o entusiasmo perdido, como ainda,
um senário de bem estar e alegria de
viver. Deixem de pessimismo. Tomar as
Pílulas Maratú é saber gozar a vida, mes-
mo porque... da vida nada se leva. A
vida nas principais farmácias e dro-
garias.

base agrícola de que nenhum país se pode dar ao luxo de prescindir.

Em geral a agricultura é profissão precária. O algodão, o cacau, as lãs obtêm cotizações compensadoras, mas outros produtos, sobretudo as culturas de subsistência, mantêm-se em condições desvantajosas em virtude da falta de transporte, de crédito fácil e a juros módicos, de instrução agrícola, e de assistência social.

Sobre todas essas causas, avulta a incompetência e, não raro, a preocupação demagógica de cortejar as massas consumidoras das cidades, desencorajando, sem mesmo impedindo, o desenvolvimento da agricultura nacional.

Por isto mesmo o drama de todo país que está se industrializando, como é o nosso caso, em que a partir do quinquênio 1935/1940 o valor da produção industrial superou o da produção dos campos, é o contraste dos preços dos produtos industrializados e dos produtos da lavoura. Os primeiros elevam-se em curva constante, ao passo que os índices dos preços dos produtos agrícolas oscilam frequentemente, desorganizando por completo a economia rural.

Como consequência desse contraste, os homens do campo vendem os seus produtos por preços instáveis, quase sempre baixos, enquanto adquiriram os produtos industriais de consumo forçado por preços sempre altos. Esse fenômeno tem de ser meditado seriamente porque nele reside um dos maiores fatores do êxodo para as cidades, cujas massas consumidoras mal imaginam o trabalho obscuro e heróico dos que lavram e tratam a terra no interior do Brasil.

MACAS BRASILEIRAS

Orlando José Ferreira Filho — Engenheiro agrônomo.

Generalidades — A macieira é uma planta nativa das regiões montanhosas da Europa para alguns, ou da Ásia central para outros.

O porte da árvore varia de 8 a 10 metros de altura. Tem copa globosa. Ramos superficiais e ramificados. É uma planta de folhas caducas — perde as folhas no inverno.

CLIMA E SOLO — É planta própria dos climas temperados. Suporta temperaturas baixas no frio, mas não se dá bem com altas temperaturas da primavera e verão devendo, por isso, ser plantada numa altitude acima de 700 metros, em S. Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro, em altitudes menores, nos três Estados meridionais.

O solo preferível para essa cultura deve ser solto, (profundo, silício-argiloso).

PLANTIO — As macas são obtidas por enxertia do tipo borbulha a 10 centímetros de altura, gomo ou coroa. O cavalo mais recomendável é a macieira brava; usa-se também o mansoeiro.

Obtém-se as macieiras bravas por meio de estacas. Seu plantio é feito em viveiros durante o inverno. O transplante para o pomar é realizado dois anos após o pagamento dos enxertos, que são feitos no viveiro. As mu-

das são transplantadas com torção aderente. O espaçamento no pomar varia com a fertilidade do solo. É aconselhável uma distância de 6 a 12 metros de pé a pé.

TRATOS CULTURAIS — Podas — são feitas no inverno e podem ser: a) de formação, feita no viveiro, após um ano da enxertia; b) de limpeza e frutificação, realizadas no pomar, depois da frutificação.

Adubagens — Devem ser feitas tanto no viveiro como no pomar.

Rregas — Em tempos secos convém aguar o viveiro.

Pulverizações — Devem ser feitas no início, no meio e no fim da floração, ou melhor, de 15 em 15 dias após a início da floração. As pulverizações são feitas com 300 grammas de arseniato de chumbo dissolvidas em 100 litros de calda bordalesa. É conveniente fazer-se uma pulverização no inverno, antes de incharem as gemas, com calda sulfocálcica a 20 ou 32.^o Be.

ADUBAÇÃO — Não é conveniente aplicar adubos químicos sem conhecer a análise química do solo. A fórmula abaixo, entretanto, satisfaz plenamente, devendo ser usada por

1/2 lata de querosene de estreme de curral e 1/2 lata de querosene de cinzas de madoira.

200 a 500 grammas de superfosfato.

A adubação é feita após a colheita dos frutos, todos os anos.

COLHEITA E PRODUÇÃO — A magd deve ser colhida passando de verde-amarelo, pois resiste ao transporte, nesse estado. Os frutos devem ser retirados da árvore por torção do pedicelo, mas sem destruir o esporão. A produção varia em média de 20 a 50 quilos por árvore.

Variedades — Para a exploração comercial aconselha-se: Ohio Beauty, Deliciosa Vermelha, Delicious, Mama, etc.

Para pequenos pomares, a Reinette e a maçã portuguesa.

O TRANSPORTE DO CAFÉ

As companhias de navegação, norte-americanas, são as que mais transportam café brasileiro para o exterior. Em 1901, no entanto, os maiores embarques foram efetuados em cargueiros alemães, britânicos e franceses.

A Lamport & Holt Line, inglesa, ocupava o primeiro posto com o transporte de quase 336 milhões de sacas.

Em segundo lugar aparecia uma companhia germânica de nome complicadíssimo: Hamburg Sudamerikanische Dampschiffahrts Gesellschaft, cujos barcos levaram para o

exterior 23 milhões de sacas de café brasileiro. Depois vinha a veterana "Chargeurs Reunis", francesa, com a apreciável cota de 14 milhões de sacas, seguida por outra germânica mas de nome bastante fácil de se ler: Hamburg America Line com 12 milhões de sacas.

Entre as outras companhias — e eram muitas — destacavam-se ainda as inglesas e as alemãs, já que praticamente os navios japoneses não faziam escala no Brasil.



TRANSPORTES MARÍTIMOS E PORTOS

JÚLIO BRÍGIDO

A costa do Brasil se estende para o Sul (na baía de Mangueira) Guimarães (na baía de
do hemisfério, a partir do Cabo Orange, e o Guimarães e Coroa dos Ovos) Barreirinhas
termina na embocadura do rio Chal. Mais (no rio das Pringuicas) Salinas (na baía de
9.000) quilômetros de extensão ou seja = Cajueiro Amarelo = Chaval (no rio Ti-
4.800 milhas. Das 100 milhas = Camoim = Azeite = Azeite

Ao longo dessa imensa costa, sempre agitam-se os barcos de pescadores e outros, com 6 pés de baizamar e 12 no do Para, situam-se 80 portos, grandes e pequenos, todos ou quase todos, embondeirados. Por esse descosto dos nossos portos, se de nós, portanto portos naturais, e mais 300 vem que a maioria deles comecem de um ponto dentro do rio Amazonas, escondouros ou transportador apropriado, aos seus acessos de produção regional, antigamente sempre normais ou calado de segurança, com o qual frequentados por pequenas navios, de cabagem possam entrar em uma maré e sair na se- lada própria, de companhias regionais e estrangeiras, sem riscos e avarias. Ora um navio armadores particulares, verdadeira rede co- com um calado médio de 12 pés com o mi- letiza da produção litocama para os gran- nito de 8 senta o ideal para esse tráfego, dos portos de distribuição geral com os de- de um segundo grupo de navios com um ca- Belém, S. Luiz, Recife, Salvador, Rio c- lado mínimo de 10 pés e máximo de 14. Santos. A nossa nova construção não cobrirá a to-

A costa do Brasil, corre, mais ou menos, entre o cabo de Orange e a ponta do Calcanhar (a parte mais oriental da costa do Brasil situado no R. G. do Norte) ao rumo do Noroeste-Sueste e no resto da costa até o Rio Grande do Sul, ao rumo do Nordeste-Sudeste. Esses alinhamentos constituem o principal obstáculo a uma navegação econômica à vela do Norte para o Sul ou para o contrário, entre Belém e Recife, bem como entre Abrolhos e o Rio Grande do Sul.

A costa sofre, no Norte os ventos duros de Leste e Lessueste durante quase oito meses, tornando a navegação à vela muito difícil e não remunerativa. Na costa do Sul os ventos duros de Sudoeste, não permitem avançar para o Rio Grande.

Tem-se registrado velocidades de ventos de 44 metros por segundo, no Sul e no Noroeste, de 30 metros na costa do Nordeste.

Essa explicação política ou nenhum desenvolvimento da navegação à vela, a mais barata do mundo, em grande parte da costa e em diversas épocas do ano. Seremos obrigados a usar o veículo motorizado, econômico de baixa potência, expulsa a Diesel.

Os portos do Brasil, em número de 83, ☐ E.S. Colpa

O MELHOR PRESENTE

DE NATAL

Escolha uma máquina

REMEMOREIRA

TTTT[^]
□ HUSOVARNAS

☐ (Fabricação Suíça)

42 — Rua Luiz de Camões — 43

☐ Filial em Belo Horizonte

RIA TANCHOS, 48

claro, insustentável, do desequilíbrio interno. **■** Nordeste, de Recife a Ceará; do Centro, do Rio de Janeiro a Bahia; e do Sul, do Rio de Janeiro a Porto Alegre, usando navios de dois tipos de calado, um máximo de 14 pés e mínimo de 8, podendo, sobrecarregado na exploração com a carga, sobrecarregar este 1.500 toneladas; o outro com um mínimo de 10 e máximo de 16, podendo este segundo carregar até 2.000 toneladas.

■ A fim de evitar a cobertura de longos períodos de tráfego em navegação, seriam esses navios localizados com terminais em zonas, como antigamente estavam. Cada grupo no seu setor próprio.

■ Aprofundar esses pontos naturais, emboimas das suas necessidades, tanto que ainda hoje ela os está vendendo aos países do Atlântico e da Liga Pan-Americana.

Os comandantes da frota do governo somente visavam o comércio exterior, adquirindo uma frota de navios de 24 pés de calado, para um regime de pontos que, como destruiu, pediam 14 pés.

O problema interno, que por não ter sido resolvido, está gerando uma violenta crise de caráter econômico, foi inteiramente descurado. A rede coletora entre os portos-chaves e os pequenos, ficou destruída por completo, e hoje (passado) a frota do governo não dispõe de um só barco que, completamente carregado, se faça ao mar em 14 pés de calado.

O comércio interno, ou melhor, o de interportos foi substituído pelo comércio, gastando gasolina, queimando "divisas", sobrando o frete por quilo e não mais por tonelada como cobrava o pequeno cargueiro de linha costeira. Ali está um dos fatores do encarecimento da vida e da elevação dos fretes.

As pequenas companhias, regionais, sabidamente organizadas à época, como a Grã-Pará, a Pastoral Paraense, a Maranhense, a Lorentz (de Camocim a Belém), a Pernambuco, a Balana, a Espírito-Santense, a Espesanga Marítima, a S. J. da Barra e Campos, a Paranaense e outras mais, desapareceram, quando o governo do dr. Afonso Pena, sustentando a política de transportes e de embarcamento deles por Buarque de Macedo, no Lóide Brasileiro, recusou terminantemente votar, na base da milha navegada, as subvenções às pequenas companhias, que inestimáveis serviços prestavam às economias regionais e as gerais do país, tornando o desenvolvimento litorâneo, incentivando as culturas, as pescas, e a extração de matérias-primas vegetais e minerais.

Todas elas, sem exceção, desamparadas pelo poder federal, não podendo reformar suas frotas nem adquirir unidades novas, desapareceram nas águas das costas.

Ora, o meio mais barato de regular a entrada de gêneros nos grandes centros, já que a conservação do mar nada custa, seria o de cobrir nossa extensa rede de portos com pelo menos mais 100.000 toneladas de navios costeiros nos setores do Norte: entre Ceará — Maranhão — Pará e Manaus; do

Nordeste, de Recife a Ceará; do Centro, do Rio de Janeiro a Bahia; e do Sul, do Rio de Janeiro a Porto Alegre, usando navios de dois tipos de calado, um máximo de 14 pés e mínimo de 8, podendo, sobrecarregado na exploração com a carga, sobrecarregar este 1.500 toneladas; o outro com um mínimo de 10 e máximo de 16, podendo este segundo carregar até 2.000 toneladas.

■ A fim de evitar a cobertura de longos períodos de tráfego em navegação, seriam esses navios localizados com terminais em zonas, como antigamente estavam. Cada grupo no seu setor próprio.

■ Aprofundar esses pontos naturais, emboimas das suas necessidades, tanto que ainda hoje ela os está vendendo aos países do Atlântico e da Liga Pan-Americana.

Os comandantes da frota do governo somente visavam o comércio exterior, adquirindo uma frota de navios de 24 pés de calado, para um regime de pontos que, como destruiu, pediam 14 pés.

O problema interno, que por não ter sido resolvido, está gerando uma violenta crise de caráter econômico, foi inteiramente descurado. A rede coletora entre os portos-chaves e os pequenos, ficou destruída por completo, e hoje (passado) a frota do governo não dispõe de um só barco que, completamente carregado, se faça ao mar em 14 pés de calado.

O comércio interno, ou melhor, o de interportos foi substituído pelo comércio, gastando gasolina, queimando "divisas", sobrando o frete por quilo e não mais por tonelada como cobrava o pequeno cargueiro de linha costeira. Ali está um dos fatores do encarecimento da vida e da elevação dos fretes.

As pequenas companhias, regionais, sabidamente organizadas à época, como a Grã-Pará, a Pastoral Paraense, a Maranhense, a Lorentz (de Camocim a Belém), a Pernambuco, a Balana, a Espírito-Santense, a Espesanga Marítima, a S. J. da Barra e Campos, a Paranaense e outras mais, desapareceram, quando o governo do dr. Afonso Pena, sustentando a política de transportes e de embarcamento deles por Buarque de Macedo, no Lóide Brasileiro, recusou terminantemente votar, na base da milha navegada, as subvenções às pequenas companhias, que inestimáveis serviços prestavam às economias regionais e as gerais do país, tornando o desenvolvimento litorâneo, incentivando as culturas, as pescas, e a extração de matérias-primas vegetais e minerais.

Todas elas, sem exceção, desamparadas pelo poder federal, não podendo reformar suas frotas nem adquirir unidades novas, desapareceram nas águas das costas.

Ora, o meio mais barato de regular a entrada de gêneros nos grandes centros, já que a conservação do mar nada custa, seria o de cobrir nossa extensa rede de portos com pelo menos mais 100.000 toneladas de navios costeiros nos setores do Norte: entre Ceará — Maranhão — Pará e Manaus; do

Nordeste, de Recife a Ceará; do Centro, do Rio de Janeiro a Bahia; e do Sul, do Rio de Janeiro a Porto Alegre, usando navios de dois tipos de calado, um máximo de 14 pés e mínimo de 8, podendo, sobrecarregado na exploração com a carga, sobrecarregar este 1.500 toneladas; o outro com um mínimo de 10 e máximo de 16, podendo este segundo carregar até 2.000 toneladas.

■ A fim de evitar a cobertura de longos períodos de tráfego em navegação, seriam esses navios localizados com terminais em zonas, como antigamente estavam. Cada grupo no seu setor próprio.

■ Aprofundar esses pontos naturais, emboimas das suas necessidades, tanto que ainda hoje ela os está vendendo aos países do Atlântico e da Liga Pan-Americana.

Os comandantes da frota do governo somente visavam o comércio exterior, adquirindo uma frota de navios de 24 pés de calado, para um regime de pontos que, como destruiu, pediam 14 pés.

O problema interno, que por não ter sido resolvido, está gerando uma violenta crise de caráter econômico, foi inteiramente descurado. A rede coletora entre os portos-chaves e os pequenos, ficou destruída por completo, e hoje (passado) a frota do governo não dispõe de um só barco que, completamente carregado, se faça ao mar em 14 pés de calado.

O comércio interno, ou melhor, o de interportos foi substituído pelo comércio, gastando gasolina, queimando "divisas", sobrando o frete por quilo e não mais por tonelada como cobrava o pequeno cargueiro de linha costeira. Ali está um dos fatores do encarecimento da vida e da elevação dos fretes.

As pequenas companhias, regionais, sabidamente organizadas à época, como a Grã-Pará, a Pastoral Paraense, a Maranhense, a Lorentz (de Camocim a Belém), a Pernambuco, a Balana, a Espírito-Santense, a Espesanga Marítima, a S. J. da Barra e Campos, a Paranaense e outras mais, desapareceram, quando o governo do dr. Afonso Pena, sustentando a política de transportes e de embarcamento deles por Buarque de Macedo, no Lóide Brasileiro, recusou terminantemente votar, na base da milha navegada, as subvenções às pequenas companhias, que inestimáveis serviços prestavam às economias regionais e as gerais do país, tornando o desenvolvimento litorâneo, incentivando as culturas, as pescas, e a extração de matérias-primas vegetais e minerais.

Todas elas, sem exceção, desamparadas pelo poder federal, não podendo reformar suas frotas nem adquirir unidades novas, desapareceram nas águas das costas.

Ora, o meio mais barato de regular a entrada de gêneros nos grandes centros, já que a conservação do mar nada custa, seria o de cobrir nossa extensa rede de portos com pelo menos mais 100.000 toneladas de navios costeiros nos setores do Norte: entre Ceará — Maranhão — Pará e Manaus; do

PULGAS? DETE FONE

O MAIS FORTE!

vam os portos da costa do Maranhão, para, com sua fertilidade e uberidade, suprir todas as necessidades do Nordeste sêco; mas, para isso, seria necessário diapor do transporte organizado, e a falta dessa organização resulta na crise que nos está atafirando, e preparando campo para os futuros motins.

O problema do congelamento portuário é de fácil solução, quanto à rapidez do desembarque de navios, pois é derivado de três fatores:

a) necessidade de pagar a "resistência", tanto quanto se paga ao "estivador", por tonelada de produção, porque, um ganhando menos que o outro, o rendimento será prejudicado, como vem acontecendo, pela "resistência", vindo como consequência, a tendência de se suprimir o pagamento diário pelo pagamento produção, com as reservas e vantagens existentes, para as diversas mercadorias, algumas das quais são nocivas à saúde do trabalhador que as manuseia.

b) a necessidade de ser aumentada, em todos os portos, a capacidade de transporte em vagões, para onde são descarregadas a maior parte das cargas transportadas, especialmente as de sal, cimento, cal, materiais de construção, combustíveis, madeiras, etc. São, no momento, insuficientes os vagões disponíveis em todos os portos e temos visto vapores que, podendo trabalhar cinco porões simultaneamente, permanentemente, não o fazem, e apenas trabalham dois porões por falta de vagões.

c) aparelhamento insuficiente e impróprio de guindastes, para retirar as cargas diretamente de dentro dos porões, obrigando os navios a trazer-las com seus aparelhos para o convés, para dali os retirarem os guindastes do cais.

Nos portos dos Estados Unidos, para não falar em outros, se pode descarregar, de cada porão e em cada dia de oito horas de trabalho, 360 toneladas, na base de 1.000 quilos por lingada, e 45 lingadas por hora, tiradas de dentro dos porões e arriadas, através das tampas ou tetos levantados dos "piers". Assim, um barco de 5 escotilhas tirará normalmente por dia 1.800 toneladas, sem serviços extraordinários. Não dizemos quanto tiramos aqui por vergonha e de-cência.

O que há de difícil para se solucionar? Nada. Tudo é fácil, querendo o governo corrigir.

O operariado brasileiro

As estimativas mais recentes calculam em 1,2 milhões o número de operários que des- contam para o I. A. P. L., dos quais cerca de 840 mil homens e 360 mil mulheres. Cor- respondem, como se vê, a menos de 2,5% da população total do país, e a cerca de 10% da população ativa, exclusão feita dos es- tudentes e dos habitantes ocupados em ati- vidades domésticas.

A percentagem de operárias cifra-se em torno de 30% do total. Algumas indústrias têm maior percentagem de mulheres. Estão nesse caso as indústrias do fumo e a têxtil.

A maior concentração proletária se encon- tra na indústria têxtil (30%), seguida pela da alimentação (13%), a metalúrgica e a de construção (11%). Vem depois a indústria de papel, química e de artefatos de borracha, com 9% do total.

FABRICAÇÃO DA FARINHA DE MILHO

Amaury H. da Silveira — Enge- nheiro-agrônomo.

A farinha de milho resulta da moagem da canjica amolecida em água, triturada e tor- rada, dando placas tomam o nome de farin- nha de beiju. Estas pequenas placas quan- do estafeladas constituem a farinha de mi- lho simples.

A farinha de beiju não deve ser confun- dida com o beiju comum, feito por processo idêntico, porém de farinha de mandioca. Por outro lado a farinha de milho ainda não deve ser confundida com o fubá, que é tam- bém uma farinha grossa de milho, entretan- to, obtido simplesmente pela moagem do grão de milho sem qualquer tratamento pre- liminar.

Há dois processos de fabricação de farinha de milho: — o racional e o rotineiro.

O processo chamado racional realiza-se nas feccularias modernas onde a fabricação resu- me-se em: — degerminação do milho, ime- diatamente a quente da canjica, turbinagem do grão úmido, trituração em moedores me- tállicos, peneiragem, torração e acondiciona- mento.

O método antigo, ainda hoje adotado por algumas fábricas e suscetíveis de ser aplica- do na fazenda, consiste em:

1 — Degerminar o milho no monjolo, ou melhor, numa canjiqueira;

2 — Colocar o milho degerminado e sem pelúcula em cubas ou cochos, de molho du- rante 3-5 dias, até ficar perfeitamente mole, mudando a água diariamente; esta operação acarreta fermentação butírica e forte odor desagradável;

3 — Triturar no pilão ou monjolo, sendo ainda melhor o emprego de moedor para farin- nha;

4 — Umedecer, se necessário;

5 — Peneirar em camada fina sobre a su- perfície aquecida de forno;

6 — Torrar durante 4 a 6 minutos em fôr- no de ferro batido, de bordos elevados e assentados sobre parede de tijolos com al- tura suficiente para a fornalha;

7 — Varrer com uma escova e amontoar ao lado do forno os beijus, formados pela camada fina que após o curto cozimento se desprende da chapa, para evaporar a pouca umidade que ainda contém; é a operação chamada abiscoitará (1);

8 — Acondicionar a farinha de beiju, que se apresenta em placas pequenas, em pa- pel celofane, caixa de papelão, etc...

A falta de cuidado na preparação deixa cheiro azedo, a farinha rança rapidamente e torna-se desagradável ao paladar.

O rendimento é de aproximadamente 50% em pilão sobre o milho inteiro.

A farinha de milho pode ser usada com leite, com melado, para substituir a farinha de mesa (em Minas Gerais), para sopas, fa- rofas, no preparo de doces, biscoitos, etc...

(3) — Quando se deseja obter farinha de milho simples, sem beijus estafelam-se aos mesmos num saco de algodão que é obti- do de encontro a parede — ou surrado com um pedaço de pau.

CÉRAS E ÓLEOS VEGETAIS

Joaquim Bertino de Morais Carvalho

Não há realizações governamentais, capazes de consolidar o futuro econômico da Nação, que não sejam resultantes da colaboração das partes interessadas, governo e instituições privadas. A predominância de um destes fatores traz sempre o desequilíbrio, a desconfiança e o emprego de processos pouco recomendáveis que conduzem os mais fracos à aquisição de favores, que os possam beneficiar mesmo temporariamente.

Mais grave é a situação quando não existem cooperação entre os próprios órgãos do Governo, criando situações desconcertantes em que opiniões se cruzam, acompanhadas apenas do falso valor do cargo e da validade pessoal sempre prejudiciais ao bem estar nacional. Daí resulta falta de programa, de coordenação de esforços para resolução de problemas que, por mais simples que sejam, exigem colaboração leal e bom senso econômico. As ceras vegetais constituem um destes problemas. Os Estados produtores de ceras, através dos seus elementos de produção e distribuição; agricultores, industriais e exportadores, não acreditam no progresso da ciência e da tecnologia, e das suas aplicações no preparo de sucedâneos da cera de carnaúba, uma vez que os preços subam e os estoques continuam inexistentes. Evidentemente, se a produção não aumenta em relação à procura por exemplo, da cera de carnaúba, os preços crescerão enquanto a indústria, que a emprega, não a puder substituir.

A fabricação de qualquer produto, em países industrialmente organizados, é consequência do emprego de operações e processos utilizados, na base de fórmulas, que não podem ser facilmente alterados, principalmente pelos fabricantes mais pobres, não possuidores de laboratórios de pesquisas. Naturalmente, esses fabricantes preferem usar o produto em suas fórmulas que sempre usaram e acreditam que não satisfarão aos seus fregueses, se diminuírem a proporção do produto natural em benefício de um sucedâneo.

Os fabricantes de sucedâneos em seus laboratórios de pesquisas, procuram torná-los mais baratos do que o produto natural e oferecer outras vantagens em relação ao seu emprego, e inclusive "fórmulas de fabricação", que atendam aos interesses dos consumidores. Nesta luta sucumbirá aquele que der menor importância aos trabalhos da técnica de organização, empregada em prol do problema em jogo.

Esses são os motivos que nos levam a acreditar, na possibilidade próxima da cera de carnaúba ceder o seu lugar aos sucedâneos, em grande número de composições indus-

triais, ocasionando um problema grave para os Estados produtores principalmente, para aqueles cujas finanças dela dependam. São os dados estatísticos que nos provarão não ter havido aumento de produção, na base das necessidades industriais e foi esta falta que também criou o sucedâneo e que destruiu a cera de carnaúba, principalmente se mantido o seu alto custo de venda.

Em 1913, o Brasil exportou 3.867.108 kg. de cera de carnaúba; vinte e cinco anos depois, 9.158 mil kg.; em 1941 11.766 mil quilos; e em 1949, 9.292 mil quilos. A produção de acordo com os dados estatísticos fornecidos pelo Serviço de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura neste último quinquênio foi a seguinte: 1945, 12.583 mil kg.; 1946, 11.633 mil kg.; 1947, 9.083 mil kg.; 1948, 11.370 mil kg.; e em 1949, 9.735 mil kg.

Se compararmos esses dados de produção e exportação, chegaremos à conclusão de que o consumo interno é pequeno e de que houve maior estocagem do produto, para obtenção de melhores preços, cuja média foi, por quilo, em 1945, Cr\$ 28,67; 1946, 49,11; 1947, 45,57; e em 1948, 30,75, tendo em 1949 e 1950 sofrido várias alterações para mais, principalmente devido às possibilidades da guerra.

Os produtores não pensam no futuro e procuram ignorar que os fabricantes de sucedâneos da cera de carnaúba aumentam a sua produção e novos sucedâneos estão sendo colocados no mercado, inclusive os naturais: cera de cana de açúcar, candelilla, etc. Diminuir o custo da produção, para baixar o preço de venda é uma necessidade urgente, mais isto não se resolve com palavras. O órgão da Nação, para estudar as ceras vegetais, do ponto de vista industrial, é o Instituto de Óleos e o seu programa de pesquisas encerra os aspectos de maior importância. Dentre eles destacamos os métodos analíticos de controle e de beneficiamento das ceras de carnaúba e de licuri, prontos para publicação.

O ATRASO DA INDÚSTRIA DE ÓLEOS

O Brasil é possuidor da maior variedade de oleaginosos mas perde, no momento, em quantidade e valor para outros países, de menor riqueza econômica, no Continente Americano. Aqui se encontram os elementos ecológicos para as culturas de oleaginosos, necessários ao continente americano. Resta apenas, acreditar no valor desses produtos, do ponto de vista político e econômico.

As outras nações do Continente não dormem. Ultimamente, a F.A.O. organização

BARATAS? DETEFON

O MAIS FORTE!

das Nações Unidas, enviou uma comissão à Venezuela e à Guatemala por solicitação dos governos desses países irmãos para estudar as oportunidades oferecidas à exploração dos oleaginosos. Os relatórios apresentados têm observações valiosas e estão sendo colocadas em prática, naqueles países.

Diga-se de passagem. O Brasil foi o primeiro país do continente Americano que recebeu uma Comissão de Especialistas de Óleos Vegetais constituída de elementos das instituições do governo americano e privadas de grande prestígio no meio industrial de óleos. Essa comissão veio ao Brasil em 1942 e o relatório que apresentou ao governo americano, publicado em inglês e traduzido para o português, encerra sugestões muito valiosas e que ainda poderão ser, um dia, totalmente colocadas em prática. Fez mais, dirigiu-se ao presidente da comissão de Finanças do Senado americano, para apoiar a resolução apresentada ao Congresso eliminando a taxa de dois centavos por libra de óleo de côco, que não fosse originário das Filipinas.

Na situação atual, os nossos óleos vegetais de maior valor econômico, do ponto de vista alimentar, são: amendoim, babagu e algodão. Óleos industriais, linhaga, mamona e otílica. Outros óleos e gorduras existem que poderão ter as suas produções aumentadas, dependendo do plano que foi traçado.

Des óleos industriais a mamona oferece boas oportunidades ao Brasil e, em 1949, já exportamos Cr\$ 109.322,20 de óleo de mamona. A Índia foi a maior exportadora de "Balgas" de mamona para os Estados Unidos e, o Brasil tomou o seu lugar, desde 1935.

Os Estados Unidos continuaram a importar mamona e óleo de mamona. Em 1941, um programa para produção de mamona foi iniciado, interrompendo-se em 1944. Entretanto, o trabalho experimental, prosseguiu e este ano, o governo anuncia o encorajamento da produção de mamona e um programa, que consiste, inicialmente, na plantação de 20 mil acres nas zonas irrigadas. Arizona, Califórnia e Oklahoma, e 52 mil acres na zona seca de Oklahoma e Texas. Os agricultores terão máquinas agrícolas e assistência técnica. A estimativa da produção é de 78 milhões de libras-peso de bagas de mamona, produzindo cerca de 38 milhões de libras-peso de óleo.

O óleo de mamona é um óleo considerado estratégico e, é possível que, o programa de trabalho sobre a cultura da mamona no nosso país não tenha oferecido garantias futuras se este programa realmente existe. O Brasil poderá perder mais uma oportunidade. Possivelmente, em outros artigos ou conferências ocupar-nos-emos destes assuntos, inclusive do que não tem sido realizado pela experimentação agrícola em benefício dos oleaginosos, dada a falta do espírito de colaboração e outros motivos que precisam ser analisados. Não nos devemos esquecer do "Plano de Modernização e Equipamento do Governo Francês" que dá grande valor aos oleaginosos, assim como, do Plano Inglês, na África.

Do Pará ao Rio Grande do Sul existem fábricas de óleos vegetais. Os maiores centros de produção são: Ceará, Pernambuco, Bahia, no Norte. No Sul, Distrito Federal, São Paulo e Rio Grande do Sul. O Brasil figura com 394 estabelecimentos produtores

de óleos e gorduras vegetais, encontrando-se neste total os de óleos essenciais.

No Amazonas e no Território do Guapo não existe uma única fábrica de óleos de gordura vegetal para fins alimentícios ou industriais. No Amazonas temos 25 produtores de essência de pau rosa e pequenos produtores de óleos de copaíba. Na Pará, 28 estabelecimentos industriais extraem óleos vegetais e estão assim distribuídos: Andaraíba 22, Mamona 4, Ucuaba 24, Babagu, 5, Algodão 3, Castanha do Pará 8, Murumuru 22, Cacau 3 e essência de pau rosa 4.

VERNO

MEL

O Rio Grande do Sul é o maior produtor de mel de abelha, com cerca de 2.500 toneladas, em 1950, o que equivale a 45% da produção do país. Logo depois vem o Estado de Santa Catarina, com pouco menos de 2.000 toneladas, o Paraná com 840, São Paulo com 300 e Minas Gerais com 270. Estes dados se referem, bem entendido, à produção industrializada.

SISTEM

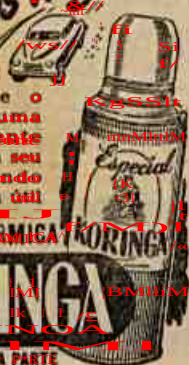
CARNE

O brasileiro consome, em média, nove vezes mais carne de boi que de porco, e seis vezes mais carne de porco que de carneiro. O valor de cada boi abatido, em 1950, alcançou por Cr\$ 1.050,00, e o de cada porco 235 cruzeiros.

Cerca de 1/10 da carne dos bois abatidos é charqueada, o que representa uma baixa na produção de carne seca, porquanto, em 1949, por exemplo, a mesma relação foi de um quilo de carne seca, por cada, 8,5 quilos produzidos.

O consumo de salsichas tem aumentado. A população brasileira come, hoje, vez e meia mais salsichas que em 1945.

Nas suas viagens...



GARRAFA TÉRMICA KORINGA

KORINGA

A VENDA EM TODA PARTE

AS PANEIAS DE AÇO INOXIDÁVEL

OFERECEM
MAIS
VANTAGENS



As panelas de aço inoxidável Fracalanza trazem a garantia de uma marca repudiada pela qualidade de seus produtos.



O melhor presente
UTIL E AGRAVÁVEL
Bateria de cozinha
DE AÇO INOXIDÁVEL

PELOS MOTIVOS SEGUINTE:

- 1ª - Durabilidade indefinida.
- 2ª - Limpeza fácil e conservação como novas, por tempo infinito.
- 3ª - Economizam gás.
- 4ª - Imunes aos ácidos e a qualquer outra composição química.
- 5ª - Nesses recipientes, qualquer alimento ou líquido, conserva melhor a cor e o sabor.

fracalanza

PRODUTOS DA METALÚRGICA FRACALANZA S/A — SÃO PAULO

COMPANHIA SEGURADORA BRASILEIRA

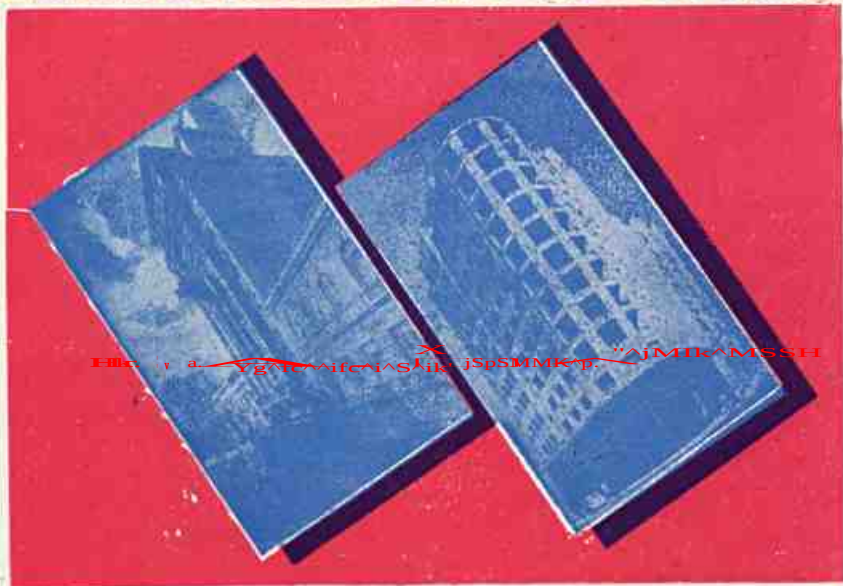
Fundada em 1921

Sede: RUA DIREITA N.º 49 — SÃO PAULO — Edifício próprio

CAPITAL SOCIAL Cr\$ 25.000.000,00

ATIVO EM 1950 MAIS DE Cr\$ 212.000.000,00

Sinistros pagos desde a sua fundação em 1921, até 1950, mais de Cr\$ 230.000.000,00



SEGUROS DE VIDA, FOGO, TRANSPORTES, ACIDENTES PESSOAIS,
RESPONSABILIDADE CIVIL, FIDELIDADE, DOENÇAS, CASCOS
E AERONAUTICOS

FILIAIS E AGÊNCIAS EM TODO O BRASIL

DIRETORIA

DR. EDGARDIO DE AZEVEDO SOARES, Presidente.
DR. ALFREDO EGYDIO DE SOUZA ARANHA, Vice-Presidente.
PROF. DR. ANTONIO DE ALMEIDA PRADO, Diretor-Secretário.
DR. JOSE ERMIRIO DE MORAES, Diretor-Comercial.
DR. JOSE DA SILVA GORDO, Diretor Tesoureiro.

Sede SÃO PAULO — Edifício próprio

R. DIREITA, 49 — Caixa Postal 1.798 — Tel.: 32-6791 (Rede)

Filial no RIO DE JANEIRO

AVENIDA GRAÇA ARANHA, 204 - 8.º andar - de sua propriedade.
Telefones: Diretoria, 42-7469 — Gerência, 42-7297 — Expediente, 42-7193.
CAIXA POSTAL 501

CRONOLOGIA DOS PAPAS

33-67	S. Pedro	578-588	590-Pelágio II	946-956	956-Agapito II
67-79	S. João	590-604	604-S. Gregório I	956-964	964-João XII
79-90	S. Cláudio ou Anacláudio	604-609	609-Magno	964-972	963-Benedito VI
90-99	S. Clemente	609-615	615-S. Bonifácio III	972-975	972-João XIII
100-109	Santo Evaristo	615-619	619-Adeodato IV	975-984	973-Benedito VI
109-117	Santo Alexandre	619-625	625-Bonifácio V	984-986	978-Dama II
117-127	S. Silvestre	625-630	630-Honório I	986-996	984-Benedito VII
127-138	S. Tolomeu	630-640	640-S. Gregório V	996-999	983-Bonifácio VII
138-142	Santo Nigmo	640-644	644-João IV	1000-1003	986-João XV
142-150	S. Pio I	644-649	649-Teodoro I	1003-1009	986-João XVI
150-161	Santo Anulfo	649-655	655-S. Martinho	1009-1012	989-Gregório V
161-171	S. Soterio	655-657	657-S. Vitaliano	1012-1014	1000-Silvestre II
171-185	Santo Eleutério	657-672	672-S. Adeodato II	1014-1018	1003-João XVIII
185-197	S. Vitor I	672-676	676-Domus I	1018-1024	1009-João XIX
197-217	S. Zefereio	676-678	678-S. Vitaliano	1024-1030	1012-Sergio IV
217-223	S. Calisto I	678-682	682-Santo Eugênio	1030-1044	1014-Benedito VIII
223-230	Santo Urbano	682-683	683-S. Leão II	1044-1046	1018-João XX
230-235	S. Pontifício	683-684	684-S. Benedito II	1046-1047	1024-Benedito IX
235-236	Santo Antero	684-685	685-João V	1047-1055	1024-Gregório VI
236-250	S. Fabiano ou Fabiano	685-686	686-Corino	1055-1057	1024-Clemente II
251-253	S. Coraúlio	686-687	687-S. Sergio	1057-1058	1047-Damaso II
253-254	S. Lucio I	687-701	701-S. João VI	1058-1059	1047-S. Leão IX
254-257	Santo Estevão	701-705	705-João VII	1059-1061	1055-Vitor II
257-258	S. Sisto II	705-707	707-Silvestro II	1061-1063	1055-Estevo X
259-274	S. Felix I	707-708	708-Constantino	1063-1065	1063-João XI
274-283	Santo Eutiquio	708-715	715-S. Gregório II	1065-1068	1065-S. Gregório VII
283-296	S. Calisto	715-731	731-S. Gregório III	1068-1087	1068-João XII
296-304	S. Marcelino	731-732	732-S. Zaccaria	1087-1088	1087-Vitor III
307-309	S. Marcellino	732-752	752-S. Estevão II	1088-1099	1088-Urbano II
309-310	Santo Eusebio	752-757	757-S. Paulo I	1099-1119	1099-Pascual II
310-314	S. Neiquides	757-767	767-S. Adriano IV	1119-1124	1119-Gregório II
(Os nomes em grão são de Papas que não morreram de suposição, todos os primeiros em pontífice, em números de 27, foram mantidos)					
314-337	S. Silvestre I	824-827	827-S. Adriano IV	1124-1130	1130-Honorio II
337-340	S. Nazario	827-832	832-S. Gregório IV	1130-1138	1138-Inocencio II
341-352	S. João I	832-844	844-Sergio II	1138-1143	1143-Gregório II
352-363	S. Felis III	844-847	847-S. Leão IV	1143-1145	1145-João III
363-365	S. Felix II	847-855	855-Benedito III	1145-1155	1155-Eugenio III
366-384	S. Damaso I	855-857	857-Nicolau I	1155-1158	1158-Urbano II
384-398	S. Siracico	857-866	866-Grande	1158-1164	1164-Clemente III
399-402	Santo Anastasio	866-872	872-Adriano II	1164-1168	1168-Celestino III
402-417	Santo Inocencio I	872-882	882-João VIII	1168-1172	1172-Inocencio III
417-418	S. Zozimo	882-884	884-Martinho III	1172-1211	1172-Gregório IX
418-423	S. Bonifácio I	884-885	885-Adriano III	1211-1216	1216-Celestino IV
423-432	S. Celestino I	885-891	891-Estevo VI	1216-1224	1224-João IX
432-440	S. Sisto II	891-896	896-Formoso	1224-1227	1227-João X
440-461	S. Leão I	896-900	900-Bonifácio VI	1227-1234	1234-Inocencio IV
461-468	Santo Hilário	896-897	897-Estevo VII	1234-1241	1241-Alexandre IV
468-483	S. Simplicio	897-898	898-Romano	1241-1261	1261-Urbano IV
483-492	S. Felix III	898-900	900-Teodoro II	1261-1265	1265-Clemente IV
492-496	S. Gelasio I	900-903	903-João IX	1265-1268	1268-João X
496-498	S. Anastasio II	903-904	904-Benedito IV	1268-1271	1271-João XI
498-514	S. Sincero	904-909	909-João V	1271-1274	1274-Gregório X
514-523	Santo Hierônimo	909-911	911-Sergio III	1274-1276	1276-Inocencio V
523-52	S. João I	911-914	914-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
526-530	S. Felis IV	914-915	915-Adriano III	1276-1284	1284-Adriano V
530-532	Bonifácio III	915-916	916-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
523-535	João XI	915-916	916-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
535-536	S. Agapito II	916-917	917-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
536-538	S. Silvestre II	917-918	918-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
538-539	S. Agapito II	918-919	919-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
539-540	S. Agapito II	919-920	920-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
540-541	S. Agapito II	920-921	921-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
541-542	S. Agapito II	921-922	922-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
542-543	S. Agapito II	922-923	923-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
543-544	S. Agapito II	923-924	924-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
544-545	S. Agapito II	924-925	925-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
545-546	S. Agapito II	925-926	926-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
546-547	S. Agapito II	926-927	927-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
547-548	S. Agapito II	927-928	928-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
548-549	S. Agapito II	928-929	929-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
549-550	S. Agapito II	929-930	930-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
550-551	S. Agapito II	930-931	931-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
551-552	S. Agapito II	931-932	932-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
552-553	S. Agapito II	932-933	933-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
553-554	S. Agapito II	933-934	934-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
554-555	S. Agapito II	934-935	935-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
555-556	S. Agapito II	935-936	936-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
556-557	S. Agapito II	936-937	937-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
557-558	S. Agapito II	937-938	938-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
558-559	S. Agapito II	938-939	939-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
559-560	S. Agapito II	939-940	940-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
560-561	S. Agapito II	940-941	941-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
561-562	S. Agapito II	941-942	942-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
562-563	S. Agapito II	942-943	943-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
563-564	S. Agapito II	943-944	944-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
564-565	S. Agapito II	944-945	945-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
565-566	S. Agapito II	945-946	946-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
566-567	S. Agapito II	946-947	947-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
567-568	S. Agapito II	947-948	948-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
568-569	S. Agapito II	948-949	949-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
569-570	S. Agapito II	949-950	950-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
570-571	S. Agapito II	950-951	951-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
571-572	S. Agapito II	951-952	952-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
572-573	S. Agapito II	952-953	953-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
573-574	S. Agapito II	953-954	954-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
574-575	S. Agapito II	954-955	955-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
575-576	S. Agapito II	955-956	956-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
576-577	S. Agapito II	956-957	957-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
577-578	S. Agapito II	957-958	958-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
578-579	S. Agapito II	958-959	959-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
579-580	S. Agapito II	959-960	960-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
580-581	S. Agapito II	960-961	961-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
581-582	S. Agapito II	961-962	962-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
582-583	S. Agapito II	962-963	963-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
583-584	S. Agapito II	963-964	964-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
584-585	S. Agapito II	964-965	965-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
585-586	S. Agapito II	965-966	966-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
586-587	S. Agapito II	966-967	967-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
587-588	S. Agapito II	967-968	968-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
588-589	S. Agapito II	968-969	969-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
589-590	S. Agapito II	969-970	970-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
590-591	S. Agapito II	970-971	971-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
591-592	S. Agapito II	971-972	972-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
592-593	S. Agapito II	972-973	973-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
593-594	S. Agapito II	973-974	974-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
594-595	S. Agapito II	974-975	975-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
595-596	S. Agapito II	975-976	976-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
596-597	S. Agapito II	976-977	977-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
597-598	S. Agapito II	977-978	978-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
598-599	S. Agapito II	978-979	979-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
599-600	S. Agapito II	979-980	980-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
600-601	S. Agapito II	980-981	981-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
601-602	S. Agapito II	981-982	982-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
602-603	S. Agapito II	982-983	983-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
603-604	S. Agapito II	983-984	984-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
604-605	S. Agapito II	984-985	985-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
605-606	S. Agapito II	985-986	986-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
606-607	S. Agapito II	986-987	987-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
607-608	S. Agapito II	987-988	988-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
608-609	S. Agapito II	988-989	989-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
609-610	S. Agapito II	989-990	990-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
610-611	S. Agapito II	990-991	991-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
611-612	S. Agapito II	991-992	992-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
612-613	S. Agapito II	992-993	993-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
613-614	S. Agapito II	993-994	994-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
614-615	S. Agapito II	994-995	995-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
615-616	S. Agapito II	995-996	996-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
616-617	S. Agapito II	996-997	997-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
617-618	S. Agapito II	997-998	998-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
618-619	S. Agapito II	998-999	999-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V
619-620	S. Agapito II	999-1000	1000-Inocencio III	1276-1284	1284-Adriano V

1305-1314	Clemente V	1389-1400	Bonifácio IX	1492-1493	Alexandre VI
1316-1334	João XIII	1404-1406	Inocêncio VIII	1503-1503	Pio III
1334-1342	Benedito XIII	1406-1409	Gregório XIII	1503-1513	Júlio II
1342-1352	Clemente VI	1409-1410	Alexandre V	1513-1521	Leão X
1352-1362	Inocêncio VII	1410-1415	João XXIII	1522-1523	Adriano VI
1362-1370	Urbano V	1415-1418	Benedito XIII (*)	1523-1534	Clemente VII
1370-1378	Gregório XI	(Filho do grande cisma)	1534-1539	Paulo III	
			1539-1550	Marcelo II	
			1550-1555	Paulo IV	
			1555-1566	Pio IV	
			1566-1572	S. Pio V	
			1572-1585	Gregório XIII	
			1585-1586	Sisto V	
			1586-1590	Urbano VII	
			1590-1599	Gregório XIV	

GRANDE CISMA DO OCIDENTE

Papas romanos — Papas de Avinhão. (*)

1378-1389	Urbano VI	1471-1484	Sisto IV	1590-1599	Gregório XIV
1378-1394	Clemente VII (*)	1484-1492	Inocêncio VIII	1599-1606	Gregório XIV

1504	Inocêncio IX (Faccinetti)	1730-1740	Clemente XIII (Corsini)
1502-1605	Clemente VIII (Aldobrandini)	1740-1758	Benedito XIV (Lamberini)
1605	Leão XI (Medici)	1758-1763	Clemente XIII (Rezzonico)
1605-1621	Paulo V (Borghese)	1763-1774	Clemente XIV (Ganganelli)
1621-1623	Gregório XV (Ludovisi)	1774-1785	Pio VI (Braschi)
1623-1644	Urbano VIII (Mazzarini)	1800-1823	Pio VII (Chiaramonti)
1644-1655	Inocêncio X (Pamphili)	1823-1825	Leão XII (della Genga)
1655-1687	Alexandre VII (Chigi)	1825-1830	Pio VIII (Castiglioni)
1687-1689	Clemente IX (Rospigliosi)	1830-1846	Gregório XVI (Cappellari)
1670-1676	Clemente X (Aldobrandini)	1846-1858	Pio IX (Mastai-Ferretti)
1676-1689	Inocêncio XI (Odescalchi)	1858-1903	Leão XIII (Pacelli)
1689-1691	Alexandre VIII (Ottonoboni)	1878-1903	Leão XIII (Pacelli)
1691-1700	Inocêncio XII (Fignatelli)	1903-1914	Pio X (Sarto)
1700-1721	Clemente XI (Aldobrandini)	1914-1922	Benedito XV (della Chiesa)
1721-1724	Inocêncio XIII (Contarini)	1922-1939	Pio XI (Ratti)
1724-1730	Benedito XIII (Gastiglioni)	1939-1958	Pio XII (Pacelli)

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.

Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A.

FUNDADO EM 1889

FUNDADO EM 1889

CAPITAL E RESERVAS: CR d. . .

MATRIZ: Juiz de Fora, Estado de Minas Gerais

SUBSIDIÁRIAS:

Belo Horizonte: Avenida Amazonas, 213

Rio de Janeiro: Avenida Rio Branco, 116

DEPARTAMENTOS NESTA CAPITAL:

Rua Visconde de Inhaúma, 74

Praça da Bandeira, 141

Rua Uranos, 987

Estrada do Portela, 45-A

Agências e correspondências nas principais praças do País

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS, INCLUSIVE CAMBIO

CONTA CORRENTE POPULAR até Cr\$ 100.000,00 — 5% a.a.

NOMENCLATURA E FESTAS DOS SANTOS

A

JANEIRO

SETEMBRO

OUTUBRO

OUTUBRO

NOVEMBRO

FEVEREIRO

NOVEMBRO

C

JANEIRO

MARÇO

DEZEMBRO

FEVEREIRO

B

MARÇO

ABRIL

MARÇO

FEVEREIRO

MARÇO

MAIO

ABRIL

JUNHO

MAIO

JULHO

JUNHO

AGOSTO

JULHO

AGOSTO

JULHO

JULHO

JULHO

JULHO

AGOSTO

AGOSTO

AGOSTO

AGOSTO

AGOSTO

3 Antero
5 Apolinária
12 Amélia
15 Amaro
22 Anastácio
25 Ananias

1 Augusto
8 Adriano
12 Auta

6 Bruno
8 Brígida

15 Aurélio
27 Armando
28 Alfredo
30 Afonso

13 Brício
18 Branca

4 Bárbara

4 André
8 Corsino
9 Agata
9 Apolinário
11 Adolfo
22 Adílio

4 Agripino
10 André
12 Agnelino
30 André

19 Canuto
23 Clemente
bispo

1 Albino
3 Astério
10 Antonino
16 Abraão
18 Alexandre
30 Amadeu
31 Anésio

14 Agnelo
16 Adelaide

2 Cornélio
11 Catarina
de Ricci
11 Salézaro
23 Celso
25 Cesário
Claudiano

8 Amâncio
9 Acácio
15 Anastácia
17 Antônia
18 Apolônio
21 Anselmo
23 Adalberto
27 Anastácia

1 Basílio
2 Bibiana
4 Benedita

3 Conegundes
4 Casemiro
6 Goldete
Catarina
de Bolonha
10 Cato
11 Constante
18 Cirilo
de Jerusalém
24 Catarina
da Suécia
26 Catulo
31 Cornélia

2 Anasírio
12 Aquiles
31 Angela

22 Bento
26 Basílio
31 Benjamin

ABRIL

13 Antônio
18 Agrelino
22 Albano
23 Agripino

15 Benedita
16 Benedita
26 Benedita

6 Celestino
19 Cáio
21 Conrado
25 Cléto
30 Catarina
de Siena

3 Anatônio
5 Antônio
13 Maria Zacaria
17 Aleixo
18 Arnaldo
19 Arsênio
30 Abdon

20 Bernardino
23 Basileu
27 Beda

3 Clotilde
6 Claudio
12 Cirino
18 Ciriaco
27 Crescêncio

4 Aristarco
5 Abel
18 Agapito
26 AGOSTINHO
30 Aristides

4 Berta
11 BOAVENTURA
20 BERNARDO
24 Bartolomeu

8 Celina
18 Camilo
24 Cristina
de Bolsano
28 Celso
77 Caetano
Clara

D**JANEIRO**

3 Daniel
18 Deicola

FEVEREIRO

6 Dorotêa

ABRIL

26 Didimo

MAIO

8 Dionísio
Desidério

JUNHO

26 David

JULHO

5 Domicio

AGOSTO

4 Domingos
18 Deusdedit

SETEMBRO

27 Damião
Delfina

OUTUBRO

29 Donato

NOVEMBRO

21 Demétrio

DEZEMBRO

1 Deodoro
11 Damaso
19 Dario

E**JANEIRO**

5 Emiliana
8 Erardo
23 Emerenciana
25 Eusébio

FEVEREIRO

19 Escolástica
12 Eulália
15 Faustino
24 Edilberto

MARÇO

1 Eudóxia
11 Eulógio
13 Eufrásia
18 Eduardo
22 Emilio

ABRIL

10 Ezequiel
19 Ema

MAIO

2 Exupério
7 Estanislau

JUNHO

21 Eusébio
30 Emiliana

JULHO

13 Eugénio
16 Esteia
21 Elias

AGOSTO

8 Emiliano

SETEMBRO

1 Egidio
16 Edith
20 Eustáquio
21 Engênia

OUTUBRO

3 Evaldo
13 Eduardo
17 Edwiges
26 Evaristo
27 Elesbão

NOVEMBRO

7 Ernesto
16 Edmundo

DEZEMBRO

1 Elói
10 Eulália
12 Epimáco
14 Esperidião
25 Eugénia
26 ESTEVAO
protomártir

F**JANEIRO**

3 Florêncio
8 Fulgêncio
14 Felícia
21 Frutuoso
29 Francisco
de Sales

FEVEREIRO

13 Faustino
17 Flaviano
21 Félix

MARÇO

5 Felicidade
6 Fridolino
9 Francisca
Romana
13 Firmino

ABRIL

2 Francisco
de Paula
24 Fidélis

MAIO

4 Floriano
26 Felipe
Neri
30 Fernando

JUNHO

4 Francisco
Caracciolo
9 Feliciano
11 Fortunata
12 Flávia
13 Francisco
Régis

JULHO

16 Fausto
18 Frederico
23 Francisco
Solano
31 Fabião

AGOSTO

23 Filipe
Benício

SETEMBRO

3 Febe

OUTUBRO

4 Francisco
de Assis
6 Fé

NOVEMBRO

14 Flora
20 Félix
de Valois

DEZEMBRO

3 Francisco
Xavier

G**JANEIRO**

3 Genoveva
10 Gonçalo
13 Godofredo
19 Gerôncio

FEVEREIRO

4 Gilberto
6 Gastão
11 Guilherme
12 Gaudêncio
19 Gabino

MARÇO

12 GREGÓRIO
Magno
18 Gabriel
31 Gil

MAIO

9 GREGÓRIO
Nazianzeno
12 Germano
23 Gotardo

JUNHO

1 Graciliano
10 Getúlio
19 Gervásio
25 Guilherme

JULHO

1 Galo
6 Goar
12 Galberto

AGOSTO

26 Genésio

SETEMBRO

3 Gorgônio
16 Geminiano
24 Geraldo

OUTUBRO

16 Galo

NOVEMBRO

8 Godofredo
14 Gertrudes
17 Gregório
taumaturgo

H

JANEIRO

11 Hortência
Higino
14 Hilário
16 Honorato

FEVEREIRO

28 Honorina

MARÇO

1 Hermes
2 Heráclio
16 Heriberto

ABRIL

1 Hugo
3 Hermano
13 Hermenegildo
19 Hermógenes

JUNHO

5 Heloisa

JULHO

15 Henrique

AGOSTO

3 Hermeto
12 Hilaria
13 Hipólito
18 Helena

SETEMBRO

5 Herculano
17 Hildegarda

OUTUBRO

21 Hilarião

DEZEMBRO

30 Honório

I

JANEIRO

2 Isidoro
de Antíloquia
21 Irêne
23 Ildefonso

FEVEREIRO

1 Inácio
de Antíloquia

MARÇO

23 Irineu

ABRIL

3 Irêne
4 Isidoro
de Sevilha

MAIO

11 Izidro
15 Indalcio

JUNHO

3 Isaac

JULHO

8 Isabel
31 INACIO
de Lolola

OUTUBRO

20 Iria

J

JANEIRO

9 Juliano
23 João
esmoler
28 Jacó

FEVEREIRO

15 Jovita

MARÇO

8 João
de Deus
29 Jonas
30 João
Climaco

ABRIL

9 Justino
18 Julio

MAIO

1 Jaques
6 Judith
14 Justina
16 João
Nepomuceno
19 José

JUNHO

7 Jeremias
24 JOAO
Batista

JULHO

15 Justo
30 Julieta

AGOSTO

16 Joaquim
17 Jacinto
27 José
Calassânco

SETEMBRO

5 Justiniano
12 Josafat
19 Januário
30 Jerônimo

DEZEMBRO

27 JOAO
evangelista

L

JANEIRO

13 Leôncio
17 Leonardo

FEVEREIRO

3 Lourenço
29 Leandro

MARÇO

4 Lúcio
15 Longino
Luiza
de Marillac
22 Léa
30 Ludgero

ABRIL

11 Leão
14 Lidvina
Lamberto
27 Ladisláu

MAIO

28 Luciano

JUNHO

18 Laudelino
21 LUIZ GONZAGA
30 Luciana

JULHO

4 Lauriano
29 Lucila

AGOSTO

3 Lídias
8 Leonidas
10 Lourenço
17 Liberato
18 Lauro
25 Luiz

SETEMBRO

1 Léo
5 Lourenço
Justiniano
17 Lamberto
23 Lino

M**JANEIRO**

2 Martiniano
4 Máximo
9 Marciana
14 Malquias
19 Mario
31 Marcela

FEVEREIRO

4 Magno
15 Metódio
25 Matias

MARÇO

14 Matilde
26 Máxima

ABRIL

3 Maria egípciana
10 Macário
14 Máximo
16 Maria Bernadette
25 MARCOS evangelista

MAIO

4 Mônica
27 Madalena
29 Maximiliano

JUNHO

8 Medrado
15 Modesto
17 Manuel
23 Marciano
30 Marcial

JULHO

16 Marcelino
20 Margarida
29 Marta

AGOSTO

14 Marcelo
17 Mamede

SETEMBRO

4 Marino
13 Maurilo
21 MATEUS apost.
22 Mauricio
29 Miguel arcanjo

OUTUBRO

4 Marcos
17 Maria Alacoque
29 Moderato

NOVEMBRO

11 Martinho
21 MATEUS apost.
28 Mansueto

N**JANEIRO**

7 Nicetas
10 Nicanor

FEVEREIRO

30 Nemésio
26 Nestor

ABRIL

6 Norberto
12 Nazário

SETEMBRO

10 Nicolau Tolentino

OUTUBRO

29 Narciso

DEZEMBRO

1 Natália
6 Nicolau
14 Nicácio
19 Nemésio

O**JANEIRO**

1 Odílio

MARÇO

6 Olegário

JUNHO

12 Olímpio

JULHO

3 Oto

DEZEMBRO

13 Otília
18 Olímpia

P**JANEIRO**

3 Pedro Báltamo
4 Prisco
5 Paulo eremita
16 Policargo
19 Fonciano
21 Pedro Nolasco

FEVEREIRO

21 Pepino
23 Pedro Damião
24 Primitiva Prelestato

MARÇO

5 Perpétua
17 Patrício
18 Probo

ABRIL

3 Pancrácio
18 Perfeito
27 Pedro Canisio
28 Paulo da Cruz Prudente

MAIO

1 Peregrino
4 Porfírio Paulino
5 Pio
12 Pancrácio
17 Pascoal
19 Pedro Celestino Prudência
21 Pacômio
28 Priamo
31 Petronilha

JUNHO

2 Potino
3 Paula
9 Pelágio
18 Protásio
22 Paulino
25 Próspero
29 PEDRO PAULO apost.

JULHO

15 Pompílio
27 Pantaleão

AGOSTO

9 Perpétua
18 Paula

SETEMBRO

6 Presídio
10 Pulquéria
23 Polixena

OCTUBRO NOVEMBRO DEZEMBRO

5 Plácido 12 Renato 11 Sabino
19 PEDRO 21 Rufo 12 Sinésio
de ALCANTARA 23 SERVULO
DEZEMBRO 31 Silvestre

NOVEMBRO

12 Públio 30 Rogério 11 T
31 Rustico 11 T

DEZEMBRO

JANEIRO

2 Paulina 4 Teógenes
5 Pedro 5 Telestus
Crisólogo 8 Teodoro
11 Teodósio
12 Taciana
13 Tibério
14 Tântico

Q

MARÇO

30 Quirino 17 Saturnino 17 TEODORO
20 SEBASTIÃO 17 TEODORO
7 TEODORO

MAIO

FEVEREIRO

22 Quirina 21 Servulo 7 TOMAZ
23 Secundino 23 de Aquino
25 Sireno 31 Turibio
31 Serapiao 31 Teódulo

OCTUBRO

11 Quintino 17 MARÇO

R

ABRIL

JANEIRO

14 Rigoberto 19 Sacerates 19 Tiburcio
20 Teodoro 20 Teodoro
27 Tefaniso

FEVEREIRO

7 Romualdo 10 Solange 20 Timóteo
22 Romana 20 JUNHO

ABRIL

JULHO

3 Ricardo 4 Saturnina 25 TIAGO
17 Rodolfo 5 Sanelo 25 apost.
22 Roberto 26 Sêverio

MAIO

AGOSTO

22 Rita 7 Sinfraio 31 Teodoreto
13 Silas 31 SETEMBRO
16 Sizenando

JUNHO

AGOSTO

21 Raul 11 Teodora
25 Tecla

JULHO

OUTUBRO

16 Reinalda 9 Severo 3 TERESINHA
30 Rufino 11 Suzana 3 do Menino Jesus
23 Sidônio 15 TEREZA
de Jesus

AGOSTO

SETEMBRO

9 Romão 9 Sêveriano 11 DEZEMBRO
16 Roque 9 Sêveriano 21 TOMÉ
30 Rosa 10 Sôstenes 21 apost.
31 Raimundo 12 Sofia 24 Tarsilla
Monato 24

SETEMBRO

OUTUBRO

4 Rosália 7 Sérgio 11 JANEIRO
10 Saturnino 27 Sabina
23 Simão 4 Ulrico

OCTUBRO

NOVEMBRO

1 Remigio 3 Sêvia 25 Urbano
24 Rafael 3 Sêvia 25 Urbano
arcanjo 3 Sêvia 25 Urbano

OCTUBRO		MAIO		DEZEMBRO							
21 Ursula	18 Venâncio	17 Viviana	23 Vitória	X							
NOVEMBRO		JUNHO									
3 Umberta	15 Vito	SETEMBRO		Z							
V		JULHO									
JANEIRO		7 Vilbaldo	8 Virginia	JANEIRO							
9 Vital	19 VICENTE de Paulo	12 Zótico									
13 Verônica	25 Valeriana	FEVEREIRO									
22 Vicente	FEVEREIRO										
FEVEREIRO		AGOSTO		14 Zeno							
14 Valentim	15 Valeriano	ABRIL									
25 Vitor	SETEMBRO										
MARÇO		27 Zita									
20 Volfranco	28 Venceslau	AGOSTO									
ABRIL		OCTUBRO		26 Zeferino							
1 Valério	12 Valfredo	SETEMBRO									
5 VICENTE	SETEMBRO										
11 Ferren	NOVEMBRO										
15 Vitorino	6 Vitorino	6 Zacarias profeta									
25 Valéria	2 Virgílio										

B O N D E S ÁGUAS E VINHOS

O comprimento total de linhas de bondes existentes no Brasil atinge a cerca de 2.000 quilômetros, pelos quais trafegam 3.169 carros para passageiros e 222 para cargas. Em 1949, último ano de que dispomos de estatísticas, viajaram de bonde 2 bilhões de passageiros, mais da metade no Distrito Federal. O pessoal empregado eleva-se a 24.500 homens, 85% dos quais diretamente ocupados com o serviço das linhas.

Vinte e oito cidades brasileiras possuem águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

Minas Gerais é o nosso maior produtor de águas minerais, com mais de 1/3 do total. Em conjunto com São Paulo e Espírito Santo presenche 77%, dos restantes 33% a parte de São Paulo e Espírito Santo. Ao todo, doze de nossos Estados, possuem instalações industriais para engarrafamento de águas minerais. Cada litro saiu por cerca de Cr\$ 1,50, ao passo que, em 1947, custava, na fonte produtora, em média, Cr\$ 2,00.

RESENHA INTERNACIONAL

FEVEREIRO ABRIL

CRISE NO GABINETE BRITÂNICO REUNIO DE CHANCELERES AMERICANOS

23 — Aneurin Bevan, ministro do Trabalho, e James H. Williams, do Comércio, deixam o gabinete. Explicando sua resolução perante a Câmara dos Comuns, declara o ministro demissionário do Trabalho, que o motivo fundamental que o levava a demitir-se foca o fato de que "o programa de rearmamento de 4.700.000.000 de libras era irrealizável, e que as matérias-primas, máquinas, instrumentos e outros fornecimentos não estavam disponíveis".

As cifras das despesas militares fornecidas pelo chanceler do Erário, são irreais". Imputou esta situação à falta de controle na economia americana. "As oscilações econômicas dos Estados Unidos são causa de enorme inflação no mundo, inflação que ameaça revolucionar a economia das nações industriais. O programa de rearmamento de 4 bilhões e 700 milhões de libras já está morto, afirmou. A democracia, e a liberdade política não suportarão o choque causado por essa reviravolta. A defesa da Grã-Bretanha pode ser assegurada sem que atente contra o nível de vida de seu povo, e contra os serviços sociais. E como vi que o contrário foca proposto pelo chanceler do Erário, demiti-me".

Dirigindo-se particularmente ao chanceler do Erário, Bevan, em tom de desprezo, declarou com veemência: "Griffiths abandonou toda esperança de controlar ou de limitar a inflação. O custo de vida não deixará de subir. Seu orçamento teve triplice sucesso: foi bem acolhido, satisfaz a oposição e quebrou a unidade do Partido Trabalhista". "Não se deve seguir cegamente o capitalismo americano descontrolado. O resultado do orçamento apresentado pelo chanceler do Erário é fornecer mais quantidade de armas por mais dinheiro". "E, solenemente, Bevan desconfiou dos ministros trabalhistas que desconfiavam da Tesouraria, onde há economistas demais".

Encerra-se em Washington a IV Reunião de Consultas dos Chanceleres americanos, inaugurada a 26 de abril, com a presença do presidente Truman.

JUNHO

ELEIÇÕES NA ITALIA E NA FRANÇA

10 — Na primeira série das eleições municipais de maio (28 províncias), os democratas-cristãos conquistaram vários baluartes comunistas, como Veneza, Verona, Novara, Forlì, Génova, remona, Brescia, Pavia e Milão. Em Milão, ponto vital de comunicações no norte da Itália, e onde fica a maior concentração industrial do país, os cristãos-democratas e aliados aumentaram suas cadeiras de 45 para 53, com a aliança esquerdista caindo de 31 para 27. Mas, apesar disto, o Partido Cristão Democrata decassu acentuadamente em face da votação que alcançou em 1948, enquanto que os comunistas e os socialistas de Nenni tiveram o eleitorado aumentado de cerca de 4%.

O único partido que aumentou fortemente seu número de votos em toda parte foi o pequeno Movimento Social, o grampo neofascista. Seus ganhos porém foram insuficientes para dar-lhe o controle de qualquer municipalidade, ou mesmo quaisquer cadeiras nos conselhos municipais.

Dos 27 conselhos municipais cujos integrantes são eleitos pela primeira vez, os comunistas e aliados obtiveram maioria em seis. Os cristãos-democratas, sós ou em aliança, conquistaram o controle dos restantes. Do total de cadeiras, os cristãos-democratas ganharam 341, os comunistas e socialistas de Nenni 164, os republicanos 9 e os liberais e sociais-democratas 7 cada.

A participação eleitoral em conjunto, nas 28 províncias, atingiu 90 por cento contra 77,10 por cento nas eleições municipais de 1946 e 92,10 por cento há três anos.

A segunda série (30 comunas da Península) foram consultados mais ou menos dois terços do corpo eleitoral da Itália. Florencia, que tinha partido comunista, desde 1946, foi arrebatada pelos partidos democratas. Embora hajam perdido vários baluartes "vermelhos", a votação dos comunistas e seus aliados socialistas de Nenni aumentou com relação ao pleito de 1948.

Os escrutínios realizados em 30 capitais provinciais, indicam que o Partido Democrata-Cristão perdeu 200 mil votos com relação ao pleito de há três anos atrás e que os comunistas e socialistas de esquerda ganharam 40 mil. Todavia, a coalizão democrática formada pelos democratas-cristãos, socialistas de direita, liberais e outros petecoleros, obteve com mil votos mais do que o bloco comunista e conquistou o

A RUSSIA INTIMADA A DEVOLVER

NAVIOS

8 — Os Estados Unidos exigem da URSS a devolução imediata de 672 navios mercantes e de guerra cedidos de acordo com a lei de empréstimo e arrendamento.

MARÇO ARCO DOS

O PLANO SCHUMAN

19 — Os países que aderiram à proposta francesa de 9 de maio de 1950, visando colocar em comum as produções de aço e carvão, firmam, em Paris, o respectivo protocolo. São, além da França, a Alemanha, Bélgica, Holanda, Itália e Luxemburgo.

Mediante contribuições Mensais ou Anuais, ou um pagamento único, constitua sólido Decúlio através dos títulos de economia da SUL AMERICA CAPITALIZACAO S. A. Conheça as vantagens dos novos títulos emitidos por SULACAP.

governo de 16 capitais provinciais, contra 13 dos comunistas e uma dos monarquistas. Nestas eleições, os comunistas perderam três capitais de província. As aparações das eleições em 30 capitais provinciais revelam os seguintes resultados, comparados com as eleições de 1948:

	1951	1948
Democratas-Cristãos	614.477	808.378
Bloco Comunista	789.148	746.440
Socialistas de Direita	129.501	172.565
Republicanos	36.505	54.641
Liberais	89.044	6.888
Movimento Social Italiano		
(Néo-fascistas)	113.723	35.255
Monarquistas	27.396	20.190

17 — O general De Gaulle surge nas eleições gerais para a Assembleia Nacional como o chefe da maior bancada parlamentar da França, ficando longe porém das 180 cadeiras que esperava conquistar. Dos eleitores inscritos, 24.544.565 votaram 19.200.000. Os votos expressos somaram 18.678.013. Partidos: Comunista, 5.091.618; Reagrupamento do Povo Francês, 4.039.889; Socialista, 2.744.924; Moderados, 2.472.016; Movimento Republicano Popular, 2.225.359; Reagrupamento das Esquerdas Republicanas (principalmente Radical-Socialista), 2.194.213.

Segundo os resultados, as 627 bancas da Assembleia ficaram assim distribuídas:

- Reunião do povo francês — 114.
- Socialistas — 104.
- Comunistas — 100.
- Independentes e Direitistas — 99.
- Movimento Republicano Popular — 81.
- Radicais-Socialistas — 70.
- Aliança Radical-Socialista — 25.
- Independentes de Ultramar — 9.
- Concentração Democrata Africana — 3.
- Outros Partidos — 11.

Os comunistas, com seus mais de cinco milhões de votos, continuam sendo o maior partido da França, embora o número de suas bancas tenha sido reduzido de 180 para 100. A Reunião do Povo Francês, de De Gaulle, converteu-se no segundo partido em importância, com mais de quatro milhões de votos e 114 bancas na Assembleia. Os resultados das eleições mostram, no entanto, que os comunistas perderam mais de 450.000 votos desde 1946.

De Gaulle também perdeu em Paris quase 420.000 votos, em comparação com os que obteve em 1947. Suas perdas também foram grandes em Marselha, Lille, Toulouse, Grenoble, Ruffo e Saint Etienne, onde triunfou esmagadoramente em 1947. Os socialistas, que perderam um milhão de votos entre 1945 e 1946, perderam mais 700.000

JULHO

ESTADO DE GUERRA COM A ALEMANHA

9 — Termina o estado formal de guerra com a Alemanha, sem prejuízo do estatuto de ocupação e questões que devam ainda aguardar a conclusão do tratado. A Inglaterra e a França declararam o estado de guerra há 11 anos, 10 meses e 6 dias, dois dias depois da invasão da Polónia por Hitler.

JULHO

20 — É assassinado em Jerusalém, quando entrava na mesquita de Omar, o rei Abdullah, da Jordânia.

O assassino esteve escondido atrás da porta, de onde saltou e fêz fogo. Os guardas, que acompanhavam o rei, dispararam logo suas armas, e o autor do atentado foi morto igualmente. Tratava-se de um jovem, de nome Mustafa Chukry Elacho, árabe, de profissão alfaiate e ex-soldado, com 20 anos de idade.

Abdullah Ibn Hussein nasceu em 1882, na cidade santa de Meca, onde seu pai, 38.º descendente do Profeta, era "Sheik" do governo otomano. Em 1908, foi feito deputado ao Parlamento otomano, em Constantinopla. Durante a Primeira Guerra Mundial, Abdullah entrou em contato com agentes britânicos no Oriente Médio e, notadamente, com o famoso "Coronel Lawrence", para fazer no Hedjaz a "revolução árabe". As rivalidades entre as famílias árabes no Oriente Médio impediram-no de tirar proveito das vitórias conseguidas e teve que se contentar com o trono de Amman, no deserto da então Transjordânia. Até a Segunda Guerra Mundial, em 1939, seu emirato viveu a vida das populações felizes — "sem história"; nunca, porém, Abdullah renunciara seus planos para a constituição da "Grande Síria", desde que não expulso desse país pelos franceses. Em 1939, Abdullah participou, ao lado da Grã-Bretanha, das operações no Oriente Médio. Em 1942, Winston Churchill prometeu a independência à Transjordânia, o que teve cumprimento integral em 1946, quando foi proclamado Reino da Jordânia. Membro muito influente da Liga Árabe, o rei Abdullah desempenhou papel determinante no desencadeamento das hostilidades contra Israel. Acreditado na vitória, contrariamente às suas previsões, foi Israel que venceu e quando a trégua foi imposta pela ONU, a comunidade árabe não mais apresentou coesão. O trono jordano chegou a ser quase derrubado, pelas intrigas dos vizinhos, apesar de pertencente à mesma família nacional. A 19 de dezembro de 1949, Abdullah rejeitou, intransigentemente, a proposta da internacionalização de Jerusalém, decidida pela ONU. Desde então, não obstante todas as intrigas, obstáculos e rivalidades, continuou a "fazer amadurecer" seu projeto da Grande Síria.

JULHO

"TICA" CIDADE DO RIO DE JANEIRO

22 — Trata-se no Estádio Maracanã a partida final em disputa da "Tica Cidade do Rio de Janeiro", entre o quadro do Palmeiras, campeão de S. Paulo e o Juventus, da Itália. O primeiro jogo, realizado no dia 19, no mesmo local, terminou com a vitória dos brasileiros por 1x0. No encontro final houve empate de 2x2, resultado que decidiu a favor do quadro do Palmeiras a conquista do troféu. Foi batida a renda de arrecadação, que chegou a ser 2.783.190,00, equivalente a 82.000 espectadores.

Os quadros jogaram assim constituídos: Palmeiras — Fabio; Salvador e Juvencel; Tello, Villa e Deme; Lima, Ponce (Canhoto), Lima, Jair e Rodrigues.

Juventus — Viola; Bertucelli e Manente; Mari, Parola e Bizoto; Muccinelli, Yoan Hansen, Boniperti, Karl Hansen e Praest.

Árbitro: Tordjman, francês.

OS TENTOS

Coubé ao Juventus inaugurar o marcador, obtendo uma vantagem que só traduziu as

não para o passado. Ele estabelece o Japão como nação independente e soberana e dispõe sobre o restabelecimento do comércio japonês com outras nações, sem impor qualquer restrições ao acesso do Japão às matérias-primas.

O Tratado reconhece o princípio de que o Japão deve pagar reparações aos países que sofreram as consequências de sua agressão. Não coloca, porém, sobre o povo japonês uma carga esmagadora de indenizações que esmagaria sua economia durante os anos vindouros. A respeito de todas essas questões, o Tratado toma em consideração os progressos pacíficos que o povo japonês fez durante os últimos anos e trata de criar condições propícias para um progresso ainda maior. Não obstante há uma coisa que todos devemos reconhecer. É que não pode haver progresso a não ser que as potências e o povo japonês e seus vizinhos do Pacífico, contra a ameaça de agressão. Atualmente a zona do Pacífico está seriamente preocupada com um ato de agressão desmascarada e pela ameaça de novos ataques armados.

Por conseguinte, uma de nossas preocupações principais ao concertar a paz com o Japão é a de proteger esse país contra a agressão e tomar medidas para que o Japão, por sua vez se conduza de modo a não pôr em perigo a segurança de outras nações. Para conseguir isso, é importante colocar o Japão sob os princípios das Nações Unidas e sob a proteção das obrigações mútuas dos membros das NNURU.

O Tratado exprime o propósito do Japão solicitar sua admissão nas Nações Unidas. Pode-se contar com outros países, que venham a assinar o Tratado, no sentido de trabalharem em favor de sua admissão. Mesmo assim, porém, é possível que haja demoras antes que se possa admiti-lo.

Por conseguinte, de acordo com o Tratado, o povo japonês obriga-se a aceitar imediatamente as obrigações básicas dos membros das Nações Unidas, isto é, abster-se de cometer agressão, solucionar pacificamente as disputas e apoiar os esforços das Nações Unidas para manter a paz. Ao mesmo tempo, as outras nações que assinem o Tratado reconhecem especificamente que o Japão tem direito à proteção oferecida pela Carta das Nações Unidas.

Em certo sentido, essa disposição constitui o núcleo vital deste Tratado. Por elas o Japão converte-se em membro da comunidade das nações comprometidas a proscrever a agressão e a apoiar a ordem internacional baseada na justiça. Essa união entre o Tratado de Paz com o Japão e a Carta das Nações é um grande passo em frente para o estabelecimento da segurança na zona do Pacífico, mas necessita-se de muito mais do que isso. Dada a atual situação internacional, foi necessário reforçar os princípios pacíficos da Carta das Nações Unidas com acordos regionais para a defesa comum contra a agressão. Se se deseja lograr a verdadeira segurança no Pacífico, as Nações Unidas devem encontrar meios de trabalhar unidas para a defesa comum.

A Índia não participou da Conferência. São os seguintes os pontos principais do documento:

1) — Cessa o estado de guerra entre o Japão e os aliados.
2) — Os aliados reconhecem a posição do Japão como nação soberana.
3) — As tropas aliadas de ocupação serão retiradas do Japão aos 90 dias da entrada em vigor do tratado. Os aliados podem, entretanto, manter tropas no Japão, mediante

A SESSÃO DE ENCERRAMENTO

3 — O primeiro ministro Yoshida protesta contra as afirmações russas que consideram as ilhas Kurilas como parte do território soviético. A Rússia havia reconhecido o direito do Japão sobre esses territórios e de-

acórdos bilaterais que serão negociados mais tarde.

4) — Os aliados renunciam a reparações, embora o tratado reconheça que o Japão deve pagar reparações aos países aliados pelos danos e sofrimentos causados por ele, durante a guerra". Os aliados renunciaram às reparações, devido à escassez dos recursos japoneses para pagá-las.

5) — O Japão convém em iniciar rapidamente negociações sobre novos tratados de comércio, transporte e pesca, com os aliados. Os tratados de pré-guerra do Japão com os aliados podem ser postos novamente em vigor, a pedido das nações aliadas.

6) — Os prisioneiros de guerra japoneses devem ser repatriados. A Rússia é o único país a quem se continua a acusar de reter prisioneiros de guerra japoneses.

7) — O Japão renuncia a todos os seus direitos, interesses e privilégios na China, Coreia, Formosa, Pescadores, Kailas, Ilhas do Pacífico que estavam sob seu mandato e a todas as colônias de pré-guerra.

8) — As sentenças pronunciadas por tribunais aliados contra criminosos de guerra japoneses serão executadas pelo próprio Japão. Não obstante, o governo japonês pode recomendar a redução das penas.

9) — O Japão trasladará todos os seus bens existentes em países neutros, durante a guerra e nas nações do Eixo, para a Cruz Vermelha Internacional a fim de contribuir para indenizar os prisioneiros de guerra aliados por danos físicos e morais que sofreram nos acampamentos nipônicos para prisioneiros.

10) — O Japão deverá pagar suas dívidas de pré-guerra com países aliados.

11) — O Japão firmará tratados de paz em separado com quaisquer dos seus inimigos da última contenda, que não assinem o presente tratado.

12) — O tratado entra em vigor quando o Japão e a maioria dos seus signatários o ratificarem.

10 — O presidente Truman inaugura em Washington a reunião dos governadores do Banco Internacional de Reconstrução e do Fundo Monetário Internacional. Durante o ano econômico encerrado a 30 de junho, o Banco concedeu 21 empréstimos no total de 297 milhões de dólares, somando, desde a sua fundação, 1.114 milhões de dólares, sendo que a metade dessa importância coube a países da Europa.

Desde sua fundação até 30 de junho de 1951, o Banco fez os seguintes empréstimos a países latino-americanos: Brasil, 105.000.000 dólares; Chile, 16.000.000 dólares; Colômbia, 11.120.000 dólares; Salvador, 12.545.000 dólares; México, 70.100.000 dólares; Nicarágua, 4.700.000 dólares e Uruguai, 33.000.000 dólares.

RENÚNCIA DO GENERAL MARSHALL

12 — Exonera-se do cargo de secretário de Defesa, por motivo de saúde, o general George Marshall, sendo substituído pelo sr. Robert A. Lovett. O novo secretário da Defesa dos Estados Unidos, de 56 anos de idade,

é um ex-piloto da Armada, que ajudou a dirigir as forças aéreas do exército na segunda guerra mundial. Há 33 anos Lovett conquistou a "Cruz Naval", por ter participado de missões de bombardeio na Europa sob tal estado do tempo que "até as aves preferiam caminhar". Suas atividades posteriores como banqueiro, dirigente de empresas ferroviárias e de companhias de seguros e como penito da indústria europeia e do comércio exterior, não conseguiram fazer desaparecer seu amor pela aviação. Quando a maior parte dos dirigentes militares, para não falar nada dos banqueiros, pensavam em grandes exércitos terrestres e em poderosas armadas, Lovett, por iniciativa própria, começou a estudar, em 1938, as técnicas do bombardeio a grande distância. Dois anos depois, preparou um informe sobre a aviação militar em que insistia na necessidade de o país dispor de bombardeiros de grande raio de ação para atacar continuamente os principais objetivos inimigos.

Esse informe fez-lo conquistar o cargo de secretário de guerra adjunto a cargo das forças aéreas, oito meses antes do ataque japonês de Pearl Harbor.

Entre o general Marshall e o presidente Truman foram trocadas as seguintes cartas: "Estimado senhor presidente. Com profundo pesar penso que devo por fim à minha atividade diária ao serviço do governo e, por conseguinte, apresento-lhe minha renúncia ao cargo de secretário da Defesa, a fim de que esta entre em vigor dentro de duas semanas. Nosso entendimento inicial, antes de minha nomeação, era no sentido de que prestaria serviços até 30 de junho de 1951, prazo esse que se prolongou por mais de dois meses. Como lhe expliquei pessoalmente, faço isto com profundo pesar, mas como v. s. bem sabe estarei sempre à disposição para qualquer função provisória que v. s. queira de mim. Entretanto, dou-lhe a segurança de minha fiel dedicação a v. s. e ao governo nacional. Com grande pesar e respeito, fico de v. s. seu certo servidor. George C. Marshall".

"Meu caro general Marshall. Com grande pesar, aceito sua renúncia ao cargo de secretário de Estado, a partir de 12 de setembro, conforme seus desejos. Tenho manifestado várias vezes, pública e particularmente, minha alta estima pelos serviços de v. s. ao país, no decorrer de sua longa e distinta carreira como funcionário público. Nesta oportunidade, deixo particularmente mencionar o formidável adiantamento obtido, sob sua orientação direta, no estabelecimento de sólidas bases para nosso programa de efetivos e produção militares, que já aumentou enormemente nosso poderio defensivo. Compreendo cabalmente e solidarizo-me com os motivos de sua renúncia neste ensejo, e agradeço muito sua disposição em ter continuado dois meses mais além do que havíamos convenicionado para finalizar suas atividades a respeito da lei de instrução militar obrigatória. Ao aceitar novamente sua renúncia, a um cargo de alta responsabilidade, compreendo perfeitamente quantas vezes penso v. s. antes de retirar-se à vida privada. Entretanto, por várias vezes, v. s.

A SUL AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO S. A. está pagando, mensalmente, por sorteio, mais de Cr\$ 5.000.000,00 (cinco milhões de Cruzeiros), aos portadores de seus títulos de economia. Procure conhecer as vantagens que oferecem os novos títulos emitidos por SULACAP.



JORGE VI

21 — Nos dias terríveis dos ataques da aviação nazista, jamais faltou aos ingleses, nos momentos mais críticos e nos pontos mais ameaçados, a presença de seu soberano. Preocupado com o socorro às vítimas dos bombardeios, Jorge VI percorria assiduamente os serviços de ambulância. Tudo fazia para minorar, quanto possível, os sofrimentos de seu povo.

Em setembro do ano passado, os muitos milhões de súditos das Ilhas e da Comunidade Britânica viveram horas apreensivas pela vida do rei. O mundo inteiro compartilhou dessa ansiedade, até que os primeiros boletins médicos anunciaram o êxito da delicada intervenção a que fora submetido.

* * *

atendeu ao chamado para servir à causa pública. A todos esses cargos v. s. levou seu grande talento e discernimento. Na realidade, nenhum homem prestou a seu país mais distintos e patrióticos serviços que v. s. Em nome de nosso país, desejo agradecer-lhe tudo quanto fez. Em meu próprio nome, desejo manifestar-lhe meu profundo agradecimento pela sábia colaboração e inquebrantável apoio que v. s. prestou-me nestes dias de inquietação. Desejo-lhe muitos

Antes de submeter-se à operação, Jorge VI pediu para ver todos os membros de sua família. Entre as milhares de mensagens que foram dirigidas à rainha, fazendo votos pelo restabelecimento de seu augusto esposo, uma continha a assinatura em comum de Clement Attlee, Winston Churchill e Clement Davies, então, respectivamente, primeiro-ministro chefe da oposição e líder do Partido Liberal.

A operação foi realizada pelo dr. Clement Price Thomas, especialista em tratamento cirúrgico da tuberculose, auxiliado por seu anestesista, dr. Robert Machray, com a assistência de seis outras notabilidades médicas: Daniel Davies, Thomas Peel Dunhill, Horace Evans, Geoffrey Marshall, John Weig, Robert Arthur Young.

anos de felicidade em Leesburg. Com meus melhores votos, fico de v. s. agradecido e sinceramente seu certo servidor — Harry S. Truman".

A INTEGRAÇÃO DA ALEMANHA DEMOCRÁTICA NA COMUNIDADE EUROPEIA

14 — Os ministros dos Negócios Estrangeiros da França, Grã-Bretanha e Estados

Unidos, reunidas em Washington (Schuman, Morrison e Acheson fazem a seguinte declaração sobre a coparticipação da Alemanha no Plano de Defesa da Europa: "Os três ministros de Negócios Estrangeiros declaram que a política dos seus governos tem por objetivo a integração da Alemanha democrática, na base da igualdade, na comunidade europeia continental, também seja incluída na comunidade atlântica em constante desenvolvimento. Os três ministros reconhecem que as iniciativas tomadas pelo governo francês no que concerne à criação de uma comunidade europeia do carvão e do aço de uma parte, e de uma comunidade europeia de outra parte, constituem as maiores etapas para a unidade da Europa. Recebem o Plano Schuman como um meio de fortalecer a economia da Europa ocidental e desejam a sua aplicação rápida. Recebem o plano da conferência de Paris como importante contribuição para a organização de uma defesa eficaz da Europa, inclusive da Alemanha. A participação da Alemanha na defesa comum comportará evidentemente, — segundo a declaração — uma substituição do atual estatuto de ocupação por uma nova forma de relações entre os três governos e a República Federal Alemã.

O governo britânico deseja estabelecer a mais estreita associação com a comunidade europeia continental em todas as fases do seu desenvolvimento.

Os três ministros reafirmam que essa política que será adotada com as demais nações livres temle ao estabelecimento e manutenção de uma paz duradoura baseada na justiça e no direito. Seu objetivo é fortalecer a prosperidade e a segurança da Europa sem atear de maneira alguma o caráter puramente defensivo da Organização do Tratado do Atlântico Norte.

Reafirmam os ministros sua determinação de não permitirem em nenhuma circunstância a utilização de tais acordos visando uma política agressiva.

"DECLARAÇÃO DE OTTAWA"

20 — As doze nações do Pacto do Atlântico reunidas em Ottawa, recomendam a inclusão da Grécia e da Turquia; a revisão do tratado de paz com a Itália, de modo a harmonizar os compromissos assumidos no quadro do Pacto do Atlântico e as obrigações que lhe impõem o tratado de paz. Embor a União Soviética não tenha sido mencionada diretamente, a "Declaração de Ottawa" contém referências incisivas, nestes termos:

1) — As "tentativas persistentes" de dividir os países do Pacto "falhassem".

2) — A ameaçadora situação internacional para as doze nações em aliança defensiva para criar uma potência que baste para manter sua liberdade e independências.

3) — "De quando em quando fazem-se as chamadas ofertas de paz, tão vagas na linguagem quanto obscuras no conteúdo", mas

os países do pacto "julgarão essas ofertas pelos fatos que as corroboram. Jamais repetirão um genuíno gesto de paz, mas não hesitarão do incremento de sua potência defensiva, por meras palavras, vazias acerca da paz".

OCTUBRO

12 — Encerra-se em Montevideo a reunião da Sociedade Interamericana de Imprensa, tendo sido adotadas, entre outras as seguintes resoluções:

— eleger presidente honorário da Sociedade, o jornalista norte-americano Tom Wolfe;

— consignar energico protesto pelo encarceramento do correspondente William Oatis da "Associated Press", na Tcheco-Eslováquia sob acusações absurdas e infundadas. A moção nesse sentido depõe a situação em que se acham todos os jornalistas que permanecem presos ou são alvo de perseguição por suas atividades em defesa da liberdade de imprensa, recomendando-se à Junta Executiva que tome em consideração essas situações e tente, por todos os meios possíveis, de obter a liberdade desses jornalistas; considera membro honorário da Junta de Diretores, o jornalista argentino David Michel Torino, diretor de "El Intransigente", de Salta;

— enviar uma mensagem à Secretaria Geral das Nações Unidas instando na urgência de uma conclusão a respeito do problema da liberdade de informação. A mensagem decantou que a liberdade de informação não deve ser considerada no sentido estrito de obter notícias e publicá-las, mas abrange também e comentar essas notícias para orientar e esclarecer sobre elas a opinião pública. Por outro lado, a Sociedade Interamericana de Imprensa pleiteou junto às Nações Unidas a sua admissão na mesma como órgão de consulta;

— recomendar à Junta de Diretores a expulsão de qualquer membro da Sociedade que abertamente pleiteie ou propugne a restrição ou destruição da liberdade de imprensa;

considerar: 1º — que as desapropriações de jornais realizadas pelas legislaturas nacionais ou estaduais não obedecem ao conceito de "guerrilha política" que deve servir de fundamento a toda desapropriação, e portanto revestem-se do caráter de verdadeiro confisco;

2º — regimes que proíbem a liberdade de imprensa devem ser combatidos pelo jornalismo democrático do Continente.

Finalmente, a Assembleia se pag de pé em homenagem a todos os mártires da liberdade de imprensa no Continente e em seguida aprovou por aclamação um tributo de elogios ao Uruguai, como país organizador da Assembleia da S. I. I.

22 — Oficiais de ligações aliados e comunistas reuniram em Pam Mun Jem as conversações de armistício, sobre as bases seguintes:

1) — nenhum avião voará sobre o local da Conferência em Pam Mun Jem;

2) — os aviões das Nações Unidas não vo-

Até Outubro de 1951, foram pagos antecipadamente por sortido, Cr\$ 493.240.000,00 aos Portadores de títulos de economia da SUL AMERICA CAPITALIZACAO S. A. Cerca de 700.000 títulos são mantidos em vigor pelos que confiam a SULACAP a formação de só-

lito pecúlio de previdência.

rão sobre a zona neutra de Kaesong nem sobre a estrada de rodagem Kaesong-Pam Mum Jom;

3) os aviões comunistas não voarão sobre a zona neutra de Munsan nem sobre a estrada de rodagem Munsan-Pam Mum Jom.

Imediatamente após a aceitação dos pontos acima, os oficiais de ligação aliados e comunistas assinaram o acordo.

25 — Primeira reunião plenária da Conferência. O almirante Turner Joy explica que os representantes das Nações Unidas estavam em Pam Mum Jom para participar da discussão destinada a chegar a um armistício honroso para cada uma das partes, assinalando que o primeiro problema, por ordem de importância era encontrar uma solução para o ponto número 2 da Ordem do Dia. O general Nam propõe a criação de uma subcomissão para a discussão do ponto número 2.

DEFESA DO ORIENTE MÉDIO

NOVEMBRO

..10 — Texto da declaração dos governos dos Estados Unidos, França, Grã-Bretanha e Turquia relativa à defesa do Oriente Médio, entregue no Cairo ao governo egípcio.

Os governos dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Turquia e França declaram que serão guiados pelos princípios seguintes na aplicação da resolução publicamente anunciada por eles de estabelecer um comando no Oriente Médio:

1.º) as Nações Unidas representam a expressão mundial do princípio de indivisibilidade da paz; a segurança de todos os países é posta em perigo pelos atentados praticados em qualquer região. Simultaneamente, compete aos Estados, em todas as regiões, marcar sua resolução de defendê-la e criar meios que permitam assegurar essa defesa na fase inicial de um conflito;

2.º) a defesa do Oriente Médio é vital para o mundo livre e sua proteção contra uma agressão externa não pode ser feita senão pela cooperação de todos os Estados interessados;

3.º) o Comando do Oriente Médio (SACME) deverá ser um centro de esforços conjugados tendo em vista a região em conjunto. A manutenção da paz e da segurança nesta zona, graças a criação de um Comando do Oriente Médio, será um gerador de progresso econômico e social;

4.º) uma das tarefas do Comando consistirá em assistir e apoiar os Estados prontos para contribuir para a defesa da zona e colocar cada país em condições de desempenhar o seu próprio papel na proteção do conjunto do Oriente Médio contra uma agressão externa. O Comando não intervirá nos problemas e divergências que vierem a surgir no interior da região. O estabelecimento do Comando do Oriente Médio em nada afetará os arranjos em vigor a esse respeito e, especialmente nas conversações de armistício e a declaração triplice assinada em maio de 1950 pelos governos norte-americanos, britânicos e franceses;

5.º) o trabalho essencial do Comando do Oriente Médio será, originariamente, estabelecer planos de ação e assistir aos Estados da região que pedirem seus conselhos e seu concurso para o treinamento de suas forças. Os pedidos de armas e equipamentos formulados pelos Estados fundadores

para prestarem sua assistência nesse domínio, serão atendidos na medida do possível, depois de ter sido feita uma coordenação por intermédio do Comando do Oriente Médio;

6.º) o "SACME" comandará as forças postas à sua disposição e elaborará planos de operações para todas as forças que se encontrarem no Oriente Médio (ou que venham ali estacionar mais tarde) em tempo de guerra ou em caso de crise internacional. Todavia, não é necessário que as forças de um país sejam postas, em tempo de paz, sob o comando do "SACME", para que esse país se associe ao esforço comum para a defesa do Oriente Médio. A entrada de tropas colocadas sob o comando do "SACME" em territórios dos Estados que se associarem à defesa do Oriente Médio ou seus deslocamentos no interior desse território somente serão feitos com o consentimento do Estado ou Estados interessados e salvaguardando rigorosamente a independência nacional e a soberania dos Estados;

7.º) embora os detalhes da organização resemem a ser precisados, os Estados fundadores se propõem a fazer do Comando do Oriente Médio um comando interaliado integrado e não um comando nacional. O "SACME" terá a responsabilidade de garantir a eficiência da empresa da defesa comum. Todos os Estados que colaborarem nesse trabalho serão individualmente associados ao Comando em pé de igualdade por intermédio da Organização de Ligação da Defesa do Oriente Médio. Esse organismo, que funcionará no Quartel-General do Comando do Oriente Médio, constituirá a ligação entre este e os países prontos a participar da defesa da região;

8.º) todas as facilidades concedidas ao Comando do Oriente Médio pelos Estados que se associarem à defesa da zona serão objeto de acordos particulares;

9.º) a amplitude da missão do Comando do Oriente Médio e a cooperação que implica na necessidade, para todos os Estados que o seu território, seja ou não situado na região, sirva o melhor possível os interesses da defesa comum da região. O Comando do Oriente Médio, evidentemente, não terá por objetivo servir de interesses nacionais de um Estado qualquer;

10.º) um dos objetivos permanentes do Comando do Oriente Médio é encher as lacunas atualmente existentes na organização e potencial da defesa de uma região de importância vital. Dessa maneira, a contribuição em tempo de paz dos Estados do Oriente Médio para a defesa dessa região será progressivamente.

PARTICIPAÇÃO DA ALEMANHA NA DEFESA DO ORIENTE

22 — Os ministros de Relações Exteriores das três grandes potências ocidentais e o chanceler alemão, Konrad Adenauer, reunidos em Paris, aprovam na primeira reunião de que participa a Alemanha desde que terminou a segunda guerra mundial, a minuta do acordo contratual com a Alemanha Ocidental. O objetivo da reunião era apalpar o caminho para a inclusão da Alemanha Ocidental na organização da defesa ocidental contra uma agressão comunista. As questões principais a esse respeito são o programa de rearmamento alemão e a cessação ao governo da Alemanha Ocidental de



PEÇAM SEMPRE
A FARINHA
BOA SORTE
EM SAQUINHOS DE 1 KILO

UM PRODUTO DO
MOINHO FLUMINENSE S. A.



Na Inglaterra... no Brasil... em todo o mundo...



ZIMBRO
da Itália



ÂNGELICA
dos E. Unidos

**PORQUE É PREPARADO
COM INGREDIENTES ESPECIAIS
QUE LHE DÃO O SABOR
E O AROMA INCONFUNDÍVEIS!**

Para oferecer aos brasileiros o melhor gin fabricado no mundo - SEAGERS GIN - a SEAGERS DO BRASIL S. A., além de empregar álcool de cereais, 100% puro, de sua exclusiva fabricação, importa as melhores matérias primas existentes nos países de origem. Na Inglaterra, desde 1805 e no Brasil há mais de 16 anos, fabrica-se o melhor gin: SEAGERS GIN!



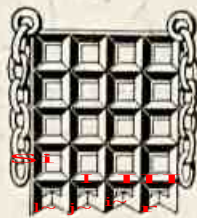
COENTRO
da Inglaterra



LARANJA
do Brasil



CÁLAMO
da Espanha



MARCA REGISTRADA



LÍRIO
da Itália

SEAGERS DO BRASIL S. A.

Rua Humberto Primo, 901 — São Paulo

As. Petrópolis

quase todos os poderes que agora exercem — minem rapidamente todas essas convenções. Os aliados nessa república blica. O O acordo geral será um passo decisivo pa-

Participaram da reunião o secretário de — na a realização do objetivo comum das três Estado norte-americano, Dean Acheson, o — potenciais ocidentais e do governo federal, ministro das Relações Exteriores britânico, — de incorporar a República Federal, sobre Anthony Eden, o chancelier da França, Ro — bases de igualdade, à comunidade europeia, bert Schuman, e Konrad Adenauer, que — incluída na comunidade do Atlântico ainda além de ser o chefe do governo de Bonn, — em processo de desenvolvimento". ocupa a pasta das Relações Exteriores. Os — Quando entrarem em vigor o acordo ge- quatro estadistas, numa declaração dada a — al e as convenções anexas, será revogado publicamente ao terminar a conferência, assi — o Estatuto de Ocupação, com seus poderes naram: — de intervenção nos assuntos internos da

1.º) — Que o acordo contratual aprovado — República Federal, e serão abolidas a Alta hoje em princípio constituirá um passo de — Comissão Aliada e os Centros dos Comis- cisivo para a inclusão da Alemanha Oci — sários. As três potências somente conserva- dental na comunidade europeia sobre bases — rão os direitos extraordinários a que não de igualdade. — podem renunciar devido à situação interna-

2.º) — Que o objetivo principal de seus — monial especial da Alemanha, e que devem respectivos governos é assinar o tratado de — manter em benefício dos quatro Estados, paz com a Alemanha. — Esses direitos referem-se à manutenção e

3.º) — Que se promovem continuar lutando — segurança das fozas na Alemanha, a Ber- pela unificação da Alemanha e pela realiza — lín e a questões relacionadas com a Ale- ção de eleições livres em ambas as zonas — manha em geral.

em que atualmente se acha dividido o país. — A missão das fozas destacadas pelas três 4.º) — Que a decisão final sobre as fron — potenciais na Alemanha é a defesa do mundo teiras da Alemanha deverá esperar a con — livers, do qual a República Federal e Berlim certação do tratado de paz. — formam parte. Sua situação será resolvida

5.º) — Que o acordo contratual não en — detalhadamente em uma das convenções trará em vigor até que os países interessa — anexas. Qualquer disputa que surgir por mo- dos tenham ratificado o plano para a cria — dístico de interpretação ou aplicação do acór- ção do exército defensivo europeu. — do geral ou das convenções anexas, com

Acredita-se que Acheson, Eden e Schu — exceção de certos direitos extraordinários, man advertiram Adenauer de que é muito — será resolvida por um Tribunal de arbitra- provável que o reconhecimento alemão seja — gon. A República Federal, compromete-se retardado devido aos crescentes problemas — a desenvolver sua política de acordo com internacionais nos terrenos econômico e po — os princípios da Carta da ONU e com os lítico. — objetivos expostos no Estatuto do Conselho

O texto da comunicação divulgada ao ter — da Europa. Os quatro Ministros acordaram minar a reunião é o seguinte: "Os ministros — em que o objetivo essencial da política co- das Relações Exteriores da França, Estados — muni de seus governos é a concentração do Unidos e Reino Unido reuniram-se hoje com — Tratado de Paz com a Alemanha, negociado o dr. Konrad Adenauer. Esta reunião, pri — diretamente entre a Alemanha e seus antigos meira ocasião em que o chanceler e minis — inimigos, que deve assentar as bases de uma tro do governo da República Federal Alemã — paz duradoura.

conferência com os chanceleres das três pa — Os Ministros acordaram ainda em que a téncias ocidentais em sessão conjunta, repre — solução final sobre as fronteiras da Alema- senta em si mesmo, um progresso notável na — nha deverá esperar a conclusão desse tra- associação progressiva da República Federal — tado. Os quatro Ministros reiteraram o pro- Alemã com o Ocidente sobre a base da igual — posto de esforçar-se para o estabelecimento

dade. — da unidade alemã e mostraram-se de acór- Os participantes aproveitaram a oca — do a respeito da importância das propostas oportunidade para realizar um estudo geral — apresentadas ante a Assembleia Geral da ONU dos problemas de interesse mútuo. Em par — destinadas a determinar se é possível reali- ticular, os ministros das Relações Exterio — zar simultaneamente eleições livres na Re- res estudaram a minuta do acordo geral en — pública Federal, em Berlim, e na zona sovié- tre os quatro governos que havia sido pre — títica da Alemanha".

parado em Bonn. O objetivo desse acordo — Os quatro Ministros de Relações Exterio- é determinar os princípios essenciais de suas — res consideraram que o acordo contratual que relações futuras, e somente poderá entrar — seus governos assinaram, assim como os Tra- em vigor juntamente com as convenções — tados para a criação de uma comunidade

adiante mencionadas e com o tratado que — auspícia única são medidas essenciais para estabeleça a comunidade da defesa europeia. — a consecução de seu objetivo comum; Foram resolvidas certas questões pendentes — Uma Alemanha unida incorporada à Co- do acordo geral, e os ministros aprovaram — munitate Europeia Ocidental. a ratificação da minuta do acordo por parte — A Adenauer, em declarações à imprensa, de seus governos. O acordo não será assi — depois da conferência, disse considerar que a nado neste momento, já que os quatro go — reunião "teve grande êxito", e acrescentou: vernos acordaram em que deve ser comple — 1.º) — Esta histórica conferência é um mentado por várias convenções que regu — acontecimento político de transcendental im- lam detalhadamente outras questões impor — portância.

2.º) — Estamos unidos estreitamente ao — 2.º) — Isso significa que o povo alemão respectivo países. Os ministros estiveram — Ocidente. Isso significa que o povo alemão de acordo em que é necessário que se ter — em novos motivos para confiar no futuro.

Mediante pequenas contribuições mensais ou anuais, V. S. poderá formar valioso pecúlio subscrevendo títulos de economia da SUL AMERICA CAPITALIZANDO S. A. Os novos títulos de SULACAP oferecem condições grandemente vantajosas.

3.º) — Todos os controles industriais serão eliminados depois que os acordos entrarem em vigor".

CONFERENCIA DO ATLANTICO NORTE

28 — Instalada no dia 24, com a presença de 36 ministros e mais de 400 delegados, encerra-se, em Roma, a reunião do Conselho do Atlântico, cujas resoluções estão resumidas neste comunicado:

1) — O Conselho Atlântico encerrou, hoje, nesta capital, os trabalhos de sua 2.ª sessão. A reunião regular do Conselho realizou-se de conformidade com a decisão tomada, em Ottawa, de realizar sessões mais frequentes, que permitissem proceder, sem solução de continuidade, a trocas de pareceres e que tornasse mais eficaz a unidade de ação do Conselho. Pela primeira vez, colocava-se o Conselho sob a presidência de Lester Pearson, ministro de Assuntos Estrangeiros do Canadá. Da sessão participaram vinte e oito ministros de Assuntos Estrangeiros, Finanças e Defesa. A espera de que os Parla-mentos aprovassem o convite à Grécia e à Turquia para integrar-se ao Tratado Atlântico, os representantes dos dois países assistiram aos trabalhos na qualidade de observadores, tendo estado presentes nas sessões plenárias do Conselho;

2) O Conselho examinou os relatórios das atividades de seus organismos militares e civis. Pediu aos organismos competentes que pusessem em vigor certas recomendações contidas em seus relatórios e que prosseguissem em seus trabalhos a fim de poder prestar contas ao Conselho, por ocasião de sua próxima sessão;

3) O presidente e o vice-presidente britânico da Comissão Temporária do Conselho informaram o Conselho do estado avançado dos trabalhos efetuados pela Comissão, para conciliar as necessidades militares e as possibilidades políticas e econômicas dos países membros. Declararam que o relatório final e as recomendações da Comissão seriam apresentadas aos governos membros a 2 de dezembro. O Conselho tomará conhecimento delas em sua próxima sessão;

4) A Comissão Militar, composta de chefes do Estado-Maior dos países membros reuniu-se em Roma, antes da reunião plenária do Conselho. O Conselho Atlântico examinou os relatórios da Comissão Militar e principalmente os relatórios à preparação e eficácia das forças da NATO. O comandante supremo aliado e seu chefe do Estado-Maior fizeram declarações verbais. O Conselho procedeu a trocas de pontos de vista e tomou decisões sobre diversas questões militares tratadas nesses relatórios;

5) O Conselho Atlântico ouviu o relatório sobre negociações relativas ao estabelecimento da comunidade europeia da defesa e sobre as negociações com a República Federal Alemã acerca dos acordos contratuais destinados a substituir o regime de ocupação. Aprovou o Conselho uma resolução exprimindo a esperança de que os trabalhos da conferência de Paris sejam bem suce-

didados, o mais cedo possível, a fim de que o relatório definitivo possa ser submetido ao exame do Conselho em sua próxima sessão. Pede a resolução que os organismos competentes do Tratado Atlântico estudem, sem tardança, o problema da harmonização dos compromissos assumidos, respectivamente, no quadro da comunidade europeia de defesa e no do Pacto Atlântico, bem como as questões de relações entre as duas organizações, para que se possam entabular, o mais cedo possível, com sucesso, as necessárias ligações com a Conferência de Paris;

6) O Conselho aprovou o relatório provisório que lhe foi apresentado pela Comissão da comunidade do Atlântico, compreendendo representantes da Bélgica, Canadá, Itália, Holanda e Noruega. Frisa o relatório que é preciso desenvolver ainda os recursos às consultas sobre questões de interesse comum. O Conselho decidiu proceder a um exame mais profundo de certo número de propostas visando questões de ordem econômica, social e cultural, a coordenação das atividades dos organismos da NATO e de outros organismos internacionais. A esse respeito, o Conselho recomenda que seja concedida atenção particular aos deslocamentos de população entre os países membros que têm excedentes de mão-de-obra e aqueles em que esta mão-de-obra poderia ser empregada eficazmente. O Conselho encarregou a Comissão de prosseguir em seus trabalhos;

7) O Conselho decidiu que sua próxima sessão se realize em Lisboa, a 2 de fevereiro de 1952.

DEZEMBRO

EM LIBERDADE MONSENHOR STEPINAC

5 — Pôsto em liberdade o dirigente máximo da Igreja Católica na Iugoslávia, arcebispo de Zagreb, monsenhor Alois Stepinac, depois de ter cumprido 5 anos e dois meses da sentença de 16 anos que lhe foi imposta em 8 de outubro de 1946, por um tribunal popular.

UNIAO LATINA

6 — A sessão de encerramento, no dia 19, realizou-se no Salão da Biblioteca do Itamarati, com o comparecimento do presidente da República, que discursou elogiando a carta de princípios da União Latina.

A declaração da União Latina é a seguinte:

"O I Congresso da União Latina, reunido no Rio de Janeiro, formula a seguinte declaração de princípios: Em face da atual situação do mundo, os povos latinos, unidos por destino comum e ligados por laços de solidariedade e comunhão de ideais com os demais países livres, reafirmam a sua fé na dignidade da pessoa humana, em seus direitos fundamentais, na soberania e integridade das nações, no império do Direito, na justiça social e na supremacia dos valores, espirituais que constituem o acervo da sua civilização humanista e cristã. Repelem todas as formas de servidão, tanto econômicas como políticas. E confiam em que estas normas inspirem a conduta dos governantes e dos povos do mundo".

Cada um de seus filhos deve possuir pelo menos um título de economia da SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO S. A. Conhea as grandes vantagens dos novos títulos de SULCAP.

AS RELAÇÕES RUSSO-NORTE-AMERICANAS

NOTAS TROCADAS ENTRE O EMBAIXADOR ALAN KIRK
E O MINISTRO ANDREI VISHINSKY

OUTUBRO

13 — Washington — Os correspondentes da imprensa foram convocados ontem à noite no Departamento de Estado para serem informados do conteúdo das notas verbais trocadas entre o embaixador dos Estados Unidos em Moscou, almirante Alan Kirk, e o ministro de Negócios Estrangeiros da União Soviética, sr. Andrei Vishinsky.

No dia 5 do corrente o almirante Kirk foi visitar o sr. Vishinsky para se despedir dele e apresentar uma nota dos Estados Unidos chamando a atenção do governo soviético sobre a gravidade da situação na Coreia e para lhe pedir que intervisse a fim de facilitar a conclusão de um armistício.

"Na hora atual — declarou o embaixador dos Estados Unidos ao sr. Vishinsky — o assunto explosivo mais importante é a Coreia e as convergências do armistício constituem o aspecto mais imediato desse problema. Um cessar fogo na Coreia em base mutuamente aceitável serviria para reduzir a tensão e contribuiria para estabelecer uma atmosfera na qual novas demarções construtivas poderiam ser efetuadas tendo em vista a solução de outros problemas internacionais urgentes.

O desenvolvimento das relações entre o comando das Nações Unidas e os negociadores chineses e norte-coreanos são incompreensíveis para o governo dos Estados Unidos.

Depois de ter feito o histórico das negociações que levaram à abertura das conversações, o embaixador afirmou que estas últimas "deviam ser estritamente limitadas à questão militar". O Comando das Nações Unidas ficou surpreso e decepcionado — acrescentou o almirante Kirk — ao descobrir que os negociadores da parte adversa insistiam numa linha de armistício cuja natureza não era estritamente militar e criava problemas políticos e territoriais complicados, contrários ao acordo na base do qual as Nações Unidas consentiram em abrir negociações e não conforme com as condições requeridas pela linha de um armistício militar satisfatório.

Era impossível concordar-se em tomar medidas políticas importantes durante as conversações militares entre o Comando das Nações Unidas de uma parte e, de outra parte, o comando pretendendo representar "voluntários" chineses e que representam o regime norte-coreano que não goza de nenhum estatuto internacional.

O Comando das Nações Unidas foi autorizado a participar dessas conversações com o pensamento preconcebido de que elas dariam ocasião ao governo soviético de ajudar na conclusão de um armistício.

Isso não significa — prosseguiu o embaixador — que o governo norte-americano esteja disposto a resolver problemas políticos importantes nas conversações com tais representantes militares comunistas irregulares. Os problemas políticos de um acordo

sobre a Coreia devem ser tratados depois do armistício, pelas Nações Unidas, com os governos interessados, numa base responsável".

O almirante Kirk disse ainda: "Na opinião do governo norte-americano, a atitude do Bloco comunista a respeito do restabelecimento da paz somente será provada pela aceitação pelos negociadores chineses e norte-coreanos de um acordo de armistício baseado em fatores puramente militares".

Em seguida, o embaixador afirmou que o Comando das Nações Unidas deseja sinceramente o armistício mas acrescentou que não tinha nenhuma preocupação com as condições que permitam garantir a segurança das negociações.

Depois de ter afirmado que de "todas as causas da tensão do pós-guerra o problema presente é o problema mais imediato", o almirante declarou que a invasão da Coreia do Sul foi "um ato de agressão sem disfarce. Não quero entrar numa discussão inútil a esse respeito — disse ele — mas desejo satisfazer o sério impasse atual nas conversações do armistício. Certamente o vosso governo reconhece que o fracasso das conversações na Coreia agravará grandemente o caráter explosivo da situação e poderá provocar mais tarde acontecimentos que poderão ser inoportunos do ponto de vista dos nossos dois governos".

Após ter acusado a União Soviética de adotar uma política intransigente, o embaixador declarou: "É inútil dizer ao governo soviético que as outras nações estão decididas a defender seu modo de vida e sua independência. As medidas tomadas atualmente pelos Estados Unidos e outros governos para melhorar sua segurança visam a sua defesa e somente a sua defesa.

Recebi do meu governo a instrução específica de garantir ao governo soviético que os Estados Unidos não têm nenhum desígnio agressivo a respeito da União Soviética ou de quem quer que seja".

E o embaixador concluiu: "Sem a realização de um acordo de armistício na Coreia há poucas esperanças — se é que elas existem — de uma solução verdadeira para os

outros problemas que nos preocupam no mundo inteiro. O armistício na Coreia poderá abrir um horizonte para uma discussão útil tendo em vista a adoção de outras medidas que atenuariam a tensão atual. Em conclusão, desejo exprimir a esperança do governo norte-americano de que poderá ser concluído um armistício na Coreia e que o governo soviético agirá nesse desígnio".

No dia 15, isto é, segunda-feira passada, o sr. Vishinsky respondeu ao encarregado de Negócios norte-americano em Moscou. O ministro dos Negócios Estrangeiros soviético revelou, inicialmente, que o almirante Kirk fez uma declaração que pediu para transmitir ao governo soviético e ao generalíssimo Stalin em pessoa. O sr. Vishinsky acrescentou que pediu o texto da declaração mas que o embaixador recusou, decla-

rando que tinha por instrução apresentar a nota verbalmente. Em consequência, o sr. Vishinsky retornou ponto por ponto a declaração do almirante Kink, resumindo-a. Em seguida respondeu-a em quatro parágrafos:

1.º) Questão coreana — É evidente que o governo norte-americano está inquieto com a situação na Coreia e com a evolução das conversações para pôr fim às hostilidades. Tal inquietação é compreensível pois que como cada qual sabe — depois de ter declarado guerra contra o povo coreano, o governo norte-americano se encontra numa situação que causa dúvidas sobre o resultado da aventura militar que travou na Coreia. Todavia, os propósitos do embaixador americano de desejo do governo norte-americano de uma conclusão feliz das negociações de Kaesong são incompatíveis com a política seguida na matéria pelo governo norte-americano, que recusa sistematicamente todas as propostas visando uma verdadeira solução pacífica do problema coreano e, particularmente, as propostas sugerindo a cessação imediata da guerra agressiva na Coreia, retirada da Coreia de todas as tropas estrangeiras e solução por meios pacíficos da questão coreana.

O sr. Vishinsky fez, então, o histórico de todos os esforços "empreendidos pela União Soviética em favor da cessação da guerra na Coreia". O ministro declarou em seguida que a afirmação segundo a qual a atitude dos parlamentares comunistas é a causa da lentidão das negociações é destituída de qualquer fundamento.

É bem conhecido — disse Vishinsky — que o comando das tropas anglo-americanas na Coreia criou vários obstáculos à continuação normal das negociações, sem falar nas diversas espécies de incidentes provocados pelo general Ridgway para complicar as negociações. São precisamente esses incidentes criados pelo comando norte-americano a razão verdadeira da lentidão das negociações de Kaesong. O melhor modo de assegurar uma conclusão favorável das negociações de armistício seria dar ordem ao general Ridgway para não complicar as negociações por todas as espécies de incidentes.

No que concerne às observações do embaixador norte-americano a respeito da lentidão sobre a qual se encontram as forças armadas dos dois campos depois da cessação da atividade militar — disse mais adiante Vishinsky — a opinião do governo soviético é que essa questão está organicamente ligada à da cessação da atividade militar e, por consequência, não pode ser negligenciada nas negociações de armistício.

Respondendo ao pedido norte-americano ao governo soviético de fazer com que as negociações se concluíam com êxito, o ministro declarou: "É sabido que a União Soviética não é parte nessas negociações. Pelo contrário, o governo norte-americano é uma e, consequentemente, é ele mesmo que deve tomar as medidas necessárias para uma conclusão favorável das negociações".

2.º) Relações entre os Estados Unidos e a União Soviética — Vishinsky revelou a esse respeito que o almirante Kink pediu pessoalmente em nome do governo norte-americano que ele chamasse a atenção do generalissimo Stalin em pessoa sobre a neces-

idade de melhorar as relações entre os dois países. Esse detalhe não está contido na nota norte-americana publicada pelo Departamento de Estado. "Não é necessário dizer — declarou Vishinsky — que é urgente e necessário obter-se uma solução pacífica da questão coreana, no interesse da melhoria da situação internacional". O ministro soviético recordou, então, que várias vezes o governo soviético tentou negociar com os Estados Unidos os problemas internacionais de primeira importância, como por exemplo, disse ele, a criação de uma Alemanha unificada, pacífica, democrática e independente; a proibição incondicional das armas atômicas e o estabelecimento de um controle internacional muito estreito; a cessação da corrida armamentista e a redução das forças armadas; a interdição da propagação de guerra; e a conclusão de um pacto de paz".

Precisou que a União Soviética pediu a inserção dessas questões na Ordem do Dia da Conferência do Palácio Rose, em Paris, mas que os Estados Unidos juntamente com a França e com a Grã-Bretanha recusaram. "Se o governo norte-americano deseja realmente a melhoria das relações norte-americanas soviéticas e a supressão dos mal-entendidos, se deseja verdadeiramente a paz, não faltam ocasiões de confirmar por atos os detalhes de paz mencionados na declaração do governo norte-americano".

3.º) Vishinsky destacou a afirmação do almirante Kink segundo a qual os Estados Unidos não têm nenhuma intenção agressiva a respeito da União Soviética — "16 das essas declarações — disse ele — não impediram os Estados Unidos de aborugar o comércio comercial com a União Soviética, de 1947. Declarações desse gênero — acrescentou — estão em contradição com os atos dos Estados Unidos que mostram que o governo norte-americano não está absolutamente interessado na manutenção da paz. Pode-se ver isso não só na conduta da guerra contra o povo coreano mas também na criação de um bloco atlântico agressivo dirigido contra a União Soviética e contra outras nações democráticas".

4.º) "O governo soviético — disse Vishinsky — não pode deixar passar em silêncio as observações do embaixador relativas às consequências infortunadas ou "desastrosas" em que pensa o governo norte-americano. Tendo a possibilidade da deteriorização das relações norte-americanas-soviéticas quando mal se pode imaginar que essas relações possam piorar ainda mais depois do que o presidente Truman declarou perante o mundo que os acordos com a União Soviética não valiam nem o pedágio de papel em que eram escritos. Será possível, em tais circunstâncias, levar a sério declarações relativas ao desejo de melhorar as relações norte-americanas-soviéticas?"

E Vishinsky concluiu afirmando que apesar de tudo o governo soviético, continuando em sua política de paz e lutando constantemente pelo estabelecimento de uma colaboração entre todos os países que estão prontos para cooperar com a União Soviética, está de acordo em examinar, com a participação do governo dos Estados Unidos, todas as questões importantes não resolvidas e em discutir as medidas que visem melhorar as relações internacionais, inclusive as relações entre a União Soviética e os Estados Unidos.



ele quer
ele precisa

Polvilho Antisseptico



GRANADO

UNIÃO LATINA

Reuniram-se na segunda quinzena de outubro, no Hotel Quitandinha, em Petrópolis, o I Congresso de União Latina. Participaram do Congresso as seguintes delegações:

Argentina — Sr. dr. Juan I. Cooke, embaixador no Brasil; dr. Henrique Pedro Oliva, diretor da Associação Cultural do Ministério das Relações Exteriores da Argentina; sr. Fernando Fernández Escalante, secretário da Embaixada no Brasil.
Brasil — Sr. Etienne de la Vallée Poussin, senador.

Bolívia — Sr. Alberto Virreira, embaixador no Brasil; sr. Gustavo Medeiros, ministro conselheiro da Embaixada no Brasil.

Brasil — Sr. dr. João Neves, ex-embaixador em Lisboa, membro da Academia Brasileira, ministro das Relações Exteriores; sr. dr. Ernesto Simões Filho, ministro da Educação e Saúde; sr. dr. José de Segadas Vianna, ministro do Trabalho, Indústria e Comércio; sr. dr. Raul Fernandes, ex-embaixador em Bruxelas, ex-ministro das Relações Exteriores, vice-presidente da Comissão Brasileira da União Latina; sr. dr. Oswaldo Aranha, ex-embaixador em Washington, ex-ministro das Relações Exteriores; sr. general Oswaldo Cordeiro de Farias, comandante da Escola Superior de Guerra; sr. dr. José Ferreira de Souza, senador federal, professor da Universidade do Brasil; sr. almirante Humberto Arão Leão, diretor da Escola Naval; sr. professor Pedro Calmon, ex-ministro da Educação, reitor da Universidade do Brasil, membro da Academia Brasileira; sr. professor Aloísio de Castro, presidente da Academia Brasileira; sr. Carlos Martins Ferreira de Souza, embaixador do Brasil; sr. ministro Heitor Lyra, chefe do Departamento Político e Cultural do Ministério das Relações Exteriores; sr. dr. Afonso Arinos de Melo Franco, deputado federal; sr. dr. Arthur Santos, deputado federal; sr. ministro Ataulpho N. de Paiva, membro da Academia Brasileira; sr. dr. Levi Carneiro, consultor jurídico do Ministério das Relações Exteriores, da Academia Brasileira; sr. dr. Cláudio de Souza, da Academia Brasileira, presidente do Pen Club do Brasil; sr. professor Miguel Osório de Almeida, membro da Academia Brasileira; sr. professor Antonio Carneiro Leão, da Academia Brasileira; sr. professor Olímpio da Fonseca, diretor do Instituto Oswaldo Cruz; sr. dr. Elmano Cardoso, da Academia Brasileira, diretor do "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro; sr. Austregésilo de Athayde, da Academia Brasileira, secretário-geral da Comissão Brasileira da União Latina; sr. Monsenhor Costa Rego, bispo auxiliar da Diocese do Rio de Janeiro; sr. Adalgisa Neri Fontes; sr. Cecília Melles; sr. Dinah Silveira de Queiroz; sr. Hilde Fávila; sr. Maria Eugénia Celso; sr. dra. Romy Medeiros; sr. Rosalina Coelho Lisboa Laregeititi; sr. dr. Arnaldo Medeiros, professor da Universidade do Brasil; sr. brigadeiro Guedes Muniz, ex-diretor da

Fábrica Nacional de Motores; sr. ministro Mario Guimarães, chefe da Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores; sr. ministro Aguilalido Boulitreau Fragon, chefe da Divisão do Cerimonial do Ministério das Relações Exteriores; sr. ministro Orlando Guenello de Castro, chefe da Divisão de Atos Internacionais; sr. ministro Osório Dutra; sr. Renato Almeida, chefe do Serviço de Informações do Ministério das Relações Exteriores; sr. dr. Hermes Lima, professor da Universidade do Brasil; sr. tenente-coronel Caio Miranda, diretor da Agência Nacional; sr. dr. Assis Chateaubriand, diretor dos "Diários Associados"; sr. dr. Jayme de Barros Gomes, conselheiro de Embaixada; sr. professor Américo Jacintho Lacombe, diretor da Casa "Ruy Barbosa"; sr. André Carrazzoni, diretor de "A Noite"; sr. dr. José Mario Bello, ex-senador federal, professor da Universidade do Brasil; sr. Augusto Frederico Schmidt, jornalista e escritor; sr. dr. Francisco Santiago Dantas, professor da Universidade do Brasil; sr. dr. José Luis do Rego, jornalista e escritor; sr. dr. Carlos Delgado de Carvalho, professor da Universidade do Brasil.

Chile — Sr. Luis David, Cruz Ocampo, ex-embaixador da Rússia.
Colômbia — Sr. dr. Darío Botero Isaza, embaixador no Brasil; sr. Carlos Alborez, embaixador no Paraguai; sr. Raimundo Emilio Roman, ministro plenipotenciário no Uruguai.
Costa Rica — Sr. dr. Edmundo Geill de Reulhoy, encarregado de Negócios interino no Brasil; sr. Piedad de Mendiola, adido cultural da Legação no Brasil; sr. Eugenio Veiga Giraldez, conselheiro da Legação no Brasil; sr. Juan N. Valenzuela Corrae, vice-consul no Rio de Janeiro.

Cuba — Sr. Gabriel Landa, embaixador no Brasil; sr. Guillermo Martínez Márquez, diretor do "El País".

República Dominicana — Sr. dr. Victor Gantijo, embaixador no Brasil.

El Salvador — Sr. dr. Ramón López Jiménez, ministro plenipotenciário no Brasil.

Equador — Sr. Arturo Borreto, embaixador no Brasil; sr. ministro Leopoldo Benítez Vinueza, ministro do Uruguai; sr. Carlos Mantilla, diretor do jornal "El Comercio".

Espanha — Sr. ministro Juan Pablo Lojendio, diretor-geral das Relações Culturais; sr. Marques de Loxoya, ex-diretor-geral de Belas Artes, acadêmico de História e aca-

dêmico de Belas Artes; sr. Manuel Fagundes, catedrático da Universidade de Madrid e representante do Instituto de Cultura Hispânica; sr. Florentino Pérez Embil, diretor da Propaganda, catedrático de História e Decobrimiento Geográfico; sr. Garcia Vi-

llobas, adido cultural da Embaixada no Brasil.

Francia — Sr. Edgard Faure, ministro da Justiça; sr. Louis Joxe, diretor das Relações Culturais no Qual d'Orsay; sr. Marcel Abraham, diretor das Relações Universitárias no Ministério da Educação Nacional;

O mais útil presente de Natal é o Título Salgado por pagamento único, da SUL AMÉRICA CAPITALIZADORA S. A. Conheça as excepcionais vantagens dos novos títulos de economia emitidos por SULACAP.

sr. Georges Duhamel, da Academia Francesa; sr. Jacques Duhamel, chefe do gabinete do ministro da Justiça; sr. Pierre Jamme, primeiro secretário da Embaixada no Brasil.

Brasil — Sr. dr. José Luis Aguilarr de León, ministro plenipotenciário no Brasil.

Haiti — Sr. Pierre Rigaud, ministro plenipotenciário no Brasil; sr. Pierre Carzic, secretário da Legação no Brasil.

Honduras — Sr. Virgilio R. Falvez, ministro plenipotenciário no Equador; sr. Manuel Soto Pontes, cônsul no Rio de Janeiro.

Itália — Sr. Giulio Andreotti, deputado no Parlamento, membro do governo, subsecretário de Estado na presidência do Conselho

de Ministros; sr. Giuseppe Tucci, professor da Universidade de Roma; sr. dr. Nicola De Piero, diretor-geral na presidência do Conselho de Ministros; sr. dr. Giorgio Ceccherini, jornalista e escritor; sr. dr. Emanuele Cassuto, diretor-geral de "Unità"; e diretor da "Voce d'Italia"; sr. dr. Alfredo Stendardo, adido de Imprensa e Cultural na Em-

baixada no Brasil.

México — Sr. dr. Antonio Villalobos, embaixador no Brasil; sr. Fernando Lagarde y Vigili, ministro conselheiro, representante da Comissão Mexicana da União Latina; dr. José de Vasconcellos, representante da Comissão Mexicana da União Latina.

Nicaragua — Sr. Justino Samón Balladères, ministro plenipotenciário no Brasil; dr. Julio Cesar Alegria, conselheiro.

Panamá — Sr. Los Ignacio Quirós y Quirós, ministro plenipotenciário no Brasil.

Paraguai — Sr. Juan Boggiro, presidente do Instituto Paraguai (Brasil), membro do Comité Nacional Paraguai, professor da Faculdade de Medicina; sr. dr. Ezequiel Gonzalez Alsina, diretor do diário "La Union", membro da Comissão Paraguai da União Latina, secretário da Universidade do Paraguai; sra. Maria Concepción Leyes de Chaves, presidente da Comissão Paraguai da União Latina.

Peru — Sr. Diomedes Arias Schneider, embaixador na Itália; sr. Mariano Iberico Rodriguez, professor da Universidade de São Marcos; sr. dr. Felipe Tudela, embaixador no Brasil.

Portugal — Sr. dr. Augusto de Castro, ministro plenipotenciário em Paris, presidente da Comissão Portuguesa da União Latina; sr. dr. Alfredo Alencastro da Veiga, 1.º secretário da Embaixada no Brasil; sr. dr. Hercúlio Rebordão, adido de Imprensa da Embaixada no Brasil (não estando presente o ministro Augusto de Castro, assume a chefia da delegação o sr. Antonio de Ma-

ria, embaixador de Portugal no Brasil).

Romênia — Sr. M. C. Marinesco, professor Universitário; sr. N. Dianu, secretário-geral da Comissão Romêna da União Latina; sr. Jean Diamandy, da Comissão de Socorro à Romênia; sr. comandante de mar-e-guerra Ion Economou, representante da Comissão Romêna da União Latina; sr. coronel Eduard Ressel, secretário-geral da Comissão de Socorro à Romênia.

Uruguai — Sr. Oscar Seco Elauri, professor da Universidade de Montevideo, ex-

ministro das Relações Exteriores; sr. dr. Gerardo E. Echever, embaixador no Brasil; sr. José Luis Zornilla de San Martín, es-

cultor.

Venezuela — Sr. dr. Tito Gutierrez Alfaro, embaixador no Brasil.

Observações: Estados Unidos da América — Sr. Sheldon T. Mills, ministro conselheiro da Embaixada no Brasil; sr. Alan K. Manchester, adido cultural da Embaixada no Brasil.

Grã-Bretanha — Sir Neville Montagu Butler, embaixador no Brasil; sr. Vernon Elliot Brumfield, representante do Conselho Britânico no Rio de Janeiro.

Países Baixos — Sr. T. Elink Schuurman, ministro no Brasil; barão M. W. H. Collet Felsky, secretário da Legação no Brasil.

Suécia — Sr. Monseñor João Fernandes, adido da Nunciatura Apostólica no Brasil.

Uruguai — Sr. Benjamin Cohen, secretário-geral adjunto.

Uruguai — Sr. dr. prof. Paulo B. Carneiro, presidente do Conselho Executivo da UNESCO.

Secretariado da União Latina em Paris — Sr. Pierre Cahanes, secretário-geral; sr. Dominique Martin, encarregado de Missão na Propaganda; sr. Jacques Maloubier, chefe de Imprensa.

Secretaria Geral do Congresso — Secretário-geral ministro Heitor Lyra; secretário-geral adjunto, conselheiro de Embaixada

José de Barros; tesoureiro, dr. Renato Almeida; secretários: conselheiro de Embaixada Antonio Roberto de Araujo Botelho;

2.º secretário de Embaixada, sra. Dora Vasconcellos; 2.º secretário de Embaixada, sr. José Julio Carvalho Pereira de Moraes;

3.º secretário de Embaixada sr. Manoel de Tefé; 4.º secretário de Embaixada sr. João Gracie Lampegia; 2.º secretário de Embaixada, sr. Heitor Bastos Tigre, cônsul, sr. Gilberto Chateaubriand, Bandeira de Mello, cônsul sr. Angelo João Regatieri Ferrari, 2.º secretário sr. Octavio de Souza Bandeira; cônsul, sr. Luis Tenisse da Fontoura; cônsul, sr. Nisio Medeiros; Baptista Martins; auxiliares: Ira-

cemi de Lobo Bethlem, Haroldo Tapajós Gomes, Uranio de Almeida Vianna, Maria de Lourdes Alfinito, Clovis Martins Ferreira Smith Benz, Alayde de Oliveira, Sylvia de Moraes, Zina Montanarys Leite, Natércia Soares de Oliveira, Nadyr dos Santos, José Carlos Leal.

ESTATUTOS DA UNIÃO LATINA

Art. 1.º — A União Latina é constituída por todos os países latino participantes do Congresso do Rio de Janeiro, o que a ele aderiram posteriormente.

Art. 2.º — A União Latina terá as seguintes finalidades: a) assegurar a defesa dos princípios sobre que repousam a civilização latina e os estilos de vida e pensamentos que constituem suas características essenciais; b)

Não deixe passar o Natal de 1952 sem apresentar seus filhos com Títulos Saldados por pagamento único da SUL AMERICA CAPITALIZADA S. A. Pagamento do capital garantido em 10 ou 20 anos. Lucros do 10.º ou 15.º ano de vigência do título. Conheça as excepcionais vantagens oferecidas pelos novos títulos de SULACAP.

favorecer os laços espirituais e o intercâmbio intelectual entre os países latino-americanos.

Art. 3.º = A União Latina possuirá 3 órgãos dirigentes: o Congresso, o Conselho Internacional e o Secretariado Geral, este com sede em Paris, bem como Comissões Nacionais, organizadas nos países que dela forem membros.

Art. 4.º = O prazo de duração será ilimitado.

Art. 5.º = As entidades e as pessoas jurídicas que desejarem integrar a União Latina deverão fazê-lo por intermédio das respectivas Comissões Nacionais, que encaminharão as solicitações ao Conselho Internacional, através do Secretariado Geral.

Art. 6.º = A União Latina é administrada pelo Conselho Internacional que se compõe de 9 membros eleitos pelo Congresso, dois terços dos quais renováveis. As funções do Conselho Internacional são permanentes e ele pode reunir-se em qualquer lugar, mediante deliberação da maioria dos seus membros, tomada através do Secretariado Geral.

Art. 7.º = As Comissões Nacionais, organizadas na forma de seus regimentos e aprovadas pelo Conselho Internacional, incumbirão a direção e o incremento, em cada país, dos objetivos da União Latina.

Art. 8.º = O Secretariado Geral será eleito em cada Congresso, conjuntamente com o Conselho Internacional.

Art. 9.º = O Congresso da União Latina se reunirá bienalmente no país que for para isso designado na reunião anterior.

Art. 10 = O Congresso se comporá de representantes das Comissões Nacionais. Cada Comissão terá direito a um voto, e a ordem do dia será proposta pela Comissão Nacional do país onde se realizará o Congresso.

Art. 11 = O Congresso analisa relatórios sobre a gestão do Conselho Internacional e sobre a situação financeira do organismo, aprova as contas do exercício passado, vota o orçamento para o próximo exercício, delibera sobre as questões postas na ordem do dia e trata do renovação dos membros do Conselho Internacional.

Art. 12 = O Congresso fixará o orçamento da União Latina e determinará a contribuição de cada Comissão Nacional para esse orçamento.

Art. 13 = As contribuições, dotações e subvenções feitas à União Latina ou às suas Comissões Nacionais constituirão partes integrantes do orçamento geral ou dos orçamentos regionais da organização.

Art. 14 = Os Estatutos só poderão ser modificados por proposta do Conselho Internacional ou pelo menos um terço das Comissões Nacionais constituídas do Congresso, a qual deverá ser submetida ao secretário-geral, pelo menos um mês antes da data de abertura do Congresso.

Disposição Transitória = Artigo único
O secretário-geral para o primeiro período será eleito na sessão preparatória do Congresso.

* * *

O CASO DE "LA PRENSA" HISTÓRICO

A odiosa perseguição que veio privar "La Prensa" da propriedade direta da família Paz, desde que o grande jornal foi fundado, em 1896, marca o fim de uma série de ataques iniciados em 11 de outubro de 1943, pouco depois da revolução daquele ano, data em que o edifício central de "La Prensa" foi apedrejado por desconhecidos. A 25 de abril de 1945, "La Prensa" foi fechada por 5 dias, pelo governo do general Edelmiro Farrell, por publicar uma informação intitulada: "Economia nos hospitais municipais". A 6 de julho de 1945, foi estabelecida a censura da imprensa local e o coronel Juan Perón, que então era ministro da guerra, chamou à sua presença os diretores de todos os jornais de Buenos Aires e informou-lhes de que a "liberdade de imprensa terminara à meia-noite de hoje. O governo não permitia oposição por parte da imprensa argentina". A 26 de julho de 1945, grupos organizados pela Confederação Geral de Empregados do Comércio tentaram assaltar "La Prensa" e "La Nación" foram acusadas de rendição do Japão, grupos fizeram disparos contra "La Prensa", "Crítica" e "La Razón". A 24 de setembro de 1945, o diretor de "La Prensa", Alberto Gainza Paz, foi preso durante 18 horas. A 28 de setembro

de 1945, Adolfo Lamus e Alfredo Genser, redatores de "La Prensa" e outros jornalistas desta capital foram presos. A 8 de janeiro de 1946, as autoridades acusaram "La Prensa", de publicar notícias tendenciosas.

A 24 de janeiro de 1947, matias atacavam o edifício de "La Prensa", depois de um comício da Confederação Geral do Trabalho, em apoio ao plano quinquenal. A 2 de fevereiro do mesmo ano, os nacionalistas apedrejaram a sucursal de "La Prensa" no bairro Flores. A 19 do mesmo mês, "La Prensa" e "La Nación" foram acusadas de votar a lei, usando papel isento de imposto para publicar jornais com anúncios. A 7 de março do mesmo ano, a polícia dispersou um comício nacionalista contra "La Prensa", depois de um discurso de Perón aos dirigentes da Confederação Geral do Trabalho.

A 8 de março, apareceram cartazes aprovados pela Subsecretaria de informação dizendo que "La Prensa", era contra o país.

No dia seguinte, o Sindicato de Vendedores de Jornais, afixou cartazes, dizendo que "La Prensa" é a inimiga número um dos trabalhadores de jornais e dos trabalhadores em geral". A 12 do mesmo mês, apareceram cartazes do partido peronista, recomendando

A maneira mais prática e segura de formar sólido pecúlio, é adquirir títulos de economia da S.A. AMÉRICA CAPITALIZAÇÃO S. A. Procure conhecer as vantagens que oferecem os novos títulos emitidos por SULACAP.

que não se comprasse "La Prensa". A 16 do mesmo mês, o Sindicato dos Vendedores de Jornais pediu ao ministro do Trabalho que ordenasse "La Prensa" a suspender as assinaturas e solicitar que a edição dominical que era vendida a 15 centavos fosse vendida a eles ao preço de 7 centavos, ao que "La Prensa" se negou. A 1.º de abril do mesmo ano, o Sindicato voltou a fixar cartazes contra o "imposto número um", em toda a cidade. A 17 de outubro do mesmo ano, turbas assaltaram "La Prensa", rompendo persianas e quebrando lâmpadas, mas sem conseguirem entrar no edifício. A 24 de setembro do ano seguinte, fracassou também outra tentativa de assalto à "La Prensa", durante uma hora e 10 minutos. A 4 de outubro de 1948 o governo desapropriou 3.374 toneladas de papel de "La Prensa" e reduziu as edições de todos os jornais a 16 páginas, das 34 que eram publicadas diariamente. A 27 de novembro do mesmo ano, o governo denegou o pedido de "La Prensa" no sentido de que lhes fosse devolvido 10% do papel confiscado. De 8 de fevereiro a 4 de março de 1949, "La Prensa" e todos os jornais da capital foram fechados em virtude da greve dos operários gráficos. Em julho de 1949, a emissora do governo desencadeou uma campanha sistemática durante um mês contra "La Prensa". A 23 de novembro, uma comissão do Congresso interveio na contabilidade de "La Prensa" e colocou a polícia no interior e nas portas do edifício. A 9 de março de 1950, "La Prensa" foi suprimida da lista de importadores de papel, a fim de impedir que o jornal importasse o próprio papel, assim como anteriormente a comissão havia impedido a instalação de uma nova máquina de "La Prensa". A 16 de novembro o governo reduziu o papel controlado para o aludido jornal, em 20%, reduzindo a circulação de "La Prensa". A 25 de janeiro de 1951, o Sindicato dos Vendedores de Jornais apresentou um ultimato de 24 horas, esgotado no dia 23, exigindo 20 % sobre as rendas dos anúncios classificados, o domínio completo das vendas através da eliminação das assinaturas e sucursais do jornal, bem como um centavo do preço de cada exemplar para o fundo de beneficência do sindicato. Esse foi o ponto inicial dos fatos posteriores, que determinaram a morte de um empregado e 14 feridos no dia 27 de fevereiro, quando as oficinas foram desocupadas, até chegar à situação atual.

De acordo com a decisão tomada na véspera, pelo pessoal, decisão que foi comunicada aos ministérios do Interior e do Trabalho bem como ao chefe de polícia, cerca de 1.300 redatores, empregados e operários de "La Prensa" se reuniram no pátio central do edifício do citado jornal, na Avenida de Mayo, no centro da cidade.

A decisão de reiniciar o trabalho foi ratificada e os operários se dirigiram, em pequenos grupos isolados, para as oficinas situadas a algumas centenas de metros depois de, no interior do próprio edifício, terem entendido junto com o pessoal do jornal o Hino Nacional Argentino.

Os primeiros operários que se dirigiam ao trabalho não tardaram em ver diante deles, no cruzamento das ruas, um grupo de homens com atitude visivelmente hostil. Sem recuar em sua tentativa e contando com a proteção da polícia, cuja garagem se encontrava justamente entre eles e o grupo de

homens, os operários continuaram a avançar. Foi nesse momento que, de revólveres nas mãos, o grupo se abriu em leque e, avançando alguns metros, começou a atirar sobre os operários de "La Prensa", enquanto que de um automóvel estacionado nas proximidades também partiam tiros. Os operários de "La Prensa" se dispersaram deixando um dos deles, Roberto Nunez, de 36 anos, que faleceu quando era levado para um hospital, ao passo que 14 outros ficaram feridos. Um fotógrafo que tentou bater umas chapas da cena, e notadamente do assassino de Nunez, foi violentamente agredido e teve seu aparelho destruído a coronhadas de revólver.

Vários outros incidentes secundários se desenvolveram enquanto os agressores fugiam ou se colocavam sob a proteção da polícia.

Os operários conseguiram chegar até a oficina, onde a polícia iniciou um inquérito, mas em seguida abandonou o local.

Comentando o tiroteio, diz "La Nación": "O grupo agressor era facilmente identificável e não parecia nem aos meios jornalísticos, nem aos gráficos, nem aos jornalistas. Pode consumir impunemente seu plano, de vez que nenhum dos seus componentes foi detido. Em troca, o pessoal que entrou nas oficinas e deu início a suas tarefas para o número que devia sair no dia seguinte, foi obrigado a interrompê-las e detido, por decisão exclusiva da polícia. Esta é a verdade das ocorrências. A opinião pública a conhecerá, e será vão tergiversá-la. Fica como um testemunho a mais de nossa época. Fica também o exemplo simbólico de que um operário tenha caído morto em meio a seus companheiros, porque desejava exercer tranquilamente o direito de trabalhar".

"La Nación" sublinha que os diretores de "La Prensa" anunciaram que o falecido, Roberto Nunez, continuará a figurar na folha de pagamentos perpetuamente, para que sua esposa e filhos recebam seu salário.

Gainza Paz, diretor de "La Prensa", refugiado no Uruguai, dirige uma mensagem de saudação, e agradecimento ao pessoal do jornal pelo "extraordinário exemplo de lealdade aos princípios, sempre sustentados por 'La Prensa' e que fizeram a grandeza da Argentina". Declarando que esses princípios triunfarão, Gainza Paz esclarece que sua presença em Buenos Aires somente se poderia verificar para exercer livremente o jornalismo. "Tenho direitos constitucionais, que pertencem a todos os cidadãos, incluindo-se entre esses direitos a liberdade de defesa, porém ante os fatos ocorridos, e ante o procedimento da comissão interventora, cujo presidente ocupa o meu próprio gabinete de diretor de 'La Prensa', considero que por enquanto não posso regressar a Buenos Aires".

A perseguição à imprensa constituiu-se norma no regime peronista. "La Prensa" e "La Nación" são acusadas de terem violado a lei que isenta de impostos de importação o papel de imprensa, a pretexto de que o papel de imprensa importado com isenção só poderia ser usado para a publicação de notícias, ao passo que ambos os jornais publicavam anúncios juntamente, os editoriais e artigos assinados. Os pagamentos de impostos e multas exigidos a "La Prensa" importavam em 32.034.301 pesos, desde 1939.

"La Nación" deveria pagar cerca de 20 milhões de pesos.

I CONGRESSO NACIONAL DE POLÍCIA

"A DEFESA DA DEMOCRACIA EXIGE SACRIFÍCIO — LUTAMOS APENAS COM A ARMA DA LEI, ENQUANTO SEUS INIMIGOS LANÇAM MÃO DA ALEVIOSIA, DA FRAUDE E DAS FALHAS OCASIONAIS DO REGIME, QUE SÃO HABILMENTE EXPLORADAS A SERVIÇO DE SEUS OBJETIVOS" — PALAVRAS DO MINISTRO DA JUSTIÇA NA INSTALAÇÃO DO I CONGRESSO NACIONAL DE POLÍCIA



A MESA QUE PRESIDIU OS TRABALHOS

No gabinete do chefe de Polícia, com a sessão preparatória e a apresentação de credenciais pelos membros das comissões estaduais e dos territórios, ausentes o do Maranhão e também o do Território do Rio Branco que deixaram de enviar representantes, foi dado começo ao Congresso.

Foram estabelecidas as normas gerais de trabalhos organizadas em definitivo as comissões encarregadas da discussão do tema, fixados os limites de tempo para uso de palavra, na defesa das teses. Foi escolhido o sr. Elpidio Reale, secretário de Segurança do Estado de São Paulo, para representar os conferencistas na reunião solene agradecendo ao chefe de Polícia desta capital.

No auditório do Ministério da Educação, representando o presidente da República o ministro da Justiça, sr. Francisco Negro de Lima, constituída a Mesa que dirigirá os trabalhos, presentes os ministros José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal; Edgard Costa, presidente do Superior Tribunal Eleitoral; Toscano Espindola, presidente do Tribunal de Justiça; Macedo Ludolf, presidente do Tribunal Federal de

Recursos; o sr. João Carlos Vital, prefeito do Distrito Federal; o sr. Plínio Travaes, procurador geral da República; padre Alberto Costa Rego, representante do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, deu por aberta a sessão, tomando a palavra o chefe de Polícia, que falou, como presidente executivo da conferência.

Inicialmente, o general Ciro Rezende aludiu a participação ativa do ministro da Justiça em todos os empreendimentos da Polícia desta capital para o melhor atendimento das necessidades da segurança pública, acrescentando que embora por isso mesmo a presença do ministro fosse muito familiar aos corações dos policiais, nem por isso, menos imprescindível se tornava a todos, que se orgulhavam com o seu compadecimento à sessão.

SAUDAÇÃO AOS CONFERENCISTAS

O chefe de Polícia desta capital deu as boas vindas aos representantes das unidades da Federação. Acentuou a grande significação desse trabalho unido, para melhor orientação da segurança pública e preservação da or-

dem e intangibilidade dos direitos do homem. Passou, depois, a apreciar as vantagens da reunião, mostrando em comparação com a técnica militar o quanto importa o adestramento prático das forças de vanguarda, um completo equipamento e um serviço permanente de suprimento, para sua eficiência, sem o que, estaria um exército em movimento, condenado irremediavelmente à perda. A polícia vanguarda das forças da nação em seu estado de alerta permanente contra a criminalidade também precisa desse adestramento prático.

Examina o quanto tem sido deixado em lado essa preparação ao mesmo tempo em que a ausência de meios impede a colheita de maiores frutos em favor da segurança pública.

Acentua que na atual evolução política não podem as diferentes unidades tornar-se estanques auto-suficientes, mas precisam cooperar umas com as outras, chegando ao imprescindível sincronismo e orientação uniforme, concluiu, dizendo de sua satisfação pelo modo como todos acorrem a colaborar, tornando-se credores dos agradecimentos da pátria.

FALA O SR. REALE

O sr. Elpidio Reale, secretário de Segurança de São Paulo, disse de sua certeza de que pela escolha de sua pessoa, estava sendo homenageado o Estado de São Paulo. Passou a analisar o valor da conferência, dizendo a uma ideia vitoriosa, não só pela unidade de pontos de vista, que vem podendo observar, como pelo espírito de cooperação que em todos se observa. Acrescentou que o vocabulário policial como o professor Pasquale Tuozzi, seu significado amplo todo o conjunto de meios e de funções ligados à manutenção da ordem numa sociedade constituída em Estado. Se outros órgãos dispõem de organização e planejamento não poderá a polícia lutar contra o crime sem esses mesmos veículos. Analisa, então, a luta da polícia contra o crime e se congratula com o chefe de Polícia desta capital pela iniciativa da conferência.

A PALAVRA DO MINISTRO DA JUSTIÇA

Encerrou a solenidade o sr. Francisco Ne grão de Lima, ministro da Justiça com o seguinte discurso:

"Este congresso representa a primeira tentativa de vulto que se empreende no sentido de ser estabelecida maior uniformidade de ação das polícias federal, estaduais e territoriais, visando a obtenção de melhor rendimento no serviço e a mais perfeita observância da legislação penal e das regras processuais, comuns a todo o Brasil."

Sem a articulação que se está ensaiando, sem a existência de um ambiente geral de entendimento e cooperação, jamais terá o poder de polícia amplitude bastante para assegurar ao país um clima de completa ordem, segurança e tranquilidade, por isso ser impossível superar dificuldades de ordem burocrática e problemas de jurisdição policial.

A importância e a atualidade dos temas em estudo, o alto discernimento dos que aqui se reúnem, asseguram-nos, desde já, o plano êxito deste conclave magnífico.

As teses a serem debatidas envolvem exclusivamente problemas técnicos e adminis-

trativos, comuns a todas as polícias civis, e que, portanto, podem e devem ser tratadas diante dos olhos vigilantes do nosso esclarecido povo. E' deveras confortador que as polícias se socorram unicamente da técnica, abandonando em definitivo os tristes e repulsivos métodos medievais de espancamento e tortura incompatíveis com a dignidade do homem e com a Constituição positiva do nosso regime.

O governo federal não desconhece a necessidade de executar uma reforma radical nos órgãos que, sob sua direta responsabilidade, têm o encargo de policiar. E' prelo o dotado de meios mais eficientes, de instalações apropriadas e principalmente de um acréscimo de pessoal capaz e responsável. Sabe também que necessita articular suas diversas corporações policiais para delas obter um esforço convergente e harmônico. O projeto de reorganização do Departamento Federal de Segurança Pública prevê a execução de todas as medidas de ordem administrativa necessárias à conquista de tal objetivo e pode servir portanto como valioso subsídio aos que quiserem entender a tarefa de reformar as polícias estaduais.

A defesa da democracia exige persistência e sacrifício. Lutamos apenas com a arma da lei, enquanto seus inimigos lançam mão da aleivosa, da fraude e das falhas ocasionais do regime, que são hábilmente exploradas a serviço de seus objetivos. Faz-se mister que o poder de polícia possa dispor sem titubeio, entre o que decorre simplesmente do regular exercício das liberdades democráticas e o que visa exatamente a destruição destas liberdades; entre os direitos constitucionais do homem e das instituições e a configuração de ilícito penal. Só assim se conseguirá criar nas massas a convicção de que a polícia não significa para elas uma ameaça, mas, pelo contrário, um elemento de constante proteção, credor da estima e da ajuda dos cidadãos que a custeiam.

São estas as palavras de estímulo e de alento que me ocorrem ao ensejo do encerramento da sessão inaugural desta conferência e que pretendo traduzir, no tocante aos nossos problemas de polícia o ponto de vista do governo, em nome do qual agradeço o devotamento dos que, aqui congregados, contribuíram com sabedoria, dedicação e espírito público, para a solução desses assuntos, dos quais dependem a paz e a ordem e a própria continuidade da Pátria."

LOUVOR A IMPRENSA

Joaquim Cesário da Silva, do Guaraporé, solicitou fosse consignado um voto de louvor à imprensa que se ocupou da 1.ª Conferência Nacional de Polícia.

Em seguida, propôs fosse proclamado presidente de honra da 2.ª Conferência Nacional de Polícia a realizar-se em Pernambuco no próximo ano, o general Ciro Riopardense Rezende.

FALA O CHEFE DE POLÍCIA

Encerrando a 1.ª Conferência Nacional de Polícia, falou o general Ciro Riopardense Rezende, presidente executivo da mesma, que disse da sua satisfação ante os resultados que vêm de ser obtidos pelo conclave. Agradeceu a todos, muito especialmente à imprensa, que classificou de grande e imprescindível colaboradora, ante suas campanhas e críticas construtivas e necessárias.

A VIRGEM DA PENHA DA VITÓRIA

no quarto centenário de fundação da cidade

Oração proferida a 7 de setembro de 1951, na capital espírito-santense, por Dom Aquino Corrêa, arcebispo de Guaiabá, por doce estrelas e os pés virginais apoiados na luz, como se fôra imenso frouxel de cândidos e etéreos arminhos.

Cedendo de bom grado, não sei se ao im-
pério, se ao encanto dos mais honrosos e
amáveis convites, venho ao Espírito Santo,
no quarto centenário da fundação desta in-
clita cidade de Vitória, para a coroação pon-
tificia da histórica Imagem de Nossa Se-
nhora da Benhanha, medianeira de todas as graças.

Nestas poucas palavras, que são apenas o
simples enunciado da minha presença no
meio de vós, vejo eu o esquema luminoso
de magnífico discurso, que bem quisera, mas
infelizmente, não saberei dizer-vos, em todo
o esplendor dos pensamentos, que aí se me
sugere-rem, salvagdo de indivíduos e povos.

GRANDE NOME DUM PEQUENO ESTADO

É a primeira vez, que tenho a honra de
pisar terras do vosso Estado. Estado peque-
nino como as pedras preciosas, jóia que é,
engastada na gloriosa costa oriental do Bra-
sil; pequenino, mas tão rico e belo, que se
diziria uma como miniatura do colosso brasilei-
ro, a começar por esta linda baía, que
algo tem duma iluminação da maravilhosa
Guanabara; Estado tão pequenino, quão
grande é o seu nome, nome adorável, de
que nenhum outro Estado pode gloriar-se,
nome da Terceira Pessoa da Santíssima Trini-
dade, que além de evocar o radioso pente-
costes da vossa civilização, perpetua tam-
bém, numa fórmula sagrada: Espírito-Santo,
o mais alto e vasto programa de vida cristã,
na espiritualidade e na santidade.

O SUPREMO IDEAL DA VITÓRIA

Não menos simbólico e sugestivo é o nome
da vossa capital, quatro vezes secular, gu-
lante cidade, nascida do mar, como a deusa
antiga; cidade, que as ondas, não somente
oculam, mas abraçam, Vitória, nome que
simboliza por assim dizermos, toda a aspi-
ração do homem sobre a terra, por isso que,
seco a sua vida terrana um pouco com-
bate, outro não pode ser o seu ideal, senão
a vitória, maxime aquela, a que nos animo
o apóstolo São João, a suprema vitória da
fé, que vence o mundo: haec est victoria,
quae vincit mundum, fides vestra.

MULHER VESTIDA DE SOL

E eis que numa como encarnação viva de
quanto acabo de vos dizer, símbolo de es-
piritualidade, santidade e vitória, surge nes-
ta hora, hora vespéral e haurimosa das
Ave-Marias, hora, em que, no dizer do poeta,
curvam a fronte, os Dantes e os Haroldos;
hora em que hoje cantam os vossos cora-
ções, como sinos de aleluia; surge nos alicor-
da da nossa fé, a visão resplandecente da bem-
aventurada Virgem Maria, a olimpica Vi-
gem, aqui representada na sua venerável
imagem da Penha, cujo sorriso, iluminando
este presépio, como já foi chamada a vossa
pitoresca urbe, mas presépio, não menos
grandioso que gracioso, resplende, lado a
lado, no firmamento azul da abençoada terra
do divino Espírito-Santo.

E Ela aqui se nos antelha, em toda a
magnificência da sua destumbrante aparição

TROGLODITA SUBLIME

Esta é a misteriosa Virgem, que desde os
albores da nacionalidade, ao longo de qua-
trocentos anos, vem acompanhando com
bençãos, favores e milagres, a evolução as-
censional da vossa vida de povo, desde a
liberdade e lendária caverna de Frei Pedro Pa-
lácios, o troglodita sublime da devação à
Nossa Senhora, cuja imagem trouxe-za Ele a
estas bem-fadadas plagas até ao resplendor
das hodiernas festas centenárias, das quais
a Virgem da Penha é flor e rainha.

E eis que Ela que este predestinado solo, as-
casse para sempre sagrado e florido, com os
tombulos de dois dos seus maiores apóstolos
na terra de Santa Cruz, o mesmo Frei Palá-
cios e o Padre Anchietas, que ambos por
coincidência, lhe dedicaram, cada
qual o seu monumento votivo, à beira dos
mesmos mares: Palácios, a velha ermida das
Palmiteiras, neste legendário morro da Penha,
e Anchietas, o imortal "Poema da Virgem",
lá nas praias brancas de Iperolgue.

A MAIS BELA ORQUIDEIA

Mais do que isto, porém, Maria Santis-
sima, que é motido, mestra e musa da es-
piritualmente evangélica, vem plasmando. Ela
propria, a alma da família e da sociedade
espírito-santense, onde brotou e vive a mi-
mosa flor capixaba do espírito cristão, na
elegância moral da fidelidade e do cavalhei-
rismo, flor muito mais bela e encantadora,
do divino Espírito-Santo, que todas as famosas orquídeas das vossas
poéticas matas do Rio Doce.

E Ela aqui se nos antelha, em toda a
magnificência da sua destumbrante aparição

qual é parte essencial, o culto à Virgem sem mancha, que assim tem providenciado essa formação espiritual do vosso povo, pela pregação dos missionários, continuadores de Palácios e Anchieta, pela feliz organização desta diocese, pela criteriosa colonização do Estado, pelos institutos religiosos de ensino, dentre os quais avulta esse, que ainda antenontem, inaugurava oficialmente as suas novas instalações, o Colégio Salesiano Nossa Senhora da Vitória, de onde vai irradiar, por todos os recantos do vosso torrido natal, o gênio apostólico do grande paladino da Madona Auxiliadora, que é São João Bosco.

Nem seria lícito esquecermos aqui, a obra monumental dessa pleiade brilhante de Bispos que têm frustrado o sólio episcopal de Vitória os quais todos, como sabeis, fizeram da Virgem Mãe de Deus, o invencível paládio dos seus episcopados fecundos, principalmente aquele, que ora governa o bispado, s. exa. revma. o sr. d. Luiz Scortegagna, coração marinho, cuja bondade lembra os pais amos, de que fala São Paulo, e que tem cuidado, com tanta eficiência e carinho, a Igreja da Penha, promovendo ademais, em honra de Nossa Senhora, as apoteoses do Congresso Eucarístico de 1945, bem como do presente Congresso e Coração pontifício.

OROGRAFIA MORAL

De tudo isto, têm nascido essas gerações ilustres de espírito-santenses, de que brilham os vossos fastos, homens de letras e ciências, homens do trabalho, homens de Estado, mas sobretudo homens de fé e caráter, tão bem personificados aqui, na individualidade íntegra e simpática do chefe de Estado, governador Jones dos Santos Neves, que é hoje a mais valiosa aliança de ouro entre o poder civil e o eclesiástico, para maior grandeza da vossa terra.

E não admira que sob tão materna proteção da Virgem Maria, mística jardineira que é, das vocações à virgindade e ao sacerdócio, um pequeno Estado como o Espírito Santo, já tenha dado à Igreja de Deus, dois bispos e dois arcebispos, todos eles consagrados ao Senhor, na profissão magnânima da vida religiosa. Assim é que contemplando o vosso esplêndido mapa geográfico, onde a terra brasileira atinge a sua culminância, na celeberrima Serra de Caparaó, aí vejo a ombrear com esta, a imponente orografia moral da vossa gente, onde se destacam no azul, solitários e solenes, dois picos majestuosos: o Pico dos Bispos, que são Dom João B. Cavatti, ao lado do saudoso Dom Fernando de Souza Monteiro, e o Pico dos Dois Irmãos, que são os eminentes arcebispos Gomes de Oliveira.

A PENHA E O POVO CAPIXABA

Nada mais justo, portanto, do que as vibrantes homenagens populares, com que a alma espírito-santense glorifica a sua querida Mãe e Senhora, aquela mesma Virgem Maria que no dia da sua augusta natividade, a 8 de setembro de 1551, vos deu a vitória definitiva sobre os bárbaros Almorés, e mais tarde estabelecia aqui o trono real das suas mundificâncias, que é a Igreja da Penha, pou-

sada no morro, como uma grande garça branca, espalhando, noite e dia, as asas protetoras sobre Vitória.

Nada mais empolgante do que o frêmito oceânico de alegria cívica e religiosa, com que o vosso povo ora recebe os peregrinos, nesta cidade fantástica, em que se dizia que o mar é tranqüilo, e a terra é que se encapela em morros e penedos, como que alvo-voada em festas, especialmente hoje, que nos paraceu ouvir, sobre nossas cabeças, que nos poderamos ouvir, sobre nossas cabeças, as esteras, enquanto aqui em baixo, desfilava sorrindo a nossos olhos encantados, a juventude das escolas, numa parada florida de esperanças, que passavam e não passavam, porque ficavam dentro em nossos corações de brasileiros.

Nada mais digno da vossa filial generosidade do que a auron e preciosa coroa, que a alma feminina dos vossos lares, tendo à frente a primazeira dama do Estado, vai oferecer à Virgem da Penha, pelas mãos soberanas do Sumo Pontífice, gloriosamente reinante, Sua Santidade o Papa Pio XII.

E nada mais solene do que as liturgias campais que amanhã, aqui se vão desenrolar, e durante as quais a púrpura dum egrégio Cardeal da Santa Igreja Católica, e as insignias dum benemérito embaixador da Santa Sé, derramarão neste ambiente, os mais vivos reflexos da majestade apostólica e universal de Roma.

ALTAR-MOR DA FÉ

E assim Vitória, a formosa metrópole emersa das águas, como a flor das vitórias-régias, verdadeira vitória-régia do vosso orgulho e da vossa glória, Vitória estará transfigurada amanhã, no altar-mor da vossa crença, para o pontifical do Centenário e a romanina dos corações, ciclopico altar-mor, a que as montanhas vão servir de retábulo, sob a azulada cúpula dos céus; ao sol da manhã, qual lâmpada de ouro no azul; e em face do Atlântico, o grande oceano, que beija as areias monásticas do vosso litoral, velho oceano, que testemunha ocular de toda história da Penha, vai entoar, no côro infinito das suas ondas, os mais entusiasmados hosannas à Rainha do céu e da terra.

E assim como a vossa triunfante cidade está comemorando a origem do seu auspicioso nome na vitória decisiva contra a barbárie dos crás Almorés, assim também, vamos pedir à Virgem Santa, que nos torne vitoriosos contra os Almorés de todos os séculos, que são os perigos de todos os instantes.

TRÍPLICE VITÓRIA

E no atual instante da história, três perigos principais parecem ameaçar o indivíduo, a pátria e o mundo: em primeiro lugar, as paixões brutais da irracionalidade, que provocadas pelas insolências da vida moderna, atacam o caráter, especialmente da incauta mocidade ardida e esperançosa; em segundo lugar, o insidioso divórcio, que tenta forçar, com a gazuza da chicana e do absurdo, o venerando santuário da Constituição Nacional, para aí profanar a ara sa-

Procure conhecer as vantagens dos novos Títulos Saldados por pagamento único da SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO S. A. Companhia Nacional para Favorecer a Economia. 10 anos apenas para pagamento do capital garantido. Distribuição dos lucros do 10.º ano de vigência.

crossanta da Família, protegida pelos arcanjos do sacramento magno da indissolubilidade; em terceiro lugar, o comunismo ateu, que envida todos os meios, ainda os mais extremos, para arrancar ao coração da humanidade a fé cristã, e com ela, as últimas esperanças.

Oremos, pois, e a Virgem Mãe de Deus, onipotente na sua intercessão, há de alcançá-los esta triplice vitória, porque o seu templo da Penha, que é a acropole do vosso ideal cristão, a cidadela das energias morais do vosso povo e a arca santa das vossas tradições ancorada nas alturas, para que não possa esconder-se, é também um farol, e farol de Vitória do Espírito-Santo, para iluminar o roteiro de todas as vitórias do espírito sobre a matéria, da santidade da lei e dos costumes, sobre as invasões bárbaras do materialismo.

Viva Nossa Senhora da Penha!

A MACHADINHA PERDIDA

RABELAIS

Houve antigamente um pobre aldeão, natural de Gravat, chamando Couillatris, rachador de lenha, e que neste baixo mister ganhava a sua pobre vida. Aconteceu perder a machadinha. Ora digam-me quem sofreu e se ralou? Foi ele. Porque com a sua machadinha ganhava a vida; com ela vivia honradamente e em boa reputação entre todos os ricos negociantes de lenha; sem a sua machadinha morria de fome. Se a monte seis dias depois o tivesse encontrado sem ela, com a sua foice tê-la-ia ceitado deste mundo. Nesta aflição começou a gritar, a pedir, a implorar Júpiter com orações muito eloquentes (como sabeis a necessidade é a mãe da eloquência) levantando os olhos ao céu, com os olhos em terra, a cabeça descoberta, os braços levantados, os dentes abertos, berçando a cada repetição dos seus sufrágios infatigavelmente em voz muito alta.

— A minha machadinha, Júpiter, a minha machadinha, a minha machadinha, sómente a minha machadinha ou dinheiro para comprar outra! Ai de mim, a minha pobre machadinha!

Aconteceu que Júpiter estava em conselho a respeito de alguns negócios urgentes, em que a velha Cybele estava dando a sua opinião ou, se gostardes mais, o jovem e belo Phœbo. Mas a exclamação de Couillatris foi tão grande que fez um grande medo no conselho e consistório dos deuses.

— Quem diabo, perguntou Júpiter, está lá em baixo a gritar tão horrivelmente? Pelo Styx, não temos tido sempre e não continuamos a ter bastante que fazer em endertar tantos negócios graves naquele mundo desorientado?... Vai ver que é Mercúrio, e pergunta-lhe que quer.

Mercúrio espreitou pela porta do céu por onde eles escutam o que se diz na terra, e que parece uma escotilha de navio.

— Bem, bem, disse Júpiter a Mercúrio, vai lá abaixo e deita aos pés de Couillatris três machadinhas, a sua, uma de ouro e outra de prata, maciças todas e de um calibre; depois deixem-no escolher, e se ele ficar com a sua, deem-lhe as outras duas. Se agar-

rar noutra cortem-lhe a cabeça com a sua; e de hoje em diante façam assim a todos que perderem machadinhas.

Tendo dito isto, Júpiter voltou a cabeça como um macaco a engulir pilulas, fez uma careta tão horrenda que todo o Olimpo tremeu. Mercúrio com o seu chapéu pontagudo, o seu pequeno manto, os seus calcanhares alados e o caduceu, deitou-se pela porta do céu, fendeu o vácuo do ar, desceu rapidamente à terra, deitou aos pés de Couillatris as três machadinhas, e disse-lhe:

— Já gritei bastante para beber; Júpiter ouviu-te as súplicas, vê qual destas três é a tua machadinha e leva-a.

Couillatris pegou na machadinha de ouro, olhou para ela, achou-a muito pesada. E depois disse a Mercúrio:

— Por minha vida, esta não é a minha, não quero nada com ela.

Fêz o mesmo à de prata e disse:

— Nem esta, tão pouco; deixo-vô-la.

Depois pegou na de madeira, olhou para a ponta do cabo, reconheceu a sua marca e estremando de alegria como uma raposa que encontra galinhas extraviadas disse fahnosamente:

— Ora, sim! esta é que é a minha; se me deixardes ficar sacrificai-vos-me um grande pedaço de leite coberto com belos morangos nos Idos de Março (i. é. o dia 15).

— Bom homem, disse Mercúrio, deixotta, toma-a. E como desejaste e escolheste a mediocridade em matéria de machadinhas, por ordem de Júpiter te dou as outras duas. Agorã vem com que te enriqueceres; se honesto.

Couillatris agradeceu cortêsmente a Mercúrio, aderou o grande Júpiter, prendeu a sua machadinha antiga ao cinto de couro e pô-la à cintura como Martinho de Cambraz. As duas outras mais pesadas pô-las aos ombros. Assim caminhou pelos campos fazendo boa cara aos seus vizinhos e paroquianos, dizendo-lhes a frase de Potelin: en ai-je?

No dia seguinte, tendo vestido uma jaqueta branca carregou aos ombros as duas preciosas machadinhas e dirigiu-se a Chinon, cidade insigne, cidade nobre, cidade antiga, a primeira do mundo segundo a asserção dos mais doutos massorethas. Em Chinon trocou a sua machadinha de prata por belos tostões e outras brancas; a sua machadinha de ouro por boas moedas: salutz, moutons, siddes, royaux, escudos. Depois comprou com elles belas quintas, grazias com palheiros, estufas, cavalarias, prados, pomares, campos, vinhas, terras aráveis, pastagens, tanques, molinhos, jardins, bois, vacas, carneiros, cabras, porcos, burros, cavalos, galinhas, galos, capões, frangos, gansos, patos, e uma quantidade de outras coisas, e em pouco tempo tornou-se o homem mais rico do país.

Os seus amigos rachadores de lenha e os aldeões da vizinhança, vendo esta boa fortuna de Couillatris ficaram tão admirados que o seu antigo dolo pelo pobre Couillatris mudou-se em inveja pela sua fortuna tão grande e repentina, e começaram a investigar para indagar por que meio, em que lugar, em que dia, em que hora, em que momento, como e quando tinha apanhado aquêle grande tesouro. Por fim, sabendo que tinha sido por ter perdido a sua machadinha:

— Ah, ah, disseram eles, então basta só perder uma machadinha para se enriquecer?

E começaram todos a perder as machadinhas. Não houve nenhum que não perdesse a sua. Não era filho de boa mãe aquê-

Sudeletrô S.A.

MATERIAL ELÉTRICO PARA ALTA E BAIXA TENSÃO
MOTORES, TRANSFORMADORES, CHAVES, FIOS, CABOS, ETC.
FERRAGENS E LOUÇAS

FERRAMENTAS ELÉTRICAS E MANUAIS, APARELHOS DOMÉSTICOS • LUZ FLUORESCENTE • ARTIGOS FINOS PARA PRESENTES, ETC.

MATRIZ E SEÇÃO TÉCNICA
AV. RIO BRANCO, 85-7º
43-8840

BR. SUDLUX
LUZ FLUORESCENTE
22-4279

MEYER
AVEN. AMARAL CAVALLANTINI
29-6647

PR. DA BANDEIRA
19
46-0058

TOPOCABANA
AV. PR. ISABEL
37-0663

PIETROPOLIS
AV. 13 DE MARÇO, 13
2602

SÃO PAULO
AV. IPIRANGA, 564
6-3642

R. CARIOCA
15-17
42-1591

AV. PRES. VARGAS
854
AV. PASSAGEIRO, 107
43-6120

AV. RIO BRANCO
155
22-9644

BR. SETEMBRO
42
22-6076

UMA EXTENSA REDE A SERVIÇO DE V.S.

que a não perdesse. Nunca mais se cortou lenha no país com falta de machadinhas. Mas, o apólogo diz também que alguns fidalgos de segunda categoria que tinham vendido a Couillatris o seu pequeno campo ou moinho para poder fazer boa figura na revista, tendo ouvido dizer que o tesouro lhe tinha vindo por aquele meio, venderam as espadas para comprar machadinhas a fim de as perder como faziam os aldeões com a esperança de ganhar muito dinheiro com esta perda. Terreis jurado que eram um bando de peregrinos que iam a Roma, vendendo tudo e pedindo emprestado a outrem para comprar indulgências dum papa eleito de novo.

E começaram a gritar, a rezar, a lamentar-se e a invocar Júpiter:

— A minha machadinha, a minha machadinha, Júpiter! A minha machadinha de aqui, a minha machadinha de ali; ai, ai, ai, Júpiter, a minha machadinha!

O ar todo soava com os gritos e gemidos destes que perdiam as machadinhas. Mercúrio foi rápido em levar as machadinhas, oferecendo a cada um a que perdesse, uma de ouro e outra de prata. Todos cobigavam e escolhiam a de ouro, agradecendo ao grande Júpiter doador, mas quando se curvavam para as apanhar do chão, Mercúrio cortava-lhes rápido a cabeça segundo as ordens de Júpiter. E o número de cabeças cortadas era justamente igual ao de machadinhas perdidas.

Vêdes agora como as coisas são; vêdes o que acontece àqueles que na simplicidade dos

seus corações desejam e escolhem as coisas mediocres. Tomai exemplo disto, vós outros pescadores de águas turvas, que não vos contentais com menos de 10.000 francos logo de entrada, e de hoje em diante não faleis tão imprudentemente como eu uma vez ouvi desejar:

— Provera a Deus que tivesse cento e sessenta e oito milhões de ouro. Eih! como eu triunfaria! Que diabo! Que mais haveria de desejar um rei, um imperador ou um papa?

Assim, vêdes por experiência que depois de tendes feito esses exagerados desejos, não apanhais senão tinha, e na bolsa, nem real; nada mais do que sucedeu àqueles dois bilhetes, um dos quais só queria ter em ouro tanto quanto se tem gasto em Paris, vendido e comprado, desde que foi fundada até hoje, e tudo computado pelos pregos do ano mais caro. Pensais que o sujeito era acañado? Tem comido ameixas verdes com casca; tem ficado com os dentes a ranger? O outro desejava a igreja de Nossa Senhora cheia de agulhas desde o chão até às abóbadas, e ter tantos ducados quantos coubessem em tantos sacos quantos pudessem ser cozidos com cada uma daquelas agulhas até que estivessem todas rombas ou quebradas. Isto é que é desejar. Que tal vos parece? E que lhes sucedeu? A noite cada um deles tinha frieiras no calcanhar, uma impingem nos queixos, uma tosse no pulmão, um catarro nas guelas e um furúnculo nas costas.

Desejai pois a mediocridade; ela vos será dada, e ainda mais, se no entanto trabalhades e tordeis diligentemente.

A FAÇANHA DOS JANGADEIROS



Ai estão os bravos jangadeiros, no dia da sua chegada ao Rio: Mestre Jerônimo, Tatá, Mané Preto, Mané Frade e Trinta e Um. No dia 14 de outubro saíram da praia do Melreles, em Fortaleza, iniciando o "raid" ao Rio Grande do Sul, patrocinado pelos nossos colegas de "O Globo". Após uma agitada viagem, durante a qual tiveram que enfrentar mar grosso, no dia 17 de dezembro toda a população de Copacabana, pode dizer-se, presenciou a chegada da valente jangada "Nossa Senhora de Assunção", com os seus valentes tripulantes. Os jangadeiros receberam numerosas homenagens e a jangada esteve exposta ao público até o dia em que prosseguiu viagem para Porto Alegre.

Arsenal de Filadélfia, o "Barroso" é o navio número 1 no tocante às condições do equipamento, acabamento das reformas e instalações de toda a ordem dos navios até agora ali reativados. Asseguraram também, que por ter sido iniciada sua construção em 1935 e incorporação à Marinha em fins de 1937, todos os trabalhos, inclusive o de construção, foram feitos com meticulosidade, sem os atropelos dos outros que foram construídos sob as exigências da guerra, com o tempo de carência necessário às construções navais reduzido ao mínimo.

É o quarto navio desse nome — O atual cruzador "Barroso" é o quarto navio da Marinha a ostentar na popa o nome do glorioso herói do Riachuelo.

O primeiro "Barroso" tomou parte na campanha do Paraguai, com ação destacada na passagem de Itapiru, Curupaiti, Humaitá, Assunção, Tibicuruari, Angaitura, etc. O segundo "Barroso" foi inteiramente construído no Brasil, inclusive as máquinas, e deu duas voltas ao mundo, sendo a primeira

sob o comando de Custódio de Melo, tendo porém naufragado na segunda missão, no Mar Vermelho, em 1893. O "Almirante Salgado", em sua recente passagem pelo local lançou ao mar nas coordenadas do sinistro, em expressiva cerimônia ramos de flores, como homenagem do Brasil. O terceiro "Barroso" serviu à Marinha em inúmeras comissões, de 1895 até dar baixa em 1931. Finalmente, o atual "Barroso" é o ex-"Filadélfia", da Marinha Norte-Americana, tendo tomado parte na guerra do Mediterrâneo. Conduziu o presidente Roosevelt em sua viagem ao Norte da África e tomou parte saliente no desembarque em Salerno e no sul da França. É considerado o navio-fantasma do Mediterrâneo, pois os projéteis nunca o acertaram, nem mesmo nos duelos mantidos com as baterias de costa de Toulon.

Homenagem da F.A.B. — Durante a evolução do comboio naval nas praias de Copacabana, a Aeronáutica numa homenagem muito significativa saudou o "Barroso" por intermédio de seus aviões de caça, que, em grupos, sobrevoaram o comboio.

O QUE A CIDADE REVELA AO TURISTA

É uma verdade que as cidades são como os grandes rios que rolam, levando, muitas vezes, no espelho de suas águas, a imagem das terras que banharam. As cidades não rolam, passam, isto é, transformam-se, dando de fisionomias e costumes. Nas, porém, sempre fica a imagem do que se foi o espírito do que se recorda e se procura reviver na alma e na inteligência das gerações que sob os mesmos céus se vão sucedendo. Saber evocar é uma das condições de superioridade do sentimento humano.

Ao Rio de Janeiro não têm faltado historiadores e cronistas. Para a idade que apresenta, é considerável o número dos que o descrevem para torná-lo mais conhecido e admirado. Uns com mais outros com menos entusiasmo e deslumbramento. Todos, porém, contam, recuando nos séculos sem o temor da convivência dos espectros. Brasileiros e estrangeiros realizaram e realizam uma obra de pura investigação e informação histórica, obra de ilustração e compreensão, aos quais o caracol e o hospede, que o visita, devem saber ser agradecidos.

A razão de ser do nome tão singular que deram à cidade é discutível. Assim não há dúvida que continuará a ser. Atribui-se ao fundador das primeiras descobridoras que aqui chegaram, supondo que entravam pelo estuário de um rio. Mas se se pensar que entre essas descobridoras ou itinerantes, em épocas diversas, estavam Nuno Manoel, André Gonçalves, pilotos experimentados, Gonçalo Coelho, político e administrador, Américo Vespúcio, homem de extraordinária

A razão de ser do nome tão singular que deram à cidade é discutível. Assim não há dúvida que continuará a ser. Atribui-se ao fundador das primeiras descobridoras que aqui chegaram, supondo que entravam pelo estuário de um rio. Mas se se pensar que entre essas descobridoras ou itinerantes, em épocas diversas, estavam Nuno Manoel, André Gonçalves, pilotos experimentados, Gonçalo Coelho, político e administrador, Américo Vespúcio, homem de extraordinária

A razão de ser do nome tão singular que deram à cidade é discutível. Assim não há dúvida que continuará a ser. Atribui-se ao fundador das primeiras descobridoras que aqui chegaram, supondo que entravam pelo estuário de um rio. Mas se se pensar que entre essas descobridoras ou itinerantes, em épocas diversas, estavam Nuno Manoel, André Gonçalves, pilotos experimentados, Gonçalo Coelho, político e administrador, Américo Vespúcio, homem de extraordinária

A razão de ser do nome tão singular que deram à cidade é discutível. Assim não há dúvida que continuará a ser. Atribui-se ao fundador das primeiras descobridoras que aqui chegaram, supondo que entravam pelo estuário de um rio. Mas se se pensar que entre essas descobridoras ou itinerantes, em épocas diversas, estavam Nuno Manoel, André Gonçalves, pilotos experimentados, Gonçalo Coelho, político e administrador, Américo Vespúcio, homem de extraordinária

A razão de ser do nome tão singular que deram à cidade é discutível. Assim não há dúvida que continuará a ser. Atribui-se ao fundador das primeiras descobridoras que aqui chegaram, supondo que entravam pelo estuário de um rio. Mas se se pensar que entre essas descobridoras ou itinerantes, em épocas diversas, estavam Nuno Manoel, André Gonçalves, pilotos experimentados, Gonçalo Coelho, político e administrador, Américo Vespúcio, homem de extraordinária

A razão de ser do nome tão singular que deram à cidade é discutível. Assim não há dúvida que continuará a ser. Atribui-se ao fundador das primeiras descobridoras que aqui chegaram, supondo que entravam pelo estuário de um rio. Mas se se pensar que entre essas descobridoras ou itinerantes, em épocas diversas, estavam Nuno Manoel, André Gonçalves, pilotos experimentados, Gonçalo Coelho, político e administrador, Américo Vespúcio, homem de extraordinária

A razão de ser do nome tão singular que deram à cidade é discutível. Assim não há dúvida que continuará a ser. Atribui-se ao fundador das primeiras descobridoras que aqui chegaram, supondo que entravam pelo estuário de um rio. Mas se se pensar que entre essas descobridoras ou itinerantes, em épocas diversas, estavam Nuno Manoel, André Gonçalves, pilotos experimentados, Gonçalo Coelho, político e administrador, Américo Vespúcio, homem de extraordinária

A razão de ser do nome tão singular que deram à cidade é discutível. Assim não há dúvida que continuará a ser. Atribui-se ao fundador das primeiras descobridoras que aqui chegaram, supondo que entravam pelo estuário de um rio. Mas se se pensar que entre essas descobridoras ou itinerantes, em épocas diversas, estavam Nuno Manoel, André Gonçalves, pilotos experimentados, Gonçalo Coelho, político e administrador, Américo Vespúcio, homem de extraordinária

dante Veiga Cabral. Em 1810, Santo Antônio era promovido por D. João, príncipe regente, a sargento-mor de infantaria e em 1814, ano em que declinava na Europa o terror napoleônico, a tenente-coronel, ven-cento e sódo de 80000 mensais. Teve o título de Conde com grandeza e a Ordem de Cristo.

Não se sabe dos nomes dos pintores que decoraram a capela-mor. Deviam ter sido vários pela diferença de estilo. Na segunda sacristia há um Ezer Honro, que é imagem sacristia há um Ezer Honro, que é imagem vinda de Portugal em 1638 e a qual se atribuem numerosos milagres. Com o óleo que lhe alimentava a lamparina, Frei Fabiano praticou cures famosas. Frei Fabiano morreu em 1747. Em vida, já o consideravam santo. Guardaram dele o moinho de cuja água usava para beber e dar de beber aos milhares de enfermos que o procuravam.

Nesse Convento está o altar portátil do Duque de Caxias, que sempre acompanhou o grande chefe militar nas suas campanhas. Antes de dar batalha, Caxias, diante dele, e cercado de seus generais, fazia rezar a missa. Em 1821, na cela de Frei Sampaio, o ciscano revolucionário, reuniam-se os do movimento libertador, preparando a Independência. O príncipe regente D. Pedro, as vezes, aparecia com José Bonifácio.

No Convento, sepultavam-se figuras ilustres: o cardeal Caleppi, primeiro nuncio apostólico, Frei Fabiano, Monte Alverne, Conde de Vellozo, que ali escreveu a sua Flora Brasileira, estão no claustro. Na Igreja, o poeta Souza Caldas e o religioso leigo Frei Fabiano. Nesse Convento viveu Frei Sampaio, em cuja cela o príncipe regente D. Pedro ia conspirar pela Independência. Sepultaram-se ali alguns príncipes reais da Casa dos Braganças. Os restos mortais da Imperatriz Leopoldina, que se achavam no Convento da Ajuda, depois que este desapareceu, foram transportados para lá. Em 1937, construiu-se o mausoléu no jardim ao lado da sacristia, para guardar esses despojos.

A Igreja da Glória, pelo seu traçado pa-gonal, é das mais curiosas. É provavelmente da primeira metade do século XVIII. O traçado a que aludimos deve ter servido de su-pedâneo para o ritmo de outras igrejas bra-silzeiras. A imperatriz Leopoldina lá ia rezar. D. João VI ali batizou a neto D. Maria da Glória, que seria rainha de Portugal. Monte Alverne, o monge mais eloquente do pa-riço brasileiro, já cego, ali pregou pela der-rotada vez, em 1856, a convite de D. Pe-

A Igreja da Misericórdia guarda uma re-liquia preciosa. É a Bandeira da Misericórdia. Era da tralga que quanto se le-vavam um condenado à força e a este acom-tecia partir-se a corda, caído o padecente vi-vivo, logo os irmãos da Misericórdia o co-briam com a Bandeira da Santa Casa. Essa era a Bandeira da Misericórdia, que ao des-graçado assegurava o perdão. A Irmandade da Santa Casa sempre acompanhou os con-denados, com a regalia de entrar no qua-dro onde se erguia o patibulo. A 21 de

XVII. No gênero, é o que nos resta de uma época colonial remotíssima.

Na vizinhança desse Arco, em casa assobradada, morava um italiano de nome Delecazi. Ali iam ter emigrados seus compatriotas. Um destes foi Garibaldi. Dali, na companhia de Rosetti, emigrado e revolucionário, foi visitar Zambecari, os três politicamente educados pelas lições de Manzini. Zambecari achava-se preso na Fortaleza de Santa Cruz. Rosetti e Zambecari estavam envolvidos na Revolução Farroutista do Rio Grande do Sul, que Bento Gonçalves chefiava. Garibaldi, que participou da famosa Legião Italiana de Montevideu, serviu sob as ordens de Bento Gonçalves, comandando a esquadilha de lanchões e fazendo a guerra de corso.

Na Praça 15 de Novembro, há um cha-faziz. É um dos últimos traços da fisionomia do antigo Terreiro do Papo. Marca a primeira localização do cais. Data de 1789.

O Jardim Botânico é criação do tempo do Brasil-Reino. Lá está a palmeira que Dom João VI plantou. Deve ser observado ao fundo da aléia de plameiras o pórtico da Academia Imperial de Belas Artes, trabalho do arquiteto francês Granjean de Montigny. Foi inaugurado em 1826. Quando a Academia passou a ser o Ministério da Fazenda, retirou-se o pórtico, que se levou para o Jardim. Os seus azulejos são gaba-dos e o local é de grande perspectiva.

A porta da Academia estava a estátua do ator João Caetano, que se transferiu para a frente do Teatro que hoje tem o seu nome.

Um dos fortes mais antigos do Rio é o de Caetano Madeira, mandado construir pelo Conde de Rezende, entre 1793 e 1795. Ainda há os vestígios coloniais desse Forte no Engenho Novo, à Rua Luiz Zanchetta. Está tombado. Era a antiga Fazenda das Palmeiras, hoje Colégio dos Padres Salesianos. O que há de interessante é o tabuleiro guardado, alto muro de pedra, em talude, com guarda corpo corrido, tendo nos cunhais guaritas cilíndricas com cobertura em calote enérgica e esteiras. É mau o seu estado de conservação. No fim do século XVIII, o Forte servia às forças militares da tropa paga e às auxiliares. Tinha ainda em boas condições as peças de artilharia de bronze e ferro mais ou menos semelhantes às que se achavam em outras fortalezas cariocas. A murada e as guaritas estão cobertas de hera, que as torna quase invisíveis. Falta ao muro a escora do revestimento. O matagal conspira contra os restos da velhíssima fortaleza.

Na Rua do Passeio havia uma casa que se podia chamar de histórica. Foi como a denominou Vieira Fazenda. Nela funcionaram a Secretaria de Estado da Justiça, a Academia Nacional de Medicina e, por último, o Padagogium e a Limpeza Pública.

Nessa casa histórica morreu e morreu em 21 de junho de 1817 o conde da Barca. Estadista e conselheiro de D. João VI, ele concorreu para a abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional e mandou buscar o grupo ilustre dos artistas franceses que vieram aqui fundar a Academia das Belas Artes. Pois a casa histórica, que já era do governo, desapareceu. Também até hoje não se sabe o destino que tiveram os ossos do conde. Enterrado com grande pompa no cemitério de São Francisco de Paula, perderam-se os seus ossos.

Outra casa histórica, a claustral da Ajuda, que era dos meados do século XVII, também desapareceu. O Convento dava abrigo às mulheres aflitas e desamparadas. Na madrugada de 19 de outubro de 1911, para que não as vissem, as religiosas e suas protegidas saíram e foram para a Tijuca. No lugar do Convento viria a Cinelândia.

No pico do Corcovado, a 710 metros de altitude, se encontra a estátua do Cristo Redentor, com 38 metros de altura. Inauguraram-na a 12 de outubro de 1932. Projeto do arquiteto brasileiro Heitor da Silva Costa e escultura do francês Paul Landowsky. A figura do Nazareno, toda de cimento armado, tem revestimento feito de pequenos triângulos de pedra-sabão. Foi obra de iniciativa privada.

Não se perde com uma excursão ao Sumaré. Pela linha do Silvestre, nove quilômetros; pela de Paula Matos, três. O Sumaré fica a 325 metros de altitude. Do alto, contempla-se o vale do Andaraí, tendo ao fundo a serra da Tijuca e do outro lado as ilhas da baía de Guanabara, a entrada da barra, a serra dos Órgãos e o Cristo Redentor.

Caminhando-se para a Tijuca, cuja ampla avenida é coisa recente, sente-se que o clima é fresco e suave. Na floresta, está a Cascadinha de Taunay e se vê a Pedra do Conde. Visita-se a Capela do Mayrink, onde se vêem pinturas de Portinari. Quem chega à Mesa do Imperador — a tradição é que D. Pedro II, quando ia a passeio pela floresta, ali descansava — está próximo da Vista Chinesa. Ao tempo de D. João VI, muitos chineses espalharam-se pelas matas. Tinham vindo experimentar a cultura do chá no Jardim Botânico.

ONDE FOI ENFORCADO TIRADENTES

Da Conjuração de Minas, o único brasileiro condenado à morte pela justiça da Rainha de Portugal, D. Maria I, a Louca, foi Joaquim José da Silva Xavier. Ficou preso e foi processado, permanecendo na Cadeia Velha, onde hoje está o palácio da Câmara dos Deputados que tem a sua alcunha. Mas foi executado na força que se ergueu no Campo da Polé. Esse Campo devia estar situado por detrás do que é hoje o Teatro João Caetano, nas proximidades da Igreja da Lampadosa. Na porta desta, em 1793, Tiradentes, proto-mártir da Independência do Brasil, de alva e capuz, compareceu para adorar a Eucaristia antes de subir ao patíbulo.

O CLIMA DA CIDADE E OS LUGARES AINDA COLONIAIS

O Rio de Janeiro é uma cidade situada a 23º de latitude sul, zona francamente inter-tropical. A temperatura média chega ao seu máximo em começo de fevereiro. O mínimo se sente em princípios de julho, não excedendo a oscilação média anual de uns seis graus. O calor incomoda muito mais em consequência da umidade atmosférica. Os meses mais chuvosos são março e dezembro. Em julho é quando menos chove. Pode-se aceitar — foi o astrônomo Luiz Cruls quem afirmou em trabalho escrito, após observações metódicas — como média geral da temperatura 23º/0 com acréscimo de uns três graus na média de verão e o declínio também de uns três, na de inverno. Quanto

A salubridade, o Rio não raro é caluniado. O geógrafo francês Pierre Deffontaine, conhecedor da situação, do meio e da gente desta terra, pôde asinalhar que o vento, dada a extensão das costas oceânicas, é um grande elemento da salubridade carioca. Em 1906, estatísticas elementares sobre uma população reduzida afirmaram que, no geral, 178 indivíduos tinham ultrapassado dos cem anos de idade.

O centro urbano, de alguma sorte, para o sul não vai além da Lapa e para o oeste se estende até a Praça da República, ou mesmo até o Estácio e à Praça da Bandeira. Nesse centro, estão os palácios da presidência da República, dos ministérios, das autarquias, do Congresso, dos Tribunais de Justiça, e maior parte do comércio, dos bancos, das repartições federais e municipais, dos escritórios das profissões liberais, os principais teatros e cinemas, os jornais, Telegrafos e Correios.

O Rio viu o século chegar com os seus bondes elétricos no Largo da Carioca e no Largo de São Francisco. A abertura da Avenida Central, depois Rio Branco, modificou o sistema e com a edificação do Hotel Avenida, os carros passaram a rodar pela Galeria, por baixo, expressamente aberta para esse fim. A companhia concessionária do serviço era e é a mesma proprietária do hotel. Assim ficou até há bem pouco tempo e só se alterou o trajeto depois que se fez o chamado Tabuleiro da Balanana.

A quem quiser ter uma visão do Rio colonial na sua velhíssima arquitetura, uma visita à Travessa do Págo ou à Travessa da Natividade, ao Beco da Fidalga ou ao Beco do Guindaste, ao Beco do Moura, ao Beco do Quarte, ao Largo do Moura, ao Largo da Batalha e ao Beco da Música, alguns que estão desaparecendo por força de extensões urbanísticas, mas todos próximos uns dos outros, será, talvez proveitoso.

A ESTATUA DE PEDRO I

A estátua de Pedro I, proclamador da Independência e primeiro imperador do Brasil, fica no centro do antigo Largo do Rocio, depois Praça Tiradentes e atual Praça da Independência. Inaugurou-se o monumento a 30 de março de 1862, reinando o filho do glorificado que era D. Pedro II. A estátua é obra do escultor francês Louis Rochet, mas foi feita de acordo com os desenhos do artista brasileiro João Maximiano Mafra, esculpido e premiado em concurso. Vale a pena ser vista. Talvez seja, no

gênero, a mais bela da cidade. Mede de altura 3,30 metros até o cimo da cantaria, 6,40 até o da cornija e de 6 é a medida da estátua equestre e seu plinto. O peso total do bronze é de 55.000 quilos, sendo 28.000, todo o pedestal, 12.000 a estátua equestre e 10.000, os dois grupos grandes e 5.000, os dois pequenos. Compõem as faces principais do monumento quatro grupos, representando os rios Amazonas, Paraíba, Madeira e São

Francisco.

BIBLIOTECA NACIONAL

Para os eruditos, os estudiosos e os bibliófilos, a Biblioteca Nacional, na Avenida Rio Branco, entre a Escola de Belas Artes e o Supremo Tribunal Federal, é uma visita proveitosa. Construída sobre um projeto do general Souza Aguiar, que foi prefeito do Distrito Federal, inauguraram-na em 1910. É bem decorada com trabalhos dos pintores brasileiros Bernardelli, Brocos, Amadeo e Visconti. O norte-americano Biddle, e sua esposa, a artista belga guarneceram-na com dois afrescos no saguão de entrada.

A Biblioteca, em livros, manuscritos e gravuras, pelo vulto do acervo e pela raridade de alguns espécimens, passa por ser a mais rica da América do Sul. Um milhão e duzentos mil volumes. A mais rica coleção de iconógrafos nesta parte do continente.

Começou aqui com os 14.000 volumes trazidos pelo príncipe regente de Portugal, mais tarde D. João VI. Lá se acha uma famosa Bíblia latina de Faust Schoeffer de Mogúncia, impressa em 1462, em papel pergaminho, boa letra gótica, tendo no interior da capa um retilho manuscrito de Hermann, que declara tê-la vendido a Guilherme Tourneville, cônego de Anjou, por 40 escudos. Tem outras Bíblias raras. Há também um exemplar de Os Lusíadas, edição de 1572. Encontram-se edições de clássicos gregos e latinas que remontam a 1492, a 1500, a 1515, a 1550 e a 1551. São muito valiosas as gravuras de Dürer, Van Dyck, Lucas de Holanda, Goltzius, Grannach, Raimondi e Mandegna. De Dürer, aliás, há uma Bíblia ilustrada.

INS

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Fica na Estação de Carlos Chagas, antiga parada do Amorim, na E. F. Leopoldina. Tem fama internacional. É de onde irradia a medicina experimental brasileira. Nasceu em 1890 de um pequeno laboratório do bairro de Pedro Afonso e era exclusivamente des-

Dôr de dente?

CÊRA

Dr. Lustosa

INOFENSIVA AOS DENTES — NÃO QUEIMA A BÔCA

tinado ao preparo do soro e da vacina contra a peste bubônica. O local fora de uma velha Fazenda de Manguinhos. Daí, o primitivo nome Instituto de Manguinhos, mais tarde substituído pelo seu fundador, em 1902, que foi Oswaldo Cruz, antigo auxiliar do barão. Foi nesse Instituto que Carlos Chagas descobriu e fez o estudo completo de nova entidade mórbida, a "moléstia de Chagas". No campo da biologia, os trabalhos do Instituto têm tido a maior repercussão.

ONDE VIVEU E MORREU MACHADO DE ASSIS

Foi num chalézinho, à Rua das Laranjeiras, já para quem se aproxima do Cosme Velho. O romancista illustre era um homem metódico e de hábitos inalteráveis. Saía do Ministério da Viação, onde era diretor-geral, pouco antes das 17 horas, subia a rua do Ouvidor, entrava na Livraria Garnier e se aboletava numa cadeira à esquerda. Essa cadeira era como se fosse propriedade sua.

Em volta dele, diariamente, reuniam-se alguns amigos e admiradores. Mais ou menos às 18 horas, Machado de Assis retirava-se para tomar o bonde, que o conduzia à sua residência. Raras, raríssimas vezes, preferia o táxi, que começava a aparecer. O romancista costumava gracejar, explicando ser do tempo do bondezinho puxado a burro. Quando apareceu o elétrico, Machado imaginou estar nisso a última palavra do progresso em matéria de transportes urbanos. Chegando o automóvel, acreditava em que era coisa que ultrapassava de sua ambição de comodidade. Conservar-se-in fiel ao bonde.

Morto o ironista de Brás Cubas, tomou vulto, em 1909, a ideia de na sua casa se colocar uma placa comemorativa. Como sempre, no início, houve animação e até entusiasmo. Depois, tudo arrefeceu. Tiveram a lembrança de por ali abrir a Rua Pires Ferreira e o chalézinho de Machado de Assis, sob os golpes da picareata, virou entulho. O tunista amigo da literatura jamais o identificaria.



TOSES?
WILSON GREGORIANO
SILVEIRA
BRONQUITES?

O petróleo nacional

Sociedade de capital misto, público e privado sob denominação de **Petróleo Brasileiro S. A.**

O presidente da República dirigiu em 6/12 mensagem ao Congresso Nacional acompanhada de projeto de lei disposto sobre a incorporação de uma sociedade por ações denominada Petróleo Brasileiro S. A., com capital inicial de 4 bilhões de cruzeiros, dividido em 20 milhões de ações nominativas de valor de Cr\$ 200,00 cada uma. Será uma empresa de capital misto, público e privado, tendo por objeto a pesquisa, a lavra, a refinação, o comércio e o transporte do petróleo e de seus derivados, inclusive de xisto betuminoso, bem como quaisquer atividades correlatas ou afins.

O presidente em sua mensagem: "A análise da situação internacional e de todo o problema do suprimento regular de derivados do petróleo, de que dependem o desenvolvimento econômico e a segurança da Nação, levou o Governo a concluir que se impõe um grande esforço no sentido de aceitar e ampliar os empreendimentos nacionais, nesse setor de atividade. À base da experiência já adquirida no trato dessa questão, o Governo se propõe a levar a efeito as tarefas que a política nacional de combustíveis líquidos reclama e as próprias circunstâncias internacionais tornam inadiáveis."

As Poder Executivo afirmou-se imperioso, em face das necessidades nacionais, apelar para os recursos financeiros e humanos da Nação, com o fim de reduzir, em prazo relativamente curto, a grande dependência em que se encontra o país, quanto ao seu suprimento de derivados do petróleo. Esse, o objetivo a alcançar com a execução das leis que ora serão ao Congresso.

Caracterização do problema = O consumo nacional de derivados do petróleo acusa uma ascensão regular, que traduz o desenvolvimento das atividades do país, não só quanto ao transporte mas também quanto à indústria.

No entanto, como é ainda incipiente a produção nacional de petróleo, essa ascensão constante do consumo implica necessariamente um aumento das importações, com consequentes crescentes de despesas, que poderão ser empregadas na compra de outras utilidades estrangeiras, quando o permitir a produção brasileira de óleo mineral. O crescimento das importações de derivados de petróleo processa-se, assim, quanto ao volume e valor, em ritmo mais acelerado do que o das outras mercadorias que adquirimos no exterior. A percentagem das dividas despendidas com a sua cobertura tende a aumentar, no tempo, de forma a causar apreensão em relação à regularidade futura de suprimento, ao país, de tais produtos.

De fato, o valor das importações de petróleo e derivados que, em 1939, correspondeu a 7% do valor da totalidade de nossas aquisições externas, em 1946 representou 7,6% e, em 1950, 11,3%. No ano em curso, essa re-

lação deverá ultrapassar 13%, apesar do aumento considerável das importações globais, aproximando-se de Cr\$ 4,0 bilhões as compras externas de petróleo e derivados. Para todo o quinquênio 1951-1955, as provisões são da ordem de Cr\$ 27,0 bilhões, à base dos preços atuais.

Em volume, o consumo nacional de derivados do petróleo, quase totalmente suprido através das importações, cresceu em média de 6,4% de ano para ano, no decênio de 1931 e 1940. No decênio seguinte, 1941-1950, o crescimento médio anual foi de 11,9%. Desde o término da II Grande Guerra, porém, o aumento do consumo entrou a acelerar-se, ainda mais, acusando a média de 19,5% de ano para ano, no quinquênio 1946-1950. De 1949 para 1950, esse aumento atingiu 22,3% havendo indicio, entretanto, de que se atenuará de forma a situar-se em menos de 20% nos próximos anos. Esse ritmo de aumento, de consumo é, por um lado, alarmante, embora por outro, altamente auspicioso.

O estudo do problema permite prever a duplicação do consumo nacional de derivados do petróleo de 1950 para 1955. O consumo expresso na unidade comumente usada, atingiu no ano passado a cifra de 100 mil barris por dia, devendo alcançar ou ultrapassar 200 mil barris ao findar o quinquênio de 1951-1955.

Esses alarmantes mostram que as refinarias em construção ou concedidas, até agora, não bastarão para industrializar sequer 50% do petróleo necessário ao consumo do país em 1955. Quanto à frota de petroleiros, já adquirida, tem capacidade para supeir, nas distâncias médias em que os transportes deverão processar-se, somente cerca de 20% dos volumes a serem então consumidos. A produção atual do óleo bruto, na única província petrolífera em exploração, corresponde, apenas, a 2,5% do consumo interno, embora sua capacidade seja maior e considerável sua importância para o nosso suprimento, dada a quantidade do óleo bruto balano.

E' evidente, portanto, que o problema apresenta-se como de suma gravidade, em face das perspectivas de perturbação no comércio internacional de petróleo e da própria limitação da capacidade de pagamento do Brasil, mesmo que haja disponibilidade do produto no exterior. Não podemos desprezar os reflexos da crise anglo-iraniã e de toda a conjuntura internacional, sobre o suprimento de combustíveis do nosso país.

Na realidade, portanto, o problema não comporta solução à base exclusiva da importação da matéria-prima em bruto, para ser refinada no país. Já os preços do petróleo bruto, atualmente vigentes no mercado internacional, limitam os lucros da industrialização e, assim, reduzem em posição o dispêndio de divisas com o refino da matéria-prima importada. Somente a produção interna, em volumes compatíveis com o consumo, permitirá assegurar o desenvolvimento da economia nacional naquilo que dependa dos combustíveis líquidos. Para esse fim torna-se indispensável adotar medidas econômicas de amplitude correspondente à extensão e à complexidade do problema".



Chegou o momento de substituir líquidos e pomadas por uma nova e mais eficiente proteção contra o suor: o bastão Frigia. Não arde, não é gorduroso, não mancha a roupa. E somente Frigia seca no mesmo instante. Adote esta nova proteção. Use Frigia agora e faça seu marido usá-lo também.



Frigia

BASTÃO DESODORANTE

Distr. NIC Ltda.

Av. 5 de Julho, 254 - São Paulo

A ÚLTIMA VISÃO DO "SÃO PAULO"



A MORTE ESTAVA DE QUARTO! — Última visão do "São Paulo", sendo rebocado pelo "Dexterous", pouco antes do furacão. (Foto exclusiva do "Sunday Express" de Londres, e do "Correio da Manhã" no D. F. e R. J., tirada por um tripulante do rebocador).

O Novo "São Paulo", de tão belas tradições, da aventura de Hercolino Cascardo, da viagem do rei Alberto da Bélgica e da transladação dos restos mortais de D. Pedro II e D. Teresa Cristina, foi vendido como ferro velho. Quando aqui chegou há 41 anos era um poderoso encouraçado de 19.200 toneladas. Lá se foi o "São Paulo", rebocado por dois possantes rebocadores ingleses, o "Busstler" e o "Dexterous", com oito homens a bordo, sem rádio, destino à Inglaterra.

Ao largo dos Açores, na noite de domingo, 4 de Novembro, com 36 dias de viagem do Rio de Janeiro, sobreveio uma tempestade. Partiram-se os cabos de reboque e desde então o "São Paulo" ficou desarrastado, à

deriva, e desapareceu com seus oito homens, todos ingleses.

Após um mês de pesquisas infrutíferas, das quais participaram aviões britânicos, americanos e portugueses, foi abandonada qualquer esperança de encontrar o navio e as oito pessoas que estavam em seu interior.

Os cabos que o ligavam aos dois rebocadores que o levariam à Grã-Bretanha se partiram e, após nove horas de luta na tempestade, os rebocadores renunciaram à tentativa de retomar o contacto com o velho encouraçado.

Além dos aviões que patrulharam, durante vários dias, sobre o Atlântico, vários rebo-

cadores ingleses pararam a procura do navio nos favorecia. Ainda tinha suas máquinas usando inclusive o "radio" e "quinta", naturalmente inuteis, e seus canhões. Os oito homens a bordo tinham viveres e torres. Isso tudo o tornava reboque para dois meses, mas não dispunham de estado.

O capitão Adam, comandante do rebocador, teve início por volta das seis da dor "Bustler", prestando ao "Correio da Manhã". Durante o dia, a mais violenta chuva "Manhã", em Lisboa, informações sobre a que se continuou encarcerando o corajoso, sorte do "São Paulo". Havia uma muralha de vagalhões entre "Estava na torre de comando. O coura-". Algumas das ondas devem ter atingido cada aparência e desaparecia entre montanhas mais de 20 metros de altura. de mar no extremo do cabo reboque de 1.800 metros.

"O "São Paulo" continuava guinando, e por isso nós o rebocamos de traves. Nossa vez por outra podíamos ver, através da velocidade caiu assim para apenas meio nó. chuva de agosto, os oito homens de pé na "E" e "B", uma rajada de vento caiu sobre sua torre. Os rebocadores distavam apenas seis nós. Os rebocadores distavam apenas seis nós. Os rebocadores distavam apenas seis nós.

"Minha única visão do cenário, antes de meitas um do outro — mangan perigosamente peguena — quando os cabos se partem um adeus" — assim começou falar ao "São Paulo" desapareceu". "Correio", em Barry, perto de Cardiff, na. Essa foi a última visão do "São Paulo". Devos, um dos tripulantes do "Dexterous", o Os rebocadores prosseguiram na busca em outro rebocador que puxava o "São Paulo". O tempo sempre mais tormentoso, até que foram forçados a abandonar a patrulha.

PRÊMIO NOBEL DA PAZ

O Prêmio Nobel da Paz de 1951 foi atribuído ao velho político, estadista e sociólogo francês Leon Jouhaux. Nascido em Paris, em 1 de julho de 1879, de uma família de militantes operários. Começou muito jovem a trabalhar em várias empresas, realizando paralelamente estudo, inicialmente no Liceu Colbert, depois no Liceu Diderot, e mais tarde na Sorbonne, na Universidade Popular e na Escola de Antropologia.

Consagrou-se imediatamente ao movimento operário e, em 1905, foi designado pela União dos Operários das Fábricas de Fósforos para representar a Confederação Geral do Trabalho. Em 1909 tornou-se tesoureiro da Confederação e depois, com 20 anos, secretário-geral. Poucos dias antes do início da Primeira Guerra Mundial, o sr. Leon Jouhaux fez junto ao seu colega alemão uma tentativa para organizar uma ação antimilitarista, mas sua iniciativa não obteve resposta. Logo no dia seguinte do assassinato de Jean Jaurès, em 1914, assegurava que o sindicalismo francês contribuiria para a defesa da nação. Ocupou funções oficiais durante toda a guerra. Em 1917, devia lançar, na Confederação das Trade Unions britânicas, as bases da Confederação Internacional do Trabalho, e, após a guerra, em 1919, tornou-se vice-presidente deste organismo.

Além de sua atividade sindical, apresentou, de 1925 a 1928, na Sociedade das Nações, o ponto de vista francês sobre o desarmamento e as questões econômicas. No plano nacional, continuou sua cooperação com a CGT que, em 1918, tinha dois milhões de aderentes. Após o governo de Leon Blum, no gabinete do qual recusou entrar, o sr. Jouhaux foi nomeado diretor do Banco de França, nacionalizado, e pouco depois do Conselho Econômico. Representou a CGT nas reuniões do Hotel Matignon, das quais saíram as novas leis trabalhistas.

Em 1947, apresentou uma série de graves, o sr. Jouhaux se separou da Confederação Geral do Trabalho, fundando uma nova central operária — a Confederação Geral do Trabalho "Força Operária" — que aderiu à Confederação Internacional dos Sindicatos Livres, da qual assumiu a vice-presidência. O sr. Leon Jouhaux é igualmente membro do Conselho do Plano de Modernização e Equipamento, administrador das Minas de Carvão da França e foi eleito, em 1947, para as funções de presidente do Conselho Econômico. O sr. Jouhaux é oficial da Legião de Honra, titular da medalha da Resistência. É autor de várias obras, notadamente "Organização Internacional do Trabalho", "Desarmamento", "Fabricação de Armas" e "Movimento Sindical em França". O Prêmio de Medicina — O Prêmio de Medicina de 1951 foi conferido ao médico sul-

PARA VIVER
FELIZ?

MINORATIVAS

CONTRA PRISÃO
DE VENTRE

africano Max Theiler, de 52 anos, atual diretor do Bureau de Medicina e do Laboratório de Saúde Pública da Fundação Rockefeller.

A Academia de Medicina da Suécia decidiu, em sessão secreta, que a tarefa de Theiler, cujos descobrimentos tiveram também grande influência no tratamento da paralisia infantil, merecia esse prêmio, que consiste em uma medalha de ouro e 32,357 dólares em dinheiro, além do prestígio inestimável.

Theiler fez seus estudos em Pretoria e no Hospital Saint Thomas, de Londres, antes de ir para os Estados Unidos. De 1922 a 1930, esteve dando aulas sobre medicina tropical na Universidade de Harvard.

No curso de suas investigações, Theiler descobriu uma vacina cuja eficácia ficou plenamente demonstrada na luta contra a febre amarela. Ambas as experiências de Theiler permitiram descobrir certas questões relacionadas com a transmissão da paralisia infantil.

Prêmio de Literatura — Coube ao escritor sueco Paer Lagerkvist, autor de numerosas obras, entre as quais "Le Pain" e "Barabá", traduzidas em várias línguas.

A ciência médica alcançará culminâncias sublimes quando verificar no corpo transitório a sombra da alma eterna.

André Luiz



Obtenha alívio imediato fazendo uma fricção com **ALGINEX** no local dolorido! O Bastão **ALGINEX** faz passar rapidamente a **DOR** reumática, Dor nervralgia, Dor muscular, Dor de cabeça, etc. Compre um Bastão **ALGINEX** na farmácia mais próxima! Custa tão pouco e faz tanto bem!

SENHOR DE RELICÁRIO

Não raro nas sessões parlamentares ocorrem fatos pitorescos, quebrando a austeridade. Na Grã-Bretanha, isso é frequente. Há pouco, David Eccles, Ministro das Obras Públicas, consultou os Comuns sobre se poderia estar seguro de que os pelicanos destinados ao St. James Park formariam casais.

Surgiu debate, com a maior seriedade. A imprensa britânica logo se ocupou do assunto, Nathaniel Gubbins, do "Sunday Express", inspirou-se no caso para versar. E' de seu comentário, em verso, a tradução livre que aqui apresentamos.

* * *

Deixa um momento de pensar nos martírios
e olha as máguas do pelicano solitário.

— Senta-se junto ao lago, e chora,
triste demais,

orgulhoso demais para falar.
Pania entre as aves

sente o complexo do seu bico.
Nenhuma fêmea entre os cisnes ativos

se voltar sequer para olhar
uma fêmea de onde salta um nariz

mais longo do que o seu colo.
Nem mancha jovial

nem penas sentimentais
nem aves do amor

nem as aves que cantam alucinadas,
pararam a ver (a não ser para rir)

— Um nariz de 16 polegadas.
Até que venha a moça que é seu par,

o pelicano tem de esperar.
E só, e triste, e abandonado,

e celibatário, e frustrado,
sem par, sem luz, sem sentimento,

ninguém lhe enxuga o pranto até que venha,
ruborizada e pura

noiva que tenha um
nariz do mesmo comprimento.

Então o pelicano será rico,
amando o amor que Deus lhe deu,

no divino perfil daquele bico
exatamente igual ao seu.

E o seu sonho será dos sonhos mais felizes,
em seu leito de flores.

Ver pelicaninhos com narizes
ainda muito maiores.

* * *

A Vida, em sua dolorosa profundidade, é
um cântico... mesmo quando lhe ouvimos
apenas o pranto..

Sylvia Patricia

* * *

Não há vitória sem batalha, nem verdadeiro conhecimento do Bem, sem experiência do Mal.

Echtkart

* * *

Sem amor, qualquer outra virtude é como
a água perdida na areia.

Alcyone

* * *

Se há uma arte de bem falar, há também
uma arte de bem ouvir.

Epicteto

PARA PERFEITA PROTEÇÃO

de seu automovel
ou caminhão...

Prefira Sempre

- O MELHOR LUBRIFICANTE -



Concessionária para os Estados de São Paulo, Paraná,
Mato Grosso, Goiás e o Triângulo Mineiro:

CIA. MATE LARANJEIRA S. A.

SÃO PAULO — Curitiba

AVIAÇÃO

O CASO DA CORÉIA

Rio, 27 de julho de 1951

— □ □ □ — P. HENRY C.

Há cinco anos passados terminou a 2.ª guerra mundial, mas já em Yalta tinham sido semeados os germes da 3.ª. Hoje estamos iniciando a colheita... A 3.ª guerra mundial começou no dia 25 de junho, às 2 e 30 da madrugada, quando as forças comunistas da Coreia do Norte invadiram a Coreia do Sul.

De 1945 a 1950 o mundo se havia separado em dois campos opostos — as democracias — cansadas da guerra e cuja economia não permitia manter forças armadas suficientes para sustentar o equilíbrio militar — e a Rússia Soviética e seus satélites, para quem o armistício de 1945 foi somente um episódio na luta pela conquista do mundo.

Com absoluta falta de visão, e incidindo nos mesmos erros de 1935 a 1939, as democracias, e principalmente os Estados Unidos, a quem cabia a responsabilidade moral da segurança do mundo moderno — já que tiveram a iniciativa das grandes conferências de paz — não acreditavam na possibilidade de uma agressão soviética.

Ressuscitava em nós, então, a impressão da mesma fraseologia daqueles tempos em que se pensava que os canhões alemães eram de borracha, seus tanques de papelão e os aviões da "Luftwaffe", de brinquedo...

Com tristeza vi, depois da guerra, nos aeródromos alemães, em 1946, centenas de "fortalezas voadoras" desmontadas e outras destruídas; "bulldozers" esmagando filis e filis de caças "P-47" e milhares de tanques "Shermans" serem vendidos como "ferro velho". As grandes fábricas de guerra eram desconvertidas nos Estados Unidos e milhares de operários especializados despedidos. Enfim, 90% das fábricas de armamentos foram paralisadas e as forças armadas desmobilizadas, sem que ao menos ficassem, na realidade, as nações democráticas com o mínimo necessário para ser mantida a paz de Roosevelt.

Enquanto isso ocorria conosco, lá na Rússia nada se destruiu e novas linhas de construção de material bélico foram iniciadas. Os melhores engenheiros alemães, juntamente com os técnicos soviéticos, aperfeiçoaram as armas que permitiram aos exércitos russos vencerem a Hitler em 1945. Criaram outras mais poderosas armas que são a última palavra em matéria de balística, aerodinâmica, siderurgia e química. Tudo isso são fatos incontestáveis.

Qual é, então, a situação das forças no momento?

Sem nos preocuparmos com os armamentos terrestres — pois todos sabem do valor dos tanques "T-34", "T-36", "T-56", denominado "Stalin", que têm um canhão de 120 mm, com uma velocidade inicial de 980 mts. por seg.; do "Crocotillo", e finalmente, do "Pike", que é o mais poderoso tanque do mundo, com linhas aerodinâmicas notáveis e que pesa 62 ton. (recorde que no dia 1.º de maio último, desfilaram, em Moscou, 600 desses tanques) — vamos abordar diretamente o problema da aviação soviética, ainda desconhecida de muitos.

Tenho em mãos, datado de ontem, um telegrama de Tóquio informando ele que o "F-80" dos americanos entrou em ação noturna pela primeira vez na guerra da Coreia.

Sabe-se que a Força Aérea Americana dispõe, no momento, de 1.200 aviões "F-80", sendo que 450 do tipo A, utilizados como aviões de treinamento; sabe-se, também, da existência de 300 aviões "F-84" — "Sunder-jet" — mais ainda, de que há 333 aviões "F-86", o último tipo de caça encomendado. Tudo isso é do nosso conhecimento, da mesma forma que sabemos que as verbas para o ano de 1951 só permitem comprar 1.383 aviões de guerra dos quais 817 são para a Marinha.

Ao ler-se o telegrama de ontem, fica-se apavorado quando se observa que somente agora foi empregado esse avião de caça noturno, e, muito mais apavorado fica-se quando se sabe de que o número de aviões encomendados é irrisório na quantidade e na qualidade, se os compararmos aos russos. Existem, na Rússia, nada menos de 20 tipos de aviões de caça a jato, para as mais diversas missões, cujos protótipos foram calculados, desenhados e construídos naquele país desde 1942, quando o engenheiro Dourkhine construiu o primeiro motor a jato. O primeiro caça a jato construído em série foi o "Yak", sendo que em 1945 já existiam cerca de 2.500. Depois vieram sucessivamente progredindo e construíram o "MiG-9", o "Lavochkine-15", o "Yak-21" (derivado do famoso "Messerschmitt-262") e dois ou três outros tipos, derivados igualmente de projetos alemães.

Já em 1947, o secretário do Ar americano Symington, declarava, numa entrevista, que os "radar" americanos na Coreia tinham seguido aviões soviéticos que voavam, praticamente, à velocidade do som e que os "radar" ingleses, ao longo do rio Elba, seguiram formações aéreas soviéticas, baseadas na Prússia Oriental, que se deslocavam na velocidade de 700 milhas por hora.

Em maio último, ao comemorarmos o dia da aviação russa, sobrevieram Moscou 4.500 aviões a jato, destacando-se três esquadrilhas de 120 aviões, cada uma, "Yak17". Esse fato toma maior importância ainda, quando se sabe que nesse espetacular desfile só tomaram parte as unidades de três das 14 Zonas Aéreas que possuem. Nesse mesmo desfile, comandado pelo próprio filho de Stalin, o major-general aviador Vassily Stalin, passaram mais de 300 aviões "T-70", que é o modelo copiado e aperfeiçoado dos aviões de bombardeio "B-24" dos americanos. É essa unidade a espinha dorsal do 5.º comando de Bombardeio Estratégico, recentemente formado. Estima-se que a Rússia Soviética disponha atualmente de cerca de 12.000 aviões a jato e ainda nas zonas Aéreas do Oriente cerca de 15.000 aviões de assalto do tipo clássico ("Yak-9"), sem contar com as forças de Bombardeio Tático.

Acho que, pelo exposto acima, fica-se avisado de que os russos dispõem de 300 aviões capazes de carregar a bomba atômica e a

largarem onde quisessem. Julgaram mal a quantidade de aviões e subestimaram o valor qualitativo; não sabiam ou não se lembraram de que os melhores centros de pesquisas alemães de Bessan, Peenemünde e Bleicherode trabalhavam, desde 1943, para a Rússia; que todos os técnicos das fábricas de Messerschmitt, em Wiener-Neustadt; Gotha, em Schluckenau; Heinkel, em Rostock e Graniburg; Arado, em Berlin; Dornier, em Wismar; Siebel, em Halle, foram transportados para a Rússia. Convindo, mesmo, salientar que em certos casos não só levaram os técnicos, como as próprias fábricas, como exemplo o Departamento Experimental da Junkers, que haviam transportado para Kinty, a 160 kms. ao norte de Moscou, maquinarias da fábrica seguiram para Koubicheff, na Sibéria.

Nas fábricas de Touchinaux, perto de Moscou, 8.000 operários trabalham na construção do "tubo-ventor" "Rolls Royce-Nene" com a classificação "NO-23", cuja licença foi comprada em 1947 e, bem assim, 55 motores completos — aos ingleses. Nessa mesma ocasião os russos conseguiram comprar o último modelo dos motores "Pratt Whitney-4360", de 3.500 cv., nos Estados Unidos; motores esses que hoje equipam os "T-70", que talvez levarão bombas atômicas ao Alasca.

Sabem o que é o "Yak-15"? É o avião equivalente ao "Sabre", da fábrica North American (F-86) considerado o melhor caça americano, e que será, nos três próximos anos o "equipamento standard" da U.S. Air Force.

O "Yak-15" é mais leve que seu competidor americano, pois pesa 4.000 kgs., enquanto que o "F-86" pesa 6.200 kgs.; o aparelho russo tem menor raio de ação, mas isso por ser um interceptor puramente defensivo. Mas em compensação, tem velocidade assencional e manobrabilidade à grande altitude superiores ao americano. O "F-86" carrega 6 metralhadoras de 12,7, enquanto que o seu competidor tem 2 canhões de 37 mm e duas metralhadoras pesadas.

Tive o ensejo de pilotar na França um "Yak-9", do Grupo de Caça francês "Normandie Niemen", que combateu na Rússia e esse avião já era equipado com um canhão de 37 mm, atirando pelo eixo do motor. A precisão e a rapidez de tiro espantou-me, pois já o 30 mm "Mauser" (alemão) podia arrebanhar um avião de caça com um único tiro e o 37 mm era mais preciso e tinha tiro muito mais rápido; velocidade inicial de 700 mts. p/seg., na cadência de tiro de 300 projéteis por minuto.

Diante disso, que esperam os americanos na Coreia?

A Rússia equipou seus satélites com o material que sobrou da guerra de 1945 e com alguns "Yak-15", que já derrubaram 7 "super-fortalezas", em 15 dias de combate. Isso dá à Rússia, sem ter que mostrar seu material moderno, o ensejo de ver o que os americanos possuem como último tipo de arma de guerra. Que interesse teria a Rússia de mandar tanques "Stalin" para a Coreia, quando vêem que o velho "T-34"

aguentava perfeitamente os últimos tipos de armas antitanques dos americanos? Os comunicados dizem que granadas resvalam nas corraças dos tanques... mas o que mais nos interessa é a aviação. Nesse setor, até o presente momento, os russos não tinham interesse em mostrar os aviões "MiG-8" e o "Yak-17", pois o tipo de operação militar atual não justifica o emprego desses aviões. As condições geográficas da Coreia e principalmente no cenário da luta, obrigam a que os aviões a jato americanos não possam desempenhar o verdadeiro papel da aviação tática, investindo em vôo rasante sobre forças terrestres inimigas.

Os americanos estão, em vista disso, mobilizando os últimos grupos de "P-51" e "P-47", que sobram da guerra de 45, para empregá-los em missões táticas. Quando isso acontecer — sem ser profeta — informo que os caças a jato especializados soviéticos aparecerão.

Podemos dizer que os russos estão em condições de, cada vez que os americanos apresentarem um determinado tipo de avião, apresentarem outro igual ou melhor. Não tenho dúvida de que isso despertará nos americanos o ensejo de cuidarem mais rapidamente de seu rearmamento aéreo e também de compreenderem melhor a angústia em que vive atualmente a Europa, por se sentir sem defesa eficaz contra uma agressão soviética.

há quase um mês dura a guerra da Coreia e lentamente os americanos estão sendo atirados ao mar. Num dado momento, podem estabilizar a situação, não há dúvida, porém nesse mesmo instante haverá um ataque contra a Indochina ou Irão ou contra a Bulgávia, espalhando, dessa forma, a guerra, o que obrigará, indubitavelmente, à dispersão das forças americanas pelo mundo e será nessa ocasião que saberemos se o rearmamento americano foi suficiente para poder defender a Europa Ocidental. Os russos, se virem fraqueza nos seus adversários, tentarão precipitar os acontecimentos, antes que a maquinaria industrial americana comece a funcionar, de forma a poder equilibrar as forças.

O caso da Coreia pode se definir da seguinte forma:

São 210 divisões em pé de guerra na Rússia, apoiadas por uma aviação moderna, um parque industrial com 40 milhões de operários e milhões de trabalhadores escravos, com meio bilhão de homens europeus-asiáticos cooperando.

Sem duvidar da vitória das democracias, indago:

— Será que as nações do Pacto do Atlântico poderão construir uma aviação capaz de fazer parar essa máquina, antes que essa avalanche caia sobre a Europa?

F. HENRY C. chefiou durante dois anos (1938-1940) a seção de Aviação do "Correio da Manhã", só a deixando quando seguiu para a Inglaterra, como voluntário, para incorporar-se às Forças Aéreas dos Franceses

DECORAÇÕES

DE INTERIORES

ASA

UNES

65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

Libres, pequeno núcleo que se criara na Royal Air Force.

P. Henry C., é o com. av. Pierre Henry Clostermann — o piloto de guerra n. 1 da França — por sua competência e coragem espetacular. Foi condecorado diversas vezes destacando-se dentre elas a "distinguished Flying Cross", com que foi agraciado pelo rei Jorge VI, da Inglaterra, por sua "excepcional bravura". Foi de simples sargento-aviador ao alto posto de Squadron Leader na RAE, encerrando sua carreira de piloto de caça com mais de 2.000 horas de voo, sendo que 600 em combate; tem 23 vitórias homologadas e 42 prováveis num total de 450 missões em que destruiu 72 locomotivas, 225 caminhões, 1 submarino e 2 lanchas torpedeiras. Terminada a guerra foi eleito deputado por Bas-Rhin à 2ª Assembleia Constituinte e posteriormente reeleito à Assembleia Nacional Legislativa, sendo assim o mais moço deputado da França. Escreveu um extraordinário livro — "Le Grand Cirque" — que foi premiado pelo Aero Club de França "como o melhor trabalho literário sobre aviação em 1949". Esse trabalho contém grandes ensinamentos e convence aos mais céticos de que enquanto existir um francês a França não morrerá.

Pierre Henry Clostermann esteve com a esposa no Rio visitando seus pais e reverendo velhos amigos, durante sua curta permanência entre nós, escreveu para a sua antiga seção alguns artigos e assim passa o antigo que reproduzimos a seguir o nono da série "O caso de...". que foram interrompidos em maio de 1939, quando em batou para a guerra.

Temos a acrescentar a esta nota sobre a personalidade de nosso ex-companheiro os fatos que se confirmaram na Coreia, acontecidos depois da publicação do seu artigo no "Correio da Manhã", transcrevendo do noticiário telegráfico as informações que se seguem:

IMPOSSÍVEL A SUPREMACIA AÉREA NA COREIA

Washington, 21 (R). — O general Hoyt Vandenberg, chefe do Estado-Maior da Força Aérea norte-americana, declarou hoje que "a completa supremacia aérea dos aliados na Coreia" não estava sendo seriamente ameaçada pelos caças russos tipo "MiG".

Em entrevista à imprensa disse que a situação até agora tem sido controlada, mas que existem "serias possibilidades", entre as quais o fato de a China ter se tornado da noite para o dia uma das principais potências aéreas do mundo.

Acrescentou que o regime de Pequim obviamente chegara a essa posição "como beneficiária direta de outra potência possuidora dos recursos industriais e técnicos essenciais que faltam à China comunista".

Vandenberg, que acabava de regressar da frente de guerra coreana, disse ainda que "dentro das normas de guerra terrestre estabelecida no início da guerra coreana, é impossível alcançar a supremacia aérea".

O KREMLIN ENRIQUECE SEUS ARQUIVOS

Washington, 18 (Lyle C. Wilson, da U. P.) — Uma séria vantagem que os comunistas estão derivando da guerra da Coreia é sua familiaridade rapidamente crescente com o que de melhor os EE. UU. têm, em matéria

de armas. O artigo mais espetacular da vitrine norte-americana na exposição coreana é o caça a jato F-46. Uma segunda edição, mais rápida e furiosa desses caças acaba de chegar à Coreia a bordo de porta-aviões norte-americanos. Os novos aparelhos tomarão o lugar do F-46.

Por ocasião da guerra civil espanhola, os japoneses começaram a falar do conflito em termos de campo de provas de armas. A Rússia comunista e a Itália fascista apoiavam seus respectivos favoritos na sangueira espanhola. A Alemanha nazista apoiava a intervenção italiana. Alguns homens e armas comunistas, de um lado matracavam alguns homens e armas fascistas do outro. Os protótipos militares explicavam que essa prova real demonstraria alguma coisa — talvez qual dos países tinha as melhores armas e máquinas — e qual a que não as tinha. Essa guerra civil foi um negócio sangui-

Defenda a sua saúde e a de seus descendentes com o famoso depurativo

ELIXIR DE NOGUEIRA

DO FARM. QUÍMICO

João da Silva Silveira

EMPREGUO COM ÊXITO NAS:

Feridas
Manchas
Úlceras
Dartros
Eczemas
Espinhos
Reumatismo
Escrófulas
Sifilíticas



Não se iluda:

É O ELIXIR DE NOGUEIRA
O SEU REMÉDIO

O grande depurativo do sangue que nossos avós já usavam.

Medicação auxiliar no tratamento da sífilis.

no lento, mas coisa de somenos comparativamente à guerra altamente refinada que caminha para começar seu terceiro ato, na Coreia. Exatamente quantas armas secretas norte-americanas foram exibidas aos comunistas, porque tiveram que ser submetidas à prova de batalha, na Coreia, é coisa que não se sabe.

A primeira revelação conhecida foi o basuco melhorado. O basuco menor, com o qual o general Mac Arthur e suas pequenas forças tentaram barrar a primeira investida coreana não era grande coisa. Seu efeito sobre os tanques de construção russa era insignificante, a menos que o atacante tivesse sorte.

A marcação empatou no mostrador e invertiu-se depois, quando o último modelo de basuco norte-americano entrou em ação na Coreia. Os vermelhos talvez consigam modificar consequentemente seus tanques. O que há de melhor em matéria de pequenas armas, inclusive equipamento para tiro noturno em tanques, em aviões de caça, nos E.E.U.U., tudo teve que ser exibido aos comunistas em combate real.

Se o Kremlin se interessava por saber qual era o verdadeiro valor dos combatentes e máquinas de guerra das Nações Unidas e dos E.E.U.U., certamente tem podido colher todas as informações que buscava. O prudente ditador certamente gostaria de saber detalhadamente todas essas coisas, em qualquer hipótese. Mas, muito especialmente, se o ditador estivesse pensando em termos de ampliar a escala da guerra, tais informações seriam da máxima utilidade.

Qualquer que seja o propósito comunista ao provocar frustrantes conversações de paz que se prolongam mês após mês, uma coisa é certa. Cada mês que passa vai tornando mais preciso o arquivo de informações de que dispõe o Kremlin, em matéria de armas ocidentais. Se a guerra e as conversações de paz se arrastarem por certo tempo ainda, provavelmente os vermelhos poderão avaliar a verdadeira significação dos projetos atômicos de artilharia. Eles gostariam imensamente de averiguar isso.

* * *

NOVEMBRO



I — Os negociadores aliados e comunistas chegam a acordo quanto às linhas exatas da demarcação proposta entre si. A zona neutra compreende um território do norte da Coreia, de Kums-han até a costa oriental, quase a metade em extensão da frente de batalha, que é de 12 quilômetros.

DEZEMBRO

22 — Acôrdio sobre a troca de informações dos prisioneiros de guerra e permissão para que se correspondam com suas famílias.

Os comunistas apresentam as seguintes cifras: 3.198 norte-americanos, inclusive o general William Dean, comandante da 24.^a Divisão, aprisionado em Taejon, por ocasião da primeira retirada; 7.142 sul-coreanos, 919 britânicos, 234 turcos, 40 filipinos, 10 franceses, incluindo correspondentes de guerra; 16 australianos, 4 sul-africanos, 3 japoneses, 1 canadense, 1 grego e 1 irlandês.

As cifras aliadas dão um total de 182.474 prisioneiros, dos quais 20.940 chineses. Entre os prisioneiros norte-coreanos contam-se 518 mulheres.

— O esforço norte-americano na Coreia estava representado por 103.000 baixas, incluindo 15.692 mortos em ação, 74.513 feridos e 12.804 desaparecidos.

A revista "Aviation Age" anuncia que a aviação aliada perdeu um total de 329 aparelhos na Coreia, a partir do fim de junho de 1950 até o dia 8 do corrente. A revista calcula igualmente em 564 aparelhos as perdas sofridas pelas forças comunistas durante o mesmo período.

Afirma "Aviation Age" que esses dados foram colhidos em fontes oficiais, mas não abrangem as perdas sofridas pela marinha e pelo corpo de fuzileiros navais dos Estados Unidos.

* * *

BAIXAS COMUNISTAS

Segundo comunicado do Oitavo Exército, as baixas sofridas pelas vermelhas nos deztois meses de guerra, isto é, desde a invasão da Coreia do Sul, a 25 de junho de 1950, montam a 1.515.688, correspondendo a 823.331 chineses e 692.357 norte-coreanos.

* * *

ORIGEM DO ALFABETO

Os fenícios, companheiros de Cadmo, diz Herodoto, ensinaram aos gregos muitas coisas novas, entre elas o alfabeto que, a meu ver, se não conhecia antes. No princípio, os gregos usaram dos caracteres fenícios; depois, com o tempo, modificaram-lhes o som e a forma. Os jônios eram, dentre os gregos, os que nessas eras habitavam os países vizinhos; tendo aprendido com os fenícios os caracteres, mudaram-lhes um pouco a configuração. Dizem, empregando-os, que se chamam letras fenícias, e com razão pois que a estes a devem. Desde as eras mais remotas os jônios também chamaram diphteros aos livros, porque, sendo raríssimo o bilbo, serviam-se de peles de cabritos e cordeiros curtidas. Ainda no meu tempo a máxima parte dos bárbaros escreve nesse gênero de pele. Vi pessoalmente na Beécia caracteres cadmeanos no templo de Apolo-lameniano.

* * *

Pois que és homem, nunca pretendas dizer o que acontecerá amanhã; nem vendo alguém feliz, quanto tempo o será, porque mais veloz do que o voo de uma mosca, é a mudança das humanas coisas.

Da Velha Grécia

COISAS DA POLÍTICA NA INGLATERRA



Os quatro estadistas que aí vemos, participando de um desfile, representam de fato as duas forças eleitorais que governam a Inglaterra, conforme suas tendências: Churchill, Attlee, Eden e Morrison.

Depois da retirada de Gladstone, o chefe natural do Partido Liberal seria sir William Harcourt, porém o partido temia o seu mau humor. Era homem direito e enérgico. Ministro das Finanças, chamavam os orçamentos da Defesa, "as sangue-sugas da Fazenda". Ao defender o Erário, tratava os colegas como a verdadeiros punguistas. "Tempestade a sudoeste", diziam os colegas, vendo-o chegar para um Conselho, com a fronte carregada de nuvens.

O seu irmão mais velho, Edward, era um tory (conservador) de quatro costados. Quando na mesa de família, enunciava idéias revolucionárias sobre a propriedade, dizia-lhe o irmão William: — William, eu queria que você renunciasse a essas idéias sobre a terra. — Ah, meu querido Edward, você tem as terras, deixe-me as idéias!

Era um exemplo de fidelidade doutrinar. Tinha horror ao imperialismo. Fora violentamente hostil à guerra do Transvaal. "A

guerra da Criméia foi uma falta, esta será um crime". Julgava que o dever do Partido Liberal era manter-se fiel à doutrina da Escola de Manchester: "Paz, Economia, Reformas".

Depois da última demissão de Gladstone, o escolhido para presidir um ministério liberal foi Lord Rosebery, da estima pessoal da rainha Vitória. Posso dizer dele três coisas, escrevia Gladstone: 1.º — É um dos homens mais notáveis que conheci. 2.º — Não se pode ter mais honra e probidade. 3.º — Creio que ele não tem senso comum.

Viu realizadas suas três ambições da mocidade, casou com uma grande herdeira, uma Rothschild, foi Primeiro Ministro antes dos cinquenta anos, e ganhou no Derby no próprio ano que foi chamado ao governo. Criticado por ter ganho o Derby, respondia que não era mais indecente possuir um bom cavalo ou dez ruínas.

Deixando o poder, Lord Rosebery escre-

veria melancolicamente: "Há na vida dos prazeres, um ideal e o outro real. O ideal é o momento em que o político recebe do seu soberano as insignias do poder, e o real é quando as entrega".

Em 1900, os Conservadores voltaram ao poder com a missão de terminar a guerra do Transvaal. Lloyd George tornou-se, na oposição liberal: "Começamos esta guerra para obtermos igualdade de direito e continuamos para uma anexação. É como se entrássemos numa casa para proteger as crianças e terminássemos a tarefa roubando a baixela". Sir Harry Campbell-Bannerman, líder do partido liberal, também condenava a continuação da guerra.

Lord Kitchener era partidário de uma ampla anistia; Lord Milner, titular do War Office, queria uma capitulação incondicional e o direito de tratar os prisioneiros como rebeldes. A ideia de capitulação foi afastada com a intervenção oportuna, no debate, de Lord Rosebery. A paz se fez em 1902, no ano da coroação de Eduardo VII. Os boers aceitavam a anexação ao império, garantida a liberdade individual e os bens pessoais. Não houve indenização de guerra, a Inglaterra reconstruiu as fazendas e deu três milhões de libras para reconstruir os campos. Mais tarde, os mais ilustres generais boers, Botha, de Wet, de La Rey, foram recebidos pelas massas de Londres com extraordinário entusiasmo. Nas ruas fluíam bandeiras: "Todos bravos soldados... A nosso amigo e inimigo".

A oposição reuniu-se ao governo para festejar a assinatura da paz e desejar as boas vindas aos novos cidadãos imigrantes. "Então, certo, disse Campbell-Bannerman de poder afirmar que somos unânimes na nossa admiração pelos que até hoje foram nossos inimigos e que agora são nossos amigos e cidadãos".

O Partido Liberal até então fortemente dividido, pôde reunir num histórico banquete todos as suas correntes, seguindo o conselho de Lord Rosebery: "O mal é que, sob o nome de Partido Liberal, são reunidos homens de pensamentos e natureza diferentes. Podem trazer os mesmos nomes e remar na mesma barca. Porém o barco nunca avançará porque remam em direções diferentes. Enquanto a tripulação não entrar num acordo sobre a direção que pretende seguir, a barca não avançará, não poderá senão girar".

As eleições de 1906 dariam aos liberais 356 assentos no Parlamento, isto é, maioria absoluta, e, por conseguinte, o governo. Seu líder, Sir Henry Campbell-Bannerman foi elevado a Primeiro Ministro. Demitiu-se em 1908, por motivo de saúde, sendo substituído por Asquith, e este, finalmente, por Lloyd George, o último liberal a governar o Império.

O grande partido é hoje praticamente inexistente. Seu declínio começou em 1910, quando obteve apenas 275 assentos, em vez de 356.

Em 1901, o Partido Trabalhista era representado no Parlamento por dois deputados: John Burns, socialista de ideias moderadas, agitador sentimental, e Keir Hardie, antigo secretário da União dos Mineiros Escoceses, que não se separava de sua casquette de operário. Ramsay Mac Donald, o futuro Primeiro Ministro, e Snowden, que seria o notável Chanceler do Erário no primeiro gabinete trabalhista, perderam a eleição. Em 1910, os trabalhistas já dispunham de 45



o eleitorado que decide sobre o ocupante de Downing Street n. 10, residência oficial do primeiro-ministro. Attlee cedeu o lugar a Winston Churchill.

Tiveram em 1951 maioria de votantes, mas perderam em número de assentos na Câmara dos Comuns, por isto os Conservadores voltaram ao poder.

...

O TOTAL DE NAVIOS EM CONSTRUÇÃO EM TODO O MUNDO

A Junta de Armadores Norte-Americanos informou que os Estados Unidos acabam de entrar no círculo seleto das nações marítimas com mais de 1 milhão de toneladas brutas de navios mercantes encomendados ou em construção. As cifras recém-divulgadas e relativas ao terceiro trimestre de 1951, reve-

lam que existem nos estaleiros do país 85 navios de 1.000 ou mais toneladas brutas, em um total de 1.062.990 toneladas. A proporção correspondente aos Estados Unidos é de 8 e meio por cento.

A Grã-Bretanha continua em primeiro lugar, por uma grande margem, com 623 navios, correspondentes a 5.502.370 toneladas, ou seja, 42 e meio por cento do total mundial. Em segundo lugar a Suécia, com 170 navios, correspondentes a 1.496.173 toneladas, ou 11 e meio por cento do total. Segue-se a Alemanha, com 210 navios, 1.251.668 toneladas, ou 9-6 por cento do total. Depois dos Estados Unidos vem a Holanda, com 105 navios, 928.765 toneladas e 7-2 por cento.

A 1 de outubro último atingia a 1.593 o total de navios encomendados ou em construção nos estaleiros mundiais, correspondentes a 12.918.140 toneladas. Desse total, 293 eram para cargas secas, compreendendo 4.662.303 toneladas; 572 eram navios tanques em um total de 7.079.130 toneladas; 138 eram navios para passageiros e combinação carga-passageiros, em um total de 1.176.716 toneladas. Em outubro de 1950, o total de navios em construção em todo o mundo era de apenas 946, com 7.173.013 toneladas, figurando em primeiro lugar a Grã-Bretanha, seguindo-se a Suécia, França, Holanda e os Estados Unidos.

* * *

STUART MILL, BERNARD SHAW E OS SUFRAGISTAS

Quando John Stuart Mill defendeu, em 1867, no Parlamento britânico, o sufrágio feminino, a maioria dos deputados entendeu de contrariá-lo. Consideraram esse assunto cômico. Mas a autoridade de Stuart Mill era muita para ser ridicularizada.

"Não ignoro, dizia ele, que existe um sentimento obscuro que quer que uma mulher não tenha o direito de se ocupar com coisa alguma senão em ser a servidora do homem... Essa pretensão de confisgar a existência da humanidade pela suposta comodidade da outra metade, parece-me tão estúpida quanto injusta... Como será bom para um homem viver em completa comunhão de pensamentos e sentimentos com um ente marido cuidadosamente inferior, e que cultivava como um encanto a ignorância, a indiferença, sobre os mais elevados assuntos?"

O assunto não teve sucesso no Parlamento, mas as mulheres começaram a ceder grandes esperanças, fundando, em Londres, a "National Society for Women's Suffrage", e, em 1869, obtiveram o voto municipal.

Mas o verdadeiro e agitado movimento sufragista surgiu em 1903, em Manchester, com o grito de guerra "Votes for women", lançado na primeira reunião promovida por Mr. Pankhurst ao fundar o "Women's Social and Political Union". Foi esse grupo que agitou a Inglaterra, usando de todas as astúcias para destrair a sua bandeira, nos comícios públicos, nas reuniões políticas, nas festas, nos teatros, nos prados de corridas e nas galerias do Parlamento.

Faziam distúrbios de toda sorte. A polícia não lhes dava tréguas. Em 1907, Londres



Ernest Bevin, foi uma das personalidades mais representativas do socialismo inglês. Ministro dos Negócios Estrangeiros, no governo trabalhista, renunciou por motivo de saúde, falecendo meses depois.

assistia um desfile pitoresco de 3.000 sufragistas. Um ano depois, no Hyde Park, eram 50.000.

Bernard Shaw zombava do pânico dos homens e fazia propaganda: "Sim, posso falar, porque foi por minha peça 'O Homem e o Super-homem', que meu sexo foi advertido da terrível força das mulheres e da mísera fraqueza dos homens".

* * *

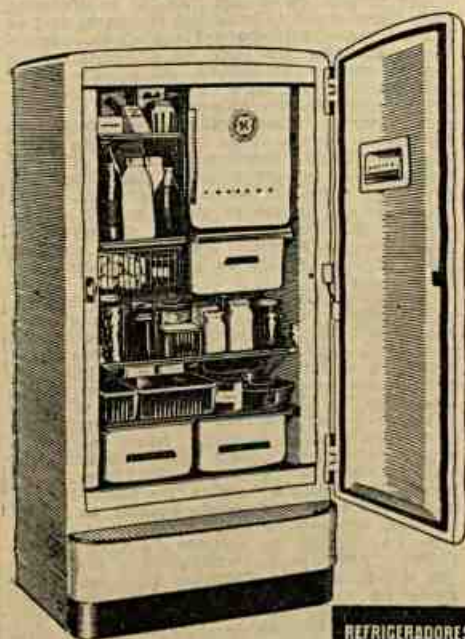
REVISÃO DO TRATADO DE PAZ COM A ITÁLIA

O Itamaraty, em nota que lhe enviou a Embaixada da Itália, comunicou ao embaixador desse país, sr. Mário Martini, que o governo brasileiro, nos termos de procedimento acordado com os governos dos Estados Unidos, da França e da Grã-Bretanha, resolveu concordar, como signatário do Tratado de Paz com a Itália, com a proposta de revisão do mesmo.

* * *

Quando nos sentimos arrastados para a cólera devemos observar os seus efeitos nos que se abandonam à mesma paixão.

Plutarco



E justamente por isso os refrigeradores G-E são os mais desejados pela maioria das famílias cariocas, conforme revelaram pesquisas domiciliares. Esta decisiva preferência é o resultado das convenientes características do Refrigerador G-E, que satisfazem em tudo às aspirações da dona de casa.

Há em todo o mundo mais de 3 milhões de refrigeradores G-E funcionando há 10 anos e mais!

REFRIGERADORES



CONSAGRADOS
PELA OPINIÃO
PÚBLICA

GENERAL ELECTRIC

SOCIEDADE ANÔNIMA

8.541

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO -

RECIFE - SALVADOR - CURITIBA - P. ALEGRE

DR. BRICIO FILHO



DEZEMBRO 18

O falecimento do jornalista Bricio Filho veio roubar à imprensa um de seus vultos mais eminentes e um de seus mais altos valores intelectuais e morais.

Decano dos profissionais do jornalismo, Bricio Filho era o sócio n. 1 da Associação Brasileira de Imprensa, e essa prioridade no tempo veio corroborar a posição de relêvo que seus méritos lhe conquistaram na classe que soube dignificar como poucos, graças a uma conduta impecável e a uma dedicação ímpar nas árduas campanhas a que se devotou.

Não apenas, entretanto, se pode louvar no dr. Bricio Filho o jornalista, porquanto na política, na medicina e no magistério sua figura também se projetou com brilhantismo.

Na política, distinguiu-se pela combatividade e pela integridade de suas atitudes partidárias, jamais cedendo a injunções suspeitas ou se acumpliciando ao comedismo ou à inércia diante das causas que lhe pareciam corresponder aos interesses nacionais.

Abolicionista dos mais ardorosos, dedicou-se, na República, de que foi um propagandista exaltado, à causa da legalidade simbolizada no Marechal Floriano Peixoto, cujo governo teve nele um desassombrado defensor na tribuna e na imprensa, tendo sido um dos nossos mais eloquentes parlamentares. Sua dedicação sobreviveu ao próprio Marechal de Ferro, cuja memória o sr. Bricio Filho foi infatigável em defender, com a fundação do "Grêmio Floriano Peixoto", que presidia com grande devotamento cívico.

Desiludido da política partidária, que tan-

tas vezes o levava à Câmara como deputado, o ilustre patriótico entregou-se então às lides da imprensa, fundando, nesta capital, "O Século", vespertino que dirigiu com real proficiência até 1915, e que se constituiu em uma esplêndida escola de jornalismo, onde se plasmaram profissionalmente muitos dos atuais homens de imprensa, entre os quais os srs. Costa Régio, Elmano Cardim, Joaquim de Sales e Mario Alves.

Militou a seguir em vários outros jornais, notadamente no "Jornal do Brasil" e em "O Globo". Naquele matutino, chegou a exercer o cargo de diretor, em 1930, e, no "O Globo", destacou-se como cronista de turfe dos mais competentes da cidade, sob o pseudônimo de "Lagrange", porque o jornalista ontem desaparecido se tornara um dos mais apaixonados "turfinhos", tendo sido sócio fundador, honorário e benemerito do Jockey Club. Depois de um curso brilhante na Faculdade de Medicina, Bricio Filho se tornou, por assim dizer, o primeiro traumatologista brasileiro, conforme se pode verificar pelos seguintes comentários com que o dr. Floriano de Lemos focalizou sua atuação médica na Revolta de 1893:

"Na revolta de 93, em que ele se ofereceu para bater-se ao lado de um punhado de patriotas, como soldado da legalidade, coube-lhe a direção dos serviços do hospital de sangue criado em Niterói. O célebre combate da Armazém, de 9 de fevereiro, que decidiu da vitória do governo, serviu também para mostrar a envergadura do cirurgião. Os feridos contavam-se às centenas. As balas dos revoltosos choviam sobre a cidade. Bricio Filho foi assombroso, atendendo aos mutilados pelos estilhaços das granadas, com o que salvou inúmeras vidas, apesar a exiguidade dos recursos de que dispunha, já pela situação anormal que o país atravessava, já pelo atraso da ciência médica daquela ocasião.

Com efeito, os raios X ainda não haviam sido descobertos. As fraturas eram reduzidas pelo tato, os aparelhos, colocados sem controle algum. E no fim da gloriosa campanha, a estatística do hospital expunha a pericia do operador, da qual dependeu a alta dada, no fim de pouco tempo, a quase todos os socorridos, nas melhores condições de readaptação à atividade. Entre os feridos graves, contou-se aquele ilustre combatente que se chamou Tasso Fragoso, falecido só nos nossos últimos tempos, no posto de general, depois de ter podido prestar ao Brasil os mais destacados serviços."

No magistério, os méritos do prof. Bricio Filho igualmente se destacaram e sua atuação na cátedra de Ciências Naturais e Higiene na antiga Escola Normal, logo conquistou grande apreço entre o corpo docente e a admiração de seus colegas de professorado. A popularidade do dr. Bricio Filho entre as futuras professoras foi sempre o justo prêmio de sua dedicação e de sua proficiência no exercício do magistério.

Raros brasileiros, portanto, poderão ombrear-se com o dr. Bricio Filho nessa honrosa coincidência de valor em quatro atividades distintas, porque ele foi jornalista dos mais brilhantes, político de atuação memorável em eventos decisivos da vida nacional — Abolição, República e Revolução de 93, — médico pioneiro de uma especializa-

ção e, por fim, professor dos mais eminentes das nossas cátedras.

O desaparecimento de tão ilustre brasileiro — exemplo de nobres virtudes — é, portanto, um dos acontecimentos mais infaustos deste ano, e o sentimento nacional se traduzirá, de maneira significativa e sincera, nas homenagens que serão prestadas a quem soube honrar uma profissão e dignificar seu nome em campanhas de alto sentido patriótico.

DADOS BIOGRÁFICOS

O dr. Jayme Pombo Brício Filho nasceu a 30 de junho de 1885, em Belém, no Estado do Pará. Era filho do médico do mesmo nome e, após concluir seus estudos preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde fez curso brilhante, especializando-se em cirurgia.

Republicano ardoroso, após intensas lutas políticas, foi eleito, bem moço, deputado federal à 2.ª Legislatura (1894-1896). Partidário do marechal Floriano Peixoto, o dr. Brício Filho se devotou incondicionalmente à causa legalista, tendo, na repressão à revolta de 6 de setembro, servido como médico do Batalhão Acadêmico, nas lides de fogo de Niterói.

Não foi reeleito deputado federal à 4.ª Legislatura (1897 a 1899), mas, em 1900, o Estado de Pernambuco o enviou como seu representante ao Congresso Nacional. Em 1903 foi ainda reeleito por Pernambuco à 5.ª Legislatura (1903-1905). Dedicou-se então o dr. Brício Filho à oposição ao governo Campos Sales e, logo após, desiludido-se da política partidária, devotou-se à imprensa, tendo fundado "O Século", que tão destacada missão exerceu em nossa imprensa.

Trabalhou a seguir no "Jornal do Brasil", de que foi um dos diretores, e no "O Globo", onde deu valor excepcional à crítica turfi-sta. Surgiu, então, o período de sua cate-quese cívica em prol da memória do ma-rechal Floriano Peixoto, cuja figura e cujas diretrizes políticas foi incansável em reviver através das cerimônias cívicas com que assina-lava o transcurso das datas mais signifi-cativas da revolução de 93. Em comícios e conferências, o dr. Brício Filho evocava para os contemporâneos os grandes feitos da causa legalista, apontando-os como exemplos dig-nos de continuidade.

Nos setores turfi-stas, também se intensi-ficou sua atuação que, inegavelmente, muito contribuiu para o levantamento intelectual dessa especialização da imprensa.

O dr. Brício Filho faleceu aos 86 anos, deixando viúva d. Georgina Branco Brício.

HOMENAGEM DA A.B.I.

A Associação Brasileira de Imprensa, logo que teve conhecimento do infausto desaparecimento do dr. Jaime Pombo de Brício Filho, o sócio mais antigo da Casa do Jorna-lista, matrícula n.º 1, manifestando o seu grande pesar, resolveu hastear a flâmula social em sinal de luto por sete dias, apre-

sentar condolências à família do extinto, bem como comparecer a todas as cerimô-nias fúnebras e enviar uma grinalda com os seguintes dizeres: "Homenagem da Asso-ciação Brasileira de Imprensa ao sócio nú-mero um". Resolveu ainda colocar o seu re-trato no Panteão da Saudade, por ocasião das próximas comemorações do Dia da Im-prensa.

* * *

EPIGRAMAS DE MARCIAL

A UM RICO ARROGANTE

Porque compras escravos a cem mil e mesmo a duzentos mil sestércios; porque bebes vinhos armazenados no reinado de Numa; porque a tua pouca mobília te custou um milhão; porque o peso de uma libra de prata em obra te custa cinco mil; porque um carro de ouro é adquirido por ti pelo preço de uma herdade; porque a tua mula te custou mais do que custa uma casa em geral, — julgas tu que essas despesas são prova de uma grande alma. Quanto? Estás enganado. Quanto; são as extravagâncias de uma alma pequenina.

MERA COINCIDÊNCIA

E' verdade, Panfilo, que tu sempre pões na mesa vinho de Setia ou de Massicus; mas corre o boato que ele não é tão puro como devia ser. Dizem que quatro vezes tens en-viuado com o auxílio da tua taça. Eu não penso isso, Panfilo, nem o acredito; mas não tento sêde.

MODESTIA QUE CHEGA A SER GENIO

Dizes, Labério, que sabes escrever belos versos; então porque não os escreves? A quem sabe escrever belos versos e não os escreve, tenho-o por um homem extraor-dinário.

VAMOS AO ASSUNTO

A minha ação nada tem que vêr com agres-são, espancamento, ou envenenamento, mas diz respeito a três cabras, que o vizinho de que me queixo me roubou. E' isto que o juiz quer que lhe proves, meu bom advogado; mas tu, com termos bombásticos e gestos es-travagantes, não falas senão na batalha de Cannas, na guerra mithridática, na falsa fé dos cartagineses desvaireados, nos partidos de Silla, de Mário e de Múcio. E' tempo. Pos-tumo, de dizeres alguma coisa a respeito das minhas três cabras.

UMA LIGEIRA INSINUAÇÃO

Não tenho um vintem em casa; só uma coisa me resta fazer, Régulo, que é vender os presentes que tu me tens dado; queres comprá-los?

MOVEIS
DECORAÇÕES
INTERIORES



65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

INTERVENÇÃO DO ESTADO NO DOMÍNIO ECONÔMICO

CRIADA A COMISSÃO FEDERAL DE ABASTECIMENTOS E PREÇOS — SUAS ATRIBUIÇÕES — AS COMPRAS, DESAPROPRIAÇÕES E VENDAS

(Lei publicada em 28 de dezembro de 1931).

Art. 1.º — É o Poder Executivo autorizado, na forma do art. 146 da Constituição, a intervir no domínio econômico para assegurar a livre distribuição de mercadorias e serviços essenciais ao consumo do povo, sempre que deles houver escassez.

Parágrafo único — Idêntica autorização é concedida ao governo para assegurar o suprimento dos bens necessários às atividades agropecuárias e industriais do país.

Art. 2.º — A intervenção consistirá: I — na compra, distribuição e venda de:

a) gêneros e produtos alimentícios de primeira necessidade;

b) gado vacum, suíno, ovino e caprino, destinado ao foleio;

c) aves e peixes próprios para a alimentação humana;

d) combustíveis vegetais ou minerais;

e) tecidos e calçados de uso popular;

f) medicamentos;

g) instrumentos e ferimentos de uso individual;

h) máquinas, inclusive caminhões, tratores, conjunto moto-mecanizantes e peças sobresselentes, destinados ao trabalho agrícola;

i) arames fardados e linos, quando destinados a emprego nas atividades rurais;

j) artigos sanitários e artigos industrializados, de uso doméstico, destinados ao consumo normal das pessoas de respectiva capacidade econômica;

l) cimento e laminados de ferro, destinados às construções de casas próprias de tipo popular e às benfeitorias rurais;

l) produtos e materiais indispensáveis à produção de bens de consumo popular.

II — Na fixação de preços e no controle de abastecimento.

III — No desapropriação de bens por interesse social, ou na requisição de serviços necessários, uns e outros, à realização dos objetivos precitados neste lei.

§ 1.º — A aquisição dar-se-á no país, ou no estrangeiro, quando insuficiente a produção nacional e a venda onde se verificar a escassez.

§ 2.º — Não podem ser objeto da aquisição por compra, ou desapropriação, na forma desta lei, os animais destinados ao serviço ou à reprodução.

Da Comissão Federal de Abastecimento e Preços e dos seus órgãos auxiliares — Art. 3.º

3.º — A Comissão Federal de Abastecimento e Preços (COFAP) instituída no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e com autonomia administrativa, será o órgão de execução desta Lei.

§ 1.º — A COFAP terá um presidente, em comissão, e será constituída de treze representantes do comércio, da indústria, da agricultura, da pecuária, da imprensa, das forças armadas, das cooperativas de produtores e de consumidores, dos economistas dos Ministérios da Fazenda, Agricultura, Viagem e Obras Públicas, do Banco do Brasil e da Prefeitura do Distrito Federal.

§ 2.º — Os representantes do comércio, da indústria, da agricultura, da pecuária, da imprensa, das forças armadas, das cooperativas de produtores e de consumidores, dos economistas dos Ministérios da Fazenda, Agricultura, Viagem e Obras Públicas, do Banco do Brasil e da Prefeitura do Distrito Federal, serão indicados pelo Poder Executivo.

§ 3.º — A COFAP será convocada pelo Poder Executivo, em reuniões, sem direito a voto.

Art. 4.º — As resoluções da COFAP serão tomadas por maioria absoluta de votos e constantes de portaria firmadas pelo seu presidente ou na falta ou impedimento deste, pelo substituto designado pelo presidente da República dentre os membros da mesma Comissão.

Art. 5.º — Como órgão auxiliar da Comissão Federal de Abastecimento e Preços serão instituídas nas capitais dos Estados e dos Territórios, Comissões de Abastecimento e Preços (COAP), e nos municípios Comissões Municipais de Abastecimento e Preços (COMAP), com a organização e as atribuições que forem determinadas pela Comissão Federal dentro dos limites desta Lei.

§ 1.º — As COAP serão constituídas de 8 e 5 membros, no mínimo, respectivamente, nos Estados e Territórios e terão no máximo 12 membros, e nelas figurarão, na medida do possível, as representações das categorias econômicas indicadas no § 1.º do art. 2.º desta Lei.

§ 2.º — No Distrito Federal e nas capitais dos Estados e Territórios, a fixação dos preços e o controle do abastecimento serão executados pela COFAP e pelas COAP, respectivamente.

§ 3.º — A criação das Comissões Municipais de Abastecimento e Preços dependerá, em cada caso, de deliberação da COFAP.

Art. 6.º — Os presidentes e os membros da COFAP e das COAP serão nomeados pelo presidente da República.

§ 1.º — Os presidentes e membros das COMAP serão designados pelos presidentes das COAP.

§ 2.º — Na constituição das COMAP deverá figurar o produtor, ou seu representante.

Do abastecimento e dos preços — Art. 7.º

Para o controle de abastecimento de mercadorias, ou serviços, e fixação dos preços, a COFAP poderá:

oficiais ou atacadistas, federais, estaduais e municipais. Art. 11 — Os preços das mercadorias de primeira necessidade ou dos serviços requisitados e) tabelar os preços máximos em relação aos revendedores, quer sobre mercadorias, quer sobre serviços essenciais; f) tabelar os preços máximos e estabelecer condições de venda de outras mercadorias ou serviços, a fim de impedir lucros excessivos, inclusive diversas publicações populares; g) estabelecer o racionamento dos serviços essenciais e dos bens mencionados no art. 2.º, inciso I desta Lei, cuja produção se mostre insuficiente para atender ao consumo; h) auxiliar as cooperativas de consumo e mistas agrícolas a obterem preferencialmente os produtos de que necessitam para o seu bom funcionamento; i) manter estoque das mercadorias essenciais no início I do art. 2.º, desta Lei; j) superintender e fiscalizar, em todo o país, a execução das medidas que adotará para os serviços que estabelecer.

Art. 8.º — Para efeito de controle dos preços, a COFAP, a COAP e a COABAR determinarão que o vendedor de mercadorias de primeira necessidade, cuja importância exceda de dez cruzados, ou o fornecedor de serviços essenciais, quando a prestação de serviços ultrapassar de Cr\$ 15,00, entregue, ao comprador ou ao freguês, uma nota ou nota ou caderno de venda, seja esta à vista ou a prazo, assinado pelo vendedor ou fornecedor ou pelo empregado do estabelecimento. Parágrafo único — A falta da nota ou caderno de venda, contrariando a indicação da quantidade e do preço da mercadoria vendida ou do serviço prestado, constitui infração.

b) o nome e o endereço do estabelecimento; c) o nome da firma ou do responsável; d) data e local da transação. Art. 9.º — Somente depois de autorizados pela COFAP poderão entrar em vigor os aumentos de preços dos gêneros e mercadorias cuja produção e venda sejam reguladas por autarquias ou órgãos federais ou estaduais. Parágrafo único — Os aumentos das tarifas dos serviços de utilidade pública explorados por concessão, autorização ou permissão pela União, Estados, Municípios ou entidades autárquicas, ficam condicionados à prévia aprovação de um dos seguintes órgãos: a) da COFAP quando o serviço for federal; b) da COAP quando o serviço for estadual ou municipal; c) da COABAR quando o serviço for municipal ou local.

Art. 10 — As compras serão feitas, sempre que possível, mediante concorrência pública ou administrativa. Art. 11 — Nos casos em que não for possível a concorrência, as compras serão feitas mediante autorização, em cada caso, da COFAP.

Art. 12 — O relatório mensal, a que se refere o art. 21 desta Lei, mencionará obrigatoriamente, em capítulo especial, a lista das compras feitas de acordo com o § 1.º de este artigo, com a justificativa da dispensa da concorrência. Art. 13 — Os gêneros e mercadorias, serviços ou diver-

Art. 14 — Fica sujeito à multa de Cr\$ 100.000,00, sem prejuízo de outras sanções penais que couberem na forma da Lei, aquele que: a) vender ou expuser à venda mercadorias ou oferecer serviços por preços superiores aos tabelados; b) sonagar gêneros ou mercadorias, re- cusar vendê-las ou as reter com fins de especulação; c) não mantiver afixadas em lugar visível e de fácil leitura a tabela de preços dos gêneros e mercadorias, serviços ou diver-

Art. 15 — Os distribuidores far-se-ão equitativamente de forma a impedir o agobramento e a especulação. Art. 16 — Nas compras e desapropriações dos bens previstos no inciso I do art. 2.º desta Lei, o imposto de vendas e consignações será pago pelo vendedor ou pelo desapropriado. Art. 17 — Fica sujeito à multa de Cr\$ 100.000,00, sem prejuízo de outras sanções penais que couberem na forma da Lei, aquele que: a) vender ou expuser à venda mercadorias ou oferecer serviços por preços superiores aos tabelados; b) sonagar gêneros ou mercadorias, re- cusar vendê-las ou as reter com fins de especulação; c) não mantiver afixadas em lugar visível e de fácil leitura a tabela de preços dos gêneros e mercadorias, serviços ou diver-

Art. 18 — Os distribuidores far-se-ão equitativamente de forma a impedir o agobramento e a especulação. Art. 19 — Nas compras e desapropriações dos bens previstos no inciso I do art. 2.º desta Lei, o imposto de vendas e consignações será pago pelo vendedor ou pelo desapropriado. Art. 20 — Fica sujeito à multa de Cr\$ 100.000,00, sem prejuízo de outras sanções penais que couberem na forma da Lei, aquele que: a) vender ou expuser à venda mercadorias ou oferecer serviços por preços superiores aos tabelados; b) sonagar gêneros ou mercadorias, re- cusar vendê-las ou as reter com fins de especulação; c) não mantiver afixadas em lugar visível e de fácil leitura a tabela de preços dos gêneros e mercadorias, serviços ou diver-

os sistemas de entrega ao consumo por intermédio do valor da multa ou prestação fiança idônea, tarmado de distribuidores ou revendedores; ou de pessoa física ou jurídica.

e) negar ou deixar de fornecer a fatura ou nota, ou caderno de venda, quando obrigados, sob pena de multa de cinco dias, a contar da citação do infrator.

f) produzir mercadorias cujo embalagem não esteja em conformidade com a legislação; ou g) efetuar vendas ou ofertas de vendas, ou comprar ou ofertas de compra, que incluam, por qualquer forma, uma prestação oculta; ou h) efetuar vendas ou ofertas de vendas, ou comprar ou ofertas de compra que pre-

vejam a entrega de produtos inferiores, em quantidade ou qualidade, aos faturados ou à fatura; ou i) subordinar a venda de um produto à compra simultânea de outros produtos ou a compra de uma quantidade imposta; ou j) estorvar ou impedir a observância das

resultados que forem baixadas pela COFAP no uso de suas atribuições; ou l) sonegar documentos e comprovantes exigidos para apuração do custo de produção e de venda, ou impedir ou dificultar exames contábeis que forem julgados necessários, ou deixar de fornecer esclarecimentos que forem exigidos, observado sempre o disposto no art. 34 desta Lei.

§ 1.º — Na aplicação da multa atender-se-á ao valor da operação considerada infrigente desta lei, às circunstâncias do fato e à condição econômica e grau de instrução do infrator.

§ 2.º — Respondendo, solidariamente, pelo pagamento da multa, os proprietários, os administradores, os gerentes e os signatários da fatura ou nota ou do caderno de venda, quando exigidos, ou quem efetuar a venda.

Art. 15 — As sociedades ou firmas que produzam gêneros ou mercadorias de primeira necessidade ou que prestem serviços essenciais ou que adquiram gêneros ou mercadorias façam comércio ou transporte, cujas vendas ou receitas excedam quinhentos mil cruzeiros anuais, são obrigadas a enviar à COFAP, anualmente, até o dia 10 de maio, os balanços acompanhados da conta de lucros e perdas, sob pena de multa de quinhentos cruzeiros a vinte mil cruzeiros.

Parágrafo único — Ficam isentas desta exigência as sociedades que, por lei, estiverem obrigadas a dar publicidade aos seus balanços.

Art. 16 — O infrator será autuado na presença de duas testemunhas, pelos prepostos ou agentes de fiscalização da COFAP ou dos órgãos auxiliares, devendo constar a assinatura do infrator ou declaração, pelo autuante, da veracidade da acusação.

§ 1.º — O auto será lavrado em duas vias, devendo a primeira dar entrada na COFAP, a COAP ou COMAP, dentro do prazo de 24 horas, entregando-se a segunda ao autuado.

§ 2.º — O autuado terá 15 dias para apresentar sua defesa, devendo o julgamento do infrato ser feito no prazo improrrogável de 45 dias.

§ 3.º — Os prazos serão contados a partir da data da autuação.

Art. 17 — As multas por infração desta Lei serão aplicadas, nas capitais, pelos Juizes da Fazenda Pública, e no interior pelo Juiz de Direito local, mediante a apuração da infração pela COFAP ou pelos seus órgãos auxiliares.

§ 1.º — O infrator, simultaneamente com a sua defesa, depositará cinquenta por cento

do valor da multa ou prestação fiança idônea, sob pena de suspensão, para o Tribunal de Justiça.

Art. 18 — Os recursos administrativos previstos nesta Lei serão interpostos dentro do prazo de quinze dias úteis, factos e improrrogáveis, a contar da data da publicação do ato.

Parágrafo único — Não havendo recurso no prazo legal, será a multa inscrita como dívida ativa da União.

Art. 19 — No caso de reincidência poderá o Juiz de Direito decretar a intervenção total ou parcial do estabelecimento por um prazo de cinco e noventa dias.

Parágrafo único — As sanções administrativas ou judiciais impostas ao infrator não darão lugar a rescisão da locação.

Disposições gerais — Art. 20 — Os estabelecimentos devidamente aparelhados, a critério das autoridades sanitárias, poderão fornecer ao comércio varejista de gêneros alimentícios ou diretamente aos consumidores, carne resfriada, classificada ou embalagem adequada.

Art. 21 — Mensalmente, publicará a COFAP, no "Diário Oficial", um relatório de suas atividades, acompanhado de balancete de receita e despesa do serviço.

§ 1.º — O relatório mencionará obrigatoriamente: a) a relação das mercadorias adquiridas por compra ou desapropriação; b) a relação das mercadorias vendidas por grosso e a varejo; c) a relação das multas aplicadas.

O CIGARRO

DA

ELITE

CR\$

4,50



PASTOR

ÉGLE
UM PRODUTO

Sudan

Égle

atribuída uma gratificação até o máximo de dez durante o mês. **Art. 34** — Para a realização de exames contábeis ou de documentos, devem os presidentes da COFAP ou das COAP, em caso de urgência, credenciar servidores especialmente para esse fim.

Art. 26 — A COFAP arbitrar a gratificação dos seus servidores, do exercício das funções de chefia e pela prestação de serviços extraordinários, submetendo as suas decisões e aprovação ao presidente da República. **Art. 35** — Em caso de urgência, excluídas as desapropriações e vendas, o presidente da COFAP poderá, "ad referendum" da mesma Comissão, deliberar sobre os assuntos da administração desta, submetendo, no prazo de 48 horas, tais deliberações à sua aprovação.

Art. 27 — O presidente da COFAP poderá requisitar na forma da legislação em vigor, servidores públicos de autarquias ou de cidade de economia mista, os quais ficarão afastados de suas funções, enquanto durar a requisição, sem prejuízo dos seus vencimentos e das demais vantagens do seu cargo ou função. **Art. 36** — Poderá o presidente da COFAP atribuir a cidadãos de reconhecida idoneidade, função de fiscalização, cujo exercício será considerado serviço público relevante, não dando, porém, direito à percepção de vencimentos ou gratificações.

Art. 28 — Esta lei não prejudica a vigência das resoluções da CCP e Comissões administrativas, relativas a tabelamentos, enquadrando não revogadas pela COFAP ou COAP. **Art. 37** — Esta lei não prejudica a vigência das resoluções da CCP e Comissões administrativas, relativas a tabelamentos, enquadrando não revogadas pela COFAP ou COAP.

Art. 29 — A organização e as modificações do quadro de pessoal dos serviços da COFAP para a União, Estados e Territórios, serão feitas pelo seu presidente e submetidas à aprovação do presidente da República. **Art. 38** — A COFAP pagará aos Estados e ao Distrito Federal, mensalmente, a título de indenização, a importância correspondente ao imposto de vendas e consignações relativas às vendas que efetuar nos termos desta Lei.

Art. 30 — Na execução desta Lei não serão permitidas discriminações de caráter geográfico ou de grupos e pessoas dentro do mesmo setor da produção e comércio.

Art. 40 — Os servidores do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio que se encontrarem em exercício na Comissão Central de Petição (anexo 8.º do decreto-lei n. 9.125, de 4 de abril de 1946), serão transferidos para a COFAP, a juízo da administração, na situação em que se encontram, restando ser transferidas as verbas de pessoal respectivas. **Art. 41** — A presente Lei entrará em vigor, trinta dias depois da sua publicação, ficando, por cinco anos, ficando revogado o decreto-lei n. 9.125, de 4 de abril de 1946, e demais disposições contrárias.

Art. 21 — Os membros da COFAP e os servidores remunerados ou não, que pleitearem, exigirem ou receberem qualquer recompensa por ação ou omissão contrária aos fins desta Lei, incorrerão na pena de seis meses a quatro anos de reclusão. **Art. 22** — Os membros da COFAP deverão fazer prova de quitação com o imposto de renda. Os presidentes, membros e servidores da COFAP e das COAP ficam obrigados a apresentar, antes de entrarem no exercício de suas funções, uma declaração de bens e rendas próprias e de seus esposas e dependentes, declaração que deverá ser renovada no mês de junho de cada ano.

Art. 23 — As declarações serão enviadas, por intermédio da COFAP, dentro de quinze dias ao Tribunal de Contas, onde serão arquivadas. **Art. 24** — O Poder Executivo é autorizado a contratar com o Banco do Brasil empréstimo, em conta corrente, até o limite de duzentos milhões de cruzeiros, destinado a ocorrer às operações autorizadas no art. 2.º desta Lei.

Art. 32 — O Poder Executivo é, também, autorizado a abrir, pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, o crédito especial, até o limite de vinte milhões de cruzeiros para atender às despesas de pessoal e material da COFAP e órgãos auxiliares, inclusive aluguel de prédios destinados ao seu funcionamento. **Art. 33** — As dotações orçamentárias, o material e arquivo da Comissão Central de

Parágrafo único — As declarações serão enviadas, por intermédio da COFAP, dentro de quinze dias ao Tribunal de Contas, onde serão arquivadas.

Art. 31 — É o Poder Executivo autorizado a contratar com o Banco do Brasil empréstimo, em conta corrente, até o limite de duzentos milhões de cruzeiros, destinado a ocorrer às operações autorizadas no art. 2.º desta Lei.

Art. 32 — O Poder Executivo é, também, autorizado a abrir, pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, o crédito especial, até o limite de vinte milhões de cruzeiros para atender às despesas de pessoal e material da COFAP e órgãos auxiliares, inclusive aluguel de prédios destinados ao seu funcionamento.

Art. 33 — As dotações orçamentárias, o material e arquivo da Comissão Central de

Ruptura das relações comerciais com a Hungria

No dia 19 de novembro, quatro aviadores militares norte-americanos, em voo de reconhecimento para Belgrado, tendo-se esgotado a gasolina, foram obrigados a descer na Hungria por aviões de caça russos. Foram encaminhados em Budapeste durante 30 dias e, finalmente, postos em liberdade, mediante resgate de 120.000 dólares, pago pelo governo dos Estados Unidos (28 de dezembro). Em representação, o governo norte-americano ordenou o fechamento imediato dos consulados gerais húngaros em Cleveland e Nova York.

...se não espera que o supliquem para nos ajudar a abrir, pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, o crédito especial, até o limite de vinte milhões de cruzeiros para atender às despesas de pessoal e material da COFAP e órgãos auxiliares, inclusive aluguel de prédios destinados ao seu funcionamento.



A MELHOR FARINHA DE TRIGO

Especialmente fabricada para massas,
doces, cakes, biscoitos e todas as
demais uses culinarias.

MOINHO DA LUZ
CIA LUZ STEARTE
RIO DE JANEIRO

Análise n. 18.943 do Laboratório Especial de Rão de Janeiro

CRIMES E CONTRAÇÕES CONTRA A ECONOMIA POPULAR**Integra da lei — A instituição do Juri Popular**

(Publicada em 28 de Dezembro de 1951)

Art. 1.º — Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes e as contrações contra a economia popular. Esta Lei regulará o seu julgamento; **Art. 2.º** — São crimes desta natureza:

I) Recusar individualmente em estabelecimento comercial a prestação de serviços essenciais à subsistência; negar mercadorias ou recusar vendê-las a quem esteja em condições de comprar a preço pago;

II) favorecer ou prestar comprador ou freqüente em detrimento de outros ressaltados os sistemas de entrega ao consumo por intermédio de distribuidores ou revendedores;

III) favorecer ou prestar comprador ou freqüente em detrimento de cujo fabrico haja de detentado a determinação oficial, quanto ao peso e composição;

IV) negar ou deixar o fornecedor de serviços essenciais de entregar ao freqüente a prestação de serviços, desde que a importância exceda de quinze cruzeiros, e com a indicação do preço, do nome e endereço do estabelecimento, do nome da firma ou responsável, da data e local da transação e do nome e residência do freqüente;

V) misturar gêneros e mercadorias de espécies diferentes, expô-los à venda ou vendê-los como puros; misturar gêneros e mercadorias de qualidade desiguais para expô-los à venda ou vendê-los por preço marcado para os de mais alto custo;

VI) transgredir tabelas oficiais de gêneros e mercadorias, ou de serviços essenciais bem como expor à venda ou oferecer ao público ou vender tais gêneros, mercadorias ou serviços, por preço superior ao tabelado, assim como não manter afixadas, em lugar visível e de fácil leitura as tabelas de preços aprovadas pelos órgãos competentes;

VII) negar ou deixar o vendedor de fornecer nota ou caderno de venda de gêneros de primeira necessidade, seja à vista ou a prazo, e cuja importância exceda de dez cruzeiros ou de especificar na nota ou caderno — que serão isentos de selo — o preço da mercadoria vendida, o nome e o endereço do estabelecimento e firma ou o responsável, a data e o local da transação e o nome e residência do freqüente;

VIII) celebrar ajuste para impor determinado preço de revenda ou exigir do comprador que não compre de outro vendedor;

IX) obter ou tentar obter ganhos ilícitos em detrimento do povo ou de número indeterminado de pessoas mediante especulações ou processos fraudulentos ("bola de neve", "cadeiras", "pochakidimo" e quaisquer outros equivalentes);

X) violar contrato de venda a prestações fraudando sortidos ou deixando de entregar a coisa vendida, sem devolução das prestações pagas, ou descontar destas, nas vendas com reservas de domínio, quando o contrato for rescindido por culpa do comprador, quantia maior do que a correspondente à depreciação do objeto;

XI) fraudar pesos ou medidas padronizadas em lei ou regulamentos; possuir ou dete-

ner, para efeitos de comércio, sabendo estas, nem fraudadas;

II) detenção de 6 meses a 2 anos e multa de dois mil a cinquenta mil cruzeiros. **Parágrafo único** — Na configuração dos crimes previstos nesta Lei, bem como na de qualquer outra de defesa de economia popular, sua guarda e seu emprego considerar-se-ão como de primeira necessidade ou necessarias ao consumo do povo, os gêneros, artigos, mercadorias e qualquer outra espécie de coisas ou bens indispensáveis à subsistência do indivíduo em condições higiênicas e ao exercício normal de suas atividades.

Então compreendidas nesta definição os artigos destinados à alimentação, ao vestuário e a iluminação, os terapêuticos ou sanitários, o combustível, a habitação e os materiais de construção.

Art. 3.º — São também crimes dessa natureza:

I) destruir ou inutilizar, intencionalmente e sem autorização legal, com o fim de determinar alta de preços, em produto próprio ou de terceiros, matérias-primas ou produtos necessários ao consumo do povo;

II) abandonar ou fazer abandonar lavoura ou plantações, suspender ou fazer suspender a atividade de fábricas, usinas ou quaisquer estabelecimentos de produção, ou meios de transporte, mediante indenização paga pela administração de competição;

III) promover ou participar de consórcio, concerto, ajuste, aliança ou fusão de capitais, com o fim de impedir ou dificultar, para o efeito de aumentos arbitrários de lucros, a concorrência em matérias de produção, transporte ou comércio;

IV) reter ou acambrar matérias-primas, meios de produção ou produtos necessários ao consumo do povo com o fim de dominar o mercado em qualquer ponto do país e provocar a alta dos preços;

V) vender mercadorias abaixo do preço de custo com o fim de impedir a concorrência;

VI) provocar a alta ou baixa de preços de mercadorias, títulos públicos, valores ou salários por meio de notícias falsas, operações fictícias ou qualquer outro artifício;

VII) dar indicações ou fazer afirmações falsas em prospectos ou anúncios para o fim de substituição, compra ou venda de títulos, ações ou quotas;

VIII) exercer funções de direção, administração ou gerência de mais de uma empresa ou sociedade do mesmo ramo de indústria ou comércio com o fim de impedir ou dificultar a concorrência;

IX) gerir fraudulenta ou temerariamente bancos ou estabelecimentos bancários, ou de capitalização; sociedades de seguros, pecúlios ou pensões vitalícias; sociedade para empréstimos ou financiamento de construções e de vendas de imóveis a prestações, com ou sem sorteio ou preferência por meio de pontos ou quotas; caixas econômicas, caixa Raiffeisen;

caixas mútuas, de beneficência, socorros ou empréstimos; caixas de pecúlio, pensão e aposentadoria; caixas construtoras; cooperativas; sociedades de economia coletiva, levando-as a falência ou a insolvência ou não cumprin-

do qualquer das cláusulas contratuais com prejuízo dos interessados;

X) fraudar de qualquer modo escriturações, lançamentos, registros, relatórios, pareceres e outras informações devidas a sócios de sociedades civis ou comerciais em que o capital seja fracionado em ações ou quotas de valor nominativo igual ou inferior a Cr\$ 1.000,00 com o fim de sonegar lucros, dividendos, percentagens, rateios ou bonificações, ou de desfalcar ou desviar fundos de reserva ou reservas técnicas.

Pena: detenção de dois anos a dez anos e multa de vinte mil a cem mil cruzeiros.

Art. 4.º — Constitui crime da mesma natureza a usura pecuniária ou real, assim se considerando:

a) dobrar juros, comissões ou descontos percentuais, sobre divisas em dinheiro, superiores à taxa permitida por lei; cobrar ágio superior à taxa oficial de câmbio, sobre quantia permutada moeda estrangeira; ou ainda, emprestar sob penhor que seja privativo de instituição oficial de crédito;

b) obter ou estipular em qualquer contrato, abusando da presente necessidade, inesperienza ou leviandade de outra parte, lucro patrimonial que exceda o quinto do valor corrente ou justo da prestação feita ou prometida.

Pena: detenção de seis meses a dois anos e multa de cinco mil a vinte mil cruzeiros.

§ 1.º — Nas mesmas penas incorrerão os procuradores, mandatários ou mediadores que intervierem na operação usurária, bem como os concessionários de crédito usurários que ciente de sua natureza ilícita, o fizeram valer em sucessiva natureza ou execução judicial.

§ 2.º — São circunstâncias agravantes do crime de usura:

I) ser cometido em época de grave crise econômica;

II) ocasionar grave dano individual;

III) dissimular-se a natureza usurária do contrato;

IV) quando cometido:

a) por militar, funcionário público, ministro de culto religioso; por pessoa cuja condição econômica-social seja manifestamente superior à da vítima;

b) em detrimento de operário ou de agricultor; de menor de 18 anos ou de deficiente mental, interdito ou não.

§ 3.º — A estipulação de juros ou lucros usurários será nula, devendo o Juiz ajustá-lo à medida legal, ou, caso já tenha sido cumprida, ordenar a restituição da quantia paga em excesso, com os juros legais a contar da data do pagamento indevido.

Art. 5.º — Nos crimes definidos nesta Lei não haverá suspensão da pena nem livramento condicional, salvo quando o infrator for empregado do estabelecimento comercial ou industrial ou não ocupe cargo ou posto de direção dos negócios. Será a fiança concedida, nos termos da legislação em vigor, devendo ser arbitrada dentro dos limites de cinco mil cruzeiros a cinquenta mil cruzeiros nas hipóteses do art. 2.º e dentro dos limites de dez mil a cem mil cruzeiros nos demais casos reduzida a metade dentro desse limite, quando o infrator for empregado do estabelecimento comercial ou industrial ou não ocupe cargo ou posto de direção dos negócios.

Art. 6.º — Verificado qualquer crime contra a economia popular ou contra a saúde pública (cap. II do tit. VIII) do Código Pe-

nal e atendendo à gravidade do fato, sua repercussão e feitos, a Juiz na sentença declarará a interdição de direito, determinada no artigo 68 n. IV, de Código Penal, de seis meses a um ano assim como mediante representação da autoridade policial, poderá decretar, dentro de quarenta e oito horas, a suspensão provisória, pelo prazo de quinze dias, do exercício da profissão ou atividade do infrator.

Art. 7.º — Os juizes reconstruído de ofício sempre que absolverem os acusados em processo por crime contra a economia popular ou contra a saúde pública, ou quando determinarem o arquivamento dos autos do respectivo inquérito policial.

Art. 8.º — Nos crimes contra a saúde pública, os exames periciais serão realizados no Distrito Federal, pelas repartições da Secretaria Geral de Saúde e Assistência e da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, do Prefeitura e pelo Gabinete de Exames Periciais do Departamento Federal de Segurança Pública e nos Estados e Territórios pelos serviços congêneres, valendo quaisquer dos laudos como corpo de delito.

Art. 9.º — Constitui contravenção penal relativa à economia popular:

I) receber, ou tentar receber, por parte de locação, sublocação ou cessão de contrato, quantia ou valor além do aluguel e dos encargos permitidos por lei;

II) recusar fornecer recibo de aluguel;

III) cobrar o aluguel antecipadamente salvo o disposto no parágrafo único do art. II da Lei n. 1.300, de 28 de dezembro de 1950;

IV) deixar o proprietário, o locador e o promitente comprador, nos casos previstos nos itens II a V, VII e IX do art. 15 da Lei n. 1.300, de 28 de dezembro de 1950, dentro em sessenta dias, após a entrega do prédio, de usá-lo para o fim declarado;

V) não iniciar o proprietário, no caso do item VIII do art. 15 da Lei n. 1.300 de 28 de Dezembro de 1950, a edificação ou reforma de prédio dentro em sessenta dias, contados da entrega do imóvel;

VI) ter o prédio vazio por mais de trinta dias, havendo pretendente que ofereça como garantia de locação importância correspondente a três meses de aluguel;

VII) vender o locador ou locatário os móveis e alcaías que guarneçam o prédio, por preço superior ao que houver sido arbitrado pela autoridade municipal competente;

VIII) obstar o locador ou sublocador, por qualquer modo, o uso regular do prédio urbano, locado ou sublocado, ou o fornecimento ao inquilino, perdoica ou permanentemente, de água, luz ou gás.

Pena: prisão simples de cinco dias a seis meses e multa de mil a vinte mil cruzeiros.

Art. 10 — Terá forma sumária, nos termos do capítulo V, título II, livro II, do Código de Processo Penal, o processo das contravenções e dos crimes contra a economia popular, não submetidos ao julgamento pelo Júri.

§ 1.º — Os atos policiais (inquérito ou processo iniciado por portaria) deverão terminar no prazo de dez dias.

§ 2.º — O prazo para oferecimento da denúncia será de dois dias, esteja ou não o réu preso.

§ 3.º — A sentença do Juiz será proferida, dentro do prazo de trinta dias contados do recebimento dos autos da autoridade policial (artigo 536 do Código de Processo Penal).

§ 4.º — A retardação injustificada, pura e

simples, dos prazos indicados nos parágrafos anteriores imposta em crime de prevaricação (art. 319 do Código Penal).

Art. 11 — No Distrito Federal, o processo das infrações penais relativas à economia popular caberá, indistintamente, a todas as varas criminais com exceção das 1.^a e 20.^a, observadas as disposições quanto aos crimes da competência do Juri de que trata o art. 12.

Art. 12 — São da competência do Juri os crimes previstos no art. 2.^o desta Lei.

Art. 13 — O Juri compõe-se de um juiz, que é o seu presidente, e de vinte jurados sorteados dentre os eleitores de cada zona eleitoral, de uma lista de cento e cinquenta a duzentos eleitores, cinco dos quais constituirão o conselho de sentença em cada sessão de julgamento.

Art. 14 — A lista a que se refere o artigo anterior será semestralmente organizada pelo presidente do Juri, sob sua responsabilidade, entre pessoas de notória idoneidade, incluídos de preferência os chefes de família e as donas de casa.

Art. 15 — Até o dia quinze de cada mês, far-se-á o sorteio dos jurados que devem constituir o tribunal do mês seguinte.

Art. 16 — O Juri funcionará quando estiverem presentes pelo menos, quinze jurados.

Art. 17 — O presidente do Juri fará as convocações para o julgamento com quarenta e oito horas de antecedência pelo menos, observada a ordem de recebimento dos processos.

Art. 18 — Além dos casos de suspeição e impedimento previstos em Lei, não poderá servir jurado da mesma atividade profissional do acusado.

Art. 19 — Poderá ser constituído um Juri em cada zona eleitoral.

Art. 20 — A presidência do Juri caberá ao Juiz do processo, salvo quando a Lei de organização judiciária atribuir a presidência a outro.

Art. 21 — No Distrito Federal, poderá o juiz presidente do Juri representar ao Tribunal de Justiça para que seja substituído na presidência do Juri por Juiz substituto ou Juizes substitutos, nos termos do art. 20 da Lei n. 1.301, de 28 de Dezembro de 1950. Servirá no Juri o Promotor Público que for designado.

Art. 22 — O Juri poderá funcionar com pessoal, material e instalações destinados aos serviços eleitorais.

Art. 23 — Nos processos da competência do Juri far-se-á a inscricao contraditória, observado o disposto no Código do Processo Penal, relativamente ao processo comum (livro II, titulo I, capitulo I) com as seguintes modificações:

I) — o número de testemunhas, tanto para a acusação como para a defesa será de seis no máximo.

II) — Serão ouvidas as testemunhas de acusação e de defesa, dentro do prazo de quinze dias se o réu estiver preso, e de vinte quando solto.

III) — Havendo acordo entre o Ministério Público e o réu, por seu defensor mediante termo lavrado nos autos, será dispensada a inquirição das testemunhas arroladas pelas partes a cujos depoimentos constem do inquérito policial.

IV) — Ouvidas as testemunhas e realizada qualquer diligência porventura requerida, o Juiz, depois de sanadas as nulidades e irregularidades e determinar ou realizar qual-

quer outra diligência, que entender conveniente, ouvirá, nos autos, sucessivamente, por quarenta e oito horas, o órgão do Ministério Público e o defensor.

V) — Em seguida, o Juiz poderá absolver, desde logo, o acusado, quando estiver provado que ele não praticou o crime, fundamentando a sentença e recorrendo "ex-officio".

VI) — Se o Juiz assim não proceder, sem manifestar, entretanto, sua opinião determinará a remessa do processo ao presidente do Juri ou que se faça a inclusão do processo, na pauta do julgamento se lhe couber a presidência.

VII) — São dispensadas a pronúncia e a formação do libelo.

Art. 24 — O órgão do Ministério Público, o réu e o seu defensor, serão intimados do dia designado para o julgamento. Será julgado à revelia o réu solto que deixar de comparecer sem justa causa.

Art. 25 — Poderão ser ouvidas em plenário as testemunhas de instrução que, previamente, e com quarenta e oito horas de antecedência forem indicadas pelo Ministério Público ou pelo acusado.

Art. 26 — Em plenário, constituído o conselho de sentença, o Juiz tomará aos jurados e juramento de bem e sinceramente decidirem a causa, proferindo o voto a bem da verdade e da justiça.

Art. 27 — Qualificado o réu e sendo-lhe permitida qualquer declaração a bem da defesa, observadas as formalidades processuais, aplicáveis e constantes da seção IV do cap. II do livro II, tit. I do Código de Processo Penal, o Juiz abrirá os debates, dando a palavra ao órgão do Ministério Público e ao assistente — se houver — para dedução da acusação e ao defensor para produzir a defesa.

Art. 28 — O tempo, destinado à acusação e à defesa, será de uma hora para cada uma. Havendo mais de um réu, o tempo será elevado ao dobro, desde que assim seja requerido. Não haverá réplica nem tréplica.

Art. 29 — No julgamento que se realizará em sala secreta com a presença do Juiz, do escrivão e de um oficial de Justiça, bem como dos acusados e dos defensores que se conservarão em seus lugares sem intervir na votação, os jurados depositarão na urna a resposta — sim ou não — ao quesito único indagando se o réu praticou o crime que lhe foi imputado.

Parágrafo único — Em seguida, o Juiz, no caso de condenação, lavrará sentença tendo em vista as circunstâncias atenuantes ou agravantes existentes nos autos e levando em conta na aplicação da pena o disposto nos arts. 42 e 43 do Código Penal.

Art. 30 — Das decisões do Juri, e nos termos da legislação em vigor, cabe apelação, sem efeito suspensivo, em qualquer caso.

Art. 31 — Em tudo mais que couber e não contrariar esta Lei aplicar-se-á o Código do Processo Penal.

Art. 32 — E' o Poder Executivo autorizada a abrir ao Poder Judiciário o crédito especial de Cr\$ 2.000.000,00 (dois milhões de cruzeiros) para ocorrer às despesas do pessoal a material necessários à execução desta Lei no Distrito Federal e nos Territórios.

Art. 33 — Esta Lei entrará em vigor sessenta dias depois de sua publicação, aplicando-se aos processos iniciados na sua vigência.

Art. 34 — Revogam-se as disposições em contrário.

UM PARAÍSO EM PLENA

AMAZONIA...



Informações:
Em todas as agências de turismo ou Depto. de Turismo do Hotel Amazonas, Caixa Postal, 1843, S. Paulo

Houve um tempo em que a natureza dominava a Amazônia... Floresta bruta. Rio-mar. Feras, répteis, índios — inferno verde! Mas chegou a vez do homem... Em plena selva edificou uma metrópole: ao lado do inferno construiu um paraíso de conforto: HOTEL AMAZONAS! Hospedese no Hotel Amazonas e goze as delícias de um paraíso tropical.

Apartamentos comuns de luxo e super luxo com ar condicionado, bares, banheiro, salão para senhas, restaurante, boate e jardim tropical.

Conheça o Inferno Verde gozando as delícias de um Paraíso



PRINCÍPIOS DA PRUDÊNCIA CAPITALIZADA

OS NOVOS NÍVEIS DE SALÁRIO MÍNIMO

Vigora-se no país, a partir de 1º de janeiro de 1952 e pelo período de três anos, os novos níveis de salário mínimo, conforme decreto assinado pelo presidente da República, a 24 de dezembro de 1951.

O TEXTO DO DECRETO

“Considerando que o salário mínimo familiar, tal como o define o inciso 1 do artigo 157 da Constituição, depende de lei ordinária, disciplinando sua execução;

Considerando que a legislação ordinária atualmente em vigor, no caso; o Capítulo III do Título II da Consolidação das Leis do Trabalho, aprovado pelo decreto-lei n. 5.452, de 1 de Maio de 1943, não é incompatível com o preceito constitucional, mas apenas mais restrito, pósto que este manda considerar, na fixação do salário mínimo, as necessidades individuais do trabalhador, que compreendem, necessariamente, nas primeiras;

Considerando que a revisão das tabelas de salário mínimo, da sua relevância e premente necessidade, não pode mais ser protelada, decreta:

Art. 1.º — As tabelas do salário mínimo aprovadas pelos decretos-leis ns. 5.977 e 5.978, ambos de 10 de novembro de 1943, ficam alteradas na conformidade da tabela que acompanha o presente decreto de que vigorará pelo prazo de 3 anos.

Art. 2.º — Para os menores aprendizes de que trata o artigo 80 e seu parágrafo único da Consolidação das Leis do Trabalho aprovada pelo decreto-lei n. 5.452, de 1 de Maio de 1943, o salário mínimo será pago na base uniforme 50% (cinquenta por cento).

Art. 3.º — No município que vier a ser criado, vigorará o salário mínimo do município do qual tenha sido desmembrado.

Parágrafo único — Na hipótese de o novo município resultar do desmembramento de dois ou mais municípios de salários mínimos diferentes vigorará nele o maior salário mínimo vigente nos municípios dos quais resulte.

Art. 4.º — Para a fixação do salário dos professores, o Ministério da Educação e Saúde expedirá Portaria, atendendo à conveniência da adoção de novo numerador na fórmula respectiva.

Art. 5.º — O presente decreto entra em vigor a partir de 1.º de janeiro de 1952.

Art. 6.º — Ficam revogadas as disposições em contrário.

A TABELA

São os seguintes, em todo o território nacional, os novos salários mínimos em dinheiro para o trabalhador adulto, calculado na base de 20 dias ou 240 horas de trabalho:

Território de Guaporé — Cr\$ 760,00.
Território do Acre — Cr\$ 890,00.
Território do Rio Branco — Cr\$ 590,00.
Estado do Amazonas — Manaus, Cr\$ 760,00; demais municípios — Cr\$ 760,00.
Estado do Pará — Belém, Cr\$ 640,00; demais municípios, Cr\$ 560,00.
Território do Amapá — Cr\$ 460,00.
Estado do Maranhão — São Luiz, Cr\$ 660,00; demais municípios, Cr\$ 550,00.
Estado do Piauí — Teresina e Parnaíba, Cr\$ 540,00; demais município, Cr\$ 460,00.

Estado do Ceará — Fortaleza, Cr\$ 690,00; demais municípios, Cr\$ 510,00.

Estado do Rio Grande do Norte — Natal, Cr\$ 500,00; demais municípios, Cr\$ 370,00.

Estado da Paraíba — João Pessoa, Cr\$ 550,00; demais municípios, Cr\$ 450,00.

Estado de Pernambuco — Recife e Olinda, Cr\$ 650; demais municípios, Cr\$ 500,00.

Estado de Alagoas — Maceió, Cr\$ 590,00; demais municípios, Cr\$ 490,00.

Estado de Sergipe — Aracaju, Cr\$ 590,00; demais municípios, Cr\$ 490,00.

Estado da Bahia — Salvador, Cr\$ 700,00; Alagoíthas, Conde, Entre Rios, Esplanada, Real, Cachoeiro, Camacari, Catú, Conceição da Feira, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Itaparica, Jaguaribe, Maragogipe, Mata de São João, Muritiba, Nazaré, Pojuca, Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Felix, São Francisco do Conde, São Gonçalo dos Campos, São Sebastião do Passé, Belmonte, Cairú, Camamu, Canavieiras, Ilhéus, Ipiranga, Itabuna, Itacaré, Ituberá, Macaúli, Nilo Pessanha, Capemá, Una e Valença, Cr\$ 600,00; Alcobaca, Caravelas, Mucuri, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz, Cabralia, Cícero Dantas, Cipó, Conceição do Coité, Itapicuru, Itiuba, Jeremoabo, Nanto Santo, Nova Soure, Paripitanga, Queimadas, Ribeira do Pombal, Feira de Santana, Ipirá, Irará, Riachão do Jacupir, Santa Terezinha, Santo Estevão, Amargosa, Brejões, Itaquara, Iturucú, Jaguaquara, Jequié, Jequiçá, Lege, Maracás, Muriçipe, Santa Inês, São Miguel, Ubaíra, Boa Nova, Djalma Dutra, Vitória da Conquista, Macarani, Baixa Grande, Itaberaba, Macajuba, Mairi, Mundo Novo, Ray Barbosa, Casa Nova, Cumuçá, Caculé, Caiçatê, Condado, Guaiambí, Jacarau, Moacabas, Palmas do Monte Alto, Paramirim, Riacho de Santana, Juruand, Angical, Barreiras, Gorrentina, Ilhéutuba, Santana e Santa Maria da Vitória, Cr\$ 490,00; demais municípios, Cr\$ 420,00.

Estado de Minas Gerais — Belo Horizonte, Juiz de Fora, Nova Lima e São João del Rei, Cr\$ 990,00; Itajubá, Uberaba e Uberlândia, Cr\$ 800,00; demais municípios, Cr\$ 650,00.

Estado do Rio de Janeiro — Niterói, São Gonçalo, Petrópolis, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Nilópolis, São João de Meriti, Duque de Caxias, Campos e Barra Mansa, Cr\$ 1.000,00; demais municípios, Cr\$ 700,00.

Distrito Federal — Cr\$ 1.200,00.

Estado de São Paulo — São Paulo, Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e Guarulhos, Cr\$ 1.190,00; Araquara, Campinas e Santos, Cr\$ 930,00; São Vicente, Jaguari, Jundiaí e Sorocaba, Cr\$ 860,00; Santa Cruz, Rio Pardo, Franca, Aracatuba, Bauri, Catanduva, Piracicaba, Campos de Jordão, Ribeirão Preto, Taubaté, Botucatu, São José do Rio Preto, Marília, Presidente Prudente, Guaratinguetá, Jacaré, Jaboticabal, Limeira, São Carlos e Barretos, Cr\$ 830,00; demais municípios, Cr\$ 700,00.

Estado do Paraná — Curitiba, Araucária, Campo Largo, Colombo, Piraquara e São João dos Pinhais, Cr\$ 630,00; Antonina, Morretes, Paranaguá, Castro, Jaguaitava, Lapa, Palmeira, Piraímirim, Ponta Grossa, Rio Negro, Sangas, Assai, Bandeirantes, Cambaú, Cornélio, Procopio, Jacarezinho, Londrina, Ribeirão Claro, Santo Antônio da Platina, Sertãozinho, Imbituba, Ipiranga, Irati, Mallet, Pru-

OS ESTRANGEIROS NO DISTRITO FEDERAL

Comunicado do Serviço Nacional de Recenseamento:

O Rio tem uma população de estrangeiros considerável. Vivem nesta capital 195.881 estrangeiros e 14.573 brasileiros naturalizados. Os brasileiros natos são 2.186.273, constituindo, naturalmente, a grande maioria da população, ou seja 91,12%. Setecentos e vinte e cinco pessoas não declararam a nacionalidade.

Esses são os resultados do Censo de 1950, divulgados pelo Serviço Nacional de Recenseamento. Podemos utilizá-los com outros dados estatísticos do I.B.G.E., para revelar aos leitores um aspecto da participação dos estrangeiros em nossa vida de metrópole, em relação com os que se espalham pelo interior do Brasil.

Cada ano, navios de várias nacionalidades trazem de diversos países imigrantes que se destinam ao Brasil. Uns ficam no Rio. Desembarcam no Cais do Porto, vão se adaptando à vida carioca e em pouco tempo se estabelecem em qualquer ramo comercial, geralmente. Outros, os técnicos, operários e agricultores, se empregam nas fábricas, preferem colonizar as terras do interior e contribuir para criar a riqueza nacional.

Existem prevenções tanto nos países de emigração quanto nos de imigração, contra os imigrantes do que diz respeito ao rendimento que estes dão como elementos de trabalho. Os países que vêm seus filhos saindo em busca de outras terras reclamam porque estes, deixando de produzir para eles, vão fazê-lo para os outros. Consideram os demógrafos um erro esse julgamento, pois o país de emigração envia para o exterior os excedentes de sua população que só lhes poderia dar despesas, agravando a crise de desemprego, etc. Por outro lado os emigrantes mandam sempre para seus países de origem parte de economias obtidas no país que os recebeu. E aqui é que reclamam os países que recebem imigrantes: canalização de renda para fora do país. Entretanto, se estes não de idade válida, economicamente produtiva, o que eles produzem para o país que os recebeu compensa de sobra a pequena parte de riqueza que mandam para a pátria de origem. Mas uma coisa o Brasil pode reclamar como país agrícola, de muitas terras a colonizar: concentração de emigrantes nas grandes capitais.

Isto posto, vejamos o que acontece com os estrangeiros que chegam ao Brasil. O Censo encontrou, como vimos 195.881 estrangeiros no Distrito Federal. A observação dos dados relativos à imigração em 1947, 1948 e 1949, pode dar uma idéia do que são, de modo geral, esses estrangeiros entrados e os pontos de desembarque preferidos.

Quanto a este último aspecto sabemos que, nesses três anos, a maior quantidade de imigrantes foi de portugueses: 18.432, dos quais 12.162 desembarcaram no Cais do Porto desta Capital e 5.574 em São Paulo. Os restantes desembarcaram em Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Norte, Bahia e Pará.

Em quantidades menores e sempre com a preferência pelo Distrito Federal e por São Paulo, vieram, italianos, alemães, espanhóis, franceses, gregos, austríacos, belgas, canadenses, dinamarqueses e argentinos, libane-

zes, poloneses e tantas outras nacionalidades que seria longo enumerar.

O que teriam trazido como valor intelectual para o Brasil esses imigrantes? Em que setores poderiam ser úteis ao nosso país? Vamos encontrar as respostas a essas indagações observando a profissão desses imigrantes. O número total de entradas no país nos três anos referidos foi 64.185. Desses a grande maioria exerce atividades domésticas. São 32.325. Depois são os 8.903 operários qualificados e os 8.618 agricultores (fato auspicioso para o Brasil, país de economia agrícola, se todos os agricultores forem mesmo para o campo com a devida assistência). Vietnam, ainda, 631 operários não classificados. 1.689 técnicos e os restantes distribuídos por várias outras profissões.

Voltemos agora ao Distrito Federal olhando para os resultados do Recenseamento de 1950, com uma pergunta em mente: nossos estrangeiros são homens válidos que podem trabalhar? A idade deles pode revelar muito, sob o aspecto do rendimento do trabalho de cada um.

Vamos encontrar o maior número deles com idade de 40 a 49 anos: 51.106. Nessa idade, como se sabe, o homem está em pleno exercício de seu valor físico e intelectual. Também são muitos os que têm de 50 a 59 anos: 40.887. Os velhos de 70 anos em diante, são 12.490. Eles, de modo geral, são peso morto, e só representam vantagem para o país de adoção se sua permanência já é antiga, tendo eles podido cobrir com rendimento os anos de inatividade da velhice.

Para concluirmos estas informações, precisamos mostrar, ainda, os valores estrangeiros de futuro — as crianças. Elas são 5.862 com idade até 14 anos. E mais, que existem 83.905 mulheres, estrangeiras, número considerável, embora o de homens seja maior: 11.976. A grande maioria delas trabalha no lar.

Inda ontem estive ouvindo
Numa feita apregoar
O prego que tem um homem
Mas ninguém o quis comprar.

* * *

Concede-me, ó Deus, a serenidade
Para aceitar as coisas que não posso mudar;
A coragem para mudar as que posso;
E a sabedoria para as diferenciar.

* * *

NIEBULER

Quem perde fortuna, perde muito; quem
perde um amigo, perde mais; Mas quem
perde a coragem, perde tudo.

MIGUEL DE CERVANTES

* * *

Núvem alguma poderá ensombrar o verdadeiro crente, pois que a fé há de mostrar-lhe o arco-íris.

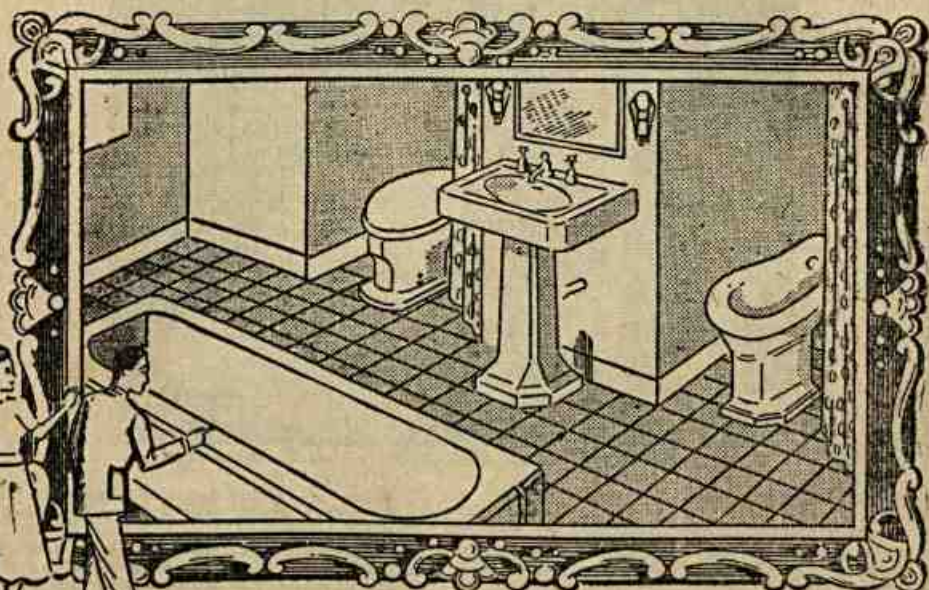
BISPO HORNE

Em seu lar



não devem faltar os aparelhos sanitários

SOUZA NOSCHESSE



Nossos aparelhos sanitários são os mais conhecidos porque são os mais perfeitos.

VISITE NOSSAS EXPOSIÇÕES

Em nossa loja:

Rua Marconi, 28 - Tel. 4-8876 - São Paulo

SOC. AN. COMÉRCIO E INDÚSTRIAS

SOUZA NOSCHESSE



LINDAS CORES



DURABILIDADE



LINHAS PERFEITAS

São Paulo - Matriz: Rua Julio Ribeiro, 243 - Tel. 8-1164 - C. Postal 920

Ribeirão: R. Oriente, 487 - Tel. 9-5334 - S. Paulo - R. João Pessoa, 138 - Tel. 2055 - Santos

REPRESENTANTES:

V. TEIXEIRA & CIA. LTDA. Rua Riachuelo, 411 - RIO DE JANEIRO

ALBERTO NIGRO & CIA. - Rua Dr. Murilo, 419 - CURITIBA

MENSAGEM DE NATAL DE PIO XII

NECESSIDADE DE PAZ — REMÉDIO ESPIRITUAL PARA A ANEMIA DOS POVOS — CRUELDADE DAS ARMAS MODERNAS — CRÍTICAS SEVERAS AO MUNDO COMUNISTA



PIO XII NO CORTEJO DE ENCERRAMENTO DO ANO SANTO

24 DE DEZEMBRO — se dando a mínima atenção à ausência da-
quele ordem cristã, que é a verdadeira ga-

Vaticano (R.) — Em mensagem de Natal, presente da paz?
hoje transmitida do "Concílio Consistorial", na O Sumo Pontífice disse que esta era uma
presença do Colégio dos Cardeais, Pio XII das razões das divergências de opinião sobre
apelou para o mundo, no sentido de que an legitimidade ou ilegitimidade da guerra
faça novos esforços em favor da paz. Fa- moderna e também da ilusão dos estadistas
lando durante 35 minutos, através de emis- que dão muita importância à existência gu
soras, S. S. convidou o mundo a se desar- desaparecimento daquelas armas. "O terror
mar, embora o desarmamento em si mesmo que elas inspiram começa a perder seu efei-
constitua pequena garantia da paz, a não to como qualquer outra causa de alarma,
ser que se faça acompanhar da abolição do ou, pelo menos, não será o bastante para
ódio, da cobardia e da exagerada ansia de se evitar a guerra, especialmente nos países
prestígio. onde a voz dos cidadãos não tenha sufi-

Se os homens desejam realmente a paz, ciente influência nas decisões de seus go-
devem, antes de tudo procurar um remédio vernos, mos, i-
espiritual para a anemia dos povos e para Ag

sua própria falta de responsabilidade ante Constituiu a uma fase tão crítica que somos
Deus". Declarou que muito raro no mundo ordogados a recomendar que o mundo está
de hoje é o profundo senso cristão de va- dividido em dois campos opostos e que to-
lores e os cristãos perfeitos e verdadeiros. des os homens estão divididos em dois

Em certa passagem de sua mensagem, de- grupos claramente separados, que relutam
clarou: "Nós também — e mais do que sem conceder ao outro qualquer espécie de
Se os homens desejam realmente a paz, liberdade para manter uma posição de neu-
devem, antes de tudo procurar um remédio tralidade política. Aquiles que, errônea-
espiritual para a anemia dos povos e para tal monstruosidade e não cessamos de orar
sua própria falta de responsabilidade ante mente, consideram a Igreja uma espécie
Deus". Declarou que muito raro no mundo de poder tereno ou império mundial são
de hoje é o profundo senso cristão de va- francamente induzidos a exigir dela como fa-
lores e os cristãos perfeitos e verdadeiros. zemos com outros, a renúncia de sua neutra-
mentalismo superficial fazer da existência lidade e uma definição definitiva em favor
e ameaça daquelas armas a única e prin- adeste ou daquele lado. Mas não existe essa
cipal consideração na questão da paz, não questão de a Igreja renunciar a sua neutra-

lidade política, pela simples razão de que ela não pode servir unicamente a interesses políticos.

O Papa acompanhou sua declaração sobre a neutralidade política da Igreja com a comunicação de que este não é o tipo da neutralidade exigida do Vaticano pelos comunistas. "Os comunistas não têm a menor ideia do lugar da Igreja nos grandes acontecimentos do mundo".

Atacou violentamente a crescente perda de liberdade no mundo ocidental, bem como os perturbadores profissionais e os adoradores da força, no mundo comunista. Referindo-se a ambos, disse que a Igreja, em seus esforços para estabelecer a ordem cristã como a única base para uma paz duradoura, defrontou-se com dificuldades especiais devido às condições sociais reinantes.

Sendo a paz o objetivo da ordem cristã, ela é essencialmente uma ordem de liberdade. Todavia a verdadeira liberdade não é atualmente estimada nem possuída, circunstâncias em que a cooperação harmoniosa como condição adequada para a paz é internamente enervada e anêmica, enquanto que externamente, sujeita constantemente a perigos.

Referindo-se evidentemente ao mundo ocidental, o Papa continuou: "Como podem, por exemplo, aqueles que nas esferas econômicas e sociais querem que tudo dependa da sociedade, conceber a verdadeira liberdade, como podem estimá-la e desejá-la, se ela não mais tem lugar em suas vidas? Eles não são mais do que simples engrenagens das várias organizações sociais. Não são mais homens livres, capazes de assumir ou aceitar um papel razoável nos negócios públicos. Se eles hoje, portanto, bradarem 'abaixo a guerra', que crédito se lhes pode dar? De fato, não é a sua voz, mas a voz anônima do grupo social a que por acaso pertencem."

"Este é um triste estado de coisas que também dificulta a Igreja em seus esforços para obter a paz, e em seus planos para a realização da verdadeira liberdade humana, que, do ponto de vista cristão, é um elemento social indispensável da ordem considerada organismo da paz."

Em vão multiplica ela seus apelos aos homens despidos dessa compreensão, e ainda mais inutilmente dirige seus regos à sociedade que foi reduzida ao automatismo.

"Eis, porém, a difundida fraqueza do mundo que gosta de chamar-se enfaticamente de livre". Sua força não é baseada na verdadeira liberdade. É esse o novo perigo que ameaça a paz e que, à luz da ordem social cristã, devemos deprecicar. Desta causa origina-se no chamado mundo livre uma aversão à Igreja, traduzida na falta de respeito e estima pela genuína liberdade."

Aludindo ao mundo comunista, o Papa disse:

"O apelo da Igreja, no entanto, encontra friso ainda maior no campo oposto. Ali, realmente, afirma-se que reina a verdadeira liberdade porque a vida social não depende do indivíduo autônomo, porquanto tudo é rigidamente controlado e dirigido no sentido da existência e desenvolvimento de uma coletividade definida. Os resultados dos sistemas de que estamos falando não têm sido felizes, todavia, nem a atividade da Igreja tornou-se mais fácil, pois ali o ver-

dadeiro conceito de liberdade e responsabilidade pessoal é ainda menos defendido. A sociedade não é senão uma máquina gigantesca, cuja ordem é apenas aparente, porque não existe mais a ordem da vida do espírito, da liberdade e da paz. Como máquina, sua atividade é material e destrutiva da dignidade humana e da liberdade."

O TÚMULO DE S. PEDRO

Arqueólogos do Vaticano informaram que é "cientificamente indubitável" que a tumba encontrada sob a Basílica de São Pedro é de fato do próprio apóstolo São Pedro. Acrescentam, não obstante, que não existem provas concretas de que os ossos descobertos sejam os do apóstolo. Uma alta fonte do Vaticano anunciou que o achado e as comprovações dos eminentes arqueólogos serão explicadas numa obra de dois volumes, que será dada à publicidade dentro de poucos dias. Nessa obra resumir-se-ão quase doze anos de escavações nas enormes grutas existentes debaixo da Basílica de São Pedro.

Igualmente reiterar-se-á o que o Papa Pio XII disse em sua mensagem de Natal no fim de 1950: Que a tumba sob a Basílica é, sem dúvida alguma, a de São Pedro. Nessa mensagem, acrescentou o Sumo Pontífice que "é impossível provar que os restos mortais encontrados no local onde se achava a tumba fossem os do primeiro Pontífice da Igreja Católica Romana". Esses restos foram submetidos posteriormente a minucioso estudo por homens de ciência e arqueólogos do Vaticano, os quais não puderam encontrar uma prova conclusiva de que os ossos fossem os de São Pedro.

O administrador da Basílica de São Pedro Monsenhor Ludovico Kaas, entregou, em dezembro, ao Papa o primeiro volume dos dados que serão publicados. Um dos volumes contém o relatório escrito pelos arqueólogos e demais homens de ciência. O outro contém gráficos, diagramas, planas e dados científicos que corroboram as afirmações do relatório. Os arqueólogos iniciaram as escavações em 1950, trabalhando em condições penosas, dada a existência de correntes subterrâneas de água e o enorme peso da Basílica, de 108 metros de altura.

Para o mundo católico, o informe científico sobre a tumba de São Pedro é de grande importância, porque dá à Igreja um novo argumento contra aqueles que duvidavam de que São Pedro estivesse enterrado debaixo da Basílica, ou até que tivesse existido, em Roma. Do ponto de vista arqueológico, as escavações proporcionaram um verdadeiro tesouro para os homens de ciência em forma de moedas, ladrilhos de mármore, sarcófagos, etc.

O órgão do Vaticano, "Os Romanos", publicou um resumo dos trabalhos científicos sobre a tumba de São Pedro, escrito pelo professor Pietro Romanelli, arqueólogo da Universidade de Roma. Monanelli, depois de explicar a descoberta da tumba, diz que o fato de que os cristãos da antiguidade persistissem em construir templos sobre o lugar onde havia sido enterrado São Pedro é uma prova adicional de que se tratava de terreno considerado sagrado.

"Serviços de Psicoterapia e preparo do Psicoterapeuta"

Trabalho apresentado pelo professor emérito da Universidade do Brasil, dr. Henrique Roxo, no IV Congresso Internacional de Saúde Mental, reunido no México em 1951.

Em trabalho que escrevi a respeito de sugestões para se obter saúde mental, em junho de 1949, mostrei que em higiene mental muito importante os Ambulatórios que se devem multiplicar para que se possa impedir o aumento crescente de doentes mentais.

Frisei então que o objetivo prático de paraceja agir sobre grupos de indivíduos que sofressem dos mesmos complexos, dos mesmos desajustamentos, dos mesmos distúrbios endócrinos ou neuro-vegetativos.

Salientei na ocasião, outrossim, que não via a menor referência à forma de aplicação da psicoterapia que eu considero indispensável para uma boa profilaxia da doença mental. Para o tratamento de toda e qualquer doença, é indispensável, sempre, fazer-se psicoterapia. Particularmente no caso de doença mental ou nervosa, isto muito importa.

Serviços de Psicoterapia devem existir obrigatoriamente nos ambulatórios. Há casos em que ela, por si só, basta. Em todos os outros, devem ser precedidos métodos terapêuticos diversos, sem que se prescindam do auxílio psicoterápico.

Em trabalho que publiquei na "Imprensa Médica", em fevereiro de 1946, a respeito de Medicina Psico-Somática, frisei que sempre fiz psicoterapia em meus clientes, sempre quando o faço, sempre procuro esclarecê-los em relação ao que se passa, atentando, claro está, quando isto importa.

A psicoterapia armada, isto é, acompanhada de remédios, principalmente que tirem a emoção, é de minha particular predileção. Assim, então, que na medicina psicoterápica o papel do médico avalia os conselhos, os reajustamentos na vida familiar e social e a higiene mental devem ser tomadas em muita consideração.

A Liga Brasileira de Higiene Mental mantém um serviço gratuito de Ambulatórios, em número de três, aos quais dá a máxima importância. Médicos competentes atendem os doentes que a procuram.

Em 1950, o número total de consultas foi de 5.864. Vê-se bem como foi avultado.

Todos os consulentes foram cuidadosamente examinados. O sábio professor Guillemin, a cujas aulas assisti em Paris, tinha toda razão quando me frisava que diagnóstico errôneo era, em geral, o efeito de exame mal feito.

Para distinguir um doente mental de um psico-neurótico, sempre friso que naquele há perturbações do raciocínio e da conduta, além de modificações da personalidade, ao passo que no psico-neurótico há essencialmente, distúrbios das sensações e da vontade, modificações da emotividade. Qualquer indivíduo que venha a exame, deve ser examinado como uma personalidade integral, psíquica e soma. Sempre se deve procurar dar ao doente a explicação do que ele está sentindo.

Se se tratar de um indivíduo alucinado, não adianta dizer a ele que as vozes não existem. Ele a escuta tão bem como nós.

Não deve haver uma sala especial só para psicoterapia. Em todo o lugar, em que o doente for examinado, deve-se fazer, desde logo, psicoterapia. A psico-análise que é, em

essutas as vozes reais. Deve-se, porém, frisar que elas resultam de uma excitação do sistema nervoso e que, com os remédios que nós vamos dar, tudo vai cessar. Se se tratar de um psicótico, modalidade da neurose, em que há obsessões e fobias, com hiperemotividade, mostrar que antes de tudo é preciso moderar esta, o que se consegue com injeções de ultra-peptonas de cálcio que tiram o excesso de função da hipófise e gotas de escriman que tiram a excitação do simpático.

O notável prof. De Gennes, da França, em brilhantes aulas a que assisti em 1948, mostrou-se contrário ao emprego de remédios anti-tremores, nos casos em que a pesquisa do metabolismo basal não comprova aumento e, portanto, lesão hipertireoideia.

Os casos, a que me refiro, são aqueles, em que o metabolismo basal não comprova alteração sensível, são aqueles muito bem estudados pelo muito competente professor Marcel Labbe, que os designou como de pseudo-ismo frusto. Não emprego remédios mais fortes para tinoide, mas as ultra-peptonas muito aproveitam.

Não caso de agorafobia, em que o indivíduo tem medo de atravessar sozinho uma rua, há como base de tudo um estado emotivo, em que, no momento fica a pessoa.

Sabe ele perfeitamente que é um absurdo ter medo de atravessar uma rua, o que todo mundo faz. Mas é tal a aflição que ele sente quando vai atravessando a rua que ele decide não o fazer. Não basta dizer a ele que nada vai suceder. Ele o sabe tão bem como nós. É preciso tirar a aflição e nós o conseguimos com fórmulas, em que entram gardenal, beladona, lupulo, alfaca, maracujá, geneserina, brometo ou valeriana.

Dou uma receita calmante para tomar quatro doses por dia: uma antes de sair de casa, duas na rua e uma de noite, ao dormir. As duas doses que devem ser tomadas na rua vão levadas em dois frascos que transportem, cada qual, o conteúdo de uma colher de sopa. Logo que, na rua, ele comecar a se sentir mal, ele beberá o conteúdo de um frascoinho e tudo passará. A outra dose tomará se não passar. Sem haver aflição, tudo passará. O ato poderá ser perfeitamente realizado.

Em todos os casos, importa muito o fator emotivo. A fórmula sedativa é o complemento obrigatório da psicoterapia. É a chamada psicoterapia armada.

Em certos casos, particularmente nos de histeria, em que os fenômenos vêm pela sugestão e passam pela persuasão, a simples psicoterapia tudo soluciona.

Muito mais vezes, porém, deve ser empregada a psicoterapia armada.

Não deve haver uma sala especial só para psicoterapia. Em todo o lugar, em que o doente for examinado, deve-se fazer, desde logo, psicoterapia. A psico-análise que é, em

multos casos, um complemento indispensável, deve ser realizada em gabinete separado.

O preparo do psicoterapeuta é indispensável ao ensino médico. Ninguém pode tratar e curar, sem que faça ao mesmo tempo psicoterapia.

O psicoterapeuta deve sempre tomar em consideração que no exame do doente deve ser este analisado como uma personalidade integral, fazendo-se medicina psico-somática. No esmerilhar os reflexos da alma humana, deve-se ter a delicadeza de nunca ferir a sensibilidade humana.

Stekel frisava que a psico-análise deveria ser feita, sempre, por médico.

O médico psicoterapeuta deve fazer em todos os casos, psicoterapia e em muitos casos psico-análise, narco-análise, etc.

A psico-análise e a narco-análise exigem prazo demorado para exame. O médico não deve poupar tempo para, nestes exames, esmerilhar o que esteja preocupando o doente.

Sou de opinião que a psico-análise e a narco-análise não são indispensáveis a todos os doentes.

Acho que quando nada houver na vida sexual deles, que esteja influinte no seu psiquismo, não deve o médico estar buscando o revolver o seu subconsciente a chamar a atenção para a esfera sexual. Ai pode haver, às vezes, aquilo que se chama uma espada de dois gumes. O médico pode incutir no pensamento do doente coisas em que ele não havia cogitado.

Isto pode irritá-lo. Demais, o transfere isto é, a transferência para o médico, de sentimentos efetivos ou sexuais, deve fazê-lo acutelar-se e não profanar o seu sacerdócio múbil.

Desde que Freud, com a sua admirável descoberta da psico-análise, mostrou a grande importância que se deve dar ao pensamento do doente e, principalmente, às questões da esfera sexual, todo médico psicoterapeuta tem de bem agir, esmerilhando o que preocupa o doente.

Sempre que o exame se faz deve-se fazer medicina psico-somática. Examinando como um todo, há a constante influência das visceras sobre o pensamento do indivíduo.

As glândulas de secreção interna muito influem e o hipertireoide terá o pensamento muito afetivo, com reações muito prontas e violentas, simpaticotônicas; o hipotireoide é um xagaro no pensamento ou um indeciso; aquele que tem exagero da pituitária tem inteligência viva, intranquilidade psíquica, irritabilidade fácil; o hipopituitário tem o pensamento moroso, atraso mental; o supra-renal é irritadido, tem mau humor, tem o pensamento pronto e enérgico; o insuficiente das supra-renais é triste, desanimado, tem o pensamento lento; aquele que tem insuficiência das paratireóides tem o pensamento tumultuário; o hipotímico tem o pensamento impulsivo, com falta de responsabilidade moral.

Claude Bernard dizia uma grande verdade: o médico não é médico dos seres vivos em geral e nem mesmo do gênero humano, mas sim médico do indivíduo humano.

Cada qual tem sua constituição própria, que, no dizer de Fende, dignifica os caracteres morfo-fisiológicos hereditários e os adquiridos na vida intra ou extra-uterina.

Diante de toda e qualquer doença, deve

o médico consciencioso averiguar qual o motivo porque adoeceu, para que lhe seja possível curar, devidamente. Deve separar o que seja rigorosamente um distúrbio somático e qual seja a influência do psiquismo na provocação deste ou na sua caracterização.

Nerto Rojas frisou que da saúde a um enfermo o rosto alegre de quem o visita. O prof. Austrageuil, em excelente trabalho recente, salienta o valor da persuasão.

Sintetizando, deve-se frisar que serviços de psicoterapia devam existir em todas as clínicas, mas exclusivos, unicamente, mas de doenças mentais e nervosas.

O preparo do Psicoterapeuta é sempre indispensável a qualquer médico.

Qualquer que seja o tratamento a ser feito, sempre a psicoterapia deve ser realizada.

Claro está que se se tratar de uma doença infecciosa, por exemplo, ninguém poderá ter a ideia de a curar só por meio de medicamentos. Mas, além do emprego do antibiótico a ser empregado, por exemplo, mostrar-se-á como se vai agir e a razão de ser do tratamento e os resultados que se vão obter.

Ninguém deve tratar os doentes, mecanicamente, fazendo os injecções e ficando calado, diante deles. A cura poderá realizar-se, mas com muito mais dificuldade. É preciso que o doente coopere conosco, confiante no nosso tratamento, convergindo o seu pensamento no sentido de uma cura completa e perfeita.

O GRANDE ORADOR ISEU

por PLÍNIO, o moço

Nos outros, os que nos gastamos no fóro, e em batalhas orais a valer, eviamo-nos (sem o suspeitarmos sequer) de muita malignidade, ao passo que estas lides fictícias, estes auditórios desinteressados, são tão inocentes, quanto as causas debatidas são pacíficas; e bem agradáveis, principalmente para gente idiosa.

Por todos estes motivos, meu caro Nepote, reputo eu este orador não só um eloquentíssimo, mas também um felicíssimo sujeito: se não ardes em desejo de o escutar, ficarei sabendo que és de pedra, ou de ferro.

Pego-te pois que venhas depressa; se não fôr por outros negócios, se não fôr pelo gosto de estar comigo, seja ao menos pelo prazer de o escutar.

Há de ter ouvido contar dum espantoso de Cadiz, que, admirador da fama e glória de Tito Lívio, veio, lá desde o fim do mundo até Roma, e depois de ver o historiador se retirou. Sem dar prova de falta de gosto, de letargia, e de energia de ânimo, será quase verosímil, não avaliar, em muito a fortuna de conhecer Iseu: nada mais agradável, nada mais belo, nada mais formoso, que o poder-lo tratar.

Diz-me tu: — Tenho aqui outros leites, mas não menos eloquentes. — Certamente tens; mas olha que sempre há ocasião para ler; ouvir um orador assim, nem sempre o poderás.

A REUNIÃO EM PARIS DA ASSEMBLÉIA GERAL DAS NAÇÕES UNIDAS

RECOMENDAÇÕES E PONTOS DE VISTA SOBRE A LIMITAÇÃO E REDUÇÃO DOS ARMAMENTOS

NOVEMBRO 1946

6. — Instala-se em Paris, a Assembleia Geral das Nações Unidas, com a presença do presidente Auriol, que discursou hipotecando o apoio da França e apresentando sugestões para a manutenção da paz. Eleito presidente da Assembleia o sr. Padilla Nervo, representante permanente do México junto à ONU.

7. — Divulga-se o texto da declaração dos Estados Unidos, Grã-Bretanha e França sobre as recomendações a respeito do desarmamento mundial.

Primeiro — A França, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos apresentaram à 6.ª reunião da Assembleia Geral da ONU, para sua consideração, recomendações para obter a regulamentação, a limitação e a redução equilibrada de todas as forças armadas e de todos os armamentos, inclusive atômicos.

Segundo — Enquanto subsistir a atual situação de tensão internacional, os três governos têm o inelutável dever e estão firmemente determinados a prosseguir seus esforços para desenvolver o poderio de que necessitam para sua segurança, e a do mundo livre, por que sem segurança não pode haver paz com justiça. Também creem que se todos os governos se unirem sinceramente na regulamentação, limitação e redução de suas forças armadas e armamentos, isso faria com que diminuísse grandemente o perigo de guerra e, portanto, aumentaria a segurança de todas as nações.

Terceiro — Em todo plano honesto de regulamentação, limitação e redução equilibrada de todas as forças armadas e armamentos o primeiro e indispensável passo é a revelação e comprovação. O sistema de revelação e de comprovação deve ser baseado na continuidade e deve dar a conhecer em etapas sucessivas, todas as forças armadas — inclusive para-militares, de segurança e policiais — e todos os armamentos, inclusive atômicos. Deve também estipular a inspeção internacional eficaz para verificar a propriedade e a veracidade dessa informação.

Quarto — Tal sistema de revelação e comprovação em etapas sucessivas seria parte essencial do plano de regulamentação, limitação e redução equilibrada de todas as forças armadas e armamentos a um nível que diminuiria de forma importante, a possibilidade de agressão com êxito e, portanto, reduziria a probabilidade de que a agressão armada fosse utilizada para promover a consecução de objetivos nacionalistas.

Quinto — Os três governos acreditam que o plano para ser factível deve adotar um critério pelo qual se limitaria o tamanho de todas as forças armadas, parte da produção nacional, que poderia ser usada para fins militares, seria restringida e concluir-se-ia um plano militar nacional mutuamente aceitável dentro dos limites e restrições presentes. O plano das Nações Unidas sobre o controle internacional da energia atômica e proibição

de uso de armas atômicas deveria continuar, servindo de base para os aspectos da energia atômica de todo plano geral para regulamentação, limitação e redução equilibrada de todos os armamentos e forças armadas, pelo menos até que se possa criar um plano melhor e mais eficaz.

Sexto — Os três governos acreditam que o plano do plano deve começar agora. Sem embargo, tal plano geral não pode ser posto em vigor enquanto as forças da ONU estiverem resistindo à agressão na Coreia. Ademais e juntamente com a entrada em vigor do plano, podem e devem ser resolvidas as principais questões políticas que dividem o mundo.

Sétimo — Os três governos partilham com todos os membros da ONU da responsabilidade de promover condições no mundo em que a paz e a segurança internacionais fiquem asseguradas. Acreditam que sua proposta oferece oportunidade ao mundo de propagar nesse sentido.

PROJETO ACHESON DE DESARMAMENTO

O Secretário de Estado Acheson discursa para expor o ponto de vista dos Estados Unidos relativamente à redução dos armamentos.

O projeto do Secretário de Estado americano se divide em duas partes: 1) revelação e verificação em base contínua de todas as forças armadas militares e para militares e de todas as armas atômicas; 2) aplicação do programa de desarmamento. Esse projeto e esse programa, para serem válidos, terão que ser aceites por todas as nações que dispõem de forças importantes; 3) critério para a redução do equilíbrio dos armamentos. O projeto compreende a limitação de todas as forças armadas, inclusive os grupos para militares, forças de segurança e de polícia, que representam apenas percentagem fixa da população, com um teto que nenhum país poderá ultrapassar. De outro lado, a redução da percentagem da produção nacional destinada aos armamentos de modo que seja proporcional às necessidades das forças armadas autorizadas de conformidade com o programa. Encoraja ainda o projeto acordos mútuos sobre a natureza dos programas militares, tudo sob a égide das Nações Unidas.

Antes de terminar seu discurso, no qual enumerou todos os pontos do projeto de desarmamento que apresentou nas bases acima, Dean Acheson repetiu a disposição dos Estados Unidos de executar e disse que "em nenhum momento se deve diminuir o esforço de vigilância e de defesa".

O PROJETO RUSSO

Discordando do projeto norte-americano, o sr. Vishinsky apresenta o projeto de resolução russo, que é o seguinte: 1) = A Assembleia Geral declarou in-



Há muito de mistério nessa visão noturna do Kremlin, reminiscência trágica da invasão tártara no século XIII. A paz depende do Kremlin, mas não haverá guerra em 1952. Duas opiniões autorizadas se manifestaram nesse sentido: o príncipe ministro Winston Churchill, em discurso dirigido ao Império Britânico, e Harold Stassen, ex-governador de Minnesota e atual presidente da Universidade da Pensilvânia, ambos falaram no mesmo dia, 22 de dezembro, em Londres e em Nova York.

compatível com a qualidade de membro das Nações Unidas a participação de qualquer país no bloco agressivo Atlântico e instalação de bases navais, aéreas e terrestres nos territórios estrangeiros; 2) — A Assembleia Geral recomenda que os Estados que participam da guerra da Coreia ponham fim à guerra e retirem suas tropas no prazo de 10 dias para a retaguarda do paralelo 38 e que todas as tropas estrangeiras sejam dentro de três meses evacuadas da Coreia; 3) — A Assembleia Geral dirige um apelo a todos os Estados membros e não membros das Nações Unidas para que examinem com ela, em conferência internacional, a questão da redução real das forças armadas assim como a interdição e controle de arma atômica nos prazos mais breves possíveis e o mais tardar até 1.º de junho de 1952; 4) — A Assembleia Geral convida as Cinco Grandes Potências, França, Estados Unidos, Grã-Bretanha, URSS e China, a concluírem um pacto de paz; convida igualmente todos os povos pacíficos a participarem desse pacto".

O PENSAMENTO INGLÊS

12 — Discurso de Anthony Eden. Evocando as sugestões do Presidente Aunio para uma reunião dos Grandes, Eden definiu assim o programa de trabalho que tornaria possível tal reunião: ater-se aos problemas bem definidos e limitados tanto no domínio político como econômico e trabalhar para sua solução prática. "Preparação, conferência e acordo — acrescentou — tal deve ser a ordem dos nossos esforços. Nós devemos começar pelos problemas menos importantes e

nos encaminhamos para os grandes problemas. Prossequimos em nossos esforços com obstinação, com um objetivo preciso e real boa vontade.

Se fizermos isso — disse ainda Eden — teremos criado uma situação, ou se quiserdes um clima, no qual o apelo emocionante que o sr. Aunio nos lançou na terça-feira passada poderá ter pleno eco".

Eden indicou que os ocidentais tinham a intenção de preservar em seus planos de desarmamento. Fez um apelo à União Soviética para que faça um exame sincero do plano ocidental de desarmamento e não contentar-se em rir.

NOVA PROROKSTA DE VISHINSKY

16 — O ministro do Exterior russo, Andrei Vishinsky, em seu segundo discurso perante a Assembleia Geral da ONU, propôs hoje um plano de paz de quatro pontos assim traçado:

1) Formação de uma comissão para elaborar um convênio, antes de 1.º de fevereiro de 1952, pondo fora da lei o emprego da energia atômica que não se destine a fins civis.

2) Recomendação da Assembleia Geral para que os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, e China e a Rússia concluíam um acordo para a redução de seus armamentos e forças armadas de um terço, no prazo de um ano da conclusão desse acordo.

3) Informações oficiais de todas as nações sobre as proporções de suas forças e armamentos, inclusive bombas atômicas e bases em territórios estrangeiros. Essas informações devem ser prestadas no prazo máximo

de um mês após a recomendação da Assembléia para a proibição das armas atômicas e a redução das forças armadas e dos armamentos e a conclusão pelas cinco potências da redução de armamentos.

4) Recomendação da Assembléia visando a criação de um órgão de controle internacional sob controle geral do Conselho de Segurança, destinado a supervisionar a proscrição das armas atômicas e a redução dos armamentos e das forças armadas, bem como o fornecimento pelos governos das informações referentes às propriedades de suas armas e forças.

O plano ocidental de desarmamento, apresentado no início da Assembléia, estabelecia um "recenseamento" e a verificação dos armamentos mundiais, acompanhado da redução progressiva. As armas atômicas ficariam submetidas a uma resolução de controle da ONU.

Vishinsky tornou claro que seus novos quatro pontos constituíam aditamento aos quatro constantes de seu primeiro discurso, a saber:

1) A participação no Pacto do Atlântico era incompatível com a filiação à ONU.

2) Cessação imediata das hostilidades na Coreia e retirada para o Paralelo 38, seguindo-se a retirada, no espaço de três meses, de todas as tropas estrangeiras.

3) A realização de uma conferência internacional para tratar da redução dos armamentos e das forças armadas e da proscrição das armas atômicas, com o estabelecimento de um controle internacional para a aplicação destas medidas.

4) Conclusão de um pacto de paz entre os Estados Unidos, a Grã-Bretanha, a França, a China e a União Soviética.

SUBCOMISSÃO DOS QUATRO

30 — A Comissão Política da ONU resolve criar a subcomissão dos Quatro para examinar, em sessões reservadas, a questão dos armamentos.

A DECLARAÇÃO DO BRASIL

Discursa o embaixador Pimentel Brandão, chefe da delegação do Brasil:

"Não tenho a intenção de fazer um estudo detalhado do admirável discurso, ontem, aqui pronunciado pelo presidente da delegação norte-americana, o secretário de Estado Dean Acheson. Os elementos técnicos que informam esse discurso exigiram considerações, igualmente de ordem técnica, que tomariam muito tempo e que, me parece, deviam ser deixadas para a oportunidade que se oferecerá quando se concordar sobre o conjunto do qual elas são as particularidades, mas, o profundo sentido político desse discurso é de tal transcendência que me parece necessário pô-lo de manifesto, e é isto que me proponho fazer.

Na verdade a questão da regulamentação, limitação, e redução dos armamentos e das forças armadas, afeta, não somente as grandes potências, mas todas as Nações do mundo. É, portanto, apropriado que como representante de um país que não se faz primordialmente conhecer por seu poderio militar, eu erga a minha voz em louvor das grandes perspectivas que se abrem diante de nós. Parece-me inútil discutir se a corrida armamentista é a causa ou consequência da tensão internacional quase insupor-

tável que hoje existe. Creio que se pode afirmar, sem temor de desmentidos, que suspeitas e controvérsias, levam a programas de rearmamento, e os programas de rearmamento, por seu lado, geram mais suspeitas e controvérsias.

O esforço humano, em vez de ser utilizado para finalidades construtivas, em vez de ser empregado para melhorar a situação dos milhões de seres cujas vidas decorrem em permanente miséria e sofrimento, o esforço e o gênio humano são usados na preparação de armas cada vez mais mortíferas. Os orçamentos se sobrecarregam com o peso aumentado das despesas militares. A produção civil é forçada a reduzir, os padrões de vida baixam, as economias subdesenvolvidas permanecem subdesenvolvidas, e as desenvolvidas sofrem as consequências desfavoráveis do desvio da produção, para fins de estocagem e indústria de guerra.

São esses os fatos que temos que enfrentar também aqui; de nada servirá uma investigação pormenorizada das causas que possam ter originado a situação presente. Preferimos antes expressar nossa profunda satisfação ante a oportunidade que se nos oferece de achar uma saída para a tremenda crise, que, como dizia ontem o sr. Dean Acheson, está se aproximando do ponto de ebulição. As propostas das três potências devem ser aceitas com animadora sensação de desafio e confiança.

Senhor presidente, o Brasil não tem exercícios numerosos nem possui armas novas e terríveis, que são o pavor de nosso tempo. Suponho que a maioria dos países aqui presentes se acha em situação idêntica. Atrevo-me, todavia, a dizer, que temos todos neste problema o mesmo profundo interesse e que nossas esperanças e nossas orações são dirigidas no sentido de uma aceitação geral do plano que temos diante de nós. Desde que esse plano nos é apresentado por três das grandes potências, só nos resta voltarmos-nos para a esfinge que entre nós se encontram envolta em mistério e suspeita. Para dizê-lo claramente, o sucesso ou o insucesso de nossas esperanças, depende inteiramente da União Soviética. Não podemos pensar em regulamentação, limitação, e redução das Forças Armadas mundiais, se a União Soviética não for um dos países associados a essa empresa. Não espero encontrar no chefe da delegação soviética um sentimental. Para ele o sentimentalismo deve ser um resquício burguês, que quanto mais cedo for estirpado, melhor. Todavia, não creio que o chefe da delegação soviética possa mostrar-se surdo ao tom de sinceridade e desejo de paz, que tem caracterizado tantos discursos feitos nesta Assembléia. Podemos discordar, e discordamos, da União Soviética em muitos pontos. Nossas concepções de vida são diferentes e consideramos a União Soviética responsável por muitos danos e males. Neste momento, porém, a União Soviética não deve interpretar mal nossos propósitos e intenções. Uma nova guerra significaria o fim para ambos os nossos modos de vida. Nossa única esperança, a única esperança tanto para o mundo ocidental, como para a União Soviética, reside em um acordo, antes que seja tarde de mais, antes que sejamos todos levados à destruição, como consequência de nossa magnífica preparação em novas técnicas de extermínio. Este argumento, eu o direi, não é sentimental, e o chefe da delegação so-

**TODOS PEDEM
TRANSPORTE**



S. PAULO



RIO



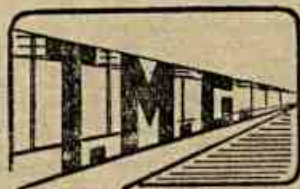
BELO HORIZONTE



NITERÓI



SANTOS



**À
EMPRESA DE**

TRANSPORTES MINAS GERAIS S. A.

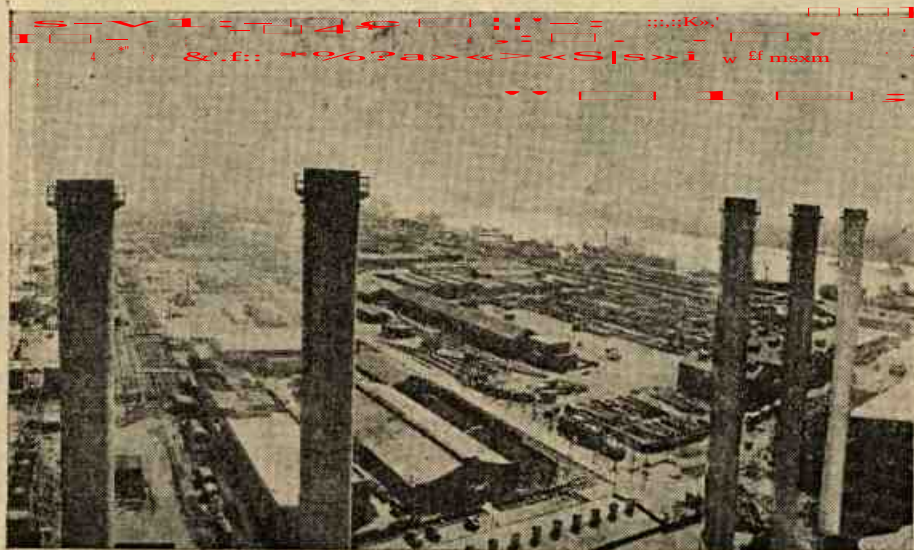
RIO: Rua São Januário, 74 — 48-6868

SÃO PAULO: Rua Hipódromo, 1.495 — 9-1111

BELO HORIZONTE: Avenida Pedro II, 1.712 — 2-7347

NITERÓI: Travessa Luiz Paulino, 29 — 2-1355

SANTOS: Avenida Paraná, 279 — 6535



VISTA GERAL DA GRANDE REFINARIA DE ABADAN: Paralisada com a retirada dos técnicos ingleses, em outubro os iranianos conseguiram por em atividade uma seção que trata o petróleo bruto. Em dezembro, a refinaria voltou a ser fechada. A última unidade destiladora da maior refinaria do mundo deixou de funcionar quando se encheram até o máximo os tanques de armazenamento. A mesma unidade havia sido fechada quando técnicos britânicos abandonaram a refinaria e, há um mês, ela voltara a funcionar sob direção

viética pode aceitá-lo sem suscetibilidades.

Senhor presidente, minha delegação não se propõe fazer agora uma análise pormenorizada das propostas das três potências, configuradas em seu projeto de resolução (documento a/b 1/067) reservando-nos o direito de intervir novamente na discussão mais tarde. Desejo, todavia, pedir a atenção do "Comitê", para o fato de que muitos pontos do projeto conjunto, coincidem com propostas apresentadas pela União Soviética nesta sessão ou em sessões anteriores. A União Soviética insistiu sempre em que armamentos de tipo clássico e armas atômicas deveriam ser consideradas, ao mesmo tempo, para fins de controle internacional, e é esse um dos grandes aspectos do plano das três potências. Diversos outros pontos das propostas recentemente apresentadas pela delegação soviética, são igualmente incorporados no plano ocidental. Demonstrando verdadeiro espírito de conciliação e desejo sincero de chegar a um acordo, as três potências muito fizeram em seu projeto para aproximar-se dos desejos da União Soviética.

O discurso ontem aqui feito pelo ilustre delegado dos Estados Unidos, sr. Dean Acheson, pode ser considerado como um modelo de moderação e média. A delegação brasileira deseja ainda uma vez, expressar suas esperanças mais fervorosas de que os responsáveis pelos destinos da União Soviética sejam suficientemente sábios, e suficientemente realistas, para não recusar a mão que se lhes estende.

Não faz ainda muito tempo que os povos

das Nações Unidas, incluindo o povo soviético, resolveram conjugar seus esforços para a consecução de certos objetivos delineados no preâmbulo de nossa Carta. Neste momento, o desafio é maior que nunca. Ou estabelecemos um clima de sinceridade e coexistência, ou temos que admitir que todos os nossos esforços foram vão e preparar-nos para o pesadelo da destruição que cairá sobre nós".

RESOLUÇÕES DA ONU

— Aceitar a queixa iugoslava contra a pressão do bloco soviético, pelos fatos alegados:

1.º) — O crescente número de ostensivas provocações com suas forças militares ao longo das fronteiras da Iugoslávia.

2.º) — Fomentar a espionagem e as atividades subversivas e terroristas contra a Iugoslávia.

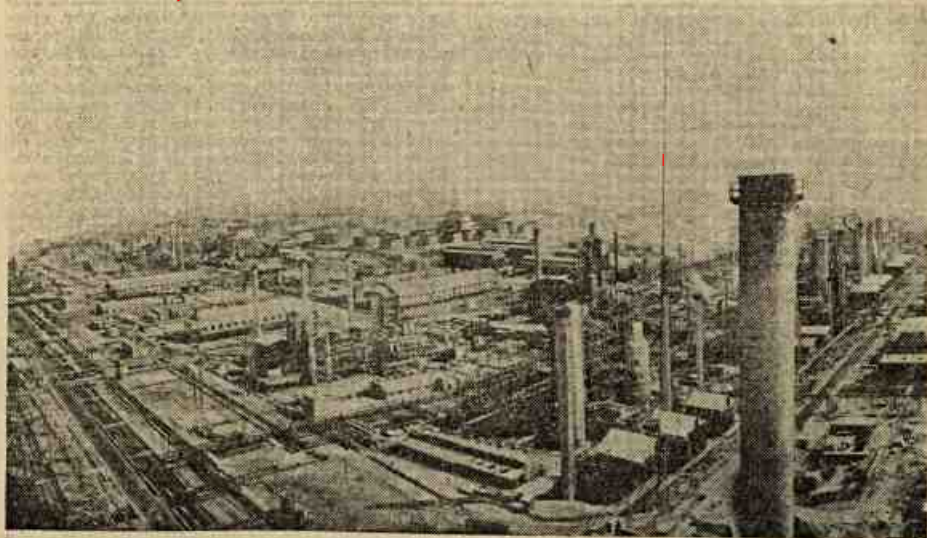
3.º) — Aplicar o bloqueio econômico em violação dos tratados internacionais.

4.º) — Realizar uma "cruel campanha de incitação para fomentar o ódio à Iugoslávia pelos povos satélites e provocar entre os próprios iugoslavos uma sensação de insegurança".

5.º) — Transferir minorias iugoslavas de países do bloco soviético para regiões distantes.

6.º) — Haver cometido quarenta e seis violações diferentes de diversos tratados assinados com a Iugoslávia.

— Criar com a aprovação de 47 votos con-



iraniana, produzindo cerca de 10.000 litros diários de gasolina e outros produtos de petróleo.

Também deixaram hoje de trabalhar os pegos de petróleo de Agha Jari, a 54 quilômetros de Abadan e a companhia iraniana informou que, de agora em diante, somente utilizará as instalações menores para a satisfação das necessidades internas.

O Irão anunciou que dará um mês de prazo aos antigos clientes da Anglo-Iranian Oil Co. para que comecem a comprar petróleo, gozando da prioridade que lhes fora concedida. Se não o fizerem, perderão essa prioridade.

tra 6 e 2 abstenções, uma comissão internacional sobre o controle da ONU, encarregada de fazer um inquérito na Alemanha, a respeito de eleições.

ELEIÇÕES PARA O CONSELHO DE SEGURANÇA E TRIBUNAL DE JUSTIÇA INTERNACIONAL

O Chile, para substituir o Equador, eleito no primeiro escrutínio, com 57 votos; o Paquistão, para substituir a Índia, com 55 votos. A Bielorrússia obteve 26 votos no primeiro escrutínio e 36 no oitavo, contra 27 dados à Grécia, sendo adiada a votação.

DEZEMBRO

AS RELAÇÕES ENTRE A RUSSIA E A IUGOSLÁVIA

14 — A Assembleia Geral da ONU dirige um pedido ao Kremlin instando-lhe a reiniciar suas relações diplomáticas normais com o regime do Mal, Tito, em Belgrado.

A decisão figura em uma resolução adotada pela Comissão Política ad hoc na qual também se acusa Moscou de praticar atividades hostis para com o governo da Iugoslávia.

A proposição foi aprovada por 47 votos contra 5, porém o chanceler soviético Andrei Vishinsky abandonou o salão de sessão antes da votação.

O delegado do Brasil, sr. Rui Ribeiro do

Couto, justificou, numa alocução o voto da sua delegação a favor da resolução.

“A queixa Iugoslávia — declarou o delegado do Brasil — não se refere a acontecimentos obscuros ou controversos que poderiam induzir alguém a certa hesitação antes de se pronunciar. Resulta de acontecimentos de notoriedade pública, largamente divulgados pela imprensa e pelo rádio dos próprios países do leste europeu”.

Recordando as notas diplomáticas trocadas nos três últimos anos entre o governo de Belgrado e os governos de Moscou e das repúblicas populares, assim como os discursos pronunciados por “eminentes personalidades dirigentes da União Soviética”, o sr. Ribeiro do Couto prosseguiu:

“Não é difícil compreender depois do exame de tão numerosos documentos públicos redigidos em linguagem extremamente violenta e quase sempre injuriosa, que os mil ou mil e quinhentos incidentes de fronteira na periferia do território Iugoslavo não são obra do acaso e que representam grave ameaça à segurança da Iugoslávia”.

O delegado brasileiro salienta a moderação da proposta Iugoslava que, disse ele, pede a Assembleia das Nações Unidas para fazer uso da sua forma moral para recomendar aos países do leste europeu que se conformem em sua atitude a respeito da Iugoslávia “às regras e prática em que usa nas relações internacionais”.

19 — A Comissão Política da Assembleia

Geral das Nações Unidas aprova por 44 votos contra 5, 10 abstenções e a não participação da Birmânia, a resolução anglo-franco-americana que visa a redução e regulamentação de todas as forças armadas e de todos os armamentos inclusive os atômicos, e estipula ser necessário que "para aliviar os povos do mundo do peso dos armamentos crescentes e do temor da guerra, que as Nações Unidas traçam planos completos e coordenados sob controle internacional para regulamentação, limitação e redução equilibrada de todas as forças armadas e de todos os armamentos, e para o controle internacional efetivo da energia atômica, a fim de assegurar a interdição das armas atômicas e de reservar o emprego da energia atômica a fins exclusivamente pacíficos".

A nova "Comissão do Desarmamento" que foi instituída pela Comissão Política é encarregada de preparar propostas destinadas a serem incorporadas em um ou vários projetos de tratados para a regulamentação, limitação e redução equilibrada de todas as forças armadas e de todos os armamentos e para o controle internacional efetivo da energia atômica, tendo em vista garantir a interdição das armas atômicas e assegurar o emprego da energia exclusivamente para fins pacíficos". Ainda, em virtude de uma votação suplementar, a Comissão do Desarmamento ficou obrigada a dar prioridade nos seus trabalhos ao estudo de um sistema de divulgação do estado de todas as forças armadas e armamentos, inclusive as armas atômicas com a verificação da veracidade dessas informações por meio de uma inspeção internacional eficaz".

Os países que votaram em favor do conjunto do projeto de resolução, sendo, assim, considerados como "os países que realmente querem a paz e a redução dos armamentos no mundo", foram, em ordem alfabética: Austrália, Bélgica, Bolívia, Brasil, Canadá, Chile, China, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dinamarca, Equador, Estados Unidos, Etiópia, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Guatemala, Haiti, Holanda, Honduras, Islândia, Irã, Israel, Iugoslávia, Líbano, Libéria, Luxemburgo, México, Nova Zelândia, Nicarágua, Noruega, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Salvação, Suécia, Tailândia, Turquia, União Sul-Africana, Uruguai, Venezuela; os que votaram contra foram: Bielo-Rússia, Polónia, Tcheco-Eslováquia, Ucrânia, União Soviética; os que se absteram foram: Afeganistão, Arábia Saudita, Argentina, Egito, Iêmen, Índia, Indonésia, Irão, Paquistão e Síria.

20 — Após 19 escrutínios, a Assembleia Geral das Nações Unidas, por 36 votos contra 16, elege a Grécia para ocupar o lugar da Iugoslávia no Conselho de Segurança, derrotando a Bielo-Rússia. Foi uma das mais difíceis votações da Assembleia, pois a Grécia só conseguiu a obter vantagem sobre a Bielo-Rússia; a partir do 15.º escrutínio.

22 — A Comissão Política da Assembleia Geral rejeita por 39 votos contra 5 e 11 abstenções o projeto de resolução russa pedindo o pronunciamento das Nações Unidas contra a recente lei de Segurança Mútua dos Estados Unidos que autoriza o presidente da República a conceder créditos aos refugiados dos países comunistas.

O chefe da delegação brasileira analisou a interpretação dada pelos soviéticos à lei americana e mostrou que a mesma se en-

contrava em desacordo com a realidade. A referência a pessoas "residentes" em território soviético devia entender-se por contrária à de "refugiados", como significando pessoas que ao tempo da Lei vivassem nas áreas soviéticas e dela escapassem mais tarde. Explicou que o uso dessas pessoas não seria o de incorporação às forças do Atlântico Norte, como afirmava a U.R.S.S. Os termos do acordo, no sentido geral, eram de ajuda econômica. Disse que a acusação de interferência nos assuntos internos doutro país provinha, dum Estado cuja política exterior é totalmente baseada em intervenções desse gênero. "Os partidos comunistas — continuou — de todos os países regulam o ensino do Cominform, que era o próprio governo soviético. Este instiga em outros países atividades subversivas e de sabotagem, não tento, por isso, autoridade moral para acusar quem quer que seja. E a ONU não poderia investigar o presente caso, sem investigar igualmente outros casos muito mais flagrantes de intervenção e agressão. Durante o debate geral Vishinsky voltou a repetir as mesmas palavras acusatórias, sendo acompanhado pelos delegados da Tcheco-Eslováquia e Ucrânia.

INDEPENDÊNCIA DA LÍBIA

4 — Entra em vigor a resolução da ONU, convertendo a Líbia em Estado soberano. A Líbia compõe-se da Cirenaica, Tripolitânia e Fezzan. Conforme decisão da Assembleia Nacional da Líbia, em 2 de dezembro de 1950, o emir Mohammed Idris El Senussi, passa a usar o título de Rei do Reino Unido da Líbia, com sede em Benghazi, antiga capital da Tripolitânia. O novo soberano saudou a entrada em vigor da Constituição elaborada e promulgada pela Assembleia Nacional da Líbia em 7 de outubro último e compromete-se solenemente a exercer os seus poderes de conformidade com as cláusulas dessa Constituição.

O imperialismo comunista ata e mima a independência e a cooperação internacional. Estes princípios em seu lugar, substitui a lei da força. O imperialismo comunista procura, também, destruir o sistema de governo que procura o bem-estar dos povos. Em vez disso, estabelece um sistema sob o qual o povo existe unicamente para servir os propósitos do governo. Como resultado, o sistema soviético é o de reter o poder, impondo a escravidão em seu próprio país e a agressão no exterior.

A agressiva expansão do poderio soviético ameaça o mundo inteiro. Na Europa, vemos o comunismo tentando engolir as nações das quais tiramos nossa herança cultural. Se a subversão soviética e a força armada soviética conseguissem esmagar estas nações, as consequências seriam desastrosas para nós, do Hemisfério Ocidental. Perderíamos esses laços culturais e religiosos que tanto significam para nós. O comércio internacional, do qual tanto dependemos, seria violentamente interrompido. E o pior de tudo, nos veríamos frente a um poder hostil nas costas do Atlântico, capaz de empregar os grandes recursos econômicos de nossos amigos conquistados para lançá-los contra nossa própria independência.

Harry Truman

ALERTANDO O GOVERNO E A OPINIÃO PÚBLICA CONTRA OS PERIGOS DA INFILTRAÇÃO COMUNISTA

O "Correio da Manhã" jamais transigiu com os extremismos. Combateu-os sempre, perseverante e intransigentemente. Comunismo é ação e ação só se elimina com ação. Esta é a conclusão a que chegou o "Correio", após uma série de revelações sensacionais de fatos verdadeiramente alarmantes. O artigo publicado no domingo, 23 de dezembro, que vai reproduzido, sintetiza toda a série.

CAMINHO A SEGUIR

DEFESA DO REGIME — POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO E POLÍTICA SOCIAL — A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA

Empreendemos, desde o último domingo, um esforço de esclarecimento do governo e da opinião pública sobre a ação do Partido Comunista no Brasil. Mostramos como o PCB se infiltrou no governo, como penetrou no meio dos trabalhadores urbanos e rurais, como utiliza o cristocomunismo, como dispõe de elementos e forças nas classes armadas. Apontamos fatos, registramos sintomas, indicamos nomes, transcrevemos documentos e revelamos os planos e a estratégia do PCB. O que dependia da imprensa, nós e outros jornais democráticos o fizemos. É certo que a tarefa da imprensa não se esgota nas advertências de uma semana. Continuaremos vigilantes. Mas não bastam as advertências da imprensa para defender o regime. Nesse caso, que fazer?

DEFESA DO REGIME

É certo que a democracia se defende pelo seu próprio exercício. Mais ainda. A democracia é o seu exercício, consistindo no viver, concretamente, de um modo democrático. Isso não impede, entretanto, que os revolucionários profissionais sabotem o regime, explorem os inevitáveis defeitos de qualquer sistema e consigam, se não forem reprimidos, subverter as instituições.

Antes de tudo, portanto, compete ao governo reprimir, energeticamente, as atividades antidemocráticas. Não é com a polícia que salvaremos a democracia. Mas também não é nomeando comunistas para postos-chaves, comandos de tropa, etc. Nem é deixando o PCB se infiltrar nas massas, promover agitações e violências e envenenar as relações entre empregados e empregadores.

As primeiras e mais urgentes medidas de proteção do regime podem ser tomadas imediatamente, sem necessidade de novas leis, muito menos de estado de sítio. Demita o sr. Getúlio Vargas, dos cargos em comissão, os comunistas que nêlas se encontram.

Exerça o ministro da Guerra — um verdadeiro ministro da Guerra — seus poderes legais. Isso bastará para expulsar o PCB dos postos-chaves, neutralizar os militares comunistas, pôr na cadeia os insubordinados e disciplinar a tropa. Se as autoridades constituídas desempenharem efetivamente suas funções, se a legislação vigente

for realmente cumprida, poderão ser aplicadas, contra os comunistas e demais sabotadores do regime, a maior parte das medidas necessárias à segurança da democracia.

LEGISLAÇÃO COMPLEMENTAR

Além disso, porém, é necessário, com a maior urgência, ultimar as leis complementares à Constituição. É preciso regular, por exemplo, o disposto no § 13 do art. 141 da Constituição. Proíbe esse dispositivo as atividades antidemocráticas, como tal compreendidas as que visem a abolir o regime pluripartidário e os direitos fundamentais do homem. Importa regulamentar, ordinariamente, esse preceito, configurando como crime a prática de ato antidemocrático. Outros exemplos expressivos são os que se referem à greve, à investidura em cargo sindical e ao funcionamento dos sindicatos. A Constituição assegura o direito de greve, impondo, ao mesmo tempo, a apreciação judicial dos dissídios trabalhistas. Cabe à lei ordinária disciplinar a greve, só a tornando legal quando ultimada a instância judicial do dissídio. Os sindicatos, por seu lado, devem, pela Constituição, ter assegurada a liberdade de associação, ao mesmo tempo que lhes incumbe respeitar a própria Constituição e as instituições para que foram instituídos. É imprescindível que a lei ordinária fixe as responsabilidades dos sindicatos e de seus dirigentes, facultando ao poder público afastar dos sindicatos os agentes subversivos, resguardando a apreciação judicial das responsabilidades.

Está nas mãos do governo, portanto, a aplicação das medidas necessárias à segurança da democracia. Sem golpes, sem estado de sítio, sem arbitrariedades de excesso, as autoridades podem garantir o regime e impor a observância da Constituição. O que importa é agir, imediatamente e com energia. O perigo comunista é grave e iminente. A opinião pública, consciente desse risco, aguarda as providências do governo.

OS DOIS MALES

As medidas repressivas nada valem enquanto, para a defesa da democracia, se o comunismo internacional consegue sabotar as instituições. Isso é devido, em grande parte, à existência de condições econômicas e sociais que favorecem sua atuação.

Sofremos no Brasil, a esse respeito, de dois grandes males: a pobreza geral do país e a desproporção no acesso aos bens e às funções superiores. Por ignorarem, de boa ou má fé, esse primeiro mal, os queremistas, como ontem indicamos, preconizam uma política de reivindicações suicidas. Mas também há os que, cientes na necessidade de enriquecer o país, não levam na devida conta o imperativo de promover a melhor distribuição de bens e de oportunidades.

POLÍTICA ECONÔMICA

Os primeiros meses deste governo, como já temos acentuado, encontraram o país num

suato de desenvolvimento nacional. Planeja-se o reequipamento das atividades da base. Outros planos foram elaborados para atender a nossas necessidades de combustível — carvão, energia elétrica, petróleo — e agora se cogita da energia nuclear. Na mesma linha de política econômica, o presidente da República acaba de assinar o decreto que determina a drágagem dos portos, o que proporcionará novas condições para o escoamento da produção. E o governo mantém-se no propósito de combater a inflação e saneamento das finanças. Todas essas medidas, convenientemente executadas, implicarão um extraordinário aumento da riqueza nacional.

Mas é preciso que sejam convenientemente executadas.

POLÍTICA SOCIAL

Há ainda outro aspecto do problema. Importa melhorar a distribuição de bens e de oportunidades, elevar o nível mínimo de vida e facilitar o acesso aos postos diretivos, de todos os méritos. Deixando-se iludir pela demagogia do quequerismo, o governo empenhou-se em promessas que não pode cumprir, em vez de tratar essas problemas com a objetividade que eles comportam.

No entanto, os mesmos caminhos democráticos, que se mostram eficazes na campanha pelo enriquecimento nacional, permitem igual êxito para uma política social. O grande obstáculo para a justiça social é a existência da mais valia, que opera, nas relações de trabalho, em favor do empregador e em prejuízo do empregado. Com a participação dos empregados no lucro das empresas, estigada pela Constituição, pode neutralizar-se a mais valia, equilibrando-se os proventos

REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA

Na verdade, acontece o seguinte: o Brasil, ainda que sem um planejamento geral, está ingressando numa fase extremamente rica em possibilidades. E está em condições de empreender uma grande revolução democrática. Permite-o a Constituição. Enseja-o o programa de recuperação econômica. Exigem-no as condições históricas. E necessitam, apenas, que o governo, os partidos, os órgãos representativos da opinião pública, tomem consciência desse fato.

Mas é dentro de espírito da democracia, no quadro de suas instituições básicas, que se encontra o futuro econômico e social de nosso país. A revolução de nossa época, aquela que estamos chamados a interpretar e empreender, é a conjugação, numa síntese superior ao liberalismo e ao socialismo, do respeito à pessoa humana, com as técnicas de plano rendimento do capital e do trabalho, remunerar nos na justa proporção sua interferência no processo da produção. Dadas as condições peculiares ao nosso país, e se soubermos atender ao apelo do movimento histórico, podemos superar, sem padecer as convulsões e o envilecimento do comunismo ou do reacionarismo, a crise do problema social.

O IMPERADOR FREDERICO II

Por **EDUARDO A. FREEMAN**

(Da *Historia da Sicília*)

É muito possível que nunca tenha havido um homem dotado de maiores dotes naturais, ou cujos dotes naturais tenham sido, em relação ao seu tempo, mais diligentemente cultivados, do que o último imperador da Suécia. Parece que não houve esboço da natureza humana que ele em si mesmo não desenvolvesse até ao mais alto grau. Na complexidade dos dotes, no que se pode chamar a feição pluralista do seu caráter, ele aparece como uma espécie de Alcibiades medieval, se bem que muito afastado da completa falta de princípios e de perseverança de Alcibiades, e da sua inconsistência. Guerreiro, estadista, legislador, erudito, nada houve no âmbito do mundo político ou intelectual do seu tempo que ele não tivesse abarcado. Numa idade de renovação, quando, em todos os cantos da Europa e da Ásia civilizada, os velhos reinos, as velhas nações, os velhos sistemas, se iam desmoronando e outros novos se iam levantando no lugar deles, Frederico era como o homem da renovação, o autor de coisas novas e inauditas stupor mundi et immutator mirabilis. Suspeito de heresia, suspeito de islamismo, ele era o objeto de todas as espécies de ataques absurdos e con-

traditórios, mas os ataques marcaram traços reais no caráter do homem. Era até certo ponto diferente dos outros imperadores e de outros homens; qualquer que tenham sido as suas profissões de ortodoxia, sentiam-se instintivamente que a sua crença e o seu culto não eram os mesmos que a crença e o culto dos outros cristãos. Não podia haver dúvida que ele se havia libertado inteiramente dos preconceitos do seu tempo e que tinha teorias e projetos que, para o maior parte dos seus contemporâneos, não deixariam de ser monstruosas, ininteligíveis, impossíveis.

Fredericco era, numa palavra, sob determinados aspectos, um homem da tempera daqueles que foram fadados para influir no seu próprio tempo e nos tempos a vir, homens que, se a sorte os orienta numa direção, fundam seitas e se os orienta noutras fundam impérios. Todos poderiam esperar de Frederico que ele fosse o fundador de qualquer coisa, o iniciador de alguma nova seita, política ou intelectual. Era bem um homem que qualquer grande instituição poderia vir a considerar como o seu criador, que qualquer grande associação de homens, qualquer seita, partido ou nação, poderia vir

a olhar como o seu profeta, como o seu fundador ou como o seu libertador. Mas o mais dotado dos filhos dos homens não deixou atrás d'ele semelhante memória, enquanto que outros homens muito menos dotados do que ele são venerados como fundadores por nações agradecidas, por igrejas, por partidos políticos e filosóficos.

Efektivamente, Frederico nada fundou, e semeou mesmo as sementes de destruição de muitas coisas. As grandes cartas que concedeu aos príncipes espirituais e temporais da Alemanha deram o golpe de morte ao poder imperial, enquanto, para mais não dizer, olhou com indiferença para o poder nascente das cidades e para essas ligas comerciais que eram ao tempo o melhor elemento da vida política alemã.

Na verdade, seja qual for o aspecto em que considerarmos Frederico II, sempre o acharemos no último lugar das várias séries a que pertence. Um escritor inglês, diz-nos que elle era realmente o último imperador (Capgrave, na sua crônica, ordena cronologicamente os imperadores até Frederico, e acrescenta: "Dai para diante a nossa lista continuava depois do reinado dos reis de Yngland; porque império propriamente dito acabou ali). Foi o último príncipe para quem os títulos imperiaes não constituem uma ironia, foi o último sob cujo domínio os três reinos imperiaes conservavam relações concretas uns com os outros e com a antiga capital do império.

Frederico, que mandou os seus troféus para Roma para aí serem guardados pelos próprios súditos, era um Cesar romano num sentido em que nenhum outro imperador o foi depois d'ele. E não foi somente o último imperador de todo o império: podemos mesmo dizer que foi também o último rei dos seus vários reinos. Depois d'ele, a Borgonha acabou como reino; mal nos lembramos d'ele, se não fosse a memória de Carlos IV morto a Arles para tomar a coroa burgonhesa. Também a Itália depois de Frederico, desapareceu como reino; nos últimos tempos, todo o exercicio da autoridade real na Itália não era mais do que uma coisa que lá se vinha por acessos e por impetos. E verdade que os últimos imperadores eram coroados em Milão, mas nenhum depois de Frederico foi rei da Itália no sentido real e efetivo em que ele o foi. A Alemanha não desapareceu nem se desmembrou tão completamente com os outros reinos; mas depois de Frederico veio o Grande Interregno, e depois do Grande Interregno o poder real na Alemanha nunca mais foi o que era dantes. No seu reino hereditário da Sicilia não se pode dizer que fosse o último da sua dinastia, porque seu filho Manfredino ali governou com prosperidade e glória durante alguns anos depois da sua morte. Mas nem por isso o reino siciliano deixou de estar condenado, logo após Frederico; daí por diante era fatal que elle fosse o que foi desde então, dividido, reunido, dividido outra vez, passado de mão em mão, de soberano estrangeiro para soberano estrangeiro. E ainda com mais justiça poderíamos dizer que Frederico foi o último rei cristão de Jerusalém, o último a batizar quem reinou na Terra Santa e usou coroa na Cidade Santa. E contudo, estranha coisa, era em Jerusalém que Frederico podia precisamente reivindicar alguma maneira as honras de fundador. Se

ele foi o último rei efetivo de Jerusalém, foi também, depois de um considerável intervalo o primeiro d'elles. Foi Frederico quem restitueceu o reino com o seu espolio e, se o perdeu, essa perda foi, de todos os infelícios do seu reinado, o que com menos justiça lhe pode ser attribuido como erro.

No mundo das belas letras tem Frederico algum direito a ser considerado como o fundador dessa moderna lingua e literatura italiana que primeiro assumiu uma feição definitiva na corte siciliana. Mas no campo mais vasto da historia politica, Frederico apparece, não como um criador, mas como um destruidor involuntario.

Ele é em todas as coisas o último da sua ordem, e não é o último no sentido em que o são os príncipes que morrem com os seus reinos em revoluções intestinas ou sobre o campo de batalha. Se nós lhe chamarmos o último imperador do Occidente, é em sentido inteiramente diverso, em que o foi Constantino Peleólogo como último imperador do Oriente. Depois de Frederico, o imperio e todas as coisas que tiveram com elle relação, parecem esborçar-se e decair, não obstante conservarem ainda o seu brilhantismo exterior. Logo que o seu grande possuidor passou, foi uma derrocada. E um fato significativo que um homem que, a tender só ao genio e aos talentos, foi decerto o maior príncipe que sustentou uma coroa, um príncipe que teve o maior lugar sobre a terra e esteve interessado durante um longo governo em algumas das maiores operacões de uma das maiores épocas, é um fato significativo que não tenha recebido, mesmo dos que mais o honram, esse epiteto de Grande que tem sido tão predigamente concedido a homens muito mais pequenos. O mundo sentiu instintivamente que Frederico, por natureza o mais do que par de Alexandre, de Constantino e de Carlos, não deixara atrás d'ele cringões como elles as deixaram, nem influiu sobre o mundo como elles tinham influido. Foi o stater mundi stimulator mirabilis mas o nome de Frederico Magnus estava reservado para um príncipe de uma outra época e de uma outra casa que, seja o que dor que d'ele tenhamos a dizer, mostrou pelo menos que tinha aprendido a arte de Temistocles e sabia a maneira de fazer dum Estado pequeno um grande Estado.

Muitas coisas se combinaram para produzir este singular resultado — que um homem do extraordinario genio de Frederico, um homem na posse de todas as vantagens de nascimento, situação e oportunidade, tenha tido uma tão fraca influencia sobre o mundo. Não basta attribuir este desastre aos muitos e grandes defeitos do seu caracter moral. Sem dúvida elles foram uma das causas. Mas um homem que tem agido sobre as idades futuras não é necessariamente um homem bom. Ninguém ainda teve uma maior influencia direta sobre a historia futura do mundo do que Lucio Cornélio Sulla (ou Sylla). O homem que venceu o último rival de Roma, que salvou Roma na sua ultima hora de perigo, que a tornou indomável, e capital para todo o sempre de toda a Itália, fez uma obra maior do que a obra de Cesar. E no entanto o nome de Sulla é o daqueles que mal se pode pronunciar sem estranha coisa, era em Jerusalém que Frederico podia precisamente reivindicar alguma maneira as honras de fundador. Se

ele foi o último rei efetivo de Jerusalém, foi também, depois de um considerável intervalo o primeiro d'elles. Foi Frederico quem restitueceu o reino com o seu espolio e, se o perdeu, essa perda foi, de todos os infelícios do seu reinado, o que com menos justiça lhe pode ser attribuido como erro.

sua crueldade bárbara, não foram bastantes, só por si, para o impedir de ter deixado saque na sua época, como tantos outros nem melhores nem piores do que ele o fizeram em outras épocas da história. É que um homem, para exercer qualquer influência poderosa e decisiva sobre o mundo, deve ser, se não virtuoso, pelo menos capaz de objetivos e de esforços que tenham alguma coisa de comum com a virtude. Sullá não se embaraçava com nenhum crime que pudesse servir a sua pátria ou o seu partido, mas era para a sua pátria e o seu partido, e não para os seus fins pessoais, que trabalhava e prevenciava. Uma perfeita dedicação por qualquer causa tem em si mesmo alguma coisa de sacrifício, alguma coisa que, se não é puramente virtuosa, não deixa contudo de ter um elemento que se assemelhe à virtude. Muitos maus homens têm perpetrado muitas grandes ações, mas têm-se perpetrado com esses traços do seu caráter que se aproximam da bondade.

O lado fraco da brilhante carreira de Frederico parece ter sido em parte inerente ao seu caráter, e noutra parte o resultado das circunstâncias em que se encontrou. Capaz de todas as habilidades e de fato exercitando-se alternadamente, ele não tinha um único objeto definido, prosseguindo lealmente e inquebrantavelmente em toda a sua vida. Com todos os seus poderes, com todas as suas capacidades, o percurso da sua vida parece ter sido, até certo ponto, determinado pelos outros. Achou-se sempre como impellido entre combates, entre projetos políticos, que pouco tinham que ver com a sua vontade. Foi o mais forte e o mais perigoso adversário do papado. Mas parece que não resistiu ao papado por uma determinação pessoal, ou como campeão voluntário de algum princípio de oposição. Veio a ser o inimigo do papado, planejou os projetos mais ruins para o papado, simplesmente porque julgou que nenhum papa o deixaria tranquilo. Era talvez um instinto infalível que impedia todos os papas de o deixarem em paz. Se Frederico procedesse segundo os seus próprios planos e inclinações, podia muito bem acontecer que fizesse mais dano ao papado do que realmente fez. Além disso se teve questões com os papas não foi por que as procurasse, uma espécie de destino inevitável o impelia contra eles, quer ele quisesse, quer não.

Por outro lado, o maior sucesso da carreira de Frederico, a aquisição de Jerusalém, não foi só um simples episódio da sua vida, mas alguma coisa a que era absolutamente forçado contra a sua vontade. O mais bem sucedido de todos os cruzados desde Godofredo é o mais profundamente diferente de todos os outros cruzados. Para os outros, a guerra santa era, em alguns casos, a principal ocupação das suas vidas; em todos os casos era uma coisa seriamente empreendida como uma questão de política, ou de dívida religiosa. Mas a cruzada do homem que agora readquiriu a Cidade Santa é simplesmente um grotesco episódio da sua vida. Excomungado por ir, excomungado por não ir, excomungado por voltar, ameaçado por todos os lados, foi, veio, e foi bem sucedido. O que outros não tinham podido conseguir pelas armas, conseguiu ele pela habilidade, e o seu sucesso foi motivo de novas acusações. Durante anos e anos tinha soado em toda a cristandade o grito da recuperação de Jerusalém; por fim recuperou-se Jerusalém, e tal recuperação torna-se um motivo de ataque por satanizar os mais ardentes desejos de tantos milhares de fiéis.

O soberano excomungado, que nenhum sacerdote queria coroar e cujo nome mal era pronunciado no seu próprio exército, conservou os seus domínios, no desprezo mais absoluto de toda a oposição. Impediram-no de utilizar a consolidação e extensão do seu reino oriental aqueles mesmos que maior obrigação tinham de usar com ele alguma coisa mais do que a comum honestidade internacional. Quaisquer que fossem os sentimentos e circunstâncias em que Frederico tinha procedido, ele era de fato o triunfante campeão do cristianismo, e a sua recompensa foram novas condenações da parte do clero espiritual do cristianismo. O velho Frederico, Filipe da França, Ricardo da Inglaterra, S. Luiz, Eduardo I, foram cruzados por ele, por política ou por moda; Frederico II foi-o apenas porque não podia deixar de o ser, e contudo fez o que eles todos não conseguiram fazer.

Do mesmo modo, nas suas relações com os Estados alemães e italianos, é impossível reconhecerlo como um consistente amigo ou um consistente inimigo dos grandes movimentos políticos da sua época. Concedeu cartas de privilégios a esta ou aquela comunidade, e publicou cartas restringindo a liberdade das comunidades em geral, simplesmente como convinha à política do tempo. Nas suas relações com os papas, talvez mesmo nas suas relações com as cidades, Frederico não procedeu tão mal como poderia parecer para com eles. Mas um homem cujo gênio e talento vigoroso brilharam nas mais simples ações da sua vida, e que no conjunto das suas ações não teve um princípio, uma regra que possa ser discernida, que foi impellido pelas circunstâncias e pelas ações dos outros, ou é muito desgraçado na posição em que se encontra, ou então, com todo o seu gênio, deve falar-lhe algumas das qualidades sem as quais o gênio pouco mais é do que inútil.

No caso de Frederico é provável que se dessem ambas as causas. Porque um homem pode influir no seu tempo, deve de algum modo pertencer ao seu tempo. Deve estar acima dele, adiante dele, mas não fora dele. Pode condenar, pode tentar mudar as opiniões e os sentimentos dos homens que o cercam; mas deve pelo menos, compreender e penetrar essas opiniões e esses sentimentos. Mas Frederico não pertence a nenhuma época; intelectualmente, está acima da sua e para cima de toda a época; moralmente, lá de ser difícil negar que estava abaixo do seu tempo; mas em coisa nenhuma se pode dizer que era um homem do seu tempo. Em muitos detalhes acidentais, a sua carreira é uma repetição da de seu avô. Como ele, luta com os papas, luta com uma série de cidades, usa a coroa na guerra com os infidéis. Mas no caráter, na mien, no intuito, avô e neto foram duas entidades. Frederico Barbarossa não era mais do que o modelo do homem, do alemão, do imperial do século XII. Todos os defeitos e todas as virtudes do seu tempo, da sua pátria e da sua posição receberam nele o seu mais completo desenvolvimento. Ele era o homem ordinário do seu tempo, segundo os objetivos que um homem ordinário do seu tempo e na sua posição não deixaria de seguir. Evidenciou o caráter ordinário do

seu tempo de uma forma nobilíssima; mas mesmo assim, não evidenciava senão o caráter ordinário do seu tempo. Toda a sua carreira foi típica da sua época; cada ação e cada acontecimento da sua vida podia ser compreendida por todos os seus contemporâneos, amigos ou inimigos. Mas seu neto, o stupefido mundo, causou espanto, talvez a admiração, dum época que o não podia entender. É certo que reuniu em volta de si uma pequena corte de dedicados aderentes; mas para a massa dos contemporâneos, ele era como um ser de outra natureza. Não participou nem dos sentimentos nem dos preconceitos do tempo; tanto na sua grandeza intelectual como na sua pequenez móvel, nada tinha de comum com o homem do século XIII.

O mundo raro que possuía, a não ser um ou outro pensador isolado, um homem cuja inteligência fosse mais emancipada, para o bem e para o mal, dos prejuízos ordinários do seu tempo. Ele parecia aos olhos da sua própria época o inimigo de tudo o que ela ensinava a guardar religiosamente, o amigo de tudo o que ela ensinava a desprezar e a combater.

O que foram na realidade as opiniões religiosas de Frederico é um problema difícil de resolver; mas aos olhos do seu tempo, ele aparece como alguns outros mais do que um simples antagonista político ou doutrinário do papado. Pensava-se que, se ele era o inimigo da cabeça da Cristandade, era o par ser inimigo de todo o cristianismo.

Além disso, os crimes e os vícios de Frederico não eram maiores do que os de muitos outros príncipes; mas não havia nenhum princípio que calasse dessa maneira todas as noções morais do seu próprio tempo.

Ele conseguiu, pelas circunstâncias dos seus vícios, ofender os sentimentos contemporâneos de um modo que os seus vícios por si só os não poderiam ofender. Um homem que mostrou tão pouco respeito pelos sentimentos da sua época, bons ou maus, não podia ter influência direta sobre essa época.

Algumas das suas idéias e dos seus planos podiam passar sem escândalo entre homens de tempos mais recentes, em cujas mãos eles seriam mais capazes de produzir algum fruto. Pode ter abalado velhos prejuízos e velhas crenças em algumas almas da sua época; pode ter sido mesmo a fonte dum tração, com poder bastante para influir sobre tempos distantes. Em muitas coisas as suas idéias, as suas ações, eram antecipações do que só muito mais tarde se realizou.

Por este modo indireto e tácito pode ele ter influido. Mas sobre a sua própria época é que ele não teve influência nenhuma.

Pode ter minado um edifício majestoso, que devia sobreviver ainda por muito tempo; porém minou-o apenas. Não deixou vestígios como fundador, mas como destruidor franco e ousado.

Havia ainda uma outra causa que, ao lado do caráter pessoal de Frederico, poderia ter contribuído para isolá-lo do seu tempo, e impedi-lo de ter sobre ele essa influência que havia a esperar do seu gênio. Era o seu absoluto desprezo da nacionalidade. A idéia consciente da nacionalidade não tinha efetivamente o mesmo efeito sobre o homem que aquele que hoje tem. A idéia política e os sistemas do tempo contrariavam o prin-

cípio da nacionalidade de duas maneiras diferentes. Nada podia estar mais em oposição com qualquer doutrina de nacionalidade que essas idéias que eram a essência de todo o credo político daquele tempo, as idéias do Império Universal e da Igreja Universal.

Além disso, a concepção da soberania mundial investida no sucessor de Pedro e no sucessor de Augusto não eram mais opostas

ao princípio da nacionalidade do que a forma que tinha tomado em quase toda a parte o espírito nascente da liberdade. Um movimento a favor da liberdade nacional era uma exigência; na maior parte dos casos era uma independência de um distrito, de uma cidade, quando muito dum pequena união de distritos ou cidades que os homens combatiam. Uma comunidade alemã ou italiana lutava pela sua própria independência local.

E se reconhecia a supremacia do imperador, senhor do mundo, era até onde ela podia coexistir com a inteira posse da sua independência. Dum patriotismo propriamente nacional não cuidavam os alemães e italianos desse tempo. Estas duas tendências aparentemente opostas, a tendência de fundir as nações num domínio universal e a de as dividir em pequenos principados e comunidades, eram na verdade estreitamente ligadas.

A tendência para a divisão apareceu mais vigorosa nos reinos que estavam unidos ao império. Outros países revelaram um poder de ação puramente nacional, a tendência de adquirir liberdades comuns à toda a nação, de legislar no interesse de toda a nação, quase na medida exata do afastamento em que estavam das influências imperiais. A Espanha, a Escandinávia, a Inglaterra eram as terras em que o império tinha menos influência. E contudo, a Espanha, a Escandinávia e a Inglaterra eram as terras em que vemos maior aproximação da vida e da existência verdadeiramente nacional.

É certo que, mesmo dentro do império, os sentimentos nacionais exerciam uma influência bastante forte, apesar de um tanto incoerente. Os sentimentos locais exerciam uma influência ainda mais forte. Mas não havia sentimentos nacionais ou locais que se pudessem ajuntar em roda de Frederico II. A sua ascendência era meio alemã, meio normanda; a sua terra natal era a Itália, a preferência para habitação a Sicília, e os seus gostos e costumes eram susceptíveis de sarcasmos. Representante de uma casa reinante alemã, era contudo, fora de toda a dúvida, menos alemão do que qualquer outro.

Nesta situação, colocado como se estivesse acima de todos os laços ordinários locais e nacionais, ele era, mais do que todos os outros príncipes que tinham usado o dialema imperial, o acabamento de concepção dum imperador senhor do mundo. Mas um imperador senhor do mundo está colocado alto demais para poder conquistar os sentimentos que digam os homens aos governadores e soberanos de mais baixa ordem. Um rei pode impor-se ao amor do seu reino; um chefe popular pode impor-se ao amor da sua cidade; mas César, cujo domínio se estende dum mar a outro mar, e vai até ao fim do mundo, deve, neste ponto como noutros, pagar o tributo da sua grandeza. Frederico foi idealmente, mais do que todos os homens, o herói e o campeão do império.

PÁGINAS IMORTAIS

O JULGAMENTO DE SÓCRATES

por PLATÃO

E' sempre, imutavelmente, a eles que re-
corremos, aos velhos mestres de antanho.

quando algo de novo
desejamos aprender,
quando algum pre-
cioso ensinamento
queremos recordar.

São eles a fonte eter-
na do saber, e nessa
fonte haveremos to-
dos de beber em to-
dos os tempos. Por
isso, escreveu Em-
erson: "Os gregos rou-
baram-me muitos dos
meus melhores pen-
samentos..." E será
sempre aos gregos,
aos incomparáveis
mestres de antanho,
que teremos sempre,
imutavelmente, de recorrer.



SÓCRATES

(DO EUTHYFRON E DA APOLOGIA)

Platão, o grande filósofo grego, nas-
ceu em ou perto de Atenas em 429 an-
tes da nossa era, ano da morte de Pé-
ricles. O seu nome era Aristocles; Pla-
tão (isto é: O Largo) era uma alcunha
motivada provavelmente pela sua figu-
ra. Começou por escrever poesias; mas,
depois de, aos 20 anos, ter encontrado
Sócrates queimou-as e foi durante 10
anos seu discípulo, acompanhando-o no
seu julgamento e morte. Depois via-
jou muito e passou a ensinar filosofia
em Atenas; um dos seus alunos foi
Aristóteles. Os seus Diálogos são ainda
o mais nobre conjunto do pensamento
filosófico que existe, e a sua beleza li-
terária é sem igual. Diz Emerson que
"de Platão vêm todas as coisas ainda
tratadas e discutidas por homens que
pensam..." Platão é a filosofia, e a filo-
sofia é Platão.

Sócrates, na véspera do seu julga-
mento por impiedade, quer mostrar que
as noções correntes acerca da piedade
ou impiedade, da santidade ou da au-
sência de santidade, não suportam uma
crítica rigorosa.

Euthyfron = Que estás tu fazendo aqui
no pórtico do archonte, Sócrates? Por que
deixaste o teu lugar do costume no Liceu?
Não tens, com certeza, como eu, uma ac-
ção a julgar perante eles?

Sócrates = Não; os atenienses, Euthyfron,
chamam-lhe uma acusação e não uma ac-
ção.

Euthyfron = O quê? queres dizer que al-
guém te fez qualquer acusação? Porque não

Sócrates = Por certo não sou eu quem a
fiz.
Euthyfron = Há então alguém que te acuse?
Sócrates = Há.
Euthyfron = Quem é?
Sócrates = Mal o conheço, Euthyfron; deve
ser um rapaz desconhecido. O seu nome po-
rém é Meleto, e o seu demos Pitthis; vê lá
se te lembras de algum Meleto daquele demos
— um homem de nariz aquilino, cabelo com-
prido e pouca barba.

Euthyfron = Não o conheço, Sócrates. Mas,
diz-me porque razão te acusa ele?

Sócrates = Por que razão? Não é por pou-
co parecido-me. Não é pouca coisa, para que
um rapaz tão novo já tenha formado uma
opinião sobre um assunto tão importante.

Porque ele diz que sabe como se corrompe
a juventude e quem a corrompe. Deve ser
um sábio, que, vendo a minha ignorância,
me vai acusar perante a cidade, como uma
mulhe, de corromper os seus amigos. Parece-
me ser o único homem que principia por
onde deve em matéria de reformas políti-
cas; quero dizer, cujo primeiro cuidado é
tornar a juventude quanto possível perfeita,

assim como um bom lavrador cuidaria pri-
meiro das suas plantas mais novas, e, só de-
pois, das outras. De modo que Meleto, supo-
nho eu, começa por corromper conosco que, diz
ele, corrompemos os jovens à medida que
eles crescem; e depois de ter feito isso, da-
ria naturalmente a sua atenção aos homens
mais velhos, tornando-os assim um beneme-
rito do público. E' o que há a esperar, visto
que deste modo começa.

Euthyfron = Oxalá assim seja, Sócrates,
mas duvido muito. Parece-me que tentando
fazer-te mal, o que ele está fazendo é ati-
rando um golpe ao coragão do estado. Mas,
diz-me, de que modo afirma ele que tu
corrompes a juventude?

Sócrates = De um modo que a principio
parece estranho, meu amigo. Diz que eu sou
um fazedor de deuses; de modo que me
accusa, segundo ele diz, de inventar novos
deuses e não acreditar nos antigos.

Euthyfron = Compreendo, Sócrates. E' por-
que dizes que tens um signo divino. De mo-
do que te acusa por introduzires coisas novas
na religião; e vai ao tribunal sabendo que
esses assuntos facilmente se podem torcer
perante a multidão, e portanto tencionando
caluniar-te ali. Ora, de mim se riem eles
como se estivesse doente quando falo de cois-
as divinas na assembleia e lhes vaticino o
que vai acontecer; e contudo nunca vaticinio
nenhum erro. Mas invejam os que são
como nós. Convém que não lhes liguemos
importância: devemos fazer-lhes frente sem
temor.

Sócrates = Meu caro Euthyfron, o escárnio
dos deuses não é coisa muito sã. Os atenienses,
parece-me, podem ter um homem por inteli-
gente sem lhe ligar muita atenção, logo que
não julguem que ele comunica a sua sabeu-
doria aos outros. Mas logo que lhes parece

que ele torna inteligentes a outros, zangam-se, quer seja por inveja, como tu dizes, quer por qualquer outra razão.

Euthifron — Não tenho grande empenho em conhecer a disposição deles para comigo neste assunto.

Sócrates — Não, talvez pensem que tu, como te mostras muito pouco, não tens grande empenho em comunicar o que sabes aos outros; mas receio que de mim pensem o contrário; pois o meu amor à humanidade faz-me falar a todos que encontro, livremente e sem reservas, e sem remuneração; de fato, se eu pudesse, de boa vontade pagaria para me escutarem. Se pois, como acabou de dizer, eles se dispusessem apenas a rir de mim, como dizes que de ti riem, eu não acharia desagradável passar o dia desse modo, rindo e chalacando no tribunal. Mas se vão encasar o caso a sério, então só profetas como tu podem dizer como isto acabará.

Euthifron — Bem, Sócrates, o mais natural é que nada aconteça. É muito provável que sejam bem sucedido no teu julgamento, como creio que serei no meu.

Sócrates — E que ação é essa tu, Euthifron? És queixoso ou réu?

Euthifron — Queixoso.

Sócrates — Contra quem?

Euthifron — Contra um homem que me julgam doido por levar ao tribunal.

Sócrates — O quê? tem asas para voar?

Euthifron — Está muito longe de poder voar; é um homem muito velho.

Sócrates — Quem é ele?

Euthifron — Meu pai.

(Então, tendo Euthifron declarado que acusava o pai por ter morto um escravo, Sócrates pede-lhe para definir a piedade. Euthifron embulha-se, e Sócrates faz-lhe notar que não lhe respondeu à pergunta. Não lhe pedira um exemplo particular de santidade. O que quer saber é o que faz santas todas as ações santas. Euthifron por fim define a santidade como sendo "aquilo que agrada aos deuses". Mas Sócrates, por uma série de perguntas em aparência inocentes, obriga Euthifron a admitir o absurdo da sua definição. Duas outras definições que Euthifron dá não têm melhor sorte, e ele passa dum estado de superioridade complacente a um de absoluta confusão e de amor próprio ofendido).

Sócrates — Temos então que recommear, e analisar o que seja a santidade. Não tenciono desistir antes de saber. Não me julgues indigno; dá toda a atenção ao assunto e desta vez dize-se a verdade. Porque se alguém a sabe, és tu; e tu és um Proteu que não devo largar antes que não tenhas dito. É impossível que pensasses em acusar o teu velho pai pelo assassinio de um trabalhador se não soubesses exactamente o que é santidade e a ausência dela. Terias receado arriscarte à cólera dos deuses, no caso de ser a tua má ação, e tenhas recebido a opinião dos homens. Mas agora tenho por certo que sabes exactamente o que é santo e o que o não é; por isso dize-mo, meu excelente Euthifron, e não me ocultes o que julgas que o é.

Euthifron — Outra vez será, Sócrates; agora tenho pressa e são horas de ir andando.

Sócrates — Que fazes, meu amigo? Vai-te embora e destrói todas as minhas esperanças de aprender de ti o que é santo e o que não é, e assim escapar a Meleto? Querias explicar-lhe que agora que Euthifron me

fêz sabedor das coisas divinas, nunca mais, na minha ignorância, falarei delas precipitadamente, nem nelas farei inovações; e depois iria prometer-lhe viver uma vida melhor no futuro.

II

DEFESA DE SÓCRATES PERANTE OS ATENIENSES

Sócrates — Não sei qual a impressão, atenienses, que os meus acusadores vos causaram: quanto a mim, sei que quase me fizera esquecer quem sou, tão plausíveis foram as suas razões; e contudo, quase que não disseram uma palavra que fosse verdade. Mas de todas as mentiras que disseram, a que mais me assombrou foi a de vos dizerem que sou um belo orador e que vos deveis acautelar para que não vos induza em erro. Achei que era grande a audácia da parte deles o falar assim sem se envergonharem; porque desde que eu abrisse a boca ficaria refutada aquela mentira, e provaria que de modo algum posso ser considerado um belo orador: a não ser, é certo, que por belo orador entendam um homem que diz a verdade. Se é isso que querem dizer, concordo que sou muito melhor orador do que eles. Os meus acusadores, repito, pouco ou nada disseram de verdade; mas de mim ouviréis a verdade completa. Não escutareis decerto, atenienses, um discurso brilhante, engalanado, como o deles, com palavras e frases. Dir-vos-ei o que tenho a dizer, sem preparação, e nas palavras que primeiro me ocorrerem, porque creio que a minha causa é justa: de modo que nenhum de vós deve esperar outra coisa. Na verdade, meus amigos, mal me ficaria, na minha idade, vir ante vós como um jovem com as suas mentiras especiosas. Mas há uma coisa, atenienses, que com instância e sinceridade vos peço. Não vos admireis nem me interrompais se na minha defesa eu falar da maneira em que costumo falar no mercado, às mesas dos cambistas, onde muitos de vós me têm escutado, e noutras partes. A verdade é esta. Tenho mais de setenta anos e é esta a primeira vez que compareço ante um tribunal; de modo que o vosso modo de falar me é inteiramente estranho. Se eu fora realmente estrangeiro perderia-me-eis, por falar na língua e segundo o costume da minha pátria; e agora peço-vos que me concedais aquilo a que creio ter direito. Não vos importe o estilo do meu discurso — será bom ou mau — mas dai toda a vossa atenção à questão. O que eu digo é justo ou não é? Isso é que faz um bom juiz, como falar a verdade faz um bom advogado.

Tenho a defender-me, atenienses, primeiro, das antigas falsas queixas dos meus antigos acusadores, e depois das queixas mais recentes dos meus acusadores atuais. Porque muito homens há que há muito tempo me têm tornado conhecido de vós, e que não têm dito uma palavra de verdade; e temos mais do que temo Anito e os seus companheiros, por formidáveis que sejam. Porque, meus amigos, os outros são ainda mais formidáveis; porquanto desde crianças que muitos de vós são influenciados por eles, que têm sido mais persistentes que os outros em tentar persuadir-vos que há um Sócrates, homem sábio, que raciocina acerca dos céus e analisa o que possa haver debaixo

da tenre, e que pode "fazer o pior parecer bom". Descreve-o como examinou os homens e achou-os "horridos".

Os homens que espalham este boato, até isto trouxeram-lhe muitos ódios: Os homens não são os acusadores que temo; porque não gostam que lhes provem que são ignominiosos, são os acusados que julgam que os indivíduos que os acusam, quando se julgam sábios, de modo que se ocupam dessas coisas nunca acreditam que lhe chamam um sofista e muitas outras coisas. E eles são muitos, e há muitas coisas más, porque desfaiz a sua premissa tempo que me atacam: e a vós faço o mesmo a sabedoria).

laram disto quando erais de idade em que não o que tenho dito deve bastar para me sem hesitação daveis crédito ao que diziam: e defender contra as acusações dos meus priores, porque erais todos novos e muitos de vós eram meus inimigos. Tentarei agora defender-me: e não havia quem lhes respondesse contra Meleto, aquele "bom patriota", quando me atacavam. E o que nisto tudo é como ele próprio se designa, e os meus acusadores estranho é que nem mesmo sei bem os nomes mais recentes. Suponhamos que são seus nomes: não vos posso dizer quem são, mas uma nova classe de queixas, e leiamos a exceto no caso dos poetas cómicos.

Mas todos os outros que têm tentado maliciar-vos comigo, por motivos de inveja e despeito, e às vezes, talvez, por convicção, não acreditam nos deuses da religião da cidade, e os meus inimigos a quem é mais difícil combater. Porque não posso chamar qualquer deles aqui ao tribunal para o interrogar: tenho, por assim dizer, que lutar com sombras em defesa própria, e fazer perguntas a quem não há ninguém para responder. Peço-vos portanto que acrediteis que, como digo, tenho sido atacado por duas classes de acusadores — primeiro, por Meleto e os seus amigos, e depois por esses mais antigos de que vos falei. E se me dais licença defender-me do primeiro das queixas dos meus velhos inimigos; porque foram as acusações deles que primeiro ouvistes, e foram muito mais persistentes do que são os meus acusadores atuais. Sócrates — Examinemos separadamente cada detalhe dela. Meleto diz que faço uma má ação corrompendo a juventude: mas atinmo, atenções, que a má ação é a dele; porque está fazendo uma partida solene, arrastando homens aos tribunais, de ânimo leve, e afetando ter grande zelo e interesse em assuntos. E agora tentarei provar-vos que assim é. Rida cá Meleto. Não é fato que julgas muito importante que os jovens sejam quanto possível excelentes?

Meleto — Ex. Sócrates — Dize então aos juizes quem é que os aperfeiçoa. Interessante tanto pelo de, no pouco tempo que me é dado, tentar remover o preconceito que contra mim de há muito tendes.

Recomeçamos pois e vejamos qual a acusação que deu origem ao preconceito que há contra mim, e que foi aquela de que se vale Meleto ao formular a sua queixa. Qual é a calúnia que a meu respeito os meus inimigos têm espalhado? Suporei que me esmigois formalmente e lento a sua queixa. Responda pouco ou menos assim: Sócrates é um criminoso, que se ocupa de investigar o que se passa debaixo da terra, e que faz o pior parecer melhor, e que ensina aos outros estas coisas".

E isto o que dizem; e na Comédia de Aristóteles vós próprios viastes um homem chamado Sócrates andando à roda dentro dum cesto pendurado, e dizendo que anda no ar, assim como muitos diáspares acerca de assuntos de que não percebo nem pouco, nem muito, mas nada. De modo algum quero depreciar essa ciência se há algum que a possui. Espero que Meleto nunca me por a dena acusar por causa disso. Mas a verdade é, atenções, que não tenho nada que ver com esses assuntos, e vós sois quase todos testemunhas disso. Pego a todos vós que me têm ouvido falar, e são muitos, que informem os outros e lhes digam se alguma vez me ouviam conversar muito ou pouco, a respeito desses assuntos. Isso mostrar-vos-á que as outras coisas que vulgarmente dizem que a acusação são falsas como estas.

Sócrates — Então todos os atenienses, a não ser eu, fazem dos jovens bons cidadãos, sofista mau que exige dinheiro por ensinar, e um filósofo natural. Faz a distinção entre estas duas coisas e mostra que não é nenhuma delas. Não é popular porque se imita de desgraçadíssimo. Ora diz-me: julgas por vista de uma certa resposta dada pelo oráculo de Delfos, que ele era o mais sábio dos

Sócrates — Meu caro senhor, não perguntes. Quil o homem que aperfeiçoa a juventude, que aliás já tem conhecimento das leis?

Sócrates — Os juizes aqui, Sócrates. Sócrates — Que queres tu dizer, Meleto? Podem eles educar os jovens e aperfeiçoá-los?

Sócrates — Por certo que podem, todos eles? ou só alguns?

Sócrates — Todos eles. Sócrates — Por Júpiter, a notícia é boa! Há uma grande abundância de benfeitores! E os ouvistes aqui, aperfeiçoam-nos ou não?

Sócrates — E os senadores. Também. Então, Meleto, são os membros da assembleia quem corrompe a juventude?

Sócrates — Descobriste que sou um homem de desgraçadíssimo. Ora diz-me: julgas por vista de uma certa resposta dada pelo oráculo de Delfos, que ele era o mais sábio dos

Sócrates — Descobriste que sou um homem de desgraçadíssimo. Ora diz-me: julgas por vista de uma certa resposta dada pelo oráculo de Delfos, que ele era o mais sábio dos

mal, enquanto todos os outros os aperfeiçoam? Não é certo, ao contrário, que é um ser humano, ou muito pouco — a saber, os cavalos — que os podem aperfeiçoar; ao passo que a maioria dos homens lhes faz mal, se os usa, e se lida com eles? Não aconteceu o mesmo, Meleto, tanto com o cavalo como com qualquer outro animal? Claro está que aconteceu, quer tu e Anito digam que sim ou que não. E os joqueiros de cento gente muito feliz se tornaram um homem os corrompeu e todos os outros lhes fizeram bem. A verdade é, Meleto, que acabas de provar completamente que nunca em tua vida pensaste na juventude. E' claro, visto o que tu próprio acabas de dizer, que não te interessas absolutamente nada pelos assuntos porque me acusas.

(Prova ser absurdo dizer-se que ele corrompe a juventude propositalmente, e se o sem o querer fazer que a corrompe, a lei não autoriza Meleto a acusá-lo por uma culpa involuntária. Com respeito à acusação de ensinar aos jovens a não crer nos deuses, submete Meleto a um interrogatório e fá-lo contradizer-se várias vezes.)

Mas na verdade, atenienenses, não creio ser preciso dizer muito para provar que não cometi o crime de que Meleto me acusa. O que eu disse já basta para o provar. Mas, repito, é absolutamente certo, como já vos disse, que me tenho tornado pouco popular e feito muitos inimigos. E é isso que causaria a minha condenação, se me condenassem; não Meleto nem Anito, mas o preconceito e má vontade da multidão. Ela tem destruído muito boa gente antes de mim, e depois de mim muita destruição ainda. Não há nada de que eu seja a última vítima.

Haverá talvez quem dissesse: "Não te envergonhas, Sócrates, de te entregares a assuntos que agora provavelmente causarão a tua morte?" E eu com justiça lhe responderia: "Meu amigo, se julgas que um homem que de algum valor deve calcular antes de agir as probabilidades de vida e de morte, ou que deve pensar em qualquer coisa que não seja se está agindo bem ou mal, ou como agiria um homem bom ou um mau, erra completamente". Na tua opinião, os semi-deuses que morram em Tróia deviam ser de homem de fraco valor, entre eles o filho de Thetis, que não pensou no perigo quando a alternativa era a infâmia. Porque, quando sua mãe, uma deusa, se lhe dirigiu, quando ele ardia por matar Heitor, supunhamos deste modo: "Meu filho, se vingares, matando Heitor, a morte do teu companheiro Patrolo, morreria também porque o destino espera-te logo depois da morte de Heitor", ouviu o que ela disse, mas desdenhou o perigo e a morte; mais receava viver como um covarde não vingando o seu amigo. Depois, quando o castigo o malfeitor e morra logo depois" disse ele, "para que não permanes aqui, ao pé dos navios, desdenhando dos homens e demais sobre a terra". Julgas acaso que ele pensou no perigo ou na morte? Porque isto, atenienenses, creio ser verdade: onde quer que seja o pódo dum homem, quer livremente o tenha escolhido, quer ali tenha sido colocado pelo seu comandante, é seu dever ficar ali e fazer face ao perigo, sem pensar na morte, ou em qualquer outra coisa que não seja a infâmia.

Quando os generais que escolhem para o comando me colocaram, atenienenses, no meu pódo em Potidea e em Anfipolis e em Délio, fiquei onde me colocaram, e corri risco de morte como os outros homens; e se agora bem estranho da minha parte se desentasse do meu pódo por medo da morte ou de qualquer outra coisa, quando Deus me mandou, como estou convencido que fez, levar a minha vida a procurar a ciência e a examiná-la a mim e aos outros. Seria na verdade estranho; e então com justiça me poderiam acusar de não acreditar nos deuses: porque teria desobedecido ao oráculo, tendo a morte, e julgado ser sábio quando não era. Porque temer a morte, meus amigos, é simplesmente julgar-nos sábios sem o ser, porque é julgar que sabemos o que não sabemos. Ao que sabemos, a morte pode ser o maior bem que nos possa acontecer; mas tememo-la como se soubessemos perfeitamente que é o maior dos males. E o que é isto senão aquela vergonhosa ignorância que consiste em julgar que sabemos o que não sabemos? Neste assunto também, meus amigos, talvez eu seja diferente da maioria da humanidade; e se eu chegasse a de ensinar aos jovens a não mais sábio do que os outros, seria por não julgar ter conhecimentos do exato do outro mundo, quando, com efeito, não tenho. Mas sei perfeitamente que é mau e baixo praticar o mal e desobedecer ao superior, seja ele um homem ou um deus. E nunca praticarei o que julgar ser o mal, nem temerei o que, ao que sei, pode realmente ser um bem. De modo que, mesmo que me absolvesseis, não escutando o argumento de Anito de que se eu fora absolvido não devia então ter sido julgado, e que, sendo o caso como é, tendes obrigação de me condenar a morte porque, como ele diz, se eu escapar todos os vossos filhos ficarão de todos corruptos por fazer o que lhes ensina Sócrates; se pois me absolvesseis, Sócrates, desda vez não atenderemos a Anito: deixá-lo em liberdade; mas com a condição de que abandonaris as tuas investigações e a tua filosofia; se continuares a seguir esses estudos, morrerás; se me oferecessis, repito, absolver-me com esta condição, responder-vos-ia: "Atenienenses, tenho o maior afeto e consideração; mas antes obedecerei a Deus do que a vós: enquanto estiver vida e saúde não abandonarei a filosofia, nem deixarei de vos aconselhar e de declarar a verdade a todos vós que encontrarei, dizendo, como é meu costume: Meu caro amigo, és um cidadão de Atenas, grande cidade e famosa pela sua ciência e inteligência; não te envergonhas de dar tanta atenção ao dinheiro, à reputação, e à honra? Por que não cuidas ou pensas na ciência, na verdade e na purificação da tua alma?"

E se ele contestar estas palavras e disser que realmente se importa com estas coisas, não o abandonarei imediatamente, afastando-me; pararei, e submeter-lo-ei a um inquérito, e se julgar que não tem virtude, com quanto diga que tem, repreenderei-o por dar o menor valor às coisas mais importantes e o maior às que são de menos monta. Isto farei a todos a quem encontrar, novos ou velhos, cidadãos ou estrangeiros; mas especialmente aos cidadãos, porque há entre mim e eles mais pareença.

Porque, bom é que o sabbas, Deus mande-me fazer isto. Porque gasto toda a minha vida andando dum lado para o outro, persuadindo-vos a todos a dar o vosso primeiro e principal cuidado à purificação das vossas almas, e a não pensar, antes de o terdes feito, nos vossos corpos ou no vosso dinheiro; e dizendo-vos que não é a virtude que vem da

riqueza, mas sim a riqueza, e tudo o mais: quer que as façamos; deveis mostrar que se-
quanto de bom os homens têm, quer pú-
blica, quer particularmente, que vem da vir-
tude. Se eu portanto corrompo a juventude
ensinando-lhe isto, o mal que faço é grande:
mas se há alguém que diga que ensino qual-
quer outra coisa, falseia a verdade. E por-
tanto, atenienenses, atendei a Anito ou não o
atendeis; absolvi-me ou não me absolvais;
tende porém a certeza que não alterarei
meu modo de vida; não, nem que por isso
tenha que morrer muitas vezes.

(Se os atenienenses o condenarem a morte,
farão mais mal a si mesmos do que a ele. A
cidade é como um grande e belo cavalo tor-
nado indolente pelo seu tamanho e preci-
sando ser espiçagato. Ele foi a mosca man-
dada por Deus para o atacar. Explica por-
que não tem tomado parte na vida pública.
Se o tivesse feito teria parecido sem vanta-
gem para a cidade, porque ninguém o po-
dria obrigar a praticar o mal por medo da
morte. A sua conduta em duas ocasiões pro-
va isto).

Bem, meus amigos, é isto o que, com talvez
outras coisas parecidas, eu tento a alegar em
minha defesa. Haverá entre vós alguém que
recorde de como, mesmo num julgamento
menos importante do que este, padui e im-
plorou aos juras com muitas lágrimas para
o absolverem, e como trouxe os filhos e mul-
tos amigos e parentes para o tribunal, para
o sensibilizar; e agora vêde que nada diso-
fago, conquanto esteja corrento o que jul-
gan ser o maior dos penigos. Talvez isso
lhe dê uma opinião desfavorável a meu res-
peito; pode ser que se encolerize e dê nesse
estado o seu voto. Se isto acontecesse a qual-
quer de vós = não supunho que aconteça,
mas se assim fosse — parece-me que lhe
responderia razoavelmente, dizendo:

Meu amigo, tenho parentes também por-
que, como diz Homero, "não nasci de páus
ou de pedras, mas de uma mulher"; de mo-
do que, atenienenses, tenho parentes, e tenho
três filhos, um deles já rapaz, e os outros
dois ainda crianças. E contudo não trarei
nenhum deles perante vós, para que me
absolvi.

E por que não faço eu nada disto? Não é
por arrogância, atenienenses, nem porque vos
tenha em pouca conta; se saberei ou não en-
carar a morte com coragem é outro assun-
to: mas para meu crédito, para o vosso cré-
dito e para o crédito da nossa cidade, não
acho bem, na minha idade e com o meu
nome, fazer qualquer coisa desse género.
Com razão ou sem ela está muita gente per-
suadida de que de qualquer maneira difere
Sócrates do resto da humanidade. E será
uma coisa vergonhosa se aqueles de vós de-
quem se pensa que se distinguem pela sabo-
doria ou pela coragem ou por qualquer ou-
tra virtude, procederem desse modo. Mui-
tas vezes tenho visto homens com bon repu-
tação proceder de modo estranho no seu jul-
gamento, como se julgassem uma mina ten-
ível e serem mortos, e como se esperassem
viver eternamente se vós não os condenás-
eis a morte. Estes homens parecem-me re-
dundar em descrédito da cidade: pois qual-
quer estrangeiro poderia supor que os ate-
nienses melhores e mais eminentes que são
escolhidos pelos seus concidadãos para exer-
cerem cargos públicos e para outras honras,
não passam de mulheres. Aquelles de vós ate-
nienses, que têm alguma reputação, não
devem fazer estas coisas; e não deveis dei-

zer que as façamos; deveis mostrar que se-
rais muito mais impiedosos para aqueles que
condemnam a cidade ridicula por estas cenas
desagradadas, do que para os que se conser-
vam sonegados.

Mas à parte a questão do crédito, meus
amigos, não me parece bem que se pague ao
juraz para nos absolver, e desse modo se es-
cape a condenação. E' nosso dever conver-
ter-lhe o espirito por meio de raciocínios.
Ele não está ali para oferecer justiça aos
amigos, mas para pronunciar o julgamento; e
já não favorecer alguém a quem deseje
favorecer, mas decidir tudo de acordo com a
lei. E portanto, não devemos ensiná-los a
perjurar; e não deveis permitir que lho en-
sinem, porque então nem eles nem nós agi-
ríamos bem. Portanto, atenienenses, não espe-
reis de mim que faça estas coisas, porque
reito que não são nem boas, nem justas, nem
santas; e muito especialmente não esperéis
que as faça hoje, quando Meleto me acusa
de blasfémia. Porque se eu vencesse e con-
seguisse pelos meus pedidos que quebrasseis
o vosso juramento, claramente vos estaria
ensinando que não há deuses; estaria sim-
plesmente pela minha defesa acusando-me
de não acreditar nêles. Mas, atenienenses, isso
está longe de ser a verdade. Creio nos deus-
es, e como não cre nenhum dos meus acusa-
dores; e a vós e a Deus entrego a minha
causa, para que seja decidida como melhor
for para vós e para mim.

DAO O CRIME COMO PROVADO POR 281 VOTOS CONTRA 220)

Por muitas razões me não apoquento a de-
cisão que acabastes de dar, atenienenses. Es-
perava que decidissem contra mim; e o que
mim me admira não é isso, mas sim a vota-
ção. Deveras não esperava que a maioria
contra mim fosse tão reduzida. Mas agora
vejo que se apenas 30 votos tivessem pas-
sado de um lado para o outro, eu teria
escapado.

(Meleto propõe a pena de morte. A lei
permite a um criminoso propor uma pena
alternativa. Como é um bemfeitor público,
Sócrates pensa que devia ser mantido pelo
estado no Pritaneu como um vencedor olim-
pico. Falando a sério, por que proporia ele
uma pena? Tem a certeza de que não fêz
mal nenhum. Não sabe se a morte é um
bem ou um mal. Por que proporia então
uma causa que sabe que é um mal? E' certo
que o pagamento de uma multa não seria
um mal, mas o que também é certo é que
não tem com que a pagar; talvez possa re-
tirar uma mina (uns vinte mil réis); é o que
propõe. Ou, se os seus amigos quiserem, ofe-
rece trinta minas, ficando os seus amigos
por fiadores).

(E' CONDENADO À MORTE)

Não ganhastes muito tempo, atenienenses, e
como prêmio disto tereis um mau nome de
todos quantos queham dizer mal da cidade.
ponho aticar-vosão à cara que condenastes
Sócrates, um sábio, a morte. Porque com
certeza me chamariao sábio, quer eu o seja
ou não, quando vos quiserem acusar. Se
tivesseis esperado um pouco, a natureza ter-
veria feito a vontade; porque vêdes que
sou um velho, bastante velho mesmo e perto
da morte. Não estou falando a todos vós, mas
só aquêles que votaram pela minha morte. E

agora é a eles que me continuo a dirigir. Talvez, meus amigos, julgais que fui derrotado por falho de argumentos com que vos poderia persuadir a absolver-me, dado que julgasse próprio fazer ou dizer qualquer coisa para escapar ao castigo.

Não é assim. Foi derrotado porque falho, não de argumentos, mas de audácia e arrojo; porque não quis defender-me ante vós como queríeis ouvir-me defender-me, nem impiorar-vos chorando ou gemendo, ou dizer ou fazer muitas outras coisas que tenho por indignas de mim, mas a que estais acostumados por outros. Mas eu, quando me defendia, ponderai em que não devia fazer nada de pouco vindi por causa do perigo que corria, e não mudel de atitude desde então.

Preferio ter-me defendido como defendi e morrer, do que ter-me defendido como queríeis e viver. Tanto num tribunal como numa guerra há coisas que nem a mim nem a qualquer outro é lícito fazer para escapar a morte. Na batalha um homem muitas vezes vê que pode pelo menos escapar a morte, abandonando as armas e ajoelhando aos pés do inimigo para pedir que lhe poupe a vida. E há muitas outras maneiras de escapar a morte em todos os perigos, para quem não tem escrúpulos que o impeçam de fazer ou fazer qualquer coisa.

Mas, meus amigos, creio ser coisa muito mais difícil fugir a maldade do que a morte, porque a maldade é mais rápida que a morte. Ora eu que sou velho e tardio, fui apanhado pela perseguidora mais lenta, e os meus acusadores, que são inteligentes e velozes, foram apanhados pela perseguidora mais rápida, que é a maldade. E agora irei daqui condenado por vós a morte; e eles irão daqui condenados pela verdade a receber a pena da maldade e do mal. E estou por este prêmio assim como eles. Talvez fosse bom que isto assim se desse: e creio ter-se dado com justiça.

E agora quero vaticinar perante vós, atenienses, que me condenastes. Porque vou morrer, e essa é a hora em que os homens mais têm poder profético. E vaticino a vós, que me condenastes a morte, que um castigo muito mais severo do que o que me infligistes inevitavelmente cairá sobre vós logo que eu estiver morto. Fizestes isto pensando que não teríeis que dar contas das vossas vidas. Mas digo eu que o resultado será muito diferente. Haverá mais homens que vos pedirão contas, homens que eu retire e que vós não viestes. E eles ser-vão mais duros do que eu tenho sido, porque serão mais novos, e encolerizar-vos-ão mais com eles. Porque se julgais evitar que os homens vos repreendam pela vossa má vida, condenando-os a morte, enganai-vos muito. Esse medo de fugir é quase impossível e não é bom. É muito melhor e muito mais fácil não fazer calar as censuras, mas tornar-vos os mais perfeitos possíveis. Esta é a profecia que faço ao despedido-me de vós que me condenastes.

(Tendo repreendido severamente os que o condenaram, diz aos que o absolveram que estejam tranquilos. Nada de mau pode acontecer a um homem bom, quer na vida quer na morte. A morte ou é um sonho eterno e sem sonhos onde nada se sente; ou uma viagem a um outro mundo melhor, onde estão os grandes homens da antiguidade. Em qualquer dos casos não é um mal, mas um bem.) E vós também juizes, deveis fazer frente a morte corajosamente e ter isto por certo,

que nada de mau pode acontecer a um homem bom, quer em vida quer depois da morte. A sua sorte não é descuidada pelos deuses; e o que hoje me aconteceu não creio que tenha acontecido por acaso. Estou convencido de que era melhor para mim morrer agora e ficar liberto de todo o cuidado: e que foi essa razão porque o signo nunca me mandou retroceder. De modo que mal estou zangado com os meus acusadores ou com os que me condenaram a morte. Não sei porém com este pensamento que eles me acusaram e condenaram, mas querendo fazer-me mal. De modo que por isso posso censurá-los.

Mas tenho ainda um pedido a fazer-lhes. Quando meus filhos crescerem, castigai-os, meus amigos, importantíssimos do mesmo modo que eu vos importantei, se virdes que eles prezam a riqueza ou outra coisa qualquer a virtude; e se eles julgarem que são alguma coisa, quando não são nada, repreendi-os como vos tenho repreendido, por não cuidarem do que deviam e por se julgarem grandes homens quando de fato não têm valor nenhum. E se fizestes isto, eu e meus filhos teremos recebido de vós o que merecemos.

Mas a hora chegou, e temos de nos ir: eu para a morte, e vós para a vida. Se a vida ou a morte é melhor, sabe-o Deus, e não Deus.

VICTOR HUGO

Victor Maria Hugo, poeta, romancista, dramaturgo, poliglota francês, nasceu em Besançon, a 26 de fevereiro de 1802 e morreu a 22 de maio de 1885.

Acompanhou seu pai, que era um dos generais de Napoleão, de cidade em cidade, por toda a Europa, estudando em escolas locais. Aos 11 anos começou a dar provas de raro engenho literário, obtendo vários prêmios. Em 1845 foi eleito membro da Academia e em 1849 ingressou na vida política, declarando-se adversário de Luís Napoleão, que o desterrou em 1851, durante o exílio até 1870. Voltou então à França, sendo nomeado senador. São muito conhecidas as obras de seu gênio de prodigiosa fecundidade.

Damos aqui uma das inimitáveis páginas de "Nossa Senhora de Paris": O Sineiro de Nossa Senhora.

O CÃO E O DONO

Mas não entanto uma criatura humana que Quasimodo excetava da sua malícia e do seu ódio com os outros, e que amava muito, mais ainda, talvez, que a sua cate-dral — era Claudio Froilo. Era isto muito natural. Claudio Froilo tinha-o acolhido, tinha-o adotado, tinha-o sustentado, tinha-o educado. Enquanto pequeno, era debaixo das pernas de Claudio Froilo que costumava refugiar-se, quando os cães e as crianças ladravam e corriam atrás dele. Claudio Froilo tinha-lhe ensinado a falar, a ler e a escrever. Tinha-o feito sineiro. Ora, dar o sino grande em casamento a Quasimodo, era dar Julieta a Romeu.

A gratidão de Quasimodo era profunda,

**VICTOR HUGO**

apaixonada, sem limites; e conquanto o rosto daquele pai adotivo fosse por vezes carregado e severo, ainda que suas palavras fossem habitualmente ásperas, duras, imperio-

sas, jamais a gratidão se lhe havia desmentido um só instante. O arceidiago tinha no corcunda o escravo mais submisso, o criado mais dócil, o cão mais vigilante. Quando o infeliz sineiro ficou surdo, estabeleceu-se entre ele e Claudio Frollo uma misteriosa linguagem de sinais que só eles entendiam. Deste modo, era o arceidiago o único ser humano com quem Quasimodo tinha conservado comunicação. Neste mundo só estava em contacto com duas coisas: A catedral e Claudio.

Nada há que se possa comparar ao império do arceidiago sobre o sineiro, à amizade do sineiro para com o arceidiago. Bastaria um aceno de Frollo e a ideia de lhe causar prazer, para que o corcunda se precipitasse do cimo das torres de Notre Dame.

É coisa, na verdade, admirável que uma força física tão extraordinária como a de Quasimodo, fosse tão cegamente posta por ele à disposição de outrem. Havia nisso sem dúvida dedicação filial, afeição doméstica; havia também fascinação dum espirito por outro espirito. Era uma organização mal formada, mal geitosa que se conservava de cabeça baixa e olhos suplicantes diante duma inteligência altiva e profunda, poderosa e superior. Finalmente, e acima de tudo, era gratidão. Gratidão, de tal modo levada ao extremo limite, que não achamos com que compará-la. Esta virtude não é daquelas de que existem, entre os homens, os mais belos exemplos. Diremos, portanto, que Quasimodo amava o arceidiago como nunca cavalo ou cão, ou elefante algum amou ao dono.

* * *

A alma, assim como o corpo, toma pelo exercício os hábitos que lhe queiramos impor. — Sócrates.

* * *

Quem deixa de ganhar começa a perder. O importante não é andar depressa, mas andar sempre. — Plutarco.

* * *

Os homens fogem de mim, diz a Pobreza, porque eu os torno melhores. — Aristófanes.

Aristóteles, o grande filósofo grego, nasceu em Stagira, na Macedônia, em 384 A. C.. Seu pai foi amigo e médico do pai do rei Filipe. Era criança, quando ficou órfão; aos dezoito anos foi estudar filosofia para Atenas e logo que Platão voltou de Siracusa, três anos depois da sua entrada em Atenas, seguiu o ensino do grande filósofo até à sua morte. Depois da morte de Platão, Aristóteles passou à corte do seu antigo discípulo Hermias, novo tirano de Atarne, defronte de Lesbos. Três anos depois, Hermias foi morto por traição e Aristóteles fugiu para Mitilene com a irmã de Hermias, com quem casou. Passados dois anos, em 342 A. C., Filipe chamou-o à Macedônia para ele se encarregar da educação de seu filho Alexandre, que então contava 13 anos. Em 334, quando Alexandre invadiu a Ásia, voltou para Atenas e abriu uma escola de filosofia no Peripatos, ou passeio coberto do Liceu. Depois da morte de Alexandre, Aristóteles foi perseguido por impiedade, como Sócrates, e retirou-se para Chalcis na Eubéia onde morreu no ano 322 A. C.



A natureza compele todos os homens a se associarem. O Estado está na ordem da natureza e antes do indivíduo; porque se cada indivíduo isolado não se basta a si mesmo,

assim também se dará com as partes em relação ao todo.

* * *

Hipódamos de Mileto foi o primeiro que,

sem ter tomado parte alguma na administração dos negócios públicos, empreendeu a tarefa de escrever sobre a melhor forma de governo. Formava a sua República de dez mil cidadãos e a dividia em três classes: uma dos artesãos, outra dos lavradores, a terceira dos guerreiros, sendo só que estes possuíam armas. Foi ele quem inventou a arte de traçar diferentes quarteirões numa cidade para lhe marcar as divisões, e quem cortou o Pireu em diversas secções. Era, aliás, homem muito vaidoso e tão cioso da sua pessoa, a ponto de parecer viver unicamente para mostrar, com demasiada complacência, a sua cabeleira, que era bastante abundante e disposta com muita arte. Hipódamos repartia o território em três partes: as terras sagradas, as terras públicas e as terras particulares. As primeiras deviam ocorrer às despesas do culto; as segundas à alimentação dos guerreiros; as últimas pertenciam aos lavradores. Ele imaginava também só três espécies de leis, visto que as ações judiciais só são de três espécies: a injúria, o dano e o homicídio.

* * *

A prudência é a única virtude natural na qual que manda.

* * *

Em toda parte o governo do Estado é soberano. A própria constituição é o governo.

A opulência pertence a alguns, mas a liberdade pertence a todos. Não é somente para viver, mas para viver felizes, que os homens estabeleceram entre si a sociedade civil. O cidadão, em geral, é aquele que manda e obedece, alternadamente, mas existe uma diferença conforme a natureza da constituição: na melhor de todas, é aquele que pode e quer ao mesmo tempo mandar e obedecer, conformando a sua vida às regras da virtude.

* * *

A multidão possui a vantagem de ser mais incorruptível. A água se adultera tanto menos facilmente quanto maior for a sua quantidade; do mesmo modo a multidão é mais difícil de corromper que o pequeno número. Quando se quer inquirir, com o devido cuidado, qual é o melhor governo, forçosamente deve-se começar por expor o género da vida que se há de preferir a todos os demais. Todos aqueles que fundamentam a felicidade do indivíduo na riqueza consideram o esta-

do feliz quando ele é rico; os que estimam antes de tudo o poder tirânico dão que um estado feliz é aquele cuja dominação se estende sobre o maior número possível de súditos; se se aprecia o indivíduo principalmente por sua virtude, considerar-se-á o estado mais virtuoso como o mais feliz.

* * *

O homem segue a natureza e os costumes. Segue também a razão. É preciso que haja acordo e harmonias entre essas três coisas. Ora é o hábito, ora são as lições dos mestres que ensinam aos homens o que eles devem fazer.

* * *

Toda a vida se divide em atividade e repouso, em guerra e em paz. É preciso que os cidadãos se entreguem à vida ativa e estejam em condições de fazer a guerra, mas vale mais gozar da paz e do repouso.

* * *

É claro que deve haver várias formas de governo, diferentes uma das outras, visto que as partes de que se compõe a sociedade diferem entre si. Admitem-se duas espécies principais de governos, como se admite duas espécies de ventos, os do norte e os do sul; os outros não passam de alterações destes. Assim, há duas formas de governo — a democracia e a oligarquia.

* * *

A democracia originou-se do fato de os homens, por serem iguais em certos aspectos, julgarem-se-lo em tudo; porque sendo todos igualmente livres, imaginam que entre eles existe uma igualdade absoluta. Há duas espécies de igualdade: a igualdade em número e a igualdade proporcional. Eu chamo igualdade proporcional à identidade de relação.

Por exemplo, três ultrapassa dois e dois e dois ultrapassa um número em igual; mas quatro ultrapassam dois, e dois ultrapassam um em proporção igual, porque dois é uma parte de quatro, e um uma parte de dois, isto é, a metade. Ora, convindo os cidadãos em considerar justa a igualdade absoluta, já não concordam sobre a igualdade proporcional, como acima foi dito; uns, por serem iguais em alguma coisa, imaginam que o são em tudo; outros, por possuírem alguma justa vantagem, pretendem todo o género de privilégios.

O MAIS FELIZ DOS QUATRO

por Paulo Bourget

(DAS MENTIRAS)

Terminado o bailado, e quando começou o intervalo, Renato achava-se nessa crise de cólera, a que a linguagem quotidiana chama, com tanta propriedade, a raiva fria. Durante esses momentos, e por um contraste análogo ao que se observa em certos acessos de loucura lúcida, o freio da alma faz-se acompanhar duma absoluta dominação dos nervos. O homem pode ir e vir, sorrir

ou conversar, tem todas as aparências de tranquilidade, e, dentro dele, um turbilhão de idéias sanguinárias. As piores audácias simulam-se, então, naturalíssimas, e assim as piores crueldades. Uma idéia tinha atravessado o cérebro do poeta: lá, naquele camote onde se alcaçandava madame Moraines, e lançar-lhe em rosto todo o seu desprezo! Como? Era o que lhe importava menos. O que sabia, era que precisava aliviar, fosse qual fosse o resultado. Seguindo pelo cor-

redor, nessa ocasião cheio de elegantes de todas as idades, estavam a tal ponto alienado de si mesmo, que empurrou diversas pessoas sem ao menor dar por isso nem pronunciar uma palavra de desculpa. Pediu afimial a porteira para lhe indicar a sexta frisa a contr do processo a direita.

dum gesto, dum palavra do manco, e ela sabia que ele era tão instintivo que o julgava capaz de pronunciar essas palavras de fa- esse gesto! Pegou no leque e no lenço e remete que tinha colocado sobre o paramamente, e levantou-se passando a imano pela testa:

plac fisionomia, e o excelente homem sa-
cudia-lhe a mão à inglesa, dizendo-lhe, como
se estivessem em costumeiros a encontrar-se to-
dos os dias. — — — — —
— Há muito que não vê a nossa amiga,
— maldade Komof? Depois baixo: Que tens tu,
— meu amor? Que se passou?
— Passou, respondeu Renato, abafando

— Isso vai bem? — a voz: que sei tudo, e que vim aqui para lhe
E interrompendo a esposa, que tinha já vis-... dizer que a Senhora é a última das mulhe-
rento Renato, sem que coisa alguma, no seu... res... Não vale a pena responder-me... Sei
routo, atarraxasse a menor surpresa: — tudo, repeto-lhe, sei a que horas entrou na

— Minha boa amiga, disse-lhe, M. Vincoy... **o** casa da rua do Monte-Thaior é a que horas
— Mas ainda não me esqueci dele, retor... **o** sãtil, e com quem se encontrou lá... Não
qu... **o** Suzana cumprimentando e visitando com... **o** minto, estava lá, vi-a. E' a última vez que
uma graciosa inclinação de cabeça, conquan... **o** tita, falo, mas ouça-me bem: a Senhora é uma
ele é que pareça ter-se esquecido de... **o** misericórdia, uma misericórdia...
nada... **o** Suzana abanava-se enquanto ele lhe lan...

A perfeita naturalidade com que esta tarefa foi pronunciada, e sorriso que a sublinhou, a obrigação vergomosa de apertar a mão a esse mandito que ele considerava um seu dever legal, e de cumprimentar o barão Destorges, ao mesmo tempo que as demais

Paulo, disse ela, veja se o trem já chegou... Não sei o que tenho, se foi o calor febre interior do manotão, para que ele não ficasse, por alguns minutos, como que des-

concertato. E assim a vida mundana. Ces-
nas tragédias se produzem nela, mas sem ba-
rulho, e por entre as refinações amabili-
das das conversações, os hábitos compro-
midos das maneiras e o fútil cenário do pra-
zer. Moraes tinha oferecido uma caqui-
— E extraordinário, dizia Moraes ao
— poeta, que teve de sair do camarote com o
— marido, tinha estado tão alegre esta noite...
— Mas estas salas de teatro são tão mal venti-
— badas...

significação, temerosa. Desfongos e Moral-
na conversavam com a outra senhora. Ren-
to ouvia-se fazer reparo sobre a composição
da sala. Não estava costumeiro, ele, aquele
E sacudiu outra vez, com a sua habitual
degrá a mão do meio, que e viu desaparecer
do lado do vestibulo, onde estavam os trin-
tandores à espera dos pais.

podar sobre si, que permite as senhores da sociedade falarem de tempos ou minutos, como o primeiro compasso do quinto ato do Fausto, principiavam a fazer-se ouvir. Remana ansiedade devoradora no fundo do coração teve um novo acesso de raiva que exarçação. Balbuciava respostas às frases de Suopichiu, nesta frase, soltado quase em voz alta, zana, sem compreender sequer o que dizia. O correitor, agora deserto:

Em dado momento, e como ela se curvava um pouco para o seu lado, ele respirou o perfume de heliotrópio que Suzana costuma va usar. Esta impressão despertou nele a re-

o conteúdo dos beijos que lhe tinha dado. «Suzanna continha por dentro o poder de Atreuveu-se, enfim, a olhar para ela. Viu-lhe observação do barão de Destouges, para se os lábios simonios, aquela tez rosada, aquelas persuadir de que a cena do camarote lhe papilas azuis, aqueles cabelos louros, aque- sasse despercebida por completo. Que teria riam os ombros e aquele colo por onde os seus rios colidos? Que pensarão? Eram para ela lábios tinham errado, cujas formas divinas, duas perguntas de capital importância. Foi- apertara nas palmas das mãos. Os seus olhos, lile impossível responder-lhes durante os mi- exprimiram então uma espécie de selvagem- nuto, que gastaram, ela apoiada ao brago delirio, de que madame Moraines quise teve- dle e ele amparando-a como se realmente a nado. Compreendeva perfeitamente, só pela j-julgava doente, desde a frisa até ao fundo da apertado do migo, que alguma coisa se ti- s-seca, que dá para o pontico reservado aos nha passado de extraordinário; mas estava- teens. O rosto do barão conservava-se in- delictos das vistas de Destouges, e era pre- p-novais. Ela própria não se sentia com- ciso não cometer o mal feve desculdo. Por- f-fogosa para empregar as suas faculdades ha- outro lado, a menor imprudência de Renato- bituais de observação. A comédia da sua podia perdê-la. A sua vida inteira dependia- doença não passara de ser representada por

metade, tanto o golpe súbito daquela conversação com Renato a transira de susto e também de dor. Chegara a reoer que o moço, evidentemente fora de si, fizesse escândalo e a perdesse para sempre. Ao mesmo tempo a sua paixão sincera, viva, sangrante perante aquele terrível ultraje e a descoberta mais terrível ainda... Enquanto arregando o vestido de cauda, fixava sobre os degraus os sapatos de setim azul, um estremecimento a sacudia, como sucede quando se escapa dum perigo mortal, que se teve contido a coragem de afrontar. Entre-sorria, com lábios trêmulos num rosto que a palidez invadia. Foi um verdadeiro alívio para ela, sentar-se no canto do coupe onde o marido tomou lugar a seu lado. A sós, com ele, ao menos, não tinha que se dominar. Na ocasião em que o cavalo pantiu ela inclinou-se, como para um derradeiro cumprimento. A luz dum bico de gás dava em cheio sobre o rosto do barão que exprimia agora o seu verdadeiro pensamento. Suzana nem por um segundo o duvidou.

— Calou-se, disse ela. Que sucederá?... Já o coupe desaparecera havia um instante e ainda Desforges ali estava, a coíar o bigode — sinal nê de uma extrema preocupação. Como tanta bom tempo, não mandara vir o trem. Era costume, quando não chovia, ir a pé até ao seu clube preferido, na rua Boissy-d'Anglas, desde o sitio onde tinha passado a noite, ainda mesmo quando esse sitio era um teatrinho, situado no extremo oposto dos boulevards. Fumando o seu charuto, o terceiro daquele dia, — o doutor Norret não permitia mais, — gostava de atravessar Paris, o seu Paris, que êle se gabava, com razão, de conhecer e de gozar como ninguém. Estava longe de ser um cosmopolita. Desforges, que tinha horror às viagens, a que chamava "vida de fardo". Aquê-
le passeio, a pé, à noite, era a sua delícia.

Aproveitava-o ^{para} para arrumar a caixa — eram palavras dêle — para reconstituir de espírito os diversos incidentes do seu dia, e pôr em paralelo as suas receitas de um lado, as despesas do outro: "Massagem, esgrima e passeio a cavalo, de manhã..." Coluna das receitas, era armazem de saúde. ^{Borgonha} Coluna ao jantar, ou Pôrto, tinto, seu peccadilho, ou trufas, ou entrevista com Suzana... Coluna das despesas... Quando se permitia um pequeno excesso contrário às regras refletidíssimas da sua conduta, pesava com culpa dos prós e contras, e concluía por um "vã-leu" ou "não valeu a pena..." motivado como uma sentença de tribunal. Depois, aquê-
le Paris, onde habitava desde a sua mais remota meninice, era-lhe sempre objecto de recordações. O cinismo allava-se nê à perspicácia, e apenas praticava o epicurismo dos sentidos. Possuía a arte de gozar as horas felizes, recordando-as. Em tal casa tinha tido entrevistas com uma encantadora amante; outra lhe rememorava escolhido jantar, em companhia de primeira ordem. Não há remédio senão ter a gente quatro estômagos, como os bois, para ruminar", dizia êle: "o que têm de bom, e nisso eu os imito". Mas quando a carruagem dos Moraines desapareceu por aquela noite de Maio, tão temperada, tão amena, e conquanto o dia lhe tivesse corrido muito particularmente feliz, até à visita de Renato Vincy, à frisa, principiou o seu passeio pelas impressões mais tristes e mais amargas. Suzana não se iludira

sobre esse ponto. Êle sabia tudo. Aquela entrada do poeta surpreendera-o tanto mais quanto na mesma tarde, ao sair da casa das suas entrevistas, pela rua de Rivoli, dera de frente com um manobro que o encagara. "Onde diabo vi eu já esta cara? interrogara-se Desforges, baldadamente. "Onde tinha a cabeça?" dissera para consigo, quando Paulo Moraines indicara Renato Vincy a Suzana. Imediatamente, na fisionomia do visitante, êle farejou um mistério. Quando Suzana passou para a ante-salinha, colocara-se de maneira a observar a conversação com o canto do olho. Sem ouvir o que o poeta dizia, adivinhara na expressão dos seus olhos, nas rugas da testa, no gesto da mão, que êle estava fazendo cena com Suzana. A simulação indispção desta última não o iludira um quarto de segundo. Era dos tais que não acreditam nas enxaquecas das mulheres, senão quando elas reventem em favor do inventário. A tremura da mão do amante, sob o seu braço, ao descer a escada, tinha acabado de o convencer; e, agora, ao atravessar a praça da Ópera, em lugar de se extasiar, como costumava, perante a vasta perspectiva da avenida, iluminada desde pouco a luz eléctrica, ou em frente da fachada do teatro que êle declarava preferir a todas as Notre-Dame formulava a si mesmo as mais mortificadoras verdades.

— Fei embrulhado, dizia êle, na minha idade. E' um pouco forte... e por quem?

Todas as circunstâncias se combinavam para lhe tornar esta humilhação mais cruel: a perfeição de astúcia com que Suzana o enganara, sem que êle chegasse a conceber uma suspeita, uma só; — a instantaneidade fulminante da descoberta; — a qualidade do rival, enfim, um rapazola, um escrevinhador do acaso! Vinte pequenas circunstâncias lhe ocorriam, baralhadas, e qual delas mais desoladora: a cara de piedade e acanhamento que achara ao poeta por ocasião do único encontro que tivera com êle, no dia seguinte ao sarau no palácio Komof; os raptos de Suzana, depois inexplicáveis e aos quais não ligara maior importância, as alusões feitas por ela a idas matinaes ao dentista, ao Louvre ou ao Bon Marché. E êle tinha engolido tudo, êle, o barão Desforges!

— Sempre tenho sido muito estúpido! repetia para consigo em voz alta. Mas como conseguia ela?...?

O que acabava de o desconcertar era não perceber a maneira como êle se houvera, ainda naquele momento em que a attitude de Renato na frisa, não lhe admitia a menor dúvida.

Não, não havia dúvida possível. Para que êle se permitisse aquê-
le cena, e Suzana lhe suportasse, era necessário que esta fôsse sua amante.

— Mas como? interrogava-se êle, ela não o recebia em casa, aliás Paulo ter-mo-in dito. Não se encontrava com êle na sociedade. Êle não apparece por parte nenhuma.

Repetiu ainda uma vez:

— Sempre tenho sido muito estúpido!

E sentiu um verdadeiro movimento de cólera contra aquê-
le que era causa do incômodo penoso de que êle se sentia presa. Passara o Café da Paz e teve que descartar-se de duas mulheres que o abordaram com propostas infames.

— Palavra de honra, disse para consigo, valem todas o mesmo!

Deu ainda alguns passos e reparou que

deixara apagar o charuto. Deitou-o fora num gesto quase violento:

— E os charutos são como as mulheres...

Depois encolheu os ombros, reparando neste movimento de pueril humor:

— Frederico, meu amigo, murmurou-lhe uma voz íntima, tens sido estúpido e continuas a sê-lo...

Tirou outro charuto da charuteira, fê-lo estalar ao ouvido e procurou uma tabacaria onde ir acendê-lo. O havano saiu delicioso. O barão aspirou-lhe o fumo como apreciador:

— Iludi-me, pensou, isto ao menos enganou...

Esta sensação agradável principiou a imprimir outro rumo ao curso das suas idéias. Olhou em roda. Achava-se naquele momento quase na extremidade do boulevard. As carruagens passavam rápidas. O gás iluminava de tons quase fantásticos a folhagem nova das árvores. À direita, ao fundo, a Madeleine erguia o seu sombrio vulto, e o céu azulava, cheio de estrelas. Este quadro parisiense encantou os olhos do barão, que voltou às suas reflexões de espírito, um pouco mais serenado:

— Homem, esta! disse para consigo, estarei eu com ciúmes?

Acontecia-lhe muito, quando reteriam diante dele um exemplo dessa triste paixão, encolher a cabeça e dizer:

— Fazem a corte à sua amante... Mas é uma homenagem prestada ao seu bom gosto. Ciumento, eu! Era o que faltava!

Quando nos temos empenhado em representar ao mundo um determinado tipo, durante anos, acabamos por o representar também para nós, e em convívio conosco. Desforças envergonhou-se desta fraqueza, como um oficial, mandado em serviço, de noite, em tempo de guerra, se envergonha de ter medo e recusa-se a admitir em si essa sensação:

— E' falso, respondeu o barão, não tenho tal ciúmes.

Concentrou em bloco os seus pensamentos e figurou-se-lhe Suzana nos braços de Renato. Sentiu um breve formigueiro de vaidade feliz ao verificar que essa visão, se não lhe era agradável, não lhe causava tão pouco essa crise de sofrimento agudo que vem a ser o ciúme. Por contraste viu a entrada do poeta na frisa, o seu rosto alterado, o frenesi indomável de dor que vibrou em todo o seu ser. Aquilo é que era um verdadeiro ciúme, e em crise plena da funesta paixão. A antítese entre a tranquilidade relativa que acabava de verificar na sua pessoa e o desespero do seu rival foi de uma tal lisonja para o orgulho do barão, que este passou por um segundo de verdadeira volutuosidade.

Surpreendeu-se a repetir a sua palavra favorita, que herdara do pai, hábil especulador, que herdara mesmo da mãe, uma bela e rija normanda, associado à fortuna do primeiro barão Desforças, o perfume do grande imperador: "Muito caco!..." — E por que havia de ter ciúmes? No que foi que Suzana me enganou? Poderia eu esperar dela um amor como o que deve ter sonhado esse idiota do poeta? Com mais de cinquenta anos o que lhe posso pedir? Que seja amável para comigo? Nunca deixou de o ser. Que me proporcione uma vida íntima subsidiária da minha, em que matar as noites? Tem-na proporcionado. Perfeitamente! e então?... Encontrou um rapaz novo, robusto, que não se poupa, com a pele fresca e bem cheirosa,

bôca apetecível. Aproveitou-o. E' claro que não podia encarrregar-me a mim de lho recusar... Mas dos dois, o enganado é ele!

Achava-se em frente da porta do clube quando formulava para consigo esta conclusão à gaulesa. A brutalidade da palaxxa que lhe ocorrera ao espírito aliviou-o por um segundo.

— Em todo o caso, pensou, o que diria Crucé a isto?

O sagaz colecionador tinha-lhe vendido noutro tempo um quadro apócrifo por preço exorbitante e Desforças ficara nutrindo por ele, desde essa data, esta espécie de estima rancorosa que os homens muito esperdos dedicam aos que belamente os intrujaram. Representou-se-lhe a salinha do clube e o asiático personagem contando a aventura de Suzana e de Renato aos dois ou três colegas escolhidos de entre os mais invejosos. Esta idéa foi a tal ponto odiosa para o barão, que o impediu de subir a escada, e caminhou em direção aos Campos Elíseos combatendo-a:

— Qual! Nem Crucé nem os outros virão a saber nada! Ainda é uma felicidade ella não ter escolhido para amante qualquer desses elegantes de fresca data...

E voltou-se para olhar para as janelas do clube da rua Royal que deitam para a praça da Concórdia. — todas iluminadas.

— Pelo contrário escolheu um que não é da sociedade, com quem nunca me encontro, e não o apresentou nem patronou. Deve-se-lhe prestar esta justiça, que soube fazer as coisas... E ainda agora mesmo, se tremia, era por minha causa... Pobre rapariga!

— Pobre rapariga, sim!... repetiu continuando o seu monólogo por debaixo das árvores da avenida. Aquella animal é capaz de a fazer espirar brutalmente o seu capricho. Não estava pouco furioso, esta noite! Que falta de gosto e de delicadeza! E na minha frisa!... Que ironia!... Se esse pobre Paulo não fosse o marido que eu eduquei, ella estava perdida. E depois aí está o segredo das nossas entrevistas nas mãos dele!... E' preciso deixar a rua de Monte Thabor!... Decididamente! o diabo desse rapaz é inabitável!...

Era uma das suas expressões favoritas. Teve um novo movimento de mau humor contra o poeta, desta vez; mas como se gabava de ser homem de espírito, e de não se iludir a si próprio com frequência, interrompeu-se neste acesso:

— Agora quero-lhe mal por êle ter ciúmes de mim. Era o que faltava!... E' melhor que pensemos no que êle pode fazer. Chantage! Não. Ainda está muito novo... Um artigo nalgum jornal? Um poeta com pretensões sentimentais!... Não deve ser o seu gênero... Se se pusesse mal com ella, indignado? Seria magnífico! Um pobre diabo, naquela idade, com tanto dinheiro como uma rã de cabelo, e debaixo de mão uma amante bonita enamorada, com todos os requintes da elegância a cercarem-na, e gratis, renunciavel!... Ora adeus!... Mas se lhe exigir que rompa comigo e ella estiver tão doida por êle que ceda?...

Teve uma visão, immediata e precisa, dos desarranjos que essa ruptura acarretaria sobre a sua vida.

— E depois quantos entretenimentos de noites a organizar, sem meter em linha de conta que não tenho melhor amigo em Paris de que esse Paulo!

Teve necessidade, para se tranquilizar con-

tra estas tristes eventualidades de se recordar os lagos de interesse que o tornavam indispensável ao casal Moraines.

— Não, concluiu quando lá mesmo a chegar ao seu palácio do Cours-la-Reine, ela não se sacrificará, ele não a deixará, e tudo se há de arranjar... Sempre se arranjará.

Esta certeza e esta filosofia não eram por certo tão sinceras como as que teria a vaidade de homem forte, que era a única franqueza do barão, pois deu mostras, pela primeira vez na sua vida, de injusta impaciência para com o criado de quarto, seu discípulo, que pregadia, de há anos, a sua toilette da noite. Em todo o caso, se coexistiam nele, com a preocupação do procedimento a seguir, estremecimentos íntimos, do que ele próprio se confessava, este amável egoísta não deixou de dormir as suas sete horas de enfiada, como todas as noites. Enquanto os princípios de higiene sistemática se guindou os quais se exercitava para envelhecer, o respeito pelo seu sono caminhava na vanguarda. Graças a uma vida moderada...

— Tenho a certeza de que não sucedeu o mesmo com ele... disse para consigo pensando nas horas de insônia que Renato devia ter atravessado, nem com Suzana... estava tão transtornada na véspera; nem com Moirais. Uma indisposição da esposa punha esse belo rapaz em má cuidados. Que belo título de comédia! O mais feliz dos quadrilheiros...

POUSADA POR UMA NOITE

por Roberto Luis Stevenson

(DAS NOVAS NOITES ARABES)

Era nos fins de novembro de 1456. A neve caía sobre Paris com uma persistência implacável; às vezes o vento fazia uma sortida e revolia-a em vórtices vertiginosos; outras vezes a tempestade abrandava, e floco sobre floco descia na escuridão, silenciosos, tortuosos, intermináveis. A gente pobre, olhando para cima com sobranceiras úmidas, pareciam um mistério donde podia vir aquilo tudo. Mestre Francisco Villon tinha naquela tarde, à janela da taberna, apresentado o seguinte problema: seria somente o deus pagão, Júpiter, deitando gansos sobre o Olimpo, ou mudavam as penas os anjos do céu? Não passava de um pobre bacharel, prosseguiu ele; e como aquêle tema se relacionava um tanto com divindades, não se aventurava a dar uma conclusão definitiva. Um velho e imbecil sacerdote de Montargis, que se achava entre eles, convidou o velhaque para uma garrafa de vinho para recompensar as graças e carícias com que acompanhara o dito, e juxta pelas suas brancas barbas que na idade de Villon tinha sido também um cachorro tão irreverente como ele.

Contudo, havia uma pequena casa, construída contra o muro do cemitério, que estava ainda acordada, e acordada para mau fim, daquela destituição que ressonava. Nada havia no exterior que a traísse a não ser uma espiral de fumo quente que saía pela chaminé, um bocado de telhado onde a neve se derretia e algumas pegadas meio sumidas em frente da porta. Dentro, por detrás das janelas de portas cerradas, Mestre Francisco Villon, o poeta, e alguns outros da quadrilha de ladrões com que se misturava, faziam da noite dia, circulando a garrafa de vinho em mão. Uma grande pilha de cinzas e de pedras difundia um claro vermelho e vivo ardente ardeado chaminé. Diante dela, estava estirado Dom Nicolas, o monge da Picardia, com o hábito arregaçado e as pernas gordas a mostra para receber o calor confortável.

A dilatada sombra que ele projetava divino ornato das torres da catedral. Muitos dos nichos estavam já atulhados; muitas das estátuas ostentavam compridos barretes brancos nas suas grotescas ou beatíficas cabeças. As gargantas haviam-se transformado em profundos narizes pontiços, com o pinga na ponta. Quando o vento acalmava de tempos em tempos, ouvia-se o ruído abafado dos pinhos caindo no adro da igreja.

O cemitério de São Jago também tivera o seu quinhão de neve. Todas as sepulturas estavam convenientemente cobertas; os altos túmulos brancos à roda apresentavam um egrejo adorno; os dignos moradores há muito que estavam na cama, de gosto branco, como os seus domicílios; não havia luz em toda a vizinhança senão um fraco reflexo que espantava de uma lâmpada suspensa na igreja e que agitava as sombras para lá e para cá, marcando compasso com as suas oscilações. Davam dez horas no relógio quando a ronda passou perto com alabastras e uma lanterna, esfregando as mãos com frio. E quando viram de suspeito ao pé do cemitério de São João.

Contudo, havia uma pequena casa, construída contra o muro do cemitério, que estava ainda acordada, e acordada para mau fim, daquela destituição que ressonava. Nada havia no exterior que a traísse a não ser uma espiral de fumo quente que saía pela chaminé, um bocado de telhado onde a neve se derretia e algumas pegadas meio sumidas em frente da porta. Dentro, por detrás das janelas de portas cerradas, Mestre Francisco Villon, o poeta, e alguns outros da quadrilha de ladrões com que se misturava, faziam da noite dia, circulando a garrafa de vinho em mão. Uma grande pilha de cinzas e de pedras difundia um claro vermelho e vivo ardente ardeado chaminé. Diante dela, estava estirado Dom Nicolas, o monge da Picardia, com o hábito arregaçado e as pernas gordas a mostra para receber o calor confortável.

A dilatada sombra que ele projetava divino ornato das torres da catedral. Muitos dos nichos estavam já atulhados; muitas das estátuas ostentavam compridos barretes brancos nas suas grotescas ou beatíficas cabeças. As gargantas haviam-se transformado em profundos narizes pontiços, com o pinga na ponta. Quando o vento acalmava de tempos em tempos, ouvia-se o ruído abafado dos pinhos caindo no adro da igreja.

constâncias ordinárias, mas agora dum riso de Adão, Montfaucon, o grande e medonho muito claro, pois que mesmo com as costas patinadas de Paris, erguia-se junto à estrada para o lume o fino lha gelava a frente. O de Saint Denis e a amabilidade feriu-lhe o capuz, caíra-lhe para trás e formava uma cento no alvo. Quanto a Tabary, ria sem se exceder, e singular ao lado do seu pessoal, a riar a respeito das hesperas: nunca tinha go de touro. Desta maneira se estirava, ouvindo coisa com mais graça: e apertava as resmungando, e cortando o quarto, ilhagias e exultava. Villon deu-lhe um pito com a sombra do seu copasnil, o parafreze mo nariz, que lhe convertue o riso

A direita, Villon e Guido Tabary estavam num ataque de tosse. curvados sobre um pedaço de pergaminho. Acaba lá com esse resto-lá, disse-lhe Villon compondo uma balada que intitularia: Villon, e arranja-me uma rima. "A Balada do Peixe Assado" e Tabary farr- De Dobre a parada? perguntou Montigny. Estando de madrugada e sou lido. O poeta com insistência.

— Admiro de admirar a seu sãmo. — O poeta era uma fraca figura de homem: trigueiro, pequeno, magro, faces encovadas e madeiras negras e ralis. Levava os seus vinte e quatro anos com febril animação. A coibida havia-lhe enrugado a pele ao pe dos olhos, os sorrisos malignos haviam-lhe contrafeito a boca. O lobo e o cevado lutavam juntos nas suas feições. Tinha uma expressão eloquente, astuta, feia e sensual. As mãos eram pequenas e aduncas, com dedos nados como cordões, que se agitavam continuamente diante dele numa pantomima violenta e expressiva. Quanto a Tabary, lia-se-lhe uma larga, complacente e admiradora imbecilidade, evoluando-se do nariz esborrachado e beigos pendentes; havia-se tornado ladrão como se tornaria o mais honrado dos burgueses, pelo impenhoso acaso que rege a vida dos patos e burros humanos.

ângulos do teto um olhar oblíquo singular e frio.

— Deus meu! exclamou Tabary; e começou a rezar em latim.

Villon desatou a rir histéricamente. Deu um passo, fez uma ridícula saudação a Thevenin, e ri-se ainda mais alto. Súbito, sentou-se de repente sobre um banco e continuou riando-se dolorosamente como se se desfilasse aos pedaços.

Montigny foi o primeiro e recobrar a serenidade.

— Vejamos o que ele traz consigo.

Prontamente revistam as algibeiras do morto com mão prática, e dividiu o dinheiro em quatro quantidades iguais que pôs em cima da mesa.

— Esse é para vós, disse.

O monge recebeu a sua parte com um profundo suspiro e um olhar furtivo para o cadáver de Thevenin, que já descia e escorregava da cadeira.

— Estamos todos comprometidos, exclamou Villon, engulindo o seu riso. É uma questão de força para todos os que estão aqui, não falando nos que não estão.

Fêz em seguida um gesto terrível no ar com a mão direita levantada, deitou a língua de fora e pendeu a cabeça, como um enforcado. Guardou então na algibeira a sua parte do despojo, e executou um sapateado para restabelecer a circulação do sangue.

Tabary foi o último a servir-se; precipitou-se sobre o dinheiro e afastou-se para o outro extremo da casa.

Montigny colocou o corpo de Thevenin bem direito na cadeira, e tirou o puhal da ferida, da qual jorrou um jato de sangue.

— Seria melhor que se pusessem a andar, disse ele, limpando a lâmina no gibão da sua vítima.

— Também o creio, respondeu Villon com um engulho. Diabos levem o mono, exclamou. Pega-se-me à garganta o maldito. Que direito tem um homem de ter cabelos ruivos depois de morto?

E deixou-se cair pesadamente para cima do banco, cobrindo totalmente a cara com as mãos.

Montigny e Dom Nicolas riram-se alto, e até Tabary fez coro surdamente.

— Chorn, bêbado, disse o monge.

— Eu sempre disse que era um maricão, acrescentou Montigny, com escárnio. Senta-te direito, não ouves? continuou ele, dando outro encontro ao cadáver. Apaga esse lume, Nicolas.

Porém este estava melhor ocupado naquele instante: roubava socadamente a bolsa de Villon, enquanto o poeta permanecia, curvado e trêmulo, no banco onde três minutos antes ainda compunha a sua balada.

Montigny e Tabary exigiram por sinais uma parte da pilhagem, que o monge prometeu em silêncio enquanto passava o pequeno bolso para o interior do seu balandru. Uma natureza artística inábil de muitas maneiras um homem para a vida prática.

Ainda o roubo mal tinha sido consumado quando Villon voltou a si, se ergueu dum salto e começou a ajudar a dispersar e a apagar as cinzas. Entretanto Montigny abriu a porta e examinou cautelosamente a rua. Não havia mouro na costa; a importuna patrulha não se avistava. Contudo julgou-se ser mais prudente safarem-se um a um; e como Villon tinha pressa de fugir da vizi-

nhança do cadáver de Thevenin, e os outros ainda tinham mais pressa de se verem livres dele, antes que desse pela falta da sua bolsa, foi ele o primeiro, por geral consentimento, a sair para a rua.

O vento triunfara, e desbaratara todas as nuvens do céu. Só alguns farrapos, tênues como o luar, flutuavam rapidamente sob as estrelas. O frio era intenso, e por efeito óptico muito comum, os objetos pareciam quase mais claros e definidos do que em pleno dia. A cidade adormecida estava absolutamente tranqüilo, era uma reunião de capuzes brancos, um campo coberto de pequeninos alpes debaixo da cintilação das estrelas. Villon amaldiçoou a sua sorte. Quem dera que ainda nevasse! Agora par onde quer que fosse, deixava um rasto indelével atrás dele nas ruas, que resplandeciam; para onde quer que fosse ficaria ainda ligado à casa junto do cemitério de São João; para onde quer que fosse teoria, com as suas meannas pegadas, a corda que o ligava ao crime e que o ligaria à força. O olhar de revés do morto apresentou-se-lhe com nova significação. Fêz estalar os dedos como para se animar, e escolhendo ao acaso uma rua, entrou resolutamente pela neve.

Doas idéias o obsecavam enquanto caminhava: era uma, o aspecto da força em Montfaucon neste momento brilhante e ventoso da noite; a outra, o olhar do morto, com a sua cabeça calva e engrinalhada de ruivos caracóis. Ambas as coisas lhe gelavam o coração, e apressava cada vez mais o passo como se pudesse subtrair-se a desagradáveis pensamentos pela ligeireza dos pés. As vezes olhava para trás com um súbito repêlão nervoso; porém nas ruas esbranquiçadas era ele a única coisa que se mexia, a não ser quando o vento se precipitava de chofre ao voltar uma esquina e levantava a neve, que já começava a gelar-se, em nuvens de poeira brilhante.

De súbito viu lá ao longe uma negra massa informe e um par de lanternas. A mancha negra movia-se e as lanternas oscilavam como se fossem levadas por homens que caminhavam. Era a patrulha. E embora simplesmente cruzasse a sua direção, julgou prudente desaparecer da sua vista o mais depressa que pudesse. Não estava em boas disposições de responder ao "quem vem lá?" e sentia que deixava um sinal muito visível sobre a neve. Precisamente à sua esquerda havia um grande palácio, com suas torreszinhas e um amplo pórtico; lembrou-se que estava quase em ruínas, e lá muito debilitado; alcançou-o em três passos e saltou para debaixo do alpendre do pórtico. Lá dentro estava bastante escuro, depois da reluzente alvura das ruas nevadas, avançava às apalpadelas com os braços estendidos, quando tropeçou em qualquer coisa que lhe oferecia uma indesejável mescla de resistências: rija e macia, sólida e frouxa. O coração deu-lhe um baque, recuou precipitadamente dois passos e olhou com terror para o obstáculo. Então soltou uma pequena gargalhada de alívio. Não era mais que uma mulher, e morta. Ajoelhou a seu lado para se certificar deste último fato. Estava fria de gelo, e rígida como um pau. Um pequeno adorno em farrapos flutuava ao vento em volta dos seus cabelos e as faces tinham sido pesadamente pintadas naquela mesma tarde. Não tinha absolutamente nada nos bolsos, porém na mein, por debaixo da liga, Villon encontrou duas pequenas moedas que

corriam com o nome de "brancas". Era sem dúvida pouco, mas sempre era alguma coisa; e o poeta comoveu-se com um profundo sentimento de compaixão por ela ter morrido antes de haver dissipado o seu dinheiro. Para ele era isso um mistério lastimável e obscuro; e olhava das moedas que tinha na mão para a morte, e de novo para as moedas, abanando a cabeça sobre o enigma da vida humana. Henrique V, rei de Inglaterra, morrendo em Vincennes quando acabava de conquistar a França, e esta pobre galdaria caído vítima de uma aragem fria no portão dum palácio, antes de ter tido tempo de gastar o seu par de brancas, pareciam-lhe um processo cruel de dirigir os destinos da humanidade. Duas brancas levavam tão pouco tempo para se dissiparem! e teria sido mais um bom sabor na boca, mais um acepipe para os beigos, antes que o demônio se apoderasse da alma, e o corpo ficasse abandonado às aves e aos vermes. Por seu lado gostaria de deixar arder a sua vela de cêbo antes de a luz se apagar e de se quebrar a lanterna eterna.

Enquanto tais pensamentos lhe atravessavam o espírito, procurava, instintivamente, a sua bolsa. De subito o coração cessou de lhe bater; pareciam-lhe que umas escamas geladas lhe trepavam pela barriga das pernas, e uma pancada mortal passava calar-lhe sobre o crânio; durante um momento ficou como petrificado; depois apalhou as algebeiras outra vez com febril agitação; e então convenceu-se da perda e cobriu-se imediatamente do suores frios. Para os perseguidos o dinheiro é tão vivo e real e um véu tão tênue entre vê-lo e os seus prazeres! Mas só um limite à sua fortuna — o tempo; um dissipador apenas com umas poucas de corações é imperador de Roma até que se gaste. Para uma pessoa assim, perder o seu dinheiro é sofrer o mais duro revés; é como cair de chofre do céu ao inferno, do tudo ao nada. E muito mais ainda se pôs a cabeça no lago para o possuir; se se ardeava a ser enforcado no dia seguinte por essa mesma bolsa, tão caramente conquistada, tão nobremente perdida! Villon desatou a praguejar, dançou; atirou com as duas brancas para a rua; cerrou os punhos ao céu; bateu com os pés no chão, e não se horrorizou quando notou que estava espantando o pobre cadáver.

Então retrocedeu rapidamente em direcção à casa junto do cemitério. Havia esquecido o recibo da paulinha, que, entretanto, já há muito se afasara; e não tinha pensamento senão para a sua bolsa perdida. Foi em vão que procurou para a direita e para a esquerda sobre a neve; nada encontrava. Não a tinha perdido nas ruas. Não teria ela caído na casa? Desejava muito entrar e ver; mas a ideia do medonho hospede intimidou-o. E notou além disso, ao acercar-se, que os es-fongos que tinha empregado para apagar o lume haviam sido inúteis; pelo contrário, a luz faguejava em chama, e uma luz in-cessante brincava nas grades da porta e da janella, que avistou os seus terrores pelas autoridantes e pela força de Paris.

Voltou para o palácio abandonado, e tentou encontrar na neve o dinheiro que tinha atirado fora no seu arrebatamento infantil. Mas só pôde encontrar uma das brancas, a outra tinha provavelmente caído de quina e enterrara-se na neve. Com uma única bran-

ca uma noite! nenhuma ruína! nenhuma se desvanecera por completo. E não foi só o prazer que se lhe escapou, rindo, das mãos; um positivo mal-estar, um sofrimento verídico, um adeiro atacaram-no enquanto se conservava malacavelmente de pé, diante do portão. O suor havia-se-lhe secado no corpo; e embora o vento houvesse cessado, o frio era tal que se sentiu entorpecer, com o coração optimizado. Que fazer? Adiantar-se como na noite, impossível como era o êxito, tentaria a casa de seu pai adotivo, o capellão de São Benedetto.

Conseguiu todo o caminho até lá chegar, e batendo timidamente à porta. Não lhe respondeu. Bateu outra e outra vez, animando-se com cada pancada; por fim ouviram-se passos no interior, que se aproximavam. Abriu-se um postigo que estava trancado na porta chapeada de ferro, e por ele saiu um jorro de luz amarela.

— Levantai o rosto para o postigo, disse o

identro o capellão.

— Sou eu, Villon.

Ah, és tu, és? replicou o capellão, e amaldiçoou com feios improperios indignos dum sacerdote, por o ter incomodado a tais horas, e disse-lhe que voltasse para o inferno, addendo tinha vindo.

Tenho as mãos rãs até aos pulsos, suplico Villon; os pés estão dormentes e cheios de picadas; arde-me o nariz com este ar tão constante; o frio gela-me o coração. Pode ser que não chegue ao amanhecer. Só por esta vez, pai, e diante de Deus te prometo que o não tornarei a pedir!

Devias ter vindo mais cedo, disse o capellão secamente. Os rapazes necessitam de dinheiro de vez em quando.

E dizendo isto fechou o postigo e retirou-se para o interior da habitação.

Villon estava feroz de si; bateu na porta com os pés e mãos e gritou com voz rouca, chamando pelo capellão.

Villon raposa bichosa! exclamou. Se te fizesse ao meu alcance, mandava-te sem compaixão para as profundas!

E o poeta ouviu quase indistintamente o ruído dum postigo que se fechava lá dentro, no fim de compêdidos corredores. Passou a mão pela boca com uma praga. E então o ridículo da situação se lhe apresentou, e riuse, olhando descuidadamente para o céu, onde as estrelas pareciam cintilar trocando da sua frequência.

Que fazer? Sentia sem dúvida uma noite passada nas ruas cobertas de geada. A lembrança da mulher morta introduziu-se-lhe na imaginação e fez-lhe o coração dar um pulso; e que lhe tinha acontecido a ela nas primeiras horas da noite, podia muito bem acontecer-lhe a ele antes de ser manhã. E essa tin-nou e com tantas probabilidades de se divertir à falta! Sentiu-se completamente entorpecido com a ideia do seu próximo destino como se tivesse sido o de outra pessoa, e desentou mentalmente uma pequena vinheta da cena na manhã seguinte, quando desparavam o seu cadáver.

Passou revista a todas as probabilidades que se apresentavam a seu favor, enquanto voltava a brincar entre a polegar e a index. Desagradavelmente estava em más relações com alguns velhos amigos que noutra ocasião tinham provavelmente dele nam tal apuro, tinham-se ridicularizado em sátiras; havia-os zurrado e ludibriado; e agora, que se encon-

trava em tão difícil situação, pensou que havia pelo menos um que talvez se enternecesse. Era um acaso. Pelo menos merecia a pena experimentá-lo, e determinou fazê-lo. Pelo caminho, sucederam-lhe duas coisas que lhe coloriram os pensamentos duma maneira muito diversa. Primeiro, aconteceu achar-se nas pegadas duma patrulha, e caminhou por elas por algumas centenas de metros, ainda que não fossem na direção que ele levava. E isto deu-lhe alento; pelo menos tinha conseguido misturar as suas pegadas; pois que ainda não abandonara a ideia de gente seguindo-se por toda Paris a pista que deixara na neve, para prendê-lo na manhã seguinte antes de ter acordado. O outro acidente afetou-o bem diferentemente. Passou à esquerda duma rua onde, não havia ainda muito tempo, os lobos tinham devorado uma mulher e o seu filho. Em este precisamente o tempo mais próprio, refletiu,

para que aos lobos lhes desse na cabeça entrar outra vez em Paris; e um homem solitário nestas desertas ruas corria o risco de apunhar alguma coisa pior que um simples susto. Deteve-se e contemplou aquêle sitio com interesse pouco agradável: era uma encruzilhada onde várias vias se encontravam; e estendeu a vista sobre elas, uma por uma, e conteve a respiração para escutar, com medo de avistar vultros negros galopando sobre a neve, ou de ouvir o som dos ulvos entre ele e o rio. Recordava-se da sua mãe lhe contar a história e de lhe mostrar o sitio; quando elle ainda era criança. Sua mãe! Se elle soubesse onde ella morava, poderia pelo menos contar com um abito. Determinou que o averiguaría pela manhã; mais ainda, iria vê-la também, porque velhota! Pensando nisto, chegou por fim ao seu destino: a sua última esperança naquella noite.

A casa estava, como as que a cercavam, completamente em trevas; e todavia depois de bater ligeiramente, ouviu um certo ruído em cima, abriu-se uma porta e uma voz perguntar com precaução quem estava ali. O poeta deu o seu nome em voz baixa, e esperou, não sem algum sobresalto, pelo resultado. Nem teve que esperar muito. Abriu-se de repente uma janella, e um balde cheio de água sujas chapinhou no umbral da porta. Villon não se tinha desprevisto para uma destas sortidas, e havia-se resguardado tanto quanto a natureza do portão o permitia; mas apesar disso tudo, ficou lastimosamente ensofado da cintura para baixo. Os calções começaram-se-lhe a gelar quasi no mesmo instante. A morte de frio e exposição ao ar livre saltava-lhe aos olhos; lembrou-se de que tinha certa tendência para doenças de peito, e começou a tossir com apressado. Porém a gravidade do perigo deu-lhe forças. Deteve-se a uma centena de passos da casa onde tinha sido tão grosseiramente maltratado, e pôs-se a pensar com um dedo no nariz. Só via uma maneira de arranjá-lo: pouca, e era tomá-la de assalto.

Havia reparado numa casa não muito longe, na qual parecia que seria fácil introduzi-se, e para ali se dirigiu resolutamente, abrigando-se com a ideia dum quanto quantinho, com a mesa ainda carregada com os sobejos da ceia, onde poderia passar o resto da noite e donde poderia sair pela manhã, por uma braceda de valiosas pratas. Até mesmo imaginou que guardaria e vultros deviam tomar; e quando collocou a lista dos seus manjares prediletos, acudiu-lhe à me-

moria o peixe assado com uma mistura exquinta de divertimento e horror.

Nunca acabarei a balada, pensou consigo mesmo; e depois, com um anseio ao recordar-se da ceia; Diabos levem o monstro repetiu ardentemente, cuspidno na neve.

— A casa em questão parecia a primeira vista que estava as escuras; mas quando Villon fazia uma inspecção preliminar á procura do ponto mais favorável para o ataque, um fêcho de luz que se filtrava pela cortina duma janella, feriu-lhe os olhos.

— Demônio! pensou. Gente acordada! Algum estudante ou algum santo, — maldita fada! Não se poderiam elles embebedar e estar na cama a roncar como os seus vizinhos? Para que servem os toques de apagar os lúmens, e os pobres diabos dos sineiros trepando nas cordas dos campanários? Para que serve o dia, se velam toda a noite? Raios os partam!

E sorriu-se sardonicamente ao ver onde a sua lógica o levava, acrescentando:

— Afinal, cada um para o que nasceu, e estão acordados, com a brace, que por esta vez poderei ceiar honradamente e intrujar o diabo!

Dirigiu-se resolutamente para a porta e bateu com mão segura. Nas duas occasiões precedentes tinha batido timidamente ás portas e com um certo receio de aturar a atenção; porém agora, afastada a ideia de assaltar a casa, bater a uma porta pareceu-lhe um procedimento inocente e ingenho. O som das pancadas resou pela casa com repercuções terríveis, como se estivesse completamente desabitado, porém os ecos ainda se não tinham desvanecido quando passos cadenciados se aproximaram, os ferrólhos foram abertos, e uma das portas se abriu amplamente, como se os de dentro não conhecessem a maldade nem o recato dela.

Um homem alto, magro e seco, porém um pouco curvado, defrontou Villon. Tinha a cabeça volumosa, porém, elegantemente esculpida; o nariz um pouco grosso em baixo, adelgava-se até chegar a um par de finíssimas e frabras sobranolhas; a boca e os olhos delicadamente contornados, e o rosto inteiro, com uma espessa barba branca, recordava-se austeramente. Visto á luz tremulante duma lâmpada de mão, parecia talvez mais nobre do que realmente era; em todo o caso era uma bela cabeça, mais franca que inteiramente varonil, simples e reta.

Bateu á adiantadas horas, cavalheiro, disse o anão em tom cortês e ressonante. Villon curvou-se e proferiu muitas palavras submissas de desculpa; na crise que atravessava, o mendigo dominava nêle e o homem de talento escondia-se envergonhado. — Tenhas fôto, repetiu o anão, e fomes?

— Bem, entral.

— E com um gesto nobre indicou-lhe a passagem.

— Deve ser algum grande senhor, pensou Villon, enquanto o seu hospede, collocando a mão no pavimento em modo de enxada, corrou outra vez os ferrólhos.

— Desculpava de eu ir á frente, disse elle, quando tinha acabado. E precedeu o poeta pelas escadas acima, até a um grande compartimento, aquecido por um brazeiro de lenha e illuminado por um enorme lâmpada suspensa do teto. Era quase desprovido de mobília: apenas alguma baseola de ouro sobre um bufete; alguns in-folios; e uma paquílla entre as

janelas. Ricas tapeçarias cobriam as paredes, representando uma delas a crucificação de Nosso Senhor, e a outra uma cena de pastores e pegureiras junto a um regato. Por cima da chaminé viam-se algumas peças de armadura.

— Digam-me se vos deixou um momento. Estou só em casa esta noite, e se ides ceiar é mister que eu mesmo vos prepare a ceia.

Apenas o seu hóspede tinha saído, Villon saltou da cadeira em que se tinha naquele minuto sentado, e começou a examinar a habitação com a cautela e manha dum gato. Tomou o péso das tagas de ouro, abriu todos os in-folios, revistou as armas da panóplia, e até o estêdo das cadeiras. Levantou as cortinas das janelas e reparou que estas eram de vidros ricamente pintados representando figuras, tanto quanto ele podia perceber, de carácter marcial. Depois colocou-se no meio da casa, tomou um grande fôlego e retendo-o entre as inchadas bochechas, olhou tudo à roda d'êlo, girando sobre os calcanhares, como para gravar bem na sua mente todos os pormenores da habitação.

— Sete peças de baixela, disse. Se houvesse dez, ter-me-ia arriscado. Uma bela casa e um belo velho dum dono. Assim me ajudam todos os santos!

Nesse momento, ouvindo os passos do anção que voltava pelo corredor, sentando-se de novo na cadeira, começou humildemente a aquecer as suas molhadas pernas no brazeiro.

O seu obsequiador trazia um prato com carne numa mão e um jarro de vinho na outra. Pôs o prato em cima da mesa acendendo a Villon para aproximar a sua cadeira, e dirigindo-se ao bufete, trouxe duas taças, que encheu.

— Bebo a vossa melhor fortuna, disse êle, tocando gravemente com o seu copo no de Villon.

— A nossa melhor amizade, disse o poeta, fazendo-se mais ousado.

Qualquer homem do povo sentir-se-ia confundido e temeroso ante a cortesia do velho fidalgo; porém Villon estava afeito a isso; já antes tinha divertido grandes senhores e achara-os tão grandes velhacos como êle. E por isso se dedicou às viandas com apetite devorador, enquanto o anção, recostado, o observava com fixo e curioso olhar.

— Tendes sangue num dos ombros, meu homenzinho, disse.

Montigny devia ter-lhe pôsto a mão direita ensanguentada em cima quando êle saía da casa. Amaldiçoou Montigny no fundo do coração.

— Não fui eu que o derramei, balbuciou.

— Não o supus, respondeu tranquilamente o seu hóspede. Uma desordem, talvez?

— Sim, qualquer coisa dêsse género, admitiu Villon com voz trêmula.

— Talvez um homem assassinado?

— Oh, não! assassinado não, disse o poeta, cada vez mais atropalhado. Foi jogo lícito; assassinado por acaso. Não tive parte no caso, morra eu neste instante! ajuntou fervorosamente.

— Um tratante de menos, não há dúvida, observou o dono da casa.

— Não duvideis dizê-lo, concordou Villon, sentindo-se infinitamente aliviado. Um tratante tão grande como não se encontrará outro daqui a Jerusalém. Esticou o pernil

como um cordeirinho. Mas fazia horror olhar para êle. Creio, senhor, que teréis visto alguns mortos na vossa vida? acrescentou olhando para a armadura.

— Muitos, disse o anção, tenho seguido as guerras, como podéis imaginar.

Villon suspendeu por um instante a sua faina e perguntou:

— Ferao calvos alguns dêles?

— Oh! sim, e com o cabelo tão branco como o meu.

— Quer-me parecer que não me importaria tanto se fossem brancos, disse Villon. Os dêles eram nulos. E voltaram-lhe os arrepios e a tendência para o riso, que êle se apressou a afogar com um trago de vinho. Sinto-me incomodado quando penso no caso, prosseguiu. Conhecia-o — macacos o mordam! E depois o frio faz-nos ter idéias — ou as idéias nos fazem ter frio, não sei qual.

— Tendes algum dinheiro? perguntou o anção.

— Tenho uma branca, replicou o poeta, rindo-se. Tirei-a da meia duma galderia morta que estava num pórtico. Estava tão morta como Cesar, pobre moça, e tão frio como uma igreja, com umas tiras de fita espetadas no cabelo. E' um mundo muito cruel êste no inverno, para lobos, para moças e para pobres diabos como eu.

— Eu, disse o anção, sou Enguerrand de la Feuillie, senhor de Brisetout, baillif do Patatrac. Quem é o que sois vós?

Villon ergueu-se e fez uma reverência condigna.

— Chamo-me Francisco Villon, disse, um pobre bacharel desta universidade. Conheço bastante latim e muito vício. Componho canções, baladas, lais, virelais e rondels, e gosto muito de vinho. Nasci numa trapeira e não é improvável que venha a morrer na força. Acrescentarei, meu senhor, que desta noite em diante sou o mais dedicado servidor de vossa senhoria.

— Não, nenhum servidor meu, disse o cavaleiro fidalgo; meu hóspede por esta noite e nada mais.

— Um hóspede muito reconhecido, disse Villon, com cortesia, brindando em silêncio à saúde do seu hóspede.

— Sois esperto, começou o anção, batendo na testa, muito esperto; tendes conhecimentos; sois homem de letras; e todavia tirais uma pequena moeda duma mulher morta que encontras na rua. Não é isso uma espécie de roubo?

— E' uma espécie de roubo muito praticado nas guerras, meu senhor.

— As guerras são o campo da honra, retorquiu o anção com arrogância. Ali o homem joga a sua vida; combate em nome do seu rei, do seu Deus, e de todos os senhores Santos e Anjos.

— Suponde, disse Villon, que eu era realmente um ladrão: não jogaria eu a vida também, e contra maiores probabilidades?

— Jogaríeis pela ganância, mas não pela honra.

— Ganância! repetiu Villon encolhendo os ombros. Ganância! O pobre precisa de ceia e procura-a. Assim faz o soldado numa campanha. Pois que não todas essas requisições de que tanto se fala? Se não são ganhos para os que as fazem, são certamente perdas para os outros. Os homens de armas bebem ao pé dum bom lume, enquanto o burguez rôi as unhas para lhes comprar vinho e lenha. Tenho visto muitos camponeses balouçando-se

nas árvores pelo campo fora; bem triste figura faziam; e quando perguntai a alguém porque tinham aqueles todos sido enforcados, disseram-me que tinha sido por não terem podido ajuntar dinheiro bastante para contentar os soldados.

— Essas coisas são uma necessidade da guerra, que os plebeus têm de sofrer com paciência. Certo é que alguns capitães se excedem; há espíritos em todas as classes que não se movem facilmente à piedade; e, na verdade, muitos seguem as armas que não são melhores que bandidos.

— Bem védes, disse o poeta, que não podeis separar o soldado do bandido; e que é o ladrão senão um bandido isolado com maneiras mais circunspetças? Eu roubo um par de costeletas de carneiro sem ao menos perturbar o sono dos que dormem; o lavrador resmunga um pouco, mas nem por isso deixa de ter uma ceia nutritiva com o que lhe fica. Vós outros chegais ao som glorioso dum trombeta, furtais o rebanho inteiro, e bateis no lavrador lastimosamente ainda por cima. Eu não tenho trombeta; sou apenas Thomas, Ricardo ou Henrique; sou um patife e um cão, e a força é demasiado boa para mim (com o que me alegro muito); porém, perguntai o lavrador qual de nós dois ele deixa de dormir, para o amaldiçoar nas noites de inverno.

— Olhai para nós dois, disse o senhor. Sou velho, forte e respeitado. Se amanhã fosse expulso de casa, centenas de pessoas teriam orgulho em me abrigar. A gente pobre abandonaria as suas cabanas e passaria a noite nas ruas com seus filhos, se eu simplesmente desse a entender que queria estar só. E a vós encontro-vos vagueando sem lar, e recolhendo dinheiro das mulheres mortas no caminho! Eu não temo nem os homens nem coisa alguma, já vos vi tremer e perder a cor a uma só palavra minha. Espero contente em minha casa que Deus me chame, ou no campo de batalha, se aprouver ao rei que eu tome a combater. Vós só esperais a força; uma morte rápida e cruel, sem esperança, sem honra. Não há diferença entre nós dois?

— Como daqui à lua, concordou Villon. Porém se eu tivesse nascido senhor de Brissetout, e vós houvésses sido o pobre bacharel Francisco, seria a diferença mais pequena por isso? Não estaria eu aquecendo os meus joelhos a este brazeiro e não estardes vós à cata de moedas da neve? Não seria eu o soldado e vós o ladrão?

— Ladrão? Eu ladrão? Se compreendesses o alcance das vossas palavras, arrepender-vos-íeis delas.

Villon estendeu as mãos num gesto de desdencamento inimitável.

— Se vossa senhoria me houvesse feito a honra de segurar o meu argumento... disse ele.

— Faço-vos honra demais em tolerar a vossa presença, disse o fidalgo. Aprendei a reprimir a vossa língua quando falais com homens velhos e honrados, ou algum mais impetuoso e inconsiderado de que eu vos representarei dum modo mais violento.

Dito isto levantou-se a percoceu a largos passos o compartimento, lutando com a coleira e antipatia que Villon lhe inspirava. Este encheu subrepticamente o seu copo e acomodou-se mais confortavelmente na cadeira, cruzando as pernas e encostando a cabeça

sobre a mão e o cotovelo nas costas da cadeira. Estava agora repleto e quente; e de modo nenhum temia o seu hóspede, pois que já o tinha compreendido, tanto quanto era possível entre dois tão diferentes caracteres. Já passara a maior parte da noite, afinal dum maneira muito agradável, e estava moralmente seguro de sair livremente pela manhã.

— Dizei-me uma coisa, disse o anão, parando no meio dos seus passeios. Sois realmente um ladrão?

— Apelo para os sagrados direitos da hospitalidade, respondeu o poeta. Sou, meu senhor.

— Sois muito novo, continuou o fidalgo.

— Nunca chegaria a esta idade, replicou Villon, mostrando os dedos, se não me tivessem ajudado com estes dez talentos. Eles têm sido os pais e as mães que me têm criado!

— Ainda vos podeis arrepender e corrigir.

— Arrependo-me todos os dias, disse o poeta. Haverá poucas pessoas tão dadas ao arrependimento como o pobre Francisco. Enquanto a corrigir, deixai que alguém corrija as minhas circunstâncias. Um homem deve continuar a comer, ainda que não seja senão para continuar a arrepender-se.

— A mudança deve começar na alma, replicou solenemente o anão.

— Meu nobre senhor, respondeu Villon, pensai realmente que roubo por prazer? Eu odeio o roubo, como outro qualquer trabalho ou perigo. Os meus dentes batem quando vejo uma força. Porém tenho de comer, tenho de beber, tenho de viver numa sociedade qualquer espécie. Que diabo! O homem não é um animal solitário — *Cui Deus foeminam tradidit*. Fazei-me despensoiro do rei, abade de Saint Denis, baillif de Patrac; então mudarei de cento. Mas enquanto me deixardes ser o pobre bacharel Francisco Villon, sem vinho, terei de ser sempre o mesmo.

— A graça de Deus é onipotente.

— Seria um heróico se o contestasse, disse Francisco. Essa graça fez-vos senhor de Brissetout e baillif de Patrac; a mim não me há dado mais que alguma expertise debaixo do meu chapéu e estes dez dedos nas minhas mãos. Poder-me-ei servir de vinho? Agradeço-vos respeitosamente. Pela graça de Deus, tendes uma colheita superior!

O senhor de Brissetout passeava dum lado para o outro com as mãos atrás das costas. Talvez pensasse ainda no palaleiro entre os soldados e os ladrões; talvez Villon o interessasse por qualquer lago inconsciente de simpatia; porém, qualquer que fosse a causa, anelava convencer o moço, e não se podia resolver e pô-lo outra vez na rua.

— Há qualquer coisa muito que eu não posso compreender, disse por fim. Tendes a boca cheia de sutilezas, e o demónio fez-vos desviar para muito longe; porém o demónio não é mais que um espírito fraco perante a verdade de Deus, e todas as suas sutilezas se desvanecem a uma palavra de verdadeira honra, como a noite ante a luz do dia. Escutai-me outra vez. Aprendi há muitos anos que um cavaleiro devia viver nobremente e no amor do seu Deus, do seu rei e da sua dama; e ainda que eu haja visto fazer muitas coisas estranhas, sempre hei procurado viver segundo aquela regra. Não só está escrita em todas as nobres histórias, senão também no coração de todo o homem, se ele se der ao incômodo de a ler. Falais de alimento e vinho, e eu sei perfeitamente que a fome é uma prova difícil de sofrer; po-

rém não falais das outras necessidades; nada dizeis da honra, da fé para com Deus e os outros homens, da cortezia, do amor sem mácula. Pode ser que eu não seja muito sensato — parece-me que o sou — porém vejo em vós alguém que perdeu o seu caminho e cometeu um grande erro na sua vida. Vós attendeis às pequenas necessidades e esqueceis completamente as grandes e únicas verdadeiras, como homem que no dia do juízo final cuidasse em aliviar dores de dentes. Pois tais coisas como a honra, o amor e a fé, são só mais nobres que a comida e a bebida, senão que de facto penso que as desejamos mais, e sentimos mais cruelmente a sua falta. Falo-vos como peço que me entenderdes mais facilmente. Não estareis, enquanto só pensais em encher o estômago e disposais esse outro apetite do vosso coração, estragando o prazer da vida fazendo-vos continuamente desgraçados? Villon estava realmente atarralhado com este sermão.

— Pensais que eu não tenho sentimento da honra? exclamou. Sou bem pobre, Deus é duro! E' duro ver os ricos com guantes e uma passoa a ter que soprar os dedos. Uma barreira a dar horas e coisa dura, embora falais tão levemente desse presunço. Se o visseis sentido tantas vezes como eu, outra senia o vosso cantar. Sou um ladrão — prendei-o bem — não sou um diabo saído do inferno, assim Deus me mate neste instante. Quisera que soubessais que tenho uma honra minha, tão boa como a vossa, da que não gaste o dia a palrar dela, ao fosse um milagre de Deus o possuísse. Para mim é a coisa mais natural, guardo a sua caixa até ser precisa. Ora pois, olhai lá: quanto tempo tenho eu estado conversando quanto? Não me dissetes que estaveis em casa? Olhai para a vossa baseia de

AS 10 FASES DA FABRICAÇÃO DA MANTEIGA

O USO DO CREME PASTEURIZADO E MAIS VANTAJOSO — passado através de um coador, geralmente de uma peneira de arame, de malhas bem estreitas.

Holmes Albuquerque — da Escola de Laticínio "Cândido Toste". Com isto, melhora-se o seu aspecto, retirando-se sujidades grosseiras, e higienizando, por assim dizer a matéria-prima.

O fabricante de manteiga recebe comumente o creme do interior. E' raro ser o leite desnatado no próprio estabelecimento. Quando se pratica o desnatamento na fábrica de manteiga — o que seria ideal, pela obtenção de creme fresco — é sempre em pequena quantidade.

O creme vem dos postos de desmante, em geral, com acidez bastante elevada, pois é costume juntar creme de dois dias e mais. Também, para favorecer o transporte, é hábito obter creme muito concentrado.

O creme com acidez elevada e com alta concentração de gordura não deve ser usado para fabricar manteiga, pois o rendimento é bastante prejudicado, além de outras desvantagens.

Vamos resumir, abaixo, a técnica da fabricação da manteiga, com creme pasteurizado, dividindo-a em 10 fases, do modo que se torna mais fácil a compreensão da mesma:

1 — COADURA — Quantidade de creme X % de gordura do creme = Quantidade de creme % de gordura desejada no creme.

Ao chegar à fábrica deve o creme ser **VEJAMOS** um exemplo: Temos 800 quilos

de creme para fazer manteiga. Mas este creme tem 56% de matéria gorda. Para fabricar nossa manteiga desejamos que o mesmo tenha apenas, 35% de gordura. Quanto de leite desnatado devemos juntar?

Olhemos os dados:

Quantidade de creme = 800 quilos.
Porcentagem de gordura do creme a dispo-
nível = 56%
Porcentagem de gordura desejada no cre-
me = 35%

Aplicando a fórmula:

$(800 \times 56) = 800 =$ encontramos 400 qui-
los de leite desnatado, que é a
quantidade a juntar para fa-
zer a nossa manteiga.

3 - REDUÇÃO DA ACIDEZ

Também já aplicamos que é comum o cre-
me chegar à fábrica com acidez bastante
elevada, não permitindo a pasteurização do
mesmo modo, além de algumas outras des-
vantagens, entre as quais a grande perda de
gordura no leiteiro (soro da manteiga), o
que diminui o seu rendimento.

A acidez do creme deve ser reduzida para
14 a 20°. Dornic, de acordo com o tipo de
manteiga que se deseja, isto é, se vai ser
armazenada, por longo tempo ou consumi-
da, após fabricação, até 10 dias. Bata-se a
acidez até 14°. D. se o consumo vai ser
retardado.

A redução da acidez pode ser feita por
meio de cálculos ou tabelas. Há, no comér-
cio, produtos industriais, tais como Wydos-
te e o Sana-Creme, acompanhados de ta-
bas e explicações fáceis para seu emprego.

4 - PASTEURIZAÇÃO

O creme pode ser pasteurizado de uma so-
vez, no pasteurizador dinamarquês a tempe-
ratura de 75 a 93° C., por 1 a 3 minutos; ou
de duas vezes, começando no pasteurizador
dinamarquês, à temperatura de 70-77° C., por
1 a 2 minutos, continuando o aquecimento no
próprio tanque de maturação, a 68° C., du-
rante 10 a 20 minutos. O tanque de matura-
ção, nesse momento, faz a função de um
pasteurizador lento.

Após o aquecimento, segue-se o resfri-
mento, ainda no tanque de maturação, sub-
stituindo-se a água fria, e, depois, salmoura.
O creme deverá ficar com a temperatura de
18 a 20° C.

5 - ADIÇÃO DO FERMENTO LÁTICO E MATURAÇÃO

Atingida a temperatura ótima para adição
do fermento láctico (18 a 20° C.), junta-se
0,5 a 4% de fermento láctico selecionado. Agi-
tar bem para distribuir o fermento em toda
a massa do creme. Comumente empregam-
se 2% de fermento.

Deixar o creme maturando na temperatura
acima indicada, durante 14 a 18 horas, até
atingir a acidez desejada, que pode ser de
50° Dornic, quando se deseja manteiga para
consumo rápido; ou mais baixo: menos
de 30° D — quando a manteiga vai ser ar-
mazendada, para consumo posterior.

6 - BATEÇÃO

O creme deve ser resfriado até atingir 10°

a 12° C., temperatura boa para a bateção.
Deve ser levado para a batedeira nesta tem-
peratura.

Quatro cuidados, nesta fase, diz respeito ao
enchimento da batedeira. A quantidade de
creme não deve ser superior a 40% da ca-
pacidade da batedeira.

Esta deve ter uma rotação variável, de
acordo com seu diâmetro, de 20 a 40 voltas
por minuto.

O tempo de bateção varia de 35 a 45 mi-
nutos.

O fim da operação é indicado não só pelo
visor da batedeira, que se apresenta limpo
e não mais fosco, como também pelo baque
da massa de manteiga formada, que dá um
som diferente do observado no início.

Nos primeiros minutos da bateção devemos
abrir uma válvula, existente na batedeira,
para escape dos gases do creme.

Quando a operação está terminada os grãos
de manteiga têm o tamanho de grão de er-
vilha.

7 - RETIRADA DO LEITELHO

Para se a batedeira e retirar-se a maior
quantidade possível de leiteiro (soro da man-
teiga). Usa-se peneira esterilizada para re-
ter os grãos de manteiga saídos com o lei-
telho.

8 - LAVAGEM

A manteiga deve ser lavada duas vezes
empregando-se água filtrada, com 8 a 10° C.
feramente 2 a 3° C. menos que o leiteiro).

9 - SALGA DA MANTEIGA

Adiciona-se sal em quantidade que varia
de acordo com o tipo de manteiga que se
deseja. Para manteiga de 1ª qualidade usa-
se 4%, em relação à manteiga calculada.
Como se perdem, durante a malaxagem, 50%
do sal empregado, a manteiga ficará com
22% de sal. Este deve ser puro e fino.

10 - MALAXAGEM

Faz-se uma boa malaxagem ou espreme-
dura para retirar o excesso de água e distri-
buir bem o sal.

Usa-se uma pazinha de madeira para fa-
zer uma seção vertical e para comprimir
a massa de manteiga, em seguida, pode-se
verificar se há boa distribuição da água, em
gotículas, o que indica o fim da malaxagem.
O melhor porém, é fazer-se análise para
constatação da porcentagem de água, a fim
de verificar se está dentro do padrão regu-
lamentar.

A manteiga está pronta para ser enlatada
ou vendida a granel. No primeiro caso em
latas de 250 gramas, 500 gramas, 1, 5 e 14
quilos. No segundo caso, em pacotes de 250,
500 e 1.000 gramas.

NOTA: — Para melhores esclarecimentos
sobre qualquer das fases de fabricação, o
interessado poderá dirigir-se à Escola de Lac-
tícolas "Cândido Toste" Caixa Postal 183
Juiz de Fora, Minas, que será atendido
com a maior boa vontade.

AA quantidade de água a usar para cada
lavagem deve ser igual à quantidade de lei-
telho, que foi retirado. Ao colocar a água,
fecha-se a batedeira girando-a por 10 voltas.
Retira-se água, deixando escorrer bem.

CONTRA O REGIME DE PERÓN

— Elementos das forças armadas rebelaram-se contra o governo Perón. O le-
vante foi rapidamente sufocado, com a par-
ticipação da Confederação Geral do Tra-
balho, que declarou a greve geral e foi
atendida. O movimento, sob a chefia do
general reformado Benjamín Menéndez, ex-
plodiu simultaneamente em quatro pontos,
a saber: Campo de Mayo, perto da Base
Aérea de El Palomar, na Base Aero-Naval
de Punta del Índio e na cidade de Men-
doza. Alguns aviões insurretos voaram so-
bre Buenos Aires e lançaram uma procla-
mação assinada por Menéndez dizendo que
as forças armadas se haviam levantado con-
tra o governo.

ORÇAMENTO DA REPÚBLICA PARA 1952

(Da mensagem do chefe do
vôto ao Congresso Nacional)

SITUAÇÃO ECONÔMICA

O total da despesa pública federal, efetivamente realizada, elevou-se de Cr\$ 9.850.000.000,00 em 1945 a Cr\$ 23.670.000.000,00 em 1950, enquanto a receita total de Cr\$ 8.852.000.000,00 efetivamente arrecadada em 1950 elevou-se tão somente a Cr\$ 19.373.000.000,00 em 1950. Em consequência, os "déficits" acumulados nos exercícios financeiros de 1945 a 1950, deduzidos os pequenos saldos apurados em 1947 e 1948, atingem a elevada soma de Cr\$ 10.275.000.000,00.

Ao mesmo tempo, o deslho do Tesouro Nacional ao Banco do Brasil S.A. que era, em outubro de 1945, de Cr\$ 977.000.000,00, atingiu, em 31 de dezembro de 1940 o montante de Cr\$ 9.250.000.000,00 e a dívida financeira da União elevou-se a Cr\$ 11.648.000.000,00, em 31 de dezembro de 1945 a Cr\$ 13.840.000.000,00 em 31 de dezembro de 1946, e a Cr\$ 15.840.000.000,00 em 31 de dezembro de 1947.

Passando em revista a atual situação econômica do Brasil, mostra que, de acordo com a apuração dos balanços feita pelo Centro de Análises da Conjuntura Econômica, nas 324 sociedades anônimas de diversos ramos da economia que publicaram os seus balanços até fim de março, a taxa média do lucro sobre o capital foi de 32 por cento de 1938 contra 26,9% em 1949 e, sobre o capital mais reservas, de 19,1% contra 16,8% respectivamente, nos dois últimos anos. Embora se trate, na maioria, de firmas importantes, os dados fazem prever que os lucros das empresas não agrícolas foram, em 1950, em média 25% maiores do que em 1949.

O salário aumentaram também, mas em percentagem muito mais módica. O índice dos salários na grande indústria (base: 1946-100), atingiu, na média mensal do ano de 1950 a cifra de 147, contra 133, em 1949."

Resumindo, pode-se admitir que a produção de bens e serviços foi 9% maior que em 1949, significando que o acréscimo de 12% da renda nacional em 1951 resultou

AUMENTO DO MEIO CIRCULANTE

Essa desordem nas finanças públicas federais foi uma das causas principais do excessivo aumento do meio circulante que, de Cr\$ 17.335.000.000,00 em 31 de dezembro do ano de 1945, elevou-se a Cr\$ 31.205.000.000,00 em 31 de dezembro de 1950. O crescimento paralelo de moeda escritural, cujo total passou de Cr\$ 27.168.000.000,00 em 31 de dezembro de 1945 a Cr\$ 54.070.000.000,00 em 31 de dezembro do ano passado, fez com que os meios de pagamento atingissem a volumosa cifra de Cr\$ 80.011.000.000,00 ao se encerrar o ano financeiro de 1950. 23.23

Essa inflação dos meios de pagamento, não compensada por um crescimento paralelo da produção nacional, contribuiu decisivamente para a incessante elevação do custo de vida, provocando o descontentamento e a inquietude nos lares brasileiros, notadamente naqueles dos trabalhadores e assalariados em geral, cujos cheques apresentavam a queda vertical do poder aquisitivo de seus salários e vencimentos diante da alta irrefreável do custo de gêneros de alimentação e de outros artigos de primeira necessidade.

☐ RECEBIMENTOS E DESPESAS

3 A estimativa da Receita Geral da União para o exercício de 1992 é de Cr\$ 23.432.860.000,00.

4. estimativa da Despesa é de R\$ 23.224.600,00, verificando-se desse modo um saldo de R\$ 9.210.000,00.

o A proposta orçamentária para 1992 inclui no Verbo 1, Pessoal, dotações no total de Cr\$ 9.401.682.000,00, sendo Cr\$ 6.259.206.510,00 para o pessoal civil e Cr\$ 3.142.475.490,00 para o pessoal militar.

A verba 2. Material, atinge Cr\$ 1.000,00

o ☐ A verba 3, Serviços e Encargos, se eleva

A venha 4, Obras, Equipamentos e Aquisição de Imóveis, Cr\$ 2.236.705.000,00.

O capítulo de rendas ordinárias está assim discriminado: Renda tributária, Cr\$ 18.584.869.000,00; Renda patrimonial, Cr\$ 285.242.000,00; Renda industrial, Cr\$ 1.121.615.000,00; Rendas diversas, Cr\$ 2.371.602.000,00 e Rendas extraordinárias, Cr\$ 869.882.000,00.

As despesas da União com as suas diversas repartições estão assim discriminadas: Congresso Nacional, Cr\$ 167.584.554,00; Tribunal de Contas, Cr\$ 29.131.190,00; Presidência da República, Cr\$ 7.194.920,00; D. A. S. P., Cr\$ 34.574.000,00; Estado-Maior das Forças Armadas, Cr\$ 5.996.250,00; Comissão de Readaptação dos Incapazes das forças armadas, Cr\$ 2.795.920,00; Comissão de Reparação de Guerra, Cr\$ 468.880,00; Comissão do Vale do São Francisco, Cr\$ 152.044.800,00; Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica, Cr\$ 2.840.650,00; Conselho Nacional de Economia, Cr\$ 8.827.920,00; Conselho de Imigração e Colonização, Cr\$ 8.550.500,00; Conselho Nacional do Petróleo, Cr\$ 390.768.000,00; Conselho de Segurança Nacional, Cr\$ 1.142.760,00; I. B. G. E., Cr\$ 78.500.000,00.

As verbas dos Ministérios estão assim distribuídas: Aeronáutica, Cr\$ 1.958.492.188,00; Agricultura, Cr\$ 1.143.886.879,00; Educação, Cr\$ 2.513.641.880,00; Fazenda, Cr\$ 4.120.796.000,00; Guerra, Cr\$ 3.807.059.732,00; Justiça, Cr\$ 1.132.501.120,00; Marinha, Cr\$ 1.814.030.180,00; Relações Exteriores, Cr\$ 209.798.003,00; Trabalho, Cr\$ 659.122.585,00; Viação, Cr\$ 4.703.574.982,00; Judiciário, Cr\$ 258.963.320,00.

A INFLAÇÃO

Continuando, diz o sr. presidente da República, em sua mensagem que a "inflação governamental", isto é, a inflação provocada pelo "déficit" orçamentário, tão frequente em nosso país, constitui a mais perigosa forma de expansão monetária, mas não é a única. Já várias vezes, em particular durante a segunda guerra mundial, o saldo positivo da balança comercial determinou grandes emissões de papel-moeda. Outros fatores também influem na expansão monetária. O acréscimo da população, o aumento da produção e do consumo, a industrialização e urbanização do país determinam naturalmente um aumento dos meios de pagamento, o qual deve porém limitar-se a uma pequena percentagem anual.

"Em 1950 o meio circulante aumentou de 30% e o total dos meios de pagamento de 32%. A repercussão imediata dessa tremenda inflação sobre os preços foi relativamente medida. Os preços por atacado subiram de 15%, os preços de gêneros alimentícios de 73% e o custo de vida de 6%. Mas o efeito inflacionário continua. Malgrado a estabilidade do meio circulante nos últimos meses, o custo de vida tende, ainda, a aumentar. Devemos combater essa tendência com todo o rigor, para sairmos do círculo vicioso da inflação.

O problema monetário mais difícil, neste momento, não é a inflação governamental. A emissão de papel moeda para fins orçamentários poderá ser evitada com o saneamento progressivo das finanças públicas, mediante a compressão da Despesa e a melhoria da arrecadação da Receita. Mas precisamos fornecer à agricultura os meios de pagamento necessários para a movimenta-

ção da safra. Os créditos bancários concedidos com este objetivo devem ser adaptados, não somente ao custo de produção, como também ao nível de preços que os produtos de exportação alcançam atualmente nos mercados internacionais. Nem essa assistência, enfraqueceríamos a nossa lavoura e arruinaríamos a nossa balança comercial. Diante de tais perigos, já foi iniciado o financiamento das safras do café e do algodão em bases consideravelmente mais elevadas do que as do ano passado".

DÍVIDA PÚBLICA

O total da Dívida Pública, cujo serviço consta do Orçamento da União, elevou-se no fim do ano de 1950 a Cr\$ 23.427.000.000,00, assim discriminados:

Dívida Consolidada externa, Cr\$ 3.138.000.000,00; Dívida Consolidada Interna, Cr\$ 10.400.000.000,00; Dívida Flutuante, Cr\$ 14.849.000.000,00.

Nesta base foram calculadas as despesas com o serviço da Dívida Pública em 1951. As dotações correspondentes elevam-se a Cr\$ 1.096.161.620,00, total que se distribui entre as três parcelas da Dívida Pública de modo seguinte:

Dívida Consolidada Externa, Cr\$ 320.224.410,00; Dívida Consolidada Interna, Cr\$ 591.951.210,00; Dívida Flutuante, Cr\$ 184.006.000,00.

O PLANO "SALTE"

Sobre o plano SALTE declara o chefe de Governo:

"Embora mantido o regime financeiro e especial previsto na lei n. 1.102, as dotações orçamentárias para a execução das obras e empreendimentos do Plano SALTE, em 1952, estão atribuídas aos diversos Ministérios e órgãos da Presidência da República, no anexo da proposta orçamentária. Corrigiu-se, portanto, a anomalia consistente em se retirar desses Ministérios e órgãos dotações para a execução de empreendimentos ligados às suas atribuições e enquadrados em sua jurisdição administrativa".

"Reitero aqui a afirmação, feita na Mensagem enviada ao Congresso Nacional quando solicitei a modificação da legislação do Plano SALTE de que o Governo atual não é contrário à planificação de suas atividades administrativas e à cuidadosa elaboração de um amplo programa de investimentos governamentais em que se incluam obras e empreendimentos de caráter produtivo, visando o melhor aproveitamento de nossos recursos naturais, o aumento e melhoria da produção nacional, a defesa do homem brasileiro contra as endemias e elevação do nível de vida e a promoção do bem-estar do povo. Tudo isso se alcance o urgente e indispensável saneamento das finanças públicas, promoverá o governo um levantamento amplo e completo das necessidades do país, a fim de atender às iniciativas e empreendimentos básicos de grande alcance. Será, então, o momento oportuno para uma completa revisão do Plano SALTE, e sua adaptação à conjuntura atual, transformando-o em programa de investimentos governamentais, aliado em bases financeiras sólidas, mediante utilização de receitas extraordinárias e notadamente de crédito público, cujo revigoramento está sendo objeto de constante preocupação".

ÍNDICE

	Págs.		Págs.
CALENDÁRIO	5	DANIEL WEBSTER	150
Concordância das Eras principais	8	Condessa Pardo Bazan	152
Eclipses	40	GOGOL	154
Tabela do nascimento e ocaso do Sol 12-13		"O ponto de vista de Gogol", por Otto	
Fases da Lua	43	Marin Carpeaux	157
Comêço das estações	43	"Mocidade" — Hamilton Nogueira	160
FESTAS RELIGIOSAS		ALVARES DE AZEVEDO	163
Fixas e móveis — 9 e	10	A ÉPOCA DE LAROUSSE	165
Móveis até 1938	17	O CENTENÁRIO DAS COMUNICA-	
Nomenclatura e Festas dos Santos (*)		ÇÕES ELÉTRICAS NO BRASIL —	
Cronologia dos Papas (*)		por João Dornas Filho	168
(*) Reprodução solicitada.		Henrique Oswald — Hora do prelo	
beatificação de Pio X	7	BRASIL	7
beato Ricardo Lombardi	9	LAURO E FLORIANO , por Emanuel	
túmulo de S. Pedro	261	Sodré	46
nasagem de Natal de Pio XII	260	Recenseamento de 1950 — Minas Ge-	
ARGEM DO PENEDO DA VITO-		rais e São Paulo	48
RIA , por Don Aquino Corrêa	220	EXTRATOS DO VELHO "CORREIO"	
O MUNDO DE 1902 a 1951	15	A inauguração do Municipal	50
na rua de Bruxelas	19	Recordando os "Librys"	54
novo rei dos Belgas	118	Danças e dançarinos	58
na da Questão Romana	21	A Duse — Os primeiros cinemas	56
Japão militarista	23	Sarah Bernhardt	57
urchill novamente no poder	33	A Rua do Ouvidor do comêço do	
Inglaterra — O petróleo do Irã —		século	57
o nacionalismo egípcio — Sudão —		Gasolina e primeiras garagens	58
Juarez do Iraque — O Bôstero		CAVALOS E CORRIDAS , por Floriano	
o palavra de Mac Arthur no Con-		de Lemos	55
gresso norte-americano — A amea-		Sortes de São João — S. Cosme e São	
a bolchevista pode ser enfrentada,		Damião, por Marian Lira	68
ecididamente, na Ásia e na Eu-		NASCIMENTO E FORMAÇÃO DA CI-	
ropa	66	DADADE DE SÃO PAULO , por Francis-	
ASO DA CORÉIA , por P. Henry C.	236	cisco Pentes Main	79
negociações de tregua — Baixas		Credo de Leônido Corêia	80
lladas e comunistas.		JARDINS PÚBLICOS E PARTICULA-	
SENHA INTERNACIONAL	201	RES , por Claude Vincente	105
imeira crise no gabinete trabalhista		Estatísticas das eleições presidenciais	
— A Rússia não devolve os navios		de 1945 e 1950 — População — Elei-	
— Eleições na Itália e na França —		torando e votantes 111 a	113
Declínio do comunismo — Taga "Ci-		A CRISE FERROVIÁRIA , por Arthur	
dade do Rio de Janeiro" — Tratado		Castilho	120
de Paz com o Japão — Renúncia de		INVESTIMENTOS E DESENVESTI-	
Marshall — Enfermidade de Jorge		MENTOS — Richard Levinsohn	124
VI — A Alemanha Ocidental na		Os recursos naturais do Brasil	127
Comunidade Europeia — Sociedade			
Interamericana de Imprensa — De-		50.º ANIVERSÁRIO DO "CORREIO	
fesa do Oriente Médio — Conferên-		DA MANHÃ"	
cia do Atlântico Médio — Monse-		Um inf. lembrará o cinquentenário do	
nhor Stepinac em liberdade — As		"Correio da Manhã"	122
relações russo-norte-americanas —		A herma de Edmundo Bittencourt	174
União Latina — O caso de "La		SENSACIONAL: um tento notável	
Premsa (histórico)	216	para a equipe fotográfica do "Correio	
ASSEMBLEIA GERAL DAS NAÇÕES		da Manhã	138
UNIDAS	264	1.º Congresso Brasileiro de Folclore	180
Propostas de desarmamento — Elei-		1.º Congresso Nacional de Polícia	218
ções para o Conselho de Segurança		O novo "Barrage"	224
— Corte de Justiça Internacional.		O que a cidade revela ao turista	226
		O petróleo nacional	230
		A última visão do "São Paulo"	232
DE CEM EM CEM ANOS			
FUNDAÇÃO DE VENEZA — 130 a	132	ECONOMIA E FINANÇAS	
Impressões de Taine — Diplomacia		Exportação brasileira	81
moderna — O "Barrage d'oro".		Cooperação econômica entre o Brasil	
LEONARDO DA VINCI — "O maior		e os Estados Unidos	114
simbolo da Renascença", por Emil		O Brasil na presidência das Juntas de	
Ludwig	134	Governadores do Banco Internacio-	
SAVONAROLA — "A prova de fogo",		nal e de Fundo Monetário Interna-	
por Pasquale Villari — 140 a	147	cional	117
Onde há três séculos o holandês plan-		EVOLUÇÃO DA AGRICULTURA , por	
teou um jardim, nasceu a Cidade do		João Cleophas	182
Cabo	148	Maçãs brasileiras — O transporte de	

	Págs.		Págs.
café — Transportes marítimos e por- tos — Fabricação de farinha de milho 184 a	190	Raimha D. Arnélia	83
CERAS E ÓLEOS VEGETAIS, por Joa- quim Bertino de Moraes Carvalho ..	191	Mário de Andrade Ramos	84
Intervenção do Estado no domínio eco- nômico (texto da lei)	246	C. A. Sylvester	180
Crimes e contravenções contra a eco- nomia popular (texto da lei)	252	Brício Filho	244
Os novos níveis de salário mínimo ...	256		
Os estrangeiros no Distrito Federal ...	258		
Alertando o governo e a opinião pú- blica contra os perigos da infiltra- ção comunista	271		
		DIVERSOS	
MORTOS DO ANO		Você pode ajudar ao seu médico — Dr. O. H. Bayler	86
André Gide	71	Napoleão Laureano, a propaganda viva para o combate ao câncer	88
Marechal Pétain	72	Tipos humanos e alimentação — W. Berardinelli	90
Everard Backheuser	75	Sobre anomalia nuclear — Viana Júnior	93
Louis Jouvet	82	Serviço de Psicoterapia e preparo de Psicoterapeuta — prof. Henri- que Roxo	262
		Os órgãos de informação em todo o mundo	177
		PÁGINAS IMORTAIS	276

HORA DO PRELO

— 1952 —

CENTENÁRIO DE HENRIQUE OSWALD

Será comemorado este ano o centenário de Henrique Oswald, grande compositor patriótico que nos legou páginas admiráveis caracterizadas pelo requinte da forma, ins-piração e uma técnica perfeita. Do programa comemorativo consta a representação de uma de suas obras, "Il neo", que será cantada no Teatro Municipal. A personalidade de Henrique Oswald será por vários dos nossos melhores críticos e musicistas, constando também do programa comemorativo concertos sinfônicos e recitais de canto e piano em que serão executadas suas mais importantes composições.

MUSEU DE ARTE MODERNA

A Bienal de São Paulo foi, pode-se dizer, o acontecimento artístico-social culmi-nante do ano de 1951. A inauguração, a 15 de janeiro, no pavimento térreo do Minis-tério da Educação, da sede provisória do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, marcou, sem dúvida, na história do nosso desenvolvimento cultural, o ano de 1952.

Fazem parte do Comissão Executiva do Museu, na qualidade de presidente, Ray-mound de Castro Maya; vice-presidente, Francisco Clementino San Tiago Dantas; diretor executivo, Niomar Moniz Sodré; diretor executivo adjunto, Carmen Portinho; tesoureiro, Walter Moreira Sales; secretário, Lauro Salazar Regueira, e conservador, Maria Barreto. O Conselho Deliberativo está composto das seguintes pessoas, todos diretamente interes-sados no movimento renovador das artes no Brasil: Raymond Castro Maya, San Tiago Dantas, Niomar Moniz Sodré, Carmen Portinho, Walter Moreira Sales, Lauro Salazar Re-gueira, Maria Barreto, Augusto Frederico Schmidt, Maria Martins, Paulo Bittencourt, Ro-drigo Mello Franco de Andrada, Vinícius de Moraes, Antônio Moniz Vianna, Lúcio Costa, João Soares Sampaio, Leonildo Ribeiro, Boulitreau Fragoso, Cydriano Amoroso Costa, Carlos Plaza Ribeiro, Francisco Matarazzo Sobrinho, Assis Chateaubriand, Jorge Maia, Paulo Carneiro, Roberto Marinho, João Guimarães Rosa, Aloyado de Paula, Beata Vetteri, João Carlos Vital, Gustavo Capanema e Juscelino Kubitschek de Oliveira.

AS DERROTAS SOVIÉTICAS NA ONU

A Rússia foi esmagadoramente derrotada na Assembleia Geral das Nações Unidas. Todas as suas queixas e propostas foram desprezadas, apesar de haver concordado, à última hora, com certa inspeção permanente da produção de energia atômica em troca de uma proibição internacional das armas atômicas. A Assembleia aprovou o plano ocidental de desarmamento e determinou, quanto à proposta russa, que passe à Comissão de Desarmamento, recusando-se a discutí-la em plenário.

CHURCHILL

A visita do primeiro ministro Winston Churchill aos Estados Unidos e Canadá assinala um rumo decisivo na política internacional. Focalizando principalmente os es-forços da Inglaterra e Estados Unidos em defesa do mundo livre, Churchill pronunciou notável discurso perante o Congresso norte-americano (17 de janeiro). Criticou a expe-riência socialista na Grã-Bretanha, reconhecendo porém ser um socialismo que até agora respeitava a liberdade política. Veemente e incisivo na condenação da Rússia, culpa-a de haver aberto entre o Ocidente e o Oriente um abismo imenso. Reconhece e proclama a ameaça comunista. O grande salto em frente, no progresso e na prosperidade que o mundo livre almeja, sob a guia dos Estados Unidos, pelo qual a humanidade tanto anseia, não poderá produzir-se enquanto não se desvanecer a sombra da guerra.

Não seja assim...



nem assim!



*Seja apenas
previdente*



depositando na

**CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

*CR\$100.000,00
FORAM ELEVAROS PARA CR\$100.000,00 OS DEPO-
SITOS POPULARES QUE RENDEM JUROS DE 4%
AO ANO, CAPITALIZADOS SEMESTRALMENTE
EM 30 DE JUNHO E 31 DE DEZEMBRO.